

FaE



UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

**“CAVALGAR SEM SELA”: ENSINAMENTOS, DEMANDAS E INCITAÇÕES DO
CURRÍCULO BAREBACK EM OPOSIÇÃO ÀS NORMAS DO USO DO
PRESERVATIVO**

Danilo Araujo de Oliveira

Belo Horizonte

2021

DANILO ARAUJO DE OLIVEIRA

**“CAVALGAR SEM SELA”: ENSINAMENTOS, DEMANDAS E INCITAÇÕES DO
CURRÍCULO BAREBACK EM OPOSIÇÃO ÀS NORMAS DO USO DO
PRESERVATIVO**

Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Shirlei Rezende Sales

Linha de pesquisa: Currículos, Culturas e Diferença.

Belo Horizonte

2021

O48c

Oliveira, Danilo Araujo de, 1989-

“Cavalgar sem sela” [manuscrito]: ensinamentos, demandas e incitações do currículo bareback em oposição às normas do uso do preservativo / Danilo Araujo de Oliveira. - Belo Horizonte, 2021. 309 f., enc., il.

Tese - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Shirlei Rezende Sales

Bibliografia: f. 265 - 288

Apêndice: f. 289 - 309

1. Sexo – Diferenças - Teses. 2. Homens - comportamento sexual - Teses . 3. Homossexualidade masculina - Teses. 4. Comportamento de risco - Teses. 5. Minorias sexuais – Teses.

I. Título. II. Sales, Shirlei Rezende. III. Universidade Federal de

CDD- 306.7662

Catálogo na Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG
Bibliotecária: Moema Brandão da Silva CRB6/ 1581



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL
FOLHA DE APROVAÇÃO

“CAVALGAR SEM SELA”: ENSINAMENTOS, DEMANDAS E INCITAÇÕES DO CURRÍCULO BAREBACK EM OPOSIÇÃO ÀS NORMAS DO USO DO PRESERVATIVO

Aprovada em 26 de novembro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

DANILO ARAUJO DE OLIVEIRA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Prof(a). Shirlei Rezende Sales - Orientador - UFMG
Prof(a). Ana Paula Vencato - UFMG
Prof(a). Marcio Caetano - UFPEL
Prof(a). Filipe Santos Fernandes - UFMG
Prof(a). Livia de Rezende Cardoso - UFS

Belo Horizonte, 07 de dezembro de 2021.

Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG



Documento assinado eletronicamente por **Rosimar de Fatima Oliveira, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 09/12/2021, às 08:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 1133894 e o código CRC 45BFF54B.

ABRAÇAR E AGRADECER

*Chegar para agradecer e louvar.
Louvar o ventre que me gerou
O orixá que me tomou,
E a mão da doçura de Oxum que consagrou.
Louvar a água de minha terra
O chão que me sustenta, o palco, o massapê,
A beira do abismo,
O punhal do susto de cada dia.
Agradecer as nuvens que logo são chuva,
Sereniza os sentidos
E ensina a vida a reviver.
Agradecer os[as] amigos[as] que fiz
E que mantêm a coragem de gostar de mim, apesar de mim...
Agradecer a alegria das crianças,
As borboletas que brincam em meus quintais, reais ou não.
Agradecer a cada folha, a toda raiz, as pedras majestosas
E as pequeninas como eu, em Aruanda.
Agradecer o sol que raia o dia,
A lua que como o menino Deus espraia luz
E vira os meus sonhos de pernas pro ar.
Agradecer as marés altas
E também aquelas que levam para outros costados todos os males.
Agradecer a tudo que canta no ar,
Dentro do mato sobre o mar,
As vozes que soam de cordas tênues e partem cristais.
Agradecer os[as] senhores[as] que acolhem e aplaudem esse milagre.
Agradecer,
Ter o que agradecer.
Louvar e abraçar!*

Esse poema é uma expressão bela e sublime que mais se aproxima dos sentimentos e sensações que ocupam meu coração, meu corpo e minha alma nesse momento. Chegar aqui, na conclusão desta tese, só foi possível porque um monte de gente veio comigo, algumas encarnadas, outras anjos em forma de gente, outras no plano espiritual mesmo. Dedico a todas e todos vocês esse poema da Maria Bethânia. Recebam com todo meu carinho e amor, como retribuição e reconhecimento por me fazerem chegar aqui. Não por acaso, nesse poema, o verbo abraçar vem antes do agradecer. Nesses tempos pandêmicos, fomos proibidas/os de abraçar, logo nós, abraçadeiras e abraçadeiros. Queria mesmo era poder começar abraçando cada uma e cada um de vocês, sentir o batimento do coração de vocês encontrando com o pulsar do meu de tanta alegria por mais esta conquista. E, então, agradecer!

Agradeço inicialmente à minha mãe, a quem adoraria abraçar muito também e dar um tanto de beijos. Ela, mesmo distante e sem condições materiais para tanto, é a pessoa mais importante e responsável por esta conquista. Suas vibrações positivas de amor incondicional, orações e preces fazem cada sonho meu tornar-se real. Amo você, mãe.

Esse aqui eu até abracei e beijei muito mesmo nesses tempos. E o que seria de mim sem esses abraços e beijos? Sem seu colo, aconchego, acolhimento, escuta, apoio... Anderson Ferrari, como muitas/os de vocês conhecem, Andy para mim, meu amor! Obrigado por sempre incitar

que eu despertasse sempre em mim a minha melhor versão. Você nunca mediu esforços para fazer o que fosse necessário e garantir, de alguma forma, que eu tivesse sucesso nesta empreitada de me tornar doutor. Sem dúvidas, você foi meu porto mais seguro. Encontrei em você também uma mega parceria acadêmica, com você aprendi, na concretude, a definição de “ser produtivo”. Mesmo com as demandas da tese, encontrávamos, em nossas conversas, um tema para um artigo e foram, só no período do doutorado, 18 artigos escritos e publicados em revistas e livros. Amo você!

Agradeço ao Marcos Lopes. Boa parte desta história não teria acontecido sem ele. Penso que alguns traços desse caminho, de fazer doutorado em BH, começam com uma caminhada nas praias de Aracaju. Vocês que estão lendo este agradecimento sabem por quê. Mas mais do que isso, Marcos Lopes é um amigo-guia espiritual. Costumo dizer que ele é uma divindade encarnada. Terei que vir umas três vidas para ter suas qualidades e evolução. Obrigado por tudo, meu amigo.

Agradeço à Erika, minha *best*! Além de todo carinho e amor por mim, no que se refere mais diretamente à construção da tese, tivemos longas e tensas aulas de português e construção textual que foram tão importantes para mim. Obrigado também pelos sofisticados jantares, trocas afetuosas, por sua amizade e por muitas coisas que não podemos tornar públicas. Amo você, *best*!

Obrigado a você, Lutti! *Hi, Lorena! How are you?* Nós nos conhecemos logo na minha chegada na UFMG e você, com sua maior marca, o sorriso, foi tão incrível! Percorreu Beagá comigo, mostrando alguns cantinhos especiais dessa cidade. Na pandemia nos aproximamos, moramos praticamente juntas, convivemos cada minutinho, acompanhei a finalização de sua tese, sua defesa, um monte de conquistas suas. Você também esteve comigo nos altos e baixos da escrita dos capítulos analíticos, em meus picos de ansiedade, sempre dando todo apoio, colo, amor e muitas comidinhas gostosas.

Obrigado, minhas amigas, Aline e Lari! Quero falar de vocês assim, juntinhas! É assim no nosso grupo “mais você”. Aquele nosso último carnaval, que também foi o último carnaval de todo mundo, foi um respiro feliz para ganhar fôlego para mais braçadas para chegar aqui do outro lado. Ao continuar, em diversos momentos de desânimo e cansaço, vocês também estavam lá para o que fosse preciso.

Agradeço às minhas amigas e aos amigos de Juiz de Fora: Nathalye, Marcela, Vinicius e Flávia, por todo carinho que vocês têm comigo. Vocês são extremamente especiais e compõem esse grupo de amigas/os por quem tenho tanto apreço. Vocês foram importantes nesse caminho também.

Agradeço ao meu grupo de pesquisa, o GECC! Tenho tanta história para contar por aí desse grupo. Orgulho-me muito de poder dizer que faço parte dele. Com vocês aprendi melhor o que é e como se faz uma pesquisa, a construir bons artigos, fazer boas análises... Mas mais importante disso: como fazer tudo isso com muito afeto e amor. Agradeço, em especial, à Professora Marlucy Paraíso. No segundo ano de doutorado, a minha orientadora, Shirlei Sales, precisou sair de pós-doc. Nesse período, frequentei o seu grupo, que compõe o GECC, junto com os grupos da minha orientadora e da professora Maria Carolina. Esse período foi muito especial para mim pelo acolhimento feito com tanto amor e, também, pelo processo formativo. Foram manhãs extremamente úteis para as análises empreendidas nesta tese.

Essencialmente, quero agradecer a Paulinha, Carol Giovaneti, Luiza Cortezzi, Gabriel, Dandara, Gislene, Glhélia que me ajudaram a construir esta tese, com suas análises tão precisas, com contribuições que ajudaram a multiplicar os significados que eu pensava, com dicas valiosas. Todo esse empenho se materializa na qualidade deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, Shirlei Sales! Essa mulher que, para mim, é símbolo de excelência, tão humana, sensível, dedicada, atenciosa. Eu jamais imaginava, nem nas minhas melhores pretensões, encontrar, para orientação, alguém tão especial. Com todas as qualidades que o profissionalismo de uma orientação precisa, mas, principalmente, com todo afeto bom, acolhedor, que só me fortaleceu ainda mais para enfrentar os desafios de uma tese. Shirlei, serei eternamente grato por essa parceria, mas, especialmente, pela amizade linda que a gente construiu nesta caminhada.

Agradeço ao Grupo de Estudos Foucaultianos. Gente, que grupo!!! Foram muitas composições, reflexões, debates... Foi aqui que aprendi boa parte do que sei hoje sobre os conceitos de Foucault. As análises desta tese se devem muito ao conhecimento construído com vocês. Obrigado!

Agradeço ao professor André Favacho, uma das primeiras pessoas a me acolher nesta Universidade! Foram muitos debates no seu gabinete, mas também em outras reuniões e nos bares. O Foucault precisa de vinhos para ser compreendido, isso André me ensinou bem! Precisa de bons amigos também. Quantas vezes ligava e mandava áudio para André, pedindo explicações de conceitos, opiniões sobre os usos dos conceitos etc. André foi também uma das primeiras pessoas a ouvir sobre esta pesquisa, a dizer que ela era possível e instigante. Ele também me inseriu no Panóptico – seu grupo de estudos e pesquisas sobre Foucault – onde aprendi muito, muito, muito sobre os conceitos desse autor, por isso, agradeço a esse grupo também. Muito obrigado, meu querido!

Agradeço ao meu amigo Neilton, esse gênio! Inspiro-me muito em você, querido. Foram poucos encontros que tivemos ao longo do doutorado, mas todos cheios de afetos bons. Agradeço pelas imagens lindas que abrem as seções analíticas desta tese, feitas com tanto carinho por você.

Tem um grupo muito especial constituído a partir do GECC, ele não tem um nome, tem nomes: Patrícia, Érika, Camila e Gláucia. Ah, minhas amoras... se esse coração conseguisse expressar todo amor que tenho por vocês! Sinto-me a pessoa mais sortuda do mundo por ter encontrado vocês nesse caminhar. Obrigado por todo amor. Patrícia vem ainda com um *plus*, ela traz o João e o Miguel. Formam uma família linda pela qual tenho o maior apreço do mundo. Foram muitos almoços [que arroz de pato, meu Deus!!], jantares, cafés e jogos diversos para poder relaxar um pouco e curtir alguns momentos de lazer e afeto enquanto construía a tese.

Outro grupo que veio do GECC é constituído de duas lindezas: Carla e Rhayssa! Minhas amigas, vocês ouviram tanto sobre cansaço, desânimo, empolgação, alegria, resultado das reuniões de orientação coletiva, mas também fizemos festas e cafés. Comi aquele mousse de limão com ganache de chocolate que só Carla faz, é o melhor mousse, gente! Vocês precisam conhecer. Rhayssa é dona e proprietária dos melhores *memes* que já vi na vida. Obrigado, amigas, por alegrarem e adocicarem minha vida! Nosso trio é imbatível!

Agradeço muito à Sabrina e Pollyanna Souza, por esse carinho imenso que vocês têm comigo. Sabrina foi a primeira pessoa do GECC que conheci, fiz estágio docência na sua companhia,

sua sabedoria me impressionava e até hoje continuo aprendendo um tanto com ela e toda sua delicadeza. Polly é alegria em pessoa. Coordenamos juntos o Grupo de Estudos Foucaultianos em dois semestres e foi uma experiência rica e prazerosa. Fomos a bares e festinhas também, caminhando pelas ruas da Savassi de madrugada sem saber nossos destinos. Obrigado por me dar a definição precisa de “atoron o perigon”, Polly!

Agradeço a esta banca tão incrível que tive a sorte de compor para avaliação do trabalho final: Marcio Caetano, Livia Cardoso, Filipe Fernandes e Anna Paula Vencato. Obrigado pelo aceite ao nosso convite, pela leitura atenta e pelas contribuições que potencializam este trabalho. O Márcio é um querido, uma referência nacional nos estudos de gêneros e sexualidades, é uma honra tê-lo aqui na minha banca, pois sempre o li com muito respeito e aprendendo muito com suas reflexões. A Livia, desde que decidi fazer pós-graduação, é presença forte em minha trajetória. Esteve na minha banca de avaliação de projeto e entrevista de mestrado, depois disso, na qualificação e defesa do mestrado. Foi ela quem me impulsionou a fazer o doutorado aqui na UFMG, como boa cria do GECC. Agradeço imensamente a ela por isso também, por nossas conversas pessoais, pelas aulas que fiz em sua disciplina sobre o curso *Os anormais*, ainda lá na Universidade Federal de Minas Gerais. O Filipe é um professor querido, desses gênios que já tão novos estão ocupando esse lugar da universidade com criatividade e poesia, foi primeiramente com ele que aprendi a olhar a pesquisa de outra perspectiva. Tê-lo aqui na minha banca é motivo de muita alegria. A Anna Paula Vencato é um daquelas referências também que você nem acredita que está na sua banca. Já foi tão respeitosa, atenciosa e carinhosa na minha qualificação, não poderíamos deixá-la de fora nesse momento também. Agradeço demais também aos membros suplentes dessa banca, Roney Polato – com quem tenho construído uma parceira acadêmica escrevendo textos juntos, mas também uma amizade boa -, e a professora Juliana Batista Reis que aprendi a admirar muito e que também tanto contribuiu com este trabalho na ocasião de discussão no Observatório da Juventude.

Por falar em Observatório da Juventude (OJ)... que grupo, gente! Foram muitos momentos de discussão, aprendizados e construção coletiva de conhecimento. Além do GECC, do Grupo de Estudos Foucaultianos e o Panóptico, foi o grupo de pesquisa que acompanhei nesse processo do doutorado. Aqui aprendi muito sobre juventudes e, principalmente, sobre responsabilidade, afetividade e cuidado.

Agradeço ao meu orientador de mestrado, Alfrâncio. Foi ele quem primeiro acreditou em meu potencial, abrindo as portas da pós-graduação para mim lá na UFS. Sou muito grato por essa primeira experiência de pesquisa com você Alf, pelo seu tempo, disposição, afeto e carinho. Guardo como boas lembranças tudo que construímos juntos.

Foi nesse período do mestrado que conheci duas amigas queridas: Roxane e Mariana. Sempre me incentivando muito para que eu continuasse na pós-graduação, construímos uma rede linda de afeto e cuidado mútuo que, mesmo a distância, se mostra forte e verdadeira. Guardo vocês aqui no meu coração e não poderia deixar de agradecer a vocês também.

Agradeço à Simone, minha amiga de trabalho na escola de educação básica. Obrigado, amiga, por segurar as pontas para mim em vários momentos em que precisei me dedicar mais à tese. Você foi essencial nesse processo.

Agradeço à Mariângela, pela correção do texto final da tese, por sua dedicação, carinho e por todo seu empenho.

Agradeço à Capes, pelo financiamento da pesquisa, mesmo nesses tempos sombrios. Que venham tempo melhores de valorização da pesquisa e da/o pesquisadora/pesquisador nesse país.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação, a todas/os professoras/es pelo aprendizado, pelas disciplinas ofertadas e por todo apoio.

Agradeço a todos os seres de luz e guias que tutelam meu caminho, por abrirem todas as possibilidades para que este projeto se concretizasse. Ao universo, por todo seu poder de expansão e abundância.

Este é um tempo de festa, celebração e gratidão. Um abraço enorme, forte e afetuoso em todas/os vocês que contribuíram para realização deste sonho, deste trabalho, desta pesquisa. Fazer pesquisa em tempos marcado por tantos retrocessos, desvalorização da universidade e da pesquisa, acentuados pelo surgimento de uma pandemia que trouxe mortes e tristeza ao nosso país, nossas famílias e rede de amigos, foi um imenso desafio, mas, com a ajuda de todas/os vocês, foi possível. Obrigado!

RESUMO

Nesta tese, analiso o funcionamento do *currículo bareback* na produção de verdades, saberes e posições de sujeito. O *bareback* é uma prática sexual intencional, própria de homens que têm relações sexuais com outros homens (HSH), de não usar preservativos durante o sexo com parceiros ocasionais e/ou anônimos, constituindo-se como uma prática de premeditação e erotização do sexo anal sem camisinha. Considerando sua difusão imbricada à cibercultura, com base nos trabalhos do campo dos Estudos Culturais, em sua vertente pós-crítica, nomeio um conjunto de ditos heterogêneos sobre a prática localizados no ciberespaço, especificamente em um blog e três perfis no *Twitter*, como *currículo bareback*. Currículo, por sua vez, é entendido como discurso, isto é, como práticas produtivas de poder-saber que se dão sob condições de emergência específicas. Como metodologia, a pesquisa articulou elementos e procedimentos da netnografia e da análise discursiva de inspiração foucaultiana. Desenvolvo aqui a tese de que, no funcionamento do *currículo bareback*, engendra-se um processo de subjetivação e de produção de verdades caracterizado e particularizado, proeminentemente, por contestações e resistências às normas prescritas do uso obrigatório do preservativo nas relações sexuais entre homens que fazem sexo com homens. Compondo essas contestações e resistências, está a disputa sobre o prazer sexual. Assim, afirma-se, nesse currículo, que o ato sexual mais excitante, melhor e mais prazeroso é aquele que pode ser sentido sem preservativo. Tal afirmação que emerge nesse currículo como verdade estabelece relações com o risco, prazer, saúde e gênero que incidem na produção de posições de sujeito particulares e em modos de condução da conduta distintos. Dessa maneira, o *currículo bareback* atua de modo a produzir diferentes, complementares e conflitantes posições de sujeito: *unrubberman*, *preper*, *bugchaser* e *giftgivers*. No que se refere ainda ao funcionamento desse currículo, localiza-se a pornografia como uma tecnologia integrada pelas pedagogias da masculinização e do erotismo, as quais operam com técnicas específicas para produzir o *bareback* como uma prática transgressiva atrelada à masculinidade e à violação da norma do uso obrigatório do preservativo.

Palavras-chave: Currículo. *Bareback*. Sexualidade. Homens que fazem sexo com homens. Gênero.

ABSTRACT

In this thesis, I analyze the functioning of the bareback curriculum in the production of truths, knowledge and subject positions. Bareback is an intentional sexual practice, typical of men who have sex with other men (MSM), of not using condoms during sex with casual and/or anonymous partners, constituting a practice of premeditation and eroticization of anal sex without condom. Considering its diffusion imbricated with cyberculture, based on works in the field of Cultural Studies, in its post-critical aspect, I name a set of heterogeneous sayings about the practice located in cyberspace, specifically in a blog and three profiles on Twitter, as a *bareback curriculum*. Curriculum, in turn, is understood as discourse, that is, as productive practices of power-knowledge that take place under specific emergency conditions. As a methodology, the research articulated elements and procedures of netnography and discursive analysis inspired by Foucault. I develop here the thesis that, in the functioning of the *bareback curriculum*, a process of subjectivation and the production of truths is engendered and prominently characterized by challenges and resistance to the prescribed norms of the mandatory use of condoms in sexual relations between men who do sex with men. Compounding these challenges and resistances is the dispute over sexual pleasure. Thus, it is stated in this curriculum that the most exciting, best and most pleasurable sexual act is the one that can be felt without a condom. This statement that emerges in this curriculum as truth establishes relationships with risk, pleasure, health and gender that affect the production of particular subject positions and different modes of conduction. In this way, the *bareback curriculum* works to produce different, complementary and conflicting subject positions: *unrubberman*, *preper*, *bugchaser* and *giftgivers*. With regard to the functioning of this curriculum, pornography is located as a technology integrated by the pedagogies of masculinization and eroticism, which operate with specific techniques to produce bareback as a transgressive practice linked to masculinity and the violation of the norm of mandatory use of condoms.

Keywords: Curriculum. Bareback Sexuality. Men who have sex with men. Gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Propaganda de preservativo texturizado da marca Blowtex.....	92
Figura 2	Propaganda de preservativo ultrasensível da marca Prudence.....	92
Figura 3	Propaganda de preservativo extra grande da marca Prudence.....	93
Figura 4	Captura de tela 1.....	106
Figura 5	Captura de tela 2.....	106
Figura 6	Captura de tela 3.....	106
Figura 7	Captura de tela 4.....	107
Figura 8	Título de postagem de blog 1.....	114
Figura 9	Título de postagem de blog 2.....	115
Figura 10	Título de postagem de blog 3.....	115
Figura 11	Chat do blog blogbarebackbr.blogspot.com	115
Figura 12	Tesão em risco.....	123
Figura 13	Campanha do Governo Federal, 2019.....	127
Figura 14	Captura de tela 5.....	132
Figura 15	Captura de tela 6.....	137
Figura 16	Captura de tela 7.....	137
Figura 17	Captura de tela 8.....	138
Figura 18	PrEP Facts.....	142
Figura 19	Captura de tela 9.....	143
Figura 20	Captura de tela 10.....	143
Figura 21	“Is This the New Condom?”.....	146
Figura 22	Captura de tela 11.....	147
Figura 23	Captura de tela 12.....	149
Figura 24	Captura de tela 13.....	156
Figura 25	Captura de tela 14.....	156
Figura 26	Captura de tela 15.....	157
Figura 27	Captura de tela 16.....	164
Figura 28	Capa da Veja.....	213

LISTA DE SIGLAS

AHF	Aids Healthcare Foundation
AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome (em português: Síndrome da imunodeficiência adquirida)
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
GECC	Grupo de Estudos em Currículos e Culturas
GRID	Gay Related Immune Deficiency
HIV –	Vírus da Imunodeficiência Humana
HSH	Homens que Fazem Sexo com Homens
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
ONG	Organização Não Governamental
PEP	Profilaxia Pós-Exposição de Risco
PN DST/aids	Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
PrEP	Profilaxia Pré-Exposição
PVH	Pessoa Vivendo com HIV
TcP	Tratamento com Prevenção

SUMÁRIO

PRELIMINARES	16
SEÇÃO 1 DO TECER TEÓRICO E METODOLÓGICO	29
1 TECENDO DO CURRÍCULO BAREBACK DO/NO EMARANHADO DA REDE: COMPOSIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	30
1.1 Alinhar: coser conceitos das teorias pós-críticas para tecer o <i>currículo Bareback</i>	35
1.2 Ferramentas teóricas para tecer o <i>currículo bareback</i>	38
1.2.1 <i>Discurso, poder-saber, verdade e posições de sujeito</i>	39
1.2.2 <i>Sexualidade</i>	47
1.2.3 <i>Gênero</i>	52
1.3 No ciberatelier: puxando fios do emaranhado da rede da cibercultura e acionando algumas ferramentas metodológicas.....	56
1.3.1 <i>O Twitter e o blog</i>	60
1.3.2 <i>Elementos de uma análise discursiva do ponto de vista metodológico</i>	67
1.3.3 <i>Metodologizar o currículo</i>	70
1.4 Procedimentos metodológicos.....	73
SEÇÃO 2 DO PRAZER	81
2 MAIS PRAZEROSO, MAIS EXCITANTE E BEM MELHOR: A PRODUÇÃO DA VERDADE SOBRE O PRAZER NO CURRÍCULO BAREBACK	82
2.1 O <i>currículo bareback</i> produz verdades sobre o prazer sexual.....	84
2.2 Valores no <i>currículo bareback</i>	97
SEÇÃO 3 DAS POSIÇÕES DE SUJEITO	102
3 AS CONFLITANTES POSIÇÕES DE SUJEITO DO CURRÍCULO BAREBACK: UNRUBBERMAN, PREPER, BUGCHASER E GIFTGIVERS	103
3.1 Posição do sujeito <i>unrubberman</i> : <i>negar o uso do preservativo, transgredir interdições de contato com os fluidos corporais, estar ao acaso, corresponder às normas de gênero</i>	105
3.2 Posição do sujeito <i>preper</i> : buscar informação e conhecimento, recorrer ao tratamento de ists sem paranoia, desespero e preconceito, saber os ônus e bônus da PrEP.....	135
3.3 <i>Bugchaser</i> e <i>giftgivers</i> : reinterpretar o hiv como desejável, diminuir o medo	

do hiv/aids, resistir às normas convencionais de saúde.....	166
SEÇÃO 4 DOS VÍDEOS PORNÔS.....	190
4 UM BOCADO DE CENAS DE SEXO, MUITAS COMPOSIÇÕES, MONTAGENS, FOCO E PEDAGOGIAS: O CURRÍCULO BAREBACK NAS LENTES DOS VÍDEOS PORNÔS.....	191
4.1 Antes dos <i>takes</i> , a <i>clapperboard</i>	192
4.2 <i>Take</i> 1: Pedagogia da masculinização.....	201
4.3 <i>Take</i> 2: Pedagogia do erotismo.....	229
<i>ENCORE</i>.....	251
REFERÊNCIAS.....	265
APÊNDICE.....	289

PRELIMINARES

Prelúdio dos beijos não dados e tantos.
 [...]

 É um roçar de pêlos, membros e pernas;
 Estalos de línguas, afagos, dos dedos
 Entrecruzados [...].
 (FERRYS, 2010, s./p.)

Os beijos, não dados e tantos, o roçar, os toques, descritos no poema de Ferrys, são mobilizados como inspiração para as preliminares desta tese. Foi com essa parte textual que antecede a pesquisa, que tem como tema uma prática sexual, que escolhi começar. Busco, então, trazer algumas considerações, não para introduzir. Penso que o termo “preliminares” é mais útil porque fornece essa ideia de que não entregamos tudo, muito menos já introduzimos algo, mas buscamos seduzir à leitura, tocar levemente em alguns conceitos, friccionar mansamente em outros, deslizar por alguns temas mais gerais. São, pois, esses movimentos que busco fazer.

Para esquentar o clima, um olhar direcionado aos usos das palavras hiv (vírus da imunodeficiência humana), ist e aids, grafadas em minúsculo ao longo desta tese¹. Esse uso consiste em uma atitude política inspirada em Herbert Daniel, ativista brasileiro contra a discriminação direcionada às pessoas soropositivas. Daniel, em diálogo com Richard Parker, antropólogo, sociólogo, referência nos estudos sobre sexualidade e sobre o impacto causado pelo hiv/aids no Brasil, propõe o uso das siglas em minúsculo. Assim, no que se refere à aids, adota-se “o uso da palavra em minúscula para chamar atenção para este significante que quer dizer muito mais do que a doença indicada com a sigla AIDS” (DANIEL, 2018, p. 141). Junto a isso, o uso do termo hiv em minúsculo é para diminuir o peso de ser portador/a do vírus. Na perspectiva de Herbert Daniel, o indivíduo não pode ser reduzido ao vírus, nem isso deve ser considerado central em sua vida. Inspirado nesse posicionamento, Ramon Fontes, em reportagem de Nathan Fernandes (2019, s./p.), também afirma que “a infecção não pode roubar

¹ Destaco, porém, que, na lista de siglas, assim como nas citações dos autores/as, irei deixar como no original, preservando, assim, o posicionamento adotado por cada autor/a.

o protagonismo da vida de um indivíduo, resumir um corpo a um diagnóstico”. Essas reflexões, bem como as problematizações feitas ao longo desta tese, podem ser melhor compreendidas, se delineado o aspecto histórico de construção do hiv/aids no Brasil. Traço, pois, alguns contornos nesse sentido, para que possa, nessas preliminares, ir me aproximando do objeto de pesquisa.

Na década de 1980, emergiu, na história da sexualidade, a epidemia da aids. Inicialmente, pouco dominada pela medicina, de modo rápido, provocou muitas mortes e instaurou o medo em toda sociedade. Por seu caráter contagioso, transmitindo-se pelo sangue e pelo esperma e afetando proeminentemente grupos marginalizados, entre eles, os homossexuais masculinos, a doença levantou questões de ordens biológica, social e moral (POLLAK, 1990). No que se refere à ordem biológica, tornou-se um desafio para a ciência fornecer uma resposta rápida para conter a epidemia. Socialmente, porque era uma preocupação das pessoas e governantes devido ao risco iminente de serem atingidos/as² pela doença ou, até mesmo, pelo medo e terror que ela gerava. Moralmente, porque o fato de ser diagnosticado/a com o vírus da aids significava, de algum modo, estar vinculado/a a práticas sexuais consideradas ilícitas. Conforme ressalta Gonzalez (2019, p. 60, tradução minha), “uma vez que a aids estava ligada à transmissão sexual, um pânico entrou em cena”³.

Esse pânico aconteceu após um momento de libertação gay dos anos 1960 e 1970 (HALPERIN, 2007), marcado pela desestabilização dos discursos que patologizavam a homossexualidade e pelas lutas contra repressão psíquica e opressão política. Com o advento da aids, ativa-se a “re-patologização da homossexualidade”⁴ (HALPERIN, 2007, p. 4, tradução minha). Desse modo, “o início da crise da AIDS significou o fim da libertação sexual gay” (GONZALEZ, 2019, p. 60, tradução minha). O significado de promiscuidade homossexual é alçado ao signo de comportamento sexual irresponsável e inseguro que precisava ser disciplinado e controlado. Descoberto o vírus que causava a aids – o hiv –, as expectativas de controle da epidemia se desenvolveram em torno de práticas educativas que orientavam e prescreviam o uso da camisinha masculina. Assim, “entre os homens que fazem sexo com homens (HSH), fazer sexo anal sem preservativo tornou-se uma relíquia da era pré-Aids, substituída pelo código do preservativo” (GONZALEZ, 2019, p. 60, tradução minha).

Conforme destaca Chambers (1994), a prescrição do uso obrigatório do preservativo para todas as relações sexuais, para os gays em particular, tem força de um código moral. Não

² Utilizamos a linguagem não sexista ao longo do texto quando falamos para o público em geral, mas, ao nos referirmos ao currículo investigado, utilizamos apenas o masculino, tendo em vista que esse currículo está direcionado para homens.

³ Original em inglês.

⁴ Original em inglês.

usar preservativo não é apenas imprudente, é errado e infringe as obrigações com uma comunidade que novamente enfrentava as discursividades que constituíam a homossexualidade como doença. Algumas inflexões passaram a acontecer no final dos anos 1990 com o advento de terapias medicamentosas que reduziram amplamente a mortalidade relativa à aids nas populações que tinham acesso aos medicamentos (DEAN, 2009; GONZALEZ, 2019). A partir desses fármacos, torna-se possível viver com o hiv. Entre as inflexões que surgiram, estão as mudanças nas práticas eróticas. É nesse contexto que emerge a prática sexual *bareback*. Posso, então, dar agora os primeiros toques, rápidos, mas intensos, ao dizer o que é essa prática.

Trata-se da prática sexual intencional, própria de homens que têm relações sexuais com outros homens⁵ (HSH), de não usar preservativos durante o sexo com parceiros ocasionais e/ou anônimos, constituindo-se como uma prática de premeditação e erotização do sexo anal sem camisinha (DEAN, 2009; HAIG, 2006). Tim Dean (2009, p. 2, tradução minha) afirma que o “termo mal existia antes de 1997, ajudando a tornar inconcebível a ideia de que homens gays renunciariam intencionalmente à proteção quando transam”⁶. Gonzalez (2019, p. 60, tradução minha), por sua vez, especifica quando esse termo entra no léxico cultural gay: “na capa de fevereiro de 1999 da *Poz Magazine*”. A revista⁷ descreveu o *bareback* como uma prática sexual clandestina que desafiava a norma do uso obrigatório do preservativo. A capa dessa edição traz a imagem de um homem branco e musculoso montado em um cavalo preto. A imagem faz referência à origem da palavra *bareback* que vem do hipismo e significa “montar a pelo”, ou seja, montar no cavalo sem sela, nem manta sobre o lombo do cavalo (GARCIA, 2009). Na reportagem, um ativista antiaids – Stephen Gendin - entrevistou Tony Valenzuela (ator pornô e ativista gay). Valenzuela foi definido como “garoto propaganda do sexo inseguro”. O ator defendia abertamente o sexo sem preservativo, participava de congressos afirmando esse posicionamento, tendo chegado a declarar, em um deles, ser um “anarquista sexual”, pois criava seus próprios códigos sexuais e morais (GARCIA, 2009). Mais tarde, a prática acabou ganhando novos adeptos, tornando-se uma comunidade e uma cultura (DEAN, 2009). Considerando, conforme defende Anna Paula Vencato (2015, p. 373), que a internet “abre um caminho fundamental para que [indivíduos/grupos] conheçam outras pessoas que compartilham de seus desejos e práticas e que torna possível falar sobre essa experiência”, podemos inferir

⁵ Esse termo será utilizado aqui, uma vez que “alguns homens casados [com mulheres] e outros homens ostensivamente heterossexuais participam regularmente de atividades eróticas casuais com o mesmo sexo sem se considerarem gays” (DEAN, 2009, p. 11), assim como ocorre com a prática *bareback*.

⁶ Original em inglês.

⁷ GENDIN, Stephen. They Shoot Barebackers, Don't They? *Poz*, [S.l.], fev. 1999. Features. Disponível em: <<https://www.poz.com/article/They-Shoot-Barebackers-Don-t-They-1459-4936>>. Acesso em: 27 dez. 2020.

que ela foi crucial para o amplo alcance que a prática tem hoje. Foi imbricado com o ciberespaço que a cultura *bareback* passou a contar “com seus próprios sites, pornografia e códigos”, provocando “profundas transformações culturais” (DEAN, 2009, p. 2, tradução minha).

É importante, além desses toques, destacar que a prática *bareback* surgiu como resistência às normas gays estabelecidas durante a primeira década da epidemia da aids (DEAN, 2009). Como enfrentamento da epidemia, a comunidade gay investiu na construção de uma subjetividade gay que seria considerada normal, saudável e correta. Entre as conduções prescritas para o sujeito gay demandado aqui, estavam o sexo com preservativo, a monogamia e o casamento. Dessa forma, os homens engajados na emergência da prática *bareback* são “homens que não querem ser considerados ‘normais’ e, portanto, deixando claro que algo diferente do normal pode ser não apenas defensável, mas positivamente desejável”⁸ (DEAN, 2008, p. 81, tradução minha). Pode-se dizer que as práticas do sexo em pelo emergem como contestação “à campanha pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo, ao aumento exponencial de lésbicas e pais gays e a mudanças mais amplas no parentesco que receberam considerável atenção das mídias nas últimas décadas” (DEAN, 2008, p. 83, tradução minha).

Os modos de condução da conduta incitados pela cultura *bareback* para assunção de riscos sexuais por homens gays “abriram novas perspectivas para a subjetividade masculina gay e ocasionaram uma infinidade de perguntas – por cientistas, líderes comunitários e ativistas”⁹ (HALPERIN, 2007, p. 11, tradução minha). Eles queriam saber “o que querem os gays?” (HALPERIN, 2007, p. 5, tradução minha). Segundo Halperin, a maioria das perguntas foi realizada em forma de especulação psicológica sobre os possíveis motivos dessa assunção. O discurso médico sobre a homossexualidade foi, então, mobilizado, buscando-se nele “retratar os gays como assolados por várias condições psicológicas graves” (HALPERIN, 2007, p. 12, tradução minha). Esse discurso, de acordo com o autor, é também mobilizado para distinguir quais práticas homoeróticas seriam saudáveis ou insalubres, qual sexo seria bom e ruim, assim como quais sujeitos humanos seriam adequados e quais seriam impróprios.

O discurso médico e outros discursos, como o da prevenção, foram mudando ao longo do tempo, assim como a percepção acerca da prática sexual *bareback*. Conforme mostra Gonzalez (2019, p. 61, tradução minha), “as normas sexuais do código do preservativo parecem muito diferentes, dadas as novas ferramentas biomédicas para controlar e prevenir o hiv”. Ele cita desde o tratamento como prevenção (TcP) que trata os indivíduos hiv positivos para

⁸ Original em inglês.

⁹ Original em inglês.

diminuir a infecção, tornando-os indetectáveis, até a mais recente Profilaxia Pré-Exposição (PrEP)¹⁰. No que se refere ao TcP, o tratamento recebe esse nome porque foi elaborado como uma estratégia central de uma meta que pretende testar, tratar e manter 90% das pessoas em tratamento com carga viral indetectável, o que incide na “possibilidade de diminuição do vírus circulante na população, rompendo a cadeia de transmissão” (MONTEIRO, et al.). Esses novos tratamentos médicos “mudaram profundamente a maneira como os indivíduos calculam o risco sexual” (GONZALEZ, 2019, p. 61, tradução minha). Tais mudanças implicam disputas sobre a produção de verdades, sujeitos e modos de condução da conduta considerados corretos. Esse último autor também aponta que a emergência do *bareback* e, mais recentemente, as novas formas de prevenção seguem acompanhadas de um certo pânico, pois “se baseiam num repensar do que conta como ‘proteção’ ou como ‘sexo seguro’” (GONZALEZ, 2019, p. 61, tradução minha). Sexo seguro costumava se referir unicamente ao uso de camisinha, mas agora essa referência é, de certo modo, desafiada. Essas mudanças incidem no interior da própria prática *bareback*, visto que elas parecem “remover a noção e a função da transgressão do *bareback*” (GONZALEZ, 2019, p. 62, tradução minha). Em tempo, é importante destacar aqui que “viver com hiv tornou-se administrável e crônico” e “indivíduos com privilégio e acesso [às políticas de prevenção, suas tecnologias e medicamentos] puderam viver vidas ‘normais’”, de maneira que “o *bareback* pode se tornar uma prática sexual conectada a tipos específicos de acesso” (GRETEMAN, 2019, p. 240, tradução minha). Desse modo, entende-se que o “hiv/aids ainda afeta muitas populações globais e marginalizadas que não têm acesso a esses novos e emergentes materiais farmacológicos e biotecnológicos, o que significa que o hiv/aids é variado e contestado” (GRETEMAN, 2019, p. 242, tradução minha).

Os novos tratamentos médicos incidem em divisões específicas dentro da própria prática *bareback*. Assim, distintos modos de condução da conduta são incitados e demandados, conforme irei mostrar na seção três desta tese. No entanto, todas elas, por estarem inscritas como prática *bareback*, têm ganhado notoriedade e conhecimento nos últimos anos, tornando-se objeto de investigações variadas. Médicos/as, psicólogos/as e sociólogos/as buscam entender a prática e as conduções da conduta de risco demandadas por ela (GRETEMAN, 2013). No campo da educação¹¹, Greteman (2013, p. 21, tradução minha) “explora as lições pedagógicas que tais práticas e seus praticantes têm a oferecer”¹². Ele fala que, apesar de não ter objetivos

¹⁰ Apresento em detalhe a PrEP e aprofundo discussão sobre ela na seção 3 desta tese.

¹¹ Greteman (2013; 2019) é o único autor que encontrei tratando da temática *bareback* no campo da educação, ainda assim seus textos estão em inglês. Mais adiante falo como isso está posto no cenário brasileiro.

¹² Original em inglês.

explícitos, os praticantes “vêm ensinar”, de alguma maneira, sobre ética e intimidade, por exemplo. Provavelmente, os *barebackers* “não teriam um lugar na educação, especialmente na educação sexual” (GRETEMAN, 2013, p. 21, tradução minha). No entanto, os praticantes “são peça central na educação (sexual). Justamente por habitarem à margem do sexo e da educação sexual, os *barebackers* são classificados como ‘outros’ pelo discurso que emerge pós-HIV” (GRETEMAN, 2013, p. 21, tradução minha). Por isso, para esse discurso, os “*barebackers* têm nos ensinado o que não fazer, como não viver” (GRETEMAN, 2013, p. 21, tradução minha). O autor não limita sua análise apenas a esse discurso que emerge pós-hiv – o discurso da prevenção – mas aposta naquilo que a própria prática ensina ao divulgar um certo estilo de vida. Um estilo “que contesta (um tanto quanto radicalmente) uma variedade de normas sociais, enquanto se abre em relação às novas maneiras de se relacionar consigo mesmo e com o outro” (GRETEMAN, 2013, p. 21, tradução minha).

Em um texto mais recente, Greteman (2019) incrementa seu pensamento sobre as questões levantadas no parágrafo anterior. Aqui ele explora sobre o que se pode aprender sobre medicina, tecnologia e educação em saúde com a prática *bareback*. Uma de suas perguntas me pareceu bastante mobilizadora para esta pesquisa: “Em uma era de profilaxia pré-exposição e as contínuas lutas que as pessoas que vivem com HIV/aids enfrentam globalmente, como a educação luta e avança com os novos conhecimentos sobre práticas sexuais e assuntos sexuais?”¹³ (GRETEMAN, 2019, p. 213, tradução minha). De algum modo, o autor nos instiga a ampliar nossas análises e pesquisas no campo educacional sobre as práticas e assuntos sexuais, considerando os avanços políticos, médicos e científicos que estão acontecendo, assim como os próprios desafios que práticas e assuntos sexuais emergentes podem colocar para a educação. Ressalta, ainda, os deslocamentos que a prática *bareback* tem operado no campo educacional, pois “desorienta a educação sexual estabelecida centrada na segurança e na mitigação de risco” (GRETEMAN, 2019, p. 237, tradução minha). Todavia, ao fazer essas problematizações, ainda ressalta que “é menos uma questão de aprovar ou desaprovar determinadas práticas sexuais” (GRETEMAN, 2019, p. 238, tradução minha). Trata-se mais de um exercício de problematização, conforme nos ensinou Foucault (2017b, p. 225), isto é, “tomar distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la [a conduta] como objeto de pensamento e interrogá-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins”.

O movimento de pesquisar a prática *bareback* foi se constituindo inspirado nos estudos foucaultianos. Isso porque, nos três volumes de História da Sexualidade, Foucault deixa clara

¹³ Original em inglês.

“sua preocupação com as transformações nas práticas eróticas e os discursos por meio dos quais essas práticas se tornam significativas”¹⁴ (DEAN, 2018, p. 142, tradução minha). A partir desses discursos, o filósofo olha para os sujeitos e, mais especificamente falando, para a constituição dos sujeitos. Considerando o *bareback* como um tipo de cultura, Dean afirma que essa prática sexual “representa não apenas uma situação sem precedentes na história da aids, mas também um novo capítulo na história da sexualidade (DEAN, 2009, p. ix, tradução minha). Gonzalez (2019), de forma similar, afirma que os diversos tratamentos para o hiv/aids, juntamente com o aumento do sexo sem camisinha, apontam que “estamos entrando em uma nova era na história da sexualidade, uma nova revolução sexual gay, baseada na adoção generalizada da PrEP principalmente entre homens gays e bissexuais” (GONZALEZ, 2019, p. 61, tradução minha). Considerando, pois, essas afirmações e tomando-as como provocações, entendo que a prática *bareback* se inscreve no presente como pedagogia cultural que se constitui na perspectiva desta tese como um currículo que produz uma variedade de saberes sobre nós mesmos/as e sobre os/as outros/as. O *currículo bareback* atua como outros currículos culturais, os quais têm “uma grande capacidade de sedução, de fazer desejar coisas, de mudar percepções e modelar condutas” (PARAÍSO, 2010a, p. 39). Considero, portanto, esse currículo uma daquelas pedagogias culturais do presente que, assim como ressalta Paraíso (2004), a educação não pode deixar de reconhecer.

Nesse sentido, para pesquisar a prática sexual *bareback*, mobilizo as teorias pós-críticas de currículo. A partir dessas teorias, podemos compreender que o currículo não se restringe apenas a disciplinas escolares ou a um conjunto sistematizado de conhecimentos por uma instituição, vez que instâncias culturais mais amplas ensinam alguma coisa e têm um currículo (SILVA, 2020). Nomeio como *currículo bareback* um conjunto de ditos heterogêneos localizados no ciberespaço, especificamente no blog *blogbarebackbr.blogspot.com* e três perfis do *Twitter*: *bare_putaria*, *@baredeprep* e *@bareback3*¹⁵. Currículo, por sua vez, é entendido como discurso, isto é, como práticas produtivas de poder-saber que se dão sob condições de emergência específicas. Desse modo, nesta tese, busquei, como objetivo geral, analisar o funcionamento do *currículo bareback* na produção de verdades, saberes e posições de sujeito. Apoiando-me nessas teorias, tomando esse objetivo geral e delimitando o corpus discursivo desta tese, passei a perguntar: o que efetivamente se ensina nesse currículo? O que é nele divulgado como correto? Como ele concorre com outros discursos? Investiga-se aqui o discurso

¹⁴ Original em inglês.

¹⁵ Esses nomes são fictícios para preservar o animato dos sites pesquisados. Na metodologia, discorro mais sobre esse posicionamento a partir de uma perspectiva ética.

em sua produtividade sobre a constituição de tipos específicos de sujeitos com formas particulares de pensar e agir que se dão em relação com a fabricação correlata de verdades e saberes.

Dadas as condições específicas da contemporaneidade e lugar de funcionamento desse currículo, foi necessário observar aspectos da cibercultura, em especial, aquele que muitas pesquisas já têm ressaltado: como os processos de subjetivação na contemporaneidade se dão de modo muito articulado e/ou amalgamado com a cibercultura (SILVA, 2018; MISKOLCI, 2017; ZAGO, 2015; SALES, 2010). A cibercultura está centralmente envolvida “na produção de modos de vida” (SILVA, 2018, p. 16). Isso porque nela são divulgados discursos que atuam fabricando sentidos e significados variados sobre o mundo e as coisas desse mundo. Esse processo se dá de modo conflituoso e em disputa, instituindo, assim, um campo de correlações de força. O *currículo bareback* está, pois, atuando no ciberespaço concorrendo com outros discursos para produção de tipos específicos de sujeitos. Diante desse contexto, das conexões dos modos de vida contemporâneo com o emaranhado das redes digitais, investiguei o funcionamento desse currículo.

O modo como o desejo desta investigação emerge é bastante inusitado. Como em uma preliminar, fui tomado pela intensidade que a curiosidade pelo tema “*bareback*” emergiu em minha trajetória. Quis despir esse tema, não no sentido de revelar algo, mas no seu sentido etimológico mesmo – “desembaraçar” – para mostrar suas tramas, mostrar como ele funciona. Comecei o doutorado querendo pesquisar as homossexualidades no ciberespaço, especificamente em um grupo de pessoas LGBT¹⁶ no *Facebook*. Já buscava fazer essa investigação no campo curricular, observando esse grupo inscrito no “currículo do *Facebook*”. Essa primeira elaboração de um projeto de pesquisa de doutorado já se configurava em um investimento meu enquanto pesquisador sobre/de currículos culturais. A partir do contato com o Grupo de Estudos em Currículos e Culturas (GECC), desenvolvi algumas reflexões sobre o funcionamento de currículo como um artefato cultural e discurso na produção de saberes, verdades e sujeitos. Não tendo abandonado por completo a primeira ideia da pesquisa,

¹⁶ Não há um consenso sobre o uso dessa sigla que se encontra em constante tensionamento e disputa. “Essas tensões evidenciam que efetivamente somos muito diferentes dentro e fora da própria sigla” (COLLING, 2018, p 418). No entanto, nesta tese, adoto a sigla utilizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), organização que tem como objetivo e missão, desde 1995, de promover ações que garantam a cidadania e os direitos humanos de LGBTs. Destaco, porém, que essa sigla pode aparecer de outra forma, quando usada por autores/as que cito, assim indicarei em nota de rodapé sua respectiva tradução. Para mais detalhes sobre os tensionamentos de construção da sigla, ver o livro “Sopa de Letrinhas?”, da autora Regina Facchini (2005).

transformei-a em um artigo publicado com o título “Resistir aos conhecimentos cristalizados para produzir outramentos no currículo” (OLIVEIRA; FERRARI, 2020a). Discuti o tema em outro texto “Os efeitos de *imagem-currículo* em diálogo com a cultura visual” (FERRARI; OLIVEIRA, 2020), além de ter considerado o currículo de canais LGBT do *Youtube* no texto “Lições assombrosas de um currículo monstruoso” (OLIVEIRA; FERRARI, 2020b).

Logo após a aprovação do projeto no colegiado do curso, iniciei esta pesquisa, observando esse grupo do *Facebook*. Após algum tempo de observação, a temática da prática *bareback* surgiu no interior dele em uma postagem. Como, até então, não sabia do que se tratava, comecei a ler uma série de textos e reportagens sobre isso. O tema começou a me instigar sobremaneira. O ineditismo do tema para mim foi o que mais me mobilizou, ainda mais porque deduzia que a prevenção com preservativo nas relações sexuais era algo incontestável. Pensei que, se essa prevenção estava sendo tensionada entre HSH, incidindo em seus modos de condução da conduta, a prática *bareback* precisava, pois, também ser problematizada. Apresentei, então, uma proposta de reformulação do projeto para minha orientadora, a qual também desconhecia o tema. Começamos, assim, a trabalhar na constituição de um novo projeto de pesquisa. Como primeiro passo, foi preciso mapear as produções científicas sobre o tema e sistematizar o que já era conhecido a respeito. Para isso, fiz uma pesquisa no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) para me informar sobre como a temática estava sendo pesquisada no Brasil, tendo encontrado cinco trabalhos, sendo quatro dissertações e uma tese.

O primeiro trabalho analisado continha o título “*Bareback*: reflexões sobre a normalização das condutas sexuais” (FELBERG, 2011). A partir da perspectiva da saúde coletiva, o estudo se deteve a analisar teoricamente a prática. O segundo, intitulado “*Barebacking sex*: discursividades na mídia impressa brasileira e na internet” (PAULA, 2009) deteve-se em analisar como têm se constituído as discursividades sobre o *bareback* no contexto social brasileiro. O corpus dessa pesquisa foi formado por artigos de pesquisas acadêmicas, artigos de revistas de grande circulação nacional (Veja, Época, Isto É) e outros documentos capturados na internet, como jornais, sites e blogs, todos publicados entre o período de 2001 a 2009 e tendo como tema principal o *barebacking*. A terceira pesquisa, nomeada como “Impulso sexual excessivo e comportamento *barebacking* em homens que fazem sexo com homens” (AMARAL, 2014), teve por objetivo estimar a frequência do comportamento “*barebacking*” nos HSH compulsivos sexuais e investigar a associação do comportamento “*barebacking*” com questões comportamentais. A quarta, com o título: “Risco e *Barebacking*: reflexões”

(SANTOS, 2018), inserida no campo da Psicologia, procurou entender que aspectos psicológicos estariam por trás do comportamento de risco nesse contexto da aids e das relações sexuais sem preservativo. Por último, a quinta pesquisa se interessou em investigar os sentidos da exposição ao HIV/aids considerando a prática do *bareback* (ALMEIDA JUNIOR, 2017). Além dessas pesquisas encontradas no site do IBICT, localizei uma outra tese¹⁷, de 2008, com título “Desejo à flor da tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de *barebacking*” (SILVA, 2008). Esta última, desenvolvida na área de concentração de ciências sociais em saúde, buscou compreender a prática e os sentidos do *barebacking*, entre usuários da internet, no contexto brasileiro.

Observei que, de modo geral, todas as pesquisas se vinculavam entre si, pois foram desenvolvidas nos campos de saúde, medicina e psicologia. No campo da educação, muito menos no campo curricular, não foram localizadas pesquisas sobre a prática *bareback*. Penso que o fato de as primeiras pesquisas no Brasil sobre a prática estarem inscritas nesses campos de pesquisa é um efeito discursivo do “tratamento médico e forense da homossexualidade” (HALPERIN, 2007, p. 2, tradução minha). Não podemos esquecer que, por mais de um século, “a psicologia e a psicanálise forneceram os principais meios de acesso à verdade imaginada da subjetividade humana” (HALPERIN, 2007, p. 2, tradução minha). Conforme defende Halperin (2007), ao fazer essas reflexões, não se trata de refutar ou rejeitar os discursos psi e médicos, tampouco condená-los ou demonizá-los, até porque, no interior desses discursos, há afirmações de que a própria subjetividade é um local potencial de resistência política. Trata-se, ademais, de uma forma de problematizar “o estilo de pensamento que entende a pessoa em termos de interioridade individual e julga a vida subjetiva de acordo com um padrão normativo de funcionamento saudável” (HALPERIN, 2007, p. 9, tradução minha).

Provocado pelo fato de haver pesquisas apenas no campo da saúde, medicina e psicologia, ampliei a busca de modo a incorporar também artigos científicos. Localizei, realizando buscas no site *Google Acadêmico*¹⁸, inicialmente apenas um artigo em português¹⁹ que discute o *bareback* em articulação com educação. Algo que nos aproxima, pois, de uma proposição levantada por Greteman (2019, p. 242, tradução minha) de que “o assunto de

¹⁷ Na minha busca no IBICT, esta tese não apareceu. Passei a conhecê-la a partir de um grupo de discussão com pesquisadores sobre teorias *queer* no *Facebook*.

¹⁸ Optei por realizar a busca nesse site porque ele abarca uma diversidade de sites, inclusive internacionais, o que me possibilitou localizar esse texto em inglês. Disponível em: <www.scholargoogle.com.br>. Acesso em: 27 dez. 2020.

¹⁹ O texto é do autor Luís Henrique Sacchi dos Santos (2004): “Educação e Pesquisa de Práticas Sexuais de Risco”.

barebacking nos discursos educacionais é limitado, mas está emergindo no trabalho contínuo de atualização de nossas educações sexuais”. Desse modo, o autor instiga pesquisadores e pesquisadoras em educação a problematizar “com cuidado as práticas perversas que surgem e os desafios de ser considerado um sujeito ‘perverso’ que perturba os entendimentos produtivos e reprodutivos de se tornar um sujeito” (GRETEMAN, 2019, p. 244, tradução minha).

O autor ainda ressalta que, à medida que as condições mudaram em torno de “hiv/ aids, educação sexual e inclusão de (alguns) queers no currículo”, a prática *bareback* e seus praticantes podem fornecer “maneiras de investigar a estranheza que atrapalham a concepção de vida humana imaginada pelos discursos educacionais para envolver os não-humanos e seu impacto na maneira como os sujeitos passam a ser vistos, reconhecidos e compreendidos” (GRETEMAN, 2019, p. 244, tradução minha). Outro autor ressalta que “os problemas [da prática *bareback*] levantados excedem os da prevenção do hiv e da história da identidade masculina gay” (DEAN, 2009, p. 3, tradução minha).

Ao inscrever e problematizar essa prática sob a perspectiva curricular pós-crítica, enfrentei os desafios e as lacunas então postos pela ausência de pesquisas no campo educacional e do currículo, ao mesmo tempo, pela série de problemas que excedem os temas citados por Dean (2009). Evidentemente, a pesquisa aqui registrada não preenche totalmente essa lacuna, tampouco dá conta de todos os problemas levantados pelo autor, mas é um passo importante em reivindicar, para o campo curricular, problematizações sobre os modos de produção de verdade e constituição de sujeito que se dão a partir do discurso *bareback*.

Esta pesquisa se inscreve como uma possibilidade de compreensão do *bareback* no campo dos estudos da sexualidade, podendo se constituir, dessa forma, como uma “alternativa às disciplinas científicas e normativas favorecidas por nossa cultura pós-cristã e pós-freudiana” (HALPERIN, 2007, p. 8, tradução minha). Entendo, pois, que as problematizações que busco fazer nesta tese são “menos uma questão de chegar com novas teorias de sexualidade do que mobilizar possibilidades queer de imaginar e representar a vida subjetiva sexual” (HALPERIN, 2007, p. 9, tradução minha). A pesquisa emerge, desse modo, problematizando os regimes de verdade que impõem o que pode ser dito e pensado e quem é autorizado/a a falar sobre certos temas. Assim, falar da prática *bareback* no campo da educação e do currículo diz de um esforço para procurar “outras maneiras de poder falar sobre nós mesmos, sobre nossas experiências, sobre nossas emoções e, em particular, sobre a vida subjetiva do sexo e da sexualidade” (HALPERIN, 2007, p. 10, tradução minha).

É, pois, por se tratar de vida, que não posso deixar de fazer referência à “zona fronteira na qual se realiza a tensão entre prazer e perigo” que pode “ser chamada de ‘limites da sexualidade’” (GREGORI, 2016, p. 182). A prática *bareback* pode ser percebida como uma prática sexual que tensiona os limites da sexualidade, seja pela recusa à norma obrigatória do uso do preservativo nas relações sexuais, seja pela resignificação do hiv e incitação à troca viral (como uma de suas características). Tais assunções, a depender do contexto em que se inserem, podem precarizar a vida de muitas pessoas. Desse modo, essa prática se inscreve nos signos dos “prazeres perigosos”, por dois motivos: pode (1) “colocar em risco as normas e convenções” (aqui do uso obrigatório do preservativo); mas também pode (2) acarretar em “risco à integridade física e moral existente” dos indivíduos que respondem às suas demandas (GREGORI, 2016, p. 24). Ao pontuar essa questão, quero dizer que, embasado nos estudos sobre os limites da sexualidade, não busco, nesta tese, “confrontar a satisfação ao risco como se fossem expressões excludentes” (GREGORI, 2016, p. 182). Pelo contrário, satisfação (ou prazer) e risco se amalgamam e compõem as estratégias discursivas do currículo *bareback*. Vinculo-me, portanto, a esses estudos que procuram fazer uma “investigação detalhada das práticas sexuais acionadas e aquilo e aqueles que nela são mobilizados” (GREGORI, 2016, p. 182), pois parto da assertiva de que “estudar tais manifestações permite entender como esses termos estão abertos à negociação de sentido e posições” (GREGORI, 2016, p. 24), assim como se trata de uma invenção discursiva que pode e deve ser problematizada.

Desenvolvo, portanto, como investimento nessa problematização, a tese de que, no funcionamento do currículo *bareback*, engendra-se um processo de subjetivação e produção de verdades caracterizados e particularizados, proeminentemente, por contestações e resistências às normas prescritas do uso obrigatório do preservativo nas relações sexuais entre homens que fazem sexo com homens. Compondo essas contestações e resistências, está a disputa sobre o prazer sexual. Assim, afirma-se, nesse currículo, que o ato sexual *mais excitante, melhor e mais prazeroso* é aquele que pode ser sentido no sexo sem preservativo. Tal afirmação, que emerge nesse currículo como verdade, estabelece relações com o risco, prazer, saúde e gênero que incidem na produção de posições de sujeito particulares e em modos de condução da conduta distintos. Dessa maneira, o currículo *bareback* atua de modo a produzir diferentes, complementares e conflitantes posições de sujeito: *unrubberman*, *preper*, *bugchaser* e *giftgivers*. No que se refere ainda ao funcionamento desse currículo, localiza-se também a pornografia como uma tecnologia integrada pelas *pedagogias da masculinização* e do *erotismo*,

as quais operam com técnicas específicas para produzir o *bareback* como uma prática erótica atrelada à masculinidade e à violação da norma do uso obrigatório do preservativo.

Para desenvolver esta tese, após estas preliminares, divido-a em seções. Na seção 1, do tecer teórico metodológico – “Tecendo o currículo *bareback* do/no emaranhado da rede: composições teóricas e metodológicas” -, apresento o problema e a questão de pesquisa, os principais conceitos que fundamentaram esta investigação, bem como a metodologia e os procedimentos utilizados. Na segunda, do prazer, com o título “Mais prazeroso, mais excitante e bem melhor: a produção da verdade sobre o prazer no currículo *bareback*”, defendo o argumento de que, no *currículo bareback*, é produzida uma série de verdades sobre o prazer sexual as quais podem atuar na condução das condutas da juventude *barebacker*. Na terceira, das posições de sujeito, mostro que o *currículo bareback* atua de modo a produzir diferentes, complementares e conflitantes posições de sujeito: *unrubberman*, *preper*, *bugchaser* e *giftgivers*. Na quarta e última, dos vídeos pornô, o argumento é o de que a pornografia é uma tecnologia de poder do presente composta por montagens híbridas. Assim, no *currículo bareback*, duas pedagogias específicas compõem essas montagens, a saber: a *pedagogia da masculinização* e a *pedagogia do erotismo*. Após essas seções, apresento as considerações finais que são nomeadas *Encore*. Na sequência, há as referências mobilizadas na construção deste texto e, por fim, um apêndice com a descrição minuciosa dos vídeos pornô analisados nesta tese.

SEÇÃO 1
DO TECER TEÓRICO E METODOLÓGICO

1 TECENDO O *CURRÍCULO BAREBACK* DO/NO EMARANHADO DA REDE: COMPOSIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

As teorias pós-críticas trouxeram, para os campos da educação e do currículo, mudanças significativas proporcionadas, sobretudo, pela problematização e ampliação dos conceitos que constituem esses campos. O conceito de educação deixou de ser entendido como restritamente vinculado aos processos que se desencadeiam na e pela escola ou em espaços educativos formais ou institucionalizados. Currículo, por sua vez, não é compreendido somente como um conjunto de disciplinas acadêmicas ou escolares ou mesmo como um programa instituído com um objetivo a seguir para formar um grupo de alunos/as.

Com inspiração em Michel Foucault, o conceito de educação passa a contemplar práticas variadas “nas quais se produzem ou se transformam as experiências que as pessoas têm de si mesmas” (LAROSSA, 1994, p. 35). Assim, ao observar essas práticas, “o importante não é que se aprenda algo ‘exterior’, um corpo de conhecimentos, mas que se elabore ou reelabore alguma forma de relação reflexiva do[a] ‘educando’[a] consigo mesmo[a]” (LAROSSA, 1994, p. 34). Em outras palavras, o conceito de educação passa a ser imbricado com a perspectiva foucaultiana dos processos de subjetivação, isto é, com as diversas formas através das quais os indivíduos se transformam em sujeitos. Educação é, portanto, uma prática discursiva com o objetivo de “produzir e mediar certas ‘formas de subjetivação’” (LAROSSA, 1994, p. 51).

De modo similar, considerando esses aspectos, o conceito de currículo “passa a ser visto em sua relação com a cultura” (PARÁISO, 2010a, p. 33). O currículo é, assim, entendido como uma “prática cultural que divulga e produz significados sobre o mundo e as coisas do mundo” (PARÁISO, 2010a, p. 33). Esses significados se constituem em conhecimentos a serem ensinados que incidem na fabricação de sujeitos. O currículo, pois, não é visto apenas na escola e nas salas de aula, mas materializando-se nas “bibliotecas, nos museus, nas propostas político pedagógicas, nas diferentes formações, na pesquisa educacional, na internet, nos jogos, nas brincadeiras, na mídia, no cinema, na música, na cultura, no cotidiano” (PARÁISO, 2010a, p. 37).

O alargamento dos conceitos de educação e currículo ampliou também as possibilidades de pesquisas no campo curricular, criando diferentes tessituras. Diversas pesquisas têm sido

feitas a partir das compreensões então empreendidas²⁰. É nesse sentido que analiso aqui o funcionamento do *currículo bareback*. Entendo, pois, que a divulgação de ditos relacionados à prática sexual *bareback* no ciberespaço, ao corporificar narrativas particulares, produzir sentidos e significados, constitui-se em um discurso que luta para produzir verdades e saberes, assim como busca ensinar e demandar sujeitos de determinados tipos. Dessa forma, estou considerando como currículo, nesta tese, ditos, discursividades, relações de poder-saber e regimes de verdade localizados no ciberespaço, especificamente no blog *blogbarebackbr.blogspot.com* e três perfis do *Twitter*: *@bare_putaria*, *@baredeprep* e *@bareback3*, no que se refere aos jogos de incitação às práticas sexuais sem preservativo, que nomeio de *currículo bareback*. Entendo que a forma como ele funciona no ciberespaço remete aos modos de atuação de um currículo que, conforme ressaltado por Paraíso (2007, p. 24), produz “sentidos, práticas e sujeitos de determinados tipos”.

O conjunto desses ditos torna-se, na perspectiva aqui adotada, “uma prática discursiva produtora de saberes, significados e de culturas” (PARAÍSO, 2010a, p. 42). Tais práticas discursivas podem ser lidas como um currículo que divulga modos de vida e que participam do jogo da produção de verdades sobre práticas sexuais sem preservativo. Esses aspectos mostram sua “importância fundamental nas políticas e nas lutas culturais contemporâneas” (PARAÍSO, 2010a, p. 43). O *currículo bareback*, assim como outros currículos culturais, pode “somar ou disputar espaço com outros sistemas, outras práticas e outros discursos” (PARAÍSO, 2010a, p. 43).

A compreensão de currículo que subsidia esta pesquisa implicou também um esforço metodológico para consolidação de um campo epistemológico de como operar ao analisar o funcionamento de um currículo cultural não-escolar. É sobre esse esforço que aqui quero me deter, ou seja, como criar, localizar, mostrar, organizar e analisar um currículo cultural não-escolar. Dito de outro modo, como tecer um currículo cultural não-escolar. Para isso, compartilho o que aprendi com Meyer de que “teoria e método são indissociáveis e de que nossas opções metodológicas precisam fazer sentido dentro do referencial teórico no qual as inscrevemos” (MEYER, 2012, p. 48). Portanto, ao falar de um esforço metodológico ou de metodologia, estou falando também das teorias nas quais essa metodologia está inscrita. No âmbito dessas teorias, considere metodologia, nesta tese, como “um certo modo de perguntar,

²⁰ Para mais detalhes sobre os assuntos específicos, ver: Currículo da nudez (SILVA, 2018); Currículo dos Blogs (MEIRELES, 2017); Currículo do Facebook (EVANGELISTA, 2016); Currículo dos livros de literatura infantil (FREITAS, 2008); Currículo do forró eletrônico (CUNHA, 2011); Currículo do Orkut (SALES, 2010); Currículo dos filmes (SILVA, 2010); Currículo da mídia (RIBEIRO, 2010).

de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16). A metodologia é, pois, “construída no processo de investigação” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15).

Sendo assim, inspirei-me no trabalho de um/uma tecelão/tecelã que, “jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás [...]” vai “tecendo e tecendo”²¹, acionando ferramentas e estratégias de acordo com sua necessidade no próprio andamento do seu trabalho. Considerei, ainda, o lugar de funcionamento do *currículo bareback*. Seu funcionamento, assim como outros currículos, se dá “no emaranhado da rede” (PELÚCIO; PAIT; SABATINE, 2015, p. 6). A rede é o ciberespaço, onde se produz “conteúdo que pode ser replicado por teias de links, constituindo essa imensa rede na qual tecnologia e afetos se tramam nos desafiando metodologicamente” (PELÚCIO; PAIT; SABATINE, 2015, p. 7). Fui mobilizando esse conteúdo como fios, mostrei como links estão estrategicamente articulados, fiz composições de ditos e, assim, fui tecendo o *currículo bareback*, utilizando as teias de links disponibilizadas no ciberespaço. Semelhante a um tecelão, que busca tecidos, malhas, prepara tramas, teares retilíneos e circulares, investiguei como poderia tecer o *currículo bareback*, mobilizando os conteúdos sobre a prática sexual *bareback* como fios, mostrando qual sua composição, buscando investigar como os links estão estrategicamente articulados, quais ditos o compõem, tudo tramado com as teias disponibilizadas no ciberespaço.

A teoria curricular pós-crítica oferece uma multiplicidade de sentidos sobre metodologia de pesquisa que aqui são tomados como o ato de tecer. Entre tantos outros significados, tecer pode ser entendido como “compor ou planejar algo que exige trabalho, atenção ou imaginação (ex.: teceram um plano meticuloso) = ARQUITETAR, ELABORAR, ENGENDRAR, MAQUINAR”, podendo ser também verbo transitivo direto “entrelaçar metodicamente (fios, palha, vime etc.)” (RANNIERY, 2016, p. 32). É um verbo acionado aqui, pois se compreendeu que “procedimentos e técnicas de pesquisa só existem quando postos em ação” (RANNIERY, 2016, p. 32). Portanto, apresento, neste capítulo, as urdiduras e as tramas feitas para tecer o *currículo bareback*, mostro como “ferramentas diferentes, como pontos diferentes, fios de diversas cores” (RODRIGUES, 2017, p. 21) foram mobilizados de modo muito singular para a produção de um tecido específico.

²¹ Do livro “A moça tecelã”, de Marina Colasanti (2004).

Nesta tese, “não há uma coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 33). Trata-se de uma produção artesanal que se aproxima mais uma vez do trabalho do/a tecelão/tecelã. Entendi, portanto, que o *currículo bareback* é uma criação minha, porque fiz escolhas, interessado nos mais variados tipos, para mostrar como esse currículo se constitui e como se dá seu funcionamento. Assim, a construção e a análise desse currículo se deram “de modo inventivo e de acordo com o problema em questão” (SILVA, 2018, p. 39), transformando-o em um objetivo de pesquisa, qual seja, analisar o funcionamento do *currículo bareback* na produção de verdades, saberes e posições de sujeito.

Ainda na perspectiva do tecer, considerando que um currículo pode ser visto como textos culturais, “textos que produzem sentidos e significados sobre o mundo” (PARAÍSO, 2010a, p. 29), busquei, assim, compor o texto curricular aqui investigado “como uma verdadeira tapeçaria” (FRAYZE-PEREIRA, 1998, p. 11). Desse modo, compreendendo que o/a tecelã/o é “aquele[a] que trabalha tecendo fios, no tear; tecedor”²², faço aqui uma adaptação livre retirada das matérias da tecelagem e de suas técnicas. Tomo o ato de tecer como parte integrante do/a pesquisador/a em/com um currículo cultural. Além disso, considerando que esse currículo ganha contornos específicos, com o texto escrito nesta tese, percebi que a “relação da palavra ‘texto’ com tecido, tecer, têxtil, textura, tecelagem, indica a metáfora da trama dos fios tecidos para referir-se à trama das palavras na composição de um texto” (SECCO, 2017, p. 9). Desse modo, “texto e tecido são palavras emaranhadas para escrever sobre a tecelagem da escrita” (SECCO, 2017, p. 9) e também a tecelagem de um currículo que é um texto cultural discursivo. Portanto, faz-se fabricar, dos fios emaranhados da rede, com a ajuda de ferramentas teórico-metodológicas, um tecido curricular.

No meu trabalho, tomei como inspiração Tinoco (2005) para quem “tecer é por si só um ato sensorial. A tapeçaria, por mais que exista um projeto anterior, é feita, criada ou construída no ato de tecer”. Além disso, podemos entender que o tecelão “articula devaneios poéticos carregados de imagens retiradas das possibilidades e impossibilidades oferecidas pelo material, além das alternativas técnicas na criação de jogos visuais” (TINOCO, 2005, p. 7). Assim, o *currículo bareback* foi ganhando formas, cores e contornos específicos no tecer, do mesmo modo que as ferramentas para esse tecer eram utilizadas sem rigidez, com movimento. Assim, como faz um tecelão com seus fios e ferramentas, buscou-se, na construção

²² TECELÃO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tecelao/>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

metodológica, movimentar-se de várias maneiras, “para lá e para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16).

Sublinho aqui alguns cruzamentos de entendimentos que surgem devido ao empreendimento feito com a metáfora do tecer. A mobilização dessa metáfora, considerando que o *currículo bareback* está no emaranhado da rede, pode gerar um conflito com uma outra ideia concebida por mim. Isso porque, quando, em referência aos procedimentos metodológicos utilizados para selecionar ditos, fazer composições específicas e em seguida analisá-los, também faço isso como tecelão. Essas duas noções, no entanto, não se excluem. Considerar, primeiramente, que o currículo está no emaranhado da rede diz de uma concepção que não pressupõe a inexistência desse currículo anterior à análise. Ele está no emaranhado da rede, por isso, a metáfora do tecer é acionada. No entanto, ele não está dado, pronto, concebido de uma vez por todas, tampouco seu funcionamento está já descrito e analisado. Aqui entra a segunda parte em articulação com a primeira: é preciso fazer montagens, mapear e selecionar ditos, de acordo com o problema em questão, ou seja, trata-se, portanto, de um trabalho do/a tecelã/o. Penso, então, que o *currículo bareback* está, sim, no emaranhado da rede ensinando e disputando sentidos e significados, no entanto, com ditos dispersos, um lá, outro cá, com teias de links desarticuladas, remetendo amplamente a ditos de outros discursos e concorrendo com alguns outros, mas, ainda assim, com força produtiva. Então, definido o problema desta tese, segundo interesses específicos e sem neutralidade, fui fazendo articulações, aproximando os ditos dispersos, mostrando como se remetem uns aos outros, constituindo determinado discurso. Assim, fui dando forma ao tecido curricular com as ferramentas teóricas e metodológicas mobilizadas.

Para colocar em ação os procedimentos de tecer o *currículo bareback* e dar ao texto desta tese um efeito de composição específico, mobilizei um conjunto de ferramentas que me permitiu realizar este trabalho. Assim como um/a tecelã/o faz, ele/a mesmo/a, sua arte, aproximando seu trabalho das “práticas em que as pessoas utilizam suas próprias habilidades para fazer um determinado produto” (CALDEIRA, 2016, p. 62), busquei também tecer o *currículo bareback*. Foi desse modo que realizei “articulações com [algumas] metodologias” (CALDEIRA, 2016, p. 62). Para detalhar essas articulações, divido este capítulo em quatro partes. Na primeira subseção “ALINHAVAR: coser conceitos das teorias pós-críticas para tecer o *currículo bareback*”, mostro alguns delineamentos gerais necessários para a tecelagem discutindo as teorias pós-críticas com foco nos Estudos Culturais. Na segunda, “Ferramentas teóricas para tecer o *currículo bareback*”, apresento os conceitos de discurso, poder, saber,

verdade, posições de sujeito, sexualidade e gênero. Na última subseção, “No ciberateliê: puxando fios do emaranhado da rede da cultura do/no ciberespaço e encontrando algumas ferramentas metodológicas”, discuto as metodologias aqui mobilizadas. Por fim, descrevo os procedimentos metodológicos.

1.1 Alinhavar: coser conceitos das teorias pós-críticas para tecer o currículo bareback

Entre os significados encontrados no dicionário²³ para alinhavar, podemos encontrar: “dar os primeiros passos”, “esboçar” alguma coisa para seguir. Pode ser algo também como “traçar os lineamentos gerais de; delinear” ou, ainda, “ajustar ou coser com pontos largos o que depois tem de ser cosido com outro miúdo. Pôr em ordem, preparar”²⁴. É, pois, com essa intenção que trago aqui os conceitos que foram necessários para tecer o *currículo bareback*. O alinhavar desse currículo inscreveu-se na busca pela ampliação da compreensão do que é um currículo cultural não-escolar através de leituras específicas. Busquei, então, saber como se desenvolveu essa perspectiva de currículo, na qual é possível ampliar as noções de pedagogia e currículo para além dos muros escolares. Essas noções emergem na perspectiva pós-crítica como efeito da ampliação do entendimento de “cultura”, sendo que “parte considerável dessa ampliação é tributária dos aportes dos Estudos Culturais” (CUNHA, 2011, p. 52).

Os Estudos Culturais surgem a partir de um grupo de intelectuais que, reunindo-se para discutir sobre cultura na Inglaterra, criou, em 1964, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (PARAÍSO, 2004). Esses estudos se expandiram pelo mundo, sendo observados a partir de diferentes perspectivas epistemológicas e políticas. Nos anos 1990, passaram a incorporar ideias e estilos específicos, entre eles um que me interessa mais notadamente: “análise da produção de significados nos mais diferentes artefatos” (PARAÍSO, 2004, p. 55). No âmbito de uma série de transformações a que foram submetidos, está a substituição das “abordagens de ideologia hegemônica por análise de discurso” (PARAÍSO, 2004, p. 55), por exemplo. Além disso, é dos Estudos Culturais a concepção de que “nenhuma metodologia é especialmente recomendada com segurança, embora nenhuma possa ser eliminada antecipadamente” (PARAÍSO, 2004, p. 55). Assim, “a escolha da prática de pesquisa

²³ ALINHAVAR. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/alinhavar>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

²⁴ ALINHAVAR. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/alinhavar/>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

vai depender das questões formuladas, e as questões vão depender do objeto a ser estudado e do contexto que está inserido” (PARAÍSO, 2004, p. 55).

Percebi como o conceito de cultura é central nesses estudos. Trata-se de algo em disputa até mesmo no interior dos Estudos Culturais, por seu caráter fluido e contingente, mas, em síntese, pode-se entender cultura como “um campo de luta em torno da significação social” (PARAÍSO, 2004, p. 55). A partir desse entendimento, pode-se afirmar que a preocupação em grande parte dos Estudos Culturais é pesquisar “as diferentes práticas culturais e suas interfaces” (PARAÍSO, 2004, p. 55). Ou seja, como essas práticas, através de relações de poder, fabricam significados diversos que podem e precisam ser reconhecidos e discutidos. Entre essas práticas, há uma “preocupação com a mídia, com os significados que ela tem produzido e divulgado” (PARAÍSO, 2004, p. 55). A mídia, constituindo-se também, na contemporaneidade, por mídias digitais, é marcada pelo desenvolvimento e expansão da internet. Dessa forma, os objetos de estudo que surgem no atual contexto refletem essa característica. Ao explorar as mídias digitais, observa-se como elas “potencializam e transformam meios anteriores de comunicação”, conforme destaca Richard Miskolci (2011, p. 10), “os quais, por sua vez, já foram inovadores e causaram grandes mudanças sociais e subjetivas”. A internet compõe, portanto, aqueles “campos cruciais para criação de cultura no mundo contemporâneo” (PELÚCIO; PAIT; SABATINE, 2015, p. 7). No que se refere à prática sexual *bareback*, percebe-se como sua divulgação e estratégias de comunicação se dão de modo muito articulado com o ciberespaço.

Considerada como um tipo de cultura por Dean (2009), originada em São Francisco, a prática *bareback* se propagou “rapidamente no espaço virtual” (DEAN, 2009, p. 44). Desse modo, sites *bareback* tornam a prática “mais visível e mais acessível” (DEAN, 2009, p. 44). Segundo Dean (2009, p. X), “como qualquer cultura, esta tem sua própria linguagem, rituais, etiqueta, instituições, iconografia e assim por diante”. A prática *bareback* torna-se um objeto relevante para os Estudos Culturais, pois não se refere apenas a uma prática sexual, mas emerge no campo cultural disputando sentidos e significados que incidem na produção de saberes, verdades e sujeitos. Se a internet passa a ser percebida como um “instrumento e meio, por meio dos quais são estabelecidas relações entre os indivíduos”, de maneira que “a rede mundial de computadores e as tecnologias que a constituem caracterizam um dispositivo tecnológico: máquina de produção incessante de subjetividade” (SABATINE, 2015, p. 152), a prática *bareback*, organizada e difundida no ciberespaço, precisa ser, pois, também investigada.

O conceito de cultura que emerge a partir dos Estudos Culturais incide no alargamento do conceito de currículo. Compreende-se, portanto, que “os Estudos Culturais são uma dessas teorias que têm sido usadas no campo curricular para pensar o educacional em outras bases e dar visibilidade a outras narrativas” (CUNHA, 2011, p. 51). A partir desses estudos, o currículo pode ser entendido como uma prática cultural, “uma prática de produção e veiculação de significados; um espaço de representação dos grupos sociais e culturais. O currículo é feito de cultura, de formas de compreender o mundo social, de produzir e atribuir-lhe sentido” (PARAÍSO, 2004, p. 57). Conforme afirma Silva (2020, p. 139), “as instituições e instâncias culturais mais amplas também têm um currículo”, uma vez que “transmitem uma variedade de formas de conhecimento”. Como efeito dessa compreensão, tornou-se possível operar com “teorizações do campo educacional que possibilitassem analisar o educativo e o curricular para além dos muros escolares” (CUNHA, 2011, p. 49). Entre as teorizações possíveis, mobilizei as teorias pós-críticas, já que “as teorias pós-críticas em educação possibilitam ressignificar o que entendemos por educação, pedagogia e currículo” (CUNHA, 2011, p. 49). Elas ajudam a investigar “todo e qualquer artefato cultural que ensina” e a “mostrar o currículo que eles apresentam” (PARAÍSO, 2012, p. 24). Dessa maneira, considera-se que “as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (SILVA, 2020, p. 139).

No que se refere à prática *bareback*, além dos aspectos culturais destacados por Dean (2009), Greteman (2019) oferece pontuações mais próximas de sua qualidade educativa. Assim, em suas investigações, ele fica atento tanto às “formas como os discursos emergentes em torno do *bareback* [que] educam – o que aprendemos com tais estudos” como “sobre o que o *bareback* pode fazer para atualizar a nossa educação sexual no século XXI - o que aprendemos sobre medicina, tecnologia, e educação em saúde” (GRETEMAN, 2019, p. 212-213, tradução minha). O autor também compreende educação no sentido ampliado. Assim, ao trazer a prática *bareback* para o debate em torno da educação sexual, ele chama atenção para “as maneiras pelas quais a educação – dentro e fora das escolas – tem orientado nosso pensamento para tipos particulares de ser e de se tornar e afastar de outros assuntos” (GRETEMAN, 2019, p. 212-213, tradução minha). Em um outro texto, o autor “explora as lições pedagógicas que tais práticas e seus praticantes têm a oferecer” (GRETEMAN, 2013, p. 21, tradução minha).

A partir dos “aportes das teorias pós-críticas de cunho culturalista” (PARAÍSO, 2010a, p. 29), busquei investigar como essas lições pedagógicas estão funcionando no ciberespaço produzindo saberes, verdades e posições de sujeito específicas. Considerei, dessa forma, a

prática *bareback* como um tipo de cultura, conforme nomeou Dean (2009), que se desdobra em uma pedagogia, como mostra Greteman (2013), constituindo-se como um currículo. O *currículo bareback* é um daqueles currículos que “acontece na cultura, no cotidiano e também na mídia” (PARAÍSO, 2010, p. 11). Dadas essas considerações, o conjunto de teorias aqui mobilizadas anuncia “a necessidade de que sejam pesquisadas pedagogias externas ao processo de escolarização, as quais têm penetrado cada vez mais na vida cotidiana” (PARAÍSO, 2004, p. 60).

Após alinhar essas questões principais, trazendo alguns delineamentos gerais, percebi que “nas investigações pós-críticas encontram-se muitas possibilidades de entender e explicar o currículo” (PARAÍSO, 2004, p. 286-287). Desse modo, escolhi uma ferramenta nessa teorização para prosseguir na fabricação: o discurso. Além dessa, descobri que iria precisar de outras ferramentas no “processo de tecer a trama da criação investigativa” (SILVA, 2018, p. 24) do *currículo bareback*. Considerando que uma “teoria é como uma caixa de ferramentas” (DELEUZE, 2017, p. 132), construí minha própria caixa de ferramentas as quais sirvam e funcionem para tecer o *currículo bareback*. Segundo Foucault (2006, p. 251), “a teoria como caixa de ferramentas quer dizer” que se trata de construir “instrumentos” específicos para análise e que a “pesquisa só pode se fazer aos poucos, a partir de uma reflexão (necessariamente histórica em algumas de suas dimensões) sobre situações dadas”. Para tanto, selecionei ferramentas teóricas e metodológicas que poderiam servir ao tecimento do currículo, assim como linhas, alfinetes, caneta, tesoura e papel são utilizados em processos diversos no tear.

1.2 Ferramentas teóricas para tecer o *currículo bareback*

A tecelagem consiste em entrecruzar dois fios, ou seja, o urdume com a trama. A urdidura pertence a um grupo de fios longitudinais e a trama liga-se a outro grupo de fios chamados também de enchimento e que são transversais, colocados na largura do tecido. É importante saber que os fios da urdidura são fiados em um tear através de várias molduras conhecidas como arneses, que possuem um movimento próprio, levantando alguns fios, que, por meio de uma ferramenta chamada lançadeira leva os fios pelo espaço existente, formando desta forma os fios transversais do tecido, entendidos como trama (CHATAIGNIER, 2006, p. 21).

No contexto de produção destacado no trecho, a autora fala apenas de uma ferramenta utilizada na tecelagem, a “lançadeira”. No entanto, no processo de tear do *currículo bareback*, precisei não apenas de uma ferramenta, visto que, sendo ele constituído de uma trama mais complexa, um conjunto delas foi aqui mobilizado. Passo, a seguir, a detalhar cada uma dessas ferramentas. Não se trata de algo novo no campo da tecelagem, já que ela se manifestou em diferentes épocas e lugares do mundo “com características específicas”, “utilizando os mais variados materiais e registrando temas igualmente diversificados” (SECCO, 2017, p. 30). As ferramentas teóricas, inicialmente apresentadas, possibilitaram-me localizar e descrever o funcionamento do *currículo bareback* e mostrar suas tramas, pontos, juntar os fios espalhados no emaranhado da rede.

1.2.1 *Discurso, poder-saber, verdade e posições de sujeito*

O conceito de discurso tornou-se uma ferramenta imprescindível para o tecer do *currículo bareback*, pois esse currículo passa a ser entendido como tal. Com essa ferramenta, fui “buscando compreender o emaranhado de relações que torna algo dizível” (RODRIGUES, 2017, p. 26) Ao selecioná-la, percebi como ela funciona em articulação com outras ferramentas conceituais: *poder-saber*, *verdade* e *posições de sujeito*, as quais descrevo a partir de agora.

Ao acionar essa primeira ferramenta, entendi que o discurso, “ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, nos constitui como sujeitos” (SILVA, 1996, p. 195). Ao funcionar como um discurso, o currículo forma sistematicamente os objetos de que fala, estando também diretamente implicado na produção de posições de sujeito específicas. Conforme mostra Paraíso (2010a, p. 43), “ao atribuímos a condição discursiva a um currículo”, estamos admitindo que “o discurso divulga e fornece uma das muitas maneiras de compreender e interpretar o mundo, de atribuir-lhe sentidos e de nos posicionarmos como sujeitos de determinados tipos” (PARAÍSO, 2010a, p. 43).

Nesse sentido, entendi discurso em sua positividade (FOUCAULT, 2014a), naquilo que ele produz. À vista disso, ele é mais do que um conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), sendo percebido em sua prática e efeitos. O discurso “é uma prática produtiva tensionada por lutas” cujo desempenho “incita, ativa, produz e recria, ao mesmo tempo que controla, seleciona, regula e exclui a produção, a circulação e a apropriação dos enunciados” (PARAÍSO, 2010a, p. 41). Dada essa característica, o discurso “não se refere exclusivamente a texto letrado; os discursos têm materialidade: artefatos e

práticas também são discursos que nos contam algo” (COSTA, 2000, p. 76), podendo ser comparados a “histórias que, encadeadas e enredadas entre si, se complementam, se completam, se justificam e se impõem a nós como regimes de verdade” (VEIGA-NETO, 2000, p. 56).

Um regime de verdade é, por sua vez, sempre constituído por discursos que funcionam como verdadeiros através de mecanismos, sanções, técnicas e procedimentos. A verdade é, então, uma produção deste mundo como resultado de múltiplas coerções, é um “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2017a, p. 53). Nesse entendimento, não há verdade a ser desvendada ou descoberta e, sim, aquele discurso que é aceito e autorizado, em determinado tempo histórico, pela sociedade, circulando como verdadeiro. A verdade é constituída, inventada através das correlações de forças, de uma política do verdadeiro. Por isso, é possível dizer que é no discurso que se produzem as verdades e os sujeitos. O discurso não se reduz à representação da realidade preexistente, ele “produz aquilo que nomeia, caracteriza, conceitua; ele produz os sujeitos e os objetos sobre quais ele fala; e é, portanto, produtor da própria ‘realidade’” (PARAÍSO, 2010a, p. 41).

São esses efeitos produtivos que me interessam no discurso. Dessa forma, a partir dessas características, é possível dizer que um currículo é um discurso, uma vez que, segundo Paraíso (2010), esse “tem efeitos produtivos sobre aquilo que fala”. O currículo “inclui e exclui, mostra, torna visível, hierarquiza, cria objetos e modela a ‘realidade (...) divulga modos de vida” (PARAÍSO, 2010a, p. 42). Está diretamente envolvido no “jogo da produção de verdade” (PARAÍSO, 2010a, p. 42). É possível identificar, no currículo, “enunciações, conceitos, posições de sujeito, relações de poder, significados e representações” (PARAÍSO, 2010a, p. 42). É importante dizer que, seja qual for o currículo, ele pode ser analisado como um discurso que tem como objetivo fazer circular o que é considerado válido de ser ensinado e replicado, aquilo que é verdadeiro e adequado na constituição dos sujeitos em meio a relações de poder. Destacar o funcionamento do currículo é importante, à medida que questionamos seus modos de atuação para interpelar os sujeitos e seus respectivos modos de vida.

O interesse pela perspectiva de currículo como discurso se dá porque ele incide diretamente nos processos de subjetivação, entendidos aqui como processos “heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo” (ROSE, 2001a, p. 36). Por conseguinte, entendo que não existe subjetividade *a priori*, ou mesmo constituída de uma vez por todas, mas, sim, que ela é forjada nos discursos que a produzem. Isso porque os discursos operam para fabricar sujeitos de um

determinado tipo e governar as suas condutas (PARAÍSO, 2007). O sujeito é, assim, um efeito do discurso, um efeito que é sempre provisório, contingente. Nessa perspectiva, operei, nesta tese, com o conceito de posições de sujeito, porque ele traz, para a categoria sujeito, uma expressão mais móvel, fluida, inacabada. É desse modo, portanto, que compreendi as posições de sujeito *barebackers* analisadas nesta tese.

As posições de sujeito se constituem como um espaço disponibilizado discursivamente. É no discurso que encontramos modos de constituição do sujeito. Essas posições “tornam possíveis nomeá-lo, categorizá-lo, atribuir-lhe uma função, restringir e incentivar suas práticas, seus discursos e suas ações” (PARAÍSO, 2007, p. 68). Na medida em que “um único e mesmo indivíduo pode ocupar (...) diferentes posições” (FOUCAULT, 2008, p. 105), considerei que essas posições se definem pela “situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”, bem como em relação a uma “rede de informações” disponíveis para ele num dado momento (FOUCAULT, 2008, p. 58). Em termos teórico-metodológicos, isso significa que, ao analisar o funcionamento do *currículo bareback*, o sujeito foi “investigado como unidade compacta e indivisível, mas que será compreendido a partir das diferentes posições discursivas que [os indivíduos] podem ocupar em variados momentos” (MEIRELES, 2017, p. 35).

Considerarei, portanto, que “cada um de nós ocupa sempre uma posição numa rede discursiva de modo a ser constantemente ‘bombardeado’, interpelado, por séries discursivas” (VEIGA-NETO, 2000, p. 57). São esses posicionamentos denominados “posições de sujeito”, isto é, aquelas “posições discursivas (...) que literalmente constroem o sujeito, na mesma operação em que lhe atribuem um lugar discursivo” (LARROSA, 1994, p. 66). No momento em que se cria uma “posição de sujeito”, produzem-se um “locus de subjetivação”, um “lugar no interior do qual um sujeito pode surgir” (ROSE, 2001a, p. 148). Esse lugar é “constantemente reaberto”, pois não há um sujeito identificado permanentemente ou exclusivamente a um “mesmo espaço discursivo” (ROSE, 2001b, p. 149). Desse modo, produz-se um sujeito de um discurso que se trata de uma posição que alguém ocupa a partir de uma discursividade (FOUCAULT, 2008). Procurei apresentar, nesta tese, como os indivíduos são constantemente incitados a ser de certos modos em uma rede produtiva do poder, a ocupar diferentes posições de sujeito que vão sendo demandadas no *currículo bareback*. Mostrei, ainda, o que estava dito e escrito e os efeitos produzidos pelos discursos em termos de produção de posições de sujeito.

O currículo como discurso tem, portanto, pretensões de verdade as quais demandam e disponibilizam posições de sujeito específicas. Esse entendimento de currículo é um daqueles que amplia a concepção desse artefato como um conjunto de disciplinas e conteúdos a serem estudados, pois ele se desdobra em diferentes pedagogias com capacidade de governar condutas e produzir posições de sujeito. Assim, é possível localizar pedagogia em espaços não-escolares nos quais nos “ensina[m] comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, considerados adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2001, p. 144). Dessa forma, essas pedagogias governam, pois são acionadas técnicas e procedimentos para dirigir condutas e produzir sujeitos de determinados modos. Compreende-se que “a coordenação e a regulação das pessoas não se dá apenas pelos discursos circulantes nos espaços pedagógicos institucionalizados como as escolas e seus similares” (COSTA, 2005, p. 144). Ampliar as discussões acerca desses currículos que se multiplicam demandando outros modos de subjetivação e posições de sujeito só é possível a partir de uma articulação com uma analítica do poder. Isso porque, para Foucault (2003, p. 140), “a prática do discurso não é dissociável do exercício do poder”.

O poder não é entendido aqui como aquele que emana de um centro ou algo unilateral. Desse modo, é necessário perceber que ele se exerce “concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas” (FOUCAULT, 2017a, p. 42). O poder constitui “uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social” (FOUCAULT, 2017a, p. 45), inclusive o ciberespaço. Nesse espaço, desenvolve-se “uma nova estratégia geral de funcionamento do poder que se vale de novos meios tecnológicos para ser exercido” (ALVES, 2017, p. 174).

O poder se manifesta através das relações, é uma “multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e [são] constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte” (FOUCAULT, 2014a, p. 100). Pode ser entendido também como “um modo de ação de alguns sobre alguns outros” (FOUCAULT, 2014b, p. 132). Ele é muito mais que uma instância negativa, é uma rede produtiva que “produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2017a, p. 45). Por não ter apenas caráter repressivo, é possível àquele/a sobre o/a qual o poder se exerce ter capacidade de ação e de reação. Logo, podemos entender que o poder não emana de um centro ou de apenas um lado, porque o poder “é menos da ordem do enfrentamento entre dois adversários” (FOUCAULT, 2017a, p. 45) e mais sobre “estruturar o campo de ação eventual dos outros” (FOUCAULT, 2014b, p. 133).

Esse conceito foucaultiano tomado como ferramenta me permitiu perceber as relações de poder, produzindo, inclusive, o *currículo bareback* como discurso que não somente nomeia, mas tem efeitos produtivos sobre aquilo que significa. Conforme mostra Paraíso (2010a, p. 41), “trabalhar com essa concepção de discurso é entender que qualquer texto cultural tem vínculos com o poder e que participa da luta para se fazer verdadeiro”. Percebeu-se, a partir dessa compreensão, a eficiência das pedagogias culturais, pois essas se constituem como discurso. Em referência a essa eficiência, Meyer, Klein e Andrade (2007, p. 226) destacam que “cada cultura estabelece, em diferentes tempos, quais são as formas aceitáveis e permitidas de se obter prazer sexual, a quem esse prazer está facultado e o que ou quem pode ser colocado como foco de nossos desejos”. Nesse segmento, analisei o funcionamento do *currículo bareback* como um discurso que luta para se fazer verdadeiro produzindo modos específicos de se obter prazer sexual e incidindo de modo mais proeminente na condução da conduta de homens que fazem sexo com homens.

Ainda para Foucault (2014b; 2017a), a compreensão das relações de poder não pode ser dissociada das relações de saber. O autor recusa a ideia de que, para constituir um saber, seria necessário suspender relações de poder. Para ele, saber e poder estão mutualmente implicados, de modo que “[...] não há relações de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2014c, p. 31). Dessa forma, não há um sujeito externo a essas relações as quais constituem os possíveis campos de conhecimento. Nesse entrelaçamento entre saber e poder, o poder não é algo apenas que reprime, impede, mas faz falar: “se ele é forte, é porque produz efeitos positivos no nível do desejo – como se começa a conhecer – e também no nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 2017a, p. 239). Como efeito das articulações entre poder e saber, Foucault (2003, p. 8) afirma que as práticas sociais podem chegar a “engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos”. São esses aparecimentos que também procuro mostrar nesta tese, ao analisar o funcionamento do *currículo bareback*.

Na concepção de currículo como discurso, entende-se que ele é “produzido por relações de poder-saber” (PARAÍSO, 2010a, p. 42), que se inscrevem no comportamento dos sujeitos, nos seus modos de ser. O sujeito é, pois, uma produção dos currículos, os quais produzem modos de agir e modos de condução, pois estão centralmente envolvidos com a condução da vida (PARAÍSO, 2010a). O envolvimento do currículo com a produção de sujeito é destacado

também por Sandra Corazza e Tomaz Tadeu (2003, p. 38), quando afirmam que “todo currículo quer modificar alguma coisa em alguém” e se constitui num campo tenso das relações de poder-saber. O que está aí implicado também são as ações de resistência frente a esse poder que quer ditar uma determinada maneira de ser, de agir e de se conduzir. Assim, “a produtividade das articulações entre saber e poder no sentido da constituição de diferentes posições de sujeito dá-se, numa perspectiva foucaultiana, no discurso” (CUNHA, 2011, p. 55). Aqui, volto minha atenção para o funcionamento do *currículo bareback* que, como discurso, demanda posições de sujeito específicas.

Atentar ao funcionamento de um currículo significa tanto explicar que os processos de subjetivação se dão de forma interessada, não natural ou fixa, como que as posturas divulgadas como adequadas são construídas e, portanto, podem ser contestadas e modificadas. Se um currículo demanda certos tipos de sujeito, com todos os imperativos que lhe são inerentes, nas relações de poder, estão contidas também as resistências. Todas as suas prescrições serão sempre negociadas, contestadas, vividas de diferentes formas, de modo que é “possível se deslocar, de uma maneira ou de outra, algumas vezes contra os efeitos de dominação que podem estar ligados às estruturas de verdade ou às instituições encarregadas de verdade” (FOUCAULT, 2017b, p. 274).

Conforme mostra Foucault, uma prática discursiva “não se manifesta somente em uma disciplina de *status* e pretensão científicos” (FOUCAULT, 2008, p. 200, grifo do autor), pelo contrário, “encontramo-la igualmente empregada em textos jurídicos, em expressões literárias, em reflexões filosóficas, em decisões de ordem política, em propósitos cotidianos, em opiniões” (FOUCAULT, 2008, p. 200). No contexto em que esta pesquisa se inscreve, é possível, portanto, dizer que podemos localizar práticas discursivas também no ciberespaço, assim como fiz nesta tese, ao localizar e mostrar nele o funcionamento do *currículo bareback*.

É certo que as práticas discursivas mais amplas, diferentemente daquelas científicas, não “impõem um certo número de regras formais” (FOUCAULT, 2000, p. 111). Assim, por não se constituírem como uma “ciência, com uma estrutura de idealidade definida; seu sistema de relações é, certamente, menos estrito” (FOUCAULT, 2008, p. 203). Dadas essas características que diferenciam os discursos científicos das demais práticas discursivas, o primeiro pode exercer-se com mais efeito de verdade sobre os demais. Conforme afirma Foucault (1996, p. 18), o discurso científico, por ter uma “verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional [], tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”.

Além das regras que conferem ao discurso científico o status de verdadeiro, há “muitos outros procedimentos de controle e de delimitação” (FOUCAULT, 1996, p. 21), de maneira que se pode notar “uma espécie de desnivelamento entre os discursos” (FOUCAULT, 1996, p. 22). Dessa forma, os discursos não circulam das mesmas maneiras e com efeitos de verdades idênticos.

Mesmo que Foucault trace essas considerações em suas análises, o que nos leva a entender que alguns discursos adquirem mais efeitos de verdade que outros, é o fato de que o discurso deixa de valer pelo que é, ou pelo que faz, passando a valer mais pelo que diz²⁵ (FOUCAULT, 1996), visto que, ao dizer, ele produz. Produz saberes, verdades, sujeitos, produz aquilo de que fala. É também inventivo, fabricado e luta para se tornar verdadeiro, mesmo que com regras e procedimentos diferentes. Ao analista do discurso cabe a função de mostrar as relações de poder produzindo o discurso, como ele atua e funciona, pois todo discurso tem “sua forma de regularidade e, igualmente, seus sistemas de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 68).

São as regras de um discurso, quando postas em ação em um momento dado, que “explicam que tal coisa seja vista (ou omitida); que ela seja enfocada sob tal aspecto e analisada em tal nível; que tal palavra seja empregada com tal significação e em tal tipo de frase” (FOUCAULT, 2000, p. 114). Mostro, nesta tese, por exemplo, como um determinado uso de palavras é mobilizado no *currículo bareback* para produzir outros significados sobre sexo prazeroso ou adquirir e transmitir o hiv. Nesse sentido, ao investigarmos aqui o funcionamento desse currículo como discurso, estou atento às suas regras, ao que ele diz, à sua produtividade. Esse discurso se constitui em relação direta com o discurso da prevenção que está inscrito em signos de cientificidade. Dessa maneira, os efeitos de verdade desse último, certamente, não são os mesmos que aqueles do *currículo bareback*. As estratégias, as técnicas e os modos de funcionamento não se dão da mesma maneira. No entanto, conforme indica Foucault (2014, p. 110), “não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e dominado”, mas o oposto “como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes”

²⁵ Em “A ordem do discurso”, Foucault (1996) fala de uma inflexão como o discurso passa a ser entendido. *Deixar de valer pelo que é* diz da não separação entre discurso verdadeiro ou falso, como também o discurso deixa de valer como aquele pronunciado pelo rei, sendo este um indivíduo de direito porque reinava. Já quando Foucault afirma que o discurso *deixa de valer pelo que faz*, ele faz referência aos rituais e julgamentos do rei que fazia com que seu discurso não somente anunciasse o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização. Foucault entende que não se trata mais desse modo de funcionamento do discurso, por isso, o foco agora é no que *diz* determinado discurso. Para mais detalhes, ver Foucault (1996).

(FOUCAULT, 2014a, p. 110). Assim, o que me interessa nesta tese são os efeitos do discurso, seus modos de funcionamento.

Nesse sentido, o discurso científico também não deve escapar das análises. Como nos ensinou Foucault, devemos analisar “as condições de existência de uma ciência” e “estabelecer a semântica e a sintaxe de um discurso científico” (FOUCAULT, 2000, p. 115). Para o autor, é legítimo descrever “as formas de proposições que ela [a ciência] reconhece como válidas, os tipos de inferência aos quais ela recorre”, assim como “as regras que ela se dá para ligar enunciados uns aos outros ou para torná-los equivalentes, as leis que ela coloca para reger suas transformações ou suas substituições” (FOUCAULT, 2000, p. 115). Não se trata aqui de desqualificar a ciência, nem de questionar sua validade, mas de observar as relações de poder, tanto de formação, de funcionamento e seus efeitos de verdade, como suas relações com os outros discursos, como o *bareback*, que pode entrar em convergência em alguns momentos e em oposição em outros. Em síntese, no que se refere ao discurso, o que busco é “determinar seu nível de funcionamento e eficácia; (...) definir seus pontos de aplicação” (FOUCAULT, 2000, p. 112).

Conforme mostrei neste tópico, por meio da ferramenta teórica “discurso”, em articulação com as demais ferramentas “saber-poder”, “verdade” e “posições de sujeito”, percebeu-se que o *currículo bareback* se constitui em um discurso que precisa ser analisado, portanto, em sua capacidade de conduzir condutas e produzir sujeitos, em meio a relações de poder. O *currículo bareback*, como todo currículo, encontra-se implicado em processos de regulação de condutas, através de saberes específicos que “circunscrevem aquilo que pode ser pensado sobre essas condutas” (SILVA, 2003, p. 191). Para tanto, nesse currículo, selecionam-se, sugerem-se e também se produzem significados sobre a prática sexual sem preservativo, sobre prazer e sobre masculinidades²⁶. Prescrevem-se saberes, modos de ser, de pensar e agir, indicando formas de pensamentos, valores, exercícios e atitudes que precisam ser praticados para se constituir como *barebacker*. O *currículo bareback* aqui analisado estabelece, pois, relações com a sexualidade e o com o gênero, tomados como ferramentas teóricas acionadas para tecer e analisar o currículo investigado.

²⁶ Discorro sobre os sentidos de masculinidade produzido nesse currículo na subseção “Gênero”, logo após o próximo conceito apresentado: Sexualidade.

1.2.2 Sexualidade

Os conceitos de ‘sexo’ e de ‘sexualidade’ são conceitos intensos, sobrecarregados, ‘ardentes’, que colocam facilmente à sombra os conceitos que se avizinham (FOUCAULT, 2014b, p. 12).

Compreendo sexualidade, nesta tese, como um “conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa” (FOUCAULT, 2014a, p. 139). Dispositivo, por sua vez, foi entendido como um conjunto heterogêneo que engloba “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2017a, p. 364), de maneira que o “dito e o não dito são os elementos do dispositivo” (FOUCAULT, 2017a, p. 364). Isso significa dizer, com base nos estudos foucaultianos, que a sexualidade é produzida em meio a complicadas relações de poder, saber e prazer, mutuamente implicados. Para melhor entender a relação entre esses elementos, é necessário ater-se ao movimento de expressão do sexo, da obstinação em arrancar desse a verdade, desencadeado no Ocidente, nos séculos XVIII e XIX, no qual proliferou uma vontade de saber “que atravessa toda a nossa relação com o sexo” (FOUCAULT, 2014b, p. 3). Trata-se de uma vontade de saber imperiosa, que nos envolve de modo que não perguntamos apenas sobre a verdade do sexo, mas perguntamos ao sexo sobre nossa própria verdade.

Conforme defende Halperin (2007, p. 3-4, tradução minha), Foucault “elaborou uma abordagem radicalmente política da sexualidade”, redefinindo-a “como elemento necessário interno ao funcionamento do estado liberal moderno e seus sistemas de poder”. O autor destaca ainda que a compreensão política foucaultiana de sexualidade enfatizou a “operação impessoal dos discursos, instituições e práticas sociais semelhantes”, concedendo, assim, “pouca importância ao funcionamento da interioridade individual e deliberadamente deslocando abordagens rivais que localizavam a sexualidade no núcleo do sujeito humano” (HALPERIN, 2007, p. 3-4, tradução minha). A partir desse conceito foucaultiano, compreende-se a “sexualidade como um aparato social de produção de conhecimento e, de fato, de geração de certo tipo de verdade sobre os sujeitos humanos” (DEAN, 2018, p. 142, tradução minha). Foi com essa compreensão que analisei o funcionamento do *currículo bareback*, percebendo-o inscrito, produzido e regulado no dispositivo de sexualidade. Desse modo, não procurei focar nos indivíduos que praticam o sexo *bareback*, mas busquei mostrar uma atuação discursiva

produzindo, por meio de relações de poder-saber, posições de sujeito específicas e verdades sobre o prazer, sobre práticas sexuais, saúde, risco e segurança. Assim como Foucault destacou a impessoalidade do discurso, ao operar com esse conceito na perspectiva curricular, também não personifiquei o currículo.

O conceito de sexualidade em Foucault possibilita afirmar que ela é historicamente produzida, o que permite depreender que “a experiência do sexo, bem como sua organização social e significado, muda com o tempo e entre diferentes culturas” (DEAN, 2018, p. 141, tradução minha). A prática sexual *bareback* é, pois, também produzida como efeito dos discursos que emergem da cultura no nosso tempo. Trata-se de um tempo marcado por relações de poder que fazem como se fosse indispensável “que o sexo seja inscrito não somente numa economia do prazer, mas, também, num regime ordenado de saber” (FOUCAULT, 2014a, p. 78).

Trata-se de um regime ordenado de saber que historicamente tem colocado em funcionamento um dispositivo de sexualidade cuja razão de ser não é simplesmente uma repressão, mas que apresenta, sobretudo, características produtivas. O dispositivo de sexualidade foi constituído pela obstinação em colocar o sexo no discurso de fabricação de uma ciência da sexualidade, marcado pela junção das técnicas de confissão cristã (com suas transformações) e uma racionalidade científica, com procedimentos específicos para a produção de discursos verdadeiros sobre a sexualidade. Aquilo que Foucault (2014a) chamou de *scientia sexualis* está inserido “no contexto de um cuidado crescente com a vida, e faz do sexo um objeto de interesse público de tal forma a concernir simultaneamente ao indivíduo e ao Estado” (FONSECA, 1994, 65). Trata-se de uma vontade exaustiva em fazer falar, escutar e armazenar saber sobre o sexo. Isso se reverbera e se atualiza, sendo possível perceber um cuidado, vigilância e controle incessantes sobre a sexualidade. É preciso governar as condutas sexuais, dizer sobre elas. Assim, as práticas sexuais – entre elas, a prática *bareback* - são também objeto de conhecimento e compõem esse cuidado crescente com a vida. A partir da história da sexualidade delineada por Foucault, percebemos, portanto, que “as pessoas sempre fizeram sexo; entretanto, a sexualidade emergiu historicamente à medida que o prazer erótico se tornou algo não apenas para experimentar, mas também para compreender, interpretar e categorizar” (DEAN, 2018, p. 142, tradução minha).

A conduta sexual da população passou a ser objeto de análise, esquadramento e intervenção, quando se passou a considerar a população nas estratégias de governo. Pretendeu-se, então, controlar os discursos sobre o sexo. A instituição pedagógica, a medicina, a

psiquiatria e a justiça penal irradiaram discursos em torno do sexo. O cotidiano da sexualidade e suas infirmitades tornaram-se objetos de ação, intervenção e exame. Os discursos “sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício” (FOUCAULT, 2014a, p. 36). A função do poder aqui não é somente de interdição, pois, nesse movimento, ele se organiza em linhas de penetração infinitas, especificando os indivíduos.

O poder toma a seu cargo a sexualidade, “assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos, intensifica regiões; eletriza superfícies, dramatiza momentos conturbados” (FOUCAULT, 2014a, p. 49). Essa explosão discursiva do final do século XVIII e início do século XIX permite o surgimento das sexualidades periféricas, o aparecimento de inúmeras heterogeneidades sexuais, agora submetidas a exames e observações, assim como é, no presente, a prática sexual *bareback*. Isso deve ser entendido como “correlato de procedimentos de poder que agem sobre os corpos e seus prazeres de modo a incitá-los e examiná-los” (FONSECA, 1994, p. 65). Assim, constitui-se uma vontade de saber formada e incutida pelas relações de poder as quais elegem o discurso científico como o lugar de produção da verdade. É através do desenvolvimento de métodos dentro desse discurso que “as relações de poder e saber atuam no sentido de tornar o indivíduo um objeto de conhecimento para si próprio e para os outros” (FONSECA, 1994, p. 75). Isso é importante para se reiterar o entendimento de que, como já mencionado na subseção anterior, os efeitos de poder e saber não se reduzem à repressão.

Vê-se instaurar uma relação entre poder e prazer em que “o corpo, enquanto lugar da sexualidade, torna-se objeto de conhecimento” (FONSECA, 1994, 68). A imagem de “perpétuas espirais de poder prazer” (FOUCAULT, 2014a, p. 50) evidencia que prazer e poder não se anulam, não estão de lados opostos, mas seguem entrelaçados através de “mecanismos complexos e positivos” (FOUCAULT, 2014a, p. 54). Se, por um lado, o poder é seduzido pelo prazer de questionar, fiscalizar, espreitar, espiar, investigar, apalpar e revelar, por outro lado, temos o prazer “que se abrasa por ter de escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo” (FOUCAULT, 2014a, p. 50). O poder é invadido pelo prazer que persegue e, ao mesmo tempo, há um “poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar-se ou de resistir” (FOUCAULT, 2014a, p. 50). Mesmo que o poder regule, interdite e defina quais sexualidades são inteligíveis, prazeres específicos proliferam-se arriscando e escapando dessas regulações, interdições e dos regimes de inteligibilidade. É assim que as relações de poder e prazer também constituem as práticas sexuais como o *bareback*. O poder aqui questiona, fiscaliza, espreita,

espia e investiga essa prática, mas em relação a ela emergem um prazer e uma sexualidade disparatada, característicos do *barebacker*, já que este resiste àquilo que é considerado seguro, saudável e normal.

Além dessa relação com o prazer, com os propósitos de interdição, o sexo tornou-se objeto de verdade. Constituiu-se em “torno do sexo e a propósito dele um imenso aparelho para produzir a verdade, mesmo que para mascará-la no último momento” (FOUCAULT, 2014a, p. 63). E, se estamos no campo da verdade, estamos no campo da subjetividade, no sentido que a verdade tem um poder subjetivador, visto que é em relação a uma verdade que vamos nos constituindo sujeitos de certos modos. Para isso, é necessário que nós nos identifiquemos com ela. Se é a verdade que confere sentido, se ela confere intelegibilidade, se é ela que dá acesso a nós mesmos/as, ela subjetiva. Então é nesse sentido que o poder produz subjetividade. Mas o poder não pode produzir subjetividade sem verdade, de modo que “a verdade está ligada circularmente a sistemas de poder que a produzem e a sustentam, e a efeitos de poder que ela induz e que [a] reconduzem” (FOUCAULT, 2014b, p. 34). Podemos, assim, analisar os efeitos do discurso, o qual, quando é investido historicamente de um teor verdadeiro, produz “efeitos de poder, estatutando regras para governo das pessoas, dividindo-as, examinando-as, adestrando-as, sujeitando-as” (CANDIOTTO, 2006, p. 70).

Se a subjetividade é produzida e não pode ser sem que exista uma relação com a verdade, “é preciso armar-se de discursos verdadeiros para que haja subjetivação” (CANDIOTTO, 2006, p. 73). Isso deixa a entender que uma subjetividade sempre se constitui numa relação com a verdade. Para Foucault, não há uma natureza humana ou um sujeito dado *a priori*, sobre os quais poderíamos nos apoiar para compreender as relações sociais. Podemos, pois, compreender como, em diferentes contextos sociais e políticos, se constituem as nossas subjetividades.

Essa perspectiva esboçada até aqui tem implicações para a forma como exploro a sexualidade nesta tese. Ao me aproximar de uma problematização acerca da prática sexual *bareback*, é necessário considerar o contexto histórico específico em que ela está inserida, apreendendo as várias relações de poder, saber e prazer que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal, anormal, seguro, arriscado, prazeroso, emocionante, letal, saudável, correto, desviante, aceitável e inaceitável. Nessa compreensão, considero que a sexualidade é resultado de um “investimento político sobre a vida que possibilita a constituição do indivíduo enquanto objeto e sujeito” (FONSECA, 1994, p. 77). Todo desejo, pensamento e ato relacionado aos prazeres sexuais são submetidos a uma análise criteriosa por uma ciência

sexual. A sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais “com a nossa subjetividade (quem e o que somos) e com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo)” (WEEKS, 2015, p. 52). A conexão entre essas duas preocupações diz do vínculo entre elas com o corpo e suas potencialidades, lugar de investimento do poder sobre a vida, um poder que produz verdades sobre “os sujeitos e as práticas que são bons ou que são maus, integrados ou desintegrados, produtivos ou prejudiciais para o conjunto da sociedade” (LOURO, 2009, p. 86).

Tornou-se importante, portanto, como estratégia, saber como cada um vivencia sua prática sexual, sendo, assim, possível, classificar, hierarquizar e, havendo necessidade, corrigir a sexualidade. Como efeito dessa classificação e hierarquização, foi permitido produzir tanto a homossexualidade como práticas homoeróticas, como patológicas, em um discurso científico. É um processo que parece prevalecer até o contexto contemporâneo, regulando as práticas sexuais e as relações de sexualidade. É possível ver atuar ainda um dispositivo de sexualidade caracterizado como “uma rede de prazeres e trocas corporais discursivamente construída e altamente regulada, produzida através de proibições e sanções, que bem literalmente, dão forma e direção ao prazer e à sensação” (BUTLER, 2013, p. 98). Tais redes de prazeres são produzidas por relações de poder, as quais não se restringem à obediência. Para haver relações de poder, é necessário que existam indivíduos livres “e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis” (FOUCAULT, 2014b, p. 133). Assim, os sujeitos têm, diante de si, “um campo de possibilidades em que várias condutas, várias reações e diversos modos de comportamento podem apresentar-se” (FOUCAULT, 2014b, p. 134). Dessa maneira, as resistências e as invenções compõem o dispositivo de sexualidade.

Nessa relação com o dispositivo de sexualidade, é possível direcionar o olhar para o *currículo bareback*, considerando a possibilidade de analisar como os sujeitos se constituem por meio das relações de poder, saber, verdade e resistência nas tensões entre a estimulação e interdições às práticas sexuais consideradas arriscadas. Conforme explicitado por Paraíso (2007, p. 54), “o sujeito não se constrói de maneira livre, mas sim por meio de diversos sistemas de restrições e incitações”. É, portanto, por meio de restrições e incitação que o *currículo bareback* também funciona. A prática *bareback* desafia os pressupostos do fazer viver e do investimento político sobre a vida que ditam os modos como devemos nos relacionar com a nossa sexualidade na contemporaneidade. Nesse sentido, há resistência às restrições impostas pelas discursividades que prescrevem o uso compulsório do preservativo, mas, no *currículo*

bareback, também se criam normas e incitações específicas. É por meio das relações de poder, das disputas entre restrições e incitações, que pesquisei a prática *bareback* como uma prática erótica contemporânea importante para problematizar o presente.

Para conhecer e analisar essa prática, o conceito de sexualidade precisou ser acionado como uma importante ferramenta. Junto a isso, um outro conceito foi mobilizado para tecer o *currículo bareback* – gênero -, pois entendi que noções gendradas incidem nas práticas sexuais, vez que sexualidade e gênero funcionam de modo articulado.

1.2.3 Gênero

Estou partindo do entendimento de gênero como uma tecnologia social complexa (PRECIADO, 2014). O termo tecnologia, segundo Preciado (2014, p. 147), “remete à *techné*, ofício e arte de fabricar”. Como essa tecnologia, para o autor, está inscrita em relações de poder, gênero é um efeito dessas relações, as quais, em constante negociação, fabricam homens, mulheres, masculinidades, feminilidades etc. A classificação de gênero é uma imposição que vem acompanhada de normas que precisam ser reiteradas. Demanda-se, portanto, que indivíduos representem constantemente o gênero que lhe foi atribuído, mas as representações nem sempre estão precisamente em conformidade com o que determinada norma informa. Nesse sentido, “dizer que o gênero é performativo é dizer que ele é um certo tipo de representação” (BUTLER, 2018, p. 39). Somos, assim, suscetíveis e vulneráveis às suas normas, mas somos nós também que podemos recusá-las, revisá-las ou inaugurar novas formulações de gênero.

O gênero não está apenas na ordem da performatividade, sendo, “antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos” (PRECIADO, 2014, p. 29). Nessa concepção, o próprio sexo é, desde o princípio, normativo. O sexo é um efeito histórico das normas regulatórias que o materializam e é, ao mesmo tempo, uma norma. Ele compõe uma prática regulatória que atua na produção dos corpos que governa. Essa força regulatória exerce um poder produtivo de “demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla” (BUTLER, 2015, p. 154). A materialização do sexo obedece a uma reiteração forçada de determinadas normas: “as normas regulatórias do sexo trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2015, p. 154). O sexo é uma das normas pela qual se afirma a viabilidade dos indivíduos e qualifica seus corpos

como inteligíveis. Nesse sentido, interessa o seu entendimento não como local ou superfície de concretização, mas levando em conta “um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície – daquilo que nós chamamos matéria” (BUTLER, 2015, 163). Esse entendimento de sexo faz compreender que a “performatividade de gênero não pode ser teorizada separadamente da prática forçosa e reiterativa dos regimes sexuais regulatórios” (BUTLER, 2015, p. 170).

O sexo e o gênero orquestram nossa vida, de modo que não podemos nos constituir sujeitos sem uma relação com seus instrumentos de poder. Trata-se de um regime que não somente requer a reiteração de atos performativos concernentes ao sexo de nascimento, mas também pressupõe uma heterossexualidade compulsória. Desse modo, sexo, gênero e sexualidade estão intrinsecamente articulados. Butler (2003) mostra que, nas práticas culturais contemporâneas, há uma demanda para que os corpos sigam uma linha coerente entre sexo – gênero – desejo e prática sexual.

Essa linha coerente trata-se de uma tecnologia de subjetivação que pretende normalizar os sujeitos, construí-los de determinada maneira. Essa tecnologia põe em funcionamento, primeiramente, o discurso biológico de que existem apenas dois sexos considerados naturais e dados, sendo eles macho e fêmea. Isso passa a ser considerado e reiterado como verdade inquestionável e incide na percepção social de gênero dos indivíduos, ou seja, na maneira como se constroem masculinidades e feminilidades com base no sexo. Dando sequência a esse binômio, investe-se também na constituição correlata de uma sexualidade para que esses corpos correspondam às normas regulatórias. Dessa forma, os corpos construídos dentro desses parâmetros como masculinos e femininos deverão desejar respectivamente seus opostos, instituindo aí, de forma compulsória, uma heterossexualidade e os gêneros inteligíveis, os quais “são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2003, p. 38). A partir dessas formulações teóricas, pode-se afirmar que “os papéis e as práticas sexuais, que naturalmente se atribuem aos gêneros masculinos e feminino, são um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre outro” (PRECIADO, 2014, p. 26).

Tal conjunto arbitrário de regulações incide sobre todos/as, sejam heterossexuais ou não, e institui a heteronormatividade que “especifica a tendência no sistema ocidental contemporâneo referente ao sexo-gênero de considerar as relações heterossexuais como a

norma, e todas as outras formas de conduta social como desviações dessa norma”²⁷ (SPARGO, 2004, p. 86, tradução minha). Pode-se entendê-la, ainda, como um “enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo” (PINO, 2007, p. 160). A heteronormatividade tem efeitos na “produção/maquinação de uma homonormatividade – uma norma homossexual” (POCAHY, 2008, p. 2), caracterizada por evidenciar “outras formas de exclusão e/ou de manutenção das regulações em torno dos binarismos de gênero e da sexualidade tida como normal” (POCAHY, 2008, p. 2). Nesse sentido, entendo que a homonormatividade está em articulação com a heteronormatividade, “na medida em que quanto menos uma performatividade de gênero ameaça os códigos tradicionais de masculino e feminino mais circulação e aprovação social parece poder contar” (SILVÉRIO JUNIOR, 2013, p. 17). Essas normas incidem e constituem a prática sexual *bareback*. Argumento que normas de gênero atuam, regulam e governam condutas no *currículo bareback* e mostro, nas análises aqui empreendidas, como elas se atualizam, se modificam, se reiteram e ganham efeitos de verdade a partir das prescrições desse currículo.

Além disso, historicamente, a prática *bareback* se constitui vinculada a uma valorização de corpos de homens masculinizados. Conforme mostra Dean (2009, p. 32, tradução minha), “não é que todos os homens sejam iguais (longe disso), mas que todos sejam tratados como homens”, de maneira que os envolvidos nessa prática “querem não apenas sêmen, mas homens”. Desse modo, “o sexo *bareback* parece especialmente atraente quando associado a imagens de hipermasculinidade” (DEAN, 2009, p. 11, tradução minha). Como é uma atividade que, de algum modo, envolve riscos, o discurso normativo de masculinidade parece favorecer que as incitações ao envolvimento nessa prática sexual sejam correspondidas por homens que querem performar masculinidades. Ao se engajar nessa prática, “o risco pode ser renovado perpetuamente e a capacidade masculina de tolerar riscos cada vez mais aprimorada” (DEAN, 2009, p. 53, tradução minha). Mas não somente isso, na cultura *bareback*, “o status masculino é alcançado sobrevivendo a um conjunto de provações físicas, incluindo múltiplas penetrações, humilhações, piercings, tatuagens, marcas e infecções. Quanto mais homens te penetrarem, mais homem você se torna” (DEAN, 2008, p. 85, tradução minha). No *currículo bareback*, ensinam-se também modos de ser *barebacker* atrelados à masculinidade.

²⁷ Original em espanhol.

Compreendo que as normas de gênero em atuação no *currículo bareback* estão em articulação com as normas da sexualidade, às vezes de modo contraditório. Por um lado, pode ser entendida como uma prática anti-homonormativa, porque ela rejeita os pressupostos normativos endereçados aos homossexuais, como o casamento, a monogamia e o sexo com preservativo em todas as relações sexuais (DEAN, 2009). Por outro, também é homonormativa, porque essa prática se constitui atrelada à demanda por corpos de homens masculinos e não efeminados. Desse modo, ao mesmo tempo em que contesta algumas normas direcionadas aos homossexuais, entendo que a prática *bareback* está inscrita na cultura homonormativa do nosso presente, a qual valoriza e reconhece a masculinidade em seu sentido hegemônico e “hierarquicamente superior à feminilidade” (MISKOLCI, 2013, p. 317).

Desse modo, quando, nesse currículo, ativa-se, por exemplo, a *pedagogia da masculinização*, como desenvolvo na seção quatro desta tese, entendo que ela se constitui em relação a um desejo de homens que fazem sexo com homens que, mesmo tendo relações sexuais com outros homens, não abrem mão do status de heterossexual. Conforme destaca Miskolci (2013, p. 317), o desejo que guia relações como essa “está na masculinidade padrão corporificada na imagem de um homem plenamente ajustado à ordem heteronormativa”. Pode-se dizer que o “desejo é homoerótico”, dirige-se aos “valores e às práticas de uma masculinidade historicamente construída, alçando-os a uma superioridade em relação aos claramente homossexuais, assim como à partilha do controle sobre as mulheres” (MISKOLCI, 2013, p. 317). No entanto, apesar de a prática *bareback* se constituir contestando a homonormatividade, conforme afirma Dean (2009), distanciando-se, muitas vezes, de uma prática homossexual e mais vinculada a uma prática de HSH sem se considerarem gays, quando analisada da perspectiva do discurso médico e psicológico (HALPERIN, 2007), por exemplo, ela é vista como uma prática gay.

Nesse sentido, no *currículo bareback*, gênero e sexualidade aparecem imbricados constituindo as verdades, os saberes e as posições de sujeito através de relações de poder, as quais procuro mostrar ao longo desta tese. Nas disputas curriculares que aqui analiso, é instaurada uma série de sentidos e significados sobre a prática *bareback*, discursos diversos cruzam o currículo analisado conferindo um caráter contingente não somente do discurso *bareback*, mas também desses outros discursos.

Considerei, inicialmente, com base nas teorias pós-críticas de currículo, a vinculação entre currículos e culturas. Busquei, ao entender o ciberespaço como um lugar pedagógico e de divulgação de culturas diversas, localizar como a prática *bareback*, considerada um tipo de

cultura, estava ali presente constituindo-se como sistema de significação. A partir dessas observações, foi necessário investigar se havia uma cultura *bareback* no ciberespaço, em que locais específicos ela aparecia, como e de que modo se manifestava. Assim, entrei no ciberateliê, no qual observei essa cultura, utilizando, para isso, recursos da netnografia. O ciberateliê é o ateliê no ciberespaço onde trabalham os/as artesãos/ãs, artistas e tecelões/ãs que operam com a análise dos tecidos da cibercultura. Esse foi o meu local de trabalho, onde, com a ajuda das ferramentas teóricas anteriormente destacadas, pude localizar e observar o funcionamento do *currículo bareback*, recolher ditos que aos poucos me ajudaram a definir a tessitura aqui empreendida. Ao entrar nesse ciberateliê, percebi que precisava também de outras ferramentas para tecer o *currículo bareback*, as metodológicas, que passo agora a detalhar.

1.3 No ciberateliê: puxando fios do emaranhado da rede da cibercultura e acionando algumas ferramentas metodológicas

Ao pesquisar sobre o funcionamento do *currículo bareback*, estive interessado nos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos. Pensar nossa cultura na atualidade implica pensar a cibercultura. Entendo a cibercultura como “conjunto de práticas, atitudes, de significados, de símbolos, de modos de pensamento e de valores produzidos, experimentados e compartilhados no ciberespaço” (SALES, 2014, p. 232). Os modos como nos relacionamos estão de alguma maneira constituídos por ela, de modo que podemos falar em “desejos digitais” (MISKOLCI, 2017), “sexualidade ciborgue” (SALES, 2018), “sociabilidade ciborgue” (FERREIRA, 2017), “juventude ciborgue” (AGUIAR, 2017; EVANGELISTA, 2016; SALES, 2010) e “posição de sujeito ciborgue” (SILVA, 2018), “enfermeira ciborgue” (VARGAS, MEYER, 2005), “aprendizagem ciborgue” (SILVA, 2016) e “currículo ciborgue” (SALES, 2013; GREEN, BIGUN, 2003). Na contemporaneidade, estamos em “uma íntima e intensiva conexão com as tecnologias digitais” (SALES, 2018, p. 86), por meio das quais se “pavimentaram condições renovadas e ampliadas de resistência permitindo a construção de inéditas redes de desejo” (MISKOLCI, 2017, p. 92). Por isso, interesse-me, nesta tese, em analisar o funcionamento de um currículo no ciberespaço, considerando a relação entre sexualidade e cibercultura.

Na contemporaneidade, o processo de constituição de sujeitos está imbricado com a cibercultura. É também na cultura produzida no ciberespaço que somos educados/as, transformados/as, adquirimos aptidões (MEIRELES, 2017; SALES 2010). Assim, as

estratégias, as técnicas e as tecnologias executadas são atualizadas para atender a seus objetivos, para se adequar, adaptar a toda “arquitetura sedutora de nossa época” (ROSE, 2001b, p. 192). O ciberespaço, na contemporaneidade, compõe essa arquitetura em que também é exercido o poder, em que sujeitos são administrados, governados e subjetivados. Dessa forma, “as novas tecnologias da informação retomam e modificam os dispositivos disciplinares e biopolíticos, dando forma a uma nova tecnologia de poder” (ALVES, 2017, p. 174).

De acordo com Paraíso (2007, p. 52), as “tecnologias são acionadas para governar condutas, produzir sujeitos de determinados tipos, normalizando-os e subjetivando-os”. As práticas produtivas de poder da cibercultura vão constituindo posições de sujeito, porque, no ciberespaço, demandam-se tipos específicos de sujeitos, prescrevem-se modos de ser e agir e saberes são constituídos como verdadeiros. Na cibercultura, não só verdades são produzidas, mas uma variedade de discursos de campos diferenciados é divulgada e disponibilizam-se, em meio a relações de poder-saber, posições de sujeito que convocam homens e mulheres a certas formas de vivenciar a sexualidade, as práticas sexuais, constituindo-os/as como sujeitos de certo tipo. Cada época tem aparatos técnicos e máquinas que “se articulam com os contextos históricos e políticos de uma dada cultura tanto para responder às urgências aí colocadas quanto para oportunizar novos modos de produção de subjetividade” (ZAGO, 2015, p. 151).

Nesse sentido, parti do entendimento de que “pensar as dinâmicas culturais ocorrentes no contexto da internet implica uma reflexão prévia sobre as especificidades desse campo empírico, angulada pelas questões que a problematização da investigação suscita” (BRAGA, 2007, p. 4). Feita essa reflexão, observei que havia uma dupla temática da cultura em articulação com o objetivo desta tese, qual seja, analisar o funcionamento do *currículo bareback* na produção de verdade, saberes e posições de sujeito. A primeira temática faz referência ao local de funcionamento desse currículo: o ciberespaço. Dotado de “condição cultural específica” (GREEN; BIGUM, 2003, p. 209), o ciberespaço é resultado de uma série de transformações e desenvolvimento de novas tecnologias dos últimos tempos, que estão em desenvolvimento constante. Desse modo, aciona-se o termo cibercultura para nomear “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17). A segunda temática, imbricada e entrelaçada ao emaranhado da rede da cibercultura, é da cultura *bareback*, com usos de linguagem, saberes e ditos próprios produzindo significados específicos e conferindo certa inteligibilidade à prática sexual *bareback*. A partir dessas duas temáticas,

percebi a necessidade de mobilizar a ferramenta metodológica da netnografia para continuar trabalhando com o objetivo de tecer o *currículo bareback*.

Os estudos netnográficos surgiram a partir de problematizações da área de marketing e da comunicação. No entanto, diversas pesquisas têm apontado seu uso no campo da educação, partindo do entendimento de que nos constituímos como sujeitos também na e pela internet, de modo que os artefatos culturais disponibilizados nesse espaço também nos educam, constituindo-se como um currículo (SILVA, 2018; EVANGELISTA, 2016; MEIRELES, 2017; SALES, 2010). Dessa maneira, é possível pensar o ciberespaço como um “campo de luta” (SILVA, 2001) o qual, mais do que um espaço propício para disputa de imposição de significados próprios, um lugar efetivamente cultural, é um lugar de “produção incessante de subjetividade” (ZAGO, 2015, p. 152).

O método de pesquisa netnográfico e alguns dos seus sinônimos (etnografia digital, etnografia *on-line*, etnografia na internet, etnografia conectiva, etnografia da rede e ciberetnografia) referem-se aos modos de fazer pesquisa na internet e/ou mediados por computador, a partir de “adaptações do método etnográfico” (POLIVANOV, 2013, p. 65). De todo modo, o termo netnografia foi cunhado para definir uma “prática *online* da etnografia”²⁸ (KOZINETS, 2006, p. 279, tradução minha). O que é possível perceber é que esse modo de fazer pesquisa não significa apenas uma transposição do método da etnografia para as telas, para as redes sociais, para o universo *on-line*. A netnografia, pelo contrário, possui algumas características específicas, não sendo meramente o avanço de um novo método que substitui um anterior, mas “é apresentada como uma forma de trazer em foco tanto os pressupostos nos quais a etnografia é baseada quanto as características que são consideradas especiais no que diz respeito às tecnologias envolvidas”²⁹ (HINE, 1998, p. 1, tradução minha).

Ao utilizar a netnografia, não estive interessado em encontrar um modo pronto para utilizá-la, entendendo que

uma etnografia virtual pode observar com detalhe as formas de experimentação do uso de uma tecnologia, se fortalecendo como método justamente por sua falta de receita, sendo um artefato e não um método protocolar, é uma metodologia inseparável do contexto onde se desenvolve, sendo considerada adaptativa (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 37).

²⁸ Original em inglês.

²⁹ Original em inglês.

Operar com a netnografia, desse modo, é entender que ela é uma metodologia adaptativa, dadas às especificidades de cada pesquisa que a utiliza, considerando que a internet, os aparelhos eletrônicos, os aplicativos, ou seja, tudo que compõe o objeto de pesquisa da netnografia está em mudança constante. Tomando como exemplo as redes sociais de modo geral e duas mais especificamente, o *Twitter* e o *blog* - que compõem o corpo discursivo desta pesquisa -, é possível dizer que elas estão em constante atualização, o que altera seus modos de funcionamento, multiplica suas funcionalidades, de modo que são dispensáveis prescrições rígidas de como operar com essas redes.

A netnografia se constitui a partir dos pressupostos da etnografia, mas atribuindo-lhes novos sentidos e significação, “aplicados ao universo ciberespacial” e para efeitos de “análise da cibercultura” (SALES, 2010, p. 43). Dito de outro modo, a netnografia é utilizada para estudar os “grupos e culturas online” (NOVELI, 2010, p. 115). Nas pesquisas com netnografia, há, pois, um entendimento “da internet como cultura e artefato cultural”, atentando-se para “a inserção da tecnologia no cotidiano e seus significados culturais em diferentes contextos” (PRADO, 2015, p. 181). Isso equivale a verificar que “as tecnologias digitais são artefatos culturais de intensa fusão com a produção de modos de vida, desejos, anseios e prazeres” (SILVA, 2018, p. 39).

Como culturas, estão envolvidas na produção de significados específicos que incidem na forma de experiências variadas, instituindo até mesmo uma “nova economia do desejo” (MISKOLCI, 2017). Miskolci (2017, p. 281) defende que essa nova economia de desejo corresponde aos desejos digitais, os quais envolvem “regulações de gênero que entrelaçam fantasias culturais espalhadas midiaticamente/comercialmente e o desejo de literalizá-las^[30], corporificá-las”. Entendi, portanto, que a prática *bareback*, como cultura organizada, difundida em articulação com a cibercultura, compõe essa nova economia de desejo. Pesquisei e busquei tecer o *currículo bareback* a partir da cibercultura, porque “grande parte do discurso *bareback* ocorre *on-line*, onde as comunidades virtuais se fundem em torno da troca de palavras, imagens e fantasias” (DEAN, 2008, p. 84, tradução minha).

Nesse sentido, como fora mencionado, nesta pesquisa, foi realizada a investigação netnográfica de práticas ciberculturais no blog *blogbarebackbr.blogspot.com* e em três perfis no *Twitter*, a saber: *@bare_putaria*, *@baredeprep* e *@bareback3*. A escolha do blog se deu por ser o único blog brasileiro ativo nas redes sociais abertas com postagens atualizadas constantemente e com grande número de acessos. Já com relação aos perfis no *Twitter*, fiz uma

³⁰ Aqui o autor parece fazer referência ao desejo de colocar em prática essas fantasias às quais ele se refere.

pesquisa para localizar aqueles com mais seguidores, considerando, portanto, perfis que, de algum modo, poderiam incidir mais amplamente na divulgação de verdades e saberes sobre prática *bareback*³¹. Destaco a seguir as características principais das duas redes utilizadas nessa pesquisa: o *Twitter* e o blog. Essa etapa inscreve-se como “observação de diferentes práticas de comunicação e interação no ciberespaço” (SILVA, 2018, p. 41).

1.3.1 O *Twitter* e o blog

Considero a função de descrever o *Twitter* e o blog uma importante tarefa porque percebi que há neles códigos sociais da cibercultura específicos que incidiram nos modos como fui tecendo o *currículo bareback*. Há, dessa maneira, configurações, funções, recursos, linguagem e operacionalização próprios. As características dessas redes evidenciam que somos convocados a lidar com as “dinâmicas interativas que insinuem diretamente nos procedimentos metodológicos” (PELÚCIO, 2015, p. 89). Desse modo, foi necessário conhecer minuciosamente essas redes e suas culturas. Assim, além de considerar o aspecto cultural da prática *bareback* (DEAN, 2009) difundido na internet, precisei ater-me, também, às “características sociais e culturais do ciberespaço” (SILVA, 2018, p. 39).

O *Twitter* é uma “mídia social do tipo microblog” (PINTO, 2011, p. 3) que possibilita a seus/suas usuários/as interagirem com os/as demais a partir de mensagens com o limite máximo de 280 caracteres. Esse modo de funcionamento confere ao *Twitter* a qualidade de ser uma rede voltada para comunicações mais rápidas e objetivas. Como se trata de algo que a diferencia da qualidade dos blogs, considere importante utilizar as duas redes sociais cujas características de funcionamento são diversas. No *Twitter*, as mensagens postadas podem tanto ser disponibilizadas ao público em geral, como podem ser direcionadas a alguém pelo uso do sinal “@” antes do nome do/a usuário/a. Os/as demais usuários/as também podem responder às mensagens postadas, mesmo que direcionadas a outros/as. Ao clicar na mensagem original, é possível acompanhar as conversas que se desenvolveram a partir dela, as quais aparecem em sequência cronológica abaixo da primeira mensagem. Além disso, pode-se acompanhar também se essa mensagem foi *retwitada* e/ou curtida, assim como a quantidade de vezes para cada uma dessas funções. A função *retwitter* trata-se de uma ação de postar novamente um *tweet*, podendo ser feita tanto pelo/a usuário/a original como por seus seguidores/as. Já a função curtir, similar à de outras redes sociais, é utilizada para sinalizar que o/a usuário/a gostou de

³¹ Mostro, nos procedimentos metodológicos, de forma minuciosa, como fiz essas escolhas e como cheguei ao blog e perfis aqui especificados.

uma determinada postagem. Uma outra função muito recorrente nessa rede social é a utilização de *hashtag*. As *hashtags* “são palavras-chaves antecedidas por cerquilha (#), usadas para agrupar assuntos e conteúdos compartilhados na cibercultura” (SILVA, 2018, p. 40).

Ao criar um perfil, o/a usuário/a pode escolher se o mantém público ou privado. Se um perfil é privado, para que as postagens possam ser vistas, é necessário que outro/a usuário/a tenha aprovação para segui-lo/a. É importante destacar que os três perfis observados nessa pesquisa são públicos. Por serem públicos, qualquer post dos perfis aqui analisados “pode ser visualizado por qualquer usuário da internet, que possua uma conta no site ou não” (PINTO, 2011, p. 3). Essa característica do *Twitter* permite ao/a pesquisador/a “optar por apenas coletar, catalogar e analisar os dados sem interferir ou interagir com os usuários para coletar pedir permissões para tal empreitada empírica” (PINTO, 2011, p. 6). Ao fazer os procedimentos de observação, coleta, catalogação e análise das informações, não centrei nos usuários, mas considerei a temática da prática *bareback* e o objetivo desta pesquisa, observando, assim, postagens de diversos usuários sobre um mesmo tema.

No *Twitter*, como “é possível formar uma rede de contatos na qual jamais houve qualquer tipo de interação recíproca” (RECUERO; ZAGO, 2009, p. 83), o/a usuário/a pode ter muitos/as seguidores/as, sem precisar segui-los/as de volta. Os perfis seguidos por mim nesta pesquisa nunca me seguiram de volta, assim como nunca estabeleci qualquer tipo de comunicação direta com eles, a não ser, seguindo-os. Outra característica importante dessa rede é a autorização para publicação de conteúdos adultos e de nudez, desde que o/a usuário/a “classifique sua conta como sensível”³². Essa configuração permite às pessoas que visitarem o perfil verem uma mensagem informando que a conta pode incluir conteúdo possivelmente sensível e solicitando que elas confirmem se querem mesmo visualizá-lo³³. Todos os perfis que compõem o corpus desta pesquisa estavam com essa configuração, sendo, assim, necessário confirmar que se desejava ver os conteúdos neles postados.

Ampliando os elementos próprios da cibercultura, trago agora alguns “da cultura blogueira” (MEIRELES, 2017, p. 59) que foram importantes para tecer o *currículo bareback*. Conforme define Meireles (2017, p. 14), os blogs “são páginas da internet onde regularmente são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens, músicas ou vídeos, tanto podendo ser dedicados a um assunto específico como ser de âmbito bastante geral”. Dito de outro modo,

³² TWITTER. Central de Ajuda. Política de Mídia Sensível, [S.l.], nov. 2019. Disponível em: <<https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/media-policy>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

³³ TWITTER. Central de Ajuda. Política de Mídia Sensível, [S.l.], nov. 2019. Disponível em: <<https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/intimate-media>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

os blogs “funcionam como diários virtuais ou espaços na internet em que diferentes pessoas podem publicar pontos de vista ou temas que lhes sejam de interesse” (VENCATO, 2017, p. 809). A partir dessas definições, é comum encontrar termos que derivam da palavra blog, como, por exemplo, “blogar” e “blogger”. Blogar refere-se à ação de escrever um blog, postar informação nessa página, já blogger é o indivíduo que pratica essas ações. Apesar de concorrer com uma infinidade de outras plataformas possíveis, os blogs continuam ocupando um lugar de destaque no ciberespaço. Localizei, em um blog³⁴, algumas pesquisas que mostram sua relevância na contemporaneidade: 1) “Cerca de 34,5% de todos os sites no mundo são desenvolvidos em Wordpress³⁵” (WordPress é uma ferramenta utilizada para criação de blogs); 2) “Em um único mês, em média, 70 milhões de novos posts são publicados no Wordpress³⁶”; 3) “Cerca de 77% dos/as usuários/as na internet leem artigos de blog regularmente³⁷”; 4) “44% das pessoas que possuem um blog publicam conteúdo novo de três a seis vezes por mês³⁸”. Esses dados evidenciam, portanto, a pertinência de continuarmos analisando páginas da internet em formato de blog, afinal, as informações produzidas nessas plataformas têm amplo alcance para fins diversos que podem incidir em variados processos educativos e culturais.

Os blogs possuem características específicas de apresentação dos posts. A primeira refere-se à ordem de apresentação das temáticas segundo a qual “as postagens mais recentes aparecem primeiro” (MEIRELES, 2017, p. 52). A segunda é a predominância nessa plataforma da não preocupação “com a sequencialidade nem com um enquadramento lógico das temáticas ali disponibilizadas. Ao contrário, um mesmo tema pode ser abordado em mais de um post, em diferentes tempos e espaços” (MEIRELES, 2017, p. 52). Essas características também puderam ser notadas no blog investigado nesta tese. Ao acessá-lo a partir da página inicial, por exemplo, foi possível encontrar uma primeira postagem sobre o que é o *bareback*, na sequência, aparecia um conto e, em seguida, vídeos pornôis. Assim, não havia um sequenciamento entre essas postagens, apenas uma mesma temática que os associava. Outras características podem ser

³⁴ SIMONI, Raphael. As pessoas ainda leem blog? *Catho Educação*, Medium. [S.l.], 18 nov. 2020. Disponível em: <<https://medium.com/cathoeducacao/as-pessoas-ainda-leem-blog-9f7d07f4bc15>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

³⁵ W3TECHS. World Wide Web Technology Surveys. [S.l.], [s./d.]. Disponível em: <<https://w3techs.com/>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

³⁶ WORDPRESS. A live look at activity across WordPress.com. [S.l.], [s./d.]. Disponível em: <<https://wordpress.com/activity/>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

³⁷ EDGEComb, Carolyn. Blogging Statistics: 52 Reasons Your Company Blog is Worth the Time & Effort. *Impact. Blogging. Marketing Statistics*. [S.l.], 02 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.impactplus.com/blogging-statistics-55-reasons-blogging-creates-55-more-traffic>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

³⁸ CRESTODINA, Andy. New Blogging Statistics: Blogging still works, especially for the 10% of bloggers who do things very differently... *Orbit Media Studios*. [S.l.], [s./d.]. Disponível em: <<https://www.orbitmedia.com/blog/blogging-statistics/>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

conferidas ao blog: “atualização contínua”, “navegação intensiva”, “forte sentido de comunidade” (ORIHUELA, 2007, p. 15), sendo, pois, propício para divulgação de culturas de grupos específicos.

O blog utilizado nesta tese – *blogbarebackbr.blogspot.com* – trata apenas da temática da prática *bareback* com postagens diversas que demonstram que se mantém atualizado e com números significativos de acesso³⁹. Parece ter sido criado em maio de 2009, pois sua primeira postagem está datada desse mês. A partir daí, houve um intervalo grande de tempo entre uma postagem e outra. A postagem seguinte, por exemplo, só aconteceu em maio de 2015, seguida de uma em maio de 2017, seguida por outras: agosto de 2017, novembro de 2017, dezembro de 2017 e janeiro de 2018. Após outro intervalo, dessa vez de oito meses, suas postagens passaram a ser mais recorrentes, com uma sequência frequente entre outubro de 2018 e março de 2019, sendo que outubro de 2018 foi o mês com mais postagens, contabilizando, ao total, 19 postagens. Após esse período, o blog passou sete meses sem postagem alguma, voltando a trazer posts novos em novembro e dezembro de 2019. As postagens, desde a criação do blog até dezembro de 2019, foram utilizadas para fins de análise neste trabalho, considerando o período regular de acesso delimitado por mim (de agosto de 2019 a março de 2020).

Antes do acesso ao blog, há um aviso de conteúdo confidencial, restringindo o acesso a maiores de 18 anos por conter conteúdo adulto. É composto por textos de contos que narram experiências com a prática *bareback*. Encontram-se nele também imagens variadas que remetem à prática, como pau sem camisinha e símbolos próprios. Alguns dos símbolos que podem ser citados são o *biohazard*⁴⁰, o escorpião e símbolos como “+” e a palavra “*positive*”, para indicar ser hiv positivo. Há ainda uma diversidade de vídeos pornôns categorizados por temas específicos e com legendas incitando os leitores a assistir a tais vídeos. Nas postagens do blog, embora haja o recurso de comentar para interação, poucas postagens têm respostas. No entanto, em um recurso disponibilizado nesse blog, o chat, há interações diárias e intensas entre participantes do Brasil inteiro. É nesse espaço do blog, portanto, que acontecem formas de interatividade que vão “além da capacidade de troca de informação” (GONÇALVES, 2011, p. 62), por meio da participação ativa de diversos homens que, mesmo não se envolvendo nas postagens e comentários dos blogs, expressam-se no chat, tiram dúvidas e trocam contatos. Não

³⁹ Na data de escrita desta seção (03 de novembro de 2020), por exemplo, o blog já contabilizava 244.324 acessos.

⁴⁰ “*Biohazard* é uma palavra em inglês que consiste na junção de *biological* (que significa biológico) e *hazard* (significa risco ou perigo) e por isso significa risco biológico ou perigo biológico” BIOHAZARD. In: Significados. Expressões em inglês [S.l], [s./d]. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/biohazard/>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

há uma sequência na organização das conversas, algumas perguntas ficam sem respostas e tópicos variados podem ser encontrados em um único dia de observação. Nesse sentido, é possível dizer que, se, por um lado, é no chat do blog que acontecem as interações dos leitores, por outro, a criação e a manutenção do referido blog são assinadas unicamente pelo blogger Maurício Villar, identificado no campo “contato”. Percebe-se, portanto, que o blog investigado utiliza variados recursos do ciberespaço. Palavras, páginas, links, imagens, vídeos, sons e chat compõem essa página, dando-lhe dinamicidade e movimento.

Além de características similares a essas ressaltadas, Meireles (2017) destaca que os blogs podem reunir pessoas com interesses em comum, mas não apenas com a finalidade para construção de redes de contatos sociais, mas também para divulgação de informações, saberes e reflexões. Para a autora, os blogs se constituem, em meio a uma multiplicidade de outros currículos na web, como uma maneira de ensinar saberes e fabricar verdades que são produzidos por relações de poder, de maneira que é possível afirmar que blogar é “um curricularizar conectado” (MEIRELES, 2017, p. 53).

As características dessas redes descritas puderam ser notadas através de uma “observação participante” (KOZINETS, 2014, p. 72) feita por mim. A observação participante consiste no “envolvimento” e na “imersão no campo selecionado para investigação” (SILVA, 2018, p. 40), com atenção voltada ao comportamento próprio dessas redes e dos/as seus/suas usuários/as, à linguagem mobilizada e aos códigos da cibercultura. Para Sales (2012, p. 115), a observação participante “possibilita a apreensão da linguagem, dos sentidos construídos, das relações de poder existentes”.

Foi com esse objetivo que comecei a seguir os perfis do *Twitter* e a acessar o referido blog diariamente pelo período de oito meses (agosto de 2019 a março de 2020). Durante esse período, salvei e arqueei informações obtidas com recursos próprios das tecnologias digitais, tais como capturas de tela e criação de arquivos eletrônicos. Esse procedimento foi necessário, vez que as informações podem ser publicadas e logo em seguida deletadas, exigindo do/a pesquisador/a a necessidade de lidar com essas situações e escolher formas de registros para armazenar os dados a serem analisados. Junto a isso, fiz anotações em diários de campo com percepções variadas da cultura ali presente. Além desse período mais recorrente de “intensa imersão no ciberespaço” (SALES, 2012, p. 120), após a escrita das análises e o processo de discussão do grupo de orientação⁴¹, foi necessário voltar ao campo diversas vezes para buscar

⁴¹ Nesse grupo, sob supervisão e organização da nossa orientadora, reunimo-nos a cada 15 dias com cronograma pré-estabelecido para discussão das nossas pesquisas. Nessas reuniões, cada componente apresenta seu texto previamente trabalhado. Os textos são comumente enviados com oito dias de antecedência, todo o grupo lê, elabora

mais detalhes das informações, de modo que, na descrição das imagens e ditos capturados do ciberespaço, como será visto mais à frente, aparecerão datas de acesso aos links posteriores ao período mais específico de imersão. Essa etapa integrou a produção de informações desta tese na qual, com foco nos elementos próprios da cibercultura, buscou-se fazer um “exame minucioso do material produzido no ciberespaço” (SILVA, 2018, p. 41) sobre a prática *bareback*, esta última também com linguagens próprias, significados específicos, assim como formas próprias de nomear e dar sentido às coisas, algo que acontece de forma imbricada ao emaranhado da rede, misturando-se aos elementos da cibercultura.

Nos procedimentos metodológicos, portanto, no âmbito de análise da cibercultura, no que se refere à presente tese, foi preciso articular observações tanto da cultura própria da internet como da cultura *bareback*, o que se apresentou como um desafio. Isso porque, como mostra Sales (2012, p, 119), “há linguagens muito específicas de certos grupos culturais dos quais nem sempre o/a pesquisador/a partilha sentidos”. Como efeito dessa característica, também senti dificuldades com a linguagem *bareback*. Diante desse impasse, foi necessário recorrer a outras pesquisas e artigos sobre a temática com a finalidade de investigar o que estava efetivamente sendo dito ali.

Além disso, outras especificidades no âmbito da pesquisa com netnografia precisam ser aqui destacadas, como, por exemplo, a relação entre o/a pesquisador/a e o que está sendo pesquisado é alterada por uma outra noção de tempo-espço (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008). Desse modo, o tempo dedicado a fazer as imersões no espaço de pesquisa foi escolhido por mim, podendo, por isso, ocorrer a qualquer hora do dia e por quanto tempo achei necessário, já que o processo de produção de informações estava “à distância de um clique”. Outra característica em operar com a netnografia foi a demanda pelo “domínio do saber tecnológico e a habilidade em operar na interface ser humano-computador” (SALES, 2012, p. 121), além de conhecer algumas ferramentas e atalhos para agilizar a interação e o acesso às informações.

Essas explicações justificam o uso do termo netnografia ou os diversos sinônimos ressaltados no início desta subseção. Ainda que sejam encontradas divergências sobre a adaptação do método etnográfico para internet, esse outro termo cunhado e seus sinônimos demarcam “que as pesquisas realizadas em e sobre ambientes digitais têm determinadas especificidades que vão diferenciá-las das pesquisas etnográficas tradicionais” (POLIVANOV, 2013, p. 66).

um parecer e apresenta no dia da reunião. Após a reunião, o/a pesquisador/a é responsável por avaliar as sugestões, incorporá-las ao texto e voltar a apresentá-lo no grupo para uma nova discussão.

Em tempo, é necessário dizer que esses modos de relacionamentos não estão do outro lado de um mundo físico ou *off-line*, mas entendo que esses universos estão imbricados nesse jogo. Assim: “*online* e *off-line* não são necessariamente realidades separadas – mundo real *versus* mundo virtual – mas podem ser considerados um *continuum* da mesma realidade. De tal forma que o pesquisador deve desenvolver técnicas que o permita analisar esse *continuum*” (NOVELI, 2010, p. 109, grifos do autor) ou, ainda, tensionar paradigmas de pesquisas positivistas para pensar em outras possibilidades, considerando que “os espaços são fluidos e desterritorializados e as oposições modernas entre online/virtual e off-line/real são questionadas” (NOGUEIRA; GOMES; SOARES, 2011, p. 187).

Além disso, na perspectiva adotada nesta tese, conforme já ressaltado anteriormente, a verdade é entendida como uma produção das relações de poder (FOUCAULT, 2014d). Assim, para fins de observação e análise da cibercultura, não interessa se algo é verdadeiro ou falso e, sim, “conhecer sobre os modos pelos quais as coisas vão se produzindo e sendo produzidas como verdade, os efeitos decorrentes dessas verdades, as relações de poder-saber que possibilitam que certas verdades sejam proferidas” (FÉLIX, 2012, p. 136).

Para observação e análise dos aspectos culturais do ciberespaço e da prática *bareback*, foi preciso compreender que toda cultura está inscrita e funciona “no interior de ‘jogos de poder’” (HALL, 1997, p. 40). Dessa maneira, há “um vínculo estreito e inseparável entre significação e relações de poder” (SILVA, 2001, p. 23), porque o que está em jogo nos processos de significação de uma determinada cultura é a disputa por significados particulares que precisam se constituir como verdadeiros e válidos diante daqueles já postos. Nesse sentido, a cultura pode ser entendida como “uma prática discursiva envolvida na produção de significados, de regimes de verdade e de sujeitos de determinados tipos” (PARAÍSO, 2006, p. 9).

É esse aspecto discursivo da cultura que persegui mais de perto para tecer o *currículo bareback*. Afinal, as lutas por imposição de significados das culturas tomaram “uma feição discursiva” (PARAÍSO, 2010a, p. 40), de modo que, nas investigações em currículo, algo se tornou fundamental: “a ênfase na linguagem e no discurso como estratégia de luta cultural” (PARAÍSO, 2010a, p. 40). Assim, buscaram-se elementos da análise do discurso de inspiração foucaultiana para sofisticar as “ferramentas de análise para compreender e explicar como se dão essas lutas e quais os efeitos sociais e culturais desse ‘jogo’” (PARAÍSO, 2010a, p. 36), porque o discurso é também um lugar onde se exercem poderes, onde se traduz “aquilo por que, pelo que se luta” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Assim, foi necessário “operar com as modalidades

de existência desses mesmos discursos – pensar como eles circulam, como lhes é atribuído este e não aquele valor de verdade”, bem como analisar “de que modo os diferentes grupos e culturas deles se apropriam, e especialmente como se dão as rupturas nas ‘coisas ditas’” (FISCHER, 2013, p. 151). Desse modo, “a cultura e o discurso se aproximam tanto por seu caráter construído”, tendo em vista que “ambos são resultados das interações humanas, das relações de força e poder que se estabelecem – como por seu caráter construcionista”, da mesma forma que ambos os conceitos “estão envolvidos com o modo como os humanos se constituem e são significados” (CALDEIRA, 2016, p. 72, 73). Tendo isso em vista, além de considerar os aspectos teóricos do discurso, conforme expliquei anteriormente, precisei ater-me aos seus aspectos metodológicos.

1.3.2 *Elementos de uma análise discursiva do ponto de vista metodológico*

Como defende Marlucy Paraíso (2007, p. 38), “é tarefa importante e difícil para o analista do discurso o recorte discursivo que deve efetuar para realizar seu trabalho, pois é preciso fazer seleções e escolhas”. É sobre essa tarefa que quero me deter neste tópico. A análise do discurso de inspiração foucaultiana surge nesta tese como um modo de analisar “como se instaura certo discurso, quais suas condições de emergência ou suas condições de produção” (FISCHER, 2001, p. 216). Considerei, portanto, que o *currículo bareback*, ao funcionar como discurso, é uma invenção deste mundo e emerge como efeito de relações de poder específicas, uma vez que é o poder que “produz as coisas, ele induz ao prazer, ele forma o saber, ele produz o discurso” (FOUCAULT, 2014b, p. 22).

O discurso foi tomado como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2008, p. 55). O discurso é mais do que signos usados para designar coisas. Nas análises aqui empreendidas, investigou-se esse “mais”, fazendo-o aparecer, descrevendo seu funcionamento, quais são suas condições de emergência, táticas e técnicas para formar, constituir aquilo de que se fala. Isso exigiu ainda uma descrição minuciosa e detalhista das práticas constituintes, pois o discurso é uma “prática produtiva que fabrica verdades, saberes, sentidos, subjetividades” (SALES, 2010, p. 123). Ao empreender a análise do discurso tomando como referência Foucault, busquei entender também como “se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são, por eles mesmos, nem verdadeiros nem falsos” (FOUCAULT, 2014b, p. 21). Por isso, atuar com análise do discurso, nessa perspectiva, não tem sentido se apenas se descrevem as grandes verdades científicas e suas formações. Nesse sentido, o objetivo é mapear, localizar e detalhar as práticas cada vez mais locais que também

constituem os sujeitos. Dessa forma, a análise do discurso foi útil para investigar o funcionamento do *currículo bareback*.

A análise do discurso, inspirada em Foucault, remete à “relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais” (FOUCAULT, 1996, p. 57). Para isso, em articulação com a netnografia, produzi as informações necessárias por meio de materiais disponibilizados nos perfis do *Twitter* @ *bare_putaria*, @*baredeprep* e @*bareback3* e do blog *blogbarebackbr.blogspot.com*. Procurei aqui reunir conjuntos de ditos heterogêneos sobre a prática *bareback*, sem, contudo, pretender ser exaustivo, afastando-me, portanto, do objetivo da totalidade na seleção dos ditos. Os critérios de seleção procuraram, então, abranger a variedade de modos de divulgação da prática e das disputas que a compõem. Os ditos se constituem, em seu conjunto, no discurso *bareback* entendido aqui como um currículo. Considerou-se, desse modo, ao longo do trabalho analítico, que o discurso *bareback* é mesmo disperso, sendo necessário o processo de “constituir unidades a partir dessa dispersão”, mostrando como determinados discursos “aparecem e (...) se distribuem no interior de um certo conjunto” (FISCHER, 2001, p. 206).

Nesse processo, procurei focar as análises nas “coisas ditas” (FOUCAULT, 1996, p. 22), naquilo que os próprios perfis do *Twitter* e blog ofereciam como material de e para análise. Explorei, assim, “as lutas em torno das imposições de sentido” (FISCHER, 2007, p. 56). Isso foi feito procurando “admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 2014a, p. 110). Além de considerar o discurso *bareback* em sua materialidade, isto é, em seus ditos, fui também procurando estabelecer “relações entre as coisas ditas no discurso investigado com outras coisas ditas em outros momentos e espaços” (PARAÍSO, 2007, p. 62), visto que tal articulação permite “identificar de que modo as coisas ditas existem, quais suas relações com outras coisas que são ditas e o que significa o fato delas terem se manifestado” (PARAÍSO, 2007, p. 64).

Considerar os ditos para fazer análise do discurso consiste em focar apenas naquilo que está sendo expresso, escrito ou, no caso da investigação aqui feita, postado, compartilhado, comentado e curtido. Mas, ao mesmo tempo, é necessário ficar atento para não buscar um sentido homogêneo nas explicações ou como se essas tivessem uma única essência. “Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar” (FISHER, 2001, p. 198).

Trabalhar arduamente com o discurso remete, entre outras tarefas, a analisar como determinadas verdades circulam no ciberespaço, por que outras não são possíveis e quais os efeitos que elas produzem ao circularem. Desse modo, explorei ao máximo o que estava sendo disponibilizado pelo campo, partindo do entendimento de que isso se dá como construção histórica, cultural, pois analisar discursos, nessa perspectiva, significa “dar conta de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão ‘vivas’ nos discursos” (FISCHER, 2013, p. 151). Nesse sentido, foi possível traçar uma pergunta sobre o *currículo bareback*: “por que isso é dito aqui, desse modo, nesta situação, e não em outro tempo e lugar, de forma diferente?” (FISCHER, 2001, p. 205). No trabalho analítico, buscou-se ainda interrogar o *currículo bareback* como discurso em sua “produtividade tática (que efeitos recíprocos de poder e saber proporcionam)” e em sua “integração estratégica (que conjuntura e que correlação de forças tornam necessária sua utilização em tal ou qual episódio dos diversos contornos produzidos)” (FOUCAULT, 2014a, p. 111).

Foucault (2003, p. 11) entende discurso também como “um conjunto de estratégias que fazem parte das práticas sociais”. Assim, ao dizer desse tempo da contemporaneidade, resalto que essas práticas se dão em estreita relação com a cibercultura (PELÚCIO; PAIT; SABATINE, 2015; MISKOLCI, 2017; SALES, 2010). Isso implica investigar as práticas discursivas da cibercultura. As postagens, compartilhamentos, curtidas, comentários, expressos na cibercultura sobre modos de realizar práticas sexuais e narrativas de experiências específicas não se configuram apenas como uma composição de textos, imagens e vídeos em uma rede social, mas são entendidos, nesta tese, como “jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, como também de luta” (FOUCAULT, 2003, p. 9). Jogos, por sua vez, que incidem na constituição de sujeitos específicos, sobre as relações deles com os mais variados temas da sociedade e sobre os modos com que nos relacionamos neste tempo. Considerando esse tipo de análise, voltei minha atenção ao ciberespaço para analisar como determinados discursos vão se “configurando em meio a relações de poder” (CUNHA; PARAÍSO, 2013, p. 47), o que significa, também, “questionar sobre as condições de possibilidade e as regularidades a partir das quais determinados discursos concorrem para o exercício do poder e a produção de posições de sujeito” (CUNHA; PARAÍSO, 2013, p. 47). No que se refere ao sujeito do discurso, foi preciso considerar algumas questões.

A análise do discurso “não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer ou disse sem querer)” (FOUCAULT, 2008, p. 108). Assim, não me interessei por mostrar e descrever quem são os indivíduos responsáveis pelos perfis do *Twitter*

e do blog investigados. Ao contrário disso, o objetivo da análise voltou-se para problematizar “o lugar de onde fala, o lugar específico no interior de uma dada instituição, a fonte do discurso daquele falante, e sobre a sua efetiva posição de sujeito suas ações concretas, basicamente como sujeito incitador e produtor de saberes” (FISCHER, 2001, p. 208).

Nesse sentido, o sujeito do discurso é pluralizado, ou seja, pode assumir diversos posicionamentos. Por isso, nesse exercício, interessa “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo” (FOUCAULT, 2008, p. 108) no discurso. Tais posições, nessa perspectiva, são sempre provisórias, vez que se entende que “um único e mesmo indivíduo pode ocupar (...) diferentes posições” (FOUCAULT, 2008, p. 105) em relação aos discursos. Nesse processo, fui em busca “da multiplicação das coisas ditas e da dispersão dos sujeitos” (FISCHER, 2013, p. 135), com atenção voltada para as práticas de poder e seus efeitos na construção da subjetividade (SILVA, 2020). Através do mapeamento do funcionamento do *currículo bareback* e dos materiais produzidos para a apreciação a partir da netnografia em articulação com a análise do discurso aqui proposta, analisei como determinado saber foi se constituindo a partir das práticas discursivas, como elas engendraram os saberes e como cada formação discursiva construía os objetos de que falava.

Organizei a caixa de ferramentas teóricas e metodológicas desta pesquisa, portanto, com os conceitos de discurso, verdade, saber e posições de sujeito. Integrei essa caixa ainda com elementos metodológicos da netnografia e análise do discurso de inspiração foucaultiana. No entanto, uma certa metodologia fazia também composição com essas ferramentas. Currículo não foi, então, tomado neste trabalho apenas como uma perspectiva teórica, mas também metodológica, como uma perspectiva que é possível, mesmo como efeito de composição e de inspiração a partir dessas outras ferramentas. Dito de outro modo, uma perspectiva metodológica de currículo que só é possível ser fabricada em conjunto com essas outras ferramentas.

1.3.3 Metodologizar o currículo

De posse dessa caixa de ferramentas, compreendi que, para analisar o funcionamento do *currículo bareback*, seria necessário *metodologizar o currículo*, isto é, foi preciso mobilizar, sim, as ferramentas que acabei de descrever, mas em função de algo maior, mais amplo, que guiasse, nos momentos específicos, a utilização dessas ferramentas, mas também as escolhas, o pensamento, as ações. Currículo foi, então, a metodologia basilar, preponderante, tomado

como metodologia, durante todos os momentos que mostrava o que era necessário fazer, que linha puxar, de que modo era preciso tecer, de quais fios se desfazer, qual ferramenta utilizar.

A expressão *metodologizar o currículo* foi usada como estratégia para explorar o que *se faz* com a teoria curricular na metodologia de pesquisa para compor um efeito específico. Se metodologia se refere ao “como fazer” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15), mostro aqui como, com base na perspectiva curricular, procedi e realizei a presente pesquisa. Procuo detalhar como esse trabalho artesanal de tecer o *currículo bareback* foi feito com uma série de movimentos específicos inscritos na perspectiva curricular. Metodologizar o currículo se configura, pois, nos procedimentos de produção de informações e nas estratégias de descrição e análise, tendo como foco mostrar o funcionamento de um currículo. Em outras palavras, o currículo é aqui tomado como metodologia no sentido de que oferece “tanto modos específicos de perguntar como estratégias para descrever e analisar” (PARAÍSO, 2012, p. 25).

Ao mobilizar essa perspectiva metodológica para responder a um questionamento mais central desta tese, que investigou como funciona o *currículo bareback*, foi necessário tomar um pressuposto imprescindível às investigações de currículos: “observar e registrar o que ensinam” (PARAÍSO, 2010a, p. 38). Afinal, uma das principais tarefas de um currículo é *ensinar*. Como a bitransitividade desse verbo anuncia, ensinar algo a alguém. Busquei, ao fazer as observações do ciberespaço, não somente registrar a cultura ali presente, mas também assinalar *o que é ensinado nesse currículo*, quais conhecimentos são divulgados nele, quais instruções e indicações são disponibilizadas. Procurei compreender como ele ensina, quais saberes, verdades e discursos são acionados e autorizados, mas também interditados. Junto a isso, considerando que ele ensina a alguém, observei que esse currículo incide de forma proeminente na condução da conduta de homens que fazem sexo com outros homens.

Algo também imprescindível no processo metodológico com o currículo foi buscar “entender e compreender que linguagens mobilizam para ensinar” (PARAÍSO, 2010a, p. 39). Ao fazer imersões na cibercultura e selecionar os ditos que seriam analisados, priorizei trazer, para o corpus analítico desta tese, aquelas expressões que, de maneira muito precisa, poderiam *mostrar a linguagem* mobilizada no *currículo bareback* e os sentidos e significados que essas expressões produziam.

Ao dizer que esse currículo ensina, foi preciso também mostrar que ele está em disputa com outros currículos e discursos “na produção de significados e de verdades, nos sentidos a serem fixados e ensinados” (PARAÍSO, 2010a, p. 37), explorando, assim, os conflitos e as lutas próprios do funcionamento curricular. Isso porque o currículo se “constitui em uma seleção

interessada de saberes, histórias, conhecimentos, narrativas” (PARAÍSO, 2010a, p. 41). Portanto, o que esse currículo ensina e divulga emerge como efeito das relações de poder. É, pois, fabricado, inventado, sendo necessário percebê-lo como uma criação interessada para mostrar seu processo de feitura e fabricação. Assim como um/a tecelão/ã, foi preciso “perseguir seus conflitos e disputas, descrever suas tramas, analisar seus processos de significação” (PARAÍSO, 2010a, p. 42).

Conforme discute Sales, a partir de outros teóricos do campo curricular, outro aspecto importante nesse campo “é a valoração, a definição do que é valorizado ou não” (SALES, 2010, p. 40). Por isso, ao investigar o *currículo bareback*, escolher os ditos que iria trazer para as análises e fazer articulações para mostrar seu funcionamento, busquei “expor as condições de criação dos valores vigentes, sua arbitrariedade, sua historicidade” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 45). Afinal, “são esses valores que vão atuar na categorização dos comportamentos, vão servir de critério para definir quais condutas são as adequadas e inadequadas” (SALES, 2010, p. 40).

Já que o funcionamento curricular incide na modificação de algo nos indivíduos, “quando se ensina algo a alguém é porque se quer mudar posturas, comportamentos, modos de ver e compreender o mundo” (PARAÍSO, 2010a, p. 48). As estratégias e as técnicas curriculares incidem, pois, na produção de sujeitos específicos e na condução da sua atuação. Busquei, sob a perspectiva metodológica de currículo, observar que sujeito era esse demandado pelo *currículo bareback* e que condutas eram nele autorizadas e incitadas. Destaquei as estratégias usadas para conduzir e para ensinar os HSH a guiarem a si mesmos em práticas *barebackers*. Descrevi as práticas divulgadas nesse currículo que ensinam como esses homens devem ser e proceder. Ainda nesse âmbito da condução da atuação, o currículo “prescreve saberes, modos de ser, de pensar e de agir, indicando pensamentos, valores, exercícios e atitudes que devem ser praticados no sentido de constituição de tipos particulares de sujeito” (CUNHA, 2011, p. 54). Desse modo, foi necessário *localizar, descrever e analisar* quais *prescrições* são feitas no *currículo bareback*. Passo, agora, a detalhar os procedimentos metodológicos, isto é, a mostrar como esse currículo foi sendo tecido, ganhando forma.

1.4 Procedimentos metodológicos

A linha desvenda os detalhes de
 ponto a ponto,
 meus olhos buscam no pequeno,
 as grandes singularidades,

a linha passeia,
 entra,
 sai,
 forma,
 deforma,
 e continua,
 para.

Passa entre si, entrelaça,
 texturiza,
 flui...

(MARQUES, 2020, p. 11-14)

O poema foi retirado do trabalho de conclusão de curso *Te, ce ser: o tecer do ser artista professora*, da autora Lisandra Marques (2020). Esse poema traz o processo do tecer mostrando, assim, o/a tecelão/tecelã em ação. Inspirado nesse poema, quero trazer “os detalhes de ponto a ponto”, buscando mostrar as “grandes singularidades” do tecer o *currículo bareback*. Em outras palavras, trago, nesta subseção, como foi “compor uma teia de significados a partir dos discursos divulgados” (MEIRELES, 2017, p. 35), puxando fios do emaranhado da rede, utilizando estratégias e técnicas específicas nessa composição com a ajuda de ferramentas teóricas e metodológicas de modo bastante peculiar.

O primeiro procedimento de pesquisa que dá base a esta tese advém da netnografia. Busquei, como procedimento inicial, fazer imersão na cibercultura para encontrar pistas para tecer o *currículo bareback*. Esse foi um importante procedimento para esta pesquisa, porque pude obter informações sobre aspectos relativos à compreensão da cibercultura imbricados ao discurso *bareback* divulgados no ciberespaço. Por meio desse método, pude fazer registros do que estava efetivamente sendo dito, escrito e tive contato direto com os elementos culturais próprios ao contexto analisado, como, por exemplo, apreensão das linguagens, dos sentidos construídos, das relações de poder existentes. Desse modo, tanto este primeiro procedimento aqui descrito como os demais foram utilizados para a produção de informações, as quais foram subsequentemente analisadas a partir dos conceitos mobilizados na caixa de ferramentas

teóricas, anteriormente apresentada. A partir da imersão netnográfica, mapeei as ferramentas próprias do blog e do *Twitter* e levantei os conteúdos neles disponibilizados, assim como seus recursos e suas possibilidades de uso. Destaquei, conforme registrado anteriormente, estatísticas de uso sobre cada uma dessas redes, a fim de mostrar sua abrangência e alcance.

O primeiro passo se deu da seguinte forma: Acessei o site de busca do *Google* e digitei o termo “*bareback* blog”. Encontrei 80 resultados, dentre os quais não havia de forma predominante blogs exclusivamente direcionados para a prática *bareback*. Encontrei apenas dois blogs em inglês com essa característica (<http://gaybarebacksex.blogspot.com/?zx=74e7a38447baab80>, <http://www.bareback.xxxblogsex.com/>). Apareceram também, como resultado dessa busca, blogs com conteúdos pornográficos gays que continham vídeos pornô *barebackers*. Mas não era exatamente esse meu interesse. Na última página, após percorrer todos os resultados em busca de blogs voltados para a abordagem da prática *bareback* e não encontrando, apareceu a seguinte mensagem do site de buscas: “Para mostrar os resultados mais relevantes, omitimos algumas entradas bastante semelhantes aos 80 resultados já exibidos. Se preferir, você pode repetir a pesquisa incluindo os resultados omitidos”. Assim, para ter mais probabilidade de encontrar blogs como queria, resolvi seguir a opção de repetir a pesquisa incluindo os resultados omitidos. Então, na página 28 da busca, apareceu o blog <http://barefortaleza.blogspot.com/?zx=5b03e4e0c7b9dcc4> e, na página 29, o blog <http://barebacksp.blogspot.com/?view=classic>, ambos em português, e outro blog, em inglês, o <http://bareback.blogspot.com/>, esse último sem nenhum conteúdo postado. Apareceram também, nessa busca, alguns resultados remetendo à prática esporte de rodeio com cavalos no estilo *bareback* e perfis de *barebackers* no *Twitter*. Considerei como critérios para escolha entre esses resultados encontrados: ser em português e tratar exclusivamente do *bareback*. Dessa forma, selecionei os dois blogs em português citados.

Porém, esses blogs não forneciam materiais suficientes para análise. Resolvi, então, fazer uma busca pelo termo *bareback* no *Facebook*. Não fiz nenhum filtro para busca nessa plataforma. Considerei, portanto, publicações de qualquer pessoa, todos os tipos de publicação, de qualquer grupo, em qualquer lugar e qualquer data. Essa busca acarretou em 15 resultados. Dentre esses, uma página com nome Maurício Villar⁴². Maurício se autodenomina nas redes como *barebacker*. Essa página contava, até o momento de finalização desta tese, com 212 curtidas no *Facebook*. Nela são divulgadas festas *barebackers* em diversos lugares. Após minha

⁴² Nome fictício para preservar o anonimato das fontes pesquisadas.

perplexidade por não ter encontrado essa pessoa na busca do *Google*, encontrei, através de seu perfil no *Facebook*, um blog de sua autoria também dedicado ao *bareback*, esse com mais postagens e conteúdos para análise. Dessa forma, mesmo inicialmente tendo escolhido os outros blogs, acabei renunciando aos dois primeiros, pois não atualizavam suas postagens e, mesmo as poucas que havia, não forneciam elementos suficientes para análise. Desse modo, fiquei apenas com esse último blog. Quando da primeira busca, o link desse blog era nomeado de uma forma, tendo sido, posteriormente alterado, para *blogbarebackbr.blogspot.com*.

A partir da definição desse blog como objeto e local de análise, passei a visitá-lo constantemente entre os meses de agosto de 2019 e março/2020. Em algumas visitas, priorizei a observação como forma de conhecer a cultura de funcionamento do blog, bem como a prática *bareback* ali divulgada. Esse aspecto da imersão no ciberespaço aconteceu na fase inicial da pesquisa. Após leituras do material teórico e tendo em vista os aspectos técnicos para operacionalização da metodologia curricular, comecei a fazer recolhimentos de fragmentos de textos, imagens e ditos variados que pudessem ser posteriormente utilizados. Esse recolhimento se deu, sobretudo, a partir de um modo específico de perguntar – *o que está sendo ensinado aqui?* Nem todas as informações recolhidas nessa fase foram utilizadas, pois era preciso urdir a trama de um certo modo, de forma que os ditos que não ofereciam elementos para a compreensão do problema foram descartados. Apesar de ter delimitado inicialmente um tempo específico para visitas regulares, ao decorrer das análises e discussões no grupo de orientação, acabei fazendo novas observações e recolhendo mais registros e outras seleções sempre focados nos ensinamentos, instruções e incitações divulgados.

É importante ressaltar que, para acessar esse blog, era necessário clicar em um ícone com a seguinte frase: “Estou ciente e quero continuar”. Essa frase é utilizada em sites da internet e fornece o consentimento do/a usuário/a da web para entrar em uma página que é direcionada ao público adulto, maior de 18 anos, que contém conteúdos relacionados a sexo e sexualidade e conta, muitas vezes, com imagens de nudez explícita.

No blog é disponibilizado, ainda, um chat para comunicação entre os seguidores e leitores. Esse chat, no período da pesquisa, estava associado ao Chatango, um serviço *on-line* para criação de chats e instalação em sites, blogs e fóruns. O chat fica no canto esquerdo da página e, para acessá-lo, basta clicar no link que fica dentro da caixa do chat. Abre-se outra página na qual, para participar do chat, deve-se escolher entre as opções “anonimamente”, “com um nome temporário” ou “como um membro do Chatango”. No entanto, para fins apenas de observação, sem possibilidade de interação direta, é possível utilizar a barra de rolagem do chat

e acessar as conversas realizadas nesse espaço. Essa foi a maneira escolhida para fazer a imersão nesse chat. Para fins de análise e seleção posterior de ditos, fiz capturas de tela das conversas feitas no chat do blog entre novembro de 2018 a novembro de 2019.

Outra especificidade desse blog é o grande número de vídeos pornôis divulgados, havendo 96 ao total. Os vídeos tinham tamanhos variados, sendo o menor de seis segundos e o maior de 98 minutos e 26 segundos de duração. Considerei, para análise, os vídeos postados até março de 2020 no currículo investigado (trata-se do período regular designado para fazer a netnografia, ou seja, entre os meses de agosto de 2019 e março/2020). Como se trata de um campo muito dinâmico e que se atualiza constantemente, foi necessário definir uma etapa para isso sob pena de me envolver em um trabalho interminável.

Primeiramente, ao assistir aos 96 vídeos postados, percebi que, de alguma forma, era possível estabelecer, pelo menos, três grandes agrupamentos para esses vídeos. Isso, apesar de perceber que, no *currículo bareback*, já havia uma seleção e um certo agrupamento dos vídeos a partir dos títulos e legendas que, mobilizados por esse currículo, designavam temáticas e qualificavam os filmes de modos bem específicos. Dessa forma, talvez pudessem ser nomeadas muitas outras pedagogias, além das apresentadas na seção quatro desta tese, em atuação no currículo investigado através dos vídeos pornôis. A partir da perspectiva teórica que adoto, considerando ainda que essas eram as pedagogias mais proeminentes, por meio das cenas que se repetiam em diversos vídeos, entendi ser importante analisar inicialmente três pedagogias mais profundamente (pedagogia da *masculinização*, do *fetichismo* e da *abjeção*). Após a pré-seleção dos vídeos, com base nos elementos que mais se destacavam, dada sua repetição, foi necessário reassisti-los a fim de fazer uma descrição mais detalhada de cada conjunto. A escolha dos vídeos se deu porque, entre os selecionados, encontrei mais elementos explícitos que evidenciam as pedagogias que analiso.

Na primeira versão do texto apresentada no grupo de pesquisa, eu trazia os vídeos, de modo muito amplo, de maneira que seus detalhes não pareciam evidentes na análise e no texto. Assim, foi necessário assistir novamente a todos os vídeos, anotando detalhes, considerando as cenas com mais cuidado, observando os elementos que apareciam nessas cenas, os sons que lhes eram peculiares, os cortes e os ângulos específicos, pois passei a compreender que, dessa forma, poderia descrever técnicas curriculares específicas que são mobilizadas para ensinar e autorizar condutas particulares. Além disso, fiz uma descrição mais minuciosa de 14 vídeos, considerados por mim mais relevantes, dados os elementos que mais associavam os vídeos com

a prática *bareback*, a fim de trazer trechos específicos para análise. Essa descrição encontra-se no APÊNDICE desta tese.

Para classificar os grupos e nomear os vídeos, primeiramente, escolhi os posts que continham as legendas que mais atendiam ao objetivo desta pesquisa. Nessa fase, escolhi quatro postagens que foram organizadas em quatro grupos: “Socar, socar até gozar! Gozada dentro sempre é mais gostoso (pelo menos eu acho) E você, como curte a gozada?” (Grupo 1); “Vamos leitar os putos? Só na pele em fodas gangbang! Muito leite dentro!” (Grupo 2); “Cafuços fodem com força” (Grupo 3); “Surubas *Bareback*” (Grupo 4). Estabeleci esse agrupamento, a fim de reunir os vídeos por temáticas porque cada postagem trazia um conjunto de vídeos, à exceção da postagem estabelecida como Grupo 1, que continha somente um vídeo.

Além da separação por grupos, etiquei cada vídeo com as seguintes informações: referência, data da postagem, título, tempo total e identificação do vídeo. Essa identificação foi feita tomando como referência a ordem de divulgação dos vídeos em cada postagem. Como, no Grupo 1, havia apenas um vídeo, ele foi identificado como Vídeo Único (VU). Os vídeos do Grupo 2 foram nomeados de acordo com a seguinte descrição A1, B1, C1, D1. Isso significa que A1 é o primeiro vídeo do Grupo 2, B1 o segundo, C1 o terceiro e D1 o quarto. Essa mesma organização foi feita para os demais, alterando os números em cada grupo (Ver APÊNDICE). Feito isso, ainda encontrei uma forma de dividir os momentos dos vídeos, em minutos e segundos, descrevendo as cenas de acordo com o tempo em que elas iam acontecendo. Dessa forma, seria possível levar para as análises o tempo específico que a cena descrita ocorria.

Busquei também alguns perfis do *Twitter* para compor o corpo discursivo desta tese, considerando os mesmos critérios dos blogs: estar em língua portuguesa e tratar exclusivamente da prática *bareback*. No dia 27 de agosto de 2019, acessei o *Twitter* com uma conta pessoal, já conhecendo os aspectos culturais dessa rede, ressaltados no tópico da netnografia da metodologia. Acessei o tópico “explorar” que fica no canto esquerdo da tela. Esse tópico é destinado para divulgação de posts direcionados ao interesse do/a usuário/a, conforme aquilo que posta, curte e compartilha. Assim, pode-se ver, a partir dele, assuntos do momento, notícias, como também é possível fazer algumas buscas específicas. Foi, então, que digitei no campo “buscar no *Twitter*”, na parte superior da tela, a *hashtag* “#bareback”. Escolhi fazer a busca desse modo, pois é uma forma bastante característica de funcionamento dessa rede social. Os usos de *hashtags*, conforme já resaltei, permitem o agrupamento de mensagens com temas específicos, facilitando, dessa forma, encontrar o que se deseja. A partir dessa busca, surgiram as opções: principais, mais recentes, pessoas, fotos e vídeos. Considerando o meu interesse, que

era acompanhar perfis por um período maior de tempo, escolhi “pessoas”. Assim, apareceram 19 resultados de perfis, sendo 12 em português e 7 (sete) em inglês. O primeiro filtro aplicado selecionou apenas os perfis em língua portuguesa, que destaco agora com os respectivos números de seguidores à época. @MilitarCentro (4.296); @bare_putaria (18,6 mil); @PutoBareback (1.660); @mrrabbitstrap (113); @baredeprep (66,1 mil); @bareback3 (43,7 mil); @UrsoBareback (2.664); @ViadinhaSemCapa (3.832); @BarebackNordest (6.144); @freudocu (127); @casalBarebackBH (681); @Garotodevila2 (371). Desses, escolhi os três com mais seguidores (@bare_putaria, @baredeprep e @bareback3), considerando, assim, a ampla divulgação que esses têm em relação aos demais⁴³.

Na medida em que fui acessando diariamente o campo e a escrita da tese se iniciou, com aprofundamento e discussão dos conceitos que mobilizaria a partir do que o campo mostrava e considerando os aspectos metodológicos que aqui se aplicam, meu olhar para a tessitura do *currículo bareback* foi se tornando mais apurado. Dessa maneira, pude articular os ditos do blog e dos perfis do *Twitter*, de modo a reorganizar as informações até então obtidas e refazendo buscas mais interessadas, de acordo com os objetivos da pesquisa. Comecei, então, a mapear, organizar e selecionar esses ditos, separando-os por categorias mais gerais, mas mantendo, como estratégia basilar de descrição e análise, o que estava sendo ali ensinado, quais conhecimentos estavam sendo divulgados e como isso era feito. Em um primeiro momento, investiguei a questão do prazer, agrupando, para isso, um conjunto de ditos que remetiam à exploração desse aspecto do currículo. Na sequência, quis analisar a produção dos sujeitos nesse currículo. Assim, atentei-me aos ditos que, de algum modo, ao se articularem com outros, poderiam mostrar quais posições de sujeito o *currículo bareback* demandava. Por fim, dada a abundante disponibilização de vídeos pornográficos, voltei meu olhar especificamente para eles. Inspirei-me na análise do discurso foucaultiana em articulação com a perspectiva metodológica de currículo e da netnografia para empreender a observação dos vídeos, pois entendi que esse material se constituía em uma linguagem própria desse currículo para instruir, ensinar, autorizar e demandar conduções da conduta específicas.

É importante ressaltar que os procedimentos descritos neste tópico foram feitos de forma geral em duas etapas, a primeira, pré-exame de qualificação, e a segunda, pós-exame de qualificação. Os descritos até agora circunscreveram-se à primeira etapa. A segunda etapa advém, portanto, das discussões e reflexões propostas pela banca e acordadas por mim e pelo

⁴³ Nesse trecho alterei apenas o @ daqueles perfis utilizados na tese. Os demais perfis foram encontrados por mim, mas não utilizados para fins de análise.

grupo de pesquisa. Assim, destaco a seguir dois procedimentos feitos na segunda etapa da pesquisa.

No que se refere ao primeiro procedimento, reforcei a compreensão de que as pesquisas com internet estão diante de muitos desafios decorrentes das complexidades e dos dilemas éticos e estéticos que parecem emaranhar ainda mais essa mistura confusa e sem ordem própria da cibercultura. Um dos desafios encontrados nesta pesquisa foi a identificação ou não do blog e perfis pesquisados. Optei, assim, em seguir as orientações das Diretrizes Éticas da Associação de Pesquisadores da Internet (FRANZKE et al, 2019). Trata-se de um documento colaborativo escrito, em âmbito internacional, por pesquisadoras/es, estudantes e desenvolvedoras/es técnicas/os que enfrentam questões éticas em suas pesquisas.

A versão preliminar do texto desta tese ainda mantinha a identificação das páginas analisadas, mas, a partir de discussão da banca de qualificação e análises junto ao grupo de pesquisa, optei por retirá-la. Isso demonstra que, assim como somos forçadas/os, ao longo do projeto de pesquisa, a revisá-lo, “somos da mesma forma confrontados[as] com a necessidade de revisitar nossa ética inicial, suposições e designs” (FRANZKE et al, 2019, p. 4). Encontramos, assim, nesse documento, respaldo à decisão então tomada.

Dessa forma, mesmo considerando que as “as questões levantadas pela pesquisa na internet são problemas éticos precisamente porque evocam mais de uma resposta eticamente defensável para um dilema específico” (FRANZKE et al, 2019, p. 7), optei por dar importância a algumas reflexões que me pareciam se aplicar ao contexto desta pesquisa. Esse documento ressalta que um “cuidado especial deve ser tomado ao coletar dados da mídia social, a fim de garantir a privacidade e dignidade dos sujeitos” (FRANZKE et al, 2019, p. 13). Considerações adicionais foram sugeridas, “incluindo atenção específica às minorias, indivíduos e/ou comunidades LGBT” (FRANZKE et al, 2019, p. 17), de maneira que se recomenda: “quanto maior a vulnerabilidade de nossos sujeitos, maior nossa responsabilidade e obrigação de protegê-los de possíveis danos” (FRANZKE et al, 2019, p. 18).

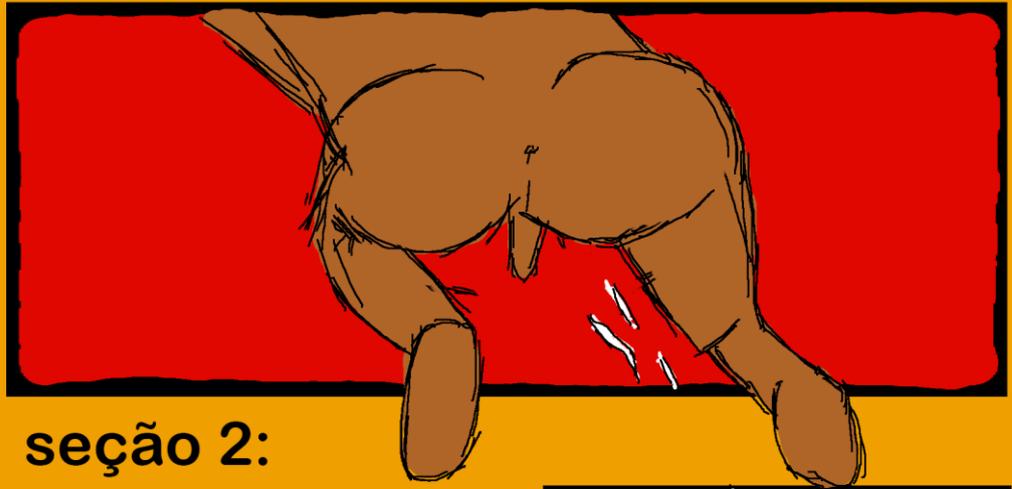
Junto a isso, ressalto que, conforme mostra o mesmo documento, pesquisadoras/es do ciberespaço dependem dos termos e condições de uso das plataformas e aplicativos da internet para coletar dados e pesquisa. No *Twitter*, por exemplo, pede-se que respeitemos o controle de privacidade das/os usuárias/os. Alguns *tweets* podem ser excluídos e/ou mudados de configuração de privacidade. Por exemplo, inicialmente, o/a autor/a do post pode deixá-lo público e, em seguida, mudá-lo para privado. Assim, refletindo sobre “diferentes medidas para mitigar o risco contra os sujeitos de pesquisa” (FRANZKE et al, 2019, p. 11) e sobre as questões

impostas pelos termos e condições de uso que incidem em nossa forma de produção de informações, a partir desse documento, optei pelo anonimato das fontes de pesquisa.

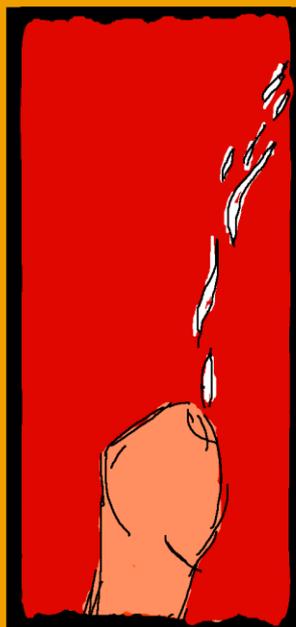
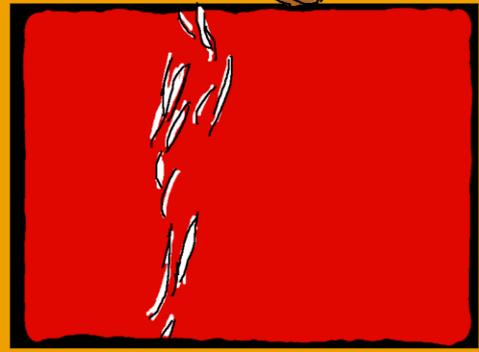
Essa reflexão, portanto, implicou a edição das imagens utilizadas na tese para ocultar ícones e nomes dos perfis e do blog que pudessem ser mais facilmente aproveitados para identificá-los. Utilizei, para isso as imagens originais no banco de dados feitos por mim, abri essas imagens no programa *Paint* do *Windows* e, nesse mesmo programa, com os recursos de cortar e preenchimento, fui fazendo quadrados e retângulos em locais específicos das imagens onde estava escrito o nome dos perfis e onde havia ícones com figuras que representavam os perfis e/ou mesmo fotos de seus administradores. Além disso, foi necessário também substituir os nomes dos perfis e do blog. Para manter os sentidos originais, busquei substituí-los com nomes que os aproximassem de alguma forma. Nesse sentido, se, no nome do perfil, buscava-se qualificar a prática, de alguma forma, procurei adjetivos próximos. Se a prática era associada ao uso do medicamento PrEP, deixei, mas tendo cuidado também de reordenar os caracteres e os adjetivos. Entendo que essa aproximação não afeta o objetivo de manter o anonimato dos perfis, visto que apenas um carácter já é o suficiente para dificultar que alguém encontre o perfil original.

Já em relação ao segundo procedimento da segunda etapa, passei a considerar pertinente a reflexão de que, muitas vezes, algumas palavras utilizadas para substituir aquelas usadas no contexto de origem, como das práticas sexuais, acabam desconectadas “dos valores e sentidos contextuais e que o termo nativo revela” (RIOS, 2005, p. 191). Busquei, aqui, revisar e manter os vocábulos utilizados do modo como são divulgados no *currículo bareback*. Corroboro, assim, com a proposição de Rios (2005, p. 190) de que “precisamos incorporar às pesquisas e ações os vocábulos ‘nativos’, a ludicidade dos termos ditos chulos que assinalam um sentido, um ‘encantamento’, que os termos médico/técnicos como ‘intercurso sexual’, ‘ânus’, ‘pênis’ etc. tentam domesticar, dissolver e apagar”. Assim, em diversos momentos da tese, optei por utilizar as palavras “pau” e “cu” em vez de “pênis” ou “ânus”.

Por meio dos procedimentos aqui adotados e revisados e com base na caixa de ferramentas teóricas e metodológicas mobilizada, a pesquisa analisou o funcionamento do *currículo bareback* na produção de verdades, saberes e posições de sujeitos.



**seção 2:
do prazer**



Ne

**2 MAIS PRAZEROSO, MAIS EXCITANTE E BEM MELHOR: A
PRODUÇÃO DA VERDADE SOBRE O PRAZER NO CURRÍCULO
BAREBACK⁴⁴**

“**E**stou ciente e quero continuar”. Essa frase, acompanhada de um ícone para clicar, remete ao consentimento do/a usuário/a da web que está prestes a entrar em uma página direcionada ao público adulto, com conteúdos relacionados a sexo e sexualidade, muitas vezes com nudez explícita. A frase parece induzir uma reflexão do indivíduo acerca da ação de acesso à página e, ainda, sobre os possíveis efeitos dessa ação. Pode ser, por exemplo, que alguém chegue até o link por engano, servindo, então, esse aviso como um alerta sobre o conteúdo a ser acessado. Ou ainda serve como restrição para visitas de menores de 18 anos ao site, já que conteúdos como os referidos supracitados são proibidos por lei em nosso país para pessoas até essa idade⁴⁵.

Algo aproxima o acesso às páginas com essas temáticas e o *bareback*, prática sexual curricularizada no ciberespaço. A aproximação se dá por meio do consentimento, da reflexão sobre algo e do desejo de querer continuar a fazer determinada coisa – mesmo com as restrições, as interdições e os impedimentos que ela traz.

Ainda que as prescrições difundidas como verdadeiras na contemporaneidade a partir do discurso da prevenção⁴⁶ sejam de que o sexo deve ser feito sempre com o uso de preservativo – protegendo-se de uma série de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e, principalmente, do hiv –, a prática do *bareback* faz circular o oposto: *faça sexo sem preservativo*. Assim, parece demandar daquele que a pratica – o *barebacker* – que também acione esse consentimento: estou ciente e quero continuar. Ciente, portanto, da subversão às prescrições do sexo mais seguro e dos efeitos disso. Considerando, pois, essas prescrições, quero aqui me deter no aspecto discursivo que se dá a partir delas.

⁴⁴ As ilustrações que abrem esta e as demais seções analíticas desta tesa foram gentilmente produzidas pelo meu grande amigo, Neilton dos Reis Goularth, a quem agradeço aqui publicamente.

⁴⁵ Para mais detalhes, ver a lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, a qual dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. É importante ressaltar que a restrição de crianças e adolescentes a conteúdos como os referidos no parágrafo é uma política do *Blogger*, serviço do *Google* que oferece ferramentas para edição e gerenciamento de blogs. Para mais detalhes, ver limitações de conteúdos em: *Política de Conteúdo do Blogger*. Disponível em: <https://www.blogger.com/content.g?hl=pt-BR&bpli=1>. Acesso em: 1 ago. 2020.

⁴⁶ Estou considerando como discurso da prevenção, nesta seção, os ditos divulgados no ciberespaço, em panfletos, cartazes e outras mídias, bem como as prescrições médicas e científicas que incitam e demandam do sujeito o uso do preservativo em todas as relações sexuais. Além disso, a expressão será considerada como sinônimo, em alguns momentos do texto, daquilo que chamo de discurso do *safer sex* (sexo mais seguro).

Para análise do *currículo bareback* como discurso, apoio-me no entendimento das teorias curriculares, no âmbito da perspectiva aqui adotada, as quais têm proposto discussões em torno de quatro questões centrais para os currículos investigados: “a questão do conhecimento e da verdade; a questão do sujeito e da subjetividade; a questão do poder; a questão dos valores” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 37). Para compreender minuciosamente essas quatro questões das investigações curriculares, primeiramente, tomo a questão da verdade. De acordo com Sandra Corazza e Tomaz Tadeu (2003, p. 37), “o componente mais óbvio de uma teoria do currículo tem a ver com a questão do conhecimento e da verdade”, pois se considera que a questão central no campo curricular é “o que deve ser ensinado?”, o que, por sua vez, remete à questão mais ampla: “o que constitui conhecimento válido ou verdadeiro?” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 37). A verdade é, pois, uma questão do currículo e produzida nele.

A verdade é um “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2017a, p. 53). Nesse entendimento, não há verdade a ser desvendada ou descoberta e, sim, aquele discurso que é aceito e autorizado, em determinado tempo histórico, pela sociedade, circulando como verdadeiro. A verdade é constituída, inventada a partir das correlações de forças, de uma política do verdadeiro. Por isso, é possível dizer que é no discurso que se produzem as verdades e os sujeitos. Se estamos no campo da verdade, estamos no campo da subjetividade, no sentido que a verdade tem um poder subjetivante. Para isso, é necessário que nós nos identifiquemos com ela. Se a verdade confere sentido, se ela confere inteligibilidade, se ela dá acesso a nós mesmos/as, ela produz subjetivação. Por meio do processo de subjetivação, o sujeito é produzido “como uma montagem, como uma verdadeira invenção” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 53).

De forma mais ampla, articulada às questões da verdade, sujeito e subjetividade, há a questão dos valores que podem constituir um currículo. Assim, algumas reflexões tornam-se importantes em um currículo, por exemplo: “Por que julgamos certos ideais de conhecimento e sujeito como desejáveis e outros como indesejáveis?” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 39). Do mesmo modo, perguntas como essa servem de reflexão para problematizar sobre as forças “do processo valorativo” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 39) em um currículo. Ou seja, quais critérios são utilizados para decidir o que “é bom e o que é mau, o que é desejável e o que é indesejável” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 44), critérios esses atrelados à formação da moral para condução da conduta humana, a qual torna o valor “um campo antecipadamente fechado,

interditado” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 45). Busco, então, ao analisar um currículo, perguntar pela “valoração do valor”, lançando mão da invenção do valor.

Como podemos perceber, para compreender as questões da verdade, da subjetividade e dos valores em um currículo, é imprescindível entender que eles se constituem e funcionam por meio das relações de poder. O poder não é entendido aqui como aquele que emana de um centro ou como algo unilateral, uma vez que o poder se manifesta por meio das relações – o poder é uma correlação de forças. Ele é muito mais que uma instância negativa, é uma rede que “produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2017a, p. 45). Por não ter apenas caráter repressivo, é possível àquele/a sobre o qual o poder se exerce ter capacidade de ação e de reação. Nesse sentido, todas as prescrições curriculares serão sempre negociadas, contestadas, vividas de diferentes formas, de modo que é “possível se deslocar, de uma maneira ou de outra, algumas vezes contra os efeitos de dominação que podem estar ligados às estruturas de verdade ou às instituições encarregadas de verdade” (FOUCAULT, 2017b, p. 274). Considerando essas quatro questões – verdade, subjetividade, valores e poder –, direciono meu olhar para analisar o funcionamento do *currículo bareback*.

Esse currículo produz verdades, prescreve condutas, ensina modos de ser em meio a relações de poder e disputas de sentidos. No *currículo bareback*, são disponibilizados modos desejáveis de ser jovem *barebacker* a partir de verdades autorizadas e saberes fabricados em intrínseca conexão com relações de poder. O argumento desenvolvido neste capítulo é que, no *currículo bareback*, é produzida uma série de verdades sobre o prazer sexual as quais podem atuar na condução das condutas da juventude *barebacker*. Essa subjetividade é caracterizada como aquela que alcança mais prazer, ao praticar o sexo sem preservativo.

Para isso, no currículo, são produzidas verdades que se constituem por meio de relações de poder, entendidas aqui como relações de forças que estão em disputa por um tipo específico de subjetividade juvenil – o jovem *barebacker*, aquele que quer sentir um *prazer melhor, mais excitante e mais prazeroso*. Para isso, o jovem precisa estar disposto a transgredir a norma de que o sexo com parceiros sexuais casuais e anônimos entre homens precisa ser – obrigatoriamente e independente da situação – com o uso do preservativo.

2.1 O *currículo bareback* produz verdades sobre o prazer sexual

“Éramos novos, tudo isso aconteceu sem camisinha **para tornar aquilo mais exitante** (sic) ainda, coloquei meu pau todo dentro dele e disse que só tiraria quando gozasse” (*Descobrimo algo novo, blogbarebackbr.blogspot.com*).

“Quem já fez sem camisinha **sabe o quanto é bom fuder assim**, essa foi uma foda que eu jamais vou esquecer, embora estávamos bêbados, ainda me lembro bem” (*Fudendo a3 com um micareteiro em Niterói – blogbarebackbr.blogspot.com*).

“Pois todo mundo sabe que sem capa **tem muito mais prazer**” (Postagem com título Termos e Significados Bareback, 8 nov. 2018, *blogbarebackbr.blogspot.com*).

“Usar ou jogar fora? Eu hein, **bareback é bem melhor!!!**” (Postagem em comemoração por 10 mil seguidores do *blogbarebackbr.blogspot.com*. Imagem de um pau ereto sustentando uma camisinha na parte superior, mas sem estar usando-a.).

No currículo investigado, pretende-se produzir uma verdade sobre o prazer na prática sexual entre HSH⁴⁷ sem uso de preservativo. A verdade divulgada nesse currículo é que, no *bareback*, é possível um ato sexual “mais excitante”; com “muito mais prazer” e, portanto, “bem melhor”, por meio do sexo sem camisinha. Para produção dessa verdade, utilizam-se contos eróticos e postagens em textos que remetem à comparação entre o sexo com e sem o uso de preservativo.

Os contos eróticos narram experiências de Maurício Villar, autor do blog. As histórias contadas implicam a produção da juventude *barebacker*, pois as experiências dos contos revelam as aventuras sexuais de um jovem. Os personagens envolvidos nos contos têm, predominantemente, 18 e 19 anos: “Eu tinha 18 anos e ele tinha 17a quando essa história aconteceu” (*Chupeei um amigo da escola de uniforme de educação física, blogbarebackbr.blogspot.com*); “Hoje vou contar uma foda que tive quando eu tinha 19 anos” (*Fudendo a3 com um micareteiro em Niterói*); “Eu tinha 19a e achava muito suspeito [...]” (*Garoto loiro e de olhos azuis no banheiro das Barcas - blogbarebackbr.blogspot.com*); “Eu tinha 18a e ele tinha 16^a” (*Namorado da minha prima curtiu dar para mim na piscina - blogbarebackbr.blogspot.com*). Para descrevê-los, usa-se a expressão “erámos novos” (*Descobrimo algo novo*) e, ainda, “experiência na minha juventude”. São acionados, nessas narrativas, elementos que constituem a juventude na contemporaneidade, por exemplo, sites de bate-papo na internet e aplicativos de mensagens. Os encontros nesses contos são previamente

⁴⁷ De acordo com Mora, Brigueiro e Monteiro (2018), na década de 1990, o sentido da “categoria HSH era agrupar em modelos abstratos os homens que não necessariamente se identificavam como gays, mas relatavam prática sexual (não obrigatoriamente exclusiva) com homens” (MORA; BRIGUEIRO; MONTEIRO, 2018, p. 6). Mas essa não é definição unânime, já que estudos têm apontado críticas na definição dessa sigla. Para mais detalhes, ver: Mora; Brigueiro; Monteiro (2018).

marcados no ciberespaço com o auxílio de aplicativos de comunicação, outros acontecem de forma imprevisível, como encontros em lugares públicos. Procuram-se evidenciar, nessas narrativas, práticas sexuais sem o uso do preservativo, divulgando que elas proporcionam “muito mais prazer”, são “mais excitante[s]” e, justamente por isso, “bem melhor[es]”.

O conto é um gênero textual caracterizado por uma narrativa breve, em prosa, com o intuito de descrever situações da rotina, anedotas e até mesmo histórias folclóricas. Este é um recurso utilizado para ensinar algo, envolver o/a leitor/a e, de certo modo, instigá-lo/a a se implicar na história narrada. Como o título de um conto, por exemplo, pode-se chamar a atenção do/a leitor/a. Assim, o investimento nesse tópico é algo a ser pensado para induzir o interesse em ler e incitar mais a curiosidade e o envolvimento. A utilização desse gênero no *currículo bareback* produz e faz circular verdades em torno do sexo sem camisinha. Exploro aqui uma verdade produzida sobre o prazer sexual.

O título de um dos contos no currículo em análise é *Descobrimo algo novo (blogbarebackbr.blogspot.com)*. Nesse conto, é narrada a primeira transa com penetração de dois jovens homens. É mostrado como eles se envolvem em um espaço mais aberto até chegar ao quarto. Ao longo do conto, o narrador destaca: “Éramos novos, tudo isso aconteceu sem camisinha para tornar aquilo mais exitante (sic) ainda”. Divulga-se nesse conto uma forma mais intensa de produzir o prazer sexual, sendo, para isso, necessário que o sexo seja praticado sem camisinha. A expressão “algo novo”, encontrada no título do conto, trata especificamente da primeira relação sexual com penetração entre esses dois jovens – já que antes eles trocavam apenas toques –, mas pode também remeter ao sentido de algo diferente do que é prevalentemente demandado nas prescrições em torno do sexo de HSH⁴⁸, isto é, o uso de preservativo. Nesse caso, trata-se de algo novo, além das expectativas. O discurso da prevenção demanda que, nas relações sexuais entre jovens homens, eles estejam de alguma maneira preparados e usem a camisinha. Mas, nesse conto, eles não possuem camisinha, ainda não se preocupam com isso. Evidencia-se, por outro lado, que a relação sexual se tornou *mais excitante* por ser dessa forma. No *currículo bareback*, produz-se uma verdade que está em disputa com o discurso da prevenção. Na cena aqui em questão é a *excitação* que essa prática provoca, exatamente por ser sem preservativo, que é acionada para produzir uma verdade sobre o prazer e instigar jovens a desejar tomar para si essa verdade. O currículo analisado conduz as condutas

⁴⁸ Ainda que o imperativo para que o uso camisinha se estenda a todos/as, as campanhas são mais incisivas e direcionadas para homens. Para mais detalhes, ver a última campanha do Ministério da Saúde sobre HIV: *Ministério da Saúde lança campanha para conter avanço de HIV em homens. Dados apontam que 73% dos casos de HIV ocorrem em homens*. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/ministerio-da-saude-lanca-campanha-para-conter-avanco-de-hiv-em-homens>. Acesso em: 25 ago. 2019.

de modo a produzir o jovem *barebacker*, aquele que transa sem preservativo e, com isso, alcança um prazer bem melhor e mais excitante.

Em outro conto⁴⁹, a aventura sexual começa quando dois rapazes, decididos a procurar um terceiro para transar, fazem isso no ciberespaço. Ao conseguirem marcar com um rapaz, eles se encontram e vão para um motel. Então, é narrado todo envolvimento sexual, como os toques faziam sentir tesão, toda efervescência do ato sexual até chegar a hora da penetração, que “por um detalhe quase não rolou”. No conto, surge o seguinte questionamento: “Os 3 (sic) não levaram camisinha, e agora?”. A estratégia de acionar uma pergunta para a situação na qual os três estavam sem camisinha pode implicar o leitor a refletir: e agora, quais procedimentos tomar, quando verdades estão em disputa por um tipo de conduta? O que pode ser considerado certo ou errado diante daquilo que cada uma das verdades prescreve? Em uma situação em que todos estão envolvidos pela excitação, devem continuar e transar sem camisinha ou parar por ali mesmo? Quando, no conto, surge o questionamento “e agora?” e, a partir dele, levantamos essas outras perguntas, evidenciam-se as disputas que estão em jogo pela verdade acerca do prazer que incide na condução da conduta dos indivíduos. No *currículo bareback*, ao dar continuidade ao conto, é oferecida uma resposta a essas questões: incita-se o sexo sem camisinha e afirma-se que isso é mais excitante. No conto, o uso do preservativo passa a ser apenas uma questão que atravessa a experiência sexual de forma rápida ou, ainda, é um *detalhe* e eles decidem continuar. Ao observar os outros dois parceiros transando sem camisinha, o outro diz: “realmente encantador” e ainda encerra dizendo “quem já fez sem camisinha sabe o quanto é bom fuder assim”.

Detalhe pode até soar como ironia, se pensarmos que o sexo sem camisinha entre parceiros sexuais ocasionais, anônimos e entre homens que fazem sexo com homens, em outras práticas discursivas, é interdito, combatido, abominado e proibido naquilo que está na ordem do verdadeiro do discurso da prevenção para saúde pública e individual. Nesse discurso, prescreve-se, por exemplo, que todas as relações sexuais devem ser com camisinha. Podemos encontrar ditos que constituem esse discurso em diversos espaços remetendo uns aos outros. No site do Ministério da Saúde, afirma-se: “O uso da camisinha (masculina ou feminina) *em todas as relações sexuais* (orais, anais e vaginais) é o método mais eficaz para evitar a transmissão das IST, do HIV/aids e das hepatites virais B e C” (BRASIL, 2019). As campanhas de organizações não governamentais (ONGs) de enfrentamento ao hiv/aids também reiteram esse dito. Na última Copa do Mundo de Futebol de 2018, o *slogan* da organização não

⁴⁹ Disponível blogbarebackbr.blogspot.com. Acesso em: 17 ago. 2020.

governamental *Aids Healthcare Foundation* (AHF), no Brasil, e do Instituto Cultural Barong dizia “Proteja seu jogador número 1, entre em campo com a camisinha certa”⁵⁰. Afirma-se que, para entrar em jogo (jogo como sinônimo de relação sexual), é necessário se proteger e usar a camisinha. Em *sites* de notícias, podemos encontrar ditos que prescrevem reiteradamente o uso da camisinha: “Para prevenir ISTs e gravidez indesejada, o uso da camisinha é sempre recomendado”⁵¹ (grifo meu). Esses ditos se desdobram em outros espaços e campanhas.

O imperativo de sempre usar camisinha ganhou força com o advento da aids e emerge na comunidade gay, pois se vinculou a doença à homossexualidade (GÓIS, 2003; TREVISAN, 2018). Dentro do ativismo das ONGs gays para garantir a prevenção e afirmar a necessidade do uso da camisinha como verdade, uma estratégia discursiva utilizada foi promover e erotizar o preservativo⁵². Não somente isso, também se buscou aproximar a camisinha à subjetividade gay, como, por exemplo, uma campanha da *San Francisco Aids Foundation*, com slogan “Be a rubberman... Use condoms every time” (PINHEIRO, 2015). A palavra “*rubber*”, que, em inglês, significa “borracha”, era usada como sinônimo de preservativo. Desse modo, “*rubberman*” pode ser traduzido como “homem-borracha”. No processo de subjetivação em curso nesses ditos, prescreve-se a conduta da prevenção. Ser gay é também usar camisinha em todas as relações. É ser um *homem-borracha*. Desse modo, constituiu-se um imperativo que prescreve a gays ou HSH a regra de conduta de sempre usar camisinha. A campanha do Ministério da Saúde, do ano de 2019, voltada para conter o avanço do hiv entre homens, trouxe o seguinte *slogan*: “Pare, pense e use camisinha”⁵³. Compondo o discurso da prevenção, nesse caso, demandam-se, de modo imperativo, condutas prescritas como adequadas: pare, pense e use a camisinha. Tais condutas estão em disputa com o que é prescrito aos *barebackers*.

A atitude de reflexão no conto *Fudendo a3 com um micareteiro em Niterói* sobre não terem o preservativo é até feita pelo narrador. Podemos dizer que os ditos dos discursos da prevenção também tiveram um efeito na atitude dele, já que, de algum modo, ele pensa sobre a ausência da camisinha naquele momento e, ainda que isso seja apenas um detalhe, ele reflete: “Os 3 não levaram camisinha, e agora?”. No entanto, nos desdobramentos do conto, é mostrado que o sexo continua, mesmo sem camisinha. Se, no processo de constituição da camisinha

⁵⁰ Disponível em: <http://agenciaaids.com.br/noticia/ongs-no-brasil-que-trabalham-com-hiv-aids-lancam-campanha-sobre-uso-de-preservativo-na-copa-do-mundo/>. Acesso em: 24 ago. 2019

⁵¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2019/02/27/camisinha-veja-10-curiosidades-e-dicas-para-se-proteger.htm>. Acesso em: 24 ago. 2019

⁵² Para mais detalhes, ver Góis (2003).

⁵³ Para mais detalhes, ver: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/ministerio-da-saude-lanca-campanha-para-conter-avanco-de-hiv-em-homens>. Acesso em: 24 ago. 2019

enquanto objeto erótico, pretendia-se criar a subjetividade do *rubberman*, por outro lado, no *currículo bareback* – ao produzir uma verdade sobre uma prática sexual sem preservativo como *mais excitante* –, pretende-se conduzir as condutas juvenis e produzir a subjetividade *barebacker*. Em outro dito desse currículo, novamente, prescreve-se o sexo sem camisinha. Em um post em comemoração aos 10 mil seguidores no *site*, uma imagem de um pau ereto sustentando uma camisinha na parte superior, afirma-se: “Usar ou jogar fora? Eu hein, *bareback* é bem melhor!!!”.

No currículo investigado, nesses dois contos – *Descobrimo algo novo; Fudendo a3 com um micareteiro em Niterói* –, utiliza-se a estratégia da comparação para convencer o jovem de que o prazer no sexo sem camisinha é possível, é *encantador*, é *mais excitante* e quem já fez sabe *o quanto é bom*. As demais postagens reiteram o que é produzido nesses contos. Destaco dois ditos em postagens distintas desse currículo. Além da postagem que ressaltamos anteriormente – “eu hein, *bareback* é bem melhor” –, outro post⁵⁴, destinado a esclarecer termos e significados *bareback*, afirma: “Pois todo mundo sabe que sem capa tem muito mais prazer”. Nesse sentido, toma-se o prazer como objeto nesse currículo, no qual é produzida a verdade que existe uma forma mais prazerosa no sexo entre homens, que o prazer pode ser sentido com mais excitação, pode ser bem melhor, se for sem o uso do preservativo.

Entendo que a utilização dos contos e as postagens são estratégias discursivas do *currículo bareback* para produção da verdade sobre um tipo de prazer melhor na relação sexual. Estratégia discursiva é “uma arte de explorar condições favoráveis para alcançar objetivos específicos” (PARAÍSO, 2007, p. 55). As estratégias discursivas podem ser percebidas como “própria[s] às relações de poder na medida em que estas constituem modos de ação sobre a ação possível, eventual e suposta dos outros” (FOUCAULT, 2013, p. 293). As estratégias discursivas operam para convencer o jovem de que há *um prazer sexual bem melhor, mais prazeroso, mais excitante* que pode ser experimentado no sexo sem preservativo. Essas estratégias são compostas por relações de poder. Ao mesmo tempo em que constituem modos de ação sobre a possível conduta dos jovens nas maneiras que esses vivenciam os prazeres sexuais, as verdades divulgadas no *currículo bareback* estão em disputa com outras verdades que circulam no discurso da prevenção.

Nesse sentido, compreendo que a juventude *barebacker* se constitui por meio das relações de poder e regimes de verdade nas tensões entre a estimulação e interdições às práticas sexuais sem uso do preservativo. Conforme explicitado por Paraíso (2007), baseada em

⁵⁴ Disponível em blogbarebackbr.blogspot.com Acesso em: 17 ago. 2020

Foucault, “o sujeito não se constrói de maneira livre, mas sim por meio de diversos sistemas de restrições e incitações” (PARAÍSO, 2007, p. 54). No currículo investigado, é estimulado e incitado que os jovens tenham relações sexuais sem camisinha para sentir um prazer *bem melhor e mais excitante*, mas há uma verdade que concorre com essa produzida nesse currículo que também toma o prazer como objeto.

Nas sociedades modernas, de acordo com Foucault (2014a), o sexo torna-se objeto de investimento de um regime de poder-saber-prazer que busca sustentar um discurso sobre a sexualidade humana. Desse modo, o filósofo preocupa-se em investigar de que modos “o poder penetra e controla o prazer cotidiano” (FOUCAULT, 2014a, p. 17), com efeitos que envolvem recusa, bloqueio, desqualificação, incitação e intensificação. Constitui-se, assim, uma ciência da sexualidade, em que toda conduta é tomada como objeto de análise e alvo de intervenção, com o intuito de governar o indivíduo. Assim, “entre o Estado e o indivíduo, o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram” (FOUCAULT, 2014a, p. 30). As condições históricas e sociais exigem que os discursos se adéquem, atualizem-se e funcionem de determinadas maneiras.

Mais recentemente, com o advento de epidemia do hiv/aids, a produção de verdades sobre como se relacionar, qual sexualidade é considerada normal e como o sexo deve ser vivido, ganhou importantes contornos. Os ditos em torno da prevenção estão inseridos nessa produção discursiva que prescreve, divulga e controla o prazer. No que se refere ao uso do preservativo e o que seria o sexo mais seguro, as prescrições e os saberes não se multiplicaram fora do poder, mas, sim, lá onde ele se exerce e como meio para seu exercício. Sendo, pois, produzidos em meio às relações de força, abre-se um campo de possibilidades “para funcionarem outros discursos, múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder” (FOUCAULT, 2014a, p. 34). Ao evidenciar o funcionamento do *currículo bareback*, considerando as verdades que nele são produzidas, mostramos também as relações de força na constituição dessas verdades. A verdade desse currículo é uma perspectiva do prazer, uma versão ou interpretação, dentre as muitas que poderiam ser forjadas ou fabricadas, estando em disputa, também, com outras verdades sobre o prazer produzidas em outros espaços e discursos.

Mesmo estimulando um modo específico de sentir o prazer para que este *seja bem melhor, mais excitante e mais prazeroso* – e isso possa ser visto como uma transgressão às normas do discurso da prevenção e às prescrições do sexo mais seguro, com a obrigatoriedade do uso da camisinha –, essa verdade sobre o prazer é forjada em relações de poder. Toda verdade

é produzida a partir das relações de poder, já que o poder “está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2014a, p. 101). Dessa forma, ao divulgar a verdade de que o sexo sem preservativo é mais prazeroso, privilegia-se e autoriza-se uma forma de sentir prazer. A verdade de um prazer sem camisinha como aquele que é *bem melhor e mais excitante* é divulgada em detrimento de outras formas de prazer. Para isso, subvertem-se e se produzem diferentes modos daqueles que são considerados corretos no discurso da prevenção. Percebe-se, nesse currículo, a produção de modos de sentir prazer associados à prática do *bareback*. Nessa forma de produzir relações de sexualidade, a divulgação dessa verdade fabrica um modo como os sujeitos devem se conduzir e que ações devem realizar para sentir mais prazer. Assim, procuram-se incitar práticas sexuais marcadas pelo sexo sem preservativo. O prazer dessa prática é, portanto, no *currículo bareback*, objeto tomado para produção da verdade nas relações de poder. Os sujeitos desse currículo são convocados a viver o prazer do sexo sem camisinha, já que ele é bem melhor. O conjunto de ditos nesse currículo contribui para a elaboração, a divulgação e a incorporação de certas verdades sobre o prazer sexual.

A produção da verdade sobre o prazer no *currículo bareback* concorre com outras produzidas em outros lugares e espaços, como aquelas encontradas no discurso da prevenção. Assim, investe-se no prazer, de diferentes formas, para produzir verdades sobre maneiras corretas e prazerosas de fazer sexo. Produzem-se modos múltiplos e, por vezes, não lineares de como sentir prazer: com ou sem preservativo, de acordo com as necessidades e os modos como os indivíduos se relacionam com os ditos que circulam sobre o prazer.

Isso indica que, ainda que, no currículo investigado, a verdade de um prazer *bem melhor, mais excitante e mais prazeroso* seja aquele que é sentido quando não se usa camisinha na prática sexual, em outros lugares, a verdade sobre isso pode ser vista e concebida de outra forma. É o que pode ser percebido nas propagandas de preservativos que se seguem.

Figura 1 – Propaganda de preservativo texturizado da marca Blowtex



Fonte: Disponível em:

<<https://images.app.goo.gl/NuySDBuEQ659GpWR9>>. Acesso em: 5 set. 2019.

Figura 2 – Propaganda de preservativo ultrasensível da marca Prudence



Fonte: Disponível em:

<<https://images.app.goo.gl/ujepZuX6ZpTu7rbm9>>. Acesso em: 4 set. 2019.

Figura 3 – Propaganda de preservativo extra grande da marca Prudence



Fonte: Disponível em:

<<https://images.app.goo.gl/WaKHHxaTS4WG2ETW>>.

Acesso em: 4 set. 2019.

A primeira⁵⁵ delas é a propaganda de preservativo da marca *Blowtex*. A imagem divulgada traz a embalagem de um preservativo, do lado esquerdo, com o seguinte dito ao lado direito: “Quando a gente falou que o prazer era *dobrado* e *prolongado*, não era brincadeira”. Os grifos são da própria publicidade destacados com cor diferente da cor usada no restante da frase.

A segunda propaganda que trazemos aqui é uma divulgação da marca *Prudence*, a qual adota o seguinte *slogan* em suas campanhas: “(PRUDENCE) mais prazer pra todos”. Nessa peça publicitária, a embalagem de um preservativo *Prudence* aparece centralizada, com o dito “mais sensibilidade” na parte superior da imagem – completado com o dito “mais tesão” no canto esquerdo da figura. A foto da embalagem enfatiza para a característica específica desse preservativo “mais fino” e abaixo do nome da marca: “ultra sensível” (sic).

⁵⁵ Para ver as imagens, acesse: <https://images.app.goo.gl/NuySDBuEQ659GpWR9> – imagem 1, acesso em: 1 ago. 2020; <https://cutt.ly/HymKgkh> – imagem 2, acesso em: 1 ago. 2020.

Nota sobre a imagem 3: até a data da pesquisa netnográfica que subsidia este texto (4 set. 2019), essa imagem estava disponível no seguinte endereço: <https://images.app.goo.gl/WaKHHxaTS4WG2ETW>. No entanto, na etapa de finalização do texto, percebemos que o link se tornou um “link não encontrado”. A imagem agora faz parte do arquivo da pesquisa e pode ser visualizada aqui: <https://cutt.ly/TyRZglV>. Acesso em: 1 ago. 2020.

A terceira imagem, outra propaganda da marca *Prudence*, traz ao fundo um casal heterossexual, em uma cena erótica que parece retratar carícias preliminares ao ato sexual, com o seguinte dito: “menos roupa, mais pele na pele”. Na imagem ainda é destacado que esse preservativo é “maior e mais fino”. Novamente o apelo do adjetivo em superlativo: “ultra sensível” (sic). Tais propagandas parecem empenhadas em seduzir consumidoras/es por meio da divulgação do potencial do preservativo em gerar prazer, tesão e sensibilidade em intensidade hiperbólica.

Os *slogans*, ditos e imagens de materiais preventivos como a camisinha (objeto central no discurso da prevenção) compõem e constituem esse discurso, uma vez que também contribuem para a produção de verdade sobre o sexo prazeroso, bem como sobre os modos de sentir prazer – como iremos explorar aqui. As três propagandas de preservativos estão vinculadas, pois compõem campanhas para incentivar o uso da camisinha. É possível perceber que esses anúncios não são da ordem do imperativo, ou seja, não dizem diretamente “use preservativo!”, não fazem uso do medo e/ou do terror para dizer que é necessário usá-lo para evitar infecções sexualmente transmissíveis e, portanto, não estão diretamente vinculadas aos ditos de saúde pública. Ao nos referirmos aos ditos de saúde pública do discurso da prevenção, estamos nos referindo aos ditos que estimulam o uso do preservativo como forma de evitar infecções sexualmente transmissíveis, como dito pela Organização Mundial da Saúde (OMS): “De acordo com a OMS, o motivo para números tão altos é a negligência no uso da camisinha, que deveria ser utilizada em todas as relações sexuais, especialmente com parceiros encontrados através de aplicativos de namoro ou em bares e baladas”⁵⁶.

As propagandas aqui analisadas produzem uma verdade sobre o “prazer”, isto é, este está justamente no uso do preservativo correto, naquilo que ele proporciona, estimula e incentiva como forma de sentir tal prazer. Na primeira propaganda mencionada, da marca *Blowtex*, o prazer com o uso do preservativo é dobrado e prolongado, dois adjetivos que são acionados nessa publicidade e destacados na frase para serem colocados em evidência. Para tentar convencer, a propaganda divulga um prazer dobrado, ou seja, no que é divulgado na propaganda – diferentemente do que é dito no *currículo bareback* – é justamente o uso da camisinha que pode duplicar o prazer. Junto a isso, o prazer prometido pode ser insistente,

⁵⁶ OMS alerta sobre aumento de DST na era dos aplicativos de paquera. *Veja*, São Paulo, 7 jun. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/oms-alerta-sobre-aumento-de-dst-na-era-dos-aplicativos-de-paquera/>. Acesso em: 24 ago. 2019.

demorado, duradouro, estendido. Mas, para isso, é necessário que essa peça da prevenção seja utilizada.

As duas outras propagandas da marca *Prudence* também acionam, em seu *slogan*, o “prazer” e dizem que a camisinha *Prudence* é *mais prazer* para todos/as. É possível questionar por que é “mais prazer”, em relação a quem – já que o “mais” é um advérbio utilizado para dizer de algo em maior quantidade, em maior grau, melhor, preferencialmente, em relação a alguma coisa. Além do investimento no prazer, essa marca aciona dois ditos que parecem se aproximar da forma que o prazer é divulgado no *currículo bareback*: *mais sensibilidade, mais tesão; menos roupa, mais pele na pele*. A mesma estratégia discursiva de garantir mais prazer está em operação nas propagandas analisadas e no *currículo bareback*. Porém, nas propagandas, tem-se o objetivo oposto ao do currículo em análise: prescrever o uso da camisinha.

Na arena de produções de verdades sobre o prazer, há um jogo de relações de força que as constituem. O *currículo bareback* e os ditos das campanhas publicitárias, as quais compõem o discurso da prevenção, disputam formas específicas de condutas para sentir mais prazer na relação sexual. Em cada uma delas é possível encontrar formas “aceitáveis” para senti-lo. Em consequência, ensina-se como se conduzir e o que é adequado para ter acesso ao prazer. Nesse sentido, na produção dessas verdades sobre *mais prazer* ou *prazer melhor*, há disputas em torno dos modos de conduzirmos nossas condutas a fim de sentir prazer e de nos relacionar sexualmente. Nesses ditos, é possível perceber um fio tênue naquilo que se diz sobre ele com pretensões de verdade. Esse franzino e tão sutil fio regula a sensibilidade no momento de sentir prazer.

O “prazer melhor” ou “para sentir mais prazer”, nas propagandas e no *currículo bareback*, estão, de algum modo, relacionados à sensibilidade de sentir a pele do outro. A pele é trazida, nas estratégias discursivas do *currículo bareback* e nas campanhas publicitárias da camisinha, como essa camada na qual o prazer encontra o lugar para se manifestar. No entanto, para as propagandas, a camisinha mais fina vai proporcionar uma sensação de contato com a pele e, logo, *mais prazer*; já, no *currículo bareback*, é divulgado que o que proporciona um *prazer bem melhor, mais excitante e mais prazeroso* é o sexo sem a camisinha. Existe um termo divulgado no *currículo bareback* que evidencia esse interesse pela pele, trata-se do termo “no pelo”. “No pelo” refere-se à pele com pele, ao sexo sem preservativo e também está na etimologia da palavra *bareback*, tendo em vista que “‘*bareback sex*’ pode ser traduzido literalmente como ‘sexo com as costas descobertas’ (*bare* = desnudo, descoberto; *back* = costas ou dorso)” (GARCIA, 2009, p. 540). Portanto, uma verdade acionada para conduzir a conduta

juvenil é transar sem camisinha para sentir o sexo “no pelo”, sentir o prazer na pele. A vinculação do prazer com a pele também se faz presente nos ditos das campanhas de camisinha. Elas se preocupam em fabricar e divulgar um preservativo *mais fino* e *ultra sensível* para que, assim, a pessoa possa ter mais sensibilidade e, conseqüentemente, sentir mais tesão e mais prazer. As duas estratégias discursivas tomam a pele como local para sentir mais prazer, mas cada uma toma para si esse princípio de forma diferente para produção de uma verdade que as reparte, diferencia e as coloca de lados opostos como adversárias: para uma, esse prazer é possível com o preservativo certo que traz a sensação de contato com a pele e, para outra, esse prazer só é possível quando sem preservativo algum.

Essa verdade sobre a relação entre o prazer e a pele se reformula quando o discurso da prevenção entra em cena no jogo discursivo. Assim, constituindo o discurso da prevenção, a campanha publicitária aponta para um modo de sentir o prazer no contato com a pele, desde que ele seja com a camisinha. A marca *Prudence* parece se preocupar e corroborar com a afirmação de que o contato com a pele é imprescindível para ter mais prazer, mas ainda é necessário não abrir mão da camisinha na relação sexual. Vejamos que a própria marca aparece nas imagens da campanha “protegida” por algo. No centro da imagem, a marca está dentro de um círculo e, na frase mais abaixo, que traz o *slogan* – (*Prudence*) mais prazer pra todos – a marca vem entre parênteses ressaltando, assim, a necessidade desse prazer que está protegido. Protegido, aqui, na perspectiva do que é mais valorizado como a forma mais eficaz do sexo mais seguro: o uso da camisinha.

No *currículo bareback*, há também a compreensão de que, para sentir mais prazer, o contato com a pele é importante, mas aqui sem uma camada fina e protetora. O preservativo é interdito para produção do *prazer melhor*, conforme podemos ver em um questionamento colocado como legenda de uma foto de um homem pelado mostrando seu pau e uma mão segurando uma camisinha: “Usar ou jogar fora? Eu hein, bareback é bem melhor!!!”. Assim, para esse currículo, o *bareback* é *bem melhor* porque *sem capa tem muito mais prazer*. Nesse caso, o aumento do prazer pode ser porque o *bareback* remete ao contato da pele com a pele, visto que a expressão “no pelo” compõe as motivações do *bareback* – sendo mobilizada para o dizer de um prazer “hiperbólico” ou aquele que “só tem sentido supondo ou dando por entendido que o sexo sem preservativo é mais prazeroso que o ‘sexo seguro’” (GARCIA, 2009, p. 562).

Nesse sentido, podemos perceber a sutileza dos jogos de poder na produção de verdade sobre os modos de sentir prazer na relação sexual. Os modos de sentir prazer são objeto de

investimento não somente no *currículo bareback*, mas também nas esferas do discurso da prevenção, nos modos como os sujeitos ressignificam o que é dito sobre o prazer de acordo com as necessidades pessoais e as experiências particulares que cada um vivencia. Assim, as verdades produzidas sobre as formas de sentir prazer, o que deve ser feito, qual é a melhor forma, como ele pode ser *mais prazeroso, excitante e melhor*, se mais seguro aos moldes do discurso da prevenção ou não, estarão sempre em disputa. Os conflitos em torno da produção da verdade constituem os modos mais prazerosos de ter relações sexuais, pois, por meio desses ditos postos em circulação, os indivíduos são “levados a voltar atenção para si mesmos, a decifrar-se, a reconhecer-se e a assumir como sujeito de desejo”, atribuindo uma “experiência de si próprio como sujeito de uma ‘sexualidade’” (FOUCAULT, 2017b, p. 189).

Os ditos, tanto do *currículo bareback* como aqueles das campanhas publicitárias, prescrevem o uso ou não do preservativo, com a finalidade de sentir *mais prazer, sentir um prazer bem melhor, mais excitante, dobrado e estendido ou com mais tesão*. Desse modo, o *currículo bareback*, como discurso, fabrica modos de sentir prazer, sendo, também assim, fabricado por ditos sobre o prazer que circulam no ciberespaço. O que se pode inferir ainda, a partir dessas considerações, é que as formas de sentir prazer são múltiplas e que os preservativos “podem ser tão ‘natural’ ou ‘artificialmente’ prazerosos para alguns, como a pele o é para outros, e o que é ‘natural’ ou ‘originariamente’ o prazer seguramente não pode ser determinado por uma contagem estatística – e provavelmente não se pode decidir” (GARCIA, 2009, 562).

2.2 Valores no *currículo bareback*

Uma importante questão constitui o *currículo bareback*: a questão dos valores, entendidos como “critérios para decidir o que é bom e o que é mau, o que é desejável e o que é indesejável. Reunidos, esses critérios formam a moral” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 44). A moral, por sua vez, é entendida por Foucault (2017b, p. 205) como um “conjunto de valores e regras de conduta que são propostos aos indivíduos e aos grupos por meio de diversos aparelhos prescritivos”. Mas, se temos esse conjunto de regras, há a *moralidade dos comportamentos* (FOUCAULT, 2017b) que é o comportamento dos indivíduos em relação a essas regras, se eles se adéquam ou não às regras propostas, como se adéquam, se obedecem ou resistem, se respeitam ou as negligenciam. *O currículo bareback* estabelece uma relação com uma moral divulgada pelo discurso da prevenção que orienta, prescreve e estabelece regras para as condutas sexuais entre HSH como parceiros sexuais ocasionais e/ou anônimos. Entre os ditos

do discurso da prevenção, como vimos, estão aqueles que dizem que essas relações devem ser sempre com o uso do preservativo. Mas toda moral é uma invenção, é contingente, de modo que devemos perguntar pela valoração dos valores (CORAZZA; TADEU, 2003). Para entender a produção da moralidade em torno do uso do preservativo, é necessário descrever as condições de emergência que tomam a camisinha como elemento importante no sexo.

O cenário de aparecimento da aids e do vírus do hiv compõe a mistura de “medos e tabus milenares de epidemia, homossexualidade e morte” (POLLAK, 1990, p. 11), já que a doença se difundiu, ao menos inicialmente, fortemente vinculada à homossexualidade. Essa conexão aconteceu em consequência da difusão da expressão “grupo de risco” (POLLAK, 1990). Diversos segmentos da sociedade e da ciência disputavam o lugar de autoridade para dizer a verdade sobre o que estava acontecendo. As conclusões, na maioria das vezes, reforçavam o vínculo entre homossexualidade e aids. De acordo com Veriano Terto Junior (2002), a associação “chegou a tal ponto que a doença, recém-descoberta, chegou a ser chamada de GRID (*Gay Related Immune Deficiency*) nos meios científicos e de *câncer gay*, *peste gay* ou *peste rosa* pela imprensa e pela opinião pública” (TERTO JR., 2002, p. 148, grifo do autor). De fato, os homossexuais correspondiam, no início da epidemia, a mais de 60% dos casos registrados (POLLAK, 1990), mas a expressão “grupo de risco” acentuou o estigma, o preconceito e o medo em torno da homossexualidade. As formas por meio das quais instituições como a mídia lidaram com essas questões tornaram a situação ainda mais delicada, pois “a partir delas [das mídias] foram construídas imagens preconceituosas sobre a doença e o doente que modelaram muitas das respostas à epidemia e geraram uma sub-epidemia conexas: a do medo, da violência e do desespero” (GÓIS, 2003, p. 28).

Somente em 1984, foi confirmado que a doença era causada por um vírus específico (GÓIS, 2003), o hiv. Essa notícia favoreceu as ações das ONGs no que se refere à estimulação do uso da camisinha e, nos anos seguintes, cresceu o número de adeptos/as entre a população jovem (MOTT, 1987). As ações nessa fase tiveram como objetivo ampliar o acesso às informações e ao preservativo. As ONGs criticaram veementemente a forma como o Estado difundia informações sobre a doença, produzindo ainda mais medo e relegando à clandestinidade as pessoas afetadas pelo vírus.

Góis (2003) destaca três componentes nas campanhas dessas organizações não governamentais nesse período. O primeiro deles é um componente político, que difundia a percepção do sexo como uma atividade saudável e prazerosa que não deveria ser abandonada. O segundo seria o componente psicológico que tem como base a noção de que, tendo

conhecimento dos modos de transmissão, é possível uma relação menos angustiante com a doença. O último componente da campanha se constitui na reiteração da afirmação de que a camisinha deveria ser usada em todas as formas de relações sexuais.

A partir dessas campanhas, tinha-se a ideia de que o uso da camisinha estava sendo entendido como uma necessidade e, por isso, seria facilmente assimilado às práticas sexuais. O “intruso de látex” (GÓIS, 2003, p. 31) garantia a segurança, pois algo rondava a sexualidade naquele momento: o medo da morte. Tratava-se de um risco potencial e real de uma doença que poderia evoluir rapidamente para o óbito.

Mesmo com alguns avanços, como a descoberta do vírus que causava a aids e das formas de tratamento, os ditos que vinculavam homossexualidade masculina e aids ainda continuaram em circulação em diversos segmentos da sociedade. O discurso da mídia recorrentemente, na década de 1990, veiculava notícias preconceituosas; grupos se organizavam para atacar pontos de encontros gays; cartazes espalhados em alguns lugares estimulavam a violência e até a morte de homossexuais. Essas estratégias incidiram na forma como homossexuais se constituíam como sujeitos de uma sexualidade considerada anormal e arriscada. Assim, a aids não somente modificou a forma como eles faziam sexo, mas a sua sociabilidade. A homossexualidade era produzida discursivamente como um lugar do terror e do medo da morte, devido a esse amálgama de sentidos entre aids e homossexualidade. A aids instalou um processo de normalização das condutas no sexo entre homens, designando o que poderia e o que não poderia ser feito em relação à doença.

Desse modo, a camisinha passa a ser um elemento importante na prevenção do hiv e das outras infecções sexualmente transmissíveis – algo imprescindível nas relações entre homossexuais e HSH, visto que temos, até hoje, ressonâncias da vinculação entre hiv/aids e relações sexuais entre HSH. Nesse sentido, a prática do *bareback* levanta suspeitas. Na opinião pública e na cobertura dos meios de comunicação, “o *barebacking* despertou um pânico moral que nunca foi despertado no caso do sexo casual heterossexual sem preservativo” (GARCIA, 2009, p. 546). Assim, o *barebacker* é visto por alguns como “a confirmação definitiva do caráter perverso e patológico (sic) do homossexual, de sua periculosidade social e do merecimento de sua infecção” (GARCIA, 2009, p. 546), podendo aparecer, ainda, “como aquele que boicota, que trai as conquistas de duas décadas de militância homossexual” (GARCIA, 2009, p. 546). Mesmo que os homossexuais não sejam mais categorizados como doentes mentais ou a homossexualidade seja criminalizada, os atos sexuais ou subjetividades vinculadas à homossexualidade são ainda objeto de classificação, registro e re/codificação. Assim, os

discursos da prevenção atuam examinando, inspecionando, avaliando e estabelecendo regras morais às condutas sexuais de HSH.

Mesmo que essas regras estejam explicitamente formuladas, elas constituem um jogo complexo de elementos que permitem compromissos e escapatórias. Os indivíduos que são a elas submetidos podem se comprometer em seguir rigorosamente as prescrições do sexo mais seguro com o uso do preservativo, podem, ainda, escapar a essas prescrições ou podem ressignificar essas prescrições nos modos como entendem e praticam o sexo mais seguro. O *barebacker* resiste à interdição do sexo sem camisinha e negligencia um conjunto de valores postos em nossa cultura sobre o sexo com preservativo. Desse modo, “o prazer do *barebacker* é um (não-)argumento (sic) que se opõe a certas regras estabelecidas que são de índoles diversas” (GARCIA, 2009, p. 546). Não argumento no sentido de que se diz do prazer do *barebacker* o qual “não consta como argumento, e sim o desqualifica moralmente como egoísta e politicamente terrorista” (GARCIA, 2009, p. 550).

O *currículo bareback*, ao produzir uma verdade sobre o prazer sexual *mais excitante, melhor e mais prazeroso* – que pode ser sentido no sexo sem preservativo –, está em intrínseca relação com as regras do discurso da prevenção que instituem e prescrevem como deve ser o sexo. Assim, o funcionamento desse currículo oferece condições de possibilidade para que, no comportamento dos indivíduos em sua relação com essas regras, eles tenham outras possibilidades de princípio de conduta e possam estabelecer também outras regras.

Considerando, portanto, a verdade “como ficção, invenção e criação” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 35), a produção da verdade no *currículo bareback* sobre um prazer *bem melhor e mais excitante*, que pode ser sentido com o sexo sem o uso do preservativo, encontra ancoragem nas estratégias discursivas da narração dos contos e das postagens com legendas. Percebe-se, então, o “caráter produtivo da linguagem” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 35) que diz sobre um prazer a partir de uma visão perspectivista e interpretativa no *currículo bareback*.

A produção dessa verdade acontece em uma rede de relações de poder. Assim, ela está em disputa com outras versões de verdade narradas, autorizadas e legitimadas em outros espaços, por exemplo, as verdades que emergem do discurso da prevenção. Estas pretendem instituir normas para os modos como os indivíduos conduzem suas condutas no sexo. Já as verdades divulgadas no *currículo bareback* implicam a produção da subjetividade *barebacker*: o jovem que transa sem camisinha e, assim, alcança um sexo *mais prazeroso, bem melhor, mais excitante*. Essas verdades estão em disputa com o que é divulgado em algumas propagandas de camisinha. Lá, é justamente o uso da camisinha certa que promete mais prazer. Os jogos na

produção de verdades entre o *currículo bareback* (o qual autoriza e incita o sexo sem camisinha) e os ditos das propagandas que compõem o discurso da prevenção (que interdita, combate e proíbe esse modo de relação sexual) estão em intrínseca relação com os modos como os sujeitos se constituem em relação a essas verdades e os valores que cada uma delas instituem. Desse modo, “o sujeito pode recusar, aceitar, concordar, dispensar, tomar como uma proposta (no sentido de que pode alterar, modificar, cortar uma parte, negar toda, inteira, perspectivar)” (FAVACHO, 2016, p. 492) cada uma dessas versões de verdade.

Argumentei aqui que o funcionamento do *currículo bareback* está envolvido com quatro questões principais: da verdade; da subjetividade; dos valores e do poder. Nesse sentido, as verdades desse currículo têm efeitos nos modos como os sujeitos se constituem como sujeitos de uma sexualidade. As relações de poder constituem todo o jogo de produção de verdades e fabricação dos sujeitos, não somente porque esse currículo está em disputa para que algo seja tomado como verdadeiro, mas também porque desestabiliza regras morais de conduta que são os valores considerados adequados nos relacionamentos sexuais entre homens que fazem sexo com homens. Na sequência, mostro como essas disputas se instauram no currículo investigado para produção de sujeitos de certos tipos.



seção 3: das posições de sujeito



VOCÊ



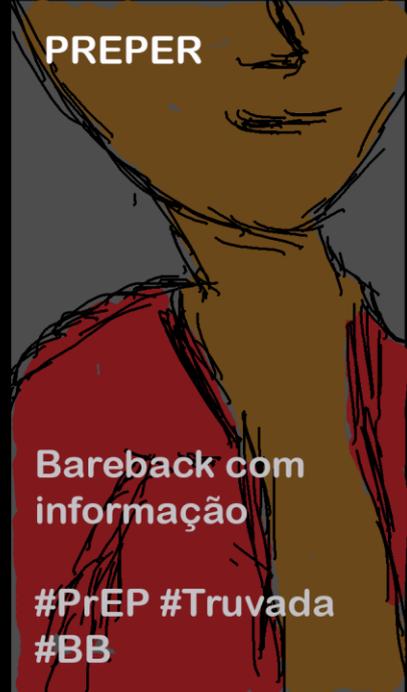
UNRUBBERMAN



leitar e ser leitado

#bback #napele
#semcapa
#nocondom

PREPER



Bareback com
informação

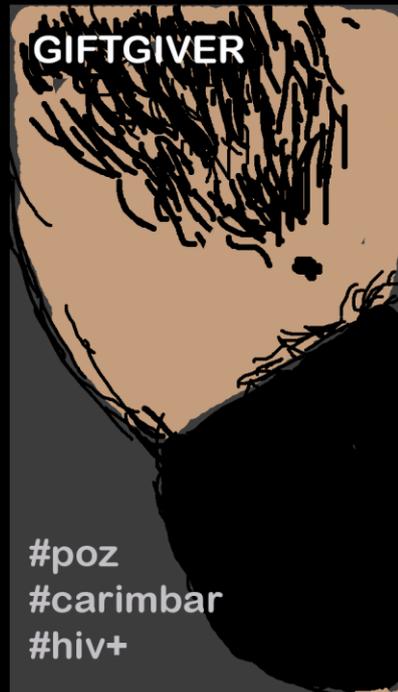
#PrEP #Truvada
#BB

BUGCHASER



#hiv+

GIFTGIVER



#poz
#carimbar
#hiv+

AFIM C/ LOCAL



3 AS CONFLITANTES POSIÇÕES DE SUJEITO DO *CURRÍCULO BAREBACK*: UNRUBBERMAN, PREPER, BUGCHASER E GIFTGIVERS

Nesta seção, discuto o processo de produção das subjetividades juvenis *barebackers* para analisar como, no currículo investigado, ensinam-se modos de conduzir a própria conduta a muitos jovens. Considera-se aqui que há um complexo processo de produção de sujeito em funcionamento, pois os modos de conduzir a própria conduta ensinados para fabricação do *barebacker* não se apresentam de modo homogêneo, harmonioso, correlato nesse currículo. Nesse sentido, argumento, nesta seção, que o *currículo bareback* atua de modo a produzir diferentes, complementares e conflitantes posições de sujeito: *unrubberman*, *preper*, *bugchaser* e *giftgivers*. Essas duas últimas posições podem ser similares ou complementares, pois se produzem em rede de interação, mas se diferenciam das demais. Isto é, há um ponto de contato que aproxima essas duas posições de sujeito, distanciando-as das demais posições. Assim, desenvolvo uma investigação que analisa os conflitos discursivos desse currículo.

No *currículo bareback*, são disponibilizadas discursivamente posições de sujeito específicas que definem como o jovem *barebacker* deve se portar, agir e de que maneira deve se conduzir. Desse modo, diferentes estratégias discursivas disputam a produção de formas particulares de condução da conduta em relação à prática sexual *bareback*. Tais conflitos evidenciam as relações de poder em atuação no currículo aqui investigado, em articulação com verdades díspares. Portanto, se não há um único modo de ser *barebacker*, é porque diferentes verdades são produzidas sobre o que é ser um *barebacker*.

Nesse sentido, considerando que o currículo é um discurso, busco, nesta seção, mostrar que o “discurso é uma prática: é o espaço que torna possível a produção de verdades e de sujeitos” (PARAÍSO, 2007, p. 54). A verdade pode ser entendida como um efeito da articulação poder-saber no discurso, como uma construção discursiva. É a partir desse entendimento que Cunha (2011, p. 56) afirma que “como efeito desse tipo de articulação discursiva, verdades instituem posições de sujeito”. No que se refere especificamente ao currículo aqui investigado, as verdades que ensinam como deve ser um sujeito *barebacker*, os ditos divulgados e as divisões suscitadas, em articulação, demandam tipos específicos de sujeitos.

Nas análises aqui empreendidas, considero que “todas as práticas pelas quais o sujeito é definido e transformado são acompanhadas pela formação de certos tipos de conhecimento” (FOUCAULT, 1993, p. 205). Assim, mostro quais conhecimentos adquirem caráter de verdade nesse currículo conferindo marcas específicas a determinadas posições de sujeito *barebacker*. Em outras palavras, podemos entender que determinadas verdades que esse currículo divulga podem informar posições de sujeito específicas. Dessa forma, estou atento aqui a como as diferentes formas de discursos “veiculam formas de sujeição e esquemas de conhecimentos” (FOUCAULT, 2014a, p. 107). Considero, pois, que “o discurso não é o lugar de irrupção da subjetividade pura; é um espaço de posições e funcionamentos diferenciados para os sujeitos” (FOUCAULT, 2010, p. 8).

As posições de sujeito se constituem como “posições discursivas” que produzem o sujeito “na mesma operação que lhes atribuem um lugar discursivo” (LARROSA, 1994, p. 66). Para Foucault (2005, p. 107), elas são um “lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes”. No entanto, ocupar determinada posição de sujeito não é algo que se dá de uma vez por todas, pelo contrário, confere-se um caráter contingente, instável e provisório à posição que um determinado sujeito pode ocupar. A firma verbal *pode*, mobilizada na escrita de Foucault (2005), acende um importante alerta em nossas análises, quando se pretende mostrar com precisão que um indivíduo ocupou determinada posição de sujeito. Além disso, o caráter circunstancial da ocupação das posições acentua a dificuldade em construir argumentos analíticos evidenciando que o indivíduo ocupou uma posição. Desse modo, mais uma vez, conforme nos ensina Foucault, retiramos a análise centrada no indivíduo ou no sujeito, para pensar o aspecto de produção das subjetividades, voltando-nos, assim, para atuação do discurso ou, no caso desta tese, para o funcionamento do currículo como discurso. Dito isso, nesta seção, não estou interessado em mostrar se um indivíduo ocupa ou não determinada posição de sujeito. Operando com a análise curricular, busco mostrar como, no funcionamento desse currículo, são disponibilizadas determinadas posições de sujeito as quais têm marcas específicas.

No currículo aqui investigado, prescrevem-se certas condutas, autorizam-se saberes, divulgam-se verdades, que, no conjunto e em meio a relações de poder, caracterizam determinada posição de sujeito, constituindo as marcas dessa posição. Essas marcas, dadas pelas condições de produção do discurso, “narram históricos de vontades, dizem das cobiças, aspiram verdades e incitam sujeitos a serem de determinadas formas” (CARDOSO, 2012, p.

154). São essas marcas que passo a explorar, ao analisar as posições de sujeitos *barebackers* nesse currículo.

Dadas as complexas relações de poder que constituem a prática *bareback*, o termo adquire significados múltiplos, demandando, como efeito, diversos modos de ser um sujeito *barebacker*. Assim, a ação da premeditação e a erotização de sexo anal desprotegido ou transar *#napele*, *#nopelo*, *#semcapa*, *#semcamisinha* são apenas modos de conduzir a si mesmo como *barebacker* disponibilizados pelo currículo aqui investigado. Trata-se da especificidade de uma posição de sujeito que é complexificada, quando, por exemplo, demanda-se que o indivíduo se conduza de maneira a prestar atenção em sua saúde, quando recusa o preservativo ou quando, do lado oposto a isso, prescreve-se que o *barebacker* se arrisque nas relações sexuais sem camisinha objetivando adquirir ou transmitir o vírus do hiv. Para aprofundamento dessas análises, esta seção está dividida em três subseções. Na primeira, intitulada “posição de sujeito *unrubberman*: *negar o uso do preservativo, transgredir às interdições de contato com os fluidos corporais, estar ao acaso, corresponder às normas de gênero*”, discuto como as expressões nesse subtítulo, destacadas em itálico, constituem-se como demandas que conferem marcas específicas a essa posição discursiva. Na subseção seguinte, nomeada “Posição de sujeito *preper*: informar-se, buscar conhecimento sobre a prep e usá-la para evitar adquirir o hiv nas práticas sexuais sem preservativo”, mostro como essa posição se diferencia das demais por uma preocupação que lhe é peculiar. Por último, apresento a terceira subseção: “*Bugchaser e giftgivers*”, que parece adensar as conflituosas relações de poder do currículo aqui investigado.

3.1 Posição de sujeito *unrubberman*: *negar o uso do preservativo, transgredir às interdições de contato com os fluidos corporais, estar ao acaso, corresponder às normas de gênero*

Conforme narrativas, postagens e *hashtags*, mostro que, nesse currículo, há uma demanda por um modo de ser *barebacker* que parece se importar apenas em praticar o sexo sem camisinha. Esse é um objetivo utilizado para guiar, estimular e provocar homens que fazem sexo com homens, constituindo-se, pois, como uma importante marca da posição de sujeito aqui nomeada *unrubberman*. O termo *unrubberman* foi cunhado em referência ao termo *rubberman*, o qual, conforme discutido na seção anterior, pode ser traduzido como homem-borracha ou, no contexto originalmente empregado, aquele que, em todas as hipóteses, usa o preservativo de borracha. Já *unrubberman*, com o prefixo *un*, designa o que esse prefixo na língua inglesa anuncia: a negação de algo, o sentido de reverter determinada situação. Assim,

o uso do termo *unrubberman* aqui traduz a marca proeminente dessa posição de sujeito: *aquele que transa sem preservativo*. Destaco dois fragmentos discursivos para mostrar a constituição da posição de sujeito *unrubberman* no currículo aqui analisado:

Figura 4 – Captura de tela 1



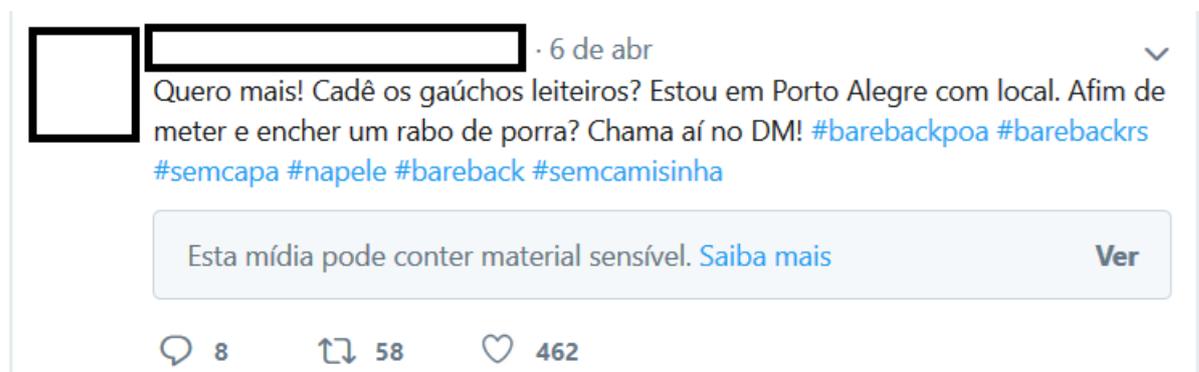
Fonte: TWITTER. Retweet de @bare_putaria. Postagem de 22 de novembro de 2019.

Figura 5 – Captura de tela 2



Fonte: TWITTER. @bare_putaria. Descrição de perfil.

Figura 6 – Captura de tela 3



Fonte: TWITTER. Tweet de @bare_putaria. Postagem de 6 de abril de 2019.

Figura 7 – Captura de tela 4



Fonte: TWITTER. Retweet de @bare_putaria. Postagem de 10 de março de 2019.

Saliento, inicialmente, um termo mobilizado nesse currículo – “novinho”, que parece sutil, mas entendo que ele não está aí ao acaso. Entre os sentidos que podem ser atribuídos ao termo “novinho”, utilizado no *currículo bareback*, interessa-me destacar um que associa esse termo à juventude. “Novinho” é uma nomeação que parece própria do ciberespaço para se referir aos jovens. No site da editora Abril, em uma reportagem sobre estilo de vida, na qual destacam-se 27 gírias da internet provavelmente pouco conhecidas, é possível localizar a seguinte descrição sobre o termo: “as ‘novinhas’ e os ‘novinhos’ da internet são os brotos, as brasas de outrora. Os jovens!” (CASTILHO, 2020, s./p.). O uso do termo pode indicar um investimento do *currículo bareback* para falar para e com jovens. Entendo, desse modo, que a mobilização desse termo compõe o emaranhado de forças e fluxos na constituição da posição de sujeito *unrubberman*. Como esse currículo está em funcionamento no ciberespaço, esse investimento está articulado com a utilização de estratégias discursivas constitutivas desse local. Em seu funcionamento, esse currículo parece se apoiar aproximando-se da juventude e utilizando o *internetês*, ganhando contornos específicos e funcionalidades particulares. O *internetês* pode ser entendido como uma linguagem, um “certo estilo de escrita de si, composto por determinadas palavras, expressões e emoticons” (SALES, 2010, p. 74) que, mesmo estando associado ao ciberespaço, pode ser encontrado em outros discursos e artefatos culturais, conforme mostra Sales (2010).

É possível localizar um uso intensivo e abundante das *hashtags* #nocondom #napele #nopelo #semcapa e #semcamisinha nos *tweets*. Postas em ação e disponibilizadas no currículo aqui investigado, essas *hashtags* constituem-se como um tipo de referência específica à posição

de sujeito *unrubberman*. De acordo com Gislene Evangelista (2016, p. 45), “as hashtags estão por toda parte no ciberespaço e, além de divulgar conteúdos, elas possuem a característica de marcar uma mensagem como relevante, colocando-a em destaque”. O que está em relevo aqui parece ser exatamente o que procuro mostrar como a marca proeminente da posição de sujeito *unrubberman*: *aquele que transa sem preservativo*. As palavras, do modo como estão organizadas nesse currículo, evidenciam a proposta do uso da *hashtag* (o símbolo “#”), podendo passar “a fornecer um meio de agrupamento instantâneo de mensagens e metadados” (COSTA-MOURA, 2014, p. 150). São mensagens que, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em fragmentos discursivos que mostram uma maneira específica de ser *barebacker*.

Essas *hashtags*, em um primeiro olhar, podem parecer ser similares ao significado do termo *bareback*, o qual, de modo geral, pode ser entendido como “premeditação e erotização do sexo anal desprotegido” (DEAN, 2009, p. 1). Afinal, quando se pretende divulgar conteúdos sobre o *bareback* utilizando palavras como essas, é a erotização do sexo anal desprotegido que está sendo divulgada como mensagem relevante, visto que o que liga as expressões utilizadas nas *hashtags* é exatamente a demanda por esse modo de ter relações sexuais. “#nocondom” é o termo em inglês para “#semcamisinha” que aparece, portanto, em duas línguas – inglês e português - e tem ainda como sinônimo a expressão “#semcapa”, sendo capa aqui um substantivo que substitui as palavras preservativo e camisinha. “#napele”, retomando comentário breve da introdução, refere-se ao sexo sem interferência, sem mediação de qualquer objeto, diz de uma pele com outra, é a fricção dessas peles. “#nopelo” é uma expressão que está relacionada à emergência do termo equestre *bareback*, montar o cavalo sem sela, em contato com o pelo do animal. A partir da disposição dos ditos em forma de *hashtag*, mostro que o conjunto de conhecimentos que adquirem caráter de verdade sobre a prática sexual *bareback* é aquele que produz essa prática como o engajamento do indivíduo em relações sexuais sem preservativo, demandando, desse modo, a posição de sujeito *unrubberman*.

As postagens são acompanhadas de vídeos das experiências sexuais, nos quais parece que os próprios indivíduos filmam e compartilham os conteúdos na rede, onde são curtidos e *retwitados*. A função *retwitar* é um modo de republicar um conteúdo, seja do/a próprio/a usuário/a da conta ou de outra pessoa. Nesse caso, quando o perfil *retwita* sua própria mensagem, está considerando-a, de alguma maneira, relevante. A reiteração de algo traz consigo efeitos de poder. As palavras que aparecem nos ditos e *retwites* - #nocondom #napele #nopelo #semcapa #semcamisinha - são construídas em formas de *hashtag*, agrupando, assim,

um conjunto de postagens que podem ser mais facilmente acessadas na rede pelo/a usuário/a. Desse modo, elas não são estáticas nem dizem de maneira neutra sobre as experiências dos *barebackers* e, sim, prescrevem modos de condução da conduta, já que se pretendem ensinar modos válidos de ter relações sexuais.

Considero, pois, que o modo como o *currículo bareback* funciona, com esses recursos específicos de linguagem – *retwite* e *hashtag* –, constitui-se como uma performatividade, entendida aqui como “um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos” (BUTLER, 2018, p. 35). A performatividade diz também de uma característica dos enunciados linguísticos, pois ela, assim como os enunciados linguísticos, “no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer ou traz algum fenômeno à existência” (BUTLER, 2018, p. 35). Compreendo que é dada uma existência através de uma declaração, aqui, em forma de *hashtag*: *#nocondom*, *#napele*, *#nopelo*, *#semcapa*, *#semcamisinha*. Essa declaração se constitui como prescrição, como divulgação de um conhecimento como verdade, representada pelo uso reiterado dessas *hashtags*. Divulga-se, por meio delas, uma maneira específica de ter relações sexuais, o que faz com que uma série de eventos possa acontecer como efeito disso. Instauram-se aqui relações de poder, ao incitar que o sexo seja *#nocondom*, *#napele*, *#nopelo*, *#semcapa*, *#semcamisinha*, ação que incide tanto na condução da conduta, demandando o sujeito *unrubberman*, como na disputa por produção de verdades acerca da prevenção nas relações sexuais.

Desse modo, faz-se emergir um modo de conduzir a si mesmo que rompe com uma regularidade discursiva que parece já bem aceita e instituída como verdade em muitos espaços, aquela que investiu no entendimento que temos acerca da importância do preservativo nas relações sexuais, de modo que aquilo que está prescrito nesse currículo pode soar como estranho, assustador ou até mesmo inconcebível, para muitos/as de nós. Haig (2006, p. 8, tradução minha) defende que o uso do preservativo se constituiu como “uma das mais rápidas estâncias de transformação do comportamento massivo na história da promoção sanitária”⁵⁷. Tal comportamento pode ser entendido aqui como um termo de condução da conduta que está em relação com as verdades que os indivíduos se vinculam para conduzir a si mesmos e aos/às outros/as de uma forma específica. Assim, a necessidade do uso do preservativo é um dos conhecimentos que adquire caráter de verdade proeminente nas relações de poder as quais governam a conduta dos HSH em relação ao sexo e à sexualidade. No entanto, como está inserido em relações de poder, determinado conhecimento sempre está em disputa com outros

⁵⁷ Original em inglês.

conhecimentos que tentam mostrar-se, inserir-se, constituir-se também como verdade. Dessa forma, há, no *currículo bareback*, um investimento em produzir como verdade um outro conhecimento sobre o uso do preservativo nas relações sexuais. O uso das expressões *#nocondom*, *#napele*, *#nopelo*, *#semcapa* e *#semcamisinha* expressa uma transgressão ao conhecimento que se desenvolveu como parte de uma “pedagogia crítica anti-AIDS” nos últimos anos, a qual afirma que todos devem “usar o *condom* a cada relação sexual, não importando onde ou com quem” (GÓIS, 2003, p. 30, grifo do autor).

O modo de funcionamento do *currículo bareback* mostra o caráter contingente e inventivo daquele conhecimento que temos como verdade acerca da obrigatoriedade do preservativo em todas relações sexuais, evidenciando as relações de poder que o produzem. A produção desse conhecimento, inscrito na *pedagogia crítica anti-AIDS*, passou e passa por tensionamentos, não só por parte daquilo que é produzido como verdade no *currículo bareback*. Em outras palavras, as disputas por verdades em torno do uso do preservativo nas relações sexuais não se restringem ao funcionamento do *currículo bareback*, aqui especificamente demonstrado através dos recursos de linguagem do *retwite* e das *hashtags* *#nocondom*, *#napele*, *#nopelo*, *#semcapa* e *#semcamisinha*. Na singularidade dos acontecimentos históricos, podem-se localizar algumas descontinuidades que desestabilizam uma suposta trajetória linear da construção do preservativo como indispensável nas relações sexuais. Góis mostra que vários estudos, desde o final dos anos 1980 e por toda a década de 1990, “indicaram que a manutenção de um regime sexual no qual os preservativos de borracha fossem sempre um componente presente constituía uma pretensão infundada” (GÓIS, 2003, p. 30). Segundo o autor, a imprescindibilidade de reiterar a necessidade do uso do preservativo como instrumento e técnica da *pedagogia crítica anti-AIDS* determinou que a reflexão sobre os problemas de adesão do que autor chama de nova ordem erótica “fosse relegada a segundo plano” (GÓIS, 2003, p. 30).

Junto a isso, o discurso da Igreja Católica entra em cena nas correlações de força em torno dos significados sobre o uso do preservativo. Yury Orozco (2006) mostra, em sua tese de doutorado, a “reiterada condenação do uso do preservativo”⁵⁸ (OROZCO, 2006, p. 17, tradução minha) por essa instituição. O que provoca conflito aqui, segundo o autor, entre a comissão do hiv/aids da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Síndrome da imunodeficiência adquirida do Ministério da Saúde (PN DST/aids), são os métodos propostos como forma de prevenção. Enquanto o

⁵⁸ Original em espanhol.

Ministério da Saúde recomenda, de maneira veemente, o uso do preservativo, “a posição oficial da Igreja Católica recomenda às pessoas optarem pela castidade e abstinência, dentro e fora do casamento [...] não aceita[ndo] o [seu] uso” (OROZCO, 2005, p. 62, tradução minha). Trata-se de um posicionamento que é mantido por essa instituição. como afirma Cláudio Dias (2012), ao mostrar as “críticas católicas à promoção do preservativo aos jovens como método de prevenção ao HIV/AIDS” (DIAS, 2012, p. 78). Nas relações de poder que aqui se instituem, o discurso da igreja católica constrói conhecimentos que questionam as verdades sobre a prescrição do preservativo. Assim, conforme discute Dias, esse discurso católico produz uma argumentação sobre “a ineficácia do preservativo para barrar o vírus HIV”, como também afirma sobre a “imoralidade inerente à camisinha”, a qual, “proposta a pessoas ainda em idade escolar, geraria a promiscuidade e o sexo banal, eventual, exagerado, utilizado somente na busca pelo prazer, não como consumação do amor, como prevê a doutrina católica” (DIAS, 2012, p. 92).

Percebe-se que o que está em jogo, na disputa pela produção da verdade, no que se refere ao preservativo, é a condução da conduta do/a outro/a que tem relação com os processos de subjetivação, como os indivíduos se constituem como sujeitos. Em termos de posição de sujeito, as estratégias discursivas acionadas, por exemplo, no discurso da Igreja Católica, ao se opor ao preservativo, não são as mesmas do *currículo bareback*, que também pretere o uso do objeto. O discurso católico se opõe ao uso do preservativo porque o sexo mais seguro garantido pelo uso deste abre todo um campo para exploração do prazer e para condutas sexuais que vão de encontro àquilo que a instituição divulga como verdade: “o vínculo inseparável da relação sexual ao amor e a geração da vida, sendo o matrimônio o lócus correto para a prática do sexo” (DIAS, 2012, p. 85). O *currículo bareback*, por sua vez, entra em cena nessa disputa atestando que o preservativo precisa ser abandonado para ter relações sexuais melhores, mais prazerosas. Incita, portanto, conduções da conduta que não são autorizadas pelo discurso católico.

O que é prescrito no *currículo bareback*, associado à oposição do uso do preservativo nas relações sexuais, é interdito no discurso católico, mesmo esse também apresentando objeção à camisinha. Entre as prescrições, encontra-se, nesse currículo, a promiscuidade, quando incentiva o *barebacker* a participar de “surubas”, como pode ser visto em dito destacado a seguir, já que o termo promíscuo diz daquele que tem vários parceiros sexuais, que viola o que é considerado moral. É possível localizar também a motivação para o sexo eventual - como mostrei na seção dois desta tese, por exemplo, ou que acontece em banheiros públicos, conforme podemos ver no primeiro dito destacado nesse subtópico. Outra prescrição é somente

a busca pelo prazer, quando se pode perceber que o sexo *#nocondom #napele #nopelo #semcapa #semcamisinha* aparece mais explicitamente associado ao “tesão”, e a “gozar”, como pode ser visto nos próximos ditos destacados. A recusa ao preservativo é, assim, algo comum no discurso tanto da Igreja Católica como do *currículo bareback*, mas utilizada para fins diferentes, com sentidos díspares, demandando posições de sujeito que divergem.

A posição de sujeito *unrubberman* produzida no *currículo bareback* tem marcas específicas – como ser promíscuo, ter relações sexuais eventuais, transar somente pelo prazer - que divergem das marcas da posição de sujeito disponibilizada no discurso católico. Nesse último, as marcas atribuídas ao sujeito católico que rejeita o uso do preservativo nas relações sexuais são: aquele/a que é casado/a, amoroso/a, fiel, reprodutor/a. Essas marcas atribuídas à posição de sujeito que o discurso católico produz assegura, de algum modo, um sexo saudável, porque, no âmbito da monogamia do casamento, entende-se que os indivíduos não terão relações com outras pessoas e, por isso, não há por que temer o hiv e outras infecções sexualmente transmissíveis. As pessoas que não são casadas não terão relações sexuais, portanto, também estão livres de qualquer temor nesse sentido. Desse modo, o que os efeitos discursivos instaurados pela prescrição do uso do preservativo fazem emergir é uma ameaça à constituição de sujeitos com essas marcas que o discurso católico produz. Há, portanto, um investimento do discurso católico no enfrentamento às estratégias discursivas instauradas através do preservativo, mas com um objetivo específico: fortalecer os valores que constituem o discurso católico que prescrevem condutas específicas no que se refere às práticas sexuais.

Há uma grande preocupação com os jovens nas campanhas preventivas ao hiv/aids, como resposta a uma maior ocorrência de casos de hiv positivo na juventude (DIAS, 2012; PAIVA; PERES; BLESSA, 2002). No Brasil, a prevalência de infecção pelo vírus hiv continua sendo entre jovens (WOHLGEMUTH; POLEJACK; SEIDL, 2020). Assim, as disputas discursivas em torno do preservativo, acionado com protagonismo no enfrentamento ao vírus hiv, incidem, principalmente, na condução da conduta dos/as jovens. Dessa forma, ao localizar, no *currículo bareback*, o incitamento a práticas sexuais sem preservativo, esse currículo concorre também mais proeminentemente para o governo da sexualidade juvenil. O Estado, as ONGs de prevenção à aids e o movimento LGBT, por meio das campanhas de prevenção que prescrevem o uso do preservativo em todas as relações sexuais, a Igreja Católica, através da reafirmação dos valores morais da abstinência sexual até o casamento, e o *currículo bareback*, contestando o controle das práticas sexuais por meio do preservativo, produzem diferentes modos de ser jovem. Constituem-se, portanto, disputas discursivas que acionam diversificadas

técnicas, propõem múltiplos exercícios para a produção de determinadas subjetividades juvenis que estão impregnadas de valorações sobre o que é bom e mau, prazeroso, saudável, seguro, correto, adequado e inadequado na conduta de cada um/a.

Os conflitos e as disputas instaurados pelas relações de poder para produção de subjetividades juvenis e conduções da conduta em práticas sexuais ganham configurações específicas na atualidade no Brasil. Há um movimento conservador que, na politização da sexualidade, “volta a radicalizar a disputa entre religiões, família e gestoras com a ambição de controlar o que ‘se supõe que fazem’ os jovens” (PAIVA; ANTUNES; SANCHEZ, 2020, p. 2). Conforme mostra Seffner (2020, p. 2), existe um investimento na educação a partir de proposições legislativas ancorados em “valores da família e da religião”, que incide diretamente no retrocesso nas políticas de prevenção das IST/aids. Como efeito disso, percebe-se uma “erosão do discurso das políticas públicas em saúde e sexualidade” (SEFFNER, 2020, p. 3). Segundo o autor, estas “deveriam estar baseadas em evidências”, no entanto, se “pautam em valores religiosos ou simples crenças pessoais que servem de argumento para desautorizar pesquisas científicas” (SEFFNER, 2020, p. 3).

Como efeito, ativam-se tensões, contradições e outras mediações em torno da prevenção e do preservativo. Uma proposta da atual ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves⁵⁹, por exemplo, buscou promover a abstinência sexual dos/as jovens. Uma reportagem mostra a estratégia da campanha contra gravidez na adolescência que, sem mencionar preservativos, prega reflexão (CANCIAN, 2020). Apesar de ser direcionada às mulheres, segundo a titular da pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, conforme indica a reportagem, “a medida é o primeiro passo de um plano nacional de prevenção ao sexo precoce hoje em fase de elaboração, o qual deve incluir a defesa de que jovens adiem o início das relações sexuais” (CANCIAN, 2020, s./p.). É importante ressaltar que a expressão “adiamento das relações sexuais” aparece somente após críticas ao termo abstinência, anteriormente utilizado pela ministra. A referida proposta está inscrita num atual programa de governo de Estado que defende valores morais e religiosos e se opõe às discussões de gênero e sexualidade. Ao se posicionar dessa forma, o Estado se aproxima mais do discurso católico, mostrado anteriormente. Distanciando-se dos aspectos da saúde e da vida, da doença e da prevenção, parece haver uma aproximação com valores morais que podem ser mais facilmente vinculados à retórica do pecado e/ou do delito. Dessa forma, propostas como essa vão de

⁵⁹ Para mais detalhes, ver: <https://veja.abril.com.br/politica/tudo-tem-seu-tempo-prega-campanha-de-damares-por-abstinencia-sexual/> Acesso em: 22 jan. 2021

encontro ao “direito à prevenção das IST/Aids baseada em saberes técnico-científicos” (PAIVA; ANTUNES; SANCHEZ, 2020, p. 1). Instauram-se, assim, outras percepções, valores e produções de verdade acerca do uso do preservativo nas relações sexuais que incidem na produção de sujeitos específicos.

Os conflitos em torno da prescrição do uso do preservativo nas relações sexuais estão inscritos, principalmente, na ordem da saúde, da moral e do prazer. Além de informar quais práticas sexuais são autorizadas, diferentes políticas sexuais e estilos de regulação moral (PAIVA; ANTUNES; SANCHEZ, 2020), distintos discursos sobre prevenção e o uso da camisinha concorrem para incitar determinados modos de condução da conduta de muitos jovens. O *currículo bareback* compõe esses conflitos. No que se refere à produção da *posição de sujeito unrubberman*, ele age de forma mais proeminente no campo do prazer. Percebe-se que, nessa posição, não há uma prescrição de preocupação com os riscos com a saúde inerentes à prática *bareback*, prescreve-se apenas que o sexo seja sem preservativo, como mostrei anteriormente. Ainda que haja uma sinalização da moralidade do que a prática suscita, quando se afirma, nesse currículo, que “essa prática nem sempre é totalmente aberta” (figura 8), é no prazer que ocorre um maior investimento. Assim, destaca-se que o sexo sem preservativo é “bom demais”, que é “tesão demais isso”. Para sentir esse tesão, é necessário que o indivíduo adote certas ações em suas condutas, como, por exemplo, “leitar” e “ser leitado”. Cabe aqui perscrutar o que cada um desses termos e seus correlatos engendram no *currículo bareback*. “Leitado” é aquele que recebe do parceiro o esperma no momento da relação, seja através do sexo oral ou anal, já aquele que “leita”, ou “leitador”, é quem fornece o esperma. Por isso, nesse currículo, atribui-se mais uma marca para a *posição de sujeito unrubberman*: aquele é “leitador” ou “leitado”:

Figura 8 – Título de postagem de blog 1



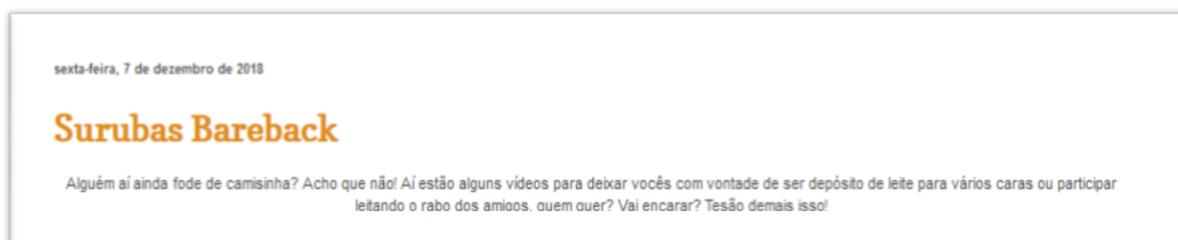
Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 22 de fevereiro de 2019.

Figura 9 – Título de postagem de blog 2



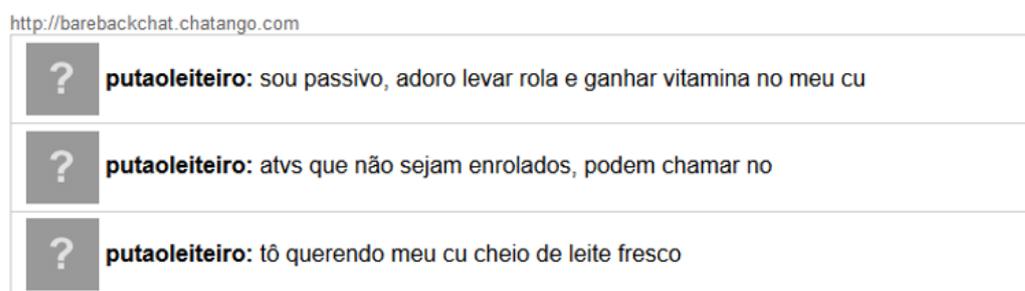
Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 9 de dezembro de 2018.

Figura 10 - Título de postagem de blog 3



Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 7 de dezembro de 2019.

Figura 11 – Chat do blog blogbarebackbr.blogspot.com



Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 14 de fevereiro de 2019.

Nomear aquele que busca o sexo sem preservativo como “leitador” e “leitado” designa o ápice da transgressão à norma da prescrição do uso compulsório do preservativo em todas as relações sexuais, pois, não somente se é incitado a transar sem preservativo, mas o fluido corporal torna-se objeto de desejo e excitação. O sêmen pode trazer com ele alguns significados importantes.

Ao investigar práticas sexuais exclusiva entre homens, Barreto (2019) percebeu que a corporalidade e os fluidos corporais são elementos significativos nessas práticas. Os sentidos dados a determinadas partes do corpo, substâncias e secreções tomam, no contexto dessas práticas, atribuições específicas, de maneira que ele localizou uma “singular erótica dos fluidos” (BARRETO, 2019, p. 724). No *currículo bareback*, os fluidos corporais – mais especificamente o esperma, como pode ser visto nos ditos acima - são mobilizados para demandar formas de condução da conduta que incidem na disponibilização da *posição de sujeito unrubberman* com marcas específicas atribuídas pelos significados engendrados no âmbito da prática *bareback*.

Apesar da tradução e significado do termo *bareback* ser cavalgar sem cela - o que remete, predominantemente, à vinculação do termo ao sexo sem preservativo, ao sexo “na pele”, “no pelo” - a troca de fluidos corporais, do esperma ou do leite, conforme é nomeado no *currículo bareback*, haja vista os ditos anteriormente destacados, compartilhar fluidos corpóreos é uma demanda direcionada à condução da conduta da *posição de sujeito unrubberman*, constituindo-a como uma ação que pode proporcionar prazer. Em outras palavras, de acordo com Silva (2008, p. 111), o contato direto com o sêmen ou esperma na prática *bareback* “aparece importante para a autorrealização sexual”. Essa é uma demanda direcionada com frequência e de diversos modos no currículo investigado, presente de forma abundante nos ditos e nas cenas dos vídeos pornôns nele divulgados, conforme pode ser visto na seção “Dos vídeos pornôns”.

Dessa forma, se, no *currículo bareback*, ensina-se que o sexo mais prazeroso, mais excitante e bem melhor é o sexo sem preservativo, na pele, conforme discuti na seção um desta tese, nele também se engendram significados sobre a troca de sêmen, do esperma, que incidem na condução da conduta da *posição de sujeito unrubberman*. A partir das investigações feitas por Silva (2008), podemos notar que a prática *bareback*, quando vista sob essas duas perspectivas – apenas o sexo na pele ou com troca de espermas -, de modo oposto pelos praticantes, podem lhe ser atribuídos valores diferentes. Isso porque ele afirma que grande parte dos praticantes “destacou o prazer produzido no contato com o esperma, ainda que alguns tenham destacado o contato pele a pele como suficiente para justificar o sexo sem camisinha” (SILVA, 2008, p. 113).

O mesmo autor ressalta que “o ato de beber ou engolir esperma está presente nas práticas *bareback*, ainda que não seja exclusivo delas” (SILVA, 2008, p. 109). O que talvez possa diferir

esse ato no âmbito da prática *bareback* das demais práticas sexuais parece ser os significados⁶⁰ atribuídos que, no *bareback*, adquirem qualidades específicas. São esses significados que busco aqui para discutir as marcas atribuídas à *posição de sujeito unrubberman*. Se tomarmos a pergunta - quais são as tensões que esses significados carregam e quais efeitos são capazes de produzir? -, talvez esses significados nos ajudem a problematizar o funcionamento do *currículo bareback*.

Para isso, busco mostrar como, ao nomear o esperma de uma outra forma como leite e vitamina, por exemplo, há, nesse currículo, uma estratégia de poder. Se é necessário descrever e analisar os modos de pensar e agir que a linguagem de um currículo conecta, o que ele ensina a fazer, que desejos sugerem que tenham (PARAÍSO, 2007), isso é feito aqui buscando tensionar os significados e as estratégias mobilizados no currículo investigado. Isso porque, por meio dos vocábulos leite, vitamina e seus correlatos, nesse currículo, inventam-se e empregam-se estratégias particulares para instrumentalizar os interesses e as escolhas da *posição de sujeito unrubberman*. Desse modo, a *posição de sujeito unrubberman* é montada e regulada por meio da ativação dos significados que dão qualidades particulares aos termos aqui utilizados.

No que se refere à busca pelos possíveis significados do leite, mobilizo, primeiramente, em uma breve genealogia feita por Paula Sibilia (2014), algumas inspirações. Nesse trabalho, a autora, para discutir o que é o obsceno na nudez, mobiliza algumas imagens ao longo da Idade Média, da Renascença e da contemporaneidade que apresentam algo em comum: a nudez do seio feminino. Nessa breve genealogia, com foco nessa nudez, ela traz reflexões sobre os significados e sentidos acerca do leite e da amamentação. Conforme é mostrado no texto, a partir das imagens de Madonna⁶¹, o aleitamento era divulgado de modo vinculado à santidade, com reminiscências virginais. Podemos ver imagens, como da Virgem do Leite, em que Nossa Senhora é representada “amamentando seu filho, numa pose que com frequência implicava a ostentação de um seio cujo mamilo se oferecia à boca aberta do santo bebê” (SIBILIA, 2014, p. 31). Imagens similares são presentes do século II até o século XVIII. Destaca-se ainda, na

⁶⁰ Os sentidos e significados atribuídos ao esperma parecem ultrapassar aqueles circunscritos ao âmbito do *currículo bareback*. Busco trazer para discussão no corpo do texto aqueles referentes ao currículo aqui investigado ou os mais próximos a ele que se dão no contexto da prática *bareback* delineados por outros autores. No entanto, destaco, aqui, para fins de aprofundamento necessários, que há uma ampla literatura sobre o tema. Foucault (2001b) discute sobre a preocupação do desperdício do líquido seminal presentes no pensamento grego antigo mostrando a diferença dessa preocupação com a forma como ela se dá a partir dos séculos XVII e XVIII com as práticas médico-pedagógicas. Silva (2008) mobiliza diferentes bibliografias para fazer comparações entre os significados atribuídos aos fluidos sexuais e ao esperma no ocidente e no oriente, no âmbito da medicina indiana e chinesa.

⁶¹ A palavra Madonna vem do italiano. Em português, significa Nossa Senhora ou Virgem com menino, sendo, pois, uma representação na arte com pinturas e esculturas da Virgem Maria.

genealogia feita pela autora, que, “em certas ocasiões, esse leite materno exaltado nas imagens não nutre apenas o menino Jesus, mas ele alimenta também certos homens adultos” (SIBILIA, 2014, p. 32). Ela faz ainda menção aos santos lactantes, até mesmo um homem que havia recebido a graça de poder amamentar em situações adversas.

Desse modo, o/a aleitamento/amamentação era produzido/a como um milagre divino da nutrição física e espiritual. Com a modernidade, um outro olhar se constituiu sobre o seio, o aleitamento, o leite, vinculando-as às questões da sexualidade, “seja pelo viés da instrumentalização médica referida à reprodução ou à doença, seja pela via do erotismo e do desejo” (SIBILIA, 2014, p. 32). Nesse contexto, o que se percebe é que “o saber anatômico e a indústria pornográfica” (SIBILIA, 2014, p. 40) foram capturando suas significações. Assim, as Virgens do Leite não puderam mais ficar expostas, sendo até mesmo queimadas e/ou reformadas, apagando qualquer vestígio de uma amamentação explícita.

Apesar de a autora deter-se na discussão da nudez, o que quero reter aqui são os significados da amamentação, do leite. Através da argumentação de Sibilía (2014), pode-se perceber que esses significados foram sendo modificados ao longo da história, tendo efeitos específicos nas representações através das imagens. Quando “algo é descrito, explicado, em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma ‘realidade’, instituindo algo como existente de tal ou qual forma” (COSTA, 2000, p. 77). Assim, os discursos pornográficos e médicos incidiram na descrição e explicação das Virgens do Leite modificando e alterando o modo como elas seriam exibidas. Considerando que os significados anteriores não deixam de existir, mas continuam em disputa para se fazerem verdadeiros nas relações de poder aí estabelecidas, a partir da contribuição de Sibilía (2014), podemos dizer que os significados acerca do leite a partir da modernidade podem se circunscrever, pelo menos, em três domínios: **médico, erótico e espiritual**. Este último domínio vinculado à nutrição, já que a transmissão da santidade, bondade e nutrição espiritual parecia se dar com a amamentação.

Esses domínios parecem incidir em certos significados sobre o leite na prática *bareback*, quando este é, no currículo aqui investigado, utilizado como um termo correlato ao esperma, e quando a amamentação, de algum modo, é vinculada à ejaculação na boca. Se, conforme afirma Bonfante (2019, p. 259), “os barebackers promovem deslocamentos simbólicos e morais em torno da nudez e da fisiologia humana, estabelecendo novas ordens de indexicalidade para o leite”, isso é feito misturando diversos sentidos e significados. Inspirado nos domínios estabelecidos na reflexão proposta por Sibilía (2013) – medicalização/saber médico, erotização

-, mostro como cada um desses termos estabelece vínculos nas produções de significados sobre o leite/amamentação feitas no *currículo bareback*.

Quando circunscrito à medicalização ou ao saber médico, o sêmen, assim como o leite, pode constituir-se ligado à reprodução ou à doença. Em uma sociedade na qual o sexo para *reprodução* se constitui como correto e valorizado, que organiza a discursividade em torno do modelo de família heterossexual, o sêmen é imprescindível⁶². Pode significar ainda intimidade entre casais que têm uma relação estável, de modo que a troca de fluidos corporais representa a intensidade dessa intimidade e confiança de uma relação monogâmica. Esse significado pode compor também as relações entre casais com pessoas do mesmo sexo.

Quando ligado à *doença*, “existe toda uma problematização biomédica contemporânea sobre os males ou prejuízos que o sêmen pode, de fato, provocar, principalmente na forma das infecções sexualmente transmissíveis” (SILVA, 2008, p. 110). Desse modo, o próprio uso da camisinha no momento mais intenso da epidemia da aids trouxe associações perturbadoras e inconscientes a cada ato sexual: “associações de prazer e violência, sexo e punição, intimidade e ferimento, amar e matar – ou ser morto”⁶³ (ODETS, 1995, p.133, tradução minha). Era possível estar mais protegido, conversar com o/a parceiro/a sobre os riscos que rondavam o sexo, talvez ter mais prazer, mas “terminado o ato sexual, ele[o preservativo] jaz[ia] cheio de um fluido letal, uma lembrança concreta dos sentimentos misturados sobre homossexualidade, pecado, punição sofrimento e morte” (ODETS, 1995, p.133, tradução minha). O fluido corporal, nesse campo discursivo da doença e morte, é aquilo sobre o qual devemos manter distância. Em outras palavras, “evitar a troca de fluidos corporais tornou-se não apenas um mandato de saúde pública, mas também um imperativo categórico” (GONZALEZ, 2019, p. 60).

No enfrentamento à epidemia de hiv/aids, o uso do preservativo não somente passou a ser um imperativo de saúde pública, mas figurou a centralidade dentro do movimento gay, definindo “normas de conduta” (GARCIA, 2009, p. 546) à população homossexual, a fim não somente de enfrentar a epidemia, mas também de alçar essa população à normalidade. Junto a isso, muitas campanhas, no período da epidemia, trouxeram lemas morais pela via da metáfora, fomentando “associação direta de certas condutas sexuais, e especialmente homossexuais, com o perigo, a doença e a morte, assim como a confusão do vírus com as pessoas” (GARCIA, 2009, p. 556-557).

⁶² Vale tomar como nota que o significado de reprodução é encontrado, no *currículo bareback*, na produção da *posição de sujeito bugchaser e giftgiver* - ver último tópico desta seção.

⁶³ Original em inglês.

Diante disso, tornou-se necessário ressignificar ou, pelo menos, disputar pela produção de outros sentidos acerca dos fluidos corporais. Então, talvez por isso, no *currículo bareback*, o sêmen é nomeado como leite. Isso parece ser uma estratégia desse currículo, possuindo um importante papel no seu funcionamento, constituindo-se como uma maneira de moldar e orientar a conduta da *posição de sujeito unrubberman*, fazendo-o tornar-se sujeito de um certo tipo. Leitar e ser leitado são ações impregnadas de significados arrolados no âmbito da prática *bareback*. Percebi, portanto, que, nesse currículo, há um modo de funcionamento próximo ao que Paraíso (2007) percebeu com o currículo da mídia educativa, ao afirmar que esta “seleciona com esmero as estratégias que utiliza, o vocabulário que emprega” (PARAÍSO, 2007, p. 174).

Isso tem efeitos específicos nos modos como o sêmen é construído pelo saber médico, constituindo-se, pois, como uma estratégia que associa o sêmen a uma outra representação. Quando, nesse currículo, mobilizam-se as expressões “leitar e ser leitado”, para se referir à ejaculação no ânus ou na boca do parceiro, portanto, à troca e contato direto com o esperma, há, nas relações de poder aqui instauradas, uma tentativa de suavizar os dramas que essa demanda de condução da conduta ao indivíduo que pratica *bareback* carrega. Assim, “a linguagem eufêmica e metafórica do leite, que invoca a semelhança entre aquele e o esperma”, é utilizada como estratégia “para ressignificar sua propriedade de risco” (BONFANTE, 2019, p. 258), comprovada pelo saber médico. Evidenciando isso, além dos ditos destacados em forma de *print* mais acima, podem ser vistos mais alguns outros similares a eles abaixo:

“Ele me chupou de novo e meu pau saiu jatos de leite na boca dele e ele engoliu tudo” (conto Banheiro na faculdade no Centro do Rio – blogbarebackbr.blogspot.com)

“Enquanto ele me chupava, peguei meu pinto, segurei e fiquei tocando mais forte, pois sabia que já estava vindo leite” (conto Garoto loiro e de olhos azuis no banheiro das Barcas - blogbarebackbr.blogspot.com)

“Quando colocava a mão, já colocava para me chupar, e no final bebia meu leitinho” (conto Aprendendo mais e mais com Ronaldo - blogbarebackbr.blogspot.com)

Podemos perceber, assim, que há ainda predominância dos termos leite e outros dele provenientes, até menos do diminutivo, como podemos localizar no último dito, vinculando-os, pois, “ao campo semântico da infância, inocência, e nutrição do leite, olvidando os sentidos biomédicos de risco atribuídos ao sêmen e à troca de fluidos” (BONFANTE, 2019, p. 259). Desse modo, em alguns momentos, “a performance do desejo *bareback* deve ser comunicada

com cuidado, sob o signo de uma linguagem nova, eufêmica e zelosa” (BONFANTE, 2019, p. 259).

Alguns termos são ainda mobilizados, portanto, vinculando-os à amamentação e à infância, adensando a mesma estratégia de suavização dos dramas/riscos. Em um dos contos eróticos divulgados no *currículo bareback*, encontramos, por exemplo, ditos com as seguintes afirmações: “meu amigo Claudio mamava ele demais” (conto Fudendo a3 com um micareteiro em Niterói), “o desconhecido me mamava que nem uma criança mama uma mamadeira, direto e curtindo” (conto Fudendo a3 com um micareteiro em Niterói). Nesse espectro da suavização, encontramos também o termo “vitamina”. Silva (2008), em ocasião de sua pesquisa também feita no ciberespaço, encontrou “os conceitos de líquido precioso e néctar (que remetem à ideia de fonte de alimento e vida), também estiveram associados ao esperma” (SILVA, 2008, p. 109).

O termo vitamina aparece vinculado à demanda de leitar ou ser leitado direcionada à *posição de sujeito unrubberman*. Esse termo é mobilizado no *currículo bareback* também na forma de condução da conduta quando utilizado como verbo, conforme pode ser visto no dito da figura 6: “muitos têm tesão em vitaminar ou mesmo ser vitaminado”. Nesse currículo, *vitaminar* aparece definida como uma ação de *barebackers* “que têm o tesão em repassar o vírus, carimbadores”⁶⁴. No entanto, em alguns ditos, não é possível inferir que se trata dessa ação efetivamente, sendo muitas vezes correlato e/ou próximo à ação de leitar ou ser leitado. Vitamina pode ser, portanto, acionada para se referir simplesmente ao esperma. Barreto (2020, p. 203), durante suas investigações, afirmou que percebeu vitamina como uma “expressão a ser utilizada em situações que não se relacionavam a algum desejo de contaminação, mas sim a um certo valor nutritivo do esperma em si, de um desejo de se alimentar pelo fluido do outro”.

Pode haver, assim, um espectro de variação de sentidos sobre vitamina e seus termos homólogos nesse currículo. Além disso, no contexto da prática *bareback*, a produção de significações sobre o que é vitamina “pode estar vinculada à presença do vírus [do hiv], mas também ao uso dos medicamentos ou coquetéis” (SILVA, 2008, p. 143). No que se refere à presença do vírus no esperma como vitamina, esse sentido pode ser melhor entendido na discussão acerca das *posições de sujeito bugchaser* e *giftgivers*, em que discuto como, nesse currículo, há um investimento para modificar o que se constitui como significado fixo sobre o que é o hiv, o que significa transmiti-lo e portá-lo. Já o uso dos medicamentos associados à prática *bareback* será discutido no próximo tópico.

⁶⁴ Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 9 de outubro de 2018.

Se, nas imagens sacras analisadas por Sibilía (2014), o leite é representado como nutrição, no *currículo bareback*, esse significado é ativado, imbricando-se aos sentidos já produzidos com o uso do termo “vitamina”. Ensina-se, por exemplo, nesse currículo, que, “com cerca de 15 calorias por porção, o esperma contém a mesma quantidade de proteína, vitamina C, cálcio, magnésio, potássio, vitamina B12 e zinco de um ovo comum”⁶⁵. Após fornecer essas informações, pergunta se tomar esperma engorda pelo fato de ele conter também frutose. Respondendo de forma negativa, explica-se que o líquido tem pouca caloria na quantidade encontrada em uma única ejaculação. A partir disso, incita-se nesse currículo: “Pode tomar leite à vontade então!”.

Ao mesmo tempo em que é necessário suavizar, é também necessário tornar a troca de espermas em algo *erótico*. Algo que é feito com palavras que, ao contrário dos recursos que suavizam a troca de espermas, buscam intensificar, acentuar, aguçar a demanda por essa ação na condução da conduta da *posição de sujeito unrubberman*. Veja, por exemplo, quando, no currículo, isso é só feito por “barebackers nível 10!” (figura 8), por meio da pergunta se “tem coisa melhor do que deixar seu leite dentro de um puto?” (figura 9). Então, concomitantemente ao uso de termos que suavizam os riscos do sexo sem preservativo, encontramos, nos ditos, expressões como “putaria hard”, “tesão em vitaminar” (figura 8), “leitando o rabo dos amigos” (figura 10), mostrando, desse modo, que as relações de poder nesse currículo se constituem de forma muito complexa em um emaranhado de estratégias que podem até mesmo ser conflitantes.

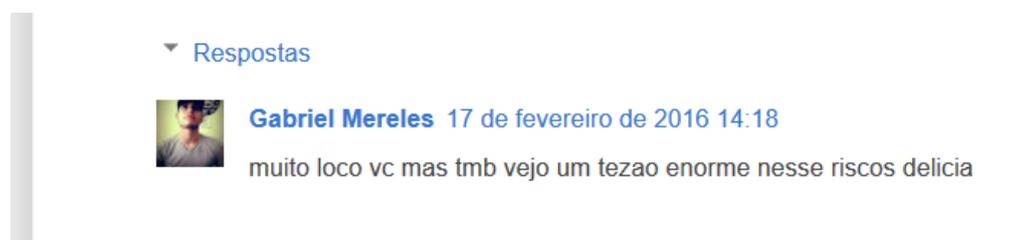
O leite aqui, como correlato ao esperma, é circunscrito ao campo do erótico, misturando-o com vocábulos próprios desse campo como “**putaria**”, “**puto**”, “**tesão**”. Trata-se de um erotismo vinculado explicitamente à transgressão das normas do uso do preservativo. Pergunta-se no *currículo bareback*: “Alguém aí ainda fode sem camisinha? Acho que não!”⁶⁶. Junto a isso, nos demais ditos aqui registrados, podemos perceber como transar dessa forma é associado ao tesão que ela pode proporcionar. Podemos, de algum modo, perceber que os significados do erotismo, associado à troca de “leite”, consiste “não apenas na atividade sexual enquanto prazer, mas na transgressão à norma, no risco” (BEZERRA; SILVA, 2019, p. 244). Talvez seja em referência aos riscos e perigos dessa prática sexual que, no currículo aqui investigado, afirme-se que “essa prática nem sempre é totalmente aberta” (figura 8), mas, apesar disso, é o “tesão” que pode ser sentido nela que é ressaltado com mais ênfase. Em alguns comentários de

⁶⁵ Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 9 de outubro de 2018.

⁶⁶ Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 7 de dezembro de 2019.

seguidores, no *currículo bareback*, é possível localizar ditos que expressam, de forma mais precisa, esse aspecto:

Figura 12 – Tesão em risco



Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 17 de fevereiro de 2016.

Considerando as discussões feitas aqui e aquelas desenvolvidas na seção um, em que trazemos que o sexo mais prazeroso, mais excitante e bem melhor é sem preservativo, no contato entre as peles, podemos dizer que o modo de funcionamento do *currículo bareback* parece ir ao encontro das investigações feitas por Bezerra e Silva (2019), quando ele e ela afirmam que “pele na pele” e “leitado”, no âmbito da prática *bareback*, mostram um certo “erotismo que flerta não apenas com o risco, mas com um prazer que resulta do risco, e evidencia a complexidade da relação entre indivíduos e seus corpos” (BEZERRA; SILVA, 2019, p. 245).

Ampliando um pouco mais a discussão sobre o sêmen, Barreto (2017, p. 130) afirma que o sêmen, além de ser vinculado a determinados “riscos e perigos que podem ou não ser erotizados”, é também “um líquido costumeiramente impregnado de significados simbólicos que são associados a valores ligados à masculinidade, à força, à reprodução, à própria vida” (BARRETO, 2017, p. 130). No contexto da prática *bareback*, Silva (2008, p. 113) mostra que o sêmen ou esperma aparece “como signo importante da masculinidade”, de maneira que, em alguns relatos produzidos na pesquisa, “a sensação de que a própria macheza é intensificada pela quantidade (e qualidade da gozada de outro macho)”. Assim, para o autor, por meio da valorização do esperma, existe um sentido de “intercâmbio (e compartilhamento) da masculinidade, o que faz intensificar o prazer, principalmente por ser altamente transgressivo, quando homens (machos) sentem-se intimamente ligados, buscando dar e receber (excessivamente) o esperma” (SILVA, 2008, p. 113). Tal aspecto da masculinidade parece presente no contexto de outras práticas sexuais entre homens, já que, em suas análises de outras práticas, incluindo o *bareback*, Barreto (2019, p. 724) percebeu uma certa erótica associada “à

produção de certos fluidos que se generificam e têm o poder de generificar (no caso, masculinizar) em sua produção, troca e consumo”.

Garcia (2009), por sua vez, afirma que a incorporação do sêmen nas relações sexuais pode ter múltiplos significados. Ele destaca que, “além de um prazer, a marca de um pertencimento lúdico e de desfrute de certa subcultura”, a incorporação do sêmen pode se constituir ainda como um “estigma de exclusão em várias comunidades” (GARCIA, 2009, p. 539). Pode ser, ainda, uma “traição aos movimentos pelos direitos sexuais”; uma “reivindicação heróica do ímpeto mais radical da liberação sexual”; “uma expressão de amor, um grave atentado terrorista e um mero risco” e, também, o “resultado do cálculo mais racional” (GARCIA, 2009, p. 539).

Junto aos significados aqui analisados e discutidos, resalto ainda que a incorporação e/ou contato com o esperma se dá de diferentes formas na prática *bareback*, podendo, assim, o ato de “leitar” e “ser leitado” acontecer de maneiras variadas. Isso pode ser percebido tanto no modo como é ensinado no *currículo bareback*, como em outras investigações feitas sobre a prática *bareback*. No contexto desse currículo, podemos ver, nos ditos acima (figuras 9 e 10), que leitar pode ser o ato de “GOZAR DENTRO”, “deixar seu leite dentro de um putto” e/ou ainda “participar leitando o rabo dos amigos”. Ser leitado pode ser a ação de “ser depósito de leite para vários caras” ou de apenas um. Ainda assim, Silva (2008, p. 112) destaca que o “contato com os fluidos corporais não se reduz ao ato de engolir/beber ou gozar dentro do ânus, já que existe toda uma atividade erótica vinculada ao ato de espalhar ou expandir o contato do esperma [...] em outras partes do corpo”, incluindo o rosto. Essa ação pode ser vista nos vídeos pornôis divulgados no *currículo bareback*:

O rapaz fica no meio de uma roda enquanto os outros começam a se masturbar e gozar na cara dele. O rosto dele fica completamente molhado de esperma (VÍDEO D1, 0 segundos a 25 minutos e 45 segundo).

O filme encerra focando na cara do rapaz que faz sexo oral em todos, mostrando seu rosto lacrimejado, sua boca ainda cheia de esperma (VÍDEO C3, 7 minutos e 52 segundos).

Essa atividade de gozar na cara do outro pode estar vinculada a uma “medida adotada por alguns barebackers para minimizar o risco” (SILVA, 2008, p. 112), de contaminação de ist, já que o contato do sêmen não se dá direto com o ânus, mas não necessariamente significa uma “preocupação com a saúde ou estratégia de prevenção” (SILVA, 2008, p. 112).

Além dos significados engendrados pelo discurso *bareback*, as diferentes formas de incorporação e contato com o sêmen que se dão no âmbito da prática parecem ir dotando os *barebackers* de conhecimentos sobre o sêmen, dentre os quais alguns são ensinados no *currículo bareback*. Pergunta-se, por exemplo: “Dá para melhorar o gosto e o cheiro do esperma?”. Afirmado em tom positivo, ensina-se a evitar o consumo exagerado de alguns alimentos, como “alho, corantes, frituras, álcool, cafeína e produtos picantes, condimentados e amargos”, acrescentando-se na dieta alguns outros, como “canela, gengibre e frutas, sobretudo abacaxi, tanto o sabor quanto o odor do líquido ficam mais leves e até mesmo adocicados”⁶⁷. Isso parece facilitar, de alguma forma, a ingestão ou mesmo ou qualquer outra forma de contato com o líquido. De todo modo, no âmbito da prática, esses ensinamentos parecem ir se aprimorando, já que, conforme destaca Barreto (2019, p. 724), em sua pesquisa etnográfica, percebeu que havia “um conhecimento das formas, texturas e sabores do sêmen, que é debatido e analisado como por apreciadores de vinhos, entre os jovens que o tomam”.

Os significados analisados podem incidir na produção das demais posições de sujeito demandadas nesse currículo, mas foram discutidos no âmbito da posição de sujeito *unrubberman*, pois, assim como as outras marcas dessa posição, se aproximam proeminentemente da demanda por um modo de ser *barebacker* que parece se importar apenas em praticar o sexo sem camisinha, em leitar ou ser leitado. Em outras palavras, afirmo que essa marca diz mais especificamente da posição de sujeito *unrubberman*, porque o pressuposto eminente que conduz a conduta do “leitador” e do “leitado” deve ser que o sexo seja *#nocondom #napele #nopelo #semcapa #semcamisinha*, pois só assim ele pode se constituir como “leitador” ou “leitado”.

Até mesmo o termo vitamina ou a ação de vitaminar não significa estritamente o desejo pelo esperma com vírus, conforme veremos na discussão acerca da posição de sujeito *bugchaser* e *giftfivers*. Ao mesmo tempo, não aparece uma preocupação com alguns cuidados com a saúde, como veremos a seguir com a *posição de sujeito preper*. Desse modo, os significados produzidos sobre o esperma, no âmbito da *posição de sujeito unrubberman*, adquirem outras texturas e sabores, quando inscritos junto às outras posições, devendo, assim, ser vistos sob a ótica das relações de poder instauradas com as demandas direcionadas às outras posições.

Por último, vinculado às marcas de leitado e leitado atribuídas à posição de sujeito *unrubberman*, vale destacar que, em diversas campanhas mais recentes, pode-se perceber um modelo de prevenção que promove, ainda hoje, a estigmatização, a desinformação, o temor ao

⁶⁷ Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 9 de outubro de 2018.

prazer sexual, como a esse prazer constituído no âmbito dessa posição, reiterando aquilo que é considerado como um modelo de sexualidade a ser seguido. Nesse sentido, talvez a prática *bareback* seja “politicamente um protesto contra o medo do prazer e do sexo que é fomentado inadvertidamente pelas regras de prevenção biomédicas e os discursos do ‘sexo seguro’ ou ‘sexo mais seguro’” (GARCIA, 2009, p. 552).

Desse modo, as marcas “leitador” e “leitado” têm uma especificidade aqui porque estão vinculadas ao sexo entre homens homossexuais e/ou HSH. Nesse sentido, Garcia (2009, p. 547) defende que, “quando um homossexual admite desfrutar da incorporação do sêmen ou do contato genital de pele com pele, seu prazer se transforma instantaneamente uma declaração política”, ainda que essa declaração possa ser vista como parte de uma “suspeitosa e nova militância” (GARCIA, 2009, p. 547). Portanto, trata-se de uma declaração que pode ser vinculada de alguma forma à *posição de sujeito unrubberman*, quando se atribui a essa posição a marca de “leitador” ou “leitado”, erotizando essa marca e constituindo os modos de condução da conduta do leitador e do leitado como algo prazeroso. Ainda que essa declaração política não seja explícita, o que se mostra aqui, na *produção da posição de sujeito unrubberman*, é uma condução da conduta que vai de encontro às prescrições já convencionadas na promoção do uso do preservativo para evitar o contato com os fluidos corporais, que parece incidir principalmente junto aos homossexuais masculinos, considerando o vínculo entre hiv, aids e homossexualidades.

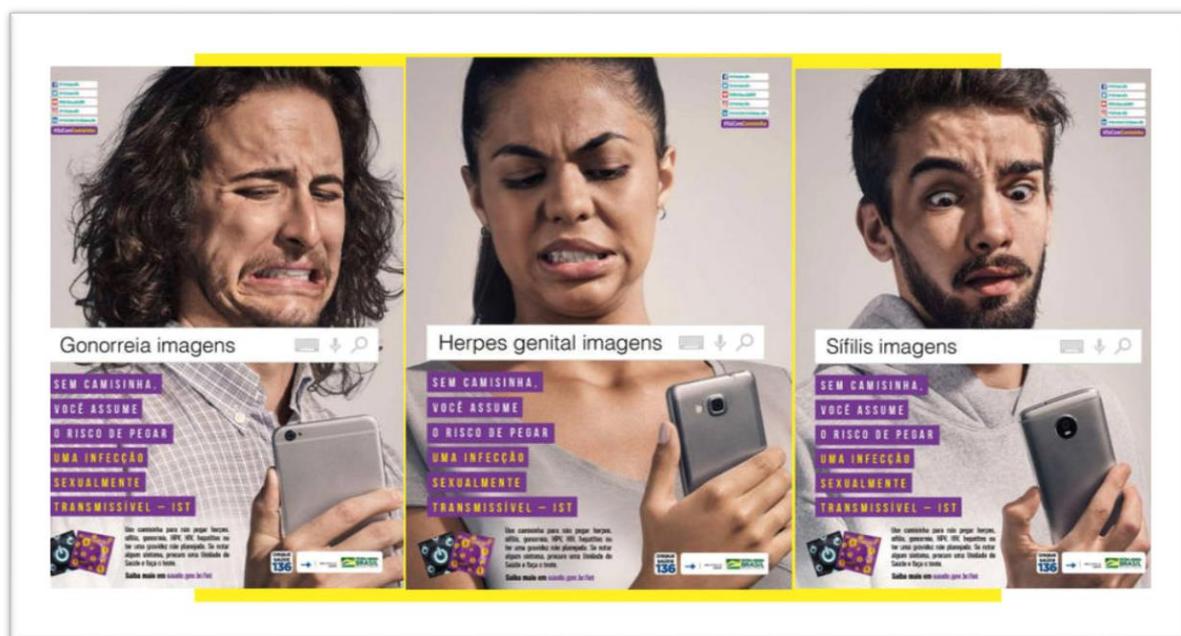
Nas condições de emergência do sexo *bareback*, é possível localizar alguns ditos que se referem ao sentido político, nos termos destacados no parágrafo anterior, que essa prática evoca. Em um congresso em San Diego, em 1998, o ator pornô e ativista gay, Tony Valenzuela, fez a seguinte afirmativa: “o nível de carga erótica e intimidade que sinto quando um homem ejacula dentro de mim é transformacional, especialmente em um clima que silencia completamente sua importância”⁶⁸. O autor da frase se define como um anarquista sexual que cria novos códigos sexuais ou morais privadamente, que cria novas regras. O clima ao qual ele se refere parece ser a interdição de contato com o sêmen imposta pela prescrição do uso compulsório do preservativo. Esses novos códigos sexuais ou morais que aparecem nesse dito, vinculados ao sexo sem preservativo e ao sêmen, podem constituir a posição de *sujeito unrubberman*, quando é incitado para que os indivíduos sejam “leitadores” ou “leitados”. Ser “leitador” ou “leitado” é um modo de se conduzir a partir de códigos e regras outros que não estão na ordem do

⁶⁸ A menção à fala do ativista gay é encontrada no texto do Esteban Andrés Garcia (2009, p. 547).

verdadeiro na condução da conduta dos jovens gays e HSH designados pelo discurso “sexo seguro” ou “sexo mais seguro”, conforme nomeia Garcia (2009).

O sentido político que pode integrar a prática sexual *bareback* como um tipo de enfrentamento às campanhas contra o hiv/aids da década de 1990 que difundiam o medo pode ser atualizado de algum modo e compor as motivações atribuídas à *posição de sujeito unrubberman* na atualidade, tendo em vista que campanhas recentes⁶⁹ continuam a utilizar o medo e o terror como mote:

Figura 13 - Campanha do Governo Federal, 2019



Fonte: ESTADÃO. Disponível em:

<https://img.estadao.com.br/resources/jpg/6/7/1572561436376.jpg?xcd_image_optimization=false>. Acesso em: 27 jun. 2020.

As imagens fazem parte de uma campanha do Ministério da Saúde sobre infecções sexualmente transmissíveis, lançada no dia 31 de outubro de 2019, endereçada a jovens de 15 a 29 anos⁷⁰. A estratégia utilizada apostou na reação de jovens, ao pesquisar imagens no ciberespaço de infecções sexualmente transmissíveis, como, por exemplo, sífilis, gonorreia e clamídia. Nos vídeos e fotos divulgados pela campanha, os/as jovens reagem com expressões de medo, nojo e repulsa. Nos vídeos⁷¹, é possível ouvir o narrador dizer o mote adotado na campanha que versa sobre a sensação desagradável que os/as jovens sentiriam ao ver a

⁷⁰ Para mais detalhes, ver: <https://antigo.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45960-campanha-inedita-aborda-doencas-sexualmente-transmissiveis> Acesso em: 22 jan. 2021

⁷¹ Para assistir aos vídeos da campanha, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=2hpSOEnQqqw>

manifestação dessas doenças em imagens, apelando para o *slogan* da campanha: “Sem camisinha, você assume o risco” (AGÊNCIA BRASIL, 2019, s./p.).

A campanha se constitui como uma das estratégias que investe principalmente na condução da conduta de jovens, sendo, pois, mais um componente que mostra como as estratégias discursivas sobre a prevenção falam de modo mais incisivo para e com os/as jovens. No vídeo da campanha, são mostrados/as jovens que teriam sido convidados/as a pesquisar os sintomas de algumas ISTs. Em seguida, eles/as aparecem fazendo a pesquisa em seus respectivos celulares. A propaganda sugere que estão utilizando o recurso de pesquisar imagens na internet com os nomes das ISTs. Ao verem os resultados da pesquisa, as expressões faciais mostradas, tanto no vídeo como nas imagens, parecem querer provocar o riso em quem assiste ou vê a propaganda nas imagens, mesmo que haja um investimento mais estabelecido e declarado com relação ao medo que se pretende engendrar com a campanha. Os/as próprios/as jovens, ao verem as imagens, têm um modo específico de reagir a elas que aproxima mais a dinâmica utilizada de algo engraçado, como se eles/as fossem submetidos/as a uma “trolagem”. A música instrumental utilizada como fundo no vídeo divulgado dá um tom de comédia à campanha, em vez de um tom dramático e circunspeto.

Em uma pesquisa sobre como um grupo de jovens se percebe, quais valores e sentimentos eles/as têm sobre si mesmos/as (ASSIS et al, 2003), as principais definições mencionadas foram: “legal, feliz, alegre, simpático, brincalhão, divertido, engraçado e extrovertido” (ASSIS et al, 2003, p. 675). São atributos considerados, na perspectiva dos/as autores/as, como um “autoconceito positivo, em que características emocionais como o humor e a capacidade pessoal de comunicação são fundamentais” (ASSIS et al, 2003, p. 675). De acordo com eles/as, esses atributos “são inerentes a uma fase da vida em que a esperança e o otimismo são muito valorizados, além de serem próprios de uma imagem de juventude socialmente construída na mídia e na sociedade em geral” (ASSIS et al, 2003, p. 675). Nesse sentido, o tom da narrativa parece ser intencionalmente jocoso, as imagens e o vídeo da campanha realizada pelo Ministério da Saúde evocam mais um ato brincalhão do que propriamente emitem uma mensagem com seriedade.

É no jogo entre querer provocar o medo, mas sem deixar o aspecto jocoso construído como próprio da juventude que a propaganda se constitui. A campanha foi criticada por diversos/as especialistas e amplamente problematizada na mídia (FOMENTI, 2019; AGÊNCIA AIDS, 2019; CASTRO; TATSCH, 2019). Destacou-se que campanhas com o viés do medo não surtem efeito, o que é comprovado, desde a década de 1980, por experiências. Entre os

argumentos defendidos, está o de que o investimento no medo e no nojo afasta as pessoas das informações relacionadas à doença e à prevenção. Além disso, conforme destacado em reportagem do Estadão, Rico Vasconcelos, infectologista da USP, diz que a campanha apresenta uma falha na informação divulgada. “Ela é desonesta. Mesmo se usar camisinha, há risco de se pegar algumas ISTS, como herpes e HPV”. Ainda completa: “se você considerar sexo oral, que menos de 2% das pessoas fazem com preservativo, os riscos ainda são mais expressivos. Pessoas podem pegar com essa prática desprotegida clamídia ou herpes” (FOMENTI, 2019, s.p.). Nesse sentido, para esses/as especialistas, campanhas como essas se mostram explicitamente moralizadoras e repetem o erro de muitas outras anteriores. Juntas, elas “difundem violentas pregações morais e promovem a estigmatização e o temor do prazer sexual” (GARCIA, 2009, p. 558). Desse modo, é possível que, entre as conduções da conduta prescritas à *posição de sujeito unrubberman*, algumas tenham também um sentido político nos termos aqui discutidos.

Assim, podemos problematizar a “conexão erótica e emocional, e/ou prazer, que algumas pessoas associam à troca e incorporação do sêmen” (GARCIA, 2009, p. 560) ou o “prazer ligado à transgressão de normas sociais (no caso, sanitário)” (GARCIA, 2009, p. 560). No entanto, não somente nesse sentido a transgressão aparece nesse currículo, afinal, transgredir parece ser uma importante ação demandada à *posição de sujeito unrubberman*. Possivelmente, seja para reiterar essa demanda da transgressão como uma marca importante dessa posição de sujeito que o banheiro público (figura 4) aparece nos ditos como local para ter relações sexuais *barebackers*. Segundo Ferrari (2005), há uma distribuição social organizada pelos significados de público e privado, que, por sua vez, engendram o que é permitido e proibido em determinados espaços. As homossexualidades, para o autor, se constituem a partir desses significados, sendo muitas vezes direcionadas ao espaço privado, ao escondido, considerando que ela emerge como pecaminosa, doentia e transgressora. As subjetividades se constituem, assim, em relação aos espaços que ocupam ou podem ocupar, sendo, pois, a organização dos espaços uma estratégia de poder, se pensarmos que, no poder disciplinar, um procedimento adotado é a “distribuição dos indivíduos no espaço” (FOUCAULT, 2014c, p. 139). Ferrari (2005, p. 116) indica que, principalmente após o surgimento da aids, os grupos gays, justificando-se a partir da “necessidade de prevenção, de cuidado e de mudança de comportamentos, vão, pouco a pouco, demarcando espaços da cidade que eram livres e abertos a variados usos, inclusive à paquera homossexual”.

Nesses espaços se articulavam o prazer da vigilância e a necessidade que se percebia de dificultar encontros e comunicações considerados perigosos, constituindo, desse modo, alguns lugares como próprios para a imagem de homossexual defendida por esses grupos. No entanto, a construção desses lugares, ao funcionar muitas vezes priorizando a repressão e a condenação dos espaços que não eram autorizados para a paquera homossexual, estabelecia um jogo entre permitido e proibido. Levantavam-se os perigos, ao mesmo tempo em que apontavam para “as possibilidades, os prazeres, servindo como ensinamento, no sentido de indicar onde é possível ter encontros homossexuais” (FERRARI, 2005, p. 117). Desse modo, os indivíduos vão construindo relações específicas com os espaços, de maneira que, para alguns, espaços interditados para ter relações sexuais, como, por exemplo, o banheiro público, tornam-se uma forma de “relacionar transgressão, erotismo e desejo, já que associam o perigo de serem surpreendidos, a excitação de transar no espaço público, o envolvimento anônimo”. Essas atividades são concebidas “a partir do entendimento e da definição do que pode ou não ser feito no espaço público, o que deveria se limitar ao privado” (FERRARI, 2005, p. 118). De alguma maneira, parece que a *hashtag* “#banheiropublico”, que consta no primeiro dito destacado nesta seção, é mobilizada para adensar, ampliar e atualizar a ligação entre prática sexual *bareback* e transgressão, sendo, sobretudo, uma maneira de recusar a imagem de um gay considerado correto.

Outro comportamento importante de ser destacado no emaranhado das relações de poder que produzem a posição de sujeito *unrubberman* é a localização de prescrições generificadas. Essas prescrições reiteram modos de conduzir a conduta inscritos em normas de gênero. Quero retomar aqui fragmentos das figuras 4 e 7 que parecem imprimir marcas de gênero, pois se percebe, nas postagens de que foram realizadas as capturas, “um mecanismo através do qual se produzem e se naturalizam” algumas “noções de masculino e feminino”⁷² (BUTLER, 2006, p. 70, tradução minha). A figura 4 mostra a experiência de um homem que se define como “ativo *bareback*”, ao se nomear no perfil, e como “putão” e “sem frescura”, utilizando *hashtags*. Já na imagem da postagem do perfil nomeado “novinho *bareback*”, junto às *hashtags* já exploradas neste tópico, há uma frase que parece convidar alguém para o sexo: “Vem me fazer de putinha também” (figura 7). Em ambas as capturas de tela, percebe-se que há um material ocultado pelo *Twitter*. Trata-se de vídeos em que os autores das postagens filmam a si mesmos tendo relações sexuais sem preservativo. Exatamente por esse caráter de sexo explícito é que o site oculta os vídeos disponibilizados. É colocada a seguinte mensagem “a mídia a seguir inclui

⁷² Original em espanhol.

conteúdo possivelmente sensível”, apenas clicando na palavra “ver”, ao lado da mensagem, é possível ter acesso ao material⁷³. Quero destacar aqui as marcas generificadas que aparecem nesses ditos.

No que se refere ao primeiro *print*, percebe-se que são reiteradas noções do que é ser homem. O sentido de ativo está em relação com o sentido de passivo, pois é nessa relação que foram atribuídos determinados valores generificados para atuação dos corpos nas relações sexuais. Desse modo, são atribuídos ao ativo “o controle e a iniciativa como condições que definem e fixam a condição de homem” (ANDREU; VERAS; VALENCIA, 2014, p. 47). Assim, toda sua performance deve conformar aquilo que é esperado de um homem, deve seguir códigos de conduta que regulam uma masculinidade aceita e reconhecida. O sentido de passivo parece se opor ao investimento de construção da masculinidade como se faz para produção do ativo, sendo o primeiro marcado, pois, como aquele que é dominado pelo homem. Vieira (2011, p. 32) afirma que, “invariavelmente, questiona-se a masculinidade daquele que é penetrado, oral ou analmente, por situar-se na esfera do feminino”. A partir de discussões similares sobre o sexo entre homossexuais, Torrão Filho (2005, p. 146) sugere que “a masculinidade e a virilidade são valorizadas em detrimento dos maneirismos femininos, constituindo-se como um verdadeiro valor agregado na economia da conquista sexual”. Talvez por isso exista um certo destaque a essa característica no currículo aqui investigado, pois o termo “ativo” aparece compondo a nomeação do perfil. Seguindo essa nomeação, aparecem as *hashtags* “putão” e “sem frescura”, reforçando a construção discursiva que associa ativo como uma atuação própria do homem e/ou masculina.

O adjetivo designado ao “ativo” está no aumentativo masculino: “putão”. O termo putão, no imaginário heterocentrado, está associado ao homem que tem destreza e facilidade para realizar suas vontades, que consegue se relacionar com muitas mulheres, que é devasso. Trazido para as relações homoeróticas, ele atualiza e dá existência àquilo que nomeia, dizendo, então, de um homem que está em conformidade com atitudes que conformam uma masculinidade normativa. A expressão “sem frescura”, por sua vez, figura um vocabulário gendrado, ou seja, marcado por especificidades de gênero. Não ter frescura, para um homem com pênis, é não performar atitudes designadas ao sexo feminino ou, ainda, pode ser aquele que, na hora de realizar seus desejos sexuais, faz sem se importar com os limites morais e físicos.

⁷³ Apesar de os vídeos pornográficos serem importantes para entender o funcionamento do *currículo bareback*, não me deterei neles agora, porque isso será feito na próxima seção desta tese.

Essa expressão pode ser encontrada em outros espaços na fabricação do homem-macho e da masculinidade. Na página do *Facebook* @raizxnutella, é possível encontrar uma referência. Raiz x Nutella pode ser considerado um meme que faz uma comparação aos modos como as pessoas faziam determinadas coisas antigamente (por isso, um jeito raiz), com os modos que as pessoas fazem hoje que, inclusive, associa nutella à frescura. O meme associa a famosa marca de creme de avelã aos modos como determinadas ações são “gourmetizadas” hoje em dia, enquanto as atitudes mais antigas seriam feitas de modo mais rudimentar. É nesse sentido que, na página, há uma construção sobre o que seria um “macho raiz” e um “macho nutella”, como pode ser observado abaixo:

Figura 14– Captura de tela 5



FACEBOOK. Postagem de raizxnutella em 18 de julho de 2017.

Na descrição do “macho raiz”, da figura 14, é possível observar as seguintes qualidades associadas a ele: “é autêntico, gente boa, cultiva o que a natureza ofereceu, se destaca na multidão, homem de atitude, gosta de churrasco e cerveja, confiante”. Já ao “macho nutella” as qualidades associadas são: “segue o que está na modinha, metido a besta, faz a barba todo santo dia, sempre passa despercebido, *cheio de frescura*, churrasco só se for gourmet, arregão”. Certamente, muitos aspectos que dizem da construção do gênero dessas figuras parecem se opor, mas quero salientar o termo “cheio de frescura” como uma qualidade interdita para

caracterização de um “macho raiz”, inclusive, na legenda da postagem, aparece como o aspecto mais ressaltado e ridicularizado “geração fresca do caralho”. Em um *site*⁷⁴ direcionado ao diálogo entre mulheres sobre relacionamento, há o seguinte questionamento: “é impressão minha ou esses homens de hoje em dia estão cada vez mais frouxos e frescos?”. Nesse sentido, pode ser atribuída a qualidade de “macho raiz” à *posição de sujeito unrubberman*, quando vinculada às performances de ativo nas práticas sexuais, produzindo-se, assim, uma hierarquia de valorização generificada no *currículo bareback* às conduções da conduta de HSH, a depender de como eles atuam nessas práticas.

Esses ditos compõem a discursividade que constitui o homem masculino como aquele “sem frescura”, pois frescura seria uma característica designada à mulher. Desse modo, podemos compreender que “a ideia de masculinidade repousa sobre a repressão necessária de aspectos femininos” (SCOTT, 1995, p. 82). Esses aspectos podem ainda ser percebidos em articulação com o dito do perfil nomeado “novinho *bareback*” (figura 7), que parece convidar alguém para o sexo: “Vem me fazer de putinha também”. Putinha, adjetivo no feminino e diminutivo, pode estar vinculado a uma noção de feminino como aquele que é dominado. O termo evoca algo menor em relação à nomeação “putão”, utilizada em *hashtag* da figura 4. A conjuntura da frase sugere também uma submissão, ao pedir que alguém venha fazê-lo (o “novinho *bareback*”) de putinha. Desse modo, o adjetivo no feminino pode evocar o sentido pejorativo dado à “menina que fica com muitos meninos”, conforme mostra Sales (2010, p. 178), pois, ao contrário dos meninos que ficam com muitas meninas, elas são desvalorizadas. A autora mostra como um mesmo modo de conduzir é visto de modos diferentes, a depender do gênero da/do jovem, concluindo que, “quando o mesmo tipo de conduta é nomeado diferentemente em termos de gênero, a norma que rege as condutas juvenis é repetida de modo a garantir sua permanente afirmação como regra a ser seguida” (SALES, 2010, p. 179). Parece que, ao colocar o adjetivo no diminutivo feminino, são reiterados, nesse currículo, sentidos normativos que também desvalorizam a mulher ou a colocam em um lugar de inferioridade na hierarquia de gênero.

Na construção das homossexualidades e nas relações homoeróticas, percebe-se que ativos e passivos são valorizados de maneira diferente, pois foram constituídos vinculados às noções normativas de gênero. O ativo, como é comumente conhecido aquele que performa atitudes consideradas masculinas nas relações sexuais, pode não ser questionado sobre o lugar

⁷⁴ Disponível em: <<https://superela.com/clube/429099/impressao-minha-esses-homens-hoje-estao-mais-frouxos-frescos>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

de gênero que ocupa como homem. Por outro lado, atribuiu-se ao passivo o lugar do feminino, pois, na relação sexual, ele é dominado pelo ativo macho, assim ele também é aquele efeminado que performa em seu corpo marcas da feminilidade. A valorização do ativo e do passivo não fica restrita somente às construções de gênero determinadas, mas incide em distintas percepções acerca da sexualidade. Conforme destaca Torrão Filho (2009, p. 145), “enquanto o homem que é ativo na penetração por vezes não se considera como homossexual, ou seja, não coloca em questão sua preferência pelas mulheres e sua masculinidade, o passivo é estigmatizado como detrator de seu sexo”. A tecnologia de gênero opera nessa prática sexual em que se repetem e se recitam códigos masculinos e femininos. Os lugares ocupados por esses sujeitos se constituem a partir do gênero nessa relação ativo/passivo. Preciado (2014, p. 84) afirma que os “termos do sistema heterossexual masculino/feminino, ativo/passivo não passam de elementos entre muitos outros de um sistema arbitrário de significação”.

As questões de gênero que constituem o *currículo bareback* dizem algo relevante para pensar sobre discursividades que constroem aquilo que entendemos por feminino. O modo de inferiorizar o que é considerado feminino no corpo masculino não diz somente das performances dos corpos nos atos sexuais, mas se estende à desvalorização dos corpos gays que não se conformam à masculinidade “sem frescura” prescrita a eles, sendo, pois, vítimas mais recorrentes da homofobia. Dada essa conjuntura em análise, aciono uma reflexão que me parece importante. Torrão Filho (2009) afirma acreditar que

[...] a homofobia é similar à misoginia, pelo menos no que diz respeito ao desprezo pelos homens sexualmente passivos ou que apresentam um comportamento feminino, independente de suas preferências sexuais, da mesma forma que sobre as mulheres que apresentam um comportamento masculinizado (TORRÃO FILHO, 2009, p. 147).

No entanto, é importante ressaltar que esse modo de fixar e atribuir valores generificados ao ativo e ao passivo nas relações sexuais é produzido por relações de poder-saber e, por isso, é constantemente tensionado e ressignificado. Miskolci (2009, p. 178), por exemplo, ressalta que “há maior fluidez e negociação nas práticas sexuais entre homens do que aponta a velha tríade ativo-passivo-versátil, que se inspira em um modelo de relação sexual reprodutiva hetero centrado na penetração”. Barreto (2017), ao fazer uma etnografia de festas de orgias para homens, percebeu que, nessas festas, tanto ativos quanto passivos deveriam performar masculinidade.

Considerando as discussões desse primeiro tópico, entendo que as principais marcas da *posição de sujeito unrubberman* são: a negação quanto ao uso do preservativo, a transgressão

às interdições de contato com os fluidos corporais e a correspondência a determinadas normas de gênero. Essas são marcas próprias dessa posição que constitui um modo de ser *barebacker*, entre outros disponibilizados no currículo aqui investigado. A seguir, mostro a *posição de sujeito preper* que difere da *posição de sujeito unrubberman* por uma qualidade específica. Ao agir de diferenciadas formas e com diferentes objetivos, o *currículo bareback* produz, portanto, em oposição às demais posições aqui investigadas, a *posição de sujeito preper* que passo agora a discutir.

3.2 Posição de sujeito *preper*: buscar informação e conhecimento, recorrer ao tratamento de ists sem paranoia, desespero e preconceito, saber os ônus e bônus da PrEP

O termo *preper* vem de PrEP, sigla para um novo método de prevenção à infecção pelo hiv: Profilaxia Pré-Exposição ao hiv, distribuída gratuitamente pelo Estado brasileiro. Esse termo é uma nomeação para usuários/as dos medicamentos que emerge a partir dos próprios indivíduos que fazem uso dessa profilaxia, que circula em ditos encontrados em fóruns da rede social *Facebook*⁷⁵ destinados à troca de informações sobre locais de distribuição, modos de usar, efeitos colaterais etc. Adoto o termo para nomear uma outra posição de sujeito disponibilizada no currículo aqui investigado. Essa posição tem uma marca que a diferencia das demais posições de sujeitos *barebackers*. É demandado na constituição dessa posição que o indivíduo busque o sexo sem preservativo, mas contando com a proteção que a PrEP oferece: protegê-lo da infecção do hiv.

A PrEP combina dois medicamentos (tenofovir + entricitabina), combinação conhecida também pelo nome de Truvada, atribuído pela empresa que fabrica os componentes, a *Gilead Sciences*⁷⁶. Essa combinação é utilizada para bloquear alguns caminhos que o hiv usa para infectar o organismo. Para isso, esses medicamentos devem ser tomados diariamente. Desse modo, eles terão uma concentração suficiente na corrente sanguínea capaz de bloquear o vírus. De acordo com o site do Ministério da Saúde, a PrEP começa a fazer efeito após 7 (sete) dias de uso para relação anal e 20 (vinte) dias de uso para relação vaginal⁷⁷. Estaria aqui uma alternativa à camisinha? Emerge aqui um outro modo de condução da conduta a partir dos

⁷⁵ Essa rede não está descrita na composição do seu corpus, pois, de fato, ela não foi analisada. A partir de visitas pessoais, tomei o termo utilizado nas discussões emprestado para nomear a posição de sujeito aqui analisada.

⁷⁶ De acordo com Dean (2015, p. 228), “a Gilead Sciences está sediada em Foster City, ao sul de São Francisco, um dos epicentros originais da Aids, e é o maior produtor de medicamentos contra o HIV do mundo, com as vendas globais de Truvada levando à empresa mais de US \$ 3 bilhões por ano”.

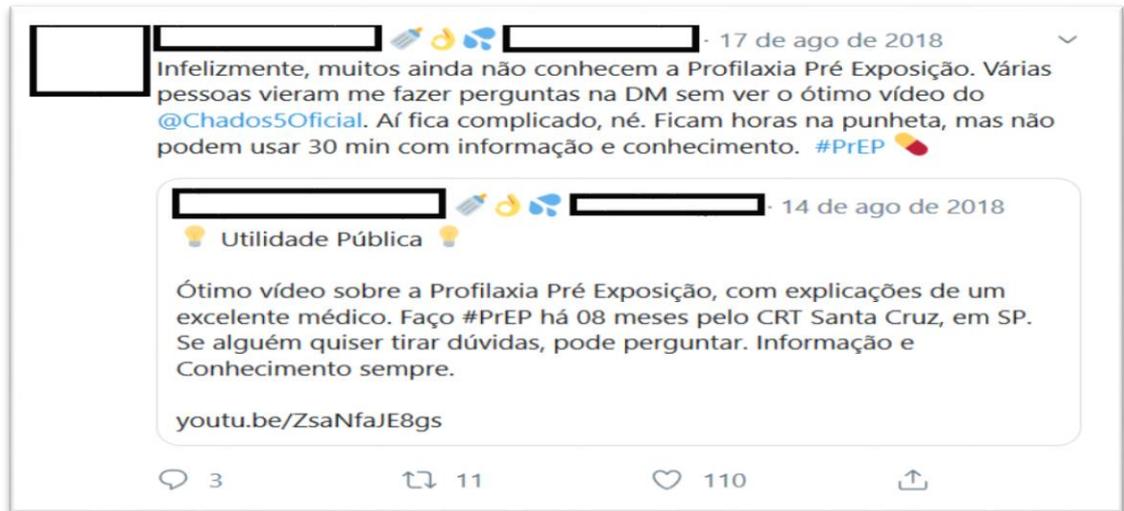
⁷⁷ Para mais detalhes, ver: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao> Acesso em: 04 mar. 2020

recursos que essa profilaxia pré-exposição ao hiv disponibiliza? São questões gerais que mobilizam as problematizações neste tópico.

A partir do uso da PrEP, novas regras são prescritas no currículo aqui investigado possibilitando que outras negociações de sentidos sejam feitas. As distinções entre norma e transgressão, arriscado e seguro, saúde e doença podem, então, ter outros tensionamentos e outras elaborações, já que, a partir do uso da PrEP, existem intervenções calculadas a serviço dos desejos que estão articulados com os valores para a conduta de uma vida imposta na contemporaneidade: o cuidado com a saúde para uma otimização do corpo (ROSE, 2013). Isso evidencia que o limite entre permitido e proibido, aceitável e repugnável é objeto de disputa e, portanto, constituído por relações de poder. Assim como outras práticas sexuais— homoeróticas, de adultério, de masturbação, de prostituição –, percebidas de modos distintos ao longo da história, a negociação para produção dos regimes de verdade acerca do *bareback* resulta “na expansão, restrição ou deslocamento das práticas sexuais concebidas como aceitáveis, além daquelas que são tomadas como objeto de perseguição, discriminação, cuidados médicos ou punição criminal” (GREGORI, 2016, p. 23). A *posição de sujeito preper* emerge nessa zona fronteira, que tensiona os limites discursivos do que é permitido ao sexo e à sexualidade, mas que atenda, de algum modo, aos cuidados com a vida inscritos nos imperativos de saúde. Ao mesmo tempo, abre-se todo um campo de disputa para uma maior liberação de expressões e escolhas sexuais que possibilitem a esses indivíduos conduzirem seus desejos com mais ousadia.

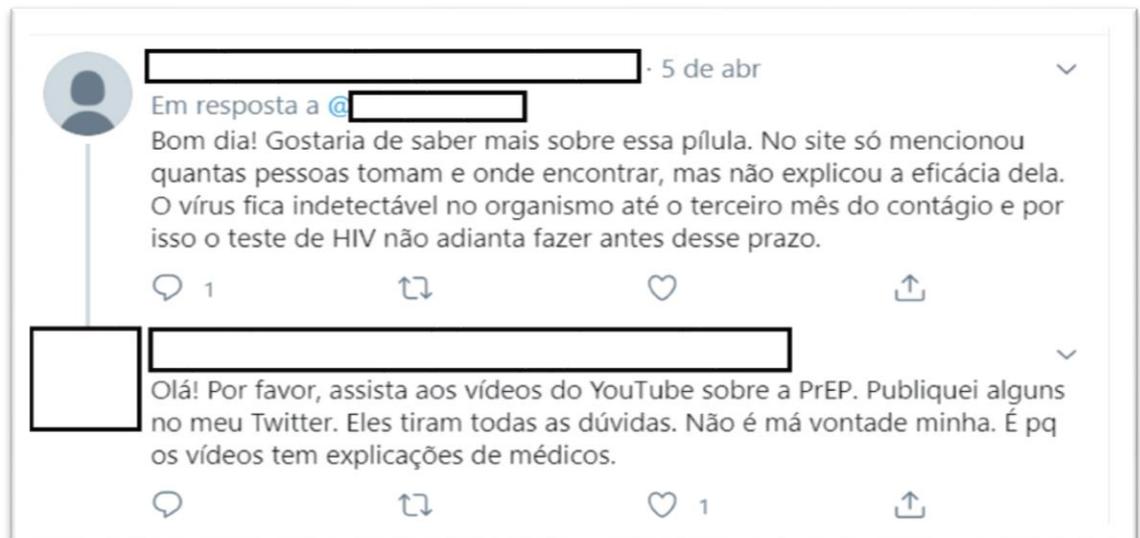
Nesse sentido, demanda-se, no currículo aqui investigado, que o jovem *barebacker preper* informe-se e busque conhecimento sobre a profilaxia pré-exposição. Para isso, são indicados, nesse currículo, vídeos com explicações médicas. O jovem *barebacker preper* é aquele que deve usar seu tempo não somente para o prazer sexual, mas para aprendizagem acerca dos modos de se proteger. Em um dos posts encontrados no *currículo bareback*, há, inclusive, uma exortação nesse sentido:

Figura 15 – Captura de tela 6



Fonte: *TWITTER*. Postagem de @baredeprep de 17 ago. 2018.

Figura 16 – Captura de tela 7



Fonte: *TWITTER*. Postagem de @baredeprep de 5 abr. 2018.

Figura 17 – Captura de tela 8



Fonte: TWITTER. Postagem de @baredeprep de 17 ago. 2018.

Os ensinamentos e as prescrições nos ditos destacados podem evidenciar os conflitos e as tensões do currículo aqui investigado. Foucault (2014a, p. 109) afirmou que o discurso deve ser entendido “como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável”. Nesse sentido, ao entender currículo como discurso, interessa-me mostrar, nesta tese, “uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes” (FOUCAULT, 2014a, p. 110), detalhando as relações de poder que constituem o *currículo bareback*.

A posição de sujeito *barebacker preper* constitui um modo de ser *barebacker* que está em contradição com a posição de sujeito *unrubberman* por um cuidado com a saúde que lhe é peculiar e demanda algumas atenções, como, por exemplo, ser inaceitável que o *barebacker* não esteja ciente sobre a PrEP. Assim, é preciso que o *barebacker* corrija sua conduta, caso ainda persista o desconhecimento sobre os medicamentos. O *barebacker* desinformado pode ter uma outra relação com o risco de contrair o hiv, que é interdito ao *barebacker preper*. Já na constituição da posição de *sujeito unrubberman*, essa interdição não parece ser relevante. Há uma certa marca na posição de *sujeito unrubberman*: a relação mais aberta com o risco, pois não aparece nenhuma preocupação e/ou hesitação com os possíveis efeitos que a decisão em transar sem preservativo pode trazer, como, por exemplo, mais possibilidade de adquirir hiv e

outras infecções sexualmente transmissíveis. Para a posição de *sujeito unrubberman*, a demanda mais proeminente é que ele transe sem preservativo, seja “leitador” ou “leitado”, priorizando a dimensão do prazer que isso pode proporcionar, o que pode ser evidenciado pelo destaque recorrente da palavra “tesão” nos ditos anteriormente analisados. Na produção da *posição de sujeito preper*, não se nega que a prática sexual *bareback* possa dar prazer, tampouco se desautoriza que o *barebacker* seja “leitador” ou “leitado”, mas há uma condição para transar sem preservativo e garantir a saúde: a PrEP.

Desse modo, a conduta prescrita, autorizada e aceita para o *barebacker preper*, é aquela da busca pelo aprofundamento sobre como se prevenir do hiv com a PrEP. Assim, no *currículo bareback*, são ensinadas maneiras de transar com máximo prazer sem negligenciar a saúde e protegendo-se contra o vírus hiv. Para isso, é delineada e regulada a conduta do jovem *barebacker preper* – usar a PrEP e seguir alguns procedimentos que são demandados nesse uso. Trata-se aqui de uma articulação curricular para a produção de um sujeito de certo tipo. De acordo com Paraíso (2010a, p. 41), um currículo “é uma seleção cultural” e “se constitui em uma seleção interessada de saberes”. O *currículo bareback* também seleciona um saber – o saber médico - a ser ensinado que não deixa de ser interessado, sendo o interesse aqui legitimar esse saber como importante e verdadeiro. Junto a isso, entende-se que “todo currículo quer mudar condutas” (PARAÍSO, 2010a, p. 47). É essa articulação da seleção de um saber que incide na pretensão de mudar a conduta do jovem *bareback* que esse conjunto de ditos parece evidenciar. Considerando que todo currículo ensina diferentes saberes selecionados conforme determinados interesses, entendo que há, no *currículo bareback*, um interesse que incide na condução da conduta dos jovens *barebackers*.

O saber médico parece ser uma garantia para que o *barebacker preper* tome para si os cuidados na prática sexual da maneira considerada correta aqui. Para isso, esse saber é autorizado nesse currículo e divulgado como verdadeiro para conduzir a conduta do jovem *barebacker preper*. Deve-se partir desse saber para buscar informação e conhecimento. Assim, atitudes diferentes dessa podem ser consideradas complicadas e ser reprovadas, pois não buscar a compreensão a partir do saber médico pode suscitar atitudes que esse saber não considera como correto. Esse saber parece ser tão importante aqui que é uma informação *retwitada*. Desse modo, reitera-se o direcionamento a um vídeo de um médico com a frase: “Ótimo vídeo sobre a Profilaxia Pré-Exposição, com explicações de um excelente médico” (figura 15). Em outro momento, recusa-se, no currículo aqui investigado, fornecer algumas informações solicitadas, pois é atribuído ao saber médico maior relevância (figura 16).

O saber médico que aparece nesse currículo compõe a biopolítica contemporânea, que apresenta algumas mutações em relação àquela definida e caracterizada por Foucault referente aos séculos XVIII e XIX. De acordo com Nikolas Rose (2013), a política da vida de nosso século parece bem diferente, pois os polos de doença e saúde não mais a delimitam, tampouco está direcionada à eliminação das patologias para proteger o destino da nação. Para esse autor, a “jurisdição médica estendeu-se para além de acidentes, enfermidades e doenças para uma administração de doenças crônicas e morte, a administração da reprodução, a detecção e administração do ‘risco’ e a manutenção e otimização do corpo” (ROSE, 2013, p. 24). A política da vida de nosso século está preocupada com a progressão de nossas capacidades de controle, administração, projeção, (re)modelação das nossas próprias capacidades de viver. Essas modificações não foram possíveis sem uma intensa capitalização da medicina, que abriu todo um campo de exploração econômica altamente competitivo, que lida com a saúde e a doença como outro campo destinado meramente à economia. Somos, pois, nessa biopolítica contemporânea, objeto de exploração financeira. Essa biopolítica, de certo modo, captura nossos corpos, saúde, nossa vitalidade e enseja alterações no entendimento do que somos, ao mesmo tempo em que possibilita que façamos intervenções sobre nós mesmos/as de maneiras outras, ampliando nossa capacidade de experimentação e contestação⁷⁸.

Os indivíduos são motivados a ser responsáveis por si, por seus negócios e por sua segurança. Como pacientes, são incitados a ser consumidores frequentes e responsáveis de serviços médicos e produtos diversos – drogas medicinais, numerosas tecnologias e testes. Os indivíduos fazem uso desses serviços e produtos disponibilizados a partir dos julgamentos que “fazem de suas reais e potenciais escolhas, decisões e ações, à medida que vão abrindo caminho através das práticas da biomedicina contemporânea” (ROSE, 2013, p. 22), as quais possibilitam que se façam “intervenções calculadas a serviço dos seus desejos” (ROSE, 2013, p.17) e dos tipos de pessoas que querem ser. Somos, desse modo, otimizados/as, ao considerarmos as tecnologias médicas contemporâneas. Isso significa reconhecer que melhoramos em alguns aspectos, ao fazermos uso dessas tecnologias ou termos a percepção de “um crescimento qualitativo em nossas capacidades de manipular nossa vitalidade, nosso desenvolvimento, nosso metabolismo, nossos órgãos e nossos cérebros” (ROSE, 2013, p. 17). Nesse sentido, o autor afirma que essas tecnologias “não buscam simplesmente curar doenças uma vez tendo

⁷⁸ Uma reflexão similar é apresentada por Preciado (2018). O autor aprofunda essa discussão e traz mais elementos para o que ele chama de *regime farmacopornográfico*.

elas se manifestado, mas controlar os processos vitais do corpo e da mente” (ROSE, 2013, p.32). Por isso, para ele, elas são “tecnologias de otimização” (ROSE, 2013, p. 32).

Compondo essas tecnologias, emerge a PrEP na forma de um medicamento que torna os indivíduos capazes de manipular sua vida, sua intimidade, os modos como fazem sexo, considerando seus desejos e motivações. A questão da biopolítica contemporânea nos convida a considerar todas as maneiras pelas quais o poder se infiltra e molda a própria vida ou, como já havia afirmado Foucault, “de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano” (FOUCAULT, 2014a, p. 17). O *barebacker* que aciona as “informações e conhecimentos” no saber médico, conforme prescreve o currículo aqui investigado na produção da *posição de sujeito preper*, tem uma relação de mais cuidados e atenções específicas com as exigências da prática sexual *bareback*. A condução da conduta mediada pela biopolítica contemporânea já tem sido objeto de investigação de outros estudos. Gonzalez (2019, p. 61, tradução minha), por exemplo, mostra que “esses novos tratamentos biomédicos mudaram profundamente a maneira como os indivíduos calculam o risco sexual”.

O autor não somente destaca a PrEP como responsável pela mudança na condução da conduta de si nas relações sexuais, como também os tratamentos disponibilizados para aqueles/as que contraem o hiv, podendo, por meio do tratamento, tornarem-se indetectáveis, o que significa que, mesmo que a pessoa seja portadora do vírus e transe sem preservativo, não transmitirá o vírus. Desse modo, algumas práticas já podem ser visíveis em sites de namoro e aplicativos gays⁷⁹ em que é possível localizar status de hiv como “indetectável” ou “usando PrEP”. A biopolítica contemporânea, atuando em nosso cotidiano, infiltrando nossas vidas, nossos corpos, transformando nossas condutas, incide sobre nossos desejos.

Quando a PrEP é acionada no currículo aqui investigado, há uma importante inflexão na condução da conduta do *barebacker* conferindo-lhe marcas distintas, pois o que está em jogo aqui é exatamente o modo como é demandado dele que busque “informação e conhecimento” no saber médico e faça uso da PrEP nas relações sexuais *barebackers*, não somente busque o prazer que essa prática pode proporcionar. Parece ser, assim, um prazer com um tipo de regulação específica, como efeito da biopolítica contemporânea. Desse modo, o que regula o prazer é a mitigação do risco de adoecimento. Provavelmente, é através desses conhecimentos sobre outras formas de prevenção ao hiv e por meio da PrEP que os indivíduos podem calcular de um novo modo os riscos sexuais de contrair ists e doenças que a prática *bareback* envolve, o que está relacionado a tensões sobre os sentidos fixados em torno do uso do preservativo nas

⁷⁹ Como, por exemplo, Grindr, Scruff, Hornet etc.

relações sexuais. Conforme discute Gonzalez (2019, p. 61, tradução minha), a inserção da PrEP como nova tecnologia de prevenção farmacológica mobiliza um “repensar do que conta como ‘proteção’ ou como ‘sexo seguro’”. Isso parece ser mais evidente na organização de um grupo privado no *Facebook*, cujo nome do grupo expressa o pensamento do autor: “PrEP Facts: Rethinking HIV Prevention and SexFatos” (PrEP: Repensar a prevenção do hiv e o sexo, tradução minha).

Figura 18 – PrEP Facts

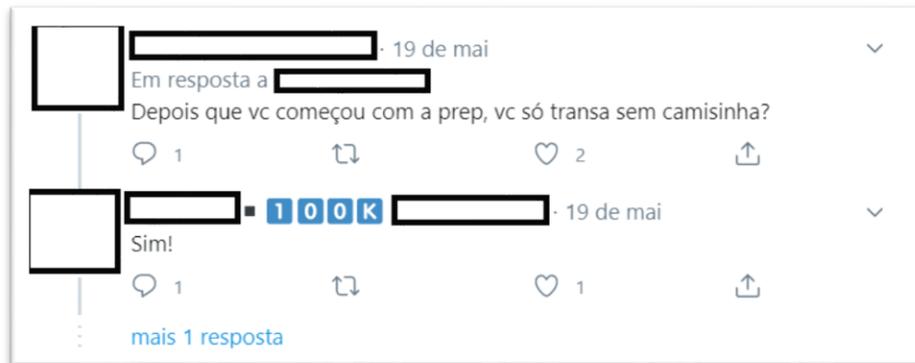


Fonte: *FACEBOOK*. Grupo privado PrEPFacts.

Segundo González, “‘sexo seguro’ costumava se referir ao uso de camisinha para sexo anal. Mas esse novo normal de indivíduos em PrEP - ou aqueles em TcP⁸⁰, que são indetectáveis - agora desafia essa noção de legado” (GONZALEZ, 2019, p. 61, tradução minha). A partir da PrEP, as relações de poder em torno do que significam proteção e sexo seguro tornam-se mais acirradas, e se, de algum modo, o preservativo estava mais comumente relacionado a esse significado, é em torno dele que as disputas parecem ser mais proeminentes, os conflitos mais fortes, os questionamentos mais incidentes. Destaco dois ditos do *currículo bareback* que evidenciam esses tensionamentos:

⁸⁰ TcP é a sigla Tratamento como Prevenção, mais uma estratégia para a prevenção de transmissão do hiv, direcionada a pessoas soropositivas. De acordo com a Unaid, o uso de medicamentos antirretrovirais faz com que as pessoas vivendo com hiv/aids alcancem a chamada “carga viral indetectável”. As evidências científicas também mostram que pessoas vivendo com hiv/aids que possuem carga viral indetectável, além de ganharem uma melhora significativa na qualidade de vida, têm uma chance muito menor de transmitir o vírus a outra pessoa (UNAIDS, s./d.s./p.).

Figura 19 – Captura de tela 9



Fonte: TWITTER. Postagem de @baredeprep de 19 de maio de 2019.

Figura 20 – Captura de tela 10



Fonte: TWITTER. Postagem de @baredeprep de 1 de dezembro de 2018.

No primeiro dito, surge uma pergunta no *currículo bareback* que diz diretamente sobre o lugar do preservativo nas relações sexuais a partir do uso da PrEP: “depois que vc começou com a prep, você só transa sem camisinha?” (figura 19). O questionamento mobiliza um pensamento que é historicamente situado, construído e fabricado pelo discurso do sexo seguro.

Este, ao longo dos últimos anos, a partir de uma série de estratégias e técnicas, investiu na construção de um regime de verdades que afirma e reitera a importância e a obrigação do uso do preservativo nas relações sexuais. Buscou-se fixar e instituir essa verdade como um pressuposto que os indivíduos devem adotar na condução das condutas sexuais. Por isso, essa pergunta traz a “camisinha” relacionada à “transa”. No entanto, o questionamento, que parece mostrar um grande apego a essa verdade estabelecida, diz também dessa fronteira que a pergunta ainda ocupa, o que parece ser mais um interstício, um intervalo entre aquilo que parecia dado – o preservativo como única forma de proteção – e um outro pensamento que a PrEP parece mobilizar como tecnologia de prevenção.

No segundo dito, é o preservativo que aparece mais uma vez como foco. Primeiramente, a PrEP, em um vídeo divulgado no currículo, é comparada a um anticoncepcional, em seguida, aparece o seguinte dito: “O tweet é informativo sobre a PrEP, não é pra ninguém ficar dando lição de moral dizendo que camisinha é mais seguro” (figura 20). A comparação em questão (do Prep ao anticoncepcional) se deve ao fato da necessidade de tomar o medicamento diariamente, visto que, caso o uso for interrompido, o risco de infecção ao hiv volta a subir. Se o anticoncepcional está relacionado de algum modo à prevenção da gravidez, a uma certa proteção de algo que em determinado momento pode ser indesejado, são esses sentidos que a PrEP parece produzir para ser utilizada como possível substituta ao preservativo, instaurando, assim, no currículo investigado, uma disputa pela condução das condutas sexuais. A fabricação da PrEP como vinculada à “prevenção”, à “proteção” não é feita sem tensionamentos, sem disputas. O dito seguido à postagem mostra um enfrentamento às verdades já convencionadas, estabelecidas e divulgadas que insistem em afirmar o preservativo como indispensável nas relações sexuais, reiterando o seu uso como “mais seguro”. Assim, recorre-se, nesse currículo, à divulgação de um vídeo sobre a PrEP como informativo. No entanto, as informações, do modo como são divulgadas, parecem divergentes, com alguma verdade já estabelecida sobre o uso compulsório do preservativo. Essa verdade parece ser a compreensão de que a camisinha é um método de prevenção mais seguro, algo que, a partir das relações de poder que produzem esse currículo, é visto como uma “lição de moral”.

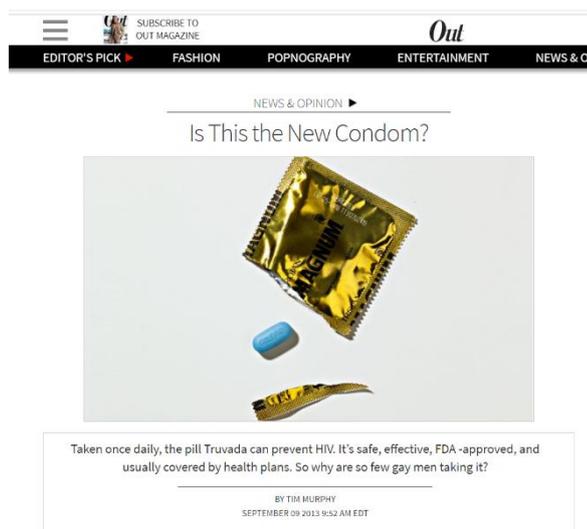
A expressão “lição de moral” é comumente utilizada para dizer a alguém o que é certo e o que é errado. Alguém que supostamente pratica o que diz e pretende impor aos/as outros/as o que acredita e faz poderá prescrever aos outros alguma “lição de moral”. Todavia, essa imposição pode ser tomada por aquele/a que recebe essa lição como algo negativo, pejorativo, arbitrário, porque esse/a outro/a entende que essa imposição, o imperativo da “lição de moral”,

objetiva cercear outros modos de pensamento e regular conduções da conduta diferentes para colocar algo como absoluto e verdadeiro. É essa compreensão que aparece no dito (figura 20) como enfrentamento a uma possível reiteração de que camisinha seja um preventivo mais seguro. Portanto, essa reiteração é vista como “lição de moral” constituindo-se, assim, como uma tentativa de desqualificar os argumentos contrários à PrEP na disputa discursiva sobre os significados que ela instaura sobre segurança nas relações sexuais.

No âmbito do currículo aqui investigado, a tensão entre a prescrição do uso do preservativo nas relações sexuais como método considerado mais seguro, em oposição ao modo como a PrEP é mobilizada como substituta a esse método, traz questões da “moral”. Há um conjunto de valores e regras de conduta mobilizados no *currículo bareback* os quais vão de encontro àquilo que é considerado correto, necessário e verdadeiro por outros discursos. Assim, é necessário estabelecer estratégias que fragilizem a verdade com a qual ele concorre, ainda que seja dizendo do seu caráter autoritário, arbitrário, evidenciando como essa outra verdade demanda um determinado comportamento de submissão, obediência e respeito à prescrição do uso do preservativo.

Nesse sentido, a estratégia de caracterizar a verdade de que a camisinha seja mais segura como “lição de moral” envolve também resistir às interdições ou prescrições, assim como negligenciar um conjunto de valores inscritos nessa verdade. Dessa forma, é contestado, nesse currículo, o valor da camisinha como mais segura, como pode ser percebido a partir da afirmativa do sujeito de que, após um período de uso da PrEP, não teve nenhuma IST, divulgando, assim, a segurança que o medicamento oferece (figura 20). Ao mesmo tempo, há uma provocação para aqueles que continuam a usar o preservativo: “Quem não vê problema em usar capa: ótimo, continue a usá-la” (figura 20). O problema expresso nesse dito pode estar relacionado às disputas que já organizavam o imperativo do uso do preservativo nas relações sexuais, podendo estar relacionado também a um incômodo, seja físico ou mesmo político, de resistência a uma prescrição como norma que organiza a vida de muitas pessoas. Desse modo, se “usar capa” é considerado um problema nesse currículo, de maneira que essa ação é refutada, a PrEP é apresentada como uma solução. A PrEP parece, assim, nesse currículo, adquirir qualidades para substituir o preservativo. Em outros espaços, circulam outros ditos que vão ao encontro desse investimento discursivo. A *Out*, uma importante revista gay norte-americana, mobilizou um questionamento em referência à PrEP que parece contestar ainda mais os valores do preservativo como único método de prevenção: “Is this the new condom?”.

Figura 21– “Is This the New Condom?”



Fonte: Murphy (2013, s./p.).

A imagem utilizada pela revista compõe e, ao mesmo tempo, parece oferecer uma resposta à enigmática questão lançada. A embalagem de preservativo rasgada com a pílula azul ao lado remete à construção discursiva de que essa pílula está ocupando o lugar que era unicamente conferido à camisinha. A reportagem, de 2013⁸¹, inicialmente conta a experiência de um homem, trazendo as seguintes afirmações: “Eu não quero me tornar HIV positivo, mas eu não amo usar camisinha”⁸² (MURPHY, 2013, s./p., tradução minha). As afirmações do homem, segundo a revista, foram direcionadas ao seu médico para que este o autorizasse a começar a utilizar a PrEP. Ainda, de acordo com o periódico, esse homem era “sexualmente ativo com múltiplos parceiros” e admitiu “que evitou preservativo cerca de 20% das vezes” (MURPHY, 2013, s./p., tradução minha). Esse modo de conduzir sua conduta deixava-o apreensivo com a possibilidade de adquirir o hiv. A revista aponta também que, após o uso diário da PrEP, o homem permaneceu negativo, não apresentou efeitos colaterais e passou a refletir de outro modo a respeito dos riscos sexuais em que ele já se envolvia: “Minha vida

⁸¹ Nesse período, a PrEP ainda não era uma política de governo no Brasil. Somente a partir de janeiro de 2018 que passa ser disponível no Sistema Único de Saúde (TERRA, 2020).

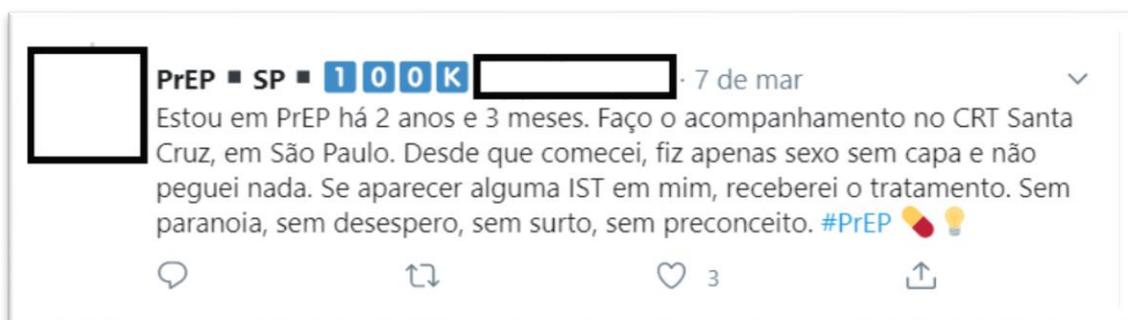
⁸² Original em inglês.

sexual tem sido muito menos provocadora de ansiedade", disse ele. "Agora, se eu não uso camisinha, sinto que há uma rede de segurança" (MURPHY, 2013, s./p., tradução minha).

A questão da segurança aparece mais uma vez aqui associada à PrEP. A segurança ou o “mais seguro” deixa de ser um atributo exclusivo do preservativo, algo que, de algum modo, parece abrir mais possibilidades para que os indivíduos se engajem em situações sexuais consideradas de risco dentro da discursividade que prescreve a obrigatoriedade da camisinha. Mas a segurança não é total. Apesar de a PrEP proteger contra o hiv, há outros riscos envolvidos – como os efeitos colaterais da medicação⁸³ e a possibilidade de adquirir outras infecções sexualmente transmissíveis. A despeito desses riscos, a revista divulga outros ditos que reiteram essa abertura ao sexo sem preservativo a partir do uso da PrEP: "*Não vou deixar que o medo domine minha vida*", diz Damon Jacobs; "*Eu tenho que admitir que, desde que estou na PrEP, me tornei muito mais um homem de risco*", afirma James (MURPHY, 2013, s./p., tradução minha). Esse último dito mostra os limites e as ambivalências da rede de segurança na discursividade instaurada pela PrEP. É com e nesse limite que as conduções da conduta serão prescritas à *posição de sujeito preper*. Esses riscos serão minimizados em favor do engajamento em relações sexuais que podem ser consideradas mais prazerosas, quando abandonado o uso do preservativo.

As afirmações trazidas pela revista revelam modos de conduzir a própria conduta desses usuários da PrEP, que parecem marcados por atitudes mais destemidas e arriscadas. O risco de contrair outras infecções sexualmente transmissíveis parece ser assim desprezado em favor do engajamento em relações sexuais sem preservativo. No *currículo bareback* essa também parece ser uma estratégia acionada:

Figura 22 – Captura de tela 11



Fonte: TWITTER. Postagem de @baredeprep de 7 de março de 2019.

⁸³ Os efeitos colaterais da PrEP podem ser de curto e longo prazo: “Na lista de sintomas passageiros estão dor de estômago, náuseas, alteração do ritmo intestinal e gases. Em longo prazo, o risco é a alteração da função renal e perda óssea. Esses problemas, no entanto, são reversíveis. Ou seja, ao parar de tomar o medicamento a função renal e a massa óssea voltam ao normal” (ANDRADE, 2018, s./p.).

A partir do dito destacado na figura 22, é possível perceber que não é descartada a possibilidade de se contrair alguma outra infecção sexualmente transmissível no “sexo sem capa”, mas esse risco parece ser calculado: “se aparecer alguma IST em mim, receberei o tratamento” (figura 22). De alguma maneira, conter-se diante dessa possibilidade seria, de acordo com o currículo aqui analisado, “paranoia”, “desespero”, “surto”, “preconceito”. Dessa forma, o que é prescrito aqui é que o indivíduo faça “sexo sem capa”, use a PrEP e, se aparecer alguma ist, ele recorra ao “tratamento” de uma forma tranquila. A produção da posição de sujeito *preper* no *currículo bareback* ocorre por meio de complexas relações de poder. O que aparece em disputa aqui nessa produção é o significado atribuído às infecções sexualmente transmissíveis. Nesse dito do currículo, são engendradas descontinuidades a respeito dos modos como somos ensinados a conduzir sexualmente nossas condutas em relação às infecções sexualmente transmissíveis no discurso do sexo seguro que diz o que é saudável, responsável, correto.

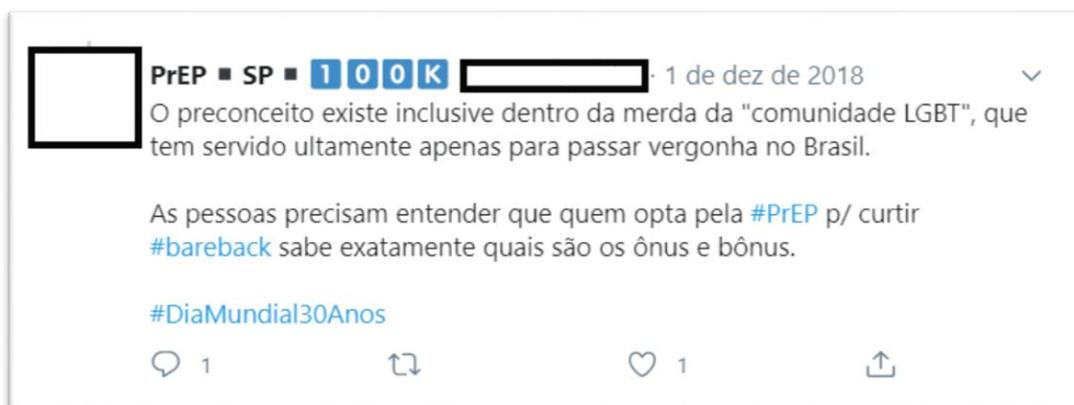
A verdade que parece mais cristalizada, prevalente e reiterada é que devemos evitar os riscos dessas infecções obedecendo à prescrição do uso obrigatório do preservativo em todas as relações sexuais. A última campanha do governo federal, conforme discuti anteriormente, investe exatamente em provocar o medo de adquirir uma ist e assim conduzir a conduta juvenil. Há aqui um acirramento nas relações de poder em torno desses sentidos. Ensinar ao indivíduo que faça “sexo sem capa” e, se aparecer alguma ist, ele recorra ao “tratamento”, “sem paranoia, sem desespero, sem surto, sem preconceito” (figura 22), é algo valorizado na condução da conduta da *posição de sujeito preper*, pois aqui são disponibilizadas outras verdades, a partir das quais é possível repensar os modos como fazem sexo.

Desse modo, é possível perceber que, nesse currículo, são incorporados e produzidos significados, saberes, verdades e valores que, assim, concorrem para processos de subjetivação. Ensina-se aos indivíduos a se tornarem sujeitos dotados de qualidades específicas, ou marcas, se preferirem. Aqui, especificamente, é aquele que “sem paranoia, sem desespero, sem surto, sem preconceito” (figura 22) de ist, nas relações sexuais sem preservativo, faz uso da PrEP. Dessa forma, as relações de poder penetram e controlam o prazer cotidiano, instauram disputas que estão em funcionamento no dia a dia demandando tipos específicos de sujeitos, regulando seus prazeres mais ínfimos.

Parece haver, no *currículo bareback*, um reconhecimento dos conflitos que podem ocorrer na negociação dos sentidos divulgados sobre a PrEP, quando a profilaxia é usada no

sexo *barebacker*. Desse modo, nesse currículo, não se opera somente produzindo sentidos sobre as infecções sexualmente transmissíveis minimizando seus efeitos, como acabei de mostrar, sendo demonstrado também que existem “os ônus e bônus” (figura 23) na decisão de usar a PrEP e fazer sexo *bareback*.

Figura 23 – Captura de tela 12



Fonte: TWITTER. Postagem de @baredeprep de 1 de dezembro de 2018.

Confere-se, nesse currículo, uma marca específica à *posição de sujeito preper*, dizendo o que ele “sabe exatamente” que são “os ônus e bônus” de optar “pela PrEP p/ curtir #bareback” (figura 23). A posse desse saber parece atribuir à *posição de sujeito preper* um conhecimento do que está implicado na condução de sua conduta que pode ser não apenas o prazer (o bônus), mas também, talvez pudéssemos dizer, os possíveis efeitos colaterais e a probabilidade de contrair infecções sexualmente transmissíveis (o ônus). Há um duplo movimento aqui que situa a *posição de sujeito preper* em um lugar específico no qual ele tem que lidar simultaneamente com os ônus e os bônus dessa opção.

No *currículo bareback*, opera-se, portanto, com a suposição de um certo jogo de ônus e bônus, localizando a *posição de sujeito preper* em um lugar específico, que passa a ser um lugar de grande disputa entre aderir ou contestar a conduta que essa posição de sujeito demanda. No entanto, há também um investimento em minimizar os ônus, se pensarmos esses ônus como a possibilidade de contrair ist. Assim, a estratégia discursiva de ensinar ao indivíduo que reaja de um modo específico às ist é uma estratégia que parece valorizar mais o bônus que pode advir do fato de se optar “pela #PrEP p/ curtir #bareback” (figura 23).

Entre os “ônus” não está somente a possibilidade de contrair ist. Tanto nesse último dito destacado quanto no anterior, aparece a palavra “preconceito” que parece indicar um outro “ônus” à decisão de optar “pela #PrEP p/ curtir #bareback” (figura 23). Esse preconceito pode

estar relacionado ao modo como a PrEP, enquanto substituta do preservativo, ainda é entendida por muitas pessoas. Envolve, portanto, como já mostrei, as disputas em torno do que é compreendido como proteção e do entendimento sobre sexo seguro, mas envolve também os modos de se relacionar sexualmente demandados e prescritos a partir do uso da PrEP e de como esses modos podem ser compreendidos. Conforme indica Dean (2015, p. 229, tradução minha) “alguns[algumas] observadores[as] temem que Truvada [como PrEP] acabe com o compromisso, cada vez menor, com preservativos”. Dessa forma, para esses/as observadores/as, o que parece contar como proteção e sexo seguro é usar preservativos. Esses/as observadores/as provavelmente estejam reativando uma verdade divulgada por organizações de combate à aids, em grande parte administradas por gays, no enfrentamento à epidemia de aids de que “não usar camisinha não é simplesmente imprudente; está errado. O uso do preservativo viola as obrigações com outros homens gays e, na opinião de alguns, as obrigações com uma comunidade maior”⁸⁴ (CHAMBERS, 1994, p. 353, tradução minha). Há, portanto, um temor que essa verdade citada por Chambers (1994) seja desestabilizada. A expressão desse temor pode exigir a interdição de práticas que abandonem ou substituam o uso do preservativo e pode ser interpretada como um “preconceito” no currículo investigado.

Há ainda um outro provável sentido que podemos atribuir à palavra “preconceito” acionada nesse currículo. Conforme destaca Gonzalez (2019, p. 62, tradução minha), “a profunda mudança no risco sexual e na saúde pública que a PrEP representa não ocorre sem uma reação moral”. A reação moral a que o autor se refere é a construção e a mobilização de uma estratégia discursiva que associa os usuários da PrEP à promiscuidade. Entre as técnicas acionadas nessa estratégia, está a divulgação da expressão “Truvada Whore” para designar aquelas pessoas que estão utilizando o medicamento. “Em uma tradução livre podemos dizer que a expressão enquadra os usuários do medicamento como tendo comportamentos sexuais ‘promíscuos’. A palavra ‘whore’ (‘puta’ ou ‘prostituta’) foi utilizada propositalmente para denotar uma negatividade na expressão” (BASTOS; VENTURA, 2017, p. 1). Os usos dessa expressão instauram relações de poder que produzem os indivíduos usuários do medicamento como “pessoas irresponsáveis que utilizariam o medicamento para se exporem à prática de *barebacking*” (BASTOS; VENTURA, 2017, p. 1, grifo das autoras).

Conforme indica Gonzalez (2019), a expressão foi cunhada por um jornalista, David Duran, ao escrever, no final de 2012, para o *Huffington Post*, tendo, em seguida, ganhado espaço na internet por meio da *hashtag* #TruvadaWhore. A expressão parece indicar que o

⁸⁴ Original em inglês.

medicamento não deve ser usado para a prática *bareback*, para ter relações sexuais aleatórias com múltiplos parceiros sem preservativo. Desse modo, o que se quer questionar, com essa expressão, é justamente a prática *bareback*. O medicamento parece autorizá-la, por isso, quando utilizado para essa finalidade, ele é desqualificado. “Quando utilizado em seu sentido primário, associou os usuários de PrEP “como ‘irresponsáveis’ por promoverem *barebacking*, porque esse comportamento corrói as normas de sexo seguro e por causa do risco de IST (que a PrEP não impede)” (GONZALEZ, 2019, p. 64, tradução minha). No âmbito da utilização dessa expressão, prescreve-se que o sexo sem preservativo deve ser permitido apenas a casais monogâmicos, buscando, assim, “envergonhar aqueles que desejam outros tipos de prazer sexual, outros tipos de parcerias sexuais” (GONZALEZ, 2019, p. 64, tradução minha).

Desse modo, o sexo sem preservativo parece ser autorizado apenas para relações monogâmicas, ativando uma narrativa antiga, de “que o sexo anal entre homens ainda é, antes de tudo, uma questão de HIV, infecções sexualmente transmissíveis e risco sexual” (GONZALEZ, 2019, p. 63, tradução minha). A expressão compõe, assim, as discontinuidades que concorrem para a produção de verdades sobre o que significa a PrEP, o que significa ser um preper “p/ curtir #bareback” (figura 23). A expressão, implicada em mecanismos de poder, se constitui como uma estratégia de controle e regulação da condução da conduta do outro. A “negatividade” atribuída à *posição de sujeito preper* pode, dessa maneira, compor o “ônus” dessa posição, pois a condução da conduta prescrita para essa posição de sujeito é alvo de interdições, as quais, de algum modo, parecem algo a ser enfrentado com possíveis tensões.

No entanto, esse ônus parece já ter sido desestabilizado, pois a expressão vem sendo ressignificada e apropriada de modo diferente (GONZALEZ, 2019; BASTOS; VENTURA, 2017), evidenciando como as relações de poder são instáveis. *Truvada Whore* tornou-se “um movimento em prol do Truvada” (BASTOS; VENTURA, 2017, p. 3), em substituição aos sentidos negativos e pejorativos inicialmente atribuídos. O próprio jornalista que cunhou a expressão mudou sua opinião e lamentou abertamente por sua invenção ter se tornado um rótulo estigmatizante. Contudo, são significados que ainda estão em disputa, não estão fixados. Os conflitos persistem ainda parecendo demandar, para a *posição de sujeito preper*, uma certa relação com esses sentidos negativos e pejorativos atribuídos ao uso da PrEP para ter relações sexuais *barebackers*, mas também com os sentidos ressignificados e apropriados de outro modo. O ônus, portanto, pode ser a demanda para lidar com esses conflitos, sendo uma posição de sujeito composta não somente de bônus, de prazeres. Temos, assim, mais uma marca

atribuída nesse currículo à *posição de sujeito preper* aquele que “sabe exatamente” quais são “os ônus e bônus” de optar “pela PrEP p/ curtir #bareback” (figura 23).

Nesse sentido, a fabricação da *posição de sujeito preper* no currículo aqui investigado emerge como efeito de regimes de verdade. Considero o entendimento que “aquilo que chamamos de ‘verdade’ é produzido na forma de discursos sobre as coisas do mundo, segundo regimes regidos pelo poder” (COSTA, 2000, p. 76). Até o advento da PrEP, parecia haver um regime de verdade mais notável acerca da noção do que contaria como “proteção” e “sexo seguro”. Essa noção esteve vinculada de maneira mais proeminente ao preservativo, o que incidiu na condução da conduta de muitos indivíduos e na produção de subjetividades específicas, os quais poderiam dobrar sobre si mesmos essa verdade. Todavia, conforme indica Sales (2010, p. 57), “as subjetividades não estão nunca acabadas, definidas e fixadas. Ao contrário, são engendradas de maneira contingente e provisória, sempre alvo de intenso confronto político, social e cultural”. Dessa forma, se as subjetividades demandadas por certo prestígio do regime de verdade que vinculava “proteção” e “sexo seguro” ao uso compulsório do preservativo já estavam submetidas a determinadas tensões, estas parecem mais acirradas com a emergência da PrEP que traz um outro regime de verdade que irá disputar com esse comumente já aceito político, social e culturalmente.

Segundo Costa (2000, p. 76), a expressão regimes de verdade “sugere uma concepção de ‘verdade’ entendida como maneira de regular e controlar, e que não diz respeito apenas àqueles discursos que reputamos ‘dominantes’ ou ‘dominadores’”. Desse modo, mesmo que tenhamos um certo discurso considerado dominante que prescreve o que é “sexo seguro” e o que conta como “proteção”, há também outros que estão em disputa buscando regular e controlar a conduta dos indivíduos. Nesse sentido, podemos compreender que, “se a verdade existe numa relação de poder e o poder opera em conexão com a verdade, então todos os discursos podem ser vistos funcionando como regimes de verdade” (GORE, 1994, p. 10). Dessa forma, entendo que há um regime de verdade divulgado no *currículo bareback* que produz uma outra narrativa sobre “sexo seguro” e “proteção”. Narrativa que pode ser percebida, por exemplo, quando é divulgado que, após começar usar PrEP, deixa-se de usar o preservativo, quando se afirma que é “lição de moral” (figura 20) dizer que “camisinha é mais seguro” (figura 20) e ainda se mostra que “até o momento” (figura 20), de um certo período de uso do medicamento, não houve incidência de nenhuma IST, ainda que se reconheçam alguns “ônus e bônus” (figura 23) dessa decisão. Entendo esses ditos do currículo como instâncias “de significados que vigoram e têm efeitos de verdade” (COSTA, 2000, p. 77).

A compreensão de que as verdades “são constituídas no seio de correlações de força e de jogos de poder” (COSTA, 2000, p. 76) incide no entendimento de que os efeitos de verdade que o conjunto desses ditos adquire estão em disputa com outros já em circulação, de certo modo sancionados socialmente. Por isso, a emergência desse conjunto de ditos traz tantos tensionamentos ao currículo investigado, traz os “ônus e bônus” (figura 23) para a posição de sujeito produzida por ele. Isso se deve às condições de emergência desse conjunto de ditos, com a narrativa que é construída sobre o preservativo que está em disputa com algo que “reputamos dominante”. Conforme analisa Gonzalez (2019, p. 65, tradução minha), “o código de preservativo instituído no início da crise da AIDS ainda é a forma sócio-sexual dominante para a maioria de nós preocupados com a transmissão do HIV - ou seja, quase todo mundo”. Na produção da *posição de sujeito preper*, demanda-se que o indivíduo transe sem preservativo, mas com um cuidado especial que diz da proteção contra o hiv, algo que é possível a partir do uso da PrEP. Há aqui uma importante inflexão na qual *bareback* e hiv não estão mais intimamente unidos. No entanto, dado esse caráter de verdade, possivelmente “dominante”, que o preservativo tem vinculado à “proteção” e “sexo mais seguro”, junto à construção que liga homossexualidade e hiv, os efeitos de verdade de alguns ditos do currículo aqui investigado são produzidos com instabilidades. Dessa forma, “o risco epidemiológico em torno do HIV é quase neutralizado pela PrEP, mas o risco moral permanece uma questão em aberto, desconsiderando, por um momento, a histeria cultural previsível ocasionada pelo advento da PrEP e a personificação previsível desse pânico na gênese da prostituta de Truvada” (GONZALÉZ, 2019, p. 65, tradução minha).

As disputas discursivas em torno do que é “mais seguro” e do que conta como proteção, instauradas a partir da fabricação da *posição de sujeito preper* nesse currículo, mostram que a camisinha não se constitui mais como única opção para o sexo mais seguro entre HSH no presente ou talvez nunca tenha sido. Nesse sentido, ao retomar a reportagem da revista *Out*, podemos perceber que ela traz um outro dito importante que tem conexões com o *currículo bareback* no que se refere aos tensionamentos do regime de verdade que vincula o sexo “mais seguro” e protegido ao preservativo: a advertência de “longa data de ‘usar camisinha sempre’, uma abordagem pioneira nos anos 80 e 90 com pôsteres e anúncios que fazem os preservativos parecerem sexy e divertidos, não parece estar funcionando” (MURPHY, 2013, s./p.).

Esse foi um pressuposto que causou polêmica, quando a Administração de Alimentos e Medicamentos dos EUA aprovou o tratamento com PrEP em 16 de julho de 2012. Essa decisão parece “admitir que advogar o uso de preservativo não estava mais funcionando como política

de prevenção”⁸⁵ (DEAN, 2015, p. 228, tradução minha). Mesmo que os preservativos sejam altamente eficazes na proteção contra o hiv, bem como outras infecções sexualmente transmissíveis, há falhas na utilização e as adesões ao preservativo podem ser intermitentes. Nesse sentido, a revista mobiliza uma outra enunciação desestabilizando a coerência e a regularidade do uso do preservativo nas relações sexuais, mostrando que estudos realizados desde os anos 1980 têm demonstrado consistentemente “que os homossexuais renunciam aos preservativos até metade do tempo, dependendo da situação, por razões que vão desde ‘o calor do momento’ até ao consumo de álcool e drogas, passando por uma simples e antiga aversão ao preservativo” (MURPHY, 2013, s./p.). Nesse sentido, as campanhas de prevenção apenas com preservativos não têm como assegurar uma taxa zero de novas infecções por hiv.

No entanto, a PrEP ainda não parece ter uma forte adesão. No Brasil, conforme afirma o médico infectologista Rico Vasconcelos (2019b, s./p.), de acordo com o “último levantamento do Ministério da Saúde, temos pouco mais de 13.000 [homens] usando PrEP gratuitamente no país inteiro, sendo que 77% deles são homens gays e bissexuais”. O médico afirma ainda que “esse é sem dúvida um número muito menor do que o ideal, evidenciando que existe ainda uma parcela grande dessa população desassistida, mas já é um começo”. Isso pode acontecer, entre outros fatores, porque poucas pessoas sabem o que é, o que pode evidenciar, entre outros motivos, que a divulgação tem sido afetada pela divisão das opiniões entre aqueles/as que acreditam que o amplo uso da PrEP levará a uma explosão de sexo sem proteção entre gays e HSH. Entretanto, existem aqueles/as que encontram no medicamento uma forma adicional de proteção. Em outras palavras, conforme ressaltado por Dean (2015, p. 229, tradução minha), enquanto uns temem que a PrEP “acabe com o compromisso cada vez menor com os preservativos, outros comemoram as possibilidades paradoxais de *bareback* com risco reduzido”. São questões importantes que tornam o fio que liga sexo, risco e saúde ainda mais tênue no *currículo bareback*.

Nesse sentido, Dean (2015, p. 227, tradução minha) levanta um importante questionamento que pode nos ajudar a problematizar algumas dessas possíveis questões: “Dado que o hiv agora se refere a modos de vida e não à morte certa, como uma perspectiva biopolítica pode iluminar a situação atual de homens que fazem sexo com homens?”. Ainda que o hiv, na contemporaneidade, não signifique risco de morte, portar o vírus altera o controle que o indivíduo tem de sua saúde, pois o hiv exige um cuidado intensificado com a imunidade. Quando ela está abaixo dos níveis considerados normais, amplia-se a possibilidade de se

⁸⁵ Original em inglês.

adquirirem doenças que podem rapidamente complicar-se. Além disso, existem todos os desdobramentos sociais e psicológicos, conforme já mencionei anteriormente. Desse modo, a PrEP expande a capacidade vital do *barebacker*. Mas não somente isso, ela reconfigura o modo como o *bareback* é visto e faz a longa história da medicalização da homossexualidade embarcar em uma significativa nova fase, conforme defendido por Tim Dean (2015). O autor afirma que o medicamento parece licenciar o prazer sem limites, cristalizando-se como uma ideia mediadora sobre o que poderia ser o sexo sem preocupações entre homens no século XXI. Trata-se aqui de uma mediação da intimidade, um governo da intimidade, para cujo funcionamento aciona-se uma tecnologia que não é somente farmacológica, mas uma tecnologia de poder, que incide na produção de posições de sujeito específicas, como a *posição de sujeito preper*, constituindo práticas prescritivas, moldadoras e organizadoras singulares de condutas.

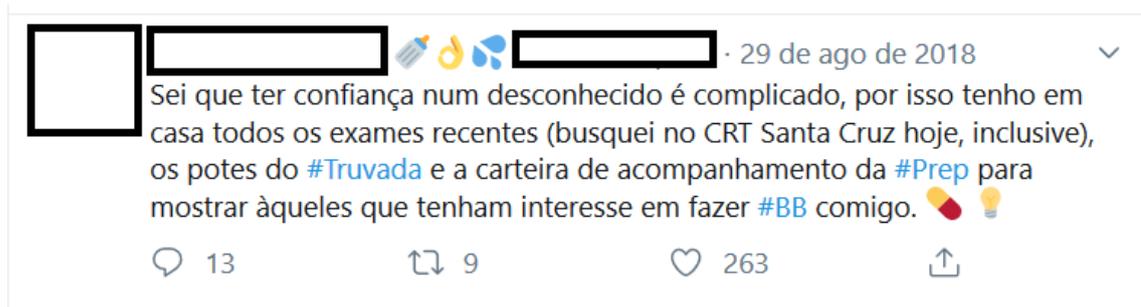
Tecnologia refere-se aqui a “um conjunto de relações sociais e humanas dentro do qual equipamentos e técnicas são apenas um elemento” (ROSE, 2013, p. 32), podendo ser entendida ainda como um “agenciamento estruturado por uma racionalidade prática, dirigida por uma meta mais ou menos consciente”⁸⁶ (ROSE, 1996, p. 26, tradução minha). Nesse sentido, a PrEP, como uma nova tecnologia da prevenção farmacológica, não deve ser considerada apenas como um desenvolvimento da medicina. Através dessa tecnologia, são demandados determinados modos de pensar acerca do sexo e da sexualidade para os médicos, mas também para os jovens, alteram-se os modos de viver e experimentar o corpo, possibilitando novas relações sociais, implicando e fabricando novos regimes de verdade em relação às formas de prevenção à aids e novas relações de poder também. Dessa forma, as disputas discursivas sobre a PrEP levantam questões não apenas sobre “possíveis mudanças no comportamento sexual, mas também sobre a intensificação da influência do biopoder nos corpos humanos via sexo e, cada vez mais, produtos farmacêuticos relacionados ao sexo” (DEAN, 2015, p. 237, tradução minha).

A inserção dos produtos farmacêuticos é um efeito dessa tecnologia política da vida, que aciona um regime discursivo contemporâneo, no qual “a maximização do estilo de vida, do potencial da saúde e da qualidade de vida tem se tornado quase obrigatória”, e na qual “avaliações negativas são direcionadas para aqueles que, não importa por que razão, não adotaram uma relação ativa, informada, positiva e prudente com o futuro” (ROSE, 2013, p. 44). Essa tecnologia incide, portanto, na condução das condutas de muitas pessoas, avaliando os indivíduos, classificando-os e hierarquizando-os. Implica os modos como eles são nomeados,

⁸⁶ Original em inglês.

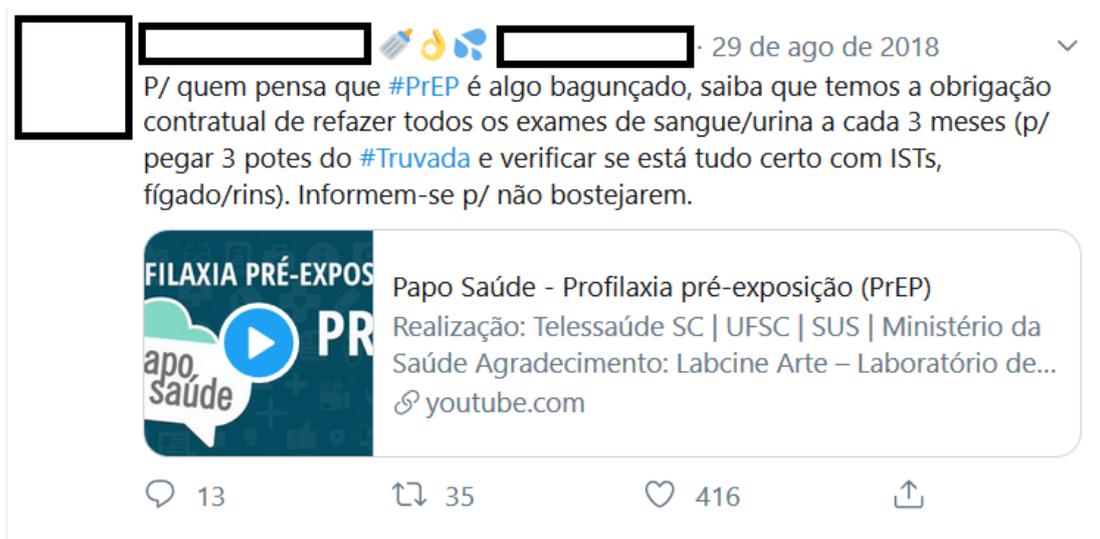
posicionados, desejados e descritos. Dessa maneira, não é suficiente apenas consumir os produtos farmacêuticos relacionados ao sexo. Parece ser necessário também ajustar toda uma conduta ao regime de verdade ao qual esses produtos estão vinculados. No currículo aqui investigado, esses ajustes são demandados, colocam-se em prática algumas prescrições, modos autorizados de se conduzir próprios da *posição de sujeito preper*.

Figura 24 – Captura de tela 13



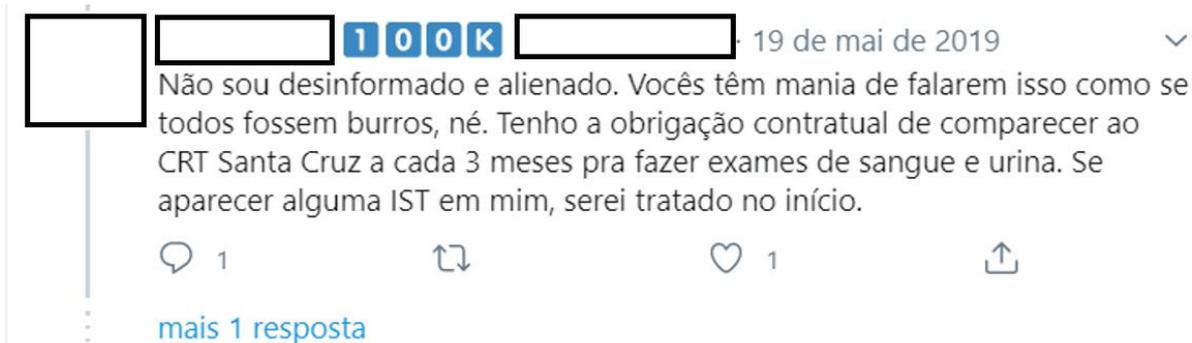
Fonte: TWITTER. Postagem de @baredeprep de 29 de agosto de 2018a.

Figura 25 – Captura de tela 14



Fonte: TWITTER. Postagem de @baredeprep de 29 de agosto de 2018b.

Figura 26 – Captura de tela 15



Fonte: *TWITTER*. Postagem de @baredeprep de 19 de agosto de 2019.

Entre os modos autorizados de se conduzir próprios da *posição de sujeito preper*, há práticas que empregam uma tecnologia política de regulação da vida e do sexo demandando a essa posição de sujeito alguns exercícios específicos, como, por exemplo, submeter-se a um “acompanhamento da #prep” (figura 24), “refazer todos os exames de sangue/urina a cada 3 meses” (figura 25), “verificar se está tudo certo com ISTs, fígado/rins” (figura 19) para poder ter acesso aos “potes de #Truvada” (figura 25), o que se torna, na perspectiva divulgada no *currículo bareback*, uma espécie de “obrigação contratual” (figura 26). Percebe-se, portanto, que a *posição de sujeito preper* é constituída por um corpo vigiado, regulado e controlado. Não é todo corpo que pode ter acesso ao medicamento. Antes, é necessário conformar-se a um tipo de vigilância posto que, conforme dito nesse currículo, há uma “carteira de acompanhamento da #prep” (figura 24), há também uma regulação já que é demandando ao usuário da PrEP seguir a orientação de manter os exames de sangue e urina em dia e de controlar ists e os órgãos, como fígado e rins. Esse controle determina, a partir dessas orientações prévias, quem pode e quem não pode ter acesso ao medicamento. Essa tecnologia política de regulação se constitui através de práticas prescritivas, moldadoras e fixadoras da *posição de sujeito preper*, mostrando, pois, que essa posição não se constitui fora das malhas do poder.

Nesse sentido, “o poder é menos da ordem do afrontamento e da violência e mais da ordem do governo; diz respeito à direção da conduta dos indivíduos ou grupos” (COSTA, 2000, p. 79). Estrutura-se aqui um eventual campo de ação direcionado à *posição de sujeito preper*.

É dessa maneira, segundo Costa (2000, p. 80), que “os discursos nos incitam, que exercemos o governo de nós mesmos, tornando-nos agentes de nossa própria sujeição”, algo que se dá muitas vezes de forma “prazerosa e contando com nossa adesão”. Parece ser desse modo que o *currículo bareback* funciona, ao demandar esses exercícios específicos para a *posição de sujeito preper*. Há procedimentos utilizados para moldar e/ou orientar a condução do *barebacker preper* na direção desejada, incitando na constituição dessa posição que o próprio indivíduo se submeta a um conjunto de regras, aderindo com dedicação àquilo que é demandado. O *barebacker preper* precisa ser, assim, útil e dócil às demandas de controle e monitoramento do corpo. Do modo como é apresentada, no *currículo bareback*, a sequência de exercícios específicos de realizar “acompanhamento da #prep” (figura 24), “refazer todos os exames de sangue/urina a cada 3 meses” (figura 25), “verificar se está tudo certo com ISTs, fígado/rins” (figura 25) para, então, ter acesso aos “potes de #Truvada” (figura 25), combinam-se mecanismos de vigilância e disciplina.

Conforme destaca Cardoso (2012, p. 36), “uma boa disciplina é aquela que diz a todo o momento o que deve ser feito”. Assim, em um regime disciplinar, há “um certo número de técnicas de coerção que exercem um esquadrinhamento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atividades, os gestos, os corpos” (REVEL, 2005, p. 35). No dito evidenciado, é possível perceber essas técnicas de coerção. Ressalta-se que a PrEP não “é algo bagunçado” (figura 25), ou seja, não é algo que ocorre sem controle, à mercê do indivíduo. Pelo contrário, o uso do medicamento é feito por meio de uma “obrigação contratual” (figura 26).

O *barebacker preper* é aquele empenhado em realizar uma série de práticas para manutenção e promoção da saúde pessoal, o que implica também a vigilância da conduta do outro. Sobre esse último, a partir dos ditos do currículo investigado, observa-se que é prescrito à *posição de sujeito preper* que examine e averigüe se o outro também segue as prescrições e as orientações de um sexo “mais seguro” no âmbito do uso da PrEP. Quando, no currículo, demanda-se para essa posição de sujeito que mostre “àqueles que tenham interesse em fazer #BB” (figura 24) “os exames recentes” (figura 24), “os potes de #Truvada” (figura 24) e a “carteira de acompanhamento da #Prep” (figura 24), é prescrito à *posição de sujeito preper* que também questione, investigue se o parceiro segue a mesma conduta.

Conferir como o outro se conduz no currículo aqui investigado está vinculado diretamente à condução de si na prática sexual *bareback* para a posição de sujeito *preper*, pois isso está relacionado com as vigilâncias e os cuidados com a própria saúde. Tendo em vista que

se trata de uma prática sexual sem preservativo que pode acontecer mais predominantemente com um desconhecido, para o *barebacker preper*, isso enseja algumas outras negociações que minimizem o risco de contrair o hiv, pois contrair o hiv é algo interdito discursivamente na fabricação da *posição de sujeito preper*. Entre essas negociações, podem estar, por exemplo, apresentação dos últimos exames, dos recipientes de remédio e a comprovação de que se faz o acompanhamento regular com as consultas que o uso da PrEP exige. Também é possível questionar e investigar se o outro se conduz da mesma forma. Desse modo, trata-se de uma autogestão em que nela está integrada a gestão do outro.

Foucault (2014b, p. 223), nas suas análises sobre as relações entre saber e poder, afirma que podemos nos constituir como sujeitos de conhecimento em nossa relação com a verdade, reiterando também que, “em nossas relações com um campo de poder, nos constituímos como sujeitos agindo sobre os outros”. Parece, portanto, que, ao agir sobre os outros, de um certo modo, reiteramos a verdade à qual nos vinculamos para nos tornarmos um sujeito de um certo tipo e às condutas que, com base nessa verdade, são consideradas corretas. Questionar e investigar se o outro adota os mesmos procedimentos de cuidado com a saúde nesse currículo é, então, um exercício do poder o qual consiste em “conduzir condutas e em ordenar a probabilidade” (DREYFUS; RABINOW, 2013, p. 288). Desse modo, a conduta deve ser entendida simultaneamente como “o ato de ‘conduzir’ os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades” (DREYFUS; RABINOW, 2013, p. 288).

Entre os modos de condução da conduta de si e do outro, demandados por técnicas disciplinares e de vigilância, no currículo aqui investigado, está esse “acompanhamento da #prep” (figura 24). Entre os exercícios que compõem essa conduta de acompanhamento, quero focar em um especificamente, que é prescrito à *posição de sujeito preper*: “verificar se está tudo certo com ISTs” (figura 25). Como sabemos, o Ministério da Saúde evidencia que a PrEP não protege de outras infecções sexualmente transmissíveis, traçando um fio tênue entre a oportunidade de realizar o desejo de transar sem preservativo com um desconhecido e o risco de adquirir outras ists. Assim, quanto às ists, mesmo que adquiri-las deva ser percebido de acordo com esse currículo, “sem paranoia, sem desespero, sem surto, sem preconceito” (figura 22), é necessário recorrer ao tratamento. Desse modo, é ensinado, na produção da *posição de sujeito preper*, que sejam procurados os serviços que são disponibilizados aos/as usuários/as da PrEP a fim de incrementar os cuidados que lhes são demandados. De acordo com Rico Vasconcelos, infectologista e colunista da Uol, a PrEP é uma estratégia adicional de prevenção

que combina o uso do antirretroviral e “um acompanhamento médico com rastreamento periódico das outras ISTs” (VASCONCELOS, 2019a, s/p), para todos/as os/as usuários/as, até mesmo aqueles/as que não apresentam sintomas de ists. Para o autor, a PrEP pode viabilizar o rompimento da cadeia de transmissão através da frequência de testagem e tratamento para ists entre seus/suas usuários/as.

A demanda por esse “acompanhamento” direcionada à *posição de sujeito preper* parece ter instaurado novas tensões no campo das relações de poder que disputam sentidos sobre a utilização da PrEP para relações sexuais *barebackers*. Afirma-se que a utilização da PrEP para essa finalidade aumentou os casos de infecções sexualmente transmissíveis. Rico Vasconcelos traz algumas explicações que podem ser úteis para compreender as relações de poder que constituem o currículo aqui investigado ao questionar: “Afinal, o uso da PrEP causa ou não o aumento de outras ISTs?” (VASCONCELOS, 2019a, s./p.).

O médico infectologista mostra que essa questão é muito complexa, evidenciando as múltiplas relações de poder que a constituem. Ao discutir alguns pontos sobre essa complexidade, ressalta: 1) as preocupações com as epidemias de sífilis, gonorreia e clamídia são justificáveis, mas são infecções que já vinham crescendo nas últimas décadas “mostrando que a camisinha sozinha não é capaz de contê-las” (VASCONCELOS, 2019a, s./p.); 2) essas bactérias são mais transmissíveis que o hiv, sendo mais possivelmente transmitidas por sexo oral; 3) muitas vezes essas infecções não apresentam sintomas podendo ser passadas mais facilmente adiante nas relações sexuais. Dadas essas características, ele argumenta que estamos longe de interromper essas infecções. O que aconteceu, a partir da inserção da PrEP, foi uma mudança na frequência de testagem entre seus usuários. Segundo ele, um maior número de novos casos não necessariamente significa que as pessoas estão se infectando mais, mas pode revelar uma nova rotina de testagem. Isso possibilitaria que esses casos venham a ser diagnosticados, o que é importante, pois podem ser tratados⁸⁷.

A partir dos argumentos defendidos por Rico Vasconcelos, podemos entender que não necessariamente o *barebacker preper* esteja mais vulnerável às ists do que outras pessoas por transar sem preservativo, já que pode redobrar sobre si uma série de cuidados demandados no

⁸⁷ É importante ressaltar que o médico destaca que ainda não existem muitos estudos que evidenciem que há um aumento de novos casos de ists associados ao uso da PrEP. Ele cita apenas dois que se aproximam dessa abordagem. O primeiro, desenvolvido na Austrália, mostra que o “único aumento encontrado nas ISTs foi o de apenas 1,1 vez nos casos de clamídia. A incidência de sífilis permaneceu igual durante o seguimento”. Um outro trabalho evidencia que, “conforme mais pessoas em uma comunidade iniciem a PrEP e entram na rotina de testagem de ISTs, mesmo que ocorra redução na frequência do uso do preservativo, em 10 anos é esperada uma queda de mais de 40% nos casos de gonorreia e clamídia em toda comunidade” (VASCONCELOS, 2019a, s./p.).

currículo bareback, como, por exemplo, essa rotina de acompanhamento, de testes, de tratamento e, ainda, a possibilidade de averiguar se o parceiro sexual faz o mesmo. No entanto, esse modo de se conduzir é objeto de investimento de discursos que contestam os efeitos dessas prescrições constituindo, assim, nesse currículo, disputas e conflitos. A constituição da posição de sujeito *preper* traz, dessa forma, importantes questionamentos acerca de um regime discursivo que condena o sexo sem camisinha, apresentando-a como uma única forma de prevenção e/ou de sexo seguro. Por muito tempo, o sexo sem preservativo foi combatido pelo discurso da prevenção de um modo específico investindo na vinculação entre sexo (mais) seguro e sexo com preservativo. Entretanto, com o advento da PrEP, emergem noções conflitantes em torno da segurança no sexo. Os indivíduos, por sua vez, se veem envolvidos em novos jogos de verdade e estabelecendo relações consigo mesmos e com os outros que se abrem a modos de conduzir a conduta que não têm apenas no sexo com preservativo uma maneira de ter relações sexuais que podem ser consideradas seguras.

Durante muito tempo, até mesmo recentemente, normas da comunidade gay construía o sujeito homossexual bom como aquele que sempre pratica sexo seguro – leia-se seguro como sempre com preservativo - e adere sem questionamentos às abordagens de saúde pública, obliterando e interditando, dessa forma, as possibilidades do sexo sem camisinha. Quando a biopolítica contemporânea, por meio da farmacologia, toma para si o governo das práticas sexuais de risco, demandando que os indivíduos se reconheçam como “em risco” e façam uso da PrEP, complexifica-se o que essas normas haviam construído. Primeiramente, quando o Estado elege e constitui um grupo como “em risco” para uso da PrEP, ele está reconsiderando algumas questões sobre a prevenção do hiv, atenuando a forma como a perspectiva epidemiológica até pouco tempo percebia o sexo sem preservativo. Mas algo torna essa questão ainda mais complexa. Quando os indivíduos se reconhecem como “em risco” e decidem modos de conduzir a própria conduta – se submeter ao uso da PrEP e aos procedimentos que esse uso demanda - e daqueles com quem se relacionam, como se ensina no *currículo bareback*, eles reconhecem um desejo que inicialmente contraria as normas da comunidade gay⁸⁸. Nesse sentido, “obter a PrEP pode ser sentido como um sinal de fracasso ou uma confissão de que se deseja se comportar de uma maneira que a comunidade gay convencional codificou como imoral” (DEAN, 2015, p. 229, tradução minha). Existe algo paradoxal e ambíguo no compromisso com a prevenção de riscos, pois se admite antecipadamente que os riscos podem ocorrer. Em vez de considerar as desculpas do sexo já constituídas como resposta à não adesão

⁸⁸ Ver Góis (2003).

à retórica do bom gay – álcool, drogas, excitação e calor do momento -, o risco de ter relações sexuais sem preservativo precisa ser admitido. Enquanto as decisões acerca dos usos dos preservativos podem ficar muitas vezes sob a égide da excitação do momento, tomar a PrEP exige do indivíduo colocar sua conduta à disposição da farmacologia. Para isso, ele precisa reconhecer desejos que não são autorizados, o que, de certa forma, compromete o que está na ordem do verdadeiro sobre o que é um homem gay responsável que sempre pratica sexo seguro.

Considerando reflexões similares, Dean (2015) afirmou que a decisão de tomar a PrEP, para ter relações sexuais sem preservativo, parece sugerir um compromisso ambíguo com a política de prevenção de riscos, pois o indivíduo admite antecipadamente que sua conduta de engajamento com a prevenção não é algo que acontece com tranquilidade, pode não ser uma regularidade, sendo, antes, constituído de muitas tensões. Ciente disso, é preciso que sejam adotadas algumas condutas “em um estado de não excitação” (DEAN, 2015, p. 230, tradução minha) que contemplem a possibilidade de esses riscos ocorrerem, mas que minimizem de alguma forma seus efeitos. Entendo que aquilo que por muito tempo se chamou de prevenção do risco está em disputa com uma tecnologia de poder, a biopolítica contemporânea, mais minuciosa e detalhista, ou molecular, conforme indicou Preciado (2018). Considero, portanto, que se trata aqui de um governo do risco. Foucault (2006, p. 307) já havia sugerido que devemos considerar “que relações de poder/governamentalidade/governo de si e dos outros/relação de si para consigo compõem uma cadeia, uma trama”.

O governo do risco a partir da PrEP evidencia esse emaranhado no qual, ao mesmo tempo que a discursividade da farmacologia afirma que o indivíduo deve tomar o medicamento, também é necessário que o indivíduo admita uma relação com o risco de contrair ists mais aberta. Nos meandros dessa trama de governos e poderes sugerida por Foucault, a partir da PrEP, são engendradas continuidades, descontinuidades, condensações e dispersões que concentram e diluem experiências com o risco que sinalizam a contingência dos limites que separam risco e segurança. No currículo aqui investigado, é possível ver esses engendramentos na constituição da *posição de sujeito preper* que são feitos sob muitas tensões e disputas de sentido do que seja risco e segurança, sendo a condução da conduta direcionada a essa posição de sujeito ainda feita de modo conflituoso.

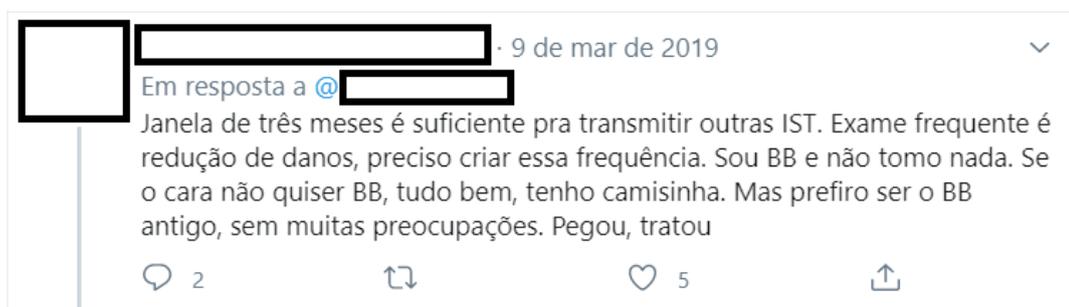
Foucault (2014, p. 49) já havia indicado que o poder, quando toma a seu cargo a sexualidade, assume como dever “roçar os corpos”. Na biopolítica contemporânea, ele também “age através de moléculas incorporadas ao nosso sistema imunológico” (PRECIADO, 2018, p. 86). Assim, o poder adquire aspectos produtivos também quando ingerimos produtos

farmacêuticos para nos tornarmos os seres sexuais que aspiramos ser. Mas isso não significa que ele age somente no nível do indivíduo. A trama entre formas de governo e poder evidenciada por Foucault aqui nos é útil novamente para entender a complexidade do biopoder contemporâneo. Dada essa configuração, o poder funciona em escalas maiores do que podemos imaginar e, ao mesmo tempo, cada vez mais microscópicas. Como Preciado (2018, p. 86) aponta, testemunhamos, sucessivamente, a “miniaturização, internalização e introversão reflexiva (movimento de torção para o interior, para o espaço considerado íntimo e privado) dos mecanismos de vigilância e controle do regime sexopolítico disciplinar”. Assim, podemos pensar que, “se o panoptismo ainda funciona no século XXI, é porque o engolimos inteiro em nome da saúde” (DEAN, 2015, p. 238, tradução minha). De modo geral, o que as questões levantadas colocam aqui é como, cada vez mais, nossos desejos e nossas sexualidades são alvo de atuação da biopolítica contemporânea. O biopoder quer acesso total aos nossos corpos e “funciona incentivando um investimento libidinal que nos encoraja a sentir nossa satisfação mais profunda em abraçá-lo. Longe de imposto, é desejado” (DEAN, 2015, p. 239, tradução minha). Apesar de adquirir características moleculares, ele continua roçando os corpos, tratando-se, portanto, de uma sofisticação do poder.

Se o surgimento do *bareback* pode ser compreendido, conforme indicou Dean (2015, p. 223, tradução minha), como “uma forma de resistência à invasão de imperativos de saúde e higiene em todas as zonas da vida contemporânea”, três outras posições de sujeito produzidas no currículo aqui investigado parecem persistir nesse pressuposto: a *posição de sujeito unrubberman* e as posições de sujeito *bugchaser* e *gifgivers*⁸⁹. Essas posições são constituídas pela recusa do controle exercido pelo biopoder contemporâneo por meio do estabelecimento minucioso de corretas práticas de saúde e bem-estar. Busca-se, na fabricação dessas posições, prescrever outras formas de agenciamento que não pautados pelas normalizações das políticas de saúde. Embora nessa fabricação sejam repudiadas as normas da biopolítica contemporânea, para demandar um outro tipo de sujeito são também criadas normas e formas de conduções de si que precisam ser seguidas, indicando, portanto, outras formas de funcionamento do poder. Os confrontos são inerentes desse currículo. Em alguns momentos, esses confrontos são mais visíveis e os enfrentamentos mais distintos, como é possível ver no dito a seguir.

⁸⁹ Essas posições serão analisadas no próximo tópico desta seção.

Figura 27 – Captura de tela 16



Fonte: TWITTER. Postagem de @perfil em resposta a @baredeprep de 9 de março de 2019.

Nesse dito (figura 27), há um modo de conduzir a conduta que parece mais próximo das prescrições direcionadas à *posição de sujeito unrubberman*, que tem uma característica mais proeminente como aquele que parece se importar, mais especificamente, apenas em praticar o sexo sem camisinha sem preocupações maiores com os riscos. Os riscos são aqui minimizados: “pegou, tratou” (figura 27), visto que há uma possível solução, caso a transmissão de ists aconteça: o tratamento. O tratamento das ists é algo também prescrito para a posição de *sujeito preper*, mas compondo o escrutínio das técnicas de disciplinares que essa posição de sujeito está submetida, conforme mostrei anteriormente. Trata-se de algo que, em parte, aparece rejeitado no dito. Ainda que seja aceito que o “exame frequente é redução de danos” (figura 27) e a necessidade de “criar essa frequência” (figura 27), há uma preferência na hora de se engajar em relações sexuais sem preservativo: “ser o BB antigo, sem muitas preocupações” (figura 27).

Não ter preocupações indica não se conduzir de acordo com as prescrições demandadas à posição de *sujeito preper*: “acompanhamento da #prep”, “refazer todos os exames de sangue/urina a cada 3 meses”, “verificar se está tudo certo com ISTs, fígado/rins” para poder ter acesso aos “potes de #Truvada” (figuras 24 e 25). Essas preocupações são, então, declinadas, transgredidas. Há, no *currículo bareback*, um jogo muito complexo de poder na constituição da subjetividade *barebacker* agindo num campo aberto de possibilidades que inclui a liberdade dos indivíduos. Segundo Foucault, o poder só se exerce sobre sujeitos livres que têm “diante de si um campo de possibilidades em que diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 2013, p. 289). Desse modo, não há determinações saturadas nesse currículo, mas disputas, confrontos, disponibilização de diversas condutas e modos de comportamentos para constituição de um tipo específico de sujeito.

Nesses confrontos, diferentes estratégias vão sendo mobilizadas para convencer o indivíduo a seguir determinadas condutas. Nesse dito, especificamente, parece haver a estratégia de visibilizar algo que pode ser considerado como uma possível fragilidade da PrEP, ao dizer que a “janela de três meses é suficiente para transmitir hiv” (figura 27). O uso da expressão “janela de três meses” talvez esteja fazendo referência à janela imunológica. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, s./d, s./p.), trata-se do “período entre a infecção e o início da formação de anticorpos específicos contra o agente causador, momento em que o indivíduo se torna reagente para o HIV, isto é, sai do status de negativo para o status de positivo para o HIV”. Esse período pode durar algumas semanas e o indivíduo, “apesar de ter o agente infeccioso presente em seu organismo, apresenta resultados negativos nos testes para detecção de anticorpos contra o agente”, sendo possível transmitir o hiv (BRASIL, s./d., s./p.).

Como, no currículo investigado, esse dito aparece em confronto à demanda de usar a PrEP para ter relações sexuais *bareback*, é possível fazer alguma inferência sobre o que se pretende ensinar com a afirmação feita. Talvez o que se esteja ensinando aqui é que a PrEP não é eficaz na janela imunológica, que, de fato, segundo o Ministério da Saúde, é de 30 dias e não três meses, conforme expressa o dito (figura 27). De fato, a PrEP não serve como proteção a uma pessoa que foi infectada evitando que o vírus contamine o organismo, vez que se trata de uma profilaxia pré-exposição, havendo um outro tipo de profilaxia pós-exposição. Provavelmente, por isso, demanda-se, para a posição de *sujeito preper*, um acompanhamento mais regular “com exames regulares de saúde, além de testagens para o HIV a cada três meses, e orientação frequente sobre comportamento sexual seguro” (GUIMARÃES, 2017, s./p.). Essa estratégia nesse currículo parece, então, visibilizar algo que pode ser considerado como uma possível fragilidade da PrEP, quando utilizada sem estar combinada com o preservativo, – não proteger o indivíduo na janela imunológica. Isso pode constituir as disputas em torno do sentido de “segurança” inserido a partir da PrEP.

No entanto, no mesmo dito (figura 27), há um reconhecimento de que o “exame frequente”, algo demandado a partir do uso da PrEP, “é redução de danos” e confessa: “preciso criar essa frequência”, reconhecendo, assim, de certo modo, que a PrEP pode minimizar alguns danos, que podem ser os riscos de contrair hiv e outras istis. Logo em seguida, entretanto, esse modo de se conduzir é recusado em detrimento da preferência em “ser o BB antigo, sem muitas preocupações”. O advento da PrEP parece, então, mudar o sentido do que seja *bareback*, de maneira que, nesse currículo, afirma-se que há um modo de conduzir a conduta de acordo com

um modo “antigo”. Infere-se, portanto, que há um “novo” modo de ser *barebacker* (*preper*) que está em disputa com esse antigo.

De acordo com Gonzalez (2019, p. 62, tradução minha), a Truvada “interrompe o vínculo entre sexo desprotegido e risco de hiv. O que a PrEP faz é remover a transgressão do *barebacking*”. É isso que parece demarcar a diferença entre o *barebacker* novo e o “antigo” conforme o último dito (figura 27) qualifica, ou, em outras palavras, é isso que parece circunscrever o que podemos considerar a diferença principal entre a *posição de sujeito unrubberman* e a *posição de sujeito preper*: o primeiro como aquele que se conduz de modo a praticar o sexo sem camisinha sem preocupações maiores com os riscos, e o segundo aquele que dobra sobre si uma série de procedimentos e cuidados com a saúde demandados a partir do uso da PrEP para ter relações sexuais sem camisinha, mas sem correr o risco de contrair o hiv. Neste último, a transgressão à norma do uso do preservativo parece ser algo mais relevante e significativo na condução da conduta dos indivíduos, “é essa mesma noção - de que *barebacking* é transgressor porque é perigoso do ponto de vista da saúde pública - que a PrEP ameaça atrapalhar” (GONZALEZ, 2019, p. 62, tradução minha). Diante dessa suposta ameaça, são constituídos, nesse currículo, por meio de relações de poder, sentidos em torno da prática sexual *bareback* que buscam reiterar e manter esse sentido transgressor demandando que os indivíduos continuem a se engajar no *bareback* sem se conduzirem dos modos prescritos à *posição de sujeito preper*. Dessa maneira, não há um consenso sobre qual é o modo legítimo e verdadeiro de ser *barebacker*, vez que esses modos estão sempre em jogo, são feitos e refeitos em negociações, são instáveis e fragmentados. São relações de poder que não cessam de atuar no currículo investigado, estão em constante movimento e tensionamentos, também nas próximas posições de sujeitos que analiso.

3.3 Bugchaser e giftgivers: reinterpretar o hiv como desejável, diminuir o medo do hiv/aids, resistir às normas convencionais de saúde

Se a posição de sujeito *preper* tem, como marca proeminente, um modo de conduzir a conduta que responde, em parte, ao discurso de saúde, dobrando sobre si uma série de cuidados para praticar o sexo sem preservativo sem, no entanto, adquirir o hiv, as posições de sujeito *bugchasers* e *giftgivers* são marcadas pelo rompimento com esse discurso. Instauram-se, nesse currículo, para a produção dessas posições, complexas relações de poder; estabelecem-se outros incitamentos, provocações e instruções para fazer os indivíduos recusarem não somente as prescrições do uso do preservativo, como também a ordem de evitarem contrair o vírus do hiv.

Analiso a produção dessas duas posições de sujeito juntas neste tópico, pois elas se constituem em uma rede de perpétua interação, constituindo-se uma em relação com a outra.

No *currículo bareback*, elas são caracterizadas da seguinte forma: *Bugchasers*: “Homem HIV negativo que procura um homem HIV positivo para ser infectado; *Gift givers*: Homem HIV positivo que procura um homem HIV negativo para infectar, aquele que dá o presente!”⁹⁰. Dessa maneira, nessas posições de sujeitos, “o desejo de sexo desprotegido coexiste com um desejo ativo de transmissão ou troca viral” (DEAN, 2009, p. 17, tradução nossa). Assim, *bugchaser* e *giftgivers* podem ser entendidas como “cristalizações temporárias de posições desejáveis que podem ser ocupadas, embora em momentos diferentes, pelo mesmo indivíduo” (DEAN, 2009, p. 71). A produção dessas posições confere ao currículo aqui investigado mais tensões, porque o que está em jogo é a demanda por modos de conduzir a conduta que acentuam os riscos para a saúde e para a vida. Dessa maneira, emergem, no próprio currículo, muitas dúvidas acerca das conduções da conduta prescritas, conforme podemos ver no excerto a seguir:

Novato: quem aqui já foi carimbado? o que já pegaram? Se tratam? Tenho tantas dúvidas.

Excerto retirado do chat no blog blogbarebackbr.blogspot.com.
Acesso em: dez. 2019

O dito destacado emerge em um *chat*⁹¹ disponibilizado no *currículo bareback*. Esse dito é composto basicamente de dúvidas que se referem mais especificamente à *posição de sujeito bugchaser*, pois traz vocábulos próprios das marcas dessa posição, conforme mostro ao longo deste tópico. São dúvidas que parecem inquietantes, que podem se multiplicar, apesar de aparecerem apenas três delas – “quem aqui já foi carimbado? o que já pegaram? Se tratam?” Na sequência dessas, há uma oração – “Tenho tantas dúvidas” - que parece condensar uma série de outras possíveis questões. Parece ser conferido a esse lugar do ciberespaço um certo potencial para que essas perguntas tenham respostas. O chat, também conhecido como bate-papo, compõe as “práticas sociais da cibercultura” (COUTO JUNIOR, 2012, p. 55), constituindo-se, assim, como um lugar no presente de constituição, de disputas por verdades e de fabricação de subjetividades. Garbin (2001, p. 23), por exemplo, mostrou “como a internet,

⁹⁰ Post do blog blogbarebackbr.blogspot.com.

⁹¹ O chat é um recurso disponibilizado no blog blogbarebackbr.blogspot.com no canto esquerdo da página. Assim que o blog é acessado, é possível localizar facilmente o chat e participar das conversas que têm interações constantes. Descrevi com mais detalhes sobre a observação do chat no capítulo teórico-metodológico desta tese.

especificamente através dos chats e dos discursos neles produzidos, acaba por contribuir para a constituição de identidades juvenis”. Em outro trabalho que também analisa os chats, discutiu-se “como se constituem os sujeitos nesse ambiente” (CARÁ JUNIOR, 2011, p. 80). Se a internet pode ser “tomada como um terreno propício para a experimentação e a criação de novas subjetividades” (ALVES, 2017, p. 177), o chat pode ser uma importante tecnologia de poder acionada no currículo investigado para produção de posições de sujeitos *barebackers*.

Conforme indica Garbin (2001, p. 45), a interação estabelecida em chats requer que os jovens “desenvolvam valores, exercitem julgamentos, analisem, avaliem, critiquem ou venham a ajudar uma outra pessoa”, de maneira que, “para além do objetivo de manter contato, ‘jogar conversa fora’, existe uma troca de informações dos/as jovens entre si” (GARBIN, 2001, p. 45). Dito de outro modo, pode-se entender que, “ao participar de um *chat*, nos implicamos no ato e implicamos o outro. Interpelamos e somos interpelados” (CARÁ JUNIOR, 2011, p. 65). No currículo aqui investigado, há também interpelações, como pode ser visto no dito que trouxe anteriormente: “quem aqui já foi carimbado? o que já pegaram? Se tratam? Tenho tantas dúvidas”. Há uma certa demanda por algumas respostas, de maneira que o chat pode ser um lugar para que alguém possa analisar essas questões, possa ajudar a respondê-las, constituindo-se esse lugar, disponibilizado no *currículo bareback*, como um lugar também para troca de informações, que incide na constituição de específicas posições de sujeito.

Além dessa característica de ser um espaço de troca de informações e interpelações, no chat que integra o currículo aqui investigado, circulam ditos que expressam modos de condução da conduta de acordo com o que nesse currículo pode ser definido como marcas proeminentes das *posições de sujeito bugchaser e giftgivers*. São divulgadas maneiras de se comportar que, do modo como são aqui mobilizadas, compõem a arte de governar em atuação no *currículo bareback*. A arte de governar “implica em certos modos de educação e de transformação dos indivíduos, na medida em que se trata não somente, evidentemente, de adquirir certas aptidões, mas também de adquirir certas atitudes” (FOUCAULT, 1982, p. 02). O que está em jogo com a visibilidade dessas condutas não é simplesmente a verbalização de como os indivíduos se comportam sexualmente, mas são ações que, quando divulgadas, têm efeitos específicos: efeitos de poder e saber que forjam, nesse currículo, disputas sobre modos de se conduzir nas relações sexuais sem preservativo.

Nesse sentido, confere-se a esse lugar uma qualidade pedagógica em que trocas de informações diversas são possíveis e acontecem, dúvidas emergem. Assim, divulgações da própria conduta se constituem como conhecimentos que integram um conjunto de mecanismos

de governo. A partir do chat, é possível que os indivíduos façam uma autorreflexão, falem e escrevam sobre si mesmos, produzam verdades sobre si, avaliem suas condutas. Desse modo, essas divulgações podem ser percebidas como ações que conectam modos de pensar e agir em relação à prática *bareback*, sendo, pois, um certo modo de educação e investimento para transformação dos indivíduos.

Por educação estou entendendo aquela envolvida em práticas pedagógicas “nas quais se produz ou se transforma a experiência que as pessoas têm de si mesmas” (LARROSA, 1994, p. 36). Assim, o que é importante aqui é “que se elabore ou reelabore alguma forma de relação do[a] ‘educando’[a] consigo mesmo[a]” (LARROSA, 1994, p. 36). Nesse sentido, compreendo que tornar visíveis certos modos de se conduzir em relação ao *bareback* constitui-se como uma prática discursiva que ensina, no *currículo bareback*, um saber sobre o que também é ser um *barebacker*, inserindo, pois, esse saber nas disputas assimétricas e conflituosas que fabricam as diferentes posições de sujeitos demandadas nesse currículo. A educação aqui está voltada para a construção de um conhecimento que tensiona os sentidos já convencionais do hiv – sinônimo de doença e morte - construindo, em oposição a esses sentidos, uma relação erótica com o vírus, o que incide no investimento da transformação da relação que indivíduos têm consigo mesmos em relações sexuais sem preservativo com a finalidade de transmitir ou adquirir o vírus do hiv. Para mostrar isso, exploro os excertos que seguem:

Conjunto A: marcas da posição de sujeito *bugchaser*

Anon3678: galera ai de Fortal Aqui um bug chaser *doido pra ser carimbado*. chama ae no whaths (...) só de fortal pfvr aceito rola negativa tmb o que nasci pra ser depósito de porra | sab nov 17, 1h44 am

Barelondrina: To super *a fim de ganhar presente*. | qui jan 30, 10h21 pm

Boybare: Quem for do ES me chama no whatsapp (...), curto Bare, sou neg e *quero me tornar Poz*. | seg mar 30, 6h00 pm

anon4173: Eu também to *querendo ser contaminado com HIV*, alguém aqui disponível? (dom, 18 nov)

anon4163: Boa noite meu nome é Matheus. Tenho 19 anos. Moro em Taboão da Serra e tenho muita *vontade de ser carimbado* (seg, 25 mar)

carapoa: *Alguém de Porto Alegre afim de carimbar?* me add no WhatsApp (...) (qua, 27 mar)

anon9611: Oi, algum do ES pra *me carimbar?* (sab, 30 mar)

anon3215: Eu sou neg de Pernambuco. Tenho muita vontade de *sair com caras poz e me divertir*, mas não os acho por aqui (sex, 7 jun)

Conjunto B: marcas da posição de sujeito *giftgiver*

Leospgru: *25 anos carimbador*, chama só se for rolar real (...) | ter jan 8, 12h20 am

anon6372: alguém de SC procurando carimbo? (sex, 21 dez)

anon8711: Bom dia, 24 anos, sp freguesia do o, com *carga viral alta* quem tiver afim chama (seg, 1 abril)

Excertos retirados do chat no blog blogbarebackbr.blogspot.com, grifos meus.
Acesso em dez/2019

Parece-me que as conduções da conduta expressas nesse conjunto de ditos são melhor entendidas, quando observados os termos neles contidos: “poz”, “carimbar”, “presente”. Esses termos expressam um modo de pensamento, um saber sobre as *posições de sujeito bugchaser e giftgivers*. Conforme indica Dean, ao falar da prática sexual *bareback*, “como qualquer cultura, esta tem sua própria linguagem” (DEAN, 2009, p. XI). Ao investigar e mapear a linguagem utilizada para falar sobre as práticas de obter e/ou transmitir o vírus demandadas para as *posições de sujeito bugchaser e giftgivers*, parece que há uma tentativa de criar um novo significado para essas práticas, havendo, aqui, pois, um investimento educativo ou, em outras palavras, um certo modo de educação. Essa é uma importante estratégia discursiva, se entendemos que discurso “não são meras intersecções entre palavras e coisas”, mas “práticas que instituem aquilo de que falam” (CUNHA 2011, p. 19). Nessa estratégia se cruzam poder e saber instituindo uma compreensão positiva sobre adquirir e transmitir hiv no intuito de produzir e regular formas particulares de experiência *barebacker*. Assim, a linguagem utilizada nesse currículo é constituída de termos próprios que precisam ser aprendidos, mas também incide na fabricação de um outro sentido para transmissão ou troca viral.

A linguagem, portanto, adquire relevo nas análises aqui empreendidas. Quero tomar “as relações entre linguagem e subjetivação que tanto preocupam o pensamento curricular” (RANNIERY, 2016, p. 57-58), para pensar como a linguagem aqui utilizada incide na produção de posições de sujeito específicas no *currículo bareback*. Estou entendendo linguagem como “discursos que atribuem sentido ao mundo, como produtora de realidade” (CARDOSO, 2012, p. 30). Considero, pois, como “o nosso olhar e as nossas narrativas sobre as coisas do mundo se dão por meio de um importante instrumento: a linguagem” (CARDOSO, 2012, p. 190). Esse parece ser um instrumento acionado no *currículo bareback* para a produção de uma narrativa

específica sobre o hiv e sua transmissão como defensável e desejável que está em disputa com outros sentidos já produzidos sobre essas ações. Assim, busco problematizar, neste momento da tese, o currículo como um “imenso jogo de linguagem que estabelece regimes de verdade” (VEIGA-NETO, 1998, p. 153).

Encontramos algumas expressões nos ditos como “aqui um bug chaser” (Grupo A), “25 anos carimbador” (Grupo B). Dizer sobre si mesmo utilizando essas expressões implica a construção de conhecimento sobre o que é um “bug chaser” e um “carimbador”. Isso parece evidenciar, de algum modo, a busca desses jovens por entender melhor sobre a prática do *bareback* e eles podem ter feito isso até mesmo no currículo aqui investigado. A construção desse conhecimento sobre o que é um “bug chaser” e um “carimbador” pressupõe estar ciente sobre as demandas que lhes são solicitadas, as instruções que lhes são sugeridas, aprender termos que lhes são próprios para ter uma comunicação fluida, como, por exemplo, “carimbador”, “carimbado”, “depósito”, “ganhar presente”, “poz”. Desse modo, nomeia-se, nesse currículo, como carimbador, aquele que torna o indivíduo negativo para hiv em positivo, o qual, então, torna-se carimbado; é nomeado como depósito o indivíduo que recebe os fluidos corporais do parceiro na relação sexual. Já a expressão ganhar presente está relacionada tanto ao *bugchaser* como ao *giftgiver*. O *bugchaser* é aquele que ganha o presente - o vírus do hiv - do *giftgiver*. Poz, por sua vez, é o termo em inglês para positivo para hiv. No entanto, aprender esses termos não é algo que deve ser feito apenas para ter uma comunicação fluida. Esses termos engendram significados específicos que incidem na produção de saberes sobre o que significa o hiv, o que significa desejar esse vírus dentro do próprio corpo e o que significa transmiti-lo a alguém. Tais significados incidem na condução da conduta prescrita às *posições de sujeitos bugchaser e giftgivers*.

Quero focar aqui em algumas expressões que aparecem nos ditos destacados do excerto, entendendo, pois, a produtividade da linguagem no currículo aqui investigado: “a fim de ganhar presente”, “quero me tornar poz”, “sair com caras poz”. Esses ditos referem-se a uma marca da condução da conduta da posição de sujeito *bugchaser*: desejar o vírus do hiv dentro de seus corpos, mas que incidem também na condução da conduta do *giftgivers*, pois, de algum modo, autorizam que ele dê “de presente” o vírus a alguém, faça alguém tornar-se “poz”, por exemplo. Assim, há uma linguagem específica nesses ditos para dizer desse desejo e dessas conduções da conduta. Dean (2008, p. 48, tradução minha), ao fazer um estudo sobre os *bugchasers*, afirmou que “eles raramente caracterizam esse desejo em termos clínicos”, antes, a nomenclatura aqui produzida “emprega um vernáculo mais colorido” (DEAN, 2008, p. 48,

tradução minha). No *currículo bareback*, termos clínicos como “infectar”, “contaminar com hiv”, “carga viral” e similares também são escassos, o que predomina são expressões como essas - “a fim de ganhar presente”, “quero me tornar poz”, “sair com caras poz”- que aparecem nos ditos anteriormente destacados.

No que se refere à expressão “ganhar **presente**” e outras similares com o vocábulo em negrito, Dean (2008), ao relacionar essa expressão com o vasto estudo da oferta de presentes na literatura, traz algumas reflexões. Segundo esse autor, as culturas pré-modernas tinham relações sociais organizadas em torno da oferta e recepção recíproca de algo. Tratava-se de uma economia de presentes, em vez de uma economia de mercado, na qual as doações ocorriam principalmente entre grupos, envolvendo todos os membros da cultura. Havia nessa troca um motivo social: o da solidariedade. No funcionamento dessa economia, “os presentes estabelecem laços sociais; eles unem famílias em redes de parentesco; e, em geral, eles ajudam a construir coletividades” (DEAN, 2008, p. 91, tradução minha). Parece, então, haver uma diferença específica entre uma economia de mercado e uma economia de oferta e recepção recíproca de algo: “quando você compra uma mercadoria, a transação completa o relacionamento, mas, quando você faz uma oferta, inicia um ciclo de reciprocidade que continua além da troca inicial. Através do princípio da reciprocidade, um presente cria ou solidifica a relação entre doador e destinatário” (DEAN, 2008, p. 91, tradução minha). Por isso, para o autor, a utilização do termo presente compondo algumas expressões relacionadas à prática sexual *bareback* parece permitir que “a transmissão do hiv se torne a base para a formação da comunidade” (DEAN, 2008, p. 91, tradução minha). Nesse sentido, “da perspectiva de um *bugchaser*, tornar-se HIV positivo envolve menos doenças do que fraternidade” (DEAN, 2008, p. 91, tradução minha).

A utilização das expressões “quero me tornar poz” e “sair com caras poz”, por sua vez, pode constituir-se como uma prática produtiva utilizada para mobilizar o pensamento em direção a uma construção afirmativa de adquirir o vírus do hiv, se pensarmos que “o termo ‘poz’ sugere que, para alguns homens, o sêmen infectado paradoxalmente passou a ter uma conotação positiva e não negativa” (DEAN, 2008, p. 85-86, tradução minha). Desse modo, “o hiv foi transvalorizado de um objeto ruim para um objeto bom, algo a ser incorporado dentro do corpo e não mantido fora” (DEAN, 2009, p. 53, tradução minha). Já as expressões “ser carimbado”, “afim (sic) de carimbar”, “me carimbar” e similares podem indicar o ato de conferir uma marca, um selo a alguém. No entanto, o hiv leva essa marca a ser definitiva, uma vez que “optar por se infectar com o vírus implica escolher uma identidade permanente; marca

o interior do seu corpo um pouco semelhante ao modo como a tatuagem marca o exterior” (DEAN, 2008, p. 86, tradução minha).

Além disso, as próprias palavras em inglês utilizadas para nomear a posição de sujeito que tem como marca desejar o vírus do hiv dentro de seus corpos – *bugchaser* - trazem alguns sentidos que vão ao encontro da positividade que essas expressões buscam produzir. Entre os significados que a palavra *bug* tem na língua inglesa, dois parecem ser relevantes para entender essa articulação. O primeiro refere-se à tradução de *bug* como inseto, conforme indica Dean (2009, p. 49, tradução minha): “eufemizar o hiv como ‘o inseto’ coloca a soroconversão na categoria de infecção relativamente inócua”. O segundo, de acordo com o mesmo autor, diz do entendimento de *bug* como um termo para “moda ou mania; daí a sugestão de que a busca de bugs é simplesmente o fetiche mais recente” (DEAN, 2009, p. 49, tradução minha).

De maneira geral, podemos dizer que, em conjunto, essas expressões de modos de condução da conduta encontradas no *currículo bareback* se constituem em conhecimentos específicos que parecem ir ao encontro de alguma das possíveis motivações de um *bugchaser* indicadas por Dean (2009): reinterpretação contrafóbica do hiv como desejável, diminuição do medo do hiv/aids, resistência às normas convencionais de saúde.

Ao discutir a produção de sujeito *unrubberman*, mostrei como a incorporação do sêmen está associada à transgressão de normas sociais do sexo com preservativo, as quais, no decorrer da sua constituição, produziram a homossexualidade como doença e muitas vezes confundiram os vírus com as pessoas. As estratégias utilizadas como investimento em uma construção positiva do hiv constituem de algum modo essas transgressões, na produção das *posições de sujeito bugchaser e giftivers* de um modo mais incisivo, pois não somente se deseja a incorporação do sêmen, mas também adquirir e transmitir o vírus hiv. Em torno desse desejo, há uma importante disputa sobre o que pode significar adquirir o hiv. De acordo com Dean (2009, p. 55, tradução minha), essa decisão parece inferir que “o hiv é algo do qual se conhece, sem permitir que ele determine completamente as escolhas mais significativas na esfera da intimidade”. Viver com o hiv parece ser aqui algo atenuado. Nesse argumento, viver com hiv talvez seja menos prejudicial do que viver com um certo medo de, em algum momento, contraí-lo ou estar submetido a uma série de normas que organizam a vida sexual. Desse modo, a condução da conduta prescrita ao *bugchaser* “transforma a soroconversão em uma questão sobre a qual se exercita a escolha e, assim, demonstra a liberdade sexual” (DEAN, 2009, p. 55, tradução minha).

Todavia, a constituição dessa liberdade sexual é inscrita em resistência não somente ao discurso da prevenção, mas ao que pode ser entendido como uma condução da conduta saudável, ao que é prescrito ao bom gay ou, ainda, uma resistência a uma “compreensão distintamente medicalizada do que conta como saúde” (DEAN, 2009, p. 60, tradução minha). De acordo com Dean (2009), a saúde, na contemporaneidade, é conceituada como um cálculo de risco. Aqui, com base na epidemiologia moderna, entende-se que “a suscetibilidade à doença poderia ser controlada pela regulamentação rigorosa da dieta e do exercício, além de evitar os riscos associados ao fumo, álcool, drogas ilegais e promiscuidade sexual” (DEAN, 2009, p. 61, tradução minha). Esse conceito passa a incidir na produção e mediação do prazer e na condução da conduta dos indivíduos, pois essas últimas passam a ser redefinidas como algo perigoso e não somente prazeroso, sendo, pois, o indivíduo responsável por sua saúde e, portanto, por evitar aquilo que pode comprometê-la.

Esse modo de entender a saúde compõe a biopolítica contemporânea, discutida na subseção anterior, constituindo-se, assim, uma sofisticação daquilo que Foucault chamou de “imperativo da saúde” (FOUCAULT, 2017a, p. 301) emergido no século XVIII. Nesse último, os aparelhos de poder se encarregavam dos corpos para conduzi-los de modo a garantir sua saúde, sendo, pois, a saúde um “dever de cada um e objetivo geral” (FOUCAULT, 2017a, p. 301). Assim como no século XVIII, não se inventa, na contemporaneidade, uma política de saúde, mas novas regras são prescritas e/ou aprimoradas. Conforme mostra Nikolas Rose (2013, p. 17), as modificações nas tecnologias de governo implicaram “crescente ênfase sobre a responsabilidade dos indivíduos” na “provisão da própria segurança”, sendo mais expressivas “no campo da saúde” (ROSE, 2013, p. 17). Essas tecnologias têm uma característica-chave, segundo o autor, que parece coadunar com o entendimento de Dean (2009), no que se refere ao conceito de saúde como cálculo de risco. Precisamos fazer intervenções constantes em nosso corpo no presente e vigiar nossas condutas. Assim, “essas tecnologias da vida buscam remodelar o futuro pela ação no presente vital” (ROSE, 2013, p. 34). Entre as ações no presente vital, inclui-se um monitoramento constante de nossas capacidades vitais, sobre quais doenças somos suscetíveis, quais são as condutas potencialmente arriscadas e de que modos “podem ser prevenidas pela assunção de um estilo de vida cuidadoso” (ROSE, 2013, p. 34).

Desse modo, as preocupações contemporâneas com a saúde “reelaboram algumas tecnologias bem estabelecidas de avaliação de risco, previsão de risco e administração de risco” (ROSE, 2013, p. 35). Dito de outro modo, Dean (2009, p. 62, tradução minha) sugere que “a redescritção da saúde da epidemiologia moderna em termos de risco transformou a saúde em

um estado precário que precisa de monitoramento e avaliação constantes”, que demanda uma prática vigilante de “gerenciamento de riscos corporativos ao corpo e aos prazeres” (DEAN, 2009, p. 62, tradução minha). Trata-se de algo que, segundo esse autor, parece ser ambivalente, pois os conhecimentos e as tecnologias utilizados para produção da saúde contemporânea não produziram “uma maior sensação de segurança, mas, pelo contrário, uma maior sensação de risco” (DEAN, 2009, p. 62, tradução minha).

O corpo, nesse contexto, torna-se objeto de investimento do poder para produção de sujeitos específicos: sujeitos saudáveis, caracterizando-os como normais. Assim, um sujeito saudável-normal é aquele que luta por sua saúde, distancia-se dos possíveis riscos que podem afetá-la. Isso incide na condução da conduta de muitos indivíduos, de modo que “queremos ser saudáveis porque queremos ser normais” (DEAN, 2009, p. 63, tradução minha). No entanto, se onde há poder, há resistência, o exercício desse poder normativo sobre os corpos é também constituído de tensões.

As expressões de condução da conduta das posições de sujeito *bugchaser* e *giftgivers*, encontradas no chat do currículo aqui investigado, estão inscritas em um regime de verdade que concorre com aquilo que é considerado normal e inteligível na *biopolítica contemporânea*. Dean também considerou em seus estudos que os “bugchasers querem resistir à normalização do poder, expressar ceticismo em relação aos ideais comuns de saúde e prevenção de riscos e aprender a viver com a mortalidade” (DEAN, 2009, p. 66, tradução minha) ou, simplesmente, não querem ser normais.

Aprender a viver com a mortalidade, para Dean (2009), é algo instaurado pela resistência aos imperativos da saúde na sociedade contemporânea, pois o que se demanda nesses imperativos é que os indivíduos acionem uma série de estratégias disponibilizadas para evitar riscos de doença e de morte. Desse modo, caso aconteça, “a morte é considerada um sinal de falha tecnológica do medicamento ou falha moral do falecido em praticar consistentemente a prevenção de riscos” (DEAN, 2009, p. 65, tradução minha). Nesse argumento trazido por Dean, a saúde é um cálculo de risco, sendo “um dever moral permanecer jovem e bonito, cultivar a saúde” (DEAN, 2009, p. 65, tradução minha). Desse modo, “abraçar o risco, incluindo os riscos associados ao sexo desprotegido, oferece uma maneira de contornar os imperativos de saúde” (DEAN, 2009, p. 66, tradução minha), de contornar essa demanda de evitar a morte, ser saudável. Nesse sentido, talvez possamos entender que, na “busca por uma intimidade ilimitada, os *barebackers* estão assumindo o limite fundamental da morte que define todos nós; eles estão

transando sem limites justamente porque não querem viver para sempre” (DEAN, 2009, p. 66, tradução minha).

Percebe-se, portanto, que a *biopolítica contemporânea* opera tensionando um significado de juventude associado a uma etapa da vida, uma idade fixa. Assim, jovem está mais próximo de “um estado ideal de ser e de viver” (PALACIOS, 2004, p. 14). Nesse sentido, as menções à juventude mobilizadas nesse outro significado são acompanhadas “de referências à necessidade de se possuir vigor, de se ter uma boa forma física e de buscar a longevidade” (PALACIOS, 2004, p. 14). As alusões a um estado de juventude e seus correlatos constituem uma importante estratégia discursiva na construção da *biopolítica contemporânea*. Permanecer jovem aqui é ter saúde e dobrar sobre si uma série de cuidados como “alimentar-se bem, praticar exercícios físicos, viver de forma mais saudável, dentre outros requisitos desta natureza” (PALACIOS, 2004, p. 14). Dessa forma, “buscar a eterna juventude” está vinculado a ter uma “saúde perfeita” que funciona “impondo-se como o grande, o único projeto mundial, imagem do eterno retorno e da eterna permanência, da fusão com o grande todo, em protesto contra a fragilidade de nossa condição humana e social; contra o fracasso da história” (SFEZ, 1996, p. 8). Os jovens são apresentados nesse projeto como “um modelo estético a ser seguido e também como mercadoria, dentro do processo de ‘juvenilização’ do mercado de consumo” (SALES, 2010, p. 23-24).

No entanto, na disputa para conduzir a conduta dos jovens, pode-se inferir que também há um outro sentido de juventude em atuação: jovem é aquele que corre riscos. Podemos afirmar que a relação entre *juventude* e *risco* é da ordem da impregnação. Maria João Carvalho, referindo-se a um levantamento de títulos de notícias em jornais diários portugueses, chegou à conclusão de que “juventude e risco são termos que se encontram entrelaçados, indissociáveis” (CARVALHO, 2008, p. 45). Há, assim, uma relação com o risco que é incitada e parece ser predominante nos ditos sobre a juventude no que se refere a viver emoções que desafiam os sentidos de segurança e de controle que nos são impostos, o que pode atravessar diversos momentos das vidas dos/as jovens de modos específicos. De acordo com La Mendola (2005, p. 63), “há uma adesão maior à cultura do risco por parte dos jovens que possuem um *background* cultural mais elevado: pertencer às camadas privilegiadas torna-os permeáveis à ideia de que, para ser bem-sucedido na vida, é mais necessário saber arriscar do que ser prudente”.

Heilborn, Aquino e Knauth (2006, p. 1362), abordando as relações entre juventude, sexualidade e reprodução, afirmam que “a juventude é contemporaneamente considerada como a melhor fase da vida e, ao mesmo tempo, período de grande risco”. Elas chegam a essa

conclusão considerando os potenciais físicos e psíquicos da juventude, mas, ao mesmo tempo, os danos à saúde, quando os/as jovens se expõem a situações de violência, drogas e infecções sexualmente transmissíveis. Essas questões compõem as análises feitas por Paulino e Jeolás (2000, p. 55) que chegaram à conclusão de que “as estatísticas apontam para o crescimento do número de jovens expostos a diversos riscos nos últimos anos”.

Por diversos motivos, os/as jovens parecem ter uma relação íntima com o risco. Muitas vezes, essa relação é proposital e parte do próprio indivíduo como forma de viver intensamente as experiências de vida, testar os limites e aventurar-se. A produção das posições de sujeito *bugchaser* e *giftgivers* no *currículo bareback* se aproxima dessa relação consentida e proposital com o risco, concorrendo, assim, com o discurso da *biopolítica contemporânea* que constitui um sentido de juventude associado à saúde. Rosângela Soares (2007, p. 318) ressaltou que “a juventude é posicionada como o momento de viver plenamente as emoções e os prazeres”. Considerando as formas de viver experiências com o sexo desprotegido, o que parece ser prescrito aos jovens no *currículo bareback* é a vivência da plenitude de emoções e prazeres que o sexo sem preservativo pode proporcionar. Para a autora, “apesar de diferenças, de classe, de raça e gênero, ou mesmo da falta de perspectivas futuras”, no que se refere aos/às jovens, “não são incomuns frases do tipo ‘o mundo é de vocês’, ‘é uma idade de ouro’, entre outras, posicionando a juventude como época de realizações, de descobertas, de experimentações e de definições, sejam elas profissionais ou mesmo sexuais” (SOARES, 2007, p. 318).

Esses aspectos são uma forma de explicar a juvenilização do crescimento de novos casos de hiv/aids no Brasil, algo que não é considerado um fenômeno recente no país (RIOS, 2018). No último Boletim Epidemiológico hiv/aids divulgado pelo Ministério da Saúde, no que se refere à taxa de detecção de aids, “destaca-se o aumento da taxa entre jovens de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos, que foram respectivamente de 62,2% e 94,6% entre 2008 e 2018” (BRASIL, 2019, p. 22). Esses dados podem estar associados a uma outra pesquisa que, através de uma “análise comparativa dos estudos de prevalência de HSH para o HIV (2009/2016)”, mostra que “aumentaram práticas sexuais de risco entre jovens HSH menores de 25 anos” (RIOS, 2018, p. 27). No documentário “Carta Para Além dos Muros”, que narra a evolução do vírus hiv no Brasil ao longo de três décadas e evidencia o estigma imposto a quem vive com a doença, há um depoimento da médica infectologista Márcia Rachid que reitera essa vinculação entre juventude e risco:

Até profissionais falam isso. ‘os jovens não viram a epidemia por isso eles se infectam’. Não é isso! O jovem se infecta, porque é jovem. O jovem se infecta

porque ele é invulnerável. Ele se sente invulnerável. Jovem se expõe a qualquer risco. Jovem faz o que o jovem faz. Fazia em 1981, faz agora, fazia em 1800 e qualquer coisa e vai fazer daqui a 50 anos. Jovem é jovem (CARTA PARA ALÉM DOS MUROS, 2019)

Conforme aponta Rios (2018, p. 40), “uma variedade de marcadores sociais media a produção subjetiva de identidades, posições de sujeito, posições sexuais e desejos, engendrando parcerias e práticas sexuais”. Considero que a produção amalgamada entre juventude e risco é um desses marcadores que podem tornar as posições de sujeito *bugchaser* e *giftgivers* atrativas e sedutoras para muitos jovens HSH. Nesse sentido, as prescrições encontradas no *currículo bareback* para fabricação dessas posições podem compor e ampliar aqueles “tensores libidinais” indicado por Rios (2018, p. 46), que, “ao invés de restringir incrementam o erotismo, as emoções, os contatos e os trânsitos”. As experimentações sexuais incitadas à posição de sujeito *bugchaser* e *giftgivers* se constituem em contato direto com o risco, pois estão postas a possibilidade de adquirir infecções sexualmente transmissíveis e a certeza de transmissão do hiv. Aqui, no *currículo bareback*, essa certeza é ainda erotizada com promessas de sensações de prazeres mais intensos no contato mais íntimo com o outro.

Desse modo, a partir das prescrições de conduta de risco, engendram-se aqui jogos de verdade, de modo que podemos inferir que o *currículo bareback* pode ser entendido como um dos “vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras do jogo são definidas – [...] a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber” (FOUCAULT, 2003, p. 11). Estou entendendo formas de subjetividades como posições de sujeito, que, aqui no *currículo bareback*, podem ser o *bugchaser* e o *giftgivers*, os domínios de objeto podem ser a própria conduta dos indivíduos e/ou as práticas sexuais e os prováveis tipos de saberes podem ser o que se entende por risco e as relações que são estabelecidas com ele. Considerando esse modo de funcionamento, é possível compreender como “o currículo constrói narrativas e institui verdades sobre o mundo, as coisas, os sujeitos”. Nessa construção discursiva, “em meio a exercícios de poder-saber, ele deseja governar sujeitos, docilizá-los e controlá-los” (CARDOSO, 2012, p. 38), estando, pois, em disputa com verdades produzidas em outros lugares. Nesse sentido, a construção discursiva de afirmação das condutas de risco é constituída de tensões, atravessada pelas verdades produzidas pela *biopolítica contemporânea*, conforme podemos analisar a partir dos excertos abaixo:

Novato: eu tinha *vergonha* de desejar pegar DST, achava que eu era o único a desejar isso, a querer que todos os homens pegassem AIDS, que Hiv deveria ser exclusivo de homens igual aos anos 80 e que o rapaz entrou na puberdade e fez sexo pela primeira vez, deveria ser carimbado, ainda não fui, quero muito ser | qui mai. 30, 6h05

Anon5061: Oii tenho 18 anos, me achava *estranho* por ter essa vontade de transar com caras positivos, mas achei vocês e fiquei mais aliviado rsrs quero ser carimbado alguma dica? | dom jun 9, 8h17 am

Excertos retirados do chat no blog blogbarebackbr.blogspot.com

Acesso em dez/2019

Os trechos “eu tinha *vergonha* de desejar pegar DST”, “me achava *estranho*”, parecem ser um efeito de poder da *biopolítica contemporânea*. Conforme venho discutindo nesta tese, essa biopolítica investe na produção da verdade de que devemos evitar o risco, adotar condutas que nos assegurem de algum modo a saúde, constituindo, assim, valores que precisam e devem ser manifestados na forma da conduta. São essas marcas que constituem o sujeito normal produzido pela *biopolítica contemporânea* em operação no presente. O modo como ela opera gera efeitos específicos: desejos de adequação e enquadramento àquilo que ela demanda, mas também pode produzir outros efeitos nos indivíduos que recusam ou desejam recusar as normas que ela institui, vez que, aqui, por um momento, ela gerou “*vergonha*” e produziu um sujeito “*estranho*”.

A *vergonha* pode emergir a partir de um “receio de desonra”, “por se ter cometido alguma falta”, podendo ser também “insegurança efetivada pelo medo do julgamento alheio”⁹². Os modos de condução da conduta inscritos na *biopolítica contemporânea* parecem estar na ordem do verdadeiro e/ou considerado correto para que o escape gere um sentimento de *vergonha*, podendo ser os imperativos de saúde que demandam que os indivíduos não adotem condutas de risco que os exponham a doenças. Em outro modo de funcionamento dos jogos de verdade desse currículo, produz-se também um sujeito *estranho*. Aquilo que é considerado *estranho* pode ser o que está “fora da ordem e da norma” (LOURO, 2004, p. 20). A partir dos ditos, afirmo que as verdades produzidas pela *biopolítica contemporânea* constituem “a vontade de transar com caras positivos” como irreconhecível, transgressiva, distinta daquilo que se conhece, que é ininteligível, gerando, assim, um sentimento de *estranhamento* em relação a essa vontade. No dicionário de língua portuguesa, podemos encontrar uma definição para “*estranho*” como aquele “fora do comum”, “que, de certa maneira, foge às normas

⁹² VERGONHA. In: DICIO – Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/vergonha/>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

estabelecidas” que tem “comportamento estranho”⁹³. Nesses termos, o estranho pode ser considerado também “anormal”. Foucault, no curso “Os anormais”, vai dizer que o anormal “é no fundo um monstro cotidiano” (FOUCAULT, 2001, p. 71). O que constitui o monstro é a violação, a infração àquilo que é produzido como normal. Perceber-se como estranho, considerando os significados que essa palavra traz em similaridade com o que é anormal, monstruoso, pode ser uma maneira de “explicar em si mesmo todos os desvios que podem derivar dele, ser em si mesmo ininteligível” (FOUCAULT, 2001, p. 71).

No entanto, os sentimentos de vergonha e a percepção de si como estranho, nos ditos destacados, estão no passado, o que parece indicar que o currículo aqui investigado opera produzindo verdades positivas acerca do que significa “pegar DST” e “transar com caras positivos”. Nesse sentido, compreendo o *currículo bareback* como uma das práticas sociais que “inventam e compõem efeitos de verdade que engendram domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos” (FOUCAULT, 2003, p.8). A partir das verdades constituídas nesse currículo que demandam condutas de risco, conferem-se marcas específicas ao indivíduo *bugchaser*, como aquele que não tem vergonha “de desejar pegar DST” e como aquele que não é estranho “por ter essa vontade de transar com caras positivos”. Esse modo de funcionamento diz “das relações de poder investidas, das consequências políticas e dos modos de subjetivação implicados nessas verdades” (CARDOSO, 2012, p. 59).

Trata-se de relações de poder que não cessam, mas estão constantemente movimentando o currículo aqui investigado. Assim, para convencer o indivíduo a se conduzir de certas formas, não somente se produz uma linguagem específica nesse currículo, como também, a partir dessa linguagem, é construída outra narrativa em relação àquelas construídas pela *biopolítica contemporânea*. Essa narrativa está implicada no esforço de constituir a transmissão do hiv como defensável e, de algum modo, positivamente desejável. Dessa maneira, a linguagem utilizada pode ser entendida também como instrumento estratégico no reforço e na produção dessa narrativa. Junto às palavras já discutidas, há também o termo engravidar que surge no chat que compõe essa narrativa.

barelondrina: Quero ser *engravidado* por alguém (seg, 5 nov)

anon2695: o que significa *engravidar*? (ter, 6 nov)

⁹³ ESTRANHO. In: DICIO – Dicionário Online de Português em: < <https://www.dicio.com.br/estranho/>> Acesso em: 3 ago. 2020

anon7075: cadê o povo pra engravidar a gente? (sab, 15 nov)

Excertos retirados do chat no blog blogbarebackbr.blogspot.com
Acesso em dez/2019

O termo parece não fazer sentido ou adquirir significado em algum momento no funcionamento do *currículo bareback*, pois surge a pergunta “o que significa engravidar?”, que não foi respondida na sequência do chat. Isso pode demonstrar que ainda não há uma ampla compreensão e/ou nitidez da utilização desse termo no *currículo bareback*. Também fiquei em dúvida. No entanto, considerando que não há neutralidade na linguagem e para entender as relações de poder instauradas nesse currículo a partir do uso desse termo, busquei outras pesquisas. Nessa busca, percebi que o termo engravidar parece ser similar a outros encontrados por Dean (2009), próprio do que o autor chama de um “vernáculo” do *bareback*. A partir da percepção desse vernáculo, ele localiza que, nas construções discursivas do *bareback*, usa-se “metáforas de inseminação, gravidez e paternidade” (DEAN, 2008, p. 86, tradução minha).

De acordo com esse autor, “homens que não costumavam se preocupar com preservativos porque não havia medo de gravidez no sexo gay agora entendem o abandono dos preservativos como uma tentativa de conceber” (DEAN, 2008, p. 86, tradução minha). Conceber está relacionado a transmitir o vírus ou passar a portá-lo. Parece haver, no *currículo bareback*, um certo sentido para as expressões “quero ser engravidado por alguém” e “cadê o povo pra engravidar a gente?”, que constitui esses atos como uma forma de reprodução. Desse modo, Dean compreende que “esses homens estão propagando também um modo de vida, uma cultura sexual com instituições próprias, códigos de comunicação, normas éticas, práticas de representação e acordos de parentesco” (DEAN, 2008, p. 86, tradução minha), que estão intrinsecamente relacionados às condições de emergência da prática sexual do *bareback*.

Entende-se que essa prática emerge como resistência a algumas normas gays – do sexo com preservativo e à monogamia por meio do casamento. No entanto, ao mesmo tempo, constituem-se semelhanças, equivalências e/ou correspondências a alguns sentidos trazidos por essas normas. No que se refere ao casamento, por exemplo, “o HIV torna a troca de fluidos corporais homóloga à troca de alianças, na medida em que os dois conjuntos de trocas conferem formas de permanência” (DEAN, 2008, p. 82, tradução minha). Nesse sentido, apesar de, em um primeiro momento, o *bareback* estar mais próximo de relações casuais, ele pode implicar compromissos permanentes, considerando, pois, a transmissão do hiv. Esses compromissos engendram um “discurso de parentesco” que introduz o entendimento de que “o vírus da

imunodeficiência humana pode ser usado para criar laços de sangue, formas ostensivamente permanentes de filiação corporal e comunitária” (DEAN, 2008, p. 82, tradução minha). Desse modo, a discursividade produzida a partir da prática sexual *bareback* não apenas constitui formas de subjetividade, mas também uma “rede de parentesco”.

Assim, tanto a rede desenvolvida na prática sexual *bareback* como esse investimento de determinadas normas da comunidade gay constituem-se como “experimentos com parentesco” (DEAN, 2008, p. 83, tradução minha). Na prática sexual *bareback*, esse experimento depende que condutas sejam seguidas, mais especificamente as condutas demandadas às *posições de sujeito bugchaser* e *gifgivers*: desejar o vírus hiv dentro de seus corpos e transmitir o vírus hiv consensualmente, respectivamente. Desse modo, o hiv é algo a ser incorporado, “a troca de sêmen tornou-se fortemente ritualizada; infectar-se com o HIV agora é entendido como um rito de passagem, uma iniciação em uma comunidade” (DEAN, 2008, p. 86, tradução minha). Escolher se infectar com o vírus é uma forma de criar relações de parentesco. Essas relações, portanto, demandam uma “reprodução” ou, nos termos que aparecem no currículo aqui investigado, que alguém “engravidar” por meio da troca de fluidos com hiv. O que está em jogo na utilização de palavras como engravidar no *currículo bareback* pode ser, portanto, um sentido de reprodução fora das relações heterossexuais e um sentido de parentesco fora das normas dos casamentos e da monogamia.

Nos complexos sentidos produzidos pelo termo engravidar como sinônimo de criar um vírus, Dean (2009) destaca um que procura fazer comparações com o ato de criar um bebê. Segundo esse autor, as pessoas heterossexuais continuam a se reproduzir “apesar dos riscos, da inconveniência e da enorme despesa envolvida” (DEAN, 2009, p. 87, tradução minha), pois esses fatores se “empalidecem na insignificância ao lado do prazer e da satisfação de um novo filho” (DEAN, 2009, p. 87, tradução minha). De modo parecido, “os *barebackers* atestam que o prazer e a satisfação alcançados por meio de sexo desprotegido e troca de esperma transformam a vida e absolutamente valem a pena” (DEAN, 2009, p. 87, tradução minha), mesmo que, para isso, possa ser necessário se submeter à inconveniência de algumas doenças, despesas, medicações extras e até mesmo o risco de morte. Dean (2009) sugere ainda que não é que as crianças sejam como vírus, o que se retém, na perspectiva construída nessa narrativa, é que a soroconversão possa parecer uma gravidez que é experimentada como algo gratificante. Ao mesmo tempo, o ato de criar um vírus compõe a narrativa da rede de parentesco, pois se constituiu, nesse ato, uma ideia de irmandade entre quem tem o vírus, paternidade de um vírus,

gerar filhos de alguém, autorizando, desse modo, relações eróticas entre pessoas que podem ser entendidas como irmãos acentuando a transgressão da prática sexual *bareback*.

Entendo que a utilização das expressões “quero ser engravidado por alguém” e “cadê o povo pra engravidar a gente?”, ainda que instaure dúvidas sobre possíveis significados, pode mobilizar outras narrativas que incidem na condução da conduta do *barebacker*, já que essas narrativas procuram conferir ao ato de transmitir ou adquirir o hiv como algo desejável e defensável ou, conforme indica Dean (2008, p. 84, tradução minha), procuram perceber a transmissão intencional do vírus como ações “criativas, e não destrutivas”. Desse modo, esses ditos não são isolados, mas compõem o discurso curricular aqui investigado. Eles integram a produtividade do *currículo bareback*, formando um conjunto que aspira fabricar subjetividades de tipos específicos. A narrativa que o termo “engravidar” e similares engendra talvez não seja apenas um outro modo de interpretar a transmissão viral, mas, ao mostrar essa ação como defensável e desejável, ela pode incitar o indivíduo a conduzir sua conduta do modo interdito pela biopolítica contemporânea e, dessa forma, constituir-se como uma sugestão de modos de ser e de se portar.

Nesse sentido, entendo que o conjunto de ditos analisados neste tópico evidenciam relações de poder em funcionamento no currículo aqui investigado para conferir marcas específicas às *posições de sujeito bugchaser* e *giftgivers*. Essa estratégia pode ser entendida “como uma arte de explorar condições favoráveis para alcançar objetivos específicos” (PARAÍSO, 2007, p. 55). O objetivo específico aqui pode ser modificar o que se constituiu como significados fixos sobre o que é o hiv, o que significa transmiti-lo e portá-lo. Significados dotados de estigmas, interdições e negatividades são contestados, quando se oferece uma narrativa que os mostra como positivos, defensáveis e desejáveis. Dessa forma, a linguagem utilizada no *currículo bareback* está inserida em jogos de poder que produzem e fazem circular verdades sobre o hiv, evidenciando, portanto, disputas em torno desses significados. Desse modo, entendo que “o poder opera em conexão com a verdade e esta só existe em relações de poder” (PARAÍSO, 2007, p. 56). Assim, ao se constituir como um discurso, o currículo aqui investigado funciona “como parte de uma luta para construir as próprias versões de verdade” (PARAÍSO, 2007, p. 56).

A constituição das *posições de sujeito bugchaser* e *giftgivers* pode ser complexa exatamente pelas tensões que ela traz ao que nos parece já consolidado. Conforme indica Gonzalez, as possíveis motivações do *bugchaser* se “aproximam mais de desafiar nosso senso comum do ‘normal’ porque ele está mais próximo da transvalorização de todos os valores - a

erotização e a busca de um vírus [que pode ser] mortal”⁹⁴ (GONZALEZ, 2010, p. 86, tradução minha). Assim, de alguma maneira, o entendimento que parece mais comum sobre a busca pelo vírus se constitui a partir dos “efeitos verdadeiros dos discursos normalizadores do HIV/AIDS e da sexualidade gay” (GONZALEZ, 2010, p. 90, tradução minha). Dito de outro modo, os efeitos que as conduções da conduta aqui prescritas podem causar evidenciam como os discursos normalizadores do hiv/aids ganharam força e constituem muitos sujeitos. Constituem a mim também, de modo que essas posições foram as mais difíceis de analisar, primeiro, porque sou constituído por esses discursos normalizadores, as verdades da prevenção até então me pareciam inquestionáveis. As *posições de sujeito bugchaser* e *giftgivers* são amplamente produzidas discursivamente, gerando efeitos específicos nos modos como são percebidas. Gonzalez também ressaltou isso em seu texto, ao dizer que interpretamos a condução da conduta de buscar o vírus como “radicalmente inefável, literalmente impossível de compreender ou simpatizar” (GONZALEZ, 2010, p. 91, tradução minha). Greteman, por sua vez, afirmou, ao refletir sobre o desejo pela transmissão de hiv e sobre questões que esse desejo reverbera, que “essas coisas não são fáceis - para alguns podem ser provocativas, para outros perversas e para outros talvez passadas -, mas ilustram o terreno mutável do sexo, da sexualidade, do prazer e das demandas biopolíticas da vida” (GRETEMAN, 2019, p. 221, tradução minha).

Nesse suposto terreno, essas posições são mobilizadas também para circunscrever os limites da normalidade, das conduções da conduta que são autorizadas, sancionadas, consideradas corretas, se pensarmos que o normal é produzido em relação àquilo que não o é. Assim, se a homossexualidade passou por um processo de normalização para construção do bom gay, fazendo surgir a homonormatividade, as posições de sujeito *bugchaser* e *giftgivers* são o seu oposto. São tomadas também para legitimar a homossexualidade como um modo de viver a sexualidade que precisa de intervenções, principalmente no âmbito das prevenções às infecções sexualmente transmissíveis. Se a aids e a homossexualidade estão intimamente ligadas, as *posições de sujeito bugchaser* e *giftgivers* parecem ser úteis para reforçar esse vínculo. Conforme indica Gonzalez (2010, p. 88, tradução minha), as “narrativas sobre homossexualidade e HIV/AIDS estão rapidamente começando a se centrar na figura emocionante do bugchaser”. Ao focar nessa posição de sujeito, ele fala que podemos situá-la dentro de “um regime discursivo dominante que mantenha uma atitude fóbica em relação ao HIV/AIDS e à figura homossexual que ele invoca em seu rastro” (GONZALEZ, 2010, p. 88,

⁹⁴ Original em inglês.

tradução minha). Desse modo, considero que a produção dessas posições tem efeitos de verdade sobre a homossexualidade pois essa produção é mediada por narrativas “de práticas homossexuais ‘desviantes’ que se cruzam com a epidemia de significados que é o HIV/AIDS” (GONZALEZ, 2010, p. 91, tradução minha).

Os múltiplos significados apontados pelo autor são considerados por vezes contraditórios, pois, dentro do movimento gay, por exemplo, mesmo que tenha havido uma luta contra os significados patologizantes do vírus, pelo desenvolvimento de terapias médicas para tornar o hiv uma condição crônica, mas gerenciável, esse movimento permanece em conflito quanto a esses sucessos. Nesse sentido, ele ressalta que, mesmo redefinindo o que significa ser infectado pelo hiv ou ser uma pessoa que vive com hiv, “uma cultura masculina gay permanece negativa com implicações de seu próprio passado político radical e potencial proliferação de derivações sub-culturais de tal atividade no presente” (GONZALEZ, 2010, p. 103, tradução minha). Assim, as suspeitas, medos, aversões, contestações e indignações que as posições de sujeito *bugchaser* e *giftgivers* podem evocar de modo geral ou, ainda, o sentimento de “vergonha” e “estranhamento” como mostrei, evidenciam quais práticas de normalização estão proeminentemente em funcionamento e em disputa para produção de um “sujeito gay normal”, de um “desejo sexual disciplinado” que se preocupa com a “saúde”. Nesse sentido, o autor destaca que essas posições podem ser vistas como uma “crítica radical queer” (GONZALEZ, 2010, p. 105, tradução minha) a uma coalização homo-heteronormativa, pois elas ameaçam regimes normativos de assimilação gay e saúde corporal. Ao prover outra inteligibilidade ao hiv com vocábulos e narrativas específicos, há um tensionamento nas normas constituídas e cristalizadas. Para Greteman (2019, p. 222, tradução minha), “os *barebackers* abrem novas linhas de pensamento em relação a viver uma vida queer em meio a condições de mudança. E tais linhas de pensamento são importantes para criar possibilidades de manter projetos queer em meio à normalização contínua das identidades lgbtqi+⁹⁵”.

Gonzalez salienta ainda que determinada ênfase dada aos *bugchasers*, por exemplo, “impede a análise da dinâmica do HIV na comunidade gay ou das complexidades da experiência do HIV/AIDS dentro dessa comunidade como algo que não esteja vinculado a um desejo perverso de morte” (GONZALEZ, 2010, p. 93, tradução minha). O que parece conduzir o pensamento ou o que parece inteligível é pensar as prescrições direcionadas a essas posições como de fato algo fora dos limites, do possível, do correto. No entanto, conforme indica

⁹⁵ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intessexuais e mais gêneros orientações sexuais que existem e devem ser respeitados.

Greteman (2019, p. 221, tradução minha), essas práticas “não são meramente suicidas, uma vez que o advento de vários tratamentos médicos tornou o hiv / aids uma doença administrável, embora crônica”.

Assim, no jogo discursivo aqui engendrado pelas práticas de normalização, parece ser necessário expressar e conter as ameaças que os modos de condução da conduta prescritos a essas posições representam às normas e aos disciplinamentos sancionados. Aqui uma luta é estabelecida e, de algum modo, as marcas aqui produzidas mostram a contingência e os limites do discurso da *biopolítica contemporânea*, as relações de forças que são estabelecidas no funcionamento de um discurso e não sua coerência, homogeneidade.

O que constitui o funcionamento de um discurso são exatamente as disputas, as lutas incessantes para a produção de um determinado regime de verdade. Nesse sentido, as narrativas que emergem no currículo aqui investigado concorrem para produzir outra verdade que não essa que relaciona o desejo de adquirir o hiv ao desejo de morte, mostrando também que a produção desse discurso é constituída por complexas relações de poder historicamente produzidas entremeadas com a construção que amalgama homossexualidade e aids. Considerando, pois, essas relações, Gonzalez pensa que o modo de condução da conduta do *bugchaser* “funciona estranhamente como um caso limite para os discursos culturais predominantes que regulam e articulam uma visão normativa do ‘sujeito gay’ - discursos de sexo seguro, desejo gay normalizado, prevenção do HIV e corpo homossexual saudável (não infectado)” (GONZALEZ, 2010, p. 93, tradução minha), produzindo, pois, esses modos como “comportamentos sexuais ostensivamente ininteligíveis” (DEAN, 2008, p. 92, tradução minha). É nesse sentido que é possível dizer que essas posições se constituem a partir de um regime discursivo que vincula homossexualidade e aids, que tem produzido subjetividades masculinas gays específicas e o que conta como sexo normal. Assim, entendo que a dificuldade que tive em analisar essas posições, e que algumas pessoas podem ter ao ler as análises aqui empreendidas, mostra a força do discurso da prevenção e do discurso da *biopolítica contemporânea*, mas, ao mesmo tempo, as discussões apresentadas podem mostrar a contingência deles, como eles são constantemente fabricados. Sintetizando, aqui, “o que está em jogo é uma luta de poder” (FOUCAULT, 2003, p. 51) para produção de tipos específicos de sujeito.

Desse modo, as verdades produzidas pelo *currículo bareback* se inscrevem no território de disputas, os investimentos aqui empreendidos não são feitos sem tensões, mas com conflitos e outras negociações. Correlações de forças, afrontamentos incessantes são próprios do

currículo aqui investigado. Pode-se perceber aqui “jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquivas, como também de luta” (FOUCAULT, 2003, p. 9). Assim, se existem essas motivações, elas não se dão fora das relações de poder. Nesse sentido, outros ditos surgem e corroboram para os tensionamentos, as disputas e as rupturas nesse currículo, conforme destaco a seguir:

Anon3552: Gente isso mata... Aí é uma delícia sexo sem capa... Trocar vitamina ser depósito de porra e tal... Adoro isso... Mas mata. Qualquer infecçãozinha já era... Pessoas vão se cuidar e tomar remédio. | Dom jul. 14 12h42 am

Excertos retirados do chat no blog blogbarebackbr.blogspot.com
Acesso em dez/2019

Mesmo reconhecendo um prazer que o *bareback* proporciona, ressaltam-se aqui os perigos inerentes à prática a que os *bugchaser* e *giftgivers* se submetem. Para isso, primeiro, reitera-se aqui a discursividade que liga hiv e morte, algo que remete aos primeiros anos de epidemia, em que o preservativo surge como “uma fina camada de látex para nos proteger de infecções e morte” (CHAMBERS, 1994, p. 353, tradução minha). Nesses primeiros anos, ser diagnosticado com hiv poderia significar morte dada à falta de tratamento acessível e à falta de conhecimentos consolidados ainda sobre o vírus. Na atualidade, os diversos tratamentos disponibilizados não permitem fazer essa associação direta entre sexo desprotegido e morte, conforme discuti na segunda parte desta seção. Contudo, ainda há reverberações discursivas desse período da epidemia, permitindo que essa associação seja a explicação privilegiada para a assunção de riscos sexuais por homens gays. A retomada dessa explicação parece ser necessária como uma lição que precisa ser aprendida, uma vez que não aprender essa lição pode incidir nas diferenças que os indivíduos produzem para si mesmos “entre ‘vida’ e ‘morte’, ou ‘saudável’ e ‘doente’” (GRETEMAN, 2013, p. 27, tradução minha).

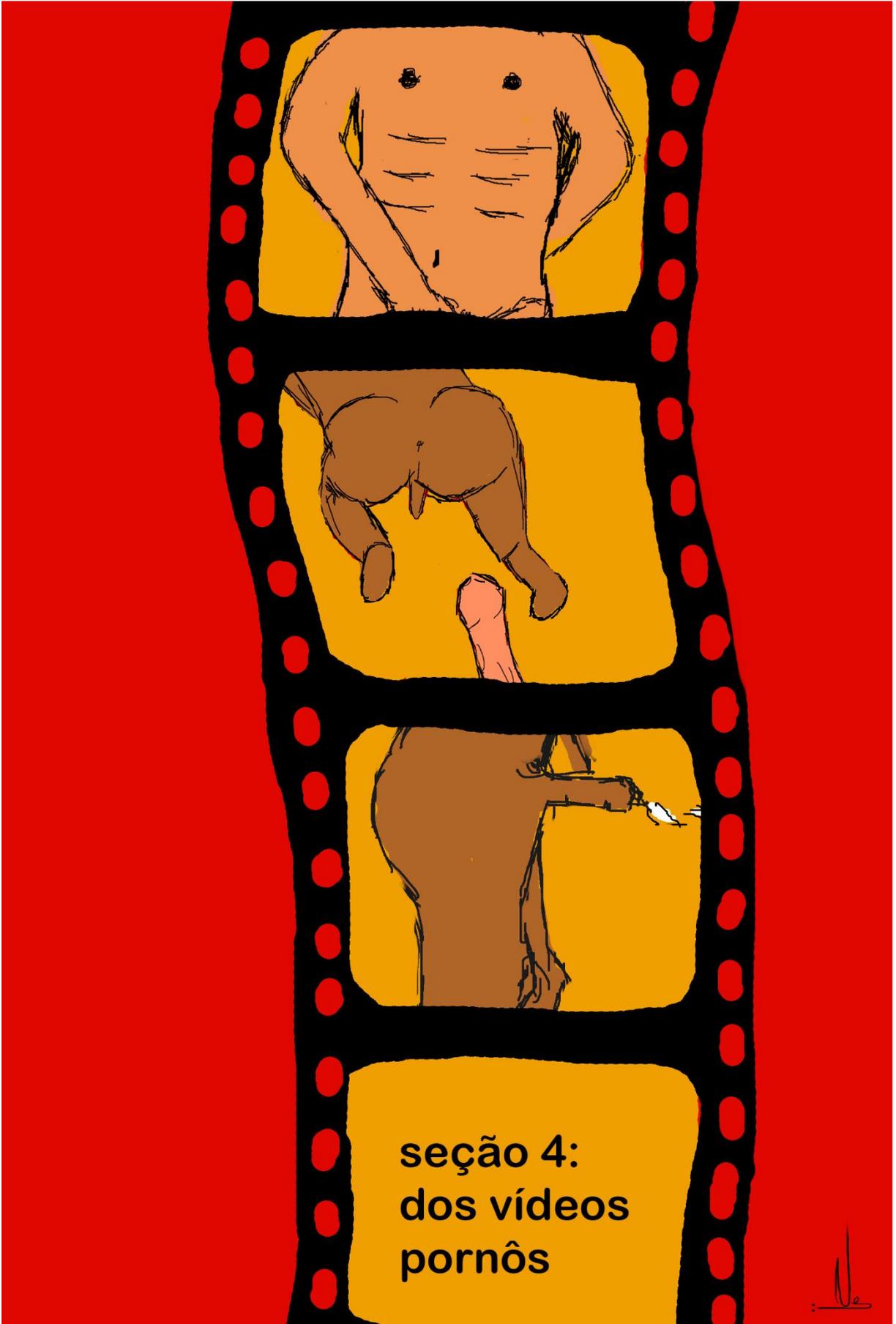
No entanto, apesar de, no dito destacado, o sentido de morte parecer aquele relacionado à morte do corpo físico, dadas essas reverberações, existe também o que Halperin chama de “morte social”, sendo, pois, esta “a experiência aniquiladora de exclusão do mundo das pessoas decentes” (HALPERIN, 2007, p. 71, tradução minha), dizendo, assim, das possíveis experiências de preconceitos que as pessoas, quando diagnosticadas com hiv, ainda vivem. No entanto, de acordo com esse mesmo autor e conforme as discussões que venho fazendo nesta tese, essa associação entre sexo desprotegido e morte não é a única maneira de “explicar o comportamento coletivo distinto e distintivo de um subgrupo social específico, definido por vicissitudes sociais particulares” (HALPERIN, 2007, p. 94, tradução minha).

Após a mobilização da associação entre sexo desprotegido e morte, aciona-se o discurso médico de cuidado, de modo a fazer o jovem refletir sobre as consequências de assumir algumas dessas posições. O cuidado com a vida é, pois, um argumento que parece conduzir a conduta desse *barebacker*, ainda que isso implique interditar um suposto prazer que ele sinaliza em sua fala. Dessa maneira, nas relações produtivas de poder desse currículo, fabricam-se diferentes tipos de sujeito produzindo modos não lineares de vivenciar a prática do *bareback*. O dito destacado anteriormente evidencia a preocupação em mobilizar técnicas de segurança: “vão se cuidar e tomar remédido”, demandado também no discurso de saúde. Diante da iminente possibilidade até mesmo de morte, nesse currículo, emerge essa técnica como um suporte necessário, mas, mais do que isso, implica a fabricação de uma conscientização dos perigos.

Em síntese, esta seção discute que o *currículo bareback* atua de modo a produzir diferentes, complementares e conflitantes posições de sujeito: *unrubberman*, *preper*, *bugchaser* e *giftgivers*. Por meio da produção de verdades e relações de poder, são negociados sentidos sobre modos de ser *barebackers* que não são coerentes e lineares. Apesar de essas posições estarem articuladas ou irem na mesma direção – o sexo sem preservativo – mantendo certa característica do sexo *bareback*, são produzidas posições de sujeito com marcas distintas, colocando essas posições, em diversos momentos, em sentidos opostos, gerando conflitos tanto no currículo aqui investigado como nas posições de sujeito demandadas. Assim, o *currículo bareback* disponibiliza diferentes posições de sujeito *barebacker*, deixando marcas nos modos de ser, de maneira que a preocupação em não adquirir hiv em relações sexuais sem preservativo não aparece em um momento. No entanto, em outro momento, é exatamente essa preocupação que engendra a marca mais relevante de uma outra posição de sujeito, mas essa última marca pode ser também tensionada e vista de modo oposto.

Nesse sentido, é relevante destacar o impasse em constituir uma caracterização e/ou alguma forma de identificação dos indivíduos que estão envolvidos e/ou podem se envolver na prática *bareback*. Além das análises feitas nesta tese, Silva (2009), em suas investigações, chegou a afirmar também que “distintas modalidades de barebacking (e barebackers) parecem coexistir atualmente, demonstrando que múltiplos aspectos e situações estão implicados no sexo desprotegido” (SILVA, 2009, p. 679). Barreto (2020), por sua vez, ao analisar festas com finalidades para a prática sexual *bareback*, entende que a condução da conduta dos homens que se engajam nessa prática não é “algo que possa ser respondido em termos de classe”, visto que o público observado nessas festas “é bastante diverso em termos de classe, raça, idade ou forma corporal” (BARRETO, 2020, p. 115). No contexto internacional, em um tópico dedicado a uma

demografia do *bareback*, Dean (2009) destaca, de modo similar, que os praticantes “não são, predominantemente, de nenhuma classe social em particular” (DEAN, 2009, p. 39); são “diversamente raciais” (DEAN, 2009, p. 40), e não estão circunscritos “a qualquer faixa etária específica” (DEAN, 2009, p. 40). Essas análises, vão, portanto, ao encontro do funcionamento desse currículo constituído por relações de forças que não indicam apenas um único modo de se conduzir nas relações sexuais *barebackers*. Para dar continuidade à análise deste funcionamento, discuto, na seção seguinte, os vídeos pornôis divulgados no *currículo bareback*.



**seção 4:
dos vídeos
pornô's**

4 UM BOCADO DE CENAS DE SEXO, MUITAS COMPOSIÇÕES, MONTAGENS, FOCO E PEDAGOGIAS: O *CURRÍCULO* *BAREBACK* NAS LENTES DE VÍDEOS PORNÔS⁹⁶

Currículo e vídeos pornô: uma montagem que pode parecer estranha; uma combinação, no mínimo, curiosa; uma tensão, talvez, erótica. Essas são suposições que surgiram, inicialmente, quando uma questão mais geral surgiu na escrita desta tese: o que acontece quando vídeos pornô atravessam uma pesquisa que se insere no campo curricular? Essa questão se desdobrou em uma outra: que tipo de inserção e deslocamento discursivo vídeos pornô podem compor no encontro com o *currículo bareback*? Essas questões produziram em mim inquietações, problematizações diversas, instigando o movimento de pesquisa desta tese e surgem, pois, atravessando as discussões desta seção.

Tais discussões podem ser centralizadas no argumento desenvolvido aqui de que, no *currículo bareback*, a pornografia é uma tecnologia de poder do presente composta por montagens híbridas, as quais são compostas por duas pedagogias específicas: *pedagogia da masculinização* e *pedagogia do erotismo*. Por integrarem uma tecnologia, essas duas pedagogias funcionam a partir de técnicas específicas. Para a *pedagogia da masculinização*, descrevi essas técnicas como (1) técnica da definição dos lugares e disposição dos objetos; (2) técnica da caracterização dos homens em cena; (3) técnica da exibição de corpos magros e “sarados”; (4) técnica da expressão da voz masculina dos personagens e (5) técnica da redução das expressões de carinho e sentimentos de afeto. Já no que se refere à *pedagogia do erotismo*, descrevo e analiso as seguintes técnicas: (1) técnica de foco e enquadramento e (2) técnica de reiteração ou repetição das imagens de sexo sem preservativo.

Para desenvolver esse argumento, dividi esta seção em três partes. Inicialmente, na subseção *clapperboard*, apresento uma possibilidade para compreender os vídeos pornô na contemporaneidade, abordando seu aspecto pedagógico e fazendo algumas articulações com currículo. Nas duas últimas partes, divididas em dois *takes*, discuto duas pedagogias disparadas por meio de vídeos pornô *barebackers* divulgados no currículo aqui investigado. O *take* “é basicamente do momento que você ligou a câmera até o momento que você pausou a gravação.

⁹⁶ O título deste capítulo foi construído a partir de um artigo que me inspirou muito em minha trajetória acadêmica: “Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade” (SEFFNER, 2011). Aproprio-me aqui da ideia de cenas, para mostrar como *outras* cenas, além das escolares, – aqui de *vídeos pornô*, também estão envolvidas com questões de gênero, sexualidade e outras, para produção de sujeitos de certo tipo.

O momento que corta a cena para fazer uma pausa e depois continuar”⁹⁷. Assim, é como se cada um desses dois tópicos fosse um *take*, em que procuro mostrar as técnicas acionadas por essas duas pedagogias em cena no *currículo bareback*. Essas técnicas são mobilizadas pelas pedagogias aqui analisadas para ensinar e demandar certos modos de condução da conduta, produzir verdades, disputando sentidos sobre o sexo sem preservativo. Dessa forma, esses vídeos constituem-se não apenas como um material masturbatório, mas também curricular de modo que, em seu funcionamento, são disparadas duas pedagogias: *pedagogia da masculinização* e *pedagogia do erotismo*.

4.1 Antes dos *takes*, a *clapperboard*...

Ao assistir aos bastidores dos *sets* de filmagem, é possível ver uma pequena placa de madeira e acrílico, que contém diversas informações, como, por exemplo “o nome do filme e do diretor, a data da gravação, o número da cena e o número do *take*”⁹⁸. Essas informações auxiliam a equipe de produção de um filme, facilitando o trabalho do/a editor/a na fase de pós-produção. Essa placa é chamada de *clapperboard* em inglês ou claquete em português. Como, no cinema, as imagens e o som não são gravados juntos, para sincronizá-los, utilizam-se as informações da *clapperboard*. Resguardadas suas devidas atualizações e formatos digitais, o que quero reter da utilização da placa na análise dos vídeos pornôns *barebackers* é seu aspecto informativo e sua qualidade de auxílio. Assim, antes de tomarmos efetivamente os *takes* das pedagogias em atuação através dos vídeos pornôns *barebackers*, trago algumas informações mais gerais articulando *poder*, *pornografia*, *vídeos pornôns*, *pedagogia*, *currículo* e *prática bareback*, que podem nos ajudar nas *edições compreensivas* ao ler os *takes* discutidos a seguir.

Para desenvolver o argumento aqui sistematizado, parto da compreensão foucaultiana de que uma certa transformação das técnicas de poder emerge no decorrer do século XIX, na qual o corpo do rei, como presença física para funcionamento da monarquia, é substituído por uma “materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 2017a, p. 235). Verifico, nessa compreensão, um investimento no corpo pelo poder que incide no domínio e na percepção do próprio corpo e, como efeito e como resistência dessa atuação, “emerge inevitavelmente a reivindicação do corpo contra o poder, da saúde contra a economia, do prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor”

⁹⁷ CINEMIZE-SE (2016, s./p.)

⁹⁸ FLORES. Ruth (s./d., s./p.)

(FOUCAULT, 2017a, p. 235). Esse poder se atualiza constantemente, como mostro ao longo desta tese.

Desse modo, o *currículo bareback* constitui as complexas redes de poder de produção do corpo na contemporaneidade, compondo essa reivindicação do corpo contra o poder, movimentando o que está instituído discursivamente como saúde, como prazer e como norma. De acordo com Foucault (2017a), a pornografia se insere como um desenvolvimento estratégico de uma luta na produção dos corpos. Já no século XVIII emergiam um controle, uma vigilância e uma objetivação da sexualidade que produziam, ao mesmo tempo, “a intensificação dos desejos de cada um pelo próprio corpo” (FOUCAULT, 2017a, p. 236). Assim, o corpo é objeto de disputa de diversos investimentos que o tomam, não sendo, porém, passivo nessa luta. Conforme Foucault argumenta, “a revolta do corpo sexual é o contrafeito dessa ofensiva” (FOUCAULT, 2017a, p. 236). Desse modo, o poder responde a essa ofensiva “por meio de uma exploração econômica da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos” (FOUCAULT, 2017a, p. 236).

Campos de estudos, de teorias e de ativismos se desenvolveram nos últimos anos voltados para discussão dos efeitos de poder da/na pornografia. É possível dizer que os campos teóricos e discursivos que buscam problematizá-la são múltiplos, não coerentes, havendo, assim, uma disputa em torno dos significados da pornografia na contemporaneidade. Entre eles, o debate feminista anti-pornô ressalta as características de dominação, opressão e regulações de gênero e violência na pornografia (OLIVEIRA, 2013). Nesse território de disputas, levantam-se outras problematizações para também pensar a pornografia, de modo que ela possa ser problematizada como “elemento essencial da produção moderna do corpo e da sexualidade. Mais do que um simples e perverso desvio da vida sexual, a pornografia é elemento ativo na sua criação, produção e regulação” (OLIVEIRA, 2013, p. 240).

Dessa maneira, parece-me necessário olhar para os contextos históricos e para as negociações culturais específicos em que a pornografia emerge – ganhando outros contornos e evidenciando seu significado melindroso, dinâmico e cheio de armadilhas. Pode-se falar, por exemplo, da invenção “de outras formas comuns, compartilhadas, coletivas e *copyleft*⁹⁹ de sexualidade que superem o estreito âmbito da representação pornográfica dominante e o

⁹⁹ Entende-se *copyleft* aqui partindo do seguinte pressuposto: “Ao invés do *copyright* (direito autoral e propriedade intelectual), o *copyleft* (livre distribuição de conhecimentos desde que sem finalidade lucrativa). Por deslocamento e trocadilho, à expressão ‘todos os direitos reservados’, opõe-se a expressão ‘todos os direitos invertidos’. Como paródia, o ícone do *copyright* é invertido, o ‘C’ passa a ser grafado da esquerda para a direita” (GALINDO, 2009, p. 2). No âmbito da pornografia, trata-se de inverter toda a ordem, tudo aquilo que está dado, por isso, o autor faz menção à invenção, à superação da representação pornográfica.

consumo sexual padronizado” (PRECIADO, 2018, p. 288). Movimentos como o pós-pornografia têm utilizado técnicas pornográficas no campo da intervenção política. Espetáculos com performances pornográficas têm sido produzidos, com diferentes inscrições teóricas e estéticas. Aqui, segundo Preciado (2018, p. 289), há “uma inversão epistemológica, um deslocamento radical do sujeito da enunciação pornográfica”. Assim, sujeitos, feitos objetos do olhar pornográfico normalizador e disciplinador – como mulheres, atores e atrizes pornô, putas, bichas, sapatonas e pervertidas/os –, insurgem como sujeitos da representação, podendo questionar “os códigos (estéticos e somatopolíticos) que tornavam visíveis seus corpos e práticas sexuais e que produziam a impressão de estabilidade natural nas formas de fazer sexo e nas relações de gênero” (PRECIADO, 2018, p. 289).

Considerando que o poder é uma prática que não finda – ou seja, o combate é incessante –, como resposta à revolta do corpo, há um novo investimento que se afasta da forma controle-repressão para se aproximar e atuar como “controle-estimulação” (FOUCAULT, 2017a, p. 236). Conferindo esse caráter indefinido da atuação das relações de poder, que ganham novas formas de atuação no presente, estão os vídeos pornô que se espraiam no ciberespaço. Esses, portanto, continuam sendo acionados como estratégia de poder para produção do corpo, da sexualidade, dos sujeitos, com suas devidas atualizações e sofisticções. É esse aspecto produtivo dos vídeos pornô que vou analisar nesta seção.

Esses vídeos têm caráter informativo, produtivo, ensinante, incitativo e são engendrados por complexas relações de poder, como mostro ao longo capítulo. Para moldar a subjetividade do *barebacker* e ensinar condutas consideradas adequadas, nos vídeos pornô divulgados no *currículo bareback*, mostra-se, expõe-se, faz-se falar, repete-se, recorta-se, enquadra-se, prioriza-se um certo ângulo, opta-se por um foco; consideram-se com cuidado as imagens que devem se repetir, os modos como os sons são divulgados; selecionam-se títulos e chamadas que têm efeitos específicos junto aos *barebackers*; adotam-se estratégias como os corpos serão mostrados, que roupas usam, como os objetos aparecem.

De modo geral, ao assistir a um bocado de cenas de sexo nos vídeos pornô divulgados no *currículo bareback*, percebemos muitas composições com diversos títulos e legendas apresentando-os, mas também direcionando o olhar de quem assiste, ensinando a se conduzir de modos específicos nas relações sexuais. Percebemos também montagens de cenas diversas, recortadas de outros filmes, que aqui aparecem compondo um novo vídeo pornô apresentado por temas específicos, que aparecem nos títulos das postagens dos vídeos, como, por exemplo, “gozada dentro”, “começa de camisinha e termina sem”, “cafuçus fodem com força”, “surubas

bareback”¹⁰⁰. Localizam-se, nesses vídeos, também um certo ângulo e um foco de filmagem que prioriza mostrar apenas a penetração evidenciando que se trata de uma transa sem preservativo. Essas técnicas compõem as pedagogias em atuação no *currículo bareback* demandando modos específicos de se conduzir e de se constituir como sujeito.

Ao analisar os vídeos pornôis divulgados no currículo aqui investigado, parto da suposição de que os vídeos só podem ser compreendidos se olhados em conjunto, como compondo a cena curricular em funcionamento no ciberespaço. Desse modo, eles ganham densidade. Não olho apenas a postagem de 30 segundos ou 30 minutos de forma isolada ou como sessões de penetrações e gozadas. Elas ganham efeito porque estão inseridas em um determinado contexto que também os compõe. Os títulos, as frases, as demais imagens, de modo geral, os ditos que se encontram em outros lugares do ciberespaço se conectam a eles para adensar a produção do efeito que se pretende produzir nesse currículo. Assim, faço articulações entre vídeos e títulos, frases, demais imagens e ditos do *currículo bareback* para analisar os vídeos pornôis compondo o funcionamento curricular.

No que se refere mais especificamente aos filmes pornográficos *barebackers*, Tim Dean (2009) afirma que eles, de fato, não se reduzem a uma forma de estimular o prazer: “Estou sugerindo que a pornografia *bareback* é mais do que apenas uma forma duvidosa de entretenimento para gays risk-friendly - mais até do que a forma privilegiada de auto-representação de uma subcultura. A pornografia de *bareback* é uma forma de pensar” (DEAN, 2009, p. 105, grifos do autor, tradução minha). Trata-se, então, de mobilizar um pensamento que, da forma como ele se manifesta, não somente pretende excitar, mas ensinar sobre gênero, sexualidade e como se conduzir na prática sexual *bareback*.

Nesse sentido, a pornografia é mais uma das tecnologias do presente para produção do sujeito, do sexo e da sexualidade. Compreendo tecnologia como meios “inventados para governar o ser humano, para moldar ou orientar a conduta nas direções desejadas” (ROSE, 2001a, p. 37). As tecnologias, de acordo com Rose (2001a, p. 31), são “montagens híbridas de saberes, instrumentos, pessoas, sistemas de julgamentos, edifícios e espaços, orientados, no nível programático, por certos pressupostos e objetivos sobre os seres humanos”. Entendo, pois, que, compondo essas montagens híbridas, há duas pedagogias específicas engendradas pela pornografia que é aqui considerada como tecnologia. Por considerar que as tecnologias funcionam a partir da “articulação de certas técnicas” (FOUCAULT, 1993, p. 206), mostro que, ao funcionar compondo uma tecnologia, essas pedagogias também acionam determinadas

¹⁰⁰ Títulos com datas de postagens variadas encontrados no blog blogbarebackbr.blogspot.com

técnicas que atuam regulando, organizando e divulgando modos de condução da conduta em relação à prática sexual *bareback*. Desse modo, as técnicas podem ser compreendidas como “procedimentos de poder” que são “inventados, aperfeiçoados e se desenvolvem sem cessar” (FOUCAULT, 2006, p. 189). Dada essa conjuntura, concordo com Dean, quando ele afirma que temos, na contemporaneidade, “intimidades mediadas”, de maneira que não podemos dizer que existe sexo cru, principalmente hoje, “quando imagens eróticas e discursos da sexualidade saturam as culturas contemporâneas”. Assim, “não pode haver experiência sexual que permaneça não mediada pelas concepções sociais do que o sexo é ou deveria ser” (DEAN, 2015, p. 224, tradução minha).

Desse modo, a pornografia *bareback* emerge como mais uma forma de produzir a sexualidade e a intimidade de muitos indivíduos no presente. Ao mesmo tempo, a prática *bareback* parece se constituir no interior das relações de poder como resposta a certo investimento na nossa intimidade e como réplica também a uma série de normas que organiza esse investimento, de maneira que talvez possamos apostar na sugestão feita por Dean (DEAN, 2015, p. 224, tradução minha) de que, “se nossas vidas não fossem tão filtradas por tecnologias, pornografia, farmacologia e outras formas de especialização, talvez o desejo de intimidade não mediada não fosse tão forte”. O autor argumenta, aqui, que as nossas vidas, especialmente a dos gays, são objeto de investimento de várias áreas e tecnologias, saturando, assim, nossa intimidade com intervenções das mais variadas possíveis.

Dessa forma, há um suposto desejo de se livrar desses investimentos, desejo esse que parece mobilizar em algum ponto a prática *bareback*, na qual o espectro do sexo sem preservativo sugere que este é um sexo livre de investimentos e da norma. No entanto, percebem-se dois movimentos simultâneos e talvez contraditórios: (1) a prática *bareback* parece emergir com esse desejo de romper com uma série de normas que mediam nossa intimidade, querendo sugerir assim um sexo “cru”; (2) mas, quando essa prática “se representa graficamente e aspira a criar um arquivo visual de suas ações” (DEAN, 2009, p. 104, tradução minha), ela se torna um outro modo de produzir novas mediações da intimidade, por meio da pornografia, por exemplo, passando, assim, a prescrever, sugerir, ensinar modos específicos de se conduzir nas relações sexuais.

É importante ressaltar que essa mediação não diz apenas das formas de sentir prazer, quando visualizamos os vídeos pornô. Conforme ressaltam Mowlabocus, Harbottle e Witzel (2013, p. 530, tradução minha), “a pornografia é mais do que apenas material para

masturbação”¹⁰¹. Os autores chegam a essa conclusão a partir de uma longa pesquisa com grupo focal composto por homens gays, no qual, em relação à pornografia, “o entendimento mais comum era sua dimensão educacional percebida, oferecendo instruções e experiências sobre práticas sexuais masculinas gays” (MOWLABOCUS; HARBOTTLE; WITZEL, 2013, p. 527, tradução minha). Na divulgação dos vídeos pornôns no *currículo bareback* observa-se notória *pretensão pedagógica*. Em uma das legendas para uma sequência de vídeos, lê-se a seguinte instrução: “É assim que se faz: *Bareback* de verdade ama GOZAR DENTRO!”¹⁰². Esses vídeos são utilizados, também, para provocar o desejo: “Aí estão alguns vídeos para deixar vocês com vontade”¹⁰³. Essa combinação do ensinamento de como fazer e com a produção da vontade mobilizada por meio dos vídeos pornôns não é uma novidade instaurada no currículo investigado nesta tese. Os primeiros filmes pornôns do começo do século XX, nomeados como *stag films* ou *dirty movies*, eram transmitidos em bordéis e casas de prostituição não somente para estimular os homens, mas para oferecer instruções sobre os corpos e as práticas sexuais (MIKOS, 2017).

A qualidade educativa ou pedagógica dos filmes pornôns pode ser conferida também na atualidade pelas respostas dos/as seus/suas próprios/as consumidores/as. Em pesquisa realizada entre janeiro de 2016 e julho de 2017 pelo “Quantas Pesquisas e Estudos de Mercado”¹⁰⁴, a pedido do canal a cabo *Sexy Hot*, foi perguntado “por que o público consome pornô””. Entre os principais motivadores listados pela pesquisa está “ver e aprender situações e posições” (MURARO, 2018, s./p.).

Desse modo, entende-se que “a pornografia gay serve a uma diversidade de funções (entretenimento, educação, validação, identificação)” (MOWLABOCUS, 2015, p. 55). Penso que essa diversidade de funções também é encontrada nos vídeos pornôns *bareback*. A divulgação do comportamento sexual através da pornografia *bareback* não somente gera provas documentais de como práticas sexuais são feitas, cria laços comunitários, diz de modos de vida com rituais e iconografias distintos, como defende Dean (2009), como também recorre a práticas curriculares para divulgar, ensinar, incitar sobre essa forma de ter relações sexuais. Trata-se de uma prática discursiva que incide na condução da conduta dos indivíduos. No que se refere a essas práticas curriculares, mostro, a seguir, nas análises dos vídeos, como diálogos

¹⁰¹ Original em inglês.

¹⁰² Postagem no currículo *bareback* em 9 de dezembro de 2018. Título para uma sequência de vídeos pornôns. Disponível em blogbarebackbr.blogspot.com Acesso em: 16 set. 2020.

¹⁰³ Postagem no currículo *bareback* em 7 de dezembro de 2018. Subtítulo para uma sequência de vídeos pornôns. Disponível em blogbarebackbr.blogspot.com Acesso em: 16 set. 2020.

¹⁰⁴ Para mais detalhes ver: <<https://quantas.com.br/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

estabelecidos, lugares onde as cenas são filmadas, os objetos dispostos nessas cenas, roupas utilizadas, corpos e vozes dos personagens, assim como a ausência proeminente de carinho e sentimento, recursos utilizados e modo de exibição das cenas, constituem-se como técnicas que ensinam como os indivíduos devem se conduzir nas relações sexuais.

Se o público assiste aos filmes pornô também com a finalidade educativa, é necessário destacar quais tipos deles têm mais audiência, pois suas pedagogias podem incidir de forma mais ampla na condução das condutas de muitos indivíduos. Ao buscar por essas informações, cheguei a uma revisão anual do site *Pornhub*, um dos sites pornô que aparecem no *currículo bareback*. Nessa revisão, apresentam-se “tendências, termos e pesquisas mais recentes”¹⁰⁵. A última revisão divulgada é do ano de 2019. Entre os dados apresentados, encontramos o item “categoria gay mais vista” no qual a prática *bareback* figura como o terceiro colocado no *ranking*, tendo subido um lugar em relação ao ano passado (PORNHUB, 2019, s./p., tradução minha).

De todo modo, a relação entre espectador e filme não é estabelecida de modo linear. Os efeitos pretendidos não são garantidos, pelo contrário, são constituídos de tensões e imprevisibilidades. Dessa forma, não estou considerando aqui que todos os indivíduos que assistirem aos vídeos pornô disponibilizados no *currículo bareback* terão desejo de praticar o sexo *bareback*. Não se pode garantir que os espectadores adotarão para si os procedimentos de condução da conduta tal qual esses vídeos divulgam e prescrevem. Isso nos aproxima da discussão feita por Elizabeth Ellsworth (2001). Segundo a autora, apesar de os filmes e a pedagogia operarem partindo da tentativa de responder às questões: quem são os indivíduos? Quem eu quero que eles sejam?, produzindo modos de endereçamento, “todos os modos de endereçamento ‘erram’ seus públicos de uma forma ou de outra”, de maneira que “não há como garantir respostas a um determinado modo de endereçamento” (ELLSWORTH, 2001, p. 42). Assim, ao dizer como um currículo funciona, quais são os investimentos, ensinamentos e incitamentos expressos nele, não estamos tomando por garantido que as aprendizagens serão efetivadas, ou mesmo que o sujeito desejado nesse currículo será finalmente produzido.

Em suas análises sobre pornografia *bareback*, Dean (2009, p. 117, 118, tradução minha) chega a afirmar que “a suposição de que a pornografia condiciona o comportamento de seus telespectadores, para o bem ou para o mal, falha em explicar o surgimento da subcultura *bareback*, pois se os homens gays tivessem sido condicionados pela pornografia gay durante os

¹⁰⁵ Original em inglês.

anos 90, nunca teriam inventado o *bareback*”¹⁰⁶. Nesse sentido, “a relação entre a pornografia e as atividades sexuais de seu público, portanto, deve ser consideravelmente mais complexa do que um modelo mimético ou comportamentalista permite” (DEAN, 2009, p. 117-118, tradução minha).

No entanto, quando vídeos pornô são mobilizados no *currículo bareback*, a análise desses vídeos permite mostrar que eles compõem uma narrativa que está em disputa por uma versão de verdade acerca do prazer, do corpo, do sexo, das sexualidades e de gênero. Assim, é possível pensar que a pornografia é acionada como um meio de “aprender novas técnicas sexuais, validar um senso de si mesmo, encontrar uma alternativa às práticas sexuais convencionais ou a um método, para apoiar as relações sociais e sexuais existentes” (MOWLABOCUS; HARBOTTLE; WITZEL, 2013, p. 530, tradução minha). Ela pode ensinar e instigar a produção de uma relação de um prazer outro, constituído por relações de poder. Considerando que esse currículo só pode ser compreendido se olhado numa perspectiva histórica do presente, entendo, do mesmo modo, que “a pornografia como outras expressões da sexualidade, deve ser posta em seu contexto, vista através de filtros culturais, sociais, políticos e econômicos” (CLARK, 1991, p. 28).

Se, ao analisar uma produção pornográfica, Dean afirmou que esta funciona como “testemunho sexológico sobre os desejos, fantasias e prazeres de um *barebacker*” (DEAN, 2009, p. 126, tradução minha), mais do que isso, no currículo aqui analisado, penso que as produções mobilizadas funcionam como pedagogias que ensinam quais desejos, fantasias e prazeres constituem o *bareback*, instruindo sobre o que se pode e deve ser feito como *barebacker*. Elas ajudam a tornar visíveis quais verdades constituem a prática sexual objeto desta pesquisa. Ao olhar de maneira aprofundada essas verdades, compondo o *currículo bareback*, percebi que nele se articulam duas pedagogias: *pedagogia da masculinização* e *pedagogia do erotismo* que passo a analisar nos *takes* seguintes.

Ao afirmar que, no *currículo bareback*, são disparadas duas pedagogias, estou compreendendo pedagogia, a partir da perspectiva cunhada por Guacira Lopes Louro (2015), em seu texto “Pedagogias da sexualidade”. Assim, tomarei pedagogia como práticas, linguagens, estratégias e táticas que ensinam algo e incidem na produção de verdades e sujeitos. A partir dessa compreensão, a autora afirma que “múltiplas instâncias sociais” “exercitam uma pedagogia da sexualidade” (LOURO, 2015, p. 25), de maneira que “a sexualidade é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”

¹⁰⁶ Tim Dean analisa a prática sexual *bareback* como uma subcultura. Para mais detalhes, ver: Dean (2009).

(LOURO, 2015, p. 11). Entre essas múltiplas instâncias, Louro destaca que a “mídia” é umas das “instâncias [que] realizam uma pedagogia” (LOURO, 2015, p. 25). Inspirado/a também em Louro e analisando a pornografia, Zago e Atolini (2020, p. 93) mostram “as pedagogias da sexualidade presentes na pornocultura, que constituem diferentes corpos, práticas, prazeres e sujeitos desejanter”. O autor e a autora chegam a mostrar que, na pornocultura, “não há barreiras para se discutir, aprender e ensinar sobre os desejos e prazeres que o corpo pode desfrutar” (ZAGO; ATOLINI, 2020, p. 93).

A partir desses dados e das compreensões, percebe-se que os vídeos pornôis exercem pedagogias que incidem nos processos de subjetivação e na condução da conduta dos sujeitos. Nesse sentido, pedagogia não será entendida aqui “apenas como método de ensino, ou a arte de ensinar, mas como o processo de *estilização de si* mesmo através de relacionamentos com o conhecimento, consigo mesmo e com outros” (GRETEMAN, 2013, p. 25, tradução minha, grifo meu). *Estilização de si*, na reflexão proposta por Greteman, é um termo da moda para pensar uma *pedagogia bareback* de modo a evitar o discurso médico ou científico a favor do discurso ético e estético. O autor considera que estilos, assim como na moda, são provisórios, mas importantes. Os estilos ilustram diversas práticas de criação de si mesmo e da comunidade. Além disso, segundo ele, são uma característica do homem pós-moderno que se recusa a seguir tradições estáveis. Os estilos estão imbricados à produção de significados em uma comunidade e à construção de subjetividades. Entende-se que “estilos de vida saem de moda, para que avaliações constantes tenham que ser feitas, sobre até onde serão retidas ou um outro estilo será escolhido, se o indivíduo pretende acompanhar a moda”¹⁰⁷ (SVEDSEN, 2006, p. 139, tradução minha). Nesse sentido, o processo de subjetivação, visto na perspectiva do estilo de vida, “requer, talvez até demande, que se questione a própria realidade e se procure por modelos alternativos de ser e transformar-se” (GRETEMAN, 2013, p. 22, tradução minha). A partir dessa elaboração, Greteman entende que, no contexto político, histórico e social de onde emergem, os praticantes do *bareback* “modelam maneiras de estilizar esse estilo de vida que contestam (um tanto quanto radicalmente) uma variedade de normas sociais, enquanto se abrem em relação às novas maneiras de se relacionarem consigo mesmos e com o outro” (GRETEMAN, 2013, p. 23, tradução minha).

Considerando, pois, que a pedagogia pode ser entendida também como um processo de *estilização de si*, construído através do relacionamento com o conhecimento, consigo mesmo e com o outro, percebemos que o processo pedagógico nesses termos compõe os processos de

¹⁰⁷ Original em inglês.

subjetivação. Nos vídeos pornô divulgados no currículo *bareback*, há uma estilização de si em evidência que coloca em circulação a demanda para que outros indivíduos também sigam esse *estilo* de condução de si. Dessa maneira, a pedagogia não diz apenas de questões epistemológicas – o que os indivíduos devem saber e pensar sobre sexo –, conforme defende Greteman, mas para pensar nas relações e produção de sujeitos ou, nas palavras do autor, pensar “em como sujeitos emergem em relação a outros sujeitos” (GRETEMAN, 2013, p. 24, tradução minha). Nessa perspectiva da relação dos sujeitos consigo mesmos e com os outros, explicitada como um estilo de vida divulgado no ciberespaço, apresento duas pedagogias, em dois *takes*, em atuação no *currículo bareback*, iniciando pela *pedagogia da masculinização*.

No que se refere à masculinidade, parto do entendimento de que “não existe uma única masculinidade e que tampouco é possível falar em formas binárias que supõem a divisão entre formas hegemônicas e subordinadas” (MEDRADO; LYRA, 2008, p. 824). Assim, considero que há “muitas maneiras pelas quais a masculinidade é definida socialmente e as diferenças de poder que existem entre diferentes experiências masculinas e versões da masculinidade” (THÜLER, MEDRADO, 2020, p. 2). Buscando situar minha argumentação e em que perspectiva se baseiam nossas análises para discutir o que chamo aqui de *pedagogia da masculinização*, descrevo, na sequência, quais são as marcas da masculinidade nessa pedagogia.

4.2 Take 1: Pedagogia da masculinização

Em um lugar que parece ser um quarto, um pouco escuro, encontramos um homem negro e aparentemente forte, que conduz a filmagem de um ângulo de cima para baixo, como se estivesse segurando o aparelho que filma com a mão estendida. Esse homem é o ativo nesse vídeo pornô *bareback* que se inicia mostrando um rapaz negro e magro já despido. Com foco no corpo desse rapaz, que é mostrado de peito para cima, deitado na cama, com os braços segurando a cabeça, as pernas para o alto e usando um boné de maneira a tapar o rosto. O que está sendo ativo diz com voz grossa e firme: “- Abre bem as pernas, negão, bem as pernas. Gosta assim?”. Uma terceira voz pergunta: “- Assim está maneiro?”. Então, o ativo também questiona “- Gosta assim no cuzão?”. Nesse momento, a câmera mostra com foco o pau sem preservativo entrando lentamente no cu do passivo, evidenciando que se trata de uma prática *bareback*. O passivo, aparentemente sentindo algum incômodo, diz “- Caralho!”. O ativo responde “- E é cheio de marra o filho da puta”. Na continuação do sexo, pode-se acompanhar o seguinte diálogo:

(Ativo) - Eu quero mandar um beijinho para a namoradinha que liberou na sexta-feira. Vai ver mais tarde?
 (Passivo) - Só mais tarde.
 (Ativo) - Só mais tarde? Fala: um beijo, amor.
 (Passivo) - Um beijo, amor.
 (Ativo) - Cruza os bracinhos pra mim, bem marrentinho. Não, embaixo, aí. (aqui o passivo obedece ao ativo, fazendo exatamente como ele pediu). Posso brincar na sua bunda?
 (Passivo) - Pode.
 (Ativo) - Posso brincar no cu?
 (Passivo) - Vai devagar irmão.
 (Ativo) - É devagar? Show. Chamei o brother para fazer aquela parceria maneira, eu vou pincelando porque o negão não aguenta muito. Um homem desse tamanho (...) fica com os bracinhos cruzados assim ô. É bem gostoso.
 (Passivo) - Ah porra, caralho. Ai, pera aí.
 (Ativo) - Não, não fecha as pernas não, porra. Não gosta de pica, porra? Deixa as pernas arreganhadas, tá gostoso?
 (Passivo) - É grossa, mano.
 (Ativo) - É grossa?
 (Passivo) - Porra!
 (Ativo) - Estou só no cabeção, negão. Qual foi maluco? Só no cabeção [o ativo fala assim, porque até aqui ele ainda não penetrou completamente o pau, apenas colocando e tirando algumas vezes sem preservativo a glândula]. Quem vê esse filho da puta na rua pensa que é um machão.
 (Passivo) - Pera!
 (Ativo) - Não vou perar porra nenhuma, fica na sua aí, irmão.
 (Passivo) - Tira só um pouquinho.
 (Ativo) - É assim, bem gostoso.
 (Passivo) - Ai, porra.
 (Ativo) - Isso, isso...Pode ir falando comigo que eu quero depois ouvir você e tocar punheta gostoso. Seu viadinho do caralho, sua putinha. Toma...[aqui ele já penetra sem preservativo um pouco mais o pau além da glândula]
 (Passivo) - Que pica é essa, meu irmão? Porra!
 (Ativo) - Abra as pernas que eu vou te dar um porradão. Fala pra mim que você gosta de rola...
 (Passivo) - Porra, eu gosto de rola... Caralho, é grossa, meu irmão.
 (Ativo) - Meu nome é Gustavo. Fala: vai, Gustavo...
 (Passivo) - Vai, Gustavo... Devagar, devagar....
 (Ativo) - Devagar não. Fala: brinca com meu cu, Gustavo... Fala: brinca com meu cu, Gustavo.
 (Passivo) - Caralho.
 O vídeo encerra¹⁰⁸ (C2, 1min51seg).

As cenas do vídeo descrito têm duração de apenas 1 minuto e 51 segundos e compõem um dos vídeos do grupo 3 dos vídeos pornô *bareback* minuciosamente descritos no APÊNDICE desta tese. Está localizado no currículo *bareback* em um post datado de 12 de fevereiro de 2019 do blog blogbarebackbr.blogspot.com que tem como título “Cafuços fodem

¹⁰⁸ A descrição completa de todos os vídeos utilizados para as análises nesta tese encontra-se no APÊNDICE.

com força”. O pequeno enredo apresentado é protagonizado por dois homens que, aparentemente, correspondem aos estereótipos de gênero designados ao sexo masculino: as vozes são grossas, não há trejeitos efeminados nos corpos. De forma proeminente, a construção do diálogo feito no ato sexual parece reforçar esses estereótipos. Mostra-se, por exemplo, que o rapaz passivo tem uma namorada, valorizam-se os traços masculinos dele ao pedir para ele ficar “bem marrentinho” e ao evidenciar sua altura: “um homem desse tamanho”. Junto a isso, em toda a relação sexual, não há presença de carinho, como abraços, beijos, cuidado, nem da demonstração de sentimentos. A cena, pelo contrário, ressalta que se trata de uma relação casual, pois o passivo possivelmente nem sabia o nome do parceiro, que fala seu nome durante a relação: “- Meu nome é Gustavo. Fala, vai, Gustavo...”. Tais aspectos dizem também da construção de uma masculinidade normalizada imbricada com a prática sexual *bareback* evidenciada nessa cena. Essa construção também aparece em outros vídeos divulgados no *currículo bareback*, como irei mostrar na sequência deste *take*.

Gênero e sexualidade se embaralham nessas cenas pornôns *bareback*, disputando protagonismo. No que se refere à sexualidade, através do diálogo estabelecido, percebe-se que o rapaz que está sendo passivo tem uma namorada, pois o ativo pede que ele mande “um beijinho para a namoradinha”, o que parece possível dizer que, em alguma instância da sua vida, ele segue a ordem normativa sexo – gênero – sexualidade. Nesta, o indivíduo do sexo masculino com pênis deve performar atitudes designadas ao seu gênero, como, por exemplo, ter voz grossa, os modos de andar, de se portar, gesticular devem estar inscritos naquilo que se entende como próprio do homem. O homem, nessa norma, deve andar de forma mais contida, sem rebolado, balançando os ombros e não os quadris. Ao se portar, deve regular a entonação da voz, escolher roupas designadas como masculinas e gesticular evitando traços considerados efeminados, como, por exemplo, falar com gestos balançando, demasiadamente, as mãos. Além disso, ele deve também estabelecer relações de desejo e prazer com o sexo oposto.

Nesse sentido, afirmo que, em algum momento, o passivo parece corresponder a essas prescrições, algo que aqui aparece também como norma, com o que é vivível e visível. Quando, em algum momento, ele foge a essas prescrições, isso parece ser feito de modo escondido. As cenas do vídeo descrito parecem indicar que ninguém sabe que o passivo se encontra para ter relações homoeróticas, pois o ativo fala: “- (...) Quem vê esse filho da puta na rua pensa que é um machão”. Ressalta-se ainda que ele vai ver a namorada só mais tarde, indicando talvez uma ironia, que ele está tendo relações sexuais com um homem, mas ainda vai ver a namorada. A questão de a prática *bareback* se inscrever, de forma proeminente, como “sexo casual ou

anônimo” (HALPERIN, 2007, p. 13), assim como acontece nas cenas pornô *bareback* em destaque, parece favorecer, de algum modo, o envolvimento de homens com modos de condução da conduta prevalentemente normativo. Isto é, como se trata de uma prática que se dá de modo casual e/ou anônimo, pode ser mais fácil realizá-la escondido. Ao fazer assim, o que se expõe e se torna visível é a reiteração da norma regida pela linearidade sexo – gênero – sexualidade (BUTLER, 2003), dissimulando, portanto, possíveis incoerências.

Apesar de, mesmo escondidos, o ativo e o passivo romperem com essa linearidade, é sobre o passivo que a vigilância dessa norma parece incidir com mais força. Não corresponder na totalidade a essa tríade fragiliza a suposta normalidade desse indivíduo e é uma forma de questionar não somente sua sexualidade, mas também seu gênero. Isso pode ser percebido no mesmo trecho do vídeo pornô que acabei de destacar: “- Quem vê esse filho da puta na rua pensa que é um machão”.

É reconhecido nessa cena de *vídeo pornô bareback* que o corpo do “negão” corresponde às normas de gênero, inclusive isso é valorizado, ressaltado e visibilizado ao longo das cenas. Fala-se que ele é “cheio de marra”; pede-se-lhe que demonstre ser “bem marrentinho”; chama-se-o de “brother”; afirma-se que ele é um “homem desse tamanho”; pede-se-lhe que “fique com bracinhos cruzados”. Os termos “marra” e “marrentinho” designam um homem cheio de marra, coragem, ousadia. Já “brother”, nas relações sexuais entre homens, é utilizado para conferir certa qualidade masculina aos corpos envolvidos, de maneira que a palavra *brotheragem*, derivada de *brother*, representa “uma parceria, informando que não busca uma relação amorosa, mas sim uma *brotheragem*, ou seja, uma parceria masculina para relações sexuais, sem comprometer sua masculinidade e heterossexualidade” (NASCIMENTO et al, 2019, p. 3). Junto a isso, ressalta-se, no vídeo, que ele é um “homem desse tamanho” evidenciando, assim, sua altura sendo um homem de grande porte que tem um físico que parece corresponder à masculinidade. Pedir para que ele fique “com bracinhos cruzados” é também um modo de regular sua postura para que ele permaneça de maneira mais próxima à do comportamento generificado masculino. O acionamento da palavra “negão”, por sua vez, e a visibilidade desse corpo são também algo que provoca o cruzamento entre gênero, sexualidade e raça. Conforme Oliveira (2017, p. 31) mostrou em sua pesquisa, “a negritude se apresenta como uma extensão da heterossexualidade, da mesma maneira que as sexualidades discordantes pareciam exclusivas de pessoas brancas”. Isso porque a sexualidade é fabricada amalgamada com o gênero e em conexão com raça.

De acordo com Caetano, Teixeira e Silva Junior (2019, p. 42), ainda que, “majoritariamente, seja lida como identidade subalterna em decorrência do racismo e/ou classe social, o homem negro também é enaltecido pelo padrão hegemônico como modelo de virilidade, força e coragem”, dessa forma, “‘o macho negro’ passa a ser visualizado como padrão de virilidade, pujante e dotado sexualmente” (CAETANO; TEIXEIRA; SILVA JUNIOR, 2019, p. 42). Trata-se de qualidades, portanto, conferidas aos corpos de homens com pênis que performam o gênero masculino. Assim, entende-se que “é no interior dessa organização da masculinidade que emerge a ideia de ‘negão’” (CAETANO; TEIXEIRA; SILVA JUNIOR, 2019, p. 42).

Nesse sentido, “personagem performatizada pelos homens negros, o negão posiciona-se entre a exaltação da virilidade esboçada na apresentação do falo, dos músculos, da força e, sobretudo, no desempenho sexual” (CAETANO; TEIXEIRA; SILVA JUNIOR, 2019, p. 42). Todas essas características que dão existência ao corpo negro incidem e pesam também na fabricação da sexualidade. Assim, “as experiências discursivas em torno do ‘negão’ nos evidenciam a defesa da masculinidade negra ancorada nos valores heteronormativos” (CAETANO; TEIXEIRA; SILVA JUNIOR, 2019, p. 42), de maneira que “os limites determinados a partir do ‘negão’ não permitem a exibição pública de outras sexualidades, mesmo que, na dimensão privada da vida, outras performatividades possam ser vividas” (CAETANO; TEIXEIRA; SILVA JUNIOR, 2019, p. 42). Talvez, por isso, nessa cena de vídeo pornô *bareback* destacada, o ativo afirma em relação ao corpo negro: “– (...) Quem vê esse filho da puta na rua pensa que é um machão” logo após chamar o parceiro de “negão”. Parece que há um reconhecimento de que esse corpo negro representa toda essa construção discursiva que o vincula à masculinidade, que, por extensão, faz-se reconhecer nele uma presumida heterossexualidade. Valorizando, pois, essa masculinidade, a composição das cenas é constituída para valorizá-la, exibi-la, acentuá-la.

No entanto, ao mesmo tempo, essa masculinidade é ameaçada pela homossexualidade. Apesar de o “negão”, aparentemente, corresponder a essas prescrições generificadas, ele está sendo passivo, algo que parece retirá-lo desse lugar coerente da masculinidade atribuída ao seu corpo. Então, em um momento das cenas, isso é ressaltado e o ativo dirige-se ao “negão” da seguinte forma: “– (...) Seu viadinho do caralho, sua putinha. Toma...”. É atribuída aqui a homossexualidade ao “negão” que está sendo passivo, sem necessariamente saber se ele percebe-se ou sente-se homossexual. Isso está vinculado ao modo como as homossexualidades são construídas em relação ao gênero e ao desejo também. Percebe-se que o termo “viadinho”

está no diminutivo, o que parece retirar o valor antes atribuído ao corpo negro que era, então, chamado de “negão”, em seguida, ele é chamado de “putinha”, adjetivo no feminino e diminutivo.

Na seção anterior, já mostrei como esse adjetivo está vinculado a uma noção de feminino como aquele que é dominado e os efeitos desse entendimento. Reitera-se, nessa cena, quando o “negão” é passivo, a partir da utilização desse termo no feminino e diminutivo, o lugar da mulher como objeto de desejo articulado com a passividade. O “viadinho” é assim constituído, em relação ao gênero, como aquele que não corresponde ao gênero masculino, mas é também aquele que não é heterossexual, sendo reconhecido pelo seu desejo pelo mesmo sexo. Esses são os modos mais proeminentes de construção de uma maneira de entender a homossexualidade, de modo fixo e homogêneo. Ferrari (2007, p. 156) mostra como “o desejo está intimamente ligado ao entendimento da homossexualidade”. Dito de outra forma, é possível pensar “a criação da homossexualidade como objeto inventado pelo desejo” (FERRARI, 2007, p. 161). Desse modo, quando um homem deseja sexualmente ou afetuosamente outro homem, inscreve-se esse homem como homossexual, generalizando e universalizando o desejo. No entanto, ao abordar especificamente essa produção discursiva que vincula homossexualidade e desejo em grupos gays, o autor afirma que “a relação originária entre corpo, desejo e homossexualidade é imaginativa”, a homossexualidade, é, pois, “resultado da construção entre imaginação, experiências e discursos. Isso faz com que haja todo um esforço discursivo de construção dessa imaginação como realidade” (FERRARI, 2007, p. 162).

A classificação do passivo como “viadinho”, nas cenas pornô *bareback* em questão, parece ativar esse entendimento que vincula desejo de um homem por outro homem como homossexualidade. Não sabemos se o passivo se entende e se percebe dessa forma. Isso é feito ainda de forma pejorativa, sendo o termo “viadinho” utilizado para insultar e conferir um sentido negativo e inferior à homossexualidade (FONSECA, 2016). Nomeações como essas “são traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo” (ERIBON, 2008, p.27). Nesse sentido, o xingamento, em nossa cultura, “mostra, justamente por ser ofensivo, o lugar que não se deve ocupar e nem se constituir subjetivamente” (ZANELLO, 2008, p. 2). Daí a utilização do termo “viadinho” para, possivelmente, insultar o homem que deseja outro homem.

É possível ainda dizer que, quando o ativo chama o “negão” de “viadinho”, é uma forma de ele se afirmar como homem e/ou como hetero, se retomarmos, como já argumentei no capítulo anterior, que são atribuídas ao ativo “o controle e a iniciativa como condições que

definem e fixam a condição de homem” (ANDREU, 2014, p. 47), de maneira que, “invariavelmente, questiona-se a masculinidade daquele que é penetrado, oral ou analmente, por situar-se na esfera do feminino” (VIEIRA, 2011, p. 32). Assim, por um lado, tanto a masculinidade do “negão” quanto sua sexualidade são questionadas porque ele está passivo nessa cena. Por outro lado, o ativo não atribui a si mesmo esse questionamento.

O fato de ele ser ativo na cena parece garantir sua posição de macho, que o posiciona, inclusive, como tendo autoridade de dizer quem é o outro, de fazer questionamentos e insultos. Ele, assim, não seria “viadinho”, por ser o ativo. A forma de condução da conduta no sexo com insultos e sem afeto constitui a masculinidade do ativo também, não há uma intenção afetiva na cena, pelo contrário, uma tensão é criada na forma de diálogo. Percebemos também que o passivo não contesta as afirmações a ele direcionadas. Isso parece mostrar que ele pensa que isso é algo muito localizado naquele momento do sexo e até incorpore o “viadinho”, ao se posicionar como passivo na relação sexual, sabendo que, ao sair dali, ele vai encontrar a namorada e ser o negão na rua que ninguém pensa que ele seja, em algum momento, “viadinho”. Esse xingamento pode compor apenas um jogo de cena, que constitui a erótica em que provavelmente seu prazer está envolvido, ainda que por um momento muito fugaz. Percebe-se, assim, que, até mesmo nesses momentos, o poder está lá constituindo o prazer e os sujeitos.

No campo erótico, esses xingamentos adquirem também outros valores. Conforme mostra Zanello (2008, p. 4), ao analisar contos eróticos no ciberespaço, “a incidência constante da maior parte dos xingamentos sexuais, considerados ofensivos na esfera pública, possuindo agora caráter erótico, excitante, na esfera privada”. Mas, se não aparecem no campo erótico como vontade de ofender, aparecem vinculados ao desejo de humilhar, sendo esse, pois, um desejo predominante no erotismo humano, “seja praticado, ou seja, apenas fantasiado. Isso implica uma transgressão e uma vivência”, cujo sentido subjetivo aparece associado ao “‘de se estar pecando’, ou transgredindo” (ZANELLO, 2008, p. 4). Dessa forma, o xingamento tem “a potencialidade desse caráter de provocar excitação sexual, apontando para uma transgressão daquilo que é prescrito pela regra da economia libidinal da sociedade da qual o sujeito faz parte” (ZANELLO, 2008, p. 5). Nas cenas de vídeo pornô *bareback* em destaque, portanto, quando o ativo chama o passivo de “viadinho”, talvez esteja fazendo referência a essa transgressão que um corpo de homem “negão” que performa masculinidade está cometendo ao ser passivo nessa relação, colocando, assim, em atuação, uma *pedagogia da masculinização* que opera em articulação com gênero, sexualidade e raça.

As imagens e os modelos de performance acionados nessa cena de vídeo pornô *bareback* apresentada são aqueles que já estão presentes dentro de uma discursividade usualmente utilizada a que nos acostumamos a associar a modelos de masculinidade inscritos em normas de gênero. Utilizo essa cena e outros vídeos pornôs para mostrar neste *take* que tipo de homem é produzido e desejado no currículo aqui investigado, como algumas imagens de homens são acionadas para compor determinada representação masculina, que aqui também se constitui como uma prescrição sobre modos de ser e agir na prática *bareback*. Nesse sentido, entendo que há uma pedagogia em atuação nesse currículo, a *pedagogia da masculinização*.

A *pedagogia da masculinização* diz dos processos, em atuação no *currículo bareback*, para produção do *bareback* como uma prática masculina, o que incide na constituição de um tipo específico de *jovem homem barebacker*. Homem aqui no sentido normativo que lhe podemos atribuir. Os corpos são musculosos, os movimentos e gestos das mãos, dos braços e do andar conformam aquilo que é prescrito para um corpo masculino. Há um certo investimento para se adaptar e se ajustar ao discurso normativo de gênero, buscando estabilizar os corpos no território masculino, ampliando as possibilidades para que isso seja mostrado. O discurso de masculinidade é aqui acionado expulsando qualquer referência a traços afeminados ou delicados, evidenciando, através dos corpos em cena, os atributos físicos de macho viril. A regularidade com que essas características são divulgadas em diversos vídeos pornôs no *currículo bareback* evidencia uma série de requisitos que precisa ser atendida para ser considerado um homem *barebacker*. A *pedagogia da masculinização* adota o que Miskolci (2015, p. 69) chamou de “tecnologias generificadas, ou, mais claramente, masculinizantes”, disponibilizando, por meio da pornografia, “modelos regulatórios sobre como ser, a quem desejar e o que fazer”. Trata-se, assim, de uma prática discursiva que engendra um tipo específico de *jovem homem barebacker*.

Essa primeira cena pornô *bareback* é composta por um diálogo, o que, de algum modo, ajuda a tornar mais visível a *pedagogia da masculinização*. Apesar de, na maioria dos vídeos pornôs divulgados no *currículo bareback*, não haver diálogos, é possível localizar nele pelo menos cinco técnicas, algumas delas presentes nessa cena, constituindo essa pedagogia e adensando os múltiplos exercícios que regulam, organizam e divulgam formas possíveis de ser um *jovem homem barebacker*. Essas técnicas que podem ser localizadas nos *vídeos pornôs* que passo agora a analisar são: (1) técnica da definição dos lugares e disposição dos objetos; (2) técnica da caracterização dos homens em cena; (3) técnica da exibição de corpos magros e “sarados”; (4) técnica da expressão da voz masculina dos personagens; e (5) técnica da redução

das expressões de carinho e sentimentos de afeto. Pretendo mostrar neste *take* que essas técnicas estão articuladas, imbricadas e, por vezes, amalgamadas. Entendo que essas técnicas são mobilizadas discursivamente para que o espectador aprenda formas adequadas de ser *jovem homem barebacker*, modos corretos de ter relações sexuais no âmbito da prática do *bareback*, práticas que precisam exercitar e maneiras de se conduzir. Assim, um conjunto de condutas é apresentado como apropriado e pertinente ao *jovem homem barebacker*.

No que se refere à primeira técnica, a saber, a técnica da definição dos lugares onde as cenas são filmadas em conjunto com os objetos dispostos nesses espaços, percebe-se que as cenas pornô *barebackers* ocorrem em diversos espaços, de forma mais notável no quarto. No entanto, há um certo investimento em recorrer a alguns espaços que, de alguma forma, estão relacionados à masculinidade. Quando isso não ocorre, alguns objetos que também remetem à masculinidade são dispostos e apresentados em cena compondo a pedagogia em análise neste *take*. A seguir, trago alguns trechos de outros vídeos pornô *barebackers* evidenciando esses aspectos:

O vídeo começa mostrando quatro homens “sarados” e brancos *em uma academia* sendo apalpadados por um homem que parece mais velho, branco e careca. Esse último está sentado em um aparelho chamado de voador, utilizado para malhar peitoral. Alguns dos homens estão com uma tolha pequena no ombro. Eles começam, um a um, a tirar os próprios shorts e, em seguida, o mais velho faz sexo oral sem preservativos em cada um deles. (B1, 0 segundos, 13 minutos e 5 segundos).

(...) todos pelados, *assistindo à luta de boxe na televisão*, aparentemente comentando a luta, mas também excitados e de paus eretos. (B3, 12 minutos e 13 segundos.)

(...) mostram-se roupas espalhadas pelo chão, *uma prancha de surf e um skate próximo à televisão*. A câmera alterna a filmagem entre os dois casais que estão envolvidos em penetração sem preservativo (D3, 4 minutos e 8 segundos)

Esse vídeo começa em uma festa eletrônica, mostra um sujeito de costas dançando e, em seguida, corta para um ambiente onde alguns homens jovens *jogam sinuca* (E1, 0 segundo a 5 min e 31 segundos)

O que conecta essas diferentes cenas de vídeos pornô, além de em todas elas os participantes estarem envolvidos em sexo *bareback*, é a referência à prática de atividade física e/ou de esporte. Essa prática é encontrada, pois, através da exibição de lugares específicos, como uma academia, e disposição de alguns objetos, como a televisão exibindo uma luta de boxe, prancha de surf, skate e mesa de sinuca. Diante dessa referência que ocorre em vários vídeos pornô divulgados no currículo aqui investigado, problematizo, na sequência, como a prática sexual *bareback* se produz amalgamada com os signos da masculinidade inscritos em determinadas práticas esportivas, ativando, assim, a *pedagogia da masculinização* nesse

currículo. A técnica da definição dos lugares onde as cenas são filmadas, em conjunto com os objetos dispostos nesses espaços, funciona em articulação com uma outra técnica: a técnica da exibição de corpos magros e “sarados”, pois há uma associação desses corpos às academias de ginástica, como também a outros esportes. Busco analisar os vídeos descrevendo também outros trechos, para mostrar a articulação dessas duas técnicas.

A filmagem no espaço de uma academia de ginástica, que aparece no trecho destacado do filme B1, compõe com os corpos que são visibilizados em outros vídeos pornô *bareback*: corpos magros e “sarados”, conforme é possível ver em alguns trechos de alguns filmes descritos a seguir:

A câmera inicia a filmagem acompanhando um homem de corpo branco, magro e tatuado, de costas, que segue por um corredor até chegar ao quarto onde dois outros homens estão numa cena de penetração sem preservativo. *Esses também são magros e brancos, um deles um pouco mais “sarado”* (A1, 00 a 5 min e 6 segundos).

São muitos homens, quase *todos brancos, magros ou “sarados”*, há apenas dois negros. (C1, 0 segundos a 24 minutos e 04 segundo).

(...) seis homens, dois negros e os demais brancos. *Todos eles são magros ou “sarados”, musculosos* (D1, 0 segundos a 25 minutos e 45 segundos).

Outros trechos similares a esses poderiam ser aqui justapostos, tamanha a recorrência da exibição desse tipo de corpos nas cenas de sexo *bareback* nos vídeos pornô aqui analisados. Eles ocupariam muitas páginas deste capítulo, pois são abundantes nas descrições que faço dessas cenas, como pode ser visto no APÊNDICE desta tese. De todo modo, com isso, o que se pode perceber é que os corpos que são demandados no *currículo bareback* são, de maneira mais proeminente, corpos magros¹⁰⁹, fortes e “sarados”. Junto a isso, há outros desdobramentos importantes com a presença desses corpos nos vídeos pornô *bareback*. Quando é colocado em uma cena, como a do trecho B1, um aparelho como o voador, utilizado nas práticas de atividades físicas de musculação, alguns homens “sarados” sem camisa e com toalha nos ombros, como se tivessem acabado de malhar, há um certo investimento que diz não somente quais corpos são demandados na prática sexual *bareback*, mas também como a produção desses corpos está atrelada à constituição de uma masculinidade específica. É como se esse espaço da academia acionado no vídeo engendrasses a masculinidade que é prescrita no currículo aqui investigado para o *jovem homem barebacker*. As atividades de musculação nas academias de ginásticas estão, de algum modo, imbricadas com a busca de certa masculinização como um conjunto de

¹⁰⁹ Os corpos magros que aparecem nos vídeos pornô têm uma sutil diferença com o que nomeio aqui de corpos sarados, pois esses últimos são mais delineados e aparentemente mais musculosos. Os primeiros são distintos também de um corpo magro, doente e frágil, assim como os sarados são fortes e, ao que parece, saudáveis.

virilidade a ser construído, perseguido e demonstrado (CHAVES, 2010; SILVA; FERREIRA, 2016).

O espaço da musculação parece ser associado com a presença de corpos fortes e viris, como os que aparecem no vídeo pornô a que se refere a primeira descrição em destaque. Silva e Ferreira (2016, p. 93) sublinham, em uma pesquisa, como alguns alunos de academia de ginástica “pareciam cultivar ou almejar um tipo ideal androcêntrico no espaço da musculação na medida em que eram ‘fortes’ e ‘viris’ de forma a suportar a dor aguda ou crônica”. O autor e a autora ainda afirmam que as concepções de saúde e estética dos homens que buscam atividades de musculação nas academias de ginástica “vêm atreladas aos atributos corporais ou às atitudes ligadas classicamente à masculinidade, como força, honra e bem-estar físico” (SILVA; FERREIRA, 2016, p. 90).

A *pedagogia da masculinização*, através da articulação das técnicas da definição dos lugares onde as cenas são filmadas, em conjunto com os objetos dispostos nesses espaços e a técnica da exibição de corpos magros e “sarados” mobilizadas na divulgação do sexo entre homens feita nos vídeos pornôs *bareback*, não incide somente na produção de corpos masculinizados. A presença dos corpos “sarados”, que parecem demonstrar ter força física, mostra outros efeitos de poder do *currículo bareback*. Com o advento da aids e sua vinculação à homossexualidade, afastar-se da homossexualidade era um modo de se distanciar de um estereótipo que reiterava o homossexual como uma figura patológica. Nesse sentido, a expressão “fora do meio gay” emerge para caracterizar aquelas pessoas que, mesmo que vivenciassem práticas homoeróticas, não se aproximavam dessa discursividade que, então, constituía a homossexualidade (MISKOLCI, 2014). Assim, o homem malhado e macho performava que se tratava de um corpo saudável. De acordo com Miskolci (2014), os corpos “sarados” continuam sendo um modo de se afastar da homossexualidade, de maneira que “uma corporalidade em que músculos são vistos como sinônimo de saúde e/ou aparência heterossexual” (MISKOLCI, 2014, p. 71). O modelo de masculinidade que a prática do *bareback* demanda, através dos vídeos pornôs, está, de algum modo, nas sutilezas de operação do poder e produção de verdade sobre essa prática, inscrevendo-a como uma prática de pessoas saudáveis, ainda que o discurso da prevenção diga o contrário. Para compreender essa afirmação, é necessário mostrar como outros discursos funcionam no presente.

A partir de pesquisas realizadas sobre a construção do corpo no Brasil, Chaves (2010) observa que há uma crescente valorização da aparência corporal, pois, através do corpo, deve-se exprimir saúde, erotismo e sensualidade. O autor ainda ressalta que “essa valorização do

corpo se propaga como sinônimo de juventude, força e beleza” (CHAVES, 2010, p. 14). Assim, uma série de procedimentos e exercícios são disponibilizados para que as pessoas tornem seus corpos de acordo com os padrões de beleza demandados, seja pelo consumo de produtos farmacêuticos-nutricionais e/ou pela frequência às academias. Dessa forma, “a postura da boa saúde, está diretamente relacionada com a aparência física, a não fragilidade do corpo, isto é, a visibilidade do corpo em forma” (CHAVES, 2010, p. 97), de modo que “manter a saúde passou na contemporaneidade” a ser associado a “manter a boa forma física” (CHAVES, 2010, p. 98). No que se refere mais especificamente às práticas de musculação, o autor sugere que, além de estarem ligadas a uma ideia de saúde, elas também aparecem vinculadas à masculinidade. Assim, além de os praticantes de musculação se sentirem “protegidos de doenças a partir do momento que encaram essa prática como um elemento crucial na sua qualidade de vida” (CHAVES, 2010, p. 98), entre eles, parece “existir uma ideia de que a verdadeira masculinidade está diretamente ligada à imagem corporal, que se traduz nos músculos, gestos e postura, contrapondo as características tidas típicas do feminino, como fraqueza e suavidade, que, como consequência, ameaçam a sua masculinidade” (CHAVES, 2010, p. 125). Dessa maneira, “um corpo musculoso, além de ícone desta masculinidade, pode servir como defesa da mesma” (SABINO, 2000, p. 94).

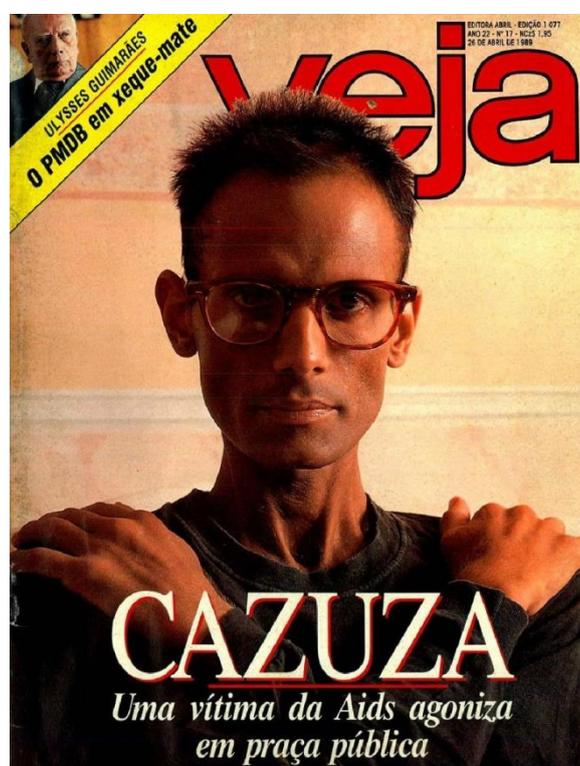
Nesse sentido, compreendo que há uma técnica discursiva colocada em funcionamento quando se articula a ênfase da presença de corpos “sarados” e cenas como essa em academia vista no trecho do vídeo B1. Trata-se da produção de um tipo específico de sujeito inscrita nos corpos que aparecem nesses vídeos pornô: masculino, saudável. Junto a essas características, no *currículo bareback* parece haver, de modo proeminente, uma associação dessas características com a juventude, já que os corpos que mais aparecem nos vídeos pornô divulgados são corpos de jovens. Trata-se de uma conexão que, quando emerge em práticas sexuais sem preservativo, parece concorrer, de algum modo, com o discurso da prevenção, no qual a saúde está proeminente ligada ao sexo “mais seguro”, ao sexo com preservativo. Assim, nesse currículo, inventam-se e empregam-se técnicas particulares para suscitar interesses e escolhas no *jovem homem barebacker*. Os corpos visibilizados e as cenas produzidas fazem parte de uma série de processos envolvidos na produção de uma subjetividade *barebacker* constituída por corpos masculinos, saudáveis e, eminentemente, juvenis.

Desse modo, essas cenas com corpos sarados são também responsáveis pela criação e divulgação de uma verdade acerca da prática *bareback*: a de que a condução da conduta a ela vinculada é uma ação também de pessoas saudáveis. Isso parece ser feito tentando produzir nos

indivíduos a possibilidade de que reconheçam nesses corpos um certo conceito de saúde ou que, pelo menos, os corpos sarados não possuem comorbidades e/ou infecções sexualmente transmissíveis que os façam se distanciarem das incitações demandadas no currículo aqui investigado. Vale a pena ressaltar que os corpos divulgados nas práticas sexuais *bareback* nos vídeos pornôns contrastam com “uma das primeiras estilizações corporais historicamente relacionadas com as PVH [Pessoa Vivendo com hiv], o *aidético: homem magro, em semivida, condenado pela doença*” (RIOS, et al, 2019, p. 78 - 79).

Trata-se de uma estilização que também vem das imagens, mostrando sua força discursiva na constituição de verdades. No contexto da análise curricular, Paraíso (2007, p. 172) mostra que a “imagem é uma importante estratégia [...] constitutiva das próprias enunciações divulgadas”, de maneira que “as imagens possuem um papel importante no processo de reconhecimento, nos atributos e nas subjetividades demandadas” (PARAÍSO, 2007, p. 172). Nesse sentido, torna-se significativo destacar que a estilização de um corpo doente com hiv no Brasil se constituiu, predominantemente, da emblemática imagem divulgada na capa da revista *Veja* de 1989 com o cantor Cazuza:

Figura 28 - Capa da *Veja*



Fonte: Revista *Veja* - Editora Abril (1989)

A partir dessa imagem, temos “a cara de Cazuza definindo-se como a cara da AIDS”, tornando-se “a mais conhecida imagem cultural corporificada de uma vítima da AIDS e, sobretudo, de um aidético” (VALE, 2002, p. 185). Desse modo, segundo Vale (2002, p. 185), “ninguém corporificou, materializou mais publicamente a representação cultural da doença, de decadência física e de iminência da morte do que o rock-star Cazuza”. Assim, o que mais caracterizava o “aidético e seus termos equivalentes (o portador; o paciente de AIDS) era seu contraste com as ideias e imagens de pessoas saudáveis” (VALE, 2002, p. 185), encontradas, pois, naquilo que costumamos nomear com corpos sarados, como esses nos vídeos pornô *barebackers*.

Mesmo com o avanço dos tratamentos com antirretrovirais para pessoas que vivem com hiv e até mesmo da divulgação de outras imagens dessas pessoas que aprendem a viver com o vírus, como o “caso de Magic Johnson”¹¹⁰, uma “combinação de ideias de doença, coragem, força física e saúde” (VALE, 2002, p. 186), o discurso emergido, ou pelo menos adensado, na capa da VEJA, parece incidir muito ainda nos contrastes corporalizados entre saúde e doença. Isso se pensarmos que algumas pessoas ainda “confundem infecção pelo HIV com adoecimento, representando PVH como *magras* e enfermas, e os soronegativos como *aparências saudáveis*” (RIOS et al, 2019, p. 78, grifos meus). Desse modo, em práticas que optam pelo abandono do preservativo encontram-se pessoas que utilizam “a aparência corporal como modo de identificar se alguém é portador do HIV” (RIOS et al, 2019, p. 78).

No âmbito da prática *bareback*, Silva (2009, p. 688) afirma que, no que concerne à “importância da aparência dos participantes nos encontros ou *festas bare*, principalmente em relação à imagem da AIDS materializada no corpo, fazendo uma referência direta à imagem passada do ‘gay aidético’ – magro demais, frágil, debilitado”, um dos seus interlocutores na pesquisa esclareceu que “essa aparência afasta mais do que ser soropositivo em si”. Em outra pesquisa, Rios et al (2019, p. 82) afirmaram que o “parecer saudável que acena para uma suposta soronegatividade para o HIV, que abre a possibilidade para as emoções positivas aflorarem (em oposição ao *medo*) e o sexo sem camisinha acontecer”.

As pesquisas mostram também que os cuidados com a aparência não se resumem ao engajamento na prática *bareback* com corpos sarados, como esses divulgados nos vídeos pornô

¹¹⁰ Magic Johnson é um ex-basquetebolista estadunidense medalhista olímpico, um dos mais conhecidos da sua carreira. Em reportagem recente, ele diz querer se constituir o “rosto do hiv” no mundo. Ver: <https://ge.globo.com/basquete/nba/noticia/aos-60-anos-magic-johnson-diz-que-comprometeu-se-a-ser-o-rosto-do-hiv-no-mundo.ghtml> Acesso em: 3 ago. 2021.

do *currículo bareback*. Assim, esses cuidados “abarcam tanto questões estéticas, como corte de cabelo, barba, unhas e depilação quanto a atenção à dieta mais adequada” (BARRETO, 2020, p. 114). Barreto (2020) afirma também que os exemplos de cuidado durante as práticas *bareback* são múltiplos: “Eles mantêm muita atenção em relação ao pênis dos parceiros. Ficam atentos a cheiros, manchas, secreções” (BARRETO, 2020, p. 114).

Nesse sentido, compreendo que a predominância dos corpos sarados em cenas nos vídeos pornôis divulgados no currículo aqui investigado faz parte de todo um aparato discursivo que reitera a vinculação deles com a noção de saúde, saudável ou, pelo menos, como uma estratégia de minimização dos riscos inerentes à prática sexual *bareback*. Os significados impregnados discursivamente nesses corpos são mobilizados para dar uma forma válida aos saberes que esse currículo parece constituir, qual seja, dessa prática sexual como saudável. Essa proposição parece ir ao encontro de uma observação feita por Rios et al (2019, p. 85) de que “embora os HSH utilizem conhecimentos biomédicos para orientar suas condutas sexuais [como aqueles que possam assumir a posição de sujeito preper], na vida prática realizam [também] gestões de risco calcadas nas experiências corpóreas por meio de estilizações, vínculos e emoções”. Desse modo, os corpos visibilizados nos vídeos pornôis aqui analisados tornam-se importantes e úteis para a produção de como se pretende construir nesse currículo a prática *bareback*. Produzem, reforçam e reiteram essas experiências corpóreas que tomam certos tipos de estilização para gerir, de algum modo, os riscos inerentes à prática.

Os corpos sarados tornados visíveis, no *currículo bareback*, portanto, parecem servir, predominantemente a dois objetivos: o de vincular a imagem desses corpos constituídos como saudáveis à prática *bareback*, fabricando-a também como saudável, e a outra, de constituir a prática como masculina. Esses objetivos aparecem amalgamados e um remetendo ao outro. No que se refere a esse último objetivo, é possível localizar, nos vídeos observados, outros elementos que remetem à construção da masculinidade imbricados em outras atividades físicas e esportes que também aparecem nos filmes para adensar a correlação desses esportes com a masculinidade.

Seguirei mostrando, portanto, na sequência deste *take*, como isso acontece. Ao utilizar a técnica da definição dos lugares onde as cenas são filmadas, em conjunto com os objetos dispostos nesses espaços, a prática *bareback* também vai sendo produzida amalgamada com os signos de masculinidade então divulgados. Podemos ver, no filme B3, no trecho correspondente aos 12 minutos e 13 segundos, vários homens pelados “assistindo à luta de boxe na televisão, aparentemente comentando a luta, mas também excitados e de paus eretos”. Em outra cena, no

filme D3, aos 4 minutos e 8 segundos, “(...) mostram-se roupas espalhadas pelo chão, uma prancha de surf e um skate próximo à televisão”. E, ainda, no filme E1, em 5 min e 31 segundos, mostra-se “um ambiente onde alguns homens jovens jogam sinuca”.

A construção minuciosa de como, onde e quais elementos compõem o vídeo pornô *bareback* pode tornar visíveis as sensações e os desejos que ele quer provocar. Junto a isso, pode mostrar, no âmbito do sexo entre homens, que homem e qual masculinidade são produzidos e demandados. Nesse sentido, a vinculação do sexo entre homens, os corpos “sarados” e as referências esportivas, que aparecem representados nos vídeos pornôs, conferem a esses homens uma masculinidade inscrita em normas de gênero. Conforme destacam Gastaldo e Braga (2011, p. 884), “as diferentes práticas esportivas fornecem em nossa sociedade lugar e oportunidade para colocar em ação o desejo de competitividade de um indivíduo”. A competitividade, por sua vez, nessa sociedade, “é exacerbada e por vezes exigida socialmente, a aceitação de desafios sendo frequentemente uma das medidas da masculinidade” (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 882).

Nesse sentido, o autor e a autora ressaltam ainda que “a valorização do caráter agonístico nos esportes está relacionada com a reprodução de valores considerados masculinos” (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 886). Disputas, competições e demonstrações de força física constituem os esportes e conferem inteligibilidade para a construção de uma masculinidade valorizada, demandada e prescrita aos corpos de homens. Nesse âmbito, entende-se “a noção de força física como uma das medidas da masculinidade” (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 885), de maneira que “força física e coragem física tornam-se identificadas com força moral e coragem moral”¹¹¹ sendo associadas a “um emblema da masculinidade” (GAGNON, 1981, p. 142-143, tradução minha). Trata-se de algo valorizado a partir de atos performativos direcionados aos corpos de meninos desde crianças, quando se incentiva, por exemplo, o engajamento desses corpos em diversas práticas esportivas e competitivas.

Percebe-se como alguns esportes se destacam na discursividade da masculinidade, como, por exemplo, o boxe. Esse esporte também aparece compondo cenas dos vídeos pornôs divulgadas no *currículo bareback*, enquanto os homens estão transando, conferindo àqueles homens, portanto, uma certa masculinidade.

A articulação, feita nos vídeos pornôs disponibilizados no *currículo bareback*, entre os elementos corpos “sarados”, esportes e sexo *bareback* entre homens, aplicada à *pedagogia da masculinização*, valoriza e legitima normas de gênero. Trata-se aqui de uma utilização

¹¹¹ Original em inglês.

estratégica e produtiva que se constitui como uma prática social generificada que diz quais corpos de homens são desejados.

Seguindo na direção do *take* da *pedagogia da masculinização*, percebo que outra técnica também é utilizada nas cenas dos vídeos pornôns para conferir certa masculinidade aos corpos e constituir a montagem das práticas heterogêneas dessa pedagogia vinculada à prática *bareback*. Trata-se da caracterização dos homens em cena, representada pela escolha específica de roupas, cortes de cabelo e acessórios utilizados pelos homens envolvidos nessa prática nos vídeos pornôns:

O homem que está de pé usa cabelo curto bem raspado, tem várias tatuagens no corpo, um relógio no braço esquerdo e veste uma camiseta regata preta segurando-a até o peito. O homem que está de joelhos também usa uma camiseta preta e um boné virado para trás (A3, 00 a 29 segundos).

Exibe-se um quarto com poucos objetos, um quadro na parede, uma cadeira e uma mesa. Mostra também mais dois homens, esses ainda vestidos. Um branco e um negro. O branco usa camisa estilo polo listrada e calça jeans. O negro está de boné, usa uma regata larga, branca e está com uma mochila preta nas costas (A3, 00 a 29 segundos).

Os outros dois estão conversando em inglês (devido aos gemidos daqueles que estão transando sem preservativo é difícil identificar o que eles falam). Dos homens que estão conversando, há um sentado, vestindo uma calça jeans clara, uma camiseta tipo jogador de basquete e segurando uma lata de cerveja. O outro, como a câmera o filma de costas, é apenas identificável que ele está sem camisa, com um short de tecido leve e um pouco caído, de modo que é possível ver sua cueca preta (B3, 0 seg a 55 segundos).

Assim como no trecho destacado do filme A3, é recorrente, nos vídeos pornôns divulgados no currículo *bareback*, que os homens tenham cabelos curtos. O cabelo curto parece ser um elemento estilístico vinculado à *pedagogia da masculinização* à medida que reforça os estereótipos de homem viril. A historiadora Michelle Perrot (2006) mostra como o cabelo raspado, por um longo período de tempo, significou um sinal de virilidade. No polo oposto, “o cabelo comprido é um atributo de efeminação, inclusive, tendo ideais pautados na Bíblia, onde o apóstolo Paulo condenava os longos fios para os homens” (SASSO, 2018, p. 112)¹¹². Assim, “em muitos momentos da história, a ausência de cabelos significou virilidade, como na Roma antiga e para os Nazistas” (SASSO, 2018, p. 112).

Se pensarmos que “modelos de masculinidade podem ser reforçados pela forma como os homens se vestem” (DUTRA, 2007, p. 359), as roupas usadas pelos protagonistas dos vídeos

¹¹² Destaco aqui que essa narrativa se dá em meio a relações de poder para se constituir como verdade. Assim, existem outras narrativas que concorrem com essa que vincula masculinidade ao cabelo curto. Na Bíblia mesmo, existe a famosa história de Sansão, um homem de grande força que tinha cabelos compridos.

pornôs *bareback* também são importantes de serem observadas. De acordo com Dutra (2007), enquanto a moda é associada às mulheres e aos homossexuais, dos homens heteros espera-se que eles sigam o padrão clássico de vestimenta, como, por exemplo, calça e camisa, de modo que, quando saem desse padrão, é comum ouvir a pergunta “onde você comprou esta roupa tem para homem?” (DUTRA, 2007, p. 368). Essa pergunta traz para a cena mais uma vez a disputa por protagonismo entre gênero e sexualidade. Isso porque ela é direcionada ao homem heterossexual, aquele que segue a linearidade sexo – gênero – sexualidade (BUTLER, 2003). A pergunta, portanto, tem duplo efeito, incidindo, assim, na produção do gênero de quem a escolheu, pois é questionado se havia roupa para o homem, o macho. Junto a isso, diz também da sexualidade, porque podem existir roupas que homens vestem que podem ser mais próximas das roupas caracterizadas como femininas. Ao não corresponder aos pressupostos de gênero, os homens que vestem essas roupas podem ser questionados sobre seu gênero. Ao serem questionados sobre seu gênero, são percebidos como gays que estão usando uma roupa que não é adequada para homens heterossexuais. Pode ser adequada para gays, mas gays aqui não são percebidos como homens. A partir de uma reflexão similar feita por Ferrari, Gomes e Gomes, podemos inferir, desse modo, que “o homossexual parece ser expulso do gênero masculino” (FERRARI; GOMES; GOMES, 2019, p. 21). Assim, o que é alçado aos signos da inteligibilidade como homem, nesse questionamento, é a sexualidade inscrita na tríade supracitada, é o homem heterossexual, excluindo outras possibilidades de construção do masculino. Talvez seja por isso que os homens que estão fazendo sexo *bareback*, nas cenas dos vídeos pornôs, usem “camiseta regata preta”, “regata larga”; “camisa estilo polo listrada e calça jeans”; “uma calça jeans clara, uma camiseta tipo jogador de basquete”, artigos que podem ser vistos como próprios do vestuário clássico masculino. Além disso, as camisetas utilizadas parecem estrategicamente como um artigo desse vestuário, que deixa à mostra os músculos delineados, tão importantes para a imagem de homem, conforme discuti anteriormente.

De acordo com Soares e Sardenberg (2014, p. 2613), entre outros elementos do vestuário para homens, estão “o boné” e “adereços masculinos, como relógios”. Além de se constituírem como acessórios comumente associados à masculinidade, podem aparecer também como vinculados a um estilo jovial, como mostram Simões, França e Macedo (2010), ao discutirem os jeitos de corpos, cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. Desse modo, o “boné para trás” parece conferir a esses homens um certo ar despojado, juvenil, a “mochila preta nas costas” parece remeter a um aspecto estudantil, a bagunça na sala pode estar associada à construção de que homens jovens são desorganizados.

São aspectos que constituem a verdade do que é ser homem, masculino e jovem nos vídeos pornô do *currículo bareback*. Trata-se de algo que se dá pela reiteração das referências normativas generificadas, algo que é também acentuado nos sons dos filmes, com a técnica da expressão da voz masculina dos personagens percebida por meio da fala e gemidos dos rapazes em cena, como também pela técnica da redução de expressões de afeto e carinho, conforme passo agora a mostrar na sequência deste *take*.

Conforme indica Galvão (2017), o plano sonoro é algo importante nos vídeos pornô. Esses vídeos se apresentam como “iconotextos” que “associam intimamente imagens, vídeos, sons e textos” (GALVÃO, 2017, p. 39). Assim como nos filmes pornô observados por Galvão (2017), os sons dos filmes disponibilizados no *currículo bareback* se constituem, predominantemente, de gemidos, interjeições e palavras de incentivo. No entanto, os sons aqui são também mobilizados para realçar a ativação de uma *pedagogia da masculinização* nos vídeos pornô do currículo aqui investigado. Dessa forma, as vozes e os gemidos ouvidos nesses filmes são vozes graves e grossas, como é possível ver nos trechos de vídeos pornô destacados abaixo:

Ouvem-se muitos gemidos, como “ah!”, prolongados e com voz masculina bem grave (Vídeo A1).

O homem que está de pé pede para que o parceiro faça sexo oral nele (em inglês “suck that, come on, suck it!”), o homem que recebe as ordens geme de modo grave, demonstrando prazer através dos gemidos (algo como “hum”) longos e bem sonoros e do modo como chupa insaciavelmente o pau do parceiro, que está sem preservativo (A3, 00 A 29 segundos).

São vários gemidos agora (“ah!” combinado com “yeah!”, repetidamente). Um dos componentes anuncia que vai gozar dentro do parceiro sem preservativo e começa a gemer de forma forte e grave (A3, 6 minutos e 12 segundos).

A voz é um demarcador de gênero, com características distintivas, atribuem-se a uma voz valores masculinos ou femininos. Inscritas nas normas de gênero, uma voz mais suave e fina é entendida como uma voz feminina, já uma voz mais grave e grossa, uma voz masculina. Em outras palavras, é possível afirmar que “as vozes são organizadas a partir das matrizes gendradas”, utilizadas, assim, para caracterizar “o que seria a voz de mulher e a voz de homem” (CAMOZZATO, 2020, p. 253). Dessa forma, além dos usos das roupas, acessórios, exibição de corpos musculosos, mobilizados pelas técnicas da caracterização dos homens em cena e da exibição de corpos magros e “sarados”, o tom de voz é algo que também constitui a masculinidade (RIBEIRO, 2018; SILVA; TILIO, 2018; DANIEL; FILIPE, 2010). Ao analisar práticas homoeróticas masculinas entre usuários em ambientes virtuais, Braga (2015, p. 236)

mostra que há, nesse espaço, “um esforço de concentração da masculinidade nos componentes simbólicos de "jeito", "atitude", "voz", "postura” sendo esses vistos como uma “atualização de certos valores masculinistas clássicos”. Considero, assim, as vozes e os gemidos graves e grossos como elementos discursivos sonoros¹¹³ em operação nos vídeos pornô que colaboram na atuação da *pedagogia da masculinização* no currículo *bareback*, constituindo, pois, a técnica da expressão da voz masculina dos personagens.

Ainda no que se refere à atuação dessa pedagogia, destaca-se, nos vídeos pornô aqui analisados, a técnica da redução das expressões de carinho e sentimentos de afeto de qualquer ordem na maioria dos filmes analisados, como vimos também na cena que abre o primeiro *take* deste capítulo (vídeo C2). São raros os momentos em que isso acontece e mesmo assim, quando acontecem, isso é feito de forma rápida e pontual.

Em seguida os demais também começam a gozar na bunda e no cu do passivo que está deitado no chão com a bunda empinada. Não há nenhuma troca de carinho ou afeto nessas cenas, é apenas o sexo pelo sexo. Na hora de penetrar sem preservativo, eles apenas seguram na cintura ou puxam a cabeça do parceiro para se apoiar. Em outros momentos sequer se tocam. Essa primeira cena de sexo oral, por exemplo, o rapaz que está recebendo sexo oral fica apenas encostado na parede vendo todo o ato (A3, 6 minutos e 12 segundos).

Esse terceiro cospe no cu do passivo e começa a penetrar sem preservativo apenas com a lubrificação da saliva. Não há nenhum contato com troca de carinho quando um sai e outro entra, eles chegam apenas para penetrar o parceiro enfiando os paus com força e sem preservativo, segurando na cintura para ter apoio para realizar esta ação (B3, 4 minutos e 59 segundos).

Aqui também não há nenhuma demonstração de carinho, enquanto um sai e outro volta para a posição de receber o sexo oral, apenas segura com força a cabeça do que está fazendo o sexo oral (B3, 7 minutos e 11 segundos).

O primeiro rapaz que já recebia sexo oral continua se apoiando na parede, sem tocar o parceiro e tampouco o terceiro que chega à cena, o qual apenas se masturba enquanto vê o primeiro recebendo o sexo oral. Eles ficam um ao lado do outro sem se tocarem (C3, 0 segundo a 3 minutos e 31 segundos).

Esses trechos dos vídeos pornô destacados podem demonstrar como a relação sexual *bareback* entre homens é construída nesses filmes. Há um investimento para que os toques e os contatos físicos sejam localizados e estratégicos, de modo a garantir uma atuação que reforce a masculinidade dos corpos em cena. Assim, esses corpos são posicionados para que a penetração ou o sexo oral ocorram demonstrando certa habilidade, mas também que se demonstre força, sem afeto ou carinho. A força está não somente no ativo – posição sexual comumente associada

¹¹³ Sobre sons no pornô, ler Mitarca (2015) e Zeischegg (2015).

à masculinidade, conforme discuti no capítulo anterior – mas também no passivo que suporta não somente uma sequência de homens penetrando-o, mas também a potência, a robustez e a ação de quem o penetra.

As cenas aqui descritas lembram outras produções audiovisuais, de modo que essa forma de masculinidade não se restringe aos vídeos pornôns. Silva e Tilio (2018, p. 198), ao analisarem o filme “O segredo de Brokeback Mountain”, mostraram como os personagens *cowboys* desse filme “são homens hipermasculinizados (viris, trabalhadores e agressivos) que mesmo mantendo relações sexuais não se consideram homossexuais”. A famosa cena de sexo desse filme¹¹⁴ é mais uma demonstração de performances as quais, sendo de sexo entre homens, não devem ameaçar a masculinidade. Os personagens estão acampados e, ao dividirem a mesma barraca, um deles tenta aproximação segurando o braço do amigo para que este o abrace. O amigo fica poucos segundos na posição de “conchinha”, mas logo recusa, levantando-se bruscamente. Os personagens começam a tirar a roupa em seguida, seguram com força o rosto um do outro, o ativo abaixa apenas a calça, cospe na mão, aparentemente levando o cuspe ao pau para lubrificá-lo. Na sequência, há respirações ofegantes e gemidos curtos e graves, sem nenhuma demonstração de carinho. A transa, vista como “urgente, bruta e tão ansiada”, inspirou a primeira cena de sexo gay da televisão aberta brasileira na novela Liberdade, Liberdade (OBSERVATÓRIO DO CINEMA, 2016, s./p.). São modos proeminentes de masculinidade que também aparecem nos vídeos pornôns do *currículo bareback*.

De acordo com Passamani (2013, p. 203), desde os primeiros anos, os meninos, de forma mais proeminente, “são incentivados a perder a sensibilidade e a capacidade de emocionar-se diante das situações mais triviais e acercar-se da técnica mais dura, porque ela representa o ideal de homem a ser perseguido”. Ao analisar a interface do currículo escolar e da rede social Orkut, Sales (2010) também demonstrou como o discurso de masculinidade agia sobre os comportamentos dos jovens prescrevendo algumas condutas como “não sentir dor, não chorar, não demonstrar sentimentos, ser corajoso, viril” (SALES, 2010, p. 129). Dessa forma, assim como nessa interface curricular na qual o discurso de masculinidade agia sobre os comportamentos de jovens “de modo a conduzir suas ações em concordância com os preceitos descritos na cultura, sobre o correto comportamento masculino” (SALES, 2010, p. 129), e como nos filmes e novela descritos, os vídeos pornôns do *currículo bareback*, ao exibirem corpos masculinos em cenas sexuais sem demonstração de carinho ou afeto, também operam de modo

¹¹⁴ Para ver especificamente essa cena, acesse: <<http://www.adorocinema.com/materias-especiais/filmes/arquivo-100392/?page=5&tab=0>>. Acesso em: 17 ago. 2020

a ensinar uma forma considerada correta de masculinidade. Como efeito disso, ao exibirem cenas de sexo *bareback*, acabam por associar essa prática a um modelo de masculinidade em que o carinho é interdito. Mais uma vez penso que, como a prática *bareback* pode-se dar em contextos casuais e anônimos, a troca de carinho parece ser mais facilmente dispensada e possível. Afinal, talvez não haja tempo de uma construção afetuosa entre os envolvidos, apenas o desejo sexual.

Na análise proposta por Takara e Teruya (2016, p. 144), entende-se que a “masculinidade viril é erigida por processos de adestramento e docilização do corpo do macho que incitam uma prática de rigidez de movimentos, silenciamento das práticas afetivas, toque, cuidado e afeto, que podem ser disparados por qualquer homem em qualquer homem”. Nesse sentido, compreendo que as cenas dos vídeos pornô do *currículo bareback* são cuidadosamente produzidas para evidenciar como os corpos dos *barebackers* nessas cenas se adequam às normas generificadas e, com isso, nesse currículo, são ensinados modos considerados adequados do que é ser homem. Percebe-se, portanto, que o vídeo pornô *bareback* não é uma sequência de cenas sendo exibidas apenas para fazer alguém ter prazer, mas que essas cenas são atravessadas por discursos generificados que também incidem na produção não somente do prazer, mas de corpos e subjetividades específicas.

Ainda de acordo com o autor e a autora, “o medo de não corresponder às exigências do machismo produz a bicha” (TAKARA; TERUYA, 2016, p. 144). Por isso, entendo, a partir dos vídeos analisados, que a bicha é expulsa do *bareback*. Isso não ocorre não somente nos vídeos, vez que existe um regime de visibilidade dessa prática sexual que intenta prover-se da masculinidade em seu sentido normativo, buscando vincular essa prática a uma imagem de homem másculo, viril e disciplinado. Até mesmo a maneira com a qual se constitui o termo *bareback* evoca, de certo modo, um imaginário insuflado de masculinidade, se pensarmos que “o termo deriva de atividades equestres: andar a cavalo sem sela, como faria um *cowboy* robusto” (DEAN, 2008, p. 80, tradução minha). O fato de a prática ser nomeada, aqui no currículo investigado como também nos estudos de outros autores/as e na mídia de maneira geral, como uma prática sexual de homens que fazem sexo com homens, não é aleatório, mas compõe essa discursividade que organiza o *bareback*, afastando-o de algum modo da feminilidade e das homossexualidades também.

As homossexualidades¹¹⁵, nas complexas relações de poder que as constituem, incluem ou, de algum modo, permitem a existência e a performance de homens afeminados. Junto a isso, perceber-se como homossexual implica assumir uma identidade vinculada a um pertencimento grupal que luta por visibilidade, afirmação e direitos (FERRARI, 2005; TREVISAN, 2018). O problema aqui, portanto, não estaria no desejo homossexual, mas na homossexualidade. Tanto essa agenda política de identidade vinculada a um pertencimento grupal quanto modos afeminados não parecem ser permitidos no *currículo bareback*. Nesse sentido, mesmo que a prática *bareback* esteja inscrita como uma prática gay (HALPERIN, 2007), existem disputas discursivas que procuram distanciá-la de uma agenda dessa comunidade, questionando, por exemplo, a monogamia e o casamento, como mostra Tim Dean, ao discutir que o *bareback* é uma organização da sexualidade “que se afasta das normas gays” (2009, p. IX, tradução minha), o que evidencia as complexas experiências do sexo entre homens, conforme destacado por Foucault (2014, p. 153):

A relação entre dois indivíduos do mesmo sexo é uma coisa. Mas gostar do mesmo sexo que o seu, ter um prazer com ele é outra coisa, é outra experiência, com seus objetos e valores, com a maneira de ser do sujeito e a consciência que ele tem de si mesmo. Essa experiência é complexa, é diversa, muda de formas. Deveria fazer-se toda uma história do ‘outro do mesmo sexo’ como objeto de prazer.

No que se refere às formas como essa experiência acontece no sexo *bareback*, Dean (2009) já havia notado modos de funcionamento do que aqui chamo de *pedagogia da masculinização*, ao mostrar que a prática *bareback* está atrelada à masculinidade. O autor afirma que, nessa prática, preza-se “um ethos de hipermasculinidade e transgressão erótica que tende a ser imaginada em termos de sexualidade da classe trabalhadora” [...] “com sua parafernália militar, cortes de cabelo skinhead, tatuagens e físicos musculares projetados para sugerir uma vida de trabalho manual” (DEAN, 2009, p. 38-39, tradução minha). No *currículo bareback*, a masculinidade também se constitui recorrendo a algumas características mencionadas por Dean, conforme podemos ver nas análises dos vídeos pornô. Junto a algumas

¹¹⁵Conforme destacado por Ferrari (2014), cada sujeito se aproxima e se distancia de uma forma de viver a homossexualidade, impossibilitando-nos de afirmá-la no singular. Entre essas formas, estão os modos afeminados e daqueles que não aderem ao discurso normativo de gênero. Para mais detalhes, ver ainda Megg Oliveira (2017), Thiago Ranniery (2016) e João Silvério Trevisan (2018). É preciso dizer que, nas produções discursivas das homossexualidades, a norma também disputa espaço e significados instaurando, assim, a homonormatividade que se trata de “uma modalidade particular da heteronormatividade, através da qual se mostra como a população gay e lésbica se torna aceitável aos olhos da heterossexualidade hegemônica através de uma progressiva conformidade à heteronormatividade” (OLIVEIRA, 2013, p. 69).

dessas características, aparecem, nos vídeos, ditos mobilizados como legendas das postagens, as quais funcionam como forma de atrair o jovem para assistir e reiteram o funcionamento da *pedagogia da masculinização*:

“**Cafuços** fodem com força” (título de uma postagem no blog blogbarebackbr.blogspot.com em 12 de fevereiro de 2019, grifo meu)

“**Cafuçu @ dotadão** de madru me fudeu demais” (retweet de @bare_putaria em 14 de mai. 2020, grifo meu)

“Diversão a Três **com meu parça** @juliool74536156 Quer ser o próximo? Vem na DM¹¹⁶ aí” (retweet de @bare_putaria em 14 de mai. 2020, grifo meu)

“Aí vc está andando na rua, é abordado e pensa: fudeu, vão me roubar. Nada, 2 **Zé droguinhas playboys** querendo aliviar o tesão. Colamos num canto e levei ali mesmo..foi muito leite tive que soltar no caminho.”(retweet de @bare_putaria em 27 ago. 2019, grifo meu)

“**Machos** de Recife, estou chegando e quero leite! Vem na DM! #semcapa #napele #bareback” (Tweet de @bareback3 em 4 out. 2019, grifo meu)

Na conjunção com esses ditos em destaque, as palavras acionadas remetem à valorização da masculinidade, constituindo, assim, o *bareback* como uma interação sexual para homens com um tipo específico. No que se refere ao primeiro dito que evidencio, destaco nele o termo *cafuçu*, que “é a denominação de um tipo masculino marcado pelo ‘rústico’, pela ‘virilidade’ e pelo pertencimento a classes populares” (FRANÇA, 2013, p. 57), é ligado à imagem de um “homem másculo, ligeiramente rude, possivelmente musculoso” (SOARES, 2012, p. 62). Um ponto importante a considerar é que, na tensão entre erotização e demarcação de diferenças que constituem o termo, conforme discutido por França (2013), entre os pontos na atração pelos *cafuços*, está “uma estética que não está associada ao gay” (FRANÇA, 2013, p. 57).

Quando se aciona a imagem do *cafuçu*, nesse currículo, através da pornografia, coloca-se em articulação mais um elemento na procura por distanciar a prática *bareback* da homossexualidade, conforme discuti anteriormente. Parece que, através da imagem do *cafuçu*, por ser um termo brasileiro, coloca-se, no contexto de nosso país, a hipermasculinidade ligada à classe trabalhadora e a físicos musculares projetados para produzir uma vida de trabalho manual localizada por Dean (2009), em sua pesquisa em contexto norte-americano. Aqui no

¹¹⁶ DM é uma sigla, componente do internetês, da expressão em inglês “*direct message*”, que traduzindo significa “mensagem privada”. A característica principal de uma DM é que ela se constitui em mensagens que são enviadas em chats privados que existem nos aplicativos. Também é chamada de “*inbox*”.

Brasil, o termo pode indicar “‘homem rústico’, trabalhador braçal, pouco instruído, mas que ‘tem pegada’, ou seja, representa um apetite sexual mais intenso e tido como viril” (FRANÇA, 2013, p. 56). Aqui, a *pedagogia da masculinização* é agenciada na ideia que esse termo evoca, dizendo, desse modo, quais jovens homens são mais ou menos desejáveis, fabricando, como efeito, junto aos outros ditos destacados, um certo modo de ser *barebacker*.

Nessa sintonia, o segundo dito apresentado na sequência remete àquilo que essa pedagogia pretende divulgar: “com meu parça”. A expressão “meu parça”, abreviada de “meu parceiro”, é também ligada à ideia de masculinidade, aparecendo, por exemplo, em diálogos do futebol masculino¹¹⁷ e em músicas. No terceiro dito em destaque, a pequena história narrada traz personagens que remetem àquilo que é valorizado nesse currículo. “Zé droguinhas playboys” consiste numa imagem de masculinidade que se aproxima à do *cafuçu*, mas que também envolve o uso de drogas e pode se envolver em atividades de furtos. O último dito destacado é similar ao conjunto de palavras que trago no início deste parágrafo, que, combinados, conduzem a conduta de homens que são comumente associadas à virilidade e a modelos de masculinidade.

A produção da masculinidade normativa parece ser algo recorrente no sexo entre homens. Especificamente no que se refere à pornografia gay, Marcelo Reges (2004) mostra como o padrão de masculinidade presente nos filmes pornográficos une elementos como corporalidade, masculinidade e homoerotismo. Victor Barreto (2017), por sua vez, ao fazer uma etnografia de festas de orgias para homens, ressaltou a preocupação com o afastamento do feminino em determinadas práticas sexuais. Esse afastamento não se reduz apenas às performances gestuais e voz, mas está atrelado às corporalidades e seus usos nas próprias práticas sexuais. Para o autor, a masculinidade é sinônimo de força excepcional conferida somente aos homens com pênis que performam corporalmente aquilo que é esperado de seu sexo. Espera-se encontrar nesses homens ainda coragem para demonstrar disposição durante as longas interações sexuais nessas festas, cujo tempo de duração costuma ser longo, a ininterrupção do sexo, o cheiro forte de sexo que o ambiente exala, a força do ritmo das penetrações etc. Demanda-se, ainda, bom desempenho para resistir, ser passivo nas relações, pois o pau do parceiro pode ser grande e ele ainda pode querer penetrar durante muito tempo. Então, o passivo deve resistir nessa relação sem demonstrar dor e, sim, disposição, algo que

¹¹⁷ Veja exemplos em:

<<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/presente-para-o-parca-cruzeiro-entrega-camisa-personalizada-a-neymar.ghtml>>. Acesso em: 18 maio 2020.

<<https://www.letras.mus.br/mc-phe-cachorrera/o-dj-e-meu-parca/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

pôde ser observado, por exemplo, no diálogo do primeiro vídeo descrito neste tópico. Signos e gestos corporais são demonstrados e ensina-se como ser homem nesses espaços. Entendo que, no pornô *bareback*, a *pedagogia da masculinização* atua também com roteiros já estabelecidos de virilidade e divulga em suas cenas o *straight acting*, ou seja, mesmo que estejam em cena homens que fazem sexo com homens, eles não representam traços afeminados, mas são “palpavelmente masculinos” (AMICO, 2001).

Não é somente através da materialidade dos corpos, suas ornamentações, adornos e toda performance que o pornô *bareback* é mobilizado para constituir a *pedagogia da masculinização*. O pornô *bareback*, com suas técnicas específicas, alia-se à *tecnologia do sexo* para produção da masculinidade acionando o discurso normalizador que constitui o homem disposto ao risco. Conforme discutem Gastaldo e Braga (2011, p. 884), “uma das formas de ‘mostrar-se homem’ em nossa sociedade é correr riscos, aceitar desafios, em suma: ‘entrar no jogo’”. Isso de alguma forma aparece em suas análises como associado à vinculação entre masculinidade e esportes, mais especificamente aos esportes de luta nos quais “a conduta masculinizante de um lutador” é “‘encarar qualquer um’ e correr todos os riscos que isso implica” (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 890). Trata-se de uma associação que pode ser feita com a *pedagogia da masculinização do currículo bareback*, quando neste também é acionada, através dos vídeos pornôs, a vinculação entre masculinidades e esportes, dentre eles, o boxe, como mostrado anteriormente.

No âmbito da cultura popular, é comum ouvir ditos como “venha, se você for homem”, “faça isso, se for homem”, “quero ver se é homem o suficiente”. Enunciações como essas constituem a figura do homem como aquele que tem coragem, logo, tem mais disposição ao risco de maneira geral. Nas festas de orgias, analisadas por Victor Barreto (2017), além do sentido de persistir diante dos desafios colocados no modo de funcionamento dessas festas, esse tom de desafio é também utilizado em seus *slogans* para atrair um tipo específico de homem. De modo similar, a coragem, como constituinte da masculinidade, é mobilizada para construir a subjetividade *barebacker* vinculada à imagem de um homem disposto ao risco. Desse modo, conforme destacado como Tim Dean, “esse novo estilo pornô retrata os riscos envolvidos no sexo desprotegido como cognato de outros testes físicos necessários para constituir uma masculinidade heroica de dimensões quase míticas” (DEAN, 2009, p. 11, tradução minha). Os riscos aqui estão relacionados à transmissão do hiv e das outras infecções sexualmente transmissíveis.

A valorização da masculinidade é algo que se reitera e se atualiza nas práticas homoeróticas, sendo visível e atuante sua valorização na prática *bareback*. Funciona, pois, como uma pedagogia que incide nos processos de subjetivação e, de algum modo, se corporaliza. Além de Reges (2004) e Barreto (2017), Mowlabocus (2015, p. 72) mostra como há uma “masculinidade específica” que continua a ser cultivada dentro da cultura gay e no ciberespaço onde essa cultura se constitui e se difunde. Como a prática *bareback* está associada à cultura gay, por ser uma prática homoerótica, percebe-se como a masculinidade específica, que pode ser lida como normativa, incide em sua construção. Além desses autores, Miskolci (2015) evidencia que, nas formas sutis de sujeição que envolvem a adesão dos próprios sujeitos, no ciberespaço na busca por parceiros *on-line*, os usuários acreditam que o sucesso dessa busca dependerá da “criação de um corpo que exige técnicas masculinizantes” (MISKOLCI, 2015, p. 70). Dado esse contexto, Dean elabora o argumento de que, “enquanto a masculinidade continuar sendo uma fonte de fascínio e desejo para os homens gays, a iconografia *bareback* constituirá um poderoso objeto de fantasia” (DEAN, 2009, p. 11, tradução minha).

Com as análises empreendidas neste take, percebe-se que os vídeos pornôx exibidos no *currículo bareback* atuam, por meio de técnicas específicas, de modo a divulgar, ensinar e prescrever um certo modo de ser *jovem homem barebacker*: aquele que tem suas conduções da conduta inscritas nas normas de gênero, normas essas que atuam em articulação com sexualidade e raça. Os locais em que as cenas são filmadas, em conjunto com os objetos dispostos nesses espaços, as roupas e os acessórios utilizados pelos homens, os corpos e a voz dos personagens e a ausência da expressão de carinho e sentimentos de afeto, ao serem mobilizados como técnicas nas cenas dos vídeos pornôx, contribuem para ativação e desempenho da *pedagogia da masculinização no currículo bareback*.

No âmbito da prática sexual *bareback*, o acionamento dessa pedagogia incide também na construção discursiva dessa prática. A norma que constrói o homem dotado de masculinidade como aquele disposto ao risco contribui para a construção dessa prática enquanto eminentemente masculina. Outro fator destacado também neste *take* foi que a presença dos corpos magros, “sarados” e jovens nas cenas, como vinculados a corpos saudáveis, constitui-se como um efeito de poder que procura fabricar a prática *bareback* como algo de/para pessoas saudáveis, concorrendo, assim, com o discurso da prevenção. Dadas essas características, percebe-se que os vídeos pornôx divulgados no *currículo bareback* estão, de algum modo, vinculados a uma “regulação heteronormativa de práticas sexuais, sentimentos, amores, corpos,

processos identitários, parte significativa de todo um processo de normalização da sexualidade na cama da vida” (OLIVEIRA, 2013, p. 236).

No que se refere a uma das qualidades conferidas ao *barebacker* através da *pedagogia da masculinização*, é necessário ainda problematizar o aspecto da juventude aqui imbricado. Esse parece ser um aspecto articulado ao funcionamento da pornografia na cibercultura, marcado pelo consumo proeminente do público jovem. Em pesquisa divulgada em 2018, podemos perceber que, entre os 22 milhões de pessoas que assumem consumir pornografia no Brasil, “a maior parte é jovem (58% tem menos de 35 anos)” (MURARO, 2018, s./p.). Dado similar também pode ser encontrado em pesquisa mais recente sobre a idade demográfica de acesso mundial ao site pornô Pornhub no ano de 2019, a qual mostra que “a geração do milênio entre 18 e 34 anos representa 61% do tráfego do Pornhub” (PORNHUB, 2019). Esse pode ser um efeito de uma constatação feita por Shirlei Sales (2018, p. 86) de que “as culturas juvenis e as práticas de sociabilidade são intensamente marcadas pelo universo cibernético”. Desse modo, as culturas e as práticas de sociabilidade da sexualidade juvenil estão também conectadas com esse universo, de maneira que a pornografia divulgada no ciberespaço aparece disputando sentidos e significados com a educação sexual em seu sentido mais restrito, desenvolvida por instituições e escolas. Há mais de sete anos, Prioste (2013) já destacava que, entre as ações mais comuns e preferidas por jovens no ciberespaço, estava o acesso a sites pornográficos. Certamente, essa preferência pode ter se tornado mais possível dados os avanços de acesso à internet.

Nesse contexto, compreendo que não somente a *pedagogia da masculinização*, como aquilo que é divulgado, ensinado e prescrito por meio dos vídeos pornôs *barebackers* no currículo aqui investigado, incidem de forma ampla e marcante na constituição da sexualidade juvenil. A “íntima conexão com as tecnologias digitais” (SALES, 2018, p. 86) dos/as jovens abrange e incorpora sua intimidade sexual. O *currículo bareback*, ao funcionar no emaranhado das redes, está, pois, disputando pela produção dessa intimidade. Infere-se, portanto, que o funcionamento desse currículo e as pedagogias nele ativadas precisam ser problematizados como aspecto relevante da constituição de modos de vida juvenis de viver e de experimentar a sexualidade e as práticas sexuais.

Como investimento nessa problematização, finalizo aqui o *take* da *pedagogia da masculinização* com uma breve pausa e conduzo o olhar dos leitores e das leitoras mostrando o *take* seguinte, no qual passo a analisar a segunda pedagogia que exploro no currículo aqui investigado: a *pedagogia do erotismo*.

4.3 *Take 2*: Pedagogia do erotismo

Que efeitos se pretende produzir quando, em uma variedade de imagens no *currículo bareback* exibem-se, incessantemente, com foco, paus sem preservativo entrando em bundas e cu, espermas sendo expelidos de ânus e sendo engolidos por bocas no sexo entre homens? Traço essa pergunta mais geral para iniciar a discussão do que chamo, neste *take*, de *pedagogia do erotismo* no *currículo bareback*. Antes disso, utilizo os recursos de um plano aberto da câmera, isto é, amplio a perspectiva da visualização de uma cena para depois aproximar, para, em uma visão panorâmica, mostrar como o erotismo pode ser entendido como correlato à transgressão, constituindo aqui o *bareback*, no âmbito da sexualidade, uma prática transgressiva.

Focando na pornografia no *currículo bareback*, defendo, neste tópico, que os vídeos pornôns divulgados nesse currículo têm uma função de construir o *bareback* como uma prática transgressiva dos valores socialmente sancionados sobre o uso do preservativo em relações sexuais. Incita-se, mobilizando esses vídeos, a violação dos interditos culturais de relações sexuais sem camisinha, contribuindo, assim, para tornar a prática objeto de desejo socialmente construído, a fim de estimular fantasias eróticas específicas. Aqui está uma possibilidade de resposta à questão que abre este tópico, a saber: que efeitos se pretende produzir quando, em uma variedade de imagens no *currículo bareback*, exibem-se, incessantemente, com foco, paus sem preservativo entrando em bundas e cu, espermas sendo expelidos de ânus eu sendo engolidos por bocas no sexo entre homens? Considerando isso, afirmo que há uma *pedagogia do erotismo*, a qual tem amplas e importantes implicações para o *currículo bareback*, descrevo e analiso neste *take* essa pedagogia para compreender como um conjunto de vídeos pornôns pode ajudar a produzir conhecimento sobre práticas sexuais.

Aparecem, no *currículo bareback*, “desejos de transgressão situados no campo do prazer” (FRANÇA, 2013, p. 66). Isso parece demonstrar que, assim como sugerido nas reflexões de Adriana Piscitelli (2009, p. 18), “a transgressão está vinculada à recusa a normatividade”. No entanto, esse modo de entender transgressão se amplia, podendo ser compreendido aqui também a partir da elaboração de Gregori e Díaz-Benitez (2009, p. 2): “transgressão não como mera violação das normas, mas como expressões perturbadoras enquanto prazeres dissidentes ou perigosos que possibilitam aos agentes novos tipos de relações”. Trata-se de uma relação não somente com os/as parceiros/as, mas consigo mesmos/as e com os discursos. A transgressão será entendida aqui como elemento-chave para compreensão do que estou chamando de erotismo.

Isso porque o erotismo, para Bataille (2017, p. 42), é “uma dissolução das formas constituídas, [...] dessas formas da vida social, regular”, de modo que, no erotismo, a vida é “colada em questão [...] perturbada, desordenada ao máximo” (BATAILLE, 2017, p. 42). Para o autor, “o erotismo nasceu do interdito, vive do interdito” (BATAILLE, 2017, p. 325). Nesse sentido, a ausência de interdito compromete a própria compreensão de erotismo cunhado por ele, ou seja, aquele “que implica a violação”. Em outras palavras, para Bataille, “a experiência erótica é antes de tudo uma violação das normas sociais que regulam a sexualidade” (LEITE JR., 2009, p. 530). Desse modo, tomo essas compreensões para analisar a transgressão incitada no *currículo bareback* como uma experiência erótica que acontece, pois, inscrita como transgressão. Os vídeos pornô *bareback* divulgam práticas específicas que rompem com convenções predominantemente difundidas de aceitabilidade e normalidade no que diz respeito ao uso do preservativo nas práticas sexuais. Nessa perspectiva, podemos compreender que “se parte do apelo do sexo gay consiste em sua transgressão”, então, “o *bareback* pode ser considerado uma estratégia para reinscrever o erotismo na esfera da transgressão” (DEAN, 2008, p. 82, tradução minha).

Se, conforme ressaltado por Oliveira (2013, p. 239), a distinção entre “erotismo, obsceno e pornográfico” nem sempre é bem sucedida, no *currículo bareback*, ela se torna mais complexa, quando essas categorias também se misturam nas cenas aqui analisadas. Nesse sentido, ao mobilizar um certo modo de exibição dos vídeos pornô *bareback* em conjunto com os ditos que os apresentam nesse currículo, a *pedagogia do erotismo* emerge contestando o regime normativo da prevenção com camisinha, incitando a transgressão a essas normas, quando mostra o que “é mais gostoso”, “é um tesão”, “é bom demais” associado a “gozar dentro”, ao sexo “sem camisinha”¹¹⁸, o que, de algum modo, está vinculado aos riscos inerentes a essa transgressão. A *pedagogia do erotismo* opera, dessa forma, incitando o HSH a uma experiência transgressiva.

Dessa forma, tornam-se visíveis as complexas relações de poder que constituem o *currículo bareback* que se dão, sobretudo, no embate com o discurso da prevenção que prioriza, institui e prescreve a obrigatoriedade da camisinha em todas as relações sexuais, o que, de alguma maneira, mostra que, também nesse currículo, “as hierarquias, as normas e proibições formam o repertório para o erotismo, a partir de todo um esforço de transgressão” (GREGORI, 2014, p. 50). Esse modo de relação com a norma engendrado na *pedagogia do erotismo* endossa a compreensão de que “risco, diferença, transgressão e prazer são termos articulados nas

¹¹⁸ Ditos do *currículo bareback* destacados e analisados na seção dois desta tese.

relações eróticas” (GREGORI, 2014, p. 50). Destaco, a seguir, no jogo de aproximação da câmera neste *take*, talvez combinando planos diversos para detalhar narrativas importantes, a descrição de uma das cenas dos vídeos pornôns divulgados nesse currículo para explorar a *pedagogia do erotismo* como transgressão e seus modos de atuação no *currículo bareback*:

Dois homens brancos, filmados de costas por uma terceira pessoa, provavelmente um outro homem, já que também participa da cena com sussurros, audíveis expressões de prazer com respiração ofegante que vai se intensificando como se estivesse prestes a gozar e risadas num tom de voz masculino, de forma que podemos perceber que o prazer também está neste que filma. A cena se inicia com os dois corpos separados, sendo que o homem passivo está imóvel, de quatro e usando as duas mãos para separar as nádegas, numa preparação para receber o pau do ativo, que está se masturbando num movimento frenético, demonstrando que está buscando chegar ao ponto de ejaculação. Enquanto isso, a terceira pessoa movimenta a câmera, dando foco na masturbação e na preparação do ânus para ser penetrado. O foco é bem fechado, recortando os corpos dos dois apenas nessas partes, ou seja, cu e pau. Em nenhum momento aparecem os rostos dos homens. No entanto, os sussurros, gemidos, expressões e risadas demonstram prazer e êxtase. A penetração ocorre quando o homem ativo se aproxima do gozo, revelando que a intenção é exatamente essa de gozar dentro sem camisinha, mostrando para o espectador. O movimento frenético que já ocorria na masturbação, se intensifica quando o pau é introduzido e vai diminuindo na proporção inversa dos gemidos, demonstrando que chegou ao clímax que é o gozo. O foco permanece por trás dos dois, fechado na penetração, que, pouco a pouco, vai parando até ser concluída com a retirada do pau e, assim, revelando o gozo. Os dois corpos se distanciam novamente, terminando a cena com o foco no cu do passivo com esperma saindo do ânus. Não é possível perceber se o homem passivo da relação também chegou ao gozo, visto que o foco da ação está no ativo e o gozo dentro do ânus sem camisinha (Vídeo Único [VU], 0seg a 47 segundos).

A cena de 47 segundos destacada é um recorte específico de uma penetração sem preservativo. Não há um interesse em mostrar como esses homens chegaram até o momento da relação, como chegaram a se excitar, por exemplo. Nessa cena, o “foco é bem fechado, recortando os corpos dos dois em apenas essas partes, ou seja, cu e pau”. Ao conferir esse foco para filmagem, sem maiores preocupações com uma narrativa linear, apenas o *sexo na pele* e a sensação de prazer presente entre os envolvidos, intensifica-se, na tela do espectador, o aspecto transgressivo da prática em cena. À medida em que os segundos vão passando, vão sendo fornecidos elementos que permitem conferir a qualidade fetichista da prática, ou seja, sua particularidade de violação dos valores sancionados do uso obrigatório do preservativo nas relações sexuais. Visualizando as nádegas do passivo abertas e prontas para receber o pau do ativo, poderíamos esperar que esse pau já estivesse usando camisinha, mas o ativo se masturba

freneticamente sem usar o objeto, demonstrando que está em busca de chegar ao ponto da ejaculação, para, então, penetrar o parceiro. A penetração acontece de modo rápido seguida do gozo. Na finalização dessa cena, com o ânus expelindo esperma, evidencia-se que houve a troca de fluido seminal e, portanto, o rompimento com a interdição prescrita pelo discurso da prevenção.

Em outras cenas e vídeos pornôns no *currículo bareback* esse foco é recorrente. Desse modo, percebi que um conjunto de vídeos pornôns nesse currículo tem uma característica específica: consiste na reprodução e reiteração de um certo ângulo, um certo foco de filmagem, para mostrar a prática *bareback*. Com isso, o que vai ganhando centralidade e proeminência é a relação que se pode estabelecer entre a prática e as convenções espalhadas e divulgadas sobre prevenção nas relações sexuais. Assim, a *pedagogia do erotismo* vai ganhando contornos e modos de funcionamento específicos, entrando, pois, em disputa sobre os modos considerados corretos, autorizados e possíveis de se ter relações sexuais. Para ativar essa pedagogia no *currículo bareback*, recorre-se a duas técnicas: (1) técnica de foco e enquadramento na penetração e/ou partes íntimas dos envolvidos nas relações sexuais, já possível de ser notada no vídeo descrito anteriormente, e (2) técnica de reiteração ou repetição das imagens de sexo sem preservativo. Destaco a seguir alguns trechos dos vídeos para explorar essa afirmação:

A segunda cena se assemelha com a primeira. Também há o foco da cena bem fechado nas partes dos corpos como cu e pau, de dois homens brancos (VU, 49 segundos).

A quarta cena também apresenta dois homens brancos, filmados por uma terceira pessoa, visto que a câmera está posicionada atrás dos homens e se movimentando para os lados, para baixo e para cima, sem perder o foco na penetração sem preservativo (VU, 2 min e 24 segundos).

O foco é bem fechado, com ênfase na penetração sem preservativo e no movimento do ativo (VU, 3min e 17 segundos).

A cena é iniciada com a câmera parada, com o foco fechado e pegando o ângulo em que temos visão de trás dos dois [homens], evidenciando a penetração sem preservativo. É possível visualizar as pernas do ativo e o passivo de costas e sentado no pau do ativo. As mãos do ativo o tempo todo mexem e massageiam as nádegas do passivo (VU, 3 min, 56 segundos).

Principalmente na montagem do vídeo pornô *bareback* que constitui o Grupo 1, com descrição completa no APÊNDICE desta tese, há um investimento em cenas similares a essas descritas. Nessa montagem, há uma sequência de 39 cenas cuja totalidade soma 31 minutos e 03 segundos de duração, com foco sempre na penetração sem preservativo, mostrando

especificamente o pau entrando no cu, ejaculação, espermas sendo expelidos de dentro do corpo dos homens passivos e sendo engolidos. Ou seja, tornam-se visíveis, nessas cenas, reiteradamente, modos de conduções da conduta transgressivos e, a partir das técnicas acionadas, a *pedagogia do erotismo* entra em cena, colocando em prática significados específicos que possibilitam aos indivíduos novos tipos de relações com a prescrição do uso obrigatório do preservativo:

O foco permanece por trás dos dois [homens] fechado na penetração, que, pouco a pouco, vai parando até ser concluída com a retirada do pau e, assim, revelando o esperma (VU, 0seg a 47 segundos).

Após penetrar, o movimento do corpo se intensifica até ir diminuindo, seguido de sons de sussurros, gemidos e resfolêgos de prazer, demonstrando o ativo ter chegado, finalmente, ao gozo que é, confirmado, com a retirada lenta do pau e, então, a saída de esperma. O homem ativo continua filmando com o foco no ânus do passivo que continua expulsando o líquido de dentro do seu corpo (VU, 49 segundos).

Em determinado momento, o passivo se afasta, deixando um espaço entre o sofá e a barriga para pegar o seu próprio pau e se masturbar enquanto mantém o movimento do ânus de entrar e sair do pau do homem ativo. Diferente das outras cenas até aqui, o passivo busca o gozo. No entanto, quando o ativo chega ao gozo, ele retira o pau, permitindo que o esperma seja expulso do ânus do passivo e encerra a ação, mesmo que o passivo não tenha chegado ao gozo (VU, 4 minutos e 47 segundos).

Com esse deslocamento e volta do foco na penetração, o expectador visualiza o gozo escorrendo pelo ânus do passivo ainda com a penetração em curso (VU, 6 minutos e 17 segundos).

Em duas ocasiões, o ativo retira o pau e o introduz novamente, evidenciando a falta de camisinha e demonstrando que já havia chegado ao gozo. Tanto na primeira vez quanto na segunda em que esse movimento acontece, o pau é introduzido novamente, independentemente de já ter chegado ao gozo, causando um escorrimento do líquido pelo corpo do homem passivo (VU, 8 minutos e 29 segundos).

Por último, aparece um rapaz branco e magro andando de quatro pela casa com esperma escorrendo pela boca (A1, 00 a 5 min. e 6 seg).

Nesse momento, ele parece sentir muito prazer, pois coloca o rosto para cima deixando a boca entreaberta, fechando os olhos e gemendo um pouco até gozar na boca do outro, que começa a engolir todo o esperma que sai abundantemente do pau do parceiro (A3, 40 segundos).

A câmera volta a filmar o corredor e o primeiro homem que já estava recebendo sexo oral goza na boca do parceiro que parece engolir todo o esperma (C3, 3 minutos e 31 segundos).

Os focos e os enquadramentos desses vídeos pornô *bareback* possuem elementos em comum, são paus sem preservativo penetrando cus e o esperma sendo expelido do ânus dos passivos, conforme pode ser observado nos recortes das cenas em destaque. Desse modo, esses vídeos pornô, por meio de um foco específico e reiteração ou repetição das imagens de sexo sem preservativo, parecem mostrar aquilo que predominantemente está relacionado a essa prática. Conforme destaca Ashford (2015, p. 96, tradução minha), “*bareback* é um termo que evoca imediatamente a penetração [sem preservativo]”¹¹⁹, como “também evoca sêmen”. Evoca, portanto, a transgressão, constituindo-se como um erotismo atrelado à regulação da sexualidade pelo discurso da prevenção. Nesse modo de exibição, no *currículo bareback*, há também a divulgação de uma demanda que é a base para essa prática sexual: erotizar o sexo sem preservativo e a troca de sêmen entre homens. Ainda de acordo com o autor:

É esse aspecto, a natureza acumulada dos encontros, a celebração de 'semeadura', 'reprodução' e 'despejo de uma carga' que são cruciais no discurso *bareback*. A 'transmissão' de fluido seminal de um parceiro para outro não apenas deposita material genético, mas serve para romper a membrana da higiene e do sexo 'gay' que a educação sexual homonormativa e contemporânea procura prescrever (ASHFORD, 2015, p. 196, tradução minha).

Parece que as cenas dos vídeos pornô *bareback* previamente descritas podem expressar o discurso *bareback* do modo como é referido por Ashford (2015), realçando, através das técnicas de foco e enquadramento e da reiteração ou repetição das imagens, mobilizadas pela *pedagogia do erotismo*, o que talvez mais fortemente o organiza. Especificamente nessas cenas não são exibidos corpos “sarados” de homens encontrando-se para o sexo, visto que o interesse aqui não é a demanda por uma masculinidade, como vimos no take anterior. Percebo que se trata de destacar e colocar em primeiro plano, dar maior visibilidade àquilo que compõe, de maneira considerável, o *bareback* como um discurso. Desse modo, esses vídeos se constituem como instâncias instituidoras de representações, de significados que vigoram e têm efeitos de verdade. São efeitos que não somente produzem significados, mas, no jogo de correlações de força aos quais estão inscritos, atuam também ensinando, demandando condutas e incitando práticas específicas. Os vídeos pornô *bareback* integram, portanto, a *pedagogia do erotismo*, demarcada por técnicas que têm formas próprias de regularidade – a exibição proeminente das cenas de sexo sem preservativo – e por modos singulares de funcionamento – os focos e os

¹¹⁹ Original em inglês.

enquadramentos. Esses vídeos não são apenas uma sequência de imagens, mas seu conjunto e modos de funcionamento similares organizados e colocados à disposição no *currículo bareback* constituem-se práticas pedagógicas com propriedades prescritivas que divulgam, reforçam, incitam e produzem representações sobre o erotismo em relação às prescrições do uso do preservativo.

Dessa forma, entendo que vídeos pornôns como esses divulgados aqui no *currículo bareback* se vinculam à pornografia *bareback*, representando, no conjunto, “uma postura diametralmente oposta à pedagogia do sexo seguro, bem como ao uso generalizado do preservativo e à não ingestão de sêmen no sexo oral, em vídeos pornôns gays desde o início da epidemia do HIV”¹²⁰ (MORRIS; PASONEN, 2019, p. 1, tradução minha). O que se torna explícito aqui é exatamente um bocado de cenas de sexo sem preservativo, conforme podemos perceber, algumas com ingestão de sêmen, como pode ser visto nas últimas cenas destacadas dos vídeos A1 (5 min. e 6 seg.), A3 (40 seg.) e C3 (3 min. e 31 seg.). É nesse sentido que os vídeos do Grupo 1 se constituem como uma pedagogia que aqui nomeio como *pedagogia do erotismo*. Esses vídeos constituem-se de práticas que empregam técnicas específicas, produzindo o *bareback* como uma experiência erótica. A proposta fetichista que localizo nos vídeos, contudo, é somente entendida situando-a no presente como um efeito discursivo e histórico. Se, conforme destacado por Botti (2003, p. 29), “o olhar erótico é culturalmente aprendido”, esse olhar que se pretende constituir sobre o *bareback*, no currículo aqui investigado, está atrelado às condições de emergência dessa prática.

As referidas imagens divulgadas no pornô *bareback* podem ser melhor compreendidas, se pensarmos que o modo como elas são usadas pode ser feito porque elas se vinculam a um pensamento mais geral que organiza a prática sexual *bareback*: premeditação e erotização do sexo sem preservativo e do sêmen (DEAN, 2009; ASHFORD, 2015). Nesse sentido, quero dizer que tornar algo erótico é constructo histórico, discursivo e criativo. Então, quero retomar brevemente esse constructo no que se refere ao *bareback*.

No âmbito da produção das homossexualidades, com o advento da aids, como forma de enfrentar a epidemia, desconstruir o hiv/aids como uma “doença gay” e construir uma imagem favorável do homossexual, construiu-se uma série de normas sexuais que precisam ser seguidas, entre elas, o uso do preservativo em todas as relações de modo que “responsabilidade equivaleria a sexo seguro” (ASHFORD, 2015, p. 198, tradução minha). Com isso, constitui-se aqui o “bom gay”, regulado, pois, por essa norma. Nesse sentido, pode-se afirmar que a vida

¹²⁰ Original em inglês.

dos homossexuais passou a ser objeto de governo, de modo que “a política da educação sexual segura é certamente uma das principais questões morais que cercam nossa sexualidade hoje”¹²¹ (STYCHIN, 1995, p. 84, tradução minha). Em oposição à figura do “bom gay”, emerge o *barebacker*. Mas não somente isso, no argumento de Ashford (2015, p. 206, tradução minha), “o *bareback* constitui um ponto importante de resistência à agenda homonormativa, não por produzir uma única leitura oposicionista, mas por abrir uma discussão sobre as infinitas construções *queer* do eu”, como também, amplio aqui, os modos como nos constituímos sujeitos em relação a uma série de verdades que nos é disponibilizada. Dito de outro modo, a prática *bareback* “não existe fora do regime de uso uniforme de preservativo instituído no início dos anos 1990”¹²² (TZIALLAS, 2019, p. 139, tradução minha), por isso, em diferentes momentos desta tese, preciso retomar essa questão porque ela está muito imbricada com várias outras, com o prazer, conforme discuto na segunda seção, com a construção das subjetividades, amplamente abordada na terceira seção e também com a pornografia.

Nomear o sexo sem preservativo entre homens como *bareback*, ou um conjunto de vídeos como pornô *bareback*, faz parte da relação que estabelecemos com as verdades produzidas pela política da educação sexual segura endereçadas aos homossexuais, já que esse termo não está relacionado aos casais heterossexuais quando fazem a mesma coisa¹²³ (GARCIA, 2009). O termo mal existia até final de 1997, o que, de certo modo, com a propagação da aids até esse momento, era algo inconcebível que homens renunciassem ao modelo de proteção difundido (DEAN, 2009). No final dos anos 1990, com as terapias medicamentosas, essa verdade passa a ter inflexões e passa a ser possível que a prática *bareback* ganhe notoriedade, mas, ainda assim, prevalece na ordem do verdadeiro que o sexo deve ser feito sempre com preservativo. Ainda que os novos métodos de prevenção (PreP e Profilaxia Pós-Exposição de Risco - PEP) hoje façam parte dos modos como devemos nos proteger, eles emergem como “prevenção combinada”, não se descartando o uso dos preservativos. Desse modo, o *bareback* constitui ainda uma transgressão diante de tantas regras que insistem em dizer “use preservativo” e, logo, é tomado como objeto pela pornografia, que tem não somente a função de entreter, constituindo-se, pois, como uma instância pedagógica. Por isso, analiso,

¹²¹ Original em inglês.

¹²² Original em inglês.

¹²³ Segundo Garcia (2009, p. 540), “não existe um termo análogo nem uma subcultura que agrupe, por exemplo, homens que mantenham relações casuais com mulheres, ou homens casados que mantenham sistematicamente relações sexuais sem preservativo com suas esposas, ainda que tais práticas também acarretem biologicamente risco de transmissão de HIV ou outras ITS (infecções de transmissão sexual) de acordo com critérios científicos.’ Em boa medida, o casamento heterossexual escapou até pouco tempo da vigilância epidemiológica do HIV por razões culturais”.

como *pedagogia do erotismo*, o modo como essa transgressão é não somente visibilizada nos vídeos pornôis divulgados no *currículo bareback*, mas ensinada, incitada e demandada.

O conjunto desses vídeos, ao exibir, incessantemente e com a câmera em foco, paus sem preservativo entrando em cus, espermas sendo expelidos de ânus e sendo engolidos por bocas no sexo entre homens, emerge como contestação ao regime de verdade normativo do uso uniforme do preservativo que governa as vidas de pessoas, principalmente as homossexuais. São mostrados outros modos de ter relações sexuais que não aqueles sancionados pela política que organiza a construção do “bom gay”. É desse modo que, no seu conjunto e modos de funcionamento, os vídeos pornôis mobilizados pelo *currículo bareback* adquirem caráter pedagógico, divulgando, disponibilizando, prescrevendo e ensinando modos de condução da conduta que rompem com as interdições direcionadas ao “bom gay”.

A prática *bareback* reincorpora, portanto, “comportamentos e ideias reprimidos pelo preservativo” (TZIALLAS, 2019, p. 117, tradução minha), adensando, assim, as relações entre erotismo e transgressão. Desse modo, considerando que houve um investimento também na pornografia como uma instância pedagógica, ela “pode ser categorizada em três gêneros e períodos de tempo amplos e sobrepostos: em ordem cronológica reversa: são *bareback*, preservativo, e pré-preservativo”¹²⁴ (SCOTT, 2015, p. 220, tradução minha). A pornografia *bareback* é construída para remontar a esse tempo do pré-preservativo ou, como sugere Tziallas (2019, p. 138, tradução minha), “a utopia do sexo sem restrições”. Dessa forma, a pornografia *bareback* surge no currículo aqui investigado como uma pedagogia desestabilizadora “de um sistema de disciplinamento social que postula bons gays liberais no topo da hierarquia e no centro dos holofotes, e os indisciplinados na parte inferior e/ou nas margens” (TZIALLAS, 2019, p. 138, tradução minha). Nesse sentido, nos vídeos pornôis *bareback*, “a ausência de preservativos é palpável como presença visual” (DEAN, 2009, p. 114, tradução minha), de maneira que os espectadores gays “não podem deixar de notar que algo não existe, porque ao longo de mais de uma década de pornografia nos acostumamos a ver os preservativos usados de maneira bastante consistente para cenas de sexo anal entre homens” (DEAN, 2009, p. 114, tradução minha). No *currículo bareback*, por meio das técnicas do foco e enquadramento e da reiteração e repetição das imagens, mobilizadas pela *pedagogia do erotismo*, a ausência de preservativo fica ainda mais em evidência. Mostra o exercício de poder dessa pedagogia, como ela está em disputa por modos específicos na direção da conduta de homens que fazem sexo com homens.

¹²⁴ Original em inglês.

Conforme discute Tziallas, o preservativo “é um dos ícones emblemáticos da cultura gay liberal-normativa” de maneira que o seu abandono pode “acarretar o retorno de formações culturais anteriores que contrastam fortemente com a cultura tradicional promovida nas últimas décadas” (TZIALLAS, 2019, p. 153, tradução minha), a qual “depende dos ideais conservadores de vida, saúde e segurança” (TZIALLAS, 2019, p. 153, tradução minha) incorporados ao preservativo. É, pois, esse contraste que está em relevo na *pedagogia do erotismo*, que dá a essa pedagogia inteligibilidade, ou ainda mais que isso, esse contraste, o confronto, a objeção, a contraposição com a cultura institucionalizada do uso do preservativo os quais constituem a sua engrenagem.

Considerando, pois, o investimento pedagógico pós-aids de uso do preservativo e as articulações com a pornografia, podemos entender por que “a pornografia produzida durante as décadas de 1970 e início dos anos 1980 é comercializada há mais de uma década como ‘pré-preservativo’”, ao passo que “vídeos recentes sem preservativo são produzidos e comercializados especificamente como ‘em pêlo’” (DEAN, 2009, p. 6, tradução minha). Essa forma de nomear compõe a produção do sexo sem preservativo como transgressivo e vai se constituindo, a partir dos modos de funcionamento do *currículo bareback*, com qualidades pedagógicas, conforme mostro aqui com a *pedagogia do erotismo*. Dean (2009) ainda afirma que, na década de 1970, alguém poderia ser conhecido como um “cara” que gostava de transar sem preservativo ou ingerir sêmen, sem que isso fosse considerado transgressivo ou ainda que isso se tornasse a base para uma subcultura, uma forma de organizar a sexualidade ou mesmo, como argumento nesta tese, adquirisse uma propriedade pedagógica.

Dessa maneira, mesmo que os *barebackers* possam assumir diferentes posições de sujeitos na prática sexual *bareback*, conforme demonstrei na seção três, encontrar o erótico nas relações *barebackers* ou ver vídeos pornôns assim nomeados são produzidos histórica e culturalmente. Dito de outro modo, “o que quer que achemos erótico condensa uma história de metamorfoses e investimentos que o fizeram” (DEAN, 2009, p. 147-148, tradução minha). Trata-se de um efeito discursivo que, dados os efeitos positivos do poder, convencem-nos a distinguir algumas formas de sexo como eróticas, enquanto outras (como a penetração genital heterossexual) são normalizadas e naturalizadas.

Entendo, pois, que ângulo e foco não são escolhidos de modo aleatório, muito pelo contrário, por isso são mobilizados aqui como técnicas de poder que têm efeitos específicos, uma escolha entre tantas outras possíveis. Em outras palavras, aproximando-me das reflexões propostas por Botti (2003, p. 110), é possível dizer que um foco é “um recorte de uma realidade

que se apresenta [como] um ponto de vista escolhido”. Quando, nessa pedagogia, elegem-se um ângulo e um foco como mais apropriados, instaura-se, através dessa escolha, um determinado ponto de vista que expressa a verdade na qual essa prática está inscrita e quais modos de condução da conduta pretendem-se prescrever com essa verdade. Ao funcionar com as técnicas de foco e enquadramento e a técnica de reiteração ou repetição das imagens de sexo sem preservativo, essa pedagogia não somente constitui a prática *bareback* como transgressiva, como vai operando para a desconstrução da vinculação do sexo sem camisinha como um erro.

No processo de normalização das práticas sexuais gays e homoeróticas, mais proeminentemente a partir da aids, classificam-se algumas práticas específicas como arriscadas versus seguras e modelos de intimidade saudáveis versus prejudiciais para produção de um certo de tipo de sujeito considerado bom e correto - de maneira que um interditado sexo sem preservativo venha a ocorrer seja considerado um lapso. Nos vídeos pornôis divulgados no *currículo bareback*, quando o sexo sem preservativo é constantemente exibido com ditos que remetem ao prazer que isso pode proporcionar, ele é reformulado como erótico e “não como uma falha” (DEAN, 2009, p. 147, tradução minha).

Com esse tipo de imagem constantemente evocada para fabricação de uma verdade outra sobre a prática do *bareback*, parece haver uma contestação do entendimento do sexo sem preservativo como incorreto. Por oposição à percepção de transar sem preservativo como um erro, no currículo, mostra-se o sexo sem preservativo de maneira hiperbólica, distanciando-se ainda mais da consideração desse sexo como algo errado. Se um erro pode ser considerado um engano, um equívoco¹²⁵, a reiteração dessa forma de ter relações sexuais, nos vídeos pornôis, aparece assim como prescrição, como uma conduta que é incitada, valorizada, desejada e autorizada. Em oposição à constituição da transa sem preservativo como um erro, o que se coloca em destaque aqui é que existem determinadas prescrições que são sancionadas e modos de condução da conduta que são interditados, a *pedagogia do erotismo* surge, portanto, mostrando a possibilidade de transgredir, romper e violar esses modos de se conduzir e traçar outros.

Dessa forma, “como regime de produção audiovisual e performativa, a pornografia está envolvida na produção de saberes e usos dos prazeres corporais, convocando um exercício de ver corpos e formas sexuais” (OLIVEIRA, 2013, p. 247). Os corpos e as formas sexuais

¹²⁵ ERRO. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/erro/>>. Acesso em: 14 set. 2020.

divulgados inscrevem as verdades aqui produzidas – “gozada dentro sempre é mais gostoso”¹²⁶, sexo sem preservativo “é um tesão”¹²⁷ -, não como uma falha, vinculando esses saberes a outro regime de verdade.

A *pedagogia do erotismo*, ao mobilizar técnicas específicas para exibição dos vídeos pornôns no *currículo bareback*, tensiona as verdades já construídas no que se refere à prevenção, fazendo emergir outras verdades. Ao funcionar dessa forma, essa pedagogia não apenas apresenta possibilidades de ter relações sexuais sem preservativo em oposição a uma série de normas, mas também prescreve, ensina e, através de uma série de estratégias, mostra a prática sexual *bareback* como desejável, excitante e boa, recorrendo aqui para o erotismo que está vinculado à transgressão à norma do uso obrigatório do preservativo em todas as relações sexuais. Assim, esse currículo classifica e prescreve posturas e condutas adequadas em relação às práticas sexuais. Trata-se aqui de um funcionamento curricular constituído minuciosamente nas tramas das relações de poder. O jovem que acessa esse conjunto de vídeos pornôns, mesmo que tenha um objetivo apenas masturbatório, pode ter seu prazer produzido por aquilo que é dito aqui como transgressivo, porque, na *pedagogia do erotismo*, isso também é mostrado como prazeroso. Ainda que se pergunte, nesse currículo, em algum momento, como o jovem gosta de sentir prazer, a variedade de vídeos oferece uma resposta a essa pergunta e outros ditos mostram o que é considerado “um tesão” aqui.

Não somente a transgressão interessa à *pedagogia do erotismo*. A partir das elaborações de Leite Júnior (2009), pode-se inferir que a contestação dos “interditos culturais” nas experiências eróticas opera também para “dar sentido e sabor a essa infração” (LEITE JR., 2009, p. 530). Bataille (2017) também já havia atentado para como o prazer está atrelado à contestação daquilo que está proibido. É necessário, pois, mostrar que a prática sexual *bareback*, as transgressões em que ela se inscreve e os possíveis modos de fazê-la podem dar prazer que não se restringe apenas à transgressão das normas, mas que se amplia para constituição de um outro modo de ver a prática *bareback*. Dito de outro modo, é preciso forjar um certo gosto por aquilo que é exibido nos vídeos pornôns. Para isso, são acionados ditos, como os que serão mostrados a seguir, direcionando um certo modo de olhar para esses vídeos. Junto a isso, é preciso dizer que esses vídeos e ditos não são vistos de forma isolada, mas se inserem

¹²⁶ Postagem de 13 de dezembro de 2019. Disponível em: blogbarebackbr.blogspot.com. Acesso em: 05 jan. 2021.

¹²⁷ Postagem de 22 de fevereiro de 2019. Disponível em: blogbarebackbr.blogspot.com. Acesso em: 21 dez. 2019.

como parte de um *currículo bareback* cujo funcionamento encontra-se voltado para incitar um modo específico de ter relações sexuais e de sentir prazer vinculados ao sexo sem preservativo.

Percebe-se, portanto, que, se o erótico está mais próximo da invenção, da criação e da fabricação de um certo gosto, aquilo ao que ele está relacionado também o é. Assim, a própria noção de nojo, de desagradável e de repulsivo é um efeito das verdades que produzem essas noções. Dessa forma, entendo que esses textos e vídeos se compõem na *pedagogia do erotismo* para provocar fissuras naquilo que se convencionou como nojento, desagradável, repulsivo e também arriscado e não autorizado, bem como em tentar produzir um tipo desejo específico associado ao sexo sem preservativo e à troca de esperma, incitando modos específicos de condução da conduta no que se refere às relações sexuais e o prazer.

Alguns ditos, localizados como títulos de alguns agrupamentos de vídeos pornôis feitos no próprio currículo, investem para produzir a prática *bareback* como desejável e prazerosa:

Socar, socar até gozar! Gozada dentro sempre é mais gostoso (pelo menos eu acho) E você, como curte a gozada? (blog, sexta, 13 de dez. 2019¹²⁸)

Quem nunca? Começa de camisinha e termina sem! Isso é um tesão e muita gente curte! Simplesmente a pessoa não topa sem camisinha, mas na hora começa de camisinha e termina sem! Quem nunca? Conte a experiências de vocês aqui! Abaixo vários vídeos nessa temática, para despertar seu desejo também! (blog, sexta, 22 fev. 2019¹²⁹)

Leitar e ser leitado, é bom demais! Muitos tem tesão em vitaminar ou mesmo ser vitaminado. Essa prática nem sempre é totalmente aberta, mas muitos curtem! Sentiu tesão? Veja os vídeos! (blog, Sexta, 22 fev. 2019)

Uma brincadeira ousada que pode ser feita até com ATV x ATV¹³⁰, brinquem e troquem leite punhetando pau x pau, usem a criatividade a nosso favor! (blog, quarta-feira, 12 de dez. 2018¹³¹)

É assim que se faz: *Bareback* de verdade ama GOZAR DENTRO! Tem coisa melhor do que deixar seu leite dentro de um puto? Ou então receber leite, às vezes, até de quem tu nem conhece bem! Leitar ou ser leitado, nós barebackers amamos fazer isso! (blog, domingo, 9 de dez. 2018¹³²)

¹²⁸ Postagem de 13 de dezembro de 2019. Disponível em: blogbarebackbr.blogspot.com. Acesso em: 05 jan. 2021.

¹²⁹ Postagem de 22 de fevereiro de 2019. Disponível em: blogbarebackbr.blogspot.com. Acesso em: 21 dez. 2019.

¹³⁰ A referência nesse dito ATV x ATV trata-se da relação entre dois homens que se consideram ativos nas relações sexuais, gostam apenas de penetrar e não ser penetrados, que se encontram para transar sem penetração, apenas roçando os corpos, beijando, etc.

¹³¹ Postagem de 12 de dezembro de 2018. Disponível em: blogbarebackbr.blogspot.com. Acesso em: 05 jan. 2021.

¹³² Postagem de 09 de dezembro de 2018. Disponível em: blogbarebackbr.blogspot.com. Acesso em: 05 jan. 2021.

Os ditos acima não mostram o *bareback* como uma prática rejeitada, estigmatizada ou arriscada, mas evidenciam como ela pode produzir prazer, desejos os quais “geralmente são negados em outras esferas da cultura gay masculina (incluindo a Promoção da Saúde direcionada a homens gays) e, de outra forma, são reprimidos em favor de comportamentos normativos” (MOWLABOCUS; HARBOTTLE; WITZEL, 2013, p. 536, tradução minha). Nesse sentido, o prazer parece emergir vinculado à transgressão da norma do uso do preservativo. Percebe-se que os ditos “é mais gostoso”, “é um tesão”, “é bom demais” “muitos curtem” emergem associados a “gozar dentro”, ao sexo “sem camisinha”. Há, ainda, uma estratégia de poder, sendo reconhecido, nesse currículo, que “a prática nem sempre é totalmente aberta” (blog, sexta, 22 fev. 2019¹³³). Coloca-se a discursividade produzida através da pornografia em relação a outras que estão em articulação em outros lugares. Ela concorre, portanto, com outras que a interditam, por isso, ela “nem sempre é totalmente aberta”. Mas os jogos de poder instaurados aqui no *currículo bareback* parecem tensionar esses outros discursos, mobilizando a *pedagogia do erotismo* que busca seduzir, motivar e convencer os jovens do prazer que essa prática pode proporcionar.

Os vídeos pornôns estão em disputa com aquilo que está na ordem do verdadeiro no governo da sexualidade de HSH e de homens gays. Assim, além de se investir no convencimento do jovem em adotar práticas de sexo sem preservativo, há uma prescrição que se insere nesse currículo como um procedimento que pode ser adotado pelo jovem *barebacker* nas relações sexuais a fim de convencer aqueles que ainda conduzem sua conduta inscritos nas normas do sexo com preservativo: “Simplesmente a pessoa não topa sem camisinha, mas na hora começa de camisinha e termina sem!”, ensinando que alguns jovens podem não aderir inicialmente à prática, mas podem acabar sendo por ela seduzidos. Vinculado a esse dito, convoca-se um engajamento dos *barebackers* ao currículo para que eles contem suas experiências, fazendo com que outros procedimentos como esse possam ser acionados nesse currículo.

Junto a isso, nota-se que a *pedagogia do erotismo* funciona também com um objetivo: “despertar o desejo”. Nesse mesmo dito, é possível localizar a seguinte frase: “Abaixo vários vídeos nessa temática, para despertar seu desejo também!”. No *currículo bareback*, o investimento na transgressão à norma de usar preservativos nas relações sexuais é feito com estratégias bem sedutoras. Existe aí todo um investimento estratégico de escolha de vídeos com

¹³³ Postagem de 22 de fevereiro de 2019. Disponível em: blogbarebackbr.blogspot.com. Acesso em: 21 dez. 2019.

essa temática para que eles incidam na condução da conduta dos jovens e em seus desejos. Os vídeos pornô escolhidos fazem parte de um aparato discursivo para produção do desejo de um modo muito específico que demonstro a partir desse recurso de agrupamento por temas, vinculando ditos que prescrevem certas maneiras de se conduzir nas relações sexuais. Os temas dos vídeos, a seleção dos vídeos pornô aqui feita e os ditos mobilizados aparecem no *currículo bareback* explicando detalhadamente como deve ser a prática de um sujeito *bareback*. Assim, esse currículo parece mostrar experiências, nos vídeos pornô, que devem ser imitadas, apresenta conduções da conduta a serem seguidas, expondo dicas, sugestões, modelos. Como sofisticação dessa estratégia, o *barebacker* ainda é convocado a contar suas experiências nesse modo de conduzir a conduta para que os outros também as conheçam, sendo, pois, uma ampliação do conteúdo desse currículo que serve como modelo, algo a ser imitado, a ser divulgado como comportamento a ser seguido, adotado.

Se, no *currículo bareback*, através da *pedagogia do erotismo*, produzem-se certas verdades, pode-se inferir que, quando pensamos que essas verdades estão direcionadas a um espectador específico, esse espectador “está longe de se constituir como um espectador voyeur passivo” (OLIVEIRA, 2013, p. 247). Pelo contrário, ele se produz a partir das verdades que aqui são divulgadas. Assim, a produção da subjetividade *barebacker* está também amalgamada com as verdades produzidas pela *pedagogia do erotismo*.

A construção da prática *bareback* atrelada ao erótico é uma estratégia de poder, pois, desse modo, a prática adquire inteligibilidade. Ela é mobilizada sob outro domínio que confere a ela mais aceitabilidade, abertura e engajamento, ainda que, exatamente por ser produzida por relações de poder, os sentidos produzidos estejam sempre em disputa. É possível dizer que muitas práticas consideradas eróticas já estão inscritas em determinada ordem discursiva tornada inteligível. Desse modo, já podem ser reconhecidas e aceitas com mais previsibilidade, mas outras continuam interditas, desautorizadas, invisibilizadas, ficando à margem daquilo que pode ser conhecido, experimentado e vivido nas relações sexuais. Apesar disso, a *pedagogia do erotismo* no *currículo bareback* opera para desestabilizar as fronteiras que colocam, até mesmo práticas eróticas, dentro dos processos de normalização. Assim, práticas e ações “que parecem convencionalmente pouco atraentes ou até repulsivas são tornadas sensuais e prazerosas” (DEAN, 2009, p. 149, tradução nossa).

Na pornografia *bareback* proliferam possibilidades eróticas. O acionamento do erotismo é um investimento que traz muitas possibilidades no *currículo bareback*. Se é possível afirmar que um determinado gosto sexual pode ser adquirido “porque objetos e atividades

aparentemente não relacionados ao sexo são mais ou menos suscetíveis à erotização” (DEAN, 2009, p. 148, tradução nossa), parece que há, no *currículo bareback*, um investimento nesse pressuposto para divulgação dos vídeos pornôis, de modo que a *pedagogia do erotismo* parece funcionar mobilizando o erótico “como uma estratégia criativa” (DEAN, 2009, p. 149, tradução nossa). Por isso, como destacado nos ditos anteriores, no currículo, faz-se uma convocação aos HSH para que “usem a criatividade a nosso favor”, ainda que isso esteja relacionado ao engajamento com o risco.

Além de funcionar a partir de técnicas específicas, percebi também que a *pedagogia do erotismo* tem seu funcionamento inscrito sob o signo do amadorismo dos vídeos pornôis. Os vídeos aqui mobilizados têm uma qualidade amadora que pode ser observada a partir de alguns pontos: não são mostrados ângulos diversos de filmagem, a qualidade da filmagem nem sempre é alta, parece não haver edições, não há responsáveis por filmar as cenas, são os próprios envolvidos na relação sexual que filmam, não há uma estrutura narrativa no filme, é a transa que está em evidência, o ambiente de filmagem nem sempre é bem iluminado. Em algumas cenas, um terceiro homem faz as filmagens, fazendo algumas interações, ainda que com sussurros, mas, na maioria dos vídeos pornôis divulgados no *currículo bareback*, ou a câmera está localizada em um ponto estratégico para focar um determinado ângulo ou o próprio homem ativo que protagoniza o vídeo segura a câmera de modo a garantir a melhor perspectiva para mostrar a penetração sem camisinha. Dean (2009), ao analisar a pornografia *bareback*, também notou algo muito próximo do que percebi no *currículo bareback*. O autor afirma que “geralmente livres de *scripts* e pressionando contra as convenções genéricas da pornografia convencional, os vídeos *bareback* [...] se assemelham mais a explorações filmadas do que a performances. Não há atores nesses filmes, apenas participantes” (DEAN, 2009, p. 105-106, tradução minha).

O aspecto amador, encontrado em grande parte dos vídeos pornôis do *currículo bareback*, parece se inscrever na contemporaneidade, na qual nossa vida é mediada pela internet. Somos constantemente incitados/as a nos exibirmos nas redes, a mostrar nossa “extimidade”, nos termos de Paula Sibilia (2015). Dessa maneira, a produção de vídeos pornôis não fica restrita apenas às grandes empresas, mas os próprios indivíduos filmam a si mesmos tendo relações sexuais e expõem esses materiais no ciberespaço. Nesse sentido, o que se observa é que há uma desestabilização do “controle da indústria do estúdio sobre os artefatos culturais que moldaram fortemente os contornos da cultura gay” (TZIALLAS, 2019, p. 147, tradução minha). No presente, a partir da internet e das facilidades de acesso, “qualquer pessoa com uma

câmera de vídeo e inclinação para o exibicionismo pode se tornar uma estrela pornô, descentralizando a imagem controlada do artista comercial” (TZIALLAS, 2019, p. 147, tradução minha).

Segundo o autor, conteúdos com vídeos pornôs amadores e gratuitos passam, inclusive, a disputar espaço com grandes produtoras, ou seja, “uma batalha pelo controle do olhar pornográfico surgiu dentro da indústria pornográfica gay masculina” (TZIALLAS, 2019, p. 139, tradução minha). Alguns estúdios de filmagem pornô passaram, inclusive, a adotar modos de filmar com estéticas amadoras, como, por exemplo: escolher “cenas individuais em vez de filmes inteiros”, renunciando, assim, a uma estrutura narrativa; saturar as cenas “de acordo com o conteúdo ou tema em vez de enredo” (TZIALLAS, 2019, p. 139-140). Aqui no *currículo bareback* há a presença de estratégias como essas, como podemos ver no Grupo 1, em que um único vídeo com 31 minutos e 3 segundos tem apenas cenas de sexo com penetração e evidência, principalmente, a ejaculação do ativo e o esperma saindo do cu do passivo, sendo, pois, um agrupamento por conteúdo feito pelo próprio currículo. Nesse currículo são feitas seleções, composições e montagens, por fim, essa ação é agrupada e escolhe-se um tema que aparece em forma de título para chamar atenção do indivíduo. Todos as cenas que fazem parte do Grupo 1 estão dentro do espectro que seu título (“Socar, socar até gozar! Gozada dentro sempre é mais gostoso (pelo menos eu acho) E você, como curte a gozada?”) anuncia: é uma sequência de penetrações – traduzidos nos termos “socar, socar” -, com predominância de foco no ativo – aquele que soca. A ação encontra-se não apenas no título, mas também na cena descrita completa, na qual se observa que “não é possível perceber se o homem passivo da relação também chegou ao gozo, visto que o foco da ação está no ativo e o gozo dentro” (VU – APÊNDICE), sendo raras as cenas que mostram o passivo gozando.

O tema desse agrupamento é o sexo *bareback*, sem preservativo, e o conteúdo busca explicitar o esperma em contato com a pele, após a sequência de penetração, vem o gozo. Assim, ensina-se que o indivíduo deve “socar” o pau até gozar, e dentro porque “gozada dentro sempre é mais gostoso (pelo menos eu acho)” (blog, sexta, 13 de dez. 2019). Isso pode ser percebido na cena em destaque nesse tópico na qual “a penetração ocorre quando esse homem se aproxima do gozo, revelando que a intenção é exatamente essa de gozar dentro sem camisinha, mostrando para o espectador” (Vídeo Único [VU], 0seg a 47 segundos. Ver APÊNDICE).

Os vídeos do *currículo bareback* funcionam de acordo com conteúdo ou tema, em vez de apresentarem um enredo, o que parece instaurar um paradoxo, pois, mesmo esses filmes não

tendo uma narrativa em seu sentido comum, composta por uma sequência de fatos que, mais ou menos encadeados, sustentam uma história com começo, meio e fim, eles não deixam de ter uma mensagem, de contar alguma coisa. Eles não deixam de ser discursivos. Na disputa pelo olhar pornográfico, Tziallas (2019) mostra como o estilo amador de filmar começou a mostrar práticas que eram interditadas por grandes empresas pornográficas. Por isso, são importantes e aparecem de forma proeminente mobilizados pela *pedagogia do erotismo*, por seu espectro transgressor. Trazem para a superfície da tela expressões perturbadoras, exibem prazeres dissidentes.

O processo de normalização do uso do preservativo emergido ao longo dos anos 1990 capturou também a pornografia, tornando-a local de intervenção e ações educativas. Esse processo e as intervenções na pornografia mostram que “apesar do impulso de ‘mostrar tudo’ e não deixar nada meramente implícito, a pornografia é um gênero governado por convenções que regulam o que pode - e não pode - ser mostrado” (DEAN, 2009, p. 104-105, tradução minha).

Após pressões crescentes de defensoras/es da saúde e ativistas antiaids, a indústria pornográfica gay masculina “aderiu a esta nova realidade e adotou um sistema autorregulador que obrigava o uso uniforme do preservativo, tornando-se tacitamente o rosto (e a política corporal) de uma campanha generalizada de sexo mais seguro destinada aos homossexuais” (TZIALLAS, 2019, p. 135, tradução minha). O estilo amador de filmar não parece comprometido com esses pressupostos, pelo contrário, transgride-os, fazendo emergir uma pornografia *bareback* que tem apresentado desafios constantes ao “compromisso da indústria de pornografia gay comercial com o uso uniforme de preservativos, ameaçando não apenas seus lucros, mas também seu status não oficial de embaixador e epicentro da cultura gay masculina” (TZIALLAS, 2019, p. 138, tradução minha). A pornografia *bareback* pode, pois, ser acionada como um gênero favorável à *pedagogia do erotismo*, por mostrar a violação das normas obrigatórias do uso do preservativo de modo mais distinto e notável.

A partir da proliferação de vídeos como esses com estética amadora e gratuita, há uma “crescente demanda por conteúdo amador explícito” (TZIALLAS, 2019, p. 136, tradução minha) que, de acordo com Tziallas, emerge associada à exibição de algo mais próximo do que pode ser considerado *real* no discurso *bareback*. Dessa forma, nos vídeos pornô, “o realismo tornou-se definido por escolhas estéticas e pela falta de uma organização central do enredo” (TZIALLAS, 2019, p. 140, tradução minha). Tziallas (2019, p. 140, tradução minha) faz, portanto, a seguinte reflexão: “o efeito da demanda por maiores quantidades de realismo na

pornografia não pode ser subestimado”. Desse modo, para ele, “é importante enfatizar como as práticas de distribuição também tiveram impacto no conteúdo, bem como no estilo, especialmente no caso da pornografia *bareback*”. Há, portanto, estratégias discursivas que engendram certa compreensão do que pode ser classificado como *real* aqui. Estou, pois, compreendendo real, da forma como Foucault nos ensinou, olhando-o como um efeito do discurso, uma vez que é “o discurso em geral” que “constitui uma realidade” (FOUCAULT, 2000, p. 188). Pode-se dizer do real o mesmo que Costa (2000, p. 76) afirmou a respeito da verdade e da realidade: “são construções discursivas resultantes de epistemes situadas e datadas” (COSTA, 2000, p. 76). Conforme explicou a autora, também inspirada em Foucault, “quando algo ou alguém é descrito, explicado, em uma narrativa ou discurso, temos uma linguagem produzindo uma ‘realidade’, instituindo algo como existente de tal e tal forma” (COSTA, 2000, p. 77). Assim, o “discurso, no jogo delimitado de seus enunciados, modela a realidade” (PARAÍSO, 2007, p. 54). É desse modo, pois, que analiso o que se pretende produzir como real no *currículo bareback*.

Realismo e amadorismo aqui parecem se fundir para criar o que pode ser considerado na pornografia *bareback* como “sexo real” importante na atualidade dessa prática sexual, se pensarmos, como indica Dean (2015), que o termo *bareback* recentemente deu lugar à noção de sexo “cru”, como uma forma de superar a mediação. Embora “não possa haver experiência sexual que permaneça não mediada pelas concepções sociais do que o sexo é ou deveria ser” (DEAN, 2015, p. 224, tradução minha). Segundo esse autor, a vida sexual de homens gays é “mais fortemente mediada do que a maioria”, eles são particularmente “suscetíveis à fantasia que o 'cru' representa” (DEAN, 2015, p. 224-225, tradução minha). “Raw” ou “cru” é, assim, “associado a ‘real’, ‘natural’ e ‘autêntico’ (TZIALLAS, 2019, p. 137, tradução minha) no discurso *bareback*. Dean (2009) também sugere que há, na pornografia *bareback*, “a tática de convencer os espectadores de que o que eles estão vendo não é uma performance, mas a coisa real, bruta e sem censura”. Segundo o autor, o que ele chama de o efeito da crueza “faz parte do pornô realismo e deve ser perpetuamente recriado para que a ação não seja registrada como excessivamente estilizada” (DEAN, 2009, p. 106, tradução minha). Daí “o apelo à pornografia ‘amadora’, na qual os casais não aparecem como atores profissionais cujo trabalho é foder no cinema” (DEAN, 2009, p. 106, tradução minha). Dessa forma, essa questão “precisa do real, da realidade, que funde o *bareback* com novas formas de amadorismo desenfreado” (TZIALLAS, 2019, p. 136, 137, tradução minha). O sexo sem preservativo “e sua encarnação visual estão

inextricavelmente entrelaçados na fantasia de retornar a algo ‘real’, de apagar a mediação e a intervenção” (TZIALLAS, 2019, p. 137, tradução minha).

O sexo amador, no discurso *bareback*, parece representar melhor um sexo real, e o real aqui parece adquirir qualidades específicas, como aquele que não tem mediação, que, ao se apresentar dessa forma, expressa o “desejo de se libertar da política antisséptica associada a regimes de intervenção” (TZIALLAS, 2019, p. 137, tradução minha). Isso é feito para colocar a prática *bareback* como uma prática que escapa, de algum modo, dos investimentos do biopoder com seus cálculos e vigilâncias, ainda que, em algum momento, essa prática seja atravessada por esse mesmo poder, através da Truvada, por exemplo, como mostro na seção três desta tese. Assim, transar sem camisinha “é incorporar as fantasias e potencialidades da liberação gay” e, ainda, “reviver o período anterior à divisão entre sexo seguro e inseguro e, por extensão, antes que a divisão entre o passado e o presente fosse erguida e revestida de látex” (TZIALLAS, 2019, p. 137, tradução minha). Desse modo, a *pedagogia do erotismo* pode também estar atrelada à fantasia.

Mobilizando as estratégias de inscrever o sexo *bareback* vinculado ao que se produz aqui como real, a *pedagogia do erotismo* está inscrita em relações de poder, porque o poder é responsável por “produzir versões sobre a realidade, o poder também produz essa própria realidade” (PARAÍSO, 2007, p. 55). É, pois, mobilizando o amadorismo dos vídeos pornô que, nesse currículo, percebemos o real sendo descrito, explicado, instituído de uma forma específica.

Considerando o *bareback*, Tim Dean (2009, p. X) afirma que, como qualquer outra cultura, esta tem “sua própria linguagem, rituais, etiqueta, instituições, iconografia e assim por diante”. Estou atento ao aspecto produtivo e ao funcionamento dessas expressões, e mais especificamente neste capítulo, como isso acontece quando vídeos pornô são acionados para divulgar verdades amalgamadas no *bareback*.

Quando Dean (2009) afirma que a pornografia *bareback* constitui um modo de pensar sobre os limites corporais, intimidade, poder e, claro, sobre sexo, o autor não diz que as ideias sobre sexo ou aids são refletidas nas práticas exibidas nesses vídeos, mas que as ações nesses vídeos “coreografam um modo de pensamento incorporado” (DEAN, 2009, p. 105, tradução minha). Os corpos em cena fazendo sexo sem preservativo constituem um discurso contrário ao discurso da prevenção que prescreve que todas as relações sexuais devem ser feitas com camisinha, que interdita qualquer relação que apresente riscos de contrair o vírus do hiv e, dessa forma, “a pornografia de *bareback* também pode constituir uma forma válida de pensar sobre

um vírus” (DEAN, 2009, p. 105, tradução minha). Mesmo que hoje essas discursividades sejam atravessadas pela utilização da PrEP, como mostrei na seção três desta tese, “ao contrário do ‘pré-condom’ pornô gay produzido durante os anos 1970 e início dos anos 1980, o pornô de *bareback* está longe de ser esquecido pelo hiv” (DEAN, 2009, p. 105, tradução minha).

Desse modo, podemos falar de um atrito que não é somente entre os corpos das pessoas que estão em cena, quando se compreende a capacidade da imagem pornográfica “ativar-se no corpo do espectador” (PRECIADO, 2018, p. 281) ou, conforme Linda Williams (2004) também sugere, que pensar que a pornografia é imagem incorporada, imagem que não somente se faz corpo, mas capta o corpo no “encontro com um dispositivo tecnológico erotizado”¹³⁴ (WILLIAMS, 2004, p. 7, tradução minha), o “espectador” não somente assiste, mas se constitui com o modo de pensamento divulgado.

Nesse sentido, os vídeos pornôs *bareback* lançam mão da *pedagogia do erotismo*, que funciona com técnicas específicas, para produzirem interesse, simpatia, disposição pelo sexo *bareback* e apresentam algo que inicialmente pode parecer repulsivo como objeto de desejo, produzindo, ao incitar a violação das normas do discurso da prevenção, tensões naquilo que se convencionou como normal, como correto. Esse parece ser o efeito que se pretende produzir quando, de maneira reiterada, os vídeos são exibidos mostrando incessantemente, através do recurso de aproximação das câmeras, paus sem preservativo entrando em cus, espermas sendo expelidos de ânus, espermas sendo engolidos por bocas no sexo entre homens.

Inscrevendo o erotismo como transgressão, analisei, neste *take*, como a *pedagogia do erotismo* emerge nos vídeos pornôs contestando o regime normativo da prevenção com camisinha nas relações sexuais, incitando a transgressão a essa norma. Discuti técnicas acionadas para produção da prática *bareback* como eróticas, assim como essas técnicas têm seu funcionamento inscrito sob o signo do amorismo dos vídeos pornôs. A estética amadora se constitui vinculada à prática *bareback* não somente como algo possibilitado pelo avanço da internet em que estamos cada vez mais engajados/as em expor nossa intimidade, mas de maneira que pessoas passaram a exhibir a si mesmas praticando sexo de formas que as grandes empresas pornográficas não faziam. Essa estética parece imbricar o sexo amador aos modos como o sentido de real é produzido discursivamente nesse currículo, o qual, no âmbito do sexo *bareback*, tem qualidades específicas. O real aqui é concebido cru, é o sexo sem mediação de normas e interdições. Através do recurso de foco nos vídeos pornôs, mostram-se, de forma reiterada, paus sem preservativo entrando em cus, espermas sendo expelidos de ânus, espermas

¹³⁴ Original em inglês.

sendo engolidos por bocas no sexo entre homens, incitando modos de condução da conduta opostos à pedagogia do sexo seguro, ao uso generalizado e obrigatório do preservativo e a à não ingestão de sêmen no sexo oral. Junto a isso, sugeri que esse modo reiterado de tornar visível a prática sexual sem preservativo e a ingestão de sêmen parecem contestar essas ações como erros, produzindo-as como desejáveis e prazerosas. Um aspecto mais geral é importante para entender os jogos de poder aqui instaurados: a *pedagogia do erotismo* que emerge no *currículo bareback* é historicamente situada e, desse modo, está vinculada à transgressão ao processo no qual “o sexo anal sem preservativo tornou-se visivelmente marcado - e, portanto, comercializável - como uma preferência específica, uma condição de excitação” (DEAN, 2009, p. 147, tradução minha).

As duas pedagogias e suas técnicas em funcionamento no *currículo bareback*, ativadas por meio dos vídeos pornô, evidenciam as complexas relações de poder que constituem a prática sexual aqui analisada. Isso porque, ao mesmo tempo em que a prática *bareback* emerge como uma contestação à homonormatividade – com suas prescrições e demandas para constituição de um bom gay –, como mostrei aqui na *pedagogia do erotismo*, ela também se aproxima das normas de gênero, quando opera com a *pedagogia da masculinização*. Nesse sentido, a “pornografia é em geral um terreno fértil para se pensar como a transgressão ou a dissidência de normas de caráter sexual convive mútua e contingencialmente com a obediência e a reiteração das normas” (DÍAZ-BENITEZ, 2009, p. 594).

Segundo Dean (2008, p. 81, tradução nossa), “o discurso *bareback* foi inventado por alguns homens gays para manter seu sexo fora dos limites da respeitabilidade”. São homens que, de acordo com ele, “não querem ser considerados ‘normais’ e, portanto, estão deixando claro que algo diferente do normal pode não ser apenas defensável, mas positivamente desejável” (DEAN, 2008, p. 81, tradução nossa). Ao considerar currículo como discurso nesta tese, interessa-me mostrar como esse discurso funciona no ciberespaço por meio de relações de poder para constituição da subjetividade *bareback*. Como invenção, esse discurso se manifesta e se atualiza de diversas maneiras, até mesmo por meio dos vídeos pornô como discuto nesta seção. São mobilizadas a *pedagogia das masculinização* e a *pedagogia do erotismo* que expressam verdades sobre práticas sexuais, divulgam, ensinam e incitam os sujeitos a se vincularem a modos específicos de se conduzir.

ENCORE

Eu adoro quando você jorra suas fantasias sobre mim
e me deixa beber alguns dos seus segredos
Alguns....
para me lembrar que o desejo não goza
Nunca.¹³⁵

O título das considerações finais desta tese – *Encore* – é o mesmo título do poema acima. O poema parece trazer, em forma de poesia, o gozar. Essa ação que, costumeiramente, associamos ao clímax de uma relação sexual, à expressão máxima do prazer, ao ápice do desejo. O que parece ser o fim de uma transa, no poema, no entanto, não é o fim do desejo, que parece ser insaciável, por isso, ele nunca goza. O poema exprime um desejo que é da ordem da continuidade, sendo chamado de “Encore” [do francês *ãkɔʁ*, adv. ainda, de novo, novamente]. O que poderia significar, pois, um desejo que não acaba, não goza? Talvez ainda poderíamos mobilizar algumas outras perguntas: o fim de uma transa é o seu clímax? O gozo é a materialização do prazer, ou do desejo? Há uma fusão de perguntas e sensações que se misturam aqui nestas considerações finais, que, de finais, parecem nada ter. Considerações que, assim como o poema, são mais *encore*, pois elas exprimem mais continuidade, assim como o desejo do poema, que não goza. Não goza no sentido de que não cessa nunca, não acaba. É um desejo que parece querer permanecer por intencional sempre dizer algo mais, sempre roçar com outros temas, outros corpos, sentir outras sensações, ter outros encontros. É, pois, como esse *Encore*, que os/as convido-os a ler as reflexões aqui delineadas.

Esta tese de doutorado consiste em uma investigação sobre o funcionamento do *currículo bareback*. A justaposição dessas duas palavras – *currículo* e *bareback* – é a síntese difícil de ser entendida por si só. Isso porque, se a noção de currículo, nos termos tomados nesta tese, a partir do aporte teórico pós-crítico, amplia aquilo que é comumente entendido por currículo (conjunto de disciplinas/conteúdos escolares), para constituí-lo como um “artefato cultural que ensina, educa e produz sujeitos, que está em muitos espaços, desdobrando-se em diferentes pedagogias” (PARAÍSO, 2010b, p. 11), a palavra *bareback* ainda é estranha para muitas pessoas. Vivi, durante o período do doutorado, uma experiência muito próxima daquelas pessoas que decidem operar com esse modo de entender currículo. Uma das pessoas mais

¹³⁵ Poema gentilmente escrito por uma amiga para a finalização desta tese.

recentes a fazer esse trabalho foi Luiza Silva (2018). A autora afirma que, quando precisava explicar sua pesquisa sobre o “currículo da nudez”, percebia que “as pessoas recebiam essa noção com espanto”, pois a situação de adjacência ou contiguidade do currículo com a nudez “embaralhava a noção comum do que são pesquisas em educação e também do que são os estudos de currículo” (SILVA, 2018, p. 123).

Se a palavra *nudez* pode ser mais facilmente descrita sobre seu significado, a palavra *bareback* foge, na maioria das vezes, da compreensão das pessoas. Desse modo, explicar *currículo bareback* era sempre um caminho longo a percorrer, com muitos desafios e tensões, que adensavam ainda mais o embaralhamento do qual fala a autora. Entendo, portanto, que esses desafios mostram as muitas dificuldades que o campo da educação e do currículo ainda têm de dialogar com as temáticas que emergem do/no cotidiano e da/na cultura, disputando espaços com conhecimentos já legitimados nesses campos. No entanto, a possibilidade de falar e pesquisar sobre temas como *nudez e bareback* na educação mostra também que temos tentado falar daqui, do currículo e da educação, com nossos termos e modos, de questões importantes para nós, educadores/as e curriculistas. É a reivindicação de um espaço de diálogo também que, histórica e insistentemente, temos defendido, principalmente a partir das questões de gênero e sexualidade.

As informações produzidas ao longo dos quatro anos de estudo são mais uma forma de reafirmar que não somente os currículos escolares têm sido responsáveis por informar, ensinar, produzir, prescrever, produzir sujeitos de certos tipos, mas mostrar como também os currículos culturais não-escolares o fazem. Isso porque desenvolvo aqui a tese de que, no funcionamento do *currículo bareback*, engendra-se um processo de subjetivação e produção de verdades, caracterizado e particularizado proeminentemente por contestações e resistências às normas prescritas do uso obrigatório do preservativo nas relações sexuais entre homens que fazem sexo com homens. Composto essas contestações e resistências, está a disputa sobre o prazer sexual. Assim, afirma-se, nesse currículo, que o ato sexual mais excitante, melhor e mais prazeroso é aquele que pode ser sentido sem preservativo. Tal afirmação que emerge nesse currículo como verdade estabelece relações com o risco, o prazer, a saúde e o gênero que incidem na produção de posições de sujeito particulares e em modos de condução da conduta distintos. Dessa maneira, o *currículo bareback* atua de modo a produzir diferentes, complementares e conflitantes posições de sujeito: *unrubberman*, *preper*, *bugchaser* e *giftgivers*. No que se refere ainda ao funcionamento desse currículo, localiza-se a pornografia como uma tecnologia integrada pelas *pedagogias da masculinização e do erotismo*, as quais operam com técnicas

específicas para produzir o *bareback* como uma prática transgressiva atrelada à masculinidade e à violação da norma do uso obrigatório do preservativo. Cada um desses aspectos foi, ao longo do trabalho minuciosa e detalhadamente, problematizado.

Na primeira seção analítica desta tese – *Do prazer* – foi possível colocar sob suspeita os modos específicos de produção da verdade sobre o prazer sexual no currículo investigado. Uma produção que investe na prescrição e na demanda de que os indivíduos se engajem em práticas sexuais sem preservativos. Isso porque, dessa forma, o ato sexual é considerado como mais prazeroso, mais intenso e bem melhor. Promovem-se, assim, tensões e deslocamentos das prescrições do sexo com preservativo. Mostrei, portanto, que o *currículo bareback* produz verdades sobre o prazer sexual que se dão a partir das relações de poder. Essas verdades estão em intrínseca relação com os modos como os sujeitos se constituem nesse currículo - algo que passo a explorar na segunda seção analítica – *Das posições de sujeito*.

Essa seção parece ser aquela mais capaz de traduzir toda a complexidade, pluralidade e multidimensionalidade da prática sexual *bareback*. Isso porque as quatro posições de sujeitos disponibilizadas nesse currículo – *unrubberman*, *preper*, *bugchaser* e *giftgiver* – evidenciam que não existe um único modo de ser *barebacker*. Pelo contrário, o funcionamento do *currículo bareback* se dá de maneira conflituosa, divergente e não harmoniosa; os interesses e os cuidados traduzidos nas formas de condução da conduta de cada uma dessas posições de sujeito *barebacker* complexificam uma explicação rápida e superficial sobre a prática *bareback*. Enquanto a *posição de sujeito unrubberman*, predominantemente, traz as marcas da negação do uso do preservativo, da transgressão das interdições do contato com os fluidos corporais, da correspondência às normas de gênero, sem maiores preocupações com os riscos de contaminação para o hiv que podem ser inerentes a essas ações, a *posição de sujeito preper* difere dela, pois a sua marca mais relevante é a busca por informação e conhecimento médicos para encontrar algum tipo de proteção diante desses riscos. Essa última posição de sujeito, assim, aproxima-se mais das demandas da biopolítica contemporânea de cuidados com a saúde. As posições de sujeito *bugchaser* e *giftgiver*, por sua vez, têm suas marcas mais proeminentes associadas ao desejo de adquirir ou transmitir o vírus do hiv.

Além da profusão de ditos encontrados no *currículo bareback* que permitiram esses argumentos recuperados aqui no *Encore*, há também a divulgação abundante de vídeos pornôs, os quais complementam e reafirmam, de outros modos, as demandas desse currículo. Encontramos neles, em linguagem pornográfica, ou seja, sem nada esconder, toda a potencialidade do explícito. Se a pornografia pode ser entendida como “o discurso por

excelência veiculador do obsceno, daquilo que se mostra e deveria ser escondido” (LAPEIZ, MORAIS, 1985, p. 9), encontramos, nos vídeos pornô *barebackers*, toda transgressão às normas do uso do preservativo em sua ostensividade, analisados, pois, na terceira sessão analítica desta tese: *Dos vídeos pornô*. Há, nesses vídeos, um bocado de cenas de sexo, muitas composições, montagens e focos que se constituem, proeminentemente, em duas pedagogias: *pedagogia da masculinização e pedagogia da transgressão*. A primeira refere-se às demandas desse currículo para construção do *bareback* como uma prática masculina, que incide na constituição de um tipo específico de *jovem homem barebacker*, marcado pelo ajustamento desse homem ao discurso normativo de gênero. A segunda constrói o *bareback* como uma prática transgressiva dos valores socialmente sancionados sobre o uso do preservativo em relações sexuais, ensinando e incitando fantasias eróticas a partir dessa transgressão.

A retomada desses aspectos no *Encore* desta tese seria aqui finalizada, não fosse a pandemia da Covid-19, que acentuou os desafios e a complexidade que o tema já me apresentava. Devido à proeminente característica do *bareback* de contestação das normas de uso do preservativo, o que seria um *spin-off*¹³⁶ da tese tornou-se algo necessário de abordagem ainda nela mesma. Não quero, com isso, dizer que esgotarei toda possibilidade de discussão aqui neste espaço, mas sinalizo, de algum modo, as compreensões que tenho inicialmente sobre as possíveis relações entre a prática *bareback* e a pandemia que ainda estamos vivendo.

O ano de 2020 foi marcado pelos efeitos nefastos da pandemia da Covid-19, decretada como tal pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março do ano em questão. As dimensões do risco de contágio e da mortalidade trazida pelo vírus exigiram mudanças rápidas para conter seu avanço na ordem da biopolítica, mobilizando, assim, uma série de estratégias para exercer o poder sobre a população, como “rastreamento, testagem sistemática, confinamento, vacinação e sua certificação” (OLIVEIRA, 2021, p. 299). Isso, no entanto, não se estendeu a toda população da mesma maneira. Nesse cenário, tivemos “vidas nuas, que experienciaram absoluta desproteção e arbitrariedade de viver em estado de exceção [...] que podem ser mortas a qualquer momento sem sanções nem castigo para quem o mata” (OLIVEIRA, 2021, p. 299).

Assim, se, por um lado, tivemos a gestão da vida para fazer viver, por outro lado, “a lógica neoliberal sobrepôs às medidas de mitigação [do risco] e optou-se pela desvalorização

¹³⁶ *Spin-off*, em tradução livre, pode significar derivagem. É um termo utilizado para designar aquilo que foi derivado de algo já desenvolvido e pesquisado anteriormente. Ganhou mais notoriedade a partir de produções de séries das plataformas de *streaming* em que alguns personagens ganharam relevância, demandando que sua história fosse contada de modo detalhado em outra produção.

do problema” (OLIVEIRA, 2021, p 299). Aqui, no Brasil, o Governo Federal “propagou imediata e majoritariamente a necessidade de retornar à atividade econômica a qualquer custo” (MANSANO; CARVALHO; CARVALHAES, 2020, p. 306). No entanto, conforme mostram Mansano, Carvalho e Carvalhes (2020), esse segundo lado de gestão governamental também se apoiou e mobilizou o argumento central de defesa da vida para se fortalecer. Uma das justificativas era de que a atividade econômica não poderia parar, “pois a população precisa do emprego para gerar renda e, assim sobreviver” (MANSANO; CARVALHO; CARVALHAES, 2020, p. 306). O que podemos ver, portanto, é que “a própria noção de vida entrou em disputa” (MANSANO; CARVALHO; CARVALHAES, 2020, p. 306), implicando efeitos diversos na compreensão do risco da Covid-19, sua mortalidade e nas formas de exposição. Uma tragédia com mais de meio milhão de mortos só no Brasil, até o momento de escrita deste texto.

De modo geral, é difícil apontar alguém ou algo que tenha escapado dos efeitos da pandemia da Covid-19. Ainda estamos vivendo e sendo conduzidos/as por práticas de biopoder que têm demandado formas de conduta específicas. Os diversos debates, preocupações e questionamentos desse período ainda em curso geraram efeitos também nesta pesquisa. Em momentos no quais tive a oportunidade de compartilhar os resultados ainda parciais da investigação, parecia haver quase um imperativo de que eu relacionasse os modos de funcionamento do *currículo bareback* com a pandemia de Covid-19. Talvez, porque as “epidemias como a cólera, febre amarela, gripe pneumónica e AIDS são algumas das doenças que tiveram um tratamento biopolítico com um governo de viventes constituídos enquanto população” (OLIVEIRA, 2021, p 299). Nesse sentido, como a prática *bareback*, conforme mostrei ao longo desta tese, é produzida em relação à pandemia do hiv/aids, constituída também com e a partir dos efeitos de poder-saber dessa pandemia, talvez seja inescapável não pensar nos efeitos biopolíticos que parecem estabelecer algum tipo de ligação entre a pandemia de hiv/aids e esta que agora estamos vivendo.

De algum modo, “os desafios discursivos, materiais e psíquicos que o hiv/aids geram persistem apesar de, ou talvez devido, à evolução compreensão de suas implicações para a saúde e o bem-estar de indivíduos e comunidades” (GRETEMAN, 2019, p. 242). Nesse sentido, conforme sugere Greteman (2019, p. 242), não podemos “pensar em *bareback* sem hiv/aids, mesmo na era de avanços médicos como PEP e PrEP, e as formas de educação sexual não podem ignorar suas caras, realidades e práticas associadas”.

No entanto, o que quero destacar e tentar dar relevância aqui é a reflexão de que pode ser um perigo estabelecer uma relação imediata e direta entre as formas de condução da conduta

demandadas no *currículo bareback* e aquelas inscritas no âmbito do negacionismo visíveis na pandemia de Covid-19. Antes dessa tentativa, penso que esse exercício pode ser traduzido como uma “experiência arriscada” (DUARTE; CÉSAR, 2020), pois se dá no momento concomitante em que diversos acontecimentos dramáticos ainda estão se desenrolando. Assim, como definiram Duarte e César (2020), em seu texto, penso que tal intervenção no *Encore* desta tese “assume o formato de ensaio e não tem pretensões teóricas à exaustividade” (DUARTE; CÉSAR, 2020, p. 2). Há, portanto, um desejo de mais, de continuidade. Abrem-se aqui possibilidades de discussão que precisam ser encaradas com mais profundidade e minúcias.

O negacionismo pode ser compreendido como um fenômeno social que “implica a produção e difusão em massa de teses controversas em relação a consensos científicos validados” (DUARTE; CÉSAR, 2020, p. 9). Tais teses provocam impactos nas formas de condução da conduta das pessoas. Conforme defendem Duarte e César (2020), o negacionismo é também um fenômeno político que está, na maioria das vezes, “associado com a extração de vantagens por parte de grupos econômicos interessados em negar ou questionar teses de conhecimentos científicos” (DUARTE; CÉSAR, 2020, p. 9). Isso pode ocorrer, de acordo com os autores, quando os conhecimentos científicos inspiram políticas públicas que incidem na transformação de formas de condução da conduta que impactam os interesses econômicos, como aconteceu, por exemplo, com as manifestações de negação das pesquisas que associavam tabagismo ao crescimento de doenças graves, bem como daquelas que comprovavam as ameaçadoras mudanças climáticas decorrentes da devastação ambiental.

Além da deslegitimação de tais conhecimentos, o que se coloca em questão é a autoridade dos/as cientistas, de seus métodos de pesquisa, bem como das instituições designadas à validação da produção desses conhecimentos. Ao funcionar dessa forma, o negacionismo “enseja formas de associação coletiva caracterizadas por comportamento radicalizados, avessos à discussão argumentativa” (DUARTE; CÉSAR, 2020, p. 10). Por se oporem ao debate, esses comportamentos podem ser caracterizados como duvidosos e desinteressados pelo valor social da ciência. Suas argumentações se constituem por conveniência ou utilidade de acordo com os modos que as circunstâncias se apresentam. Pessoas com formas de condução da conduta similares a essa podem se aproximar e gerar, assim, o que os autores chamam de coesão social sedimentada por um “sentimento de pertencimento e autovalorização” (DUARTE; CÉSAR, 2020, p. 10) - algo que parece proteger essas pessoas da dúvida, da problematização, do questionamento de suas certezas.

No Brasil, o negacionismo se “afirmou e se confirmou como mais uma forma política de governamento de populações no país” (DUARTE; CÉSAR, 2020, p. 10). Segundo Duarte e César (2020), ainda nos seis primeiros meses da pandemia, o presidente da república já havia dado 653 declarações falsas e distorcidas sobre a ela, gerando confusão, dúvida e desinformação. Entre essas declarações, estavam a defesa do uso da Cloroquina como tratamento contra a Covid-19, a crítica à OMS e suas recomendações sanitárias, as afirmações de teses sobre a imunidade de rebanho, o descrédito na importância do isolamento social, a associação da doença da Covid-19 a uma gripezinha, a recusa ao uso de máscara e até mesmo a politização da eficácia das vacinas. Essas declarações formam um compêndio negacionista, muitas vezes ancoradas em “recomendações médicas desprovidas de comprovação científica” (DUARTE; CÉSAR, 2020, p. 14). Essas condições foram cruciais para a exposição da população brasileira aos riscos de contaminação e morte.

Diante desse contexto, portanto, nas apresentações que tive oportunidade de fazer sobre os resultados de investigação desta tese, quase sempre me interpelavam com a associação do negacionismo emergido nesse cenário pandêmico com os modos de condução da conduta demandados no *currículo bareback*. Isso porque o principal ensinamento desse currículo é o abandono do uso do preservativo nas relações sexuais. Isso vai de encontro a um saber historicamente construído e, talvez, consolidado em nossas memórias como norma na condução da conduta no âmbito da sexualidade: as prescrições de cuidados com a saúde sexual feitas pelo discurso médico que tomam o preservativo como principal forma de prevenção ao hiv/ists.

No entanto, lembremos, já inicialmente, que essa não é mais, no presente, a única política de saúde validada pelo discurso médico como prevenção. Isso porque são disponibilizadas já algumas outras tecnologias (PEP, PrEP, Tratamento como Prevenção) que auxiliam o indivíduo na gestão do risco no sexo, mesmo que, para isso, esse discurso ainda fale da necessária prevenção combinada.

Recupero aqui algumas discussões já feitas durante a tese e acrescento outras reflexões para propor que, em uma possível relação entre o negacionismo da pandemia e os modos de condução da conduta demandados no *currículo bareback*, possamos repensar uma associação direta, imediata, sem tensionamentos e problematizações. Primeiramente, penso que é preciso considerar que a prática *bareback* não é homogênea, tampouco os modos de se conduzir como um *barebacker* também o são. Principalmente na seção das posições de sujeitos, é possível localizar, pelo menos, quatro maneiras distintas de ser um *barebacker*, algo que evidencia toda a complexidade dessa prática sexual. Assim, qualquer discussão que se possa estabelecer entre

a pandemia de Covid-19 e a prática *bareback* precisa considerar toda essa complexidade e não uma simples associação.

Precisaria também pautar que as descobertas sobre a Covid-19 ainda estão em andamento, o que diferencia do hiv, pois este último já tem formas de tratamento disponibilizadas e certificadas como eficazes. Viver com hiv hoje já não é mais uma sentença de morte, considerando o tratamento com medicamentos que permitem tornar a pessoa, inclusive, indetectável. O mesmo não se pode afirmar sobre a Covid-19: as únicas alternativas validadas cientificamente como prevenção são as vacinas, o uso de máscara, o distanciamento social e os cuidados de higiene. Nesse sentido, considerar a exposição ao risco da Covid-19 e do hiv como imediatamente correlatas seria, talvez, somente por esse motivo, um equívoco. Começo com essa questão, pois essa era a associação mais frequentemente utilizada nos questionamentos a mim direcionados ao longo de produção da tese. Ou seja, parecia estar predominantemente constituído como conhecimento nas pessoas uma associação imediata entre a prática *bareback*, a contaminação com o vírus do hiv e, por consequência, a morte.

Sendo assim, penso que é necessário também lembrar as condições de emergência dessa prática sexual. Conforme destaca Dean (2009), o termo mal existia até 1997, o que ajudava a tornar inconcebível a ideia de que homens gays ou homens que fazem sexo com homens renunciariam à proteção da camisinha durante o sexo. “Tudo isso mudou no final dos anos 90, com o advento de terapias medicamentosas que reduziram drasticamente a mortalidade relacionada à Aids nas populações para as quais eles estão disponíveis” (DEAN, 2009, p. 2). Esse elemento evidencia que, pelo menos no seu surgimento, o *bareback* não está associado ao negacionismo. Pelo contrário, a partir das terapias com medicamentos, legitimadas pela ciência, rompe-se o vínculo entre hiv e morte e alteram-se novamente as práticas sexuais entre gays e HSH. No entanto, o surgimento da prática não deixou de ser “visto como um caso de autodestrutividade patológica ou, na melhor das hipóteses, de irresponsabilidade grosseira por parte daqueles que deveriam conhecer melhor [o hiv/aids e as formas de prevenção]” (DEAN, 2009, p. 3), ou seja, os homossexuais, um dos grupos que mais sofreram com a pandemia do hiv/aids. Assim, abordaram-se as formas de condução da conduta desses homens em termos comportamentalistas, perguntando o que os motivava a fazer sexo desprotegido e como seria possível desencorajá-los. A prática foi então se constituindo discursivamente como desviante e patológica - um discurso que tem efeitos até os dias atuais. Talvez seja esse discurso que permita que a associação imediata entre a prática *bareback*, a contaminação com o vírus do hiv e, por

consequência, a morte esteja presente nas perguntas a mim direcionadas nas ocasiões de divulgação dos resultados parciais da pesquisa, como falei no parágrafo anterior.

Nesse sentido, muitas pessoas ainda tendem a associar o sexo *bareback* como um “erro, como o tipo de lapso que pode ser favorável à interpretação psicanalítica” (DEAN, 2009, p. ix). A propósito, foi nos *discursos psis* que vimos inicialmente uma intensa preocupação sobre a prática. A partir da assunção de riscos sexuais por homens gays, abriram-se “novas perspectivas para a subjetividade masculina gay, o que ocasionou uma infinidade de perguntas – por cientistas, jornalistas, líderes comunitários e ativistas – sobre o que querem os homens gays” (HALPERING, 2007, p. 11). Quase todas essas especulações foram realizadas na tentativa de indicar algum motivo psicológico sobre a decisão de praticar o sexo *bareback*. O título do livro de David Halpering– *What do gay men want?* (O que querem os gays?) – é uma pergunta que traduz a vontade dos *discursos psis* responderem a essa pergunta e produzirem o *barebacker* de um certo modo. Essa associação é também um dos efeitos dos *discursos psis* sobre as homossexualidades que historicamente contribuíram para sua patologização.

A emergência da prática e a perspectiva psi de analisá-la levaram a uma reativação do pensamento médico sobre a homossexualidade. Um pensamento que “distingue “saudável” de comportamento “insalubre” [...], sexo bom e ruim, subgrupos funcionais e disfuncionais [...] sujeitos humanos adequados e impróprios. (HALPERING, 2007, p. 11). Assim, as nossas percepções sobre a prática *bareback* são ainda orientadas pelos modos como ela foi constituída. Desse modo, quando associada às práticas homossexuais ou homoeróticas, parece haver mais desconfiança e preconceitos sobre ela.

Apesar desse investimento discursivo para caracterizar essa prática sexual como um erro, o que se percebe é que “o risco erótico entre homens gays se tornou organizado e deliberado, não apenas acidental” (DEAN, 2009, p.ix). Além disso, é preciso considerar que “nem todo sexo desprotegido (ou seja, sem preservativo) é necessariamente sexo inseguro” (HALPERING, 2007, p. 13). Isso porque os próprios indivíduos que se engajam nesse tipo de sexo podem criar modos específicos de segurança. *Sorosorting*, parceiros fixos, modos de gozar, localizar nos corpos dos parceiros indícios de cuidado com a saúde (como foi possível ver na discussão sobre a *pedagogia da masculinização* desta tese) são algumas das estratégias de segurança, de maneira que “o grau exato de risco envolvido depende do sexo específico realizado e uma complexa variedade de fatores secundários” (HALPERING, 2007, p. 13).

Como defende Halpering (2007), foram os gays que inventaram o sexo seguro (um conjunto de diretrizes práticas para o comportamento sexual desenvolvido para reduzir ou

eliminar a transmissão do hiv). Muito daquilo que pode ser considerado como sexo seguro se deu por improvisações e experimentações calculadas com diferentes graus de risco no âmbito de práticas homoeróticas. Tim Dean (2009, p. 4), por sua vez, corrobora com Halpering (2007), ao concordar que “a adoção mais segura feita por homens gays no sexo (usando camisinha com múltiplos parceiros) surgiu diretamente de nossa história de promiscuidade”. Apoiando-se em Douglas Crimp, o autor defende que a promiscuidade parece demandar também cuidados recíprocos e autoproteção e não modos de condução da conduta autodestrutivos. Mais do que isso, a promiscuidade “também envolve novas ideias e novas maneiras de fazer as coisas” (DEAN, 2009, p. 5), algumas delas evidenciadas ao longo da tese, como, por exemplo, o processo de definição e redefinição dos limites de segurança nas relações sexuais.

Nesse sentido, podemos pensar a partir das problematizações feitas na tese corroborando com Halpering (2007, p. 20) que a “retomada do sexo sem preservativo que temos testemunhado recentemente não assinala o fim do sexo seguro, o fracasso da prevenção do HIV, ou uma nova indiferença por parte dos gays em relação aos riscos de infecção pelo HIV”. Talvez, o atual “afrouxamento do código do preservativo pode ser simplesmente a última etapa na evolução contínua das técnicas de redução de danos entre homens que fazem sexo com homens, o mais recente ajuste ou mudança no complexo protocolos de sexo seguro” (HALPERING, 2007, p. 20).

Um outro elemento a ser destacado para pensar no âmbito de uma possível associação entre a pandemia da Covid-19 e a prática *bareback* é que o contexto atual mostra que estamos falando de um outro tempo para os modos de fazer sexo, marcado, como mostrei na seção *Das posições de sujeito*, pelas profilaxias pré-exposição e pós-exposição ao hiv (PrEP, PEP). Além disso, temos os avanços das terapias medicamentosas que tornam os indivíduos portadores do hiv indetectáveis. Esses medicamentos da biopolítica contemporânea fazem parte de uma reconfiguração do poder e, logo, alteram-se as relações de saber sobre as práticas sexuais e as formas de condução da conduta a elas relacionadas. Como mostrei na tese, uma das formas de se conduzir como *barebacker* é reconhecendo, aceitando e incorporando, em seus modos de viver o sexo, os saberes médicos que legitimam, autorizam e prescrevem o uso de medicamentos para prevenir a transmissão do hiv, minimizar/neutralizar os efeitos desse vírus no corpo, permitindo, de algum modo, que os indivíduos abandonem o uso do preservativo e/ou façam outras negociações, não se restringindo mais apenas ao uso compulsório do preservativo. Esse é um outro elemento que pode tensionar as argumentações que tendem a fabricar a prática *bareback* como negacionista. No âmbito dessas argumentações, o que talvez a sustente é que,

mesmo que “o risco epidemiológico em torno do HIV” seja “quase neutralizado pelo PrEP [...], o risco moral permanece uma questão em aberto” (GONZALEZ, 2019, p. 65)

Pensemos agora em mais um outro aspecto. Talvez seja possível afirmar que a face mais emblemática do *bareback* é a transmissão intencional do vírus ou o desejo de tê-lo, amplamente discutidos a partir das posições de sujeito *bugchaser* e *giftgivers*. Provavelmente, seja possível dizer que aqui também não há uma negação da ciência, pelo menos ao nos referirmos a alguns aspectos, sem querer esgotar aqui todas as possibilidades e negociações que possam acontecer pelos indivíduos. Ao fazer o sexo *bareback* dentro de contextos bem específicos para esses fins, há um reconhecimento, inclusive científico, de como fazê-lo para que a transmissão do vírus aconteça. O que parece transcórrer aqui é, como mostrei na seção 2 da tese, uma resignificação do vírus na vida desses indivíduos, que é, inclusive, aceito, porque não é mais associado à morte, ainda que haja riscos e limitações em viver com ele. Dito de outro modo, “suas práticas perversas não são meramente suicidas, uma vez que o advento de vários tratamentos médicos tornou o hiv / aids uma doença administrável, embora crônica” (GONZALEZ, 2019, p. 66)

Não obstante, é preciso não generalizar a prática *bareback* e/ou tornar esse aspecto como aquele mais relevante e significativo dela, considerando, assim, toda sua complexidade, pluralidade e modos diversos de realização, conforme mostro ao longo da tese. Especialmente como mostrei na seção das posições de sujeito, nem todos os *barebackers* desejam adquirir e/ou transmitir o vírus, pelo contrário, alguns querem permanecer não infectados e procuram meios de assim permanecer. Tim Dean (2009) também mostra isso em sua pesquisa. Halperin (2007, p. 18) concorda com essa proposição e ainda acrescenta que esses homens usam “técnicas de seleção automática ou outras técnicas para minimizar o risco de transmissão do HIV”. Associados a isso, existem, além da preocupação com o uso de terapias medicamentosas, os modos de olhar o corpo do outro e localizar nele marcas de um corpo saudável, preferindo-se, assim, priorizar relações com corpos considerados sarados/malhados, conforme mostrei na seção *Dos vídeos pornôis*. Podemos localizar aqui mais uma forma de diálogo com os discursos médicos e científicos que reconhecem no corpo sarado menos riscos de propensão às doenças. Nesse sentido, concordo que, no âmbito da prática *bareback*, a “disposição de correr riscos foi acompanhada pelo desenvolvimento de várias estratégias de redução de riscos; abandonar preservativos não significa abandonar toda cautela ou senso de responsabilidade” (DEAN, 2009, p. 12).

Pensemos, pois, também que a disposição de correr riscos parece ser estabelecida em uma relação com aquilo que a ciência diz, certifica e legitima. Então, há, aqui, um modo de

gestão da vida e do prazer inscrito em relação, negociação com uma definição de arriscado. É evidente que, em termos epidemiológicos e biopolíticos, esse modo de condução da conduta desperta algum interesse e preocupação. Isso porque o engajamento massivo nessa prática pode gerar algum efeito que não diz respeito apenas às escolhas individuais, mas incide naquilo que, em termos de biopolítica, é nomeado como população. No entanto, a instauração do medo, demonização, silenciamento e acionamento da moralidade como mecanismo de enfrentamento à prática, como já vimos historicamente nas estratégias de prevenção, podem não se constituir como políticas eficazes. Pelo contrário, o que se afirma é a necessidade de dialogar com as fantasias que os indivíduos criam (PARKER, 2000; SEFFNER, 2002; PAIVA, 2002). No entanto, essa perspectiva parece ser abandonada. Segundo Dean (2009, p. 11), “quando o sexo sem camisinha é abordado de uma perspectiva epidemiológica, a dimensão da fantasia desaparece completamente”. Dito de outro modo, “quando o sexo entre homens é reduzido a questões de transmissão viral, não é mais tratado como sexualidade” (DEAN, 2009, p. 11).

Para Halpering (2007), a propensão em perguntar o que há de errado com os homens gays que assumem riscos sexuais é uma abordagem que remonta ao final dos anos 1980. No enfrentamento à pandemia no final dessa década, o crescimento dos testes de anticorpos para hiv dividiu os gays em duas populações: hiv positivo e desconhecido. Tal divisão, segundo o autor, levou a uma mudança: “longe de discussões de normas centradas na comunidade a uma ênfase no cálculo do risco individual e na tomada de decisão” (HALPERING, 2007, p. 32). O foco das intervenções de prevenção foi se tornando cada vez mais centrado em torno da avaliação individual de riscos, o que gerou um afastamento das atividades comunitárias existentes. Assim, “a prevenção cessou nesta maneira de ser uma questão de responsabilidade coletiva e comunitária e tornou-se uma questão de dever (ou sua negligência) por parte de indivíduos” (HALPERING, 2007, p. 32). Com os resultados das muitas mortes por aids, as comunidades gays tenderam à dispersão com segmentação e atomização da vida gay masculina; as normas da comunidade perderam, de algum modo, seu poder de agência na condução da conduta individual, tornando a gestão do risco cada vez mais individual.

Assim, se, por um lado, o sujeito gay masculino que se engaja nas práticas *barebackers* representa, de algum modo, como defende Halpering (2007), a antítese do sujeito calculista, racional e interessado - que constitui o suposto sujeito do neoliberalismo, um modelo de indivíduo autônomo e autorregulado -, por outro lado, o próprio neoliberalismo parece fornecer as condições de emergência para que essa prática seja, talvez, pensada em termos individualistas, sem uma preocupação com aquilo que aprendemos chamar de população.

Mesmo diante dessas considerações que trouxe aqui para tensionar a possível associação imediata entre a pandemia da Covid-19 e as demandas do *currículo bareback*, é preciso também considerar que os modos de gestão da vida e da sexualidade de muitos homens que decidem fazer sexo sem preservativo podem não estar investidos das variadas técnicas já disponibilizadas para minimizar os riscos que essa prática pode trazer. Dito de outro modo, “alguns dos cálculos probabilísticos por detrás deste afrouxamento das práticas sexuais seguras podem ser meramente despropositados ou descuidados, mesmo mal orientados e perigosos” (HALPERING, 2007, p. 20). Nesse sentido, as reflexões e as problematizações feitas ao longo da tese não deixam de concordar que há boas razões “para nos preocuparmos com a possibilidade de que a crescente experimentação do sexo sem preservativo possa levar a aumento da transmissão do HIV, especialmente entre os jovens, os pobres, os mal servidos e mal informados, ou aqueles que não se consideram gays” (HALPERING, 2007, p. 20). Mais do que isso, deveríamos também “permanecer alerta para a forma como as técnicas de redução de danos, mesmo entre homossexuais relativamente habilidosos e autoconscientes” (HALPERING, 2007, p. 20), podem levar a novas possibilidades de infecções.

Além disso, é preciso considerar que o hiv tornou-se administrável para algumas populações que têm acesso a serviços de saúde e serviços sociais. No entanto, “ainda afeta muito as populações globais e marginalizadas que não têm acesso a esses novos e emergentes materiais farmacológicos e biotecnológicos” (GRETEMAN, 2019, p. 242).

Nesse sentido, penso que o *bareback* não significa propriamente um negacionismo, mas talvez seja uma resistência a um modo de funcionamento da norma e a seus critérios arbitrários de definição da conduta, pautados e orientados de modo heteronormativo e homonormativo, com preceitos como casamento e monogamia, já amplamente tensionados pela cultura gay. Parece-me, pois, necessário pensar e problematizar os modelos de prevenção em diálogo com as fantasias sexuais desses indivíduos. Talvez possamos pensar em assumir que, a “despeito de nossos saberes e querereres, escolhas outras podem e são feitas, mesmo quando vão de encontro ao que tecnicamente acreditamos como melhor” (RIOS, 2005, p. 190).

Como defende Rios (2005), a prevenção tem suas fórmulas construídas dentro de um dispositivo médico de sexualidade ainda focado no certo/errado, no normal/patológico, são/pervertido, sendo, pois, necessário “incorporar as compreensões sobre o sistema erótico, que tem nos corpos, nos prazeres e nas transgressões dos limites a chave operativa” (RIOS, 2005, p. 190). Isso não quer dizer um abandono das informações técnicas, mas um diálogo entre elas e as compreensões do sistema erótico (SEFFNER, 2002). Nesse sentido, mesmo que os

riscos inerentes à prática *bareback* precisem ser discutidos, parece-me que essa discussão não deva se dar “a partir de perspectivas moralizantes e/ou autoritárias”. Isso porque essas perspectivas “mais afastam os sujeitos da reflexão sobre as informações que estão sendo oferecidas do que possibilitam a formação de sujeitos sexuais” (RIOS, 2005, p. 191). Desse modo, penso que esta tese se aproxima mais daquela ação que Rios (2005, p. 193) chama de “conceitualizar – nas ações e nas pesquisas – os desejos, os prazeres e vivências (homo)eróticas, tanto como construções socioculturais, quanto como bens afirmativos”, considerados como “o direito universal de usufruir plenamente do próprio corpo e dos prazeres que este pode oferecer”.

Considerando, pois, essa história da sexualidade, que se desenvolve diante de nós, como contingente, que está em aberto, assim como Dean (2008, p. XII), “ofereço essas reflexões menos como uma declaração definitiva do que como uma provocação a novas reflexões”. Por isso, até mesmo as considerações finais desta tese recebem o nome de *Encore*, pois ainda, de novo, novamente, são sempre possíveis outras discussões. Que não se deem como encerradas as problematizações aqui feitas, mas que se abram para outras possibilidades. Isso vai ao encontro da perspectiva de que “o trabalho intelectual e político envolve mais do que adjudicação entre imagens positivas e negativas de outros ou de nós mesmos” (DEAN, 2008, p. 26). Esse trabalho se volta mais para um investimento na problematização de nós mesmos e do nosso presente para pensar como nos constituímos de certos modos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA AIDS. Ativistas consideram que campanha governamental contra ISTs propaga terror e pânico moral. *Agência de Notícias da Aids*. 31 out. 2019. Não paginado. Disponível em: <<http://agenciaaids.com.br/noticia/ativistas-consideram-que-campanha-governamental-contra-ists-propaga-terror-e-panico-moral/>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

AGÊNCIA BRASIL. Ministério lança campanha contra infecções sexualmente transmissíveis. 31 out. 2019. *Agência Brasil*, Saúde. Não paginado. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-10/ministerio-lanca-campanha-contra-infecoes-sexualmente-transmissiveis>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

AGUIAR, Jéssica Sapore de. *Existo porque resisto: práticas de re-existência de jovens mulheres aprendizes frente às assimetrias de gênero*. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ALINHAVAR. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/alinhavar/>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

ALINHAVAR. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/alinhavar>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

ALMEIDA JUNIOR, Wilson Nascimento. *Palavras dissidentes: a exposição ao HIV/aids no discurso de um blog de Barebacking Sex direcionado a homens que tem sexo com outros homens*. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

ALVES, Marco Antônio Souza. A cibercultura e as transformações em nossas maneiras de ser, pensar e agir. In: LIMA, Nádya Laguárdia de; STENGEL, Márcia; NOBRE, Márcio Rimet; DIAS, Vanina Costa (Org.). *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2017. p. 169-180.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Cadernos da Escola de Comunicação*, Curitiba, n. 6, p. 1-12, 2008.

AMARAL, Maria Luiza Sant'Ana Do. *Impulso sexual excessivo e comportamento barebackingem homens que fazem sexo com homens*. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

AMICO, Stephen. "I want muscles": House Music, Homosexuality and Masculine Signification. *Popular Music*, vol. 20, n. 3, p. 359-378, jan. 2001.

ANDRADE, Thamires. O que é a PrEP? Tire 12 dúvidas sobre o tratamento que previne o HIV. *Uol*. 10 jan. 2018. Viva Bem. Não paginado. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/listas/12-perguntas-e-respostas-sobre-a-prep.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2020.

ANDREU, Oscar Guasch. Por uma perspectiva social e política de gênero e sexualidade. Tradução de Elias Ferreira Veras. Revisão de Maria Fernanda Vásquez Valencia. *Bagoas*, v. 11, p. 39-50, 2014.

ASHFORD, Chris. Bareback sex, queer legal theory, and evolving socio-legal contexts. *Sexualities*, [on-line], v. 18, n. 1-2, p. 195-209, fev. 2015.

ASSIS, Simone. G.; AVANCI, Joviana. Q.; SILVA, Cosme M.F.P.; MALAQUIAS, Juaci. V.; SANTOS, Nilton; C.; OLIVEIRA, Raquel V. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, p. 669-679, 2003.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. *Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e sociabilidade masculina*. Salvador: Editora Vozes, 2017.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Erótica dos fluidos masculinos em práticas sexuais coletivas. Etnográfica. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 23, n. 3), p. 717-738, 2019.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Responsabilidade, consentimento e cuidado. Ética e moral nos limites da sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), p. 194-217, 2020.

BASTOS, Luiza Lena; VENTURA, Miriam. “Yep, I’m a Truvada Whore”: Ativismo e cidadania biológica na era das novas estratégias de prevenção do HIV/AIDS. *Revista Brasileira de Cultura e Política em Direitos Humanos*, [on-line], v. 1, n. 2, p. 1-22, 2017.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Autêntica, 2017.

BEZERRA, Vladimir Porfírio; SILVA, Vera Lúcia Marques da. Bareback, risco e prazer na perspectiva de usuários da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) ao hiv: um estudo etnográfico. In: OLIVEIRA, Thiago; MAIA, Helder Thiago. *Práticas sexuais: itinerários, possibilidades & limites de pesquisa*. Salvador: Editora Devires, 2019. p. 232-248.

BIOHAZARD. In: Significados. Expressões em inglês [on-line], [s./d.]. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/biohazard/>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

BONFANTE, Gleiton Matheus. Breeding theory: Foucault e Goffman no estudo de performances do desejo bareback em grupos de whatsapp. In: OLIVEIRA, Thiago; MAIA, Helder Thiago. *Práticas sexuais: itinerários, possibilidades & limites de pesquisa*. Salvador: Editora Devires, 2019. p. 249-267.

BOTTI, Mariana Meloni Vieira. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. *Cadernos Pagu*, n. 21, p.103-131, 2003.

BRAGA, Adriana. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO DA COMPÓS, XVI. 2007, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UTP, 2007. p. 1-15. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2008.

BRAGA, Gilbran Teixeira. “Não estou cobrando o que eu não posso dar”: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 21, p. 225-261, dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Perguntas Frequentes: 18 O que é janela imunológica?* [s./d.]. Não paginado. Disponível em: ><http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/18-o-que-e-janela-imunologica>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiológico*. Número especial, HIV/Aids, dez. 2019.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In: DÍAZ-BENITEZ, María; FÍGARI, Carlos Eduardo. *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 207-236.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performática de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 9-34.

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós. 2006.

BUTLER, Judith. Inversões Sexuais. In: PASSOS, Izabel C. Friche (Org.). *Poder, Normalização e Violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2013. p. 91-108.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, Márcio Rodrigo Vale; TEIXEIRA, Tarciso Manfrenatti de Souza; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. Bichas pretas e negões: seus fazeres curriculares em escolas das periferias. *Revista Teias*, v. 20, n. 59, out./dez., p. 39-55, 2019.

CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. *Dispositivos da infantilidade e da antecipação da alfabetização no currículo do 1º ano do Ensino Fundamental: conflitos, encontros, acordos e disputas na formação das crianças de seis anos*. 2016. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CAMOZZATO, Nathalia Muller. Vozes Dissonantes, Gênero e Heterotopias. *Revista Porto das Letras*, v. 6, n. 01, p. 250-275, 2020.

CANCIAN, Natália. Sem citar preservativos, campanha contra gravidez na adolescência prega reflexão. *Folha de S. Paulo*, [S.l.], 3 fev. 2020. Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/sem-citar-preservativos-campanha-contra-gravidez-na-adolescencia-foca-em-reflexao.shtml>>. Acesso em: 3 out. 2020.

CANDIOTTO, César. Foucault: uma crítica da verdade. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 65-78, 2006.

CARÁ JUNIOR, Jaime. *Sujeitos virtuais e seus efeitos de presença: relações de poder no ciberespaço*. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CARDOSO, Lívia Resende. *Homo experimentalis: dispositivo da experimentação e tecnologias de subjetivação no currículo de aulas experimentais de ciências*. 2012. 309 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CARTA PARA ALÉM DOS MUROS. Direção: André Canto. Produção de André Canto. São Paulo: Canto Produções. 2019. 85 min. Distribuição: Netflix.

CARVALHO, Maria João Leote. Juventude e risco social: uma questão de olhar(es)? *Revista Virtual do Laboratório de Estudos da Violência e Segurança*, v. 1, n. 1, p. 43-52, 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/762/664>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

CASTILHO, Lucas. 27 gírias da internet que (talvez) você não sabia o significado. *Cláudia*. [on-line] 21 jan. 2020. Sua Vida. Não paginado. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/27-girias-da-internet-que-talvez-voce-nao-sabia-o-significado/>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CASTRO, Jeimis Nogueira de. *Identidade de gênero em cenas de cinema: um estudo sobre o ensino de Educação Física e construção dos corpos no contexto escolar*. 2019. 260 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

CASTRO, Rodrigo; TATSCH, Constança. Especialistas classificam campanha do governo contra DSTs de 'retrocesso e ineficaz'. *Época*. 02 nov. 2019. Sociedade. Não paginado. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/sociedade/especialistas-classificam-campanha-do-governo-contradsts-de-retrocesso-ineficaz-24057044>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

CHAMBERS, David L. Gay men, aids, and the code of the condom. *Harvard Civil Rights Civil Liberties Law Rev*, v. 29, n. 2, p. 353-385, 1994.

CHATAIGNIER, Gilda. *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem*. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

CHAVES, José Carlos Oliveira. *Corpo “sarado”, corpo “saudável”? Construção damasculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador*. 2010. 185 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Comunitária) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CINEMIZE-SE. Encine-se: Cena, tomada, take, frame... *Cinemize-se*, 08 nov. 2016. [S.l.]. Não paginado. Disponível em: <<http://cinemize.blogspot.com/2016/11/encine-se-cena-tomada-take-frame.html>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. São Paulo: Global, 2004.

COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. *Revista sala preta*, v. 18, n. 1, p. 152-167, 2018.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. Dr. Nietzsche, curriculista – com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. (Org.). *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 35-58.

COSTA, Marisa. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). *Currículo: debates contemporâneos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 133-149.

COSTA, Marisa. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 73-92.

COSTA-MOURA, Fernanda. Proliferação das #hashtags: uma lógiva da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. XVII, número especial, ago. 2014. pp 141-158.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. *Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CRESTODINA, Andy. New Blogging Statistics: Blogging still works, especially for the 10% of bloggers who do things very differently... *Orbit Media Studios*. [on-line], [s./d.]. Não paginado. Disponível em: <<https://www.orbitmedia.com/blog/blogging-statistics/>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

CUNHA, Marlécio Maknamara da Silva. *Currículo, gênero e nordestinidade: o que ensina o forró eletrônico?* 2011. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

CUNHA, Marlécio Maknamara da Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação: notas metodológicas para investigações com currículos de *gosto duvidoso*. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 41-53, jul./dez. 2013.

DANIEL, Fernanda, FILIPE, Anabela. O corpo adolescente: contributos para a compreensão da sua representação. *Psicologica*, v. II, n. 52, p. 71-90, 2010.

DANIEL, Herbert. O primeiro AZT a gente nunca esquece. In: DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. *Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. p. 139-143.

DEAN, Tim. Breeding Culture: Barebacking, Buhchasing, Giftgiving. *The Massachussets Review*, v. 49, n 1/2, p. 80-94, 2008.

DEAN, Tim. Foucault and Sex. In: DOWNING, Lisa. (Ed.). *After Foucault: Culture, Theory, and Criticism in the 21st Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 141-154.

DEAN, Tim. Mediated intimacies: Raw sex, Truvada, and the biopolitics of chemoprophylaxis. *Sexualities*, vol. 18, n. 1/2, p. 224–246, 2015.

DEAN, Tim. *Unlimited intimacy: reflection on the subculture of barebacking*. London: The University of Chicago Press, 2009.

DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder: conversas entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 129-142.

DIAS, Claudio José Piotrovski. “Um sinal de decadência”: críticas católicas a promoção do preservativo aos jovens como método de prevenção ao HIV/AIDS. *Revista Angelus Novus*, n. 4, p. 78–96, 2012.

DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira. Retratos de uma orgia: A efervescência do sexo no pornô. In: DÍAZ-BENITEZ, María; FÍGARI, Carlos Eduardo. *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 567-595.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: Uma trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. *Educação & Realidade*, v. 45, 2021.

DUTRA, José Luiz. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?” A construção de masculinidades nos mercados alternativos. In: GOLDENBERG, Mirian. *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 359-412.

EDGEComb, Carolyn. Blogging Statistics: 52 Reasons Your Company Blog is Worth the Time & Effort. Impact. *Blogging. Marketing Statistics*. [on-line], 02 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.impactplus.com/blogging-statistics-55-reasons-blogging-creates-55-more-traffic>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-76.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2008

ERRO. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/erro/>>. Acesso em: 14 set. 2020.

EVANGELISTA, Gislene Rangel. *#Currículo do Facebook: denúncia da crise e demanda pela reforma do Ensino Médio na linha do tempo da escola*. 2016. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACEBOOK. Grupo privado PrEPFacts. [20-?]. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/PrEPFacts/?directed_target_id=0 Acesso em 2 jul. 2020>. Acesso em: 2 jul. 2020.

FACEBOOK. Postagem de raizxnutela em 18 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/raizxnutela/photos/a.243924046052366/316945035416933/?type=1&theater>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

FAVACHO, André. Currículo, subjetivação e experiência de si: contra os humanismos, os modismos e os relatos obtusos. *Currículo sem Fronteiras*, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 488-508, set./dez. 2016.

FELBERG, Edgard. *Bareback: reflexões sobre a normalização das condutas sexuais*. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FELBERG, Edgard. *O sexo nu bareback e outras reflexões*. Curitiba: Appris, 2015.

FÉLIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 133-152.

FERNANDES, Nathan. O núcleo macio da aids. *Revista Trip*. 2019. Tpm. Não paginada. Disponível em: <[https://revistatrip.uol.com.br/tpm/ativistas-soropositivos-usam-a-arte-para-combater-o-preconceito-em-torno-do-hiv#:~:text=A%20infec%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20pode%20roubar,\(NuCuS\)%2C%20da%20UFBA](https://revistatrip.uol.com.br/tpm/ativistas-soropositivos-usam-a-arte-para-combater-o-preconceito-em-torno-do-hiv#:~:text=A%20infec%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20pode%20roubar,(NuCuS)%2C%20da%20UFBA)>. Acesso em: 27 dez. 2020.

FERRARI, Anderson. “Elas são homossexuais” – Homossexualidades no interior das escolas. In: MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs.). *Educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. Da FURG, p. 13-26, 2014.

FERRARI, Anderson. O desejo como definidor da homossexualidade. *Gênero*, vol. 7, n. 2, p. 151-170. 2007.

FERRARI, Anderson. *Quem sou eu? Que lugar ocupo?* Grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. 2005. 266 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

FERRARI, Anderson; GOMES, Claudete Imaculada de Souza; GOMES, Cláudio Magno. “Trabalho gênero e sexualidade quando o assunto chega nas minhas aulas”: a escola nas discussões de gênero e sexualidades a partir da demanda dos/as alunos/as. *Educação, Ciência e Cultura*, v. 24, n. 3, p. 19-31, nov. 2019.

FERRARI, Anderson; OLIVEIRA, Danilo Araujo de. #VAMOVIRARUM2020SEMPRECONCEITO? – imagem-currículo e cultura visual. *Revista Digital de Laboratórios de Artes Visuais*. v. 13, n. 2, p. 14-33, mai./ago. 2020.

FERRARI, Anderson; OLIVEIRA, Danilo Araujo de; FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. Num piscar de olhos, o amor: Educação dos sentidos e dos sujeitos no filme de animação “In a heartbeat”. *Revista Debates Insubmissos*, v. 1, p. 104-120, 2018.

FERREIRA, Aline Gonçalves. #CurrículoEmConexãoComACibercultura: a sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio. 2017. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FERRYS, Gyl. *Preliminares*. 2010. Disponível em: <<https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=151652>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 39-60.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-151.

FLORES, Ruth. Descubra para que serve a claquete no cinema. Três Meia Cinco Filmes. [s/d]. [S.l]. Bastidores, rspeciais, matérias. Não paginado. Disponível em: <<http://www.blog.365filmes.com.br/2016/11/descubra-para-que-serve-claquete-no-cinema.html>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

FOMENTI, Lígia. Governo usa medo como mote de campanha contra DST’s; especialistas criticam. *O Estado de S. Paulo*. 31 out. 2019. Saúde. Não paginado. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governo-usa-medo-como-mote-de-campanha-contradsts-especialistas-criticam,70003071780>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

FONSECA, Márcio Alves da. *O problema da constituição do sujeito em Michel Foucault*. 1994. 121 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

FONSECA, Robson Rodrigo Pereira da. *O viadinho da escola: discursos sobre a homossexualidade masculina na escola*. 2016. 51 f. TCC (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia de Ciências Humanas., 2016.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 7 ed.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

FOUCAULT, Michel. *As técnicas de si*. 1982, p. 01-23, Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/tecnicas.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos II: Arqueologia das ciências e histórias dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense. 2017b

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos, IX. Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2017a.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos VI: repensar a política*. Organizado por Manuel Barros da Motta. Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjetividade. *Revista de Comunicação e Linguagem*. Lisboa, n. 19, p. 203-223, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014c.

FRANÇA, Isadora Lins. Do universo perfeito ao cinemão: homossexualidade masculina, deslocamento e desejo na cidade de São Paulo. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 44, n. 1, p. 44-73, jan./jun. 2013.

FRANZKE, Aline Shakti; BECHMANN, Anja; ZIMMER, Michael; ESS, Charles M. Association of Internet Researchers (2020). Internet Research: Ethical Guidelines 3.0. Disponível em <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf> Acesso em: 7 out. 2021.

FRAYZE-PEREIRA, João A. O mistério mantido. In: CRUZ, Thais Wense de Mendonça. *Miragens da Existência: o Tecelão, a Tecelagem e sua Simbologia*. São Paulo: Annablume; FAPESP. 1998. p. 11-12.

FREITAS, Daniela Amaral Silva. *O discurso da educação escolar nas histórias em quadrinhos do Chico Bento*. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GAGNON, Jean. Physical Strength, Once of Significance. In: PLECK, Joseph H. (Org.). *Men and Masculinity*. Massachusetts: MIT, 1981. p. 139-149.

GALINDO, Dolores. Piratarías de Gênero para Corpos Precários: contaminações entre políticas queer e copyleft. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, V., 2009, Salvador. *Anais...* Salvador: Faculdade de Comunicação, UFBA, 2009. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19637-2.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

GALVÃO, Thiago Emanuel Luzzi. *Subjetividade e pornô 'online': uma análise institucional do discurso*. 2017. 272 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

GARBIN, Elisabete Maria. *www.identidademusicaisjuvenis.com.br: um estudo de chats sobre música da internet*. 2001. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2001.

GARCIA, Esteban Andrés. Políticas e prazeres dos fluidos masculinos: barebacking, esportes de risco e terrorismo biológico. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 537-555.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 875-893, set./dez. 2011.

GÓIS, João Bôsko Hora. A mudança no discurso educacional das ONGS/AIDS no Brasil: concepções e desdobramentos práticos (1985-1998). *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 7, n. 13, p. 27-44, ago. 2003.

GONÇALVES, Maria Ilse Rodrigues. *Educação na cibercultura*. Curitiba, PR: CRV, 2011.

GONZALEZ, Octavio R. HIV Pre-Exposure Prophylaxis (PrEP), “The Truvada Whore”, and the New Gay Sexual Revolution. In: VARGHESE, Ricky (Org.) *RAW: PrEP, Pedagogy, and Politics of Barebacking*. Canada: University of Regina Press. 2019. p. 60-66.

GONZALEZ, Octavio R. Tracking the bugchaser: giving "the gift" of hiv/aids. *Cultural Critique*, nº 75, p. 82-113, 2010.

GORE, Jennifer. Michel Foucault e educação: fascinantes desafios. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-20.

- GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 208-43.
- GREEN, James Naylor. *Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel, pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- GREGORI, Maria Filomena. “Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes”, *Cadernos Pagu*, n. 42, p. 47-74, 2014.
- GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GRETEMAN Adam J. Fashioning a bareback pedagogy: towards a theory of risky (sex) education. *Sex Education*, n. 13, sup. 1, p. S20-S31, 2013.
- GRETEMAN Adam J. Raw Education: PrEP and the Ethics of Updating Sexual Education. In: VARGHESE, Ricky (Org.) *RAW: PrEP, Pedagogy, and Politics of Barebacking*. Canada: University of Regine Press. 2019. p. 234-247.
- GUIMARÃES, Keila. O que você precisa saber sobre a terapia que previne o HIV, que começará a ser oferecida no Brasil. *BBC Brasil*. 1 dez. 2017. São Paulo. Não paginado. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42176243>>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- HAIG, Thomas. Bareback Sex: Masculinity, Silence, and the Dilemmas of Gay Health. *Canadian journal of Communication*, Montreal, v. 3 n. 1, p. 859-877, 2006.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HALPERIN, David M. *What Do Gay Men Want? An Essay on Sex, Risk, and Subjectivity*. Ann Arbor: University of Michigan Press. 2007.
- HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela M. L.; KNAUTH, Daniela Riva. Juventude, sexualidade e reprodução. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 22, n. 7, p. 13-62, Rio de Janeiro, 2006.
- HINE, Christine. Virtual ethnography. In: CONFERENCE PROCEEDINGS OF INTERNET RESEARCH AND INFORMATION FOR SOCIAL SCIENTISTS, 1998, Bristol. *Anais Eletrônicos...* Bristol, 1998.
- HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: SAGE Publications, 2000.
- KOZINETS, Robert V. T. Click to connect: netnography and tribal advertising. *Journal of Advertising Research*. p. 279-288, sep. 2006.
- KOZINETS, Robert V. T. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LA MENDOLA, Salvatore. O sentido do risco. *Tempo Social*, v. 17, n. 2, p. 59-91, 2005.

LAPEIZ, Sandra M.; MORAES, Eliane R. O que é pornografia. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEITE JR., Jorge. A pornografia “bizarra” em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o “abuso facial”. In: DÍAZ-BENITEZ, María; FÍGARI, Carlos Eduardo. *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 509-536

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, v. 32, 2009. p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte. Autêntica, 2015. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MANSANO, Sonia Regina Vargas; CARVALHO, Paulo Roberto; CARVALHAES, Flávia Fernandes de. Pandemia, governamentalidade e biopolítica: a vida em disputa. *Revista Psicologia Política*, v. 21, n. 51, p. 305-321, 2021.

MARQUES, Lisandra. *Te, ce ser: o tecer do ser artista professora*. 2018. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MCCALLUM, Ellen Lee. *Object Lessons: How to do Things with Fetishism*. New York: State University of New York Press, 1999.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, p. 809-840, 2008.

MEIRELES, Gabriela Silveira. *Tecnologia da formação docente no currículo dos blogs sobre alfabetização criados por professoras-alfabetizadoras: saberes divulgados, relações de poder acionada e sujeitos demandados*. 2017. 256 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MEYER, Dagmar Esterman; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos S. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 46, p. 219-239, 2007.

MEYER, Dagmar Esterman; FÉLIX, Jeane. “Entre o ser e o querer ser...”: jovens soropositivos(as), projetos de vida e educação. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 30, n. 02, p. 181-206, abr.-jun., 2014.

MEYER, Dagmar Esterman. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-62.

MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 15-22.

MIKOS, Camila Macedo Ferreira. CORPOS ENCENAM, OLHARES EM CENA: Pornografia, pós-pornografia e a realização de um experimento fílmico. *Revista O Mosaico*, n. 14, p. 13-26, jul./dez., 2017.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: Uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324. 2013.

MISKOLCI, Richard. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação da UFRN*. Natal, vol. 12, p. 9-22, 2011.

MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio” – notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*, n. 44, p. 61-90, jan.-jun., 2015.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas – Estudos gays, gêneros e sexualidades*, v. 8, n. 11, Natal, p. 51-78, 2014.

MISKOLCI, Richard. “O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet”. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MITARCA, Monica. Voice-over, music, diegetic sound and pornography. *Porn Studies*, v. 2, n. 1, p. 93-95, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23268743.2014.995952>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MONTEIRO, Simone et al. Desafios do tratamento como prevenção do HIV no Brasil: uma análise a partir da literatura sobre testagem. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 5, maio, 2019.

MORA, Claudia; BRIGUEIRO, Mauro; MONTEIRO, Simone. A testagem do HIV entre “HSH”: tecnologias de prevenção, moralidade sexual e autovigilância sorológica. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 28, n.2, p. 1-28, 2018.

MORRIS, Paul; PAASONEN, Susanna. Strange optimism: queer rage as visceral ethics. In: VARGHESE, Ricky (Org.) *Raw: PrEP, Pedagogy, and the Politics of barebacking*. University of Regina Press, Regina, Saskatchewan, Canada, 2019. p. 164-185.

MOTT, Luiz. *A penetração do preservativo no Brasil do pós-Aids*. Salvador: Bemfam, 1987.

MOWLABOCUS, Sharif, HARBOTTLE, Justin, WITZEL, Charlie. Porn laid bare: Gay men, pornography and bareback sex. *Sexualities*, v. 16, p. 523-547, 2013.

MOWLABOCUS, Sharif. Cultura do Gaydar: torcendo a história da mídia digital na Grã-Bretanha do Século XX. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloisa; SABATINE, Thiago (Org.). *No emaranhado da rede: gênero sexualidade e mídia: desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume, 2015. p. 49-80.

MURARO, Cauê. 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. *GI*, 17 maio 2018. Pop & Arte. Não paginado. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

MURPHY, Tim. Is This the New Condom? *Out*. 09 set. 2013. News & Opinion. Não paginado. Disponível em: <<https://www.out.com/news-opinion/2013/09/09/hiv-prevention-new-condom-truvada-pill-prep>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

NASCIMENTO, Francisco Arrais et al. O poder de nomear e as classificações no domínio das homossexualidades masculinas e modalidades alternativas de sexualidade no Brasil. In: *CONGRESO ISKO ESPAÑA (4º ISKO ESPAÑA-PORTUGAL)*, 14º, 2019, Barcelona. *Anais...* Barcelona, 2019. Disponível em: <<https://fima.ub.edu/isko2019/sites/isko2019/files/2019-05/isko29.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

NÉRET, Gilles. *Arte Erótica*. Köln: Taschen, 1994.

NOGUEIRA, Eliete Jussara; GOMES, Luiz Fernando; SOARES, Maria Lúcia de Amorim. Netnografia: considerações iniciais para pesquisas em educação. *Quaestio*, Sorocaba, v. 13, n. 2, p. 185-202, nov. 2011.

NOVELI, Márcio. Do off-line para o online: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? *Revista Organizações em Contexto*, São Bernardo do Campo, ano 6, n. 12, jul./dez., p. 107-133, 2010.

OBSERVATÓRIO DO CINEMA, Brokeback Mountain inspira primeira cena de sexo gay na TV aberta brasileira. *Uol*. 06 jul. 2016. Não paginado. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2016/07/brokeback-mountain-inspira-primeira-cena-de-sexo-gay-na-tv-aberta-brasileira>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

ODETS, Walt. *In the shadow of the epidemic. Being HIV-negative in the age of AIDS*. Durham: Duke University Press, 1995.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de; FERRARI, Anderson. Resistir aos conhecimentos cristalizados para produzir outramentos no currículo. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13,

n. 1, p. 110-122, 14 abr. 2020a.

OLIVEIRA, Danilo. Araujo de; FERRARI, Anderson. Lições assombrosas de um currículo assombroso. In: RODRIGUES, Alexandro; CAETANO, Márcio; SOARES, Maria da Conceição Silva. (Org.). *Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro*. 1ed. Salvador: Devires, 2020b, v. 1. p. 146-162.

OLIVEIRA, João Manuel de. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de "consolação". *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 25, n.1, p. 68-78, 2013.

OLIVEIRA, João Manuel de. Biopolíticas e COVID-19: os teatros da administração de vidas e mortes. *Revista Psicologia Política*, v. 21, n. 51, p. 299-304, 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 2017. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, Thiago Rannery Moreira de. Hardcore para um sonho: poética e política das performances pós-pornôs. *Repertório: Teatro & Dança*, v. 20, p. 235-252, 2013.

RANNIERY, Thiago. *Corpos feitos de plástico, pó e glitter: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis*. 2016. 413 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ORIHUELA, José Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, Octavio Rojas et al. *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

OROZCO, Yury del Carmen Puello. *Nem Teocracia nem Exclusão: As Intervenções da Igreja Católica no Brasil 1995–2005*. 2006. 376 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PAIVA, Vera; PERES, Camila; BLESSA, Cely. Jovens e adolescentes em tempos de AIDS: reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção. *Rev Psicol USP*, São Paulo, v. 13, p.55-78, 2002.

PAIVA, Vera; ANTUNES, Maria Cristina; SANCHEZ, Mauro Niskier. O direito à prevenção e a transformação do dispositivo de sexualidade em tensão com a nova-velha ordem: uma agenda de pesquisa. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 24, p. 1-6, 2020.

PALACIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. *As marcas na pele, as marcas no texto: sentidos de tempo, juventude e saúde na publicidade de cosméticos em revistas femininas durante a década de 90*. 2004. 279 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 26, n. 01, p. 141-160, 2001.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A(s) cultura(s) no GECC: artefato, objeto de estudo e conceito. In: AMORIM, Antonio Carlos R.; PESSANHA, Eurize (Org.). *As potencialidades da centralidade da(s) cultura(s) para as investigações no campo do currículo*. Caxambu: GT Currículo da ANPED, 2006, p. 07-13.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Apresentação. In: PARAÍSO, Marlucy Alves. *Pesquisas sobre currículos e culturas*. Curitiba: Editora CRV, 2010b. p. 11-14.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Contribuições dos estudos culturais para a educação. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, 2004.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.) *Lazer em estudo: Currículo e Formação Profissional*. Campinas: Papirus. 2010a. p. 27-58.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação*. Chapecó: Argos, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-46.

PARKER, Richard. *Na contramão da aids: Sexualidade, intervenção, política*. Rio de Janeiro: Editora 34/Abia, 2000.

PAIVA, Vera. Sem mágicas, sem soluções: A prevenção ao HIV e à AIDS como um processo de Emancipação Psicossocial. In: PARKER, Richard; TERTO, J. R. Aprimorando o debate: respostas sociais frente à aids, Seminário: Prevenção à AIDS: Limites e possibilidades na Terceira Década. *Anais...* Rio de Janeiro: Abia, p. 20-27, 2002.

PASSAMANI, Guilherme. Uma montanha, dois caubóis e um segredo: um debate sobre gênero e masculinidades. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, v. 7, p. 198 -212, 2013.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como Método de Pesquisa-Intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas para o Método Cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulinas, 2009. p. xx-xx.

PAULA, Paulo Sergio Rodrigues de. *Barebacking sex: discursividades na mídia impressa brasileira e na internet*. 2009. 210 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

PAULINO, Maria Angela Silveira; JEOLÁS, Leila Solberger. Jovens, drogas, risco e vulnerabilidade. *Serviço Social em Revista*, v. 3, n. 1, p. 39-59, 2000.

PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloisa; SABATINE, Thiago (Org.). *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume Queer, 2015

PELÚCIO, Larissa. O amor em tempos de aplicativo: notas afetivas e metodológicas sobre pesquisas com mídias digitais. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloisa; SABATINE, Thiago (Org.). *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume Queer, 2015. p. 81-108.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2006, 190p.

PINHEIRO, Thiago Félix. *Camisinha, homoerotismo e os discursos da prevenção de HIV/aids*. 2015. 218 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, v. 28, p. 149-174, jan.-jun. 2007.

PINTO, Moisés Costa. Netnografia no Twitter: algumas proposições de como fazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011. Recife. *Anais...* Recife: CBCC, 2011. p.1-13.

PISCITELLI, Adriana. Prefácio. In: DÍAZ-BENITEZ, María; FÍGARI, Carlos Eduardo. *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 11-20.

POCAHY, Fernando. Marcas do poder: o corpo (do) velho-homossexual nas tramas da hetero e homonormatividade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008. Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-7.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?: implicações dos conceitos. *Revista Esferas*, Brasília, ano 2, n. 3, p. 61-71, jul./dez. 2013.

POLLAK, Michael. *Os homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1990.

PORNHUB. The 2019 Year in Review. *Pornhub insights*. 11 dez. 2019. Não paginado. Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

PRADO, Juliana do. “O que é dito na Cabana, fica na Cabana”: notas metodológicas sobre relações de gênero em pesquisa com comunidade online. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloisa; SABATINE, Thiago (Org.). *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume Queer, 2015. p. xx-xx.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1 edições. 2014.

PRECIADO, Paul B. *Texto Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. N-1 Edições. 2018.

PRIOSTE, Cláudia Dias. *O adolescente a internet: laços e embaraços no mundo virtual*. 2013. 361 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 2013.

RACE, Kane. Incorporating clinical authority: A new test for people with HIV. In: WATSON, N.; CUNNINGHAM-BURLEY, S. (Ed.). *Reframing the Body*. Hampshire: Palgrave, 2001. p. 81–95.

REBS, Rebeca. Reflexão Epistemológica da Pesquisa Netnográfica. *Comunicologia*, v. 4, n. 1, p. 74-102, jan./jun. 2011.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 81-94, dez. 2009.

REGES, Marcelo. *Brazilian Boys: corporalidades masculinas em filmes pornográficos de temática homoerótica*. 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Jakson dos Santos. *Filhos da princesa do sertão: representações da masculinidade na imprensa em caxias/ma durante a primeira república*. 2018. 406 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2018.

RIBEIRO, Vândiner. Os sem terra no currículo da mídia. In: PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). *Pesquisas sobre currículos e culturas*. Curitiba: Editora CRV, 2010. p. 131-148.

RIOS, Luís Felipe. Homens jovens com práticas homossexuais e epidemia do HIV/aids: por uma re-erotização da prevenção. In: NEVES, André Luiz Machado das. THERENSE, Munique (Org.) *Hiv/Aids, gênero e sexualidade: políticas e práticas de prevenção, testagem e aconselhamento*. Manaus: Editora UEA, 2018. p. 24-58.

RIOS, Luís Felipe. O cavalgar sem sela: desafios da promoção da saúde sexual entre homens jovens com práticas homossexuais. In: ADORNO Rubens de Camargo Ferreira; ALVARENGA Augusta Thereza de; VASCONCELLOS Maria da Penha Costa (Orgs). *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos*. São Paulo (SP): Edusp/Fapesp, p. 163-98, 2005.

RIOS, Luís Felipe; ALBUQUERQUE, Amanda P.; SANTANA, Warley; PEREIRA, Amanda F.; OLIVEIRA JÚNIOR, Cristiano J. de. O drama do sexo desprotegido: estilizações corporais e emoções na gestão de risco para HIV entre homens que fazem sexo com homens. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), p. 65-89, 2019.

RODRIGUES, Maíra Freitas de Araújo. *Geografia-monstro: um currículo assombroso nos anos finais do Ensino Fundamental*. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

ROSE, Nikolas. *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. São Paulo: Paulus. 2013.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 33-58, jun./jul., 2001a.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b. p. 137-204

ROSE, Nikolas. *Inventing Our Selves: Psychology, Power, and Personhood*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1996b.

SABATINE, Thiago Teixeira. Travesti reflexiva – notas sobre o Facebook e as práticas políticas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloisa; SABATINE, Thiago (Org.). *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume Queer, 2015. p. 109-128.

SABINO, César. Musculação: Expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, Mirian. *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontro*, Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 61-103.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em educação. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (orgs). *Metodologia de Pesquisa pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.111-133.

SALES, Shirlei Rezende. Juventude ciborgue: desafios para o currículo escolar. In: LIMA, Nádia Laguárdia et al. (Org.) *Corpo e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte.: Quixote+Editoras Associadas. 2018. p. xx-xx.

SALES, Shirlei Rezende. *Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil*. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o ensino médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículo em diálogo*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 229-248.

SALES, Shirlei Rezende. O imperativo da ciborguização no currículo do ensino médio. In: MORGADO, José Carlos; SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Estudos curriculares: um debate contemporâneo*. Curitiba: CRV, 2013. p. 193-207.

SANTOS, Karolina Reis dos. *Risco e Barebacking: reflexões*. 2018. 168 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi. Educação e pesquisa de práticas sexuais de risco (barebacking sex). In: RIOS, Luís Felipe et al. *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: Abia, 2004. p. 69-81

SASSO, Wesley Carvalho. *Masculinidades plurais: um estudo sobre homens dissidentes de gênero e sexualidade no projeto “chicos”*. 2018. 182 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Stuart. “The condomlessness of *Bareback* Sex: Responses to the Unrepresentability of HIV in Treasure Island Media’s Platin’Seed and Slammed”. *Sexualities* Vol. 18, n. 1/2. 2015.

SECCO, Lorilei. *Para além das tramas: tecendo sentidos em imagens de tapeçaria artísticas*. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, 2017.

SEFFNER, Fernando. Entre saber, crer e desejar. *Interface – Comunicação, saúde, educação*, v. 24, p. 1-4, 09 abr. 2020.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. *Rev. Estud. Fem.* [online], v. 19, n. 2, p. 561-572, 2011.

SEFFNER, Fernando. Prevenção à aids: Uma ação Política-Pedagógica. In: PARKER, Richard; TERTO, J. R. Aprimorando o debate: respostas sociais frente à aids, Seminário: Prevenção à AIDS: Limites e possibilidades na Terceira Década. *Anais...* Rio de Janeiro: Abia, 2002.

SFEZ, Lucien. *A saúde perfeita*. São Paulo: Loyola, 1996.

SIBILIA, Paula. A Escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros? *Revista Matrizes*, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 195-211, jan./jun. 2012.

SIBILIA, Paula. O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet. *Revista Eco Pós*, v. 18, n. 1, p.133-147, 2015.

SIBILIA, Paula. O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas. *Revista Famecos*, v. 21, n. 1, p. 24-55, 2014.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Homens no “limite” das dores na musculação de uma academia de ginástica de bairro popular: uma etnografia sobre formas plurais de expressão da masculinidade. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 89-98, jan./mar., 2016.

SILVA, Breno César de Almeida da; TILIO, Rafael de. O Segredo de Brokeback Mountain e Boi Neon. *Revista De Estudos De Gênero La Ventana*, n. 48, p. 168-205, jul.-dez.,2018.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. *Desejo à flor da tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking*. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SILVA, Luíza Cristina. *Currículo da nudez: relações de poder-saber na produção de sexualidade e gênero nas práticas ciberculturais de nude selfie*. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

SILVA, Maria Carolina da. Currículo de filmes de animação. In: PARAÍSO, Marlucy P. *Pesquisas sobre currículos e culturas*. Editora CRV. Curitiba. 2010. p. 117-130.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 190-207.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Marco Polo Oliveira da. *YouTube, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue*. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. 172 f.

SILVA, Luis Augusto Vasconcelos da. *Desejo à flor da tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking*. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2008.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. Masculinidades transgressivas em práticas de barebacking. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, p. 675-699, 2009.

SILVÉRIO JÚNIOR, Renato Cezar. *Curtições, amizades e injúrias: as expressões de gêneros, sociabilidades, afetos e sexualidades entre garotos adolescentes do interior paulista em uma cidade de pequeno porte*. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97574>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

SIMÕES, Julio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*, v. 35, Campinas, p.37-78, 2010.

SIMONI, Raphael. As pessoas ainda leem blog? *Catho Educação*, Medium. [on-line], 18 nov. 2020. Disponível em: <<https://medium.com/cathoeducacao/as-pessoas-ainda-leem-blog-9f7d07f4bc15>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

SOARES, Gilberta Santos, SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Estilo bofe: ferramentas de produção de gênero e sexualidade em lésbicas e bissexuais. In: REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 18, 2014, Recife. *Anais...* Recife: UFRPE, 2014. p. 2612-2628. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2285/795>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SOARES, Rosângela. "Fica comigo": juventude e pedagogias amorosas/sexuais na MTV. *Educação em Revista*, v. 46, p. 311-335, 2007.

SOARES, Thiago. Conveniências performáticas num show de brega no Recife: Espaços sexualizados e desejos deslizantes de piriguetes e cafuços. *Comunicação e Entretenimento: Práticas Sociais, Indústrias e Linguagens*, v. 19, n. 01, p. 55-67, 1º semestre/2012.

SPARGO, Tamsin. *Foucault y la teoria queer*. Barcelona: Gedisa, 2004

STYCHIN, Carl F. *Law's Desire: Sexuality and the Limits of Justice*. London: Routledge, 1995.

SVEDSEN, Lars. 2006. *Fashion: A Philosophy*. London: Reaktion Books.

TAKARA, Samilo; TERUYA, Teresa Kazuko. Dando pinta na prática educacional: a bicha como limite. *Bagoas*, Natal, n. 14, p. 125-145, 2016.

TERRA. Brasil completa dois anos de adesão à PrEP. 21 fev. 2020. Dino. Não paginado. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/brasil-completa-dois-anos-de-adesao-a-prep,2ea162f0009dab136e188ce6065ac20cbse3m38c.html>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

TERTO JUNIOR, Veriano. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/Aids. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 147-158, jun. 2002.

TINOCO, Eliane de Fátima. *A tapeçaria de Norberto Nicola*. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2005. (DVDteca Arte na Escola). Disponível em: <http://artenaescola.org.br/uploads/dvdteca/pdf/arq_pdf_80.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

TORRÃO FILHO. Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 24, p. 127-152, jan./jun. 2005.

THÜRLER, Djalma; MEDRADO, Benedito. Masculinidades contemporâneas em disputa // Contemporary masculinities in dispute. *Revista Periódicus*, v.1, nº13, p. 01–08, 2020.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TZIALLAS, Evangelos. The Return of the Repressed: Visualizing Sex without Condoms. In: VARGHESE, Ricky (Org.) *Raw: PrEP, Pedagogy, and the Politics of barebacking*. University of Regina Press, Regina, Saskatchewan, Canada, 2019. p. 135-154.

UNAIDS. Prevenção combinada. *Unaid*s. [s./d.]. Não paginado. Disponível em: <<https://unaid.org.br/prevencao-combinada/>>. Acesso em: 8 jul. 2020.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. Nosso pequeno segredo sujo: notas sobre a abjeção. *Revista Bagoas - Estudos Gays: gênero e sexualidades*, Natal, v. 7, n. 10, p. 303-312, jul./dez. 2013.

VALLE, Carlos Guilherme do. Identidades, doença e organização social: um estudo das "pessoas vivendo com HIV e AIDS". *Horizontes Antropológicos*, v. 8, p. 179-210, 2002.

VASCONCELOS, Rico. Afinal, o uso da PrEP causa ou não o aumento de outros ISTs? *Agência Aids*. 9 set. 2019a. Rico Vanconcelos. Disponível em: <<https://ricovasconcelos.blogosfera.uol.com.br/2019/10/25/afinal-o-uso-da-prep-causa-ou-nao-o-aumento-das-outras-ists/>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

VASCONCELOS, Rico. Quantas pessoas precisam estar usando PrEP para acabarmos com o HIV? *Uol*. 25 out. 2019b. Viva bem. Disponível em: <<https://agenciaaids.com.br/noticia/ricovasconcelos-quantas-pessoas-precisam-estar-usando-prep-para-acabarmos-com-o-hiv/>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

VARGAS, Mara Ambrosina de O.; MEYER, Dagmar Estermann. Re-significações do humano no contexto da ‘ciborguização’: um olhar sobre as relações humano-máquina na terapia intensiva. *Rev Esc Enferm USP*, v. 39, nº 2, p. 211-219, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. Ciência e Pós-Modernidade. *Episteme*. Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 143-156, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Estudos culturais em educação*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 37-72.

VENCATO, Anna Paula. Entre “reais” e “virtuais”: noções sobre risco e verdade em um clube brasileiro para crossdressers. *Cadernos Pagu*, n. 44, p. 367-390.

VENCATO, Anna Paula. Gênero e sexualidades em tempos instáveis: mídias digitais, identificações e conflitos. *Etd: Educação Temática Digital*, v. 19, p. 808-823, 2017.

VERGONHA. In: DICIO – Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/vergonha/>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

VIEIRA, Ricardo de Souza. *Homoparentalidade: estudo psicanalítico sobre papéis e funções parentais em casais homossexuais com filhos*. 2011. 206 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

W3TECHS. World Wide Web Technology Surveys. [on-line], [20-?]. Disponível em: <<https://w3techs.com/>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira.Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 35-82.

WILLIAMS, Linda. Porn Studies: Proliferating Pornographies On/Scene: An Introduction” In: WILLIAMS, Linda. *Porn Studies*. Durham, NC: Duke University Press, 2004. p. xx-xx.

WOHLGEMUTH, Maria das Graça Corrêa; POLEJACK, Larissa; SEIDL, Eliane Fleury. Jovens universitários e fatores de risco para infecção. *Ravista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2020.

WORDPRESS. A live look at activity across WordPress.com. [on-line], [s./d.]. Disponível em: <<https://wordpress.com/activity/>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

ZAGO, Luiz Felipe. Convites e tocaias – Considerações ético-metodológicas sobre pesquisas em sites de relacionamento. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago. *No emaranhado da rede*. Gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos metodológicos do presente. São Paulo: Annablume, 2015. p. 149-174.

ZAGO, Luiz Felipe. *Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos*. 2013. 331 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ZAGO, Luiz Felipe; ATOLINI, Thanise Guerini. Pedagogias da sexualidade na pornocultura: notas sobre as Milfs. *Interfaces científicas*. Aracaju, v. 8, n. 2. p. 83-98, 2020.

ZANELLO, Valeska. Xingamentos: entre a ofensa e a erótica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008. Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-6. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST33/Valeska_Zanello_33.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ZEISCHEGG, Christopher D. Sex and composition: a personal history of music. *Porn Studies*, v. 2, n. 1, p. 103-105, 2015.

APÊNDICE

Descrição completa e minuciosa de vídeos com trechos selecionados para análise.

GRUPO 1	
Post: Socar, socar até gozar! Gozada dentro sempre é mais gostoso (pelo menos eu acho) E você, como curte a gozada?	
Link: http://somostodosumbecker.blogspot.com/2019/12/socar-socar-ate-gozar-gozada-dentro.html	
Referência: Descrição do vídeo pornô 2 dessa postagem.	
Data da Postagem: 13 de dezembro de 2019	
Título do Vídeo 1: Não é possível ver o título no blog.	
Tempo Total do Vídeo: 31min03seg	
Identificação do Vídeo: Vídeo Único (VU)	
Tempo ¹³⁷	Descrição:
0seg a 47 segundos.	Primeira cena: Dois homens brancos, filmados de costas por uma terceira pessoa, provavelmente um outro homem, já que também participa da cena com sussurros, expressões de prazer com respiração ofegante que vai se intensificando como se estivesse prestes a gozar e risadas num tom de voz masculina, de forma que podemos perceber que o prazer também está neste que filma. A cena se inicia com os dois corpos separados, sendo que o homem passivo está imóvel, de quatro e usando as duas mãos para separar as nádegas, numa preparação para receber o pau do ativo, que está se masturbando num movimento frenético, demonstrando que está buscando chegar ao ponto de ejaculação. Enquanto isso, a terceira pessoa movimenta a câmera, dando foco à masturbação e à preparação do cu para ser penetrado. O foco é bem fechado, recortando os corpos dos dois em apenas essas partes, ou seja, bunda e pau. Em nenhum momento aparece os rostos dos homens. No entanto, os sussurros, gemidos, expressões e risadas demonstram prazer e êxtase. A penetração ocorre quando esse homem se aproxima do gozo, revelando que a intenção é exatamente essa de gozar dentro sem camisinha, mostrando para o espectador. O movimento frenético que já ocorria na masturbação se intensifica quando o pau é introduzido e vai diminuindo na proporção inversa dos gemidos, demonstrando que chegou ao clímax que é o gozo. O foco permanece por trás dos dois, fechado na penetração, que, pouco a pouco, vai parando até ser concluída com a retirada do pau e, assim, revelando o gozo. Os dois corpos se distanciam novamente, terminando a cena com o foco na bunda do passivo com espermas saindo do cu. Não é possível perceber se o homem passivo da relação também chegou ao gozo, visto que o foco da ação está no ativo e no gozo dentro.
49 segundos.	A segunda cena se assemelha com a primeira. Também há o foco da cena bem fechado nas partes dos corpos como bunda e pau de dois homens brancos. A cena parece ser filmada pelo homem ativo, visto que o ângulo é de cima, parecendo que a câmera está sendo segurada pela mão, se movimentando de acordo com a ação e a intenção de mostrar o gozo, ora filmando de cima, ora lateralmente. A cena inicia com os corpos separados, sendo que o passivo está de costas, de quatro, com o cu bem aberto esperando a penetração enquanto o ativo está de pé, filmando a cena e se masturbando, mantendo a excitação e o pau ereto, pronto para a penetração, que logo ocorre. Após penetrar, o movimento do corpo se intensifica até ir diminuindo, seguido de som de sussurros, gemidos e resfolêgos de prazer, demonstrando ter chegado, finalmente, ao gozo, que é confirmado com a retirada lenta do pau e, junto desse, a saída de um líquido grosso e branco. O homem ativo continua filmando com o foco no cu do passivo que continua expulsando o líquido de dentro do seu corpo. Novamente não é possível perceber se o passivo chegou ao gozo.
1min27seg.	A terceira cena também apresenta dois homens brancos. A câmera está posicionada e fixada num ponto, de maneira que ela não se movimenta. A cena é aberta mostrando todo espaço de uma sala ampla e a totalidade dos corpos, sendo que não é possível ver os rostos já que a câmera está posicionada no final da sala filmando os dois corpos por trás. Os dois

¹³⁷ O tempo aqui não se refere à duração total da cena em destaque, mas ao minuto e segundo em que essa aparece no vídeo pornô.

	<p>homens estão no centro da sala, em cima de um lençol aparentemente colocado para a ação. A cena inicia já com os dois corpos na penetração, sendo que o passivo está de costas, de quatro e de joelhos, tendo o ativo por cima, quase totalmente em pé. A imagem não tem foco específico, seguindo uma mesma posição, num ritmo que vai aumentando, construindo uma ideia de aproximação com o gozo, o que é possível de se perceber com as frases em inglês como “<i>fuck, yeah, boy</i>” e com a diminuição dos gemidos e sussurros e os risos ao final. Após o gozo, o ativo sai de cima do passivo, com um passo atrás e se colocando totalmente de pé, para pegar um pano e limpar o pau, sem que o espectador visualize o gozo. Quando o ativo sai da posição, o homem passivo, que estava de joelhos e de quatro, se joga no chão se virando e se posicionando de costas para o solo, revelando o corpo todo e o seu rosto. Também não é possível perceber se o homem passivo chegou ao gozo.</p>
2 min. 24 seg.	<p>A quarta cena também apresenta dois homens brancos, filmados por uma terceira pessoa, visto que a câmera está posicionada por trás dos dois homens e se movimentando para os lados, para baixo e para cima, sem perder o foco na penetração. A cena inicia já com a penetração, em um movimento intenso tendo o ativo por cima do passivo e já com a presença do gozo. Os sussurros, gemidos e expressões em inglês como “<i>yeah baby</i>” também são intensos. Embora já tenha ocorrido o gozo, percebido pelo líquido espesso branco em torno do cu, a penetração continua demonstrando que o gozo não significou o final dela. O movimento se mantém e há a diminuição do ritmo junto com a expulsão do líquido na medida em que o pau continua entrando e saindo. Em dois momentos o ativo retira o pau com calma, aumentando o fluxo do gozo no cu do passivo e voltando a penetrar. A cena se encerra ainda com a penetração, sem um ponto final. Também não é possível perceber se o passivo chegou ao gozo. Em nenhum momento o foco é ampliado, de maneira que só aparecem a bunda e o pau dos dois homens.</p>
3 min 17 seg.	<p>A quinta cena é uma cena ao ar livre, tendo os dois homens de pé e a câmera posicionada e filmando a penetração de baixo para cima. O foco é bem fechado, com ênfase na penetração e no movimento do ativo. São dois homens brancos. Os sussurros e gemidos também são intensos e vão diminuindo na medida em que o movimento também vai cessando, até parar totalmente. Após parar totalmente o ativo ainda permanece dentro do passivo. A cena se encerra sem que possamos visualizar o gozo e tampouco verificar se o passivo também chegou a ele. Também não vemos outras partes do corpo, senão a bunda e o pau dos dois.</p>
3 min. 56 seg.	<p>A sexta cena também é protagonizada por dois homens brancos. Os dois estão numa sala, utilizando um sofá para penetração, sendo que o ativo está deitado de costas tendo o homem passivo sentado no pau. A cena é iniciada com a câmera parada, com o foco fechado e pegando o ângulo em que temos visão de trás dos dois, evidenciando a penetração, visualizando a pernas do ativo com o passivo, de costas e sentado no pau do ativo, tendo as mãos do ativo o tempo todo presente e massageando as nádegas do passivo. Os dois se movimentam intensamente, sendo que não há a ação exclusiva do ativo, seguido de sussurros e gemidos, conduzindo a construção do êxtase. Quando o movimento para, há um corte, e o foco é aberto, de maneira que passamos a ver os dois corpos num outro posicionamento da câmera, que filma a sala toda pegando os dois homens pela lateral, em que o passivo continua sentado sobre o ativo, de maneira que vemos os rostos e os corpos. São homens brancos, jovens, malhados. O movimento vai se encerrando, parecendo demonstrar que chegaram ao gozo. Novamente há um corte e a câmera volta a focar o au introduzido no cu. Não há presença de esperma, nem do ativo e tampouco do passivo.</p>
4 minutos e 26 segundos	<p>A sétima cena tem a presença de dois homens negros. A cena já inicia com o foco na penetração no pau introduzido no cu do homem passivo. Diferente das outras cenas até aqui, nessa é o passivo que faz o movimento de entrada e saída do cu no pau. O ativo, permanece, em grande parte da ação, parado, tendo o movimento intenso da bunda do passivo. Os dois estão de costas, sendo que o passivo está com a barriga posicionada em um sofá azul, com os joelhos no chão, numa posição de quatro tendo o ativo também de joelhos e por cima do passivo, com a câmera posicionada na lateral esquerda e no chão, filmando de baixo para cima. Em determinado momento, o passivo se afasta, deixando</p>

	<p>um espaço entre o sofá e a barriga para pegar o seu próprio pau e se masturbar enquanto mantém o movimento do cu de entrar e sair do pau. Diferente das outras cenas até aqui, o passivo busca o gozo. No entanto, quando o ativo chega ao gozo, ele retira o pau, permitindo que o esperma seja expulso do cu do passivo, e se encerra a ação, mesmo que o passivo não tenha chegado ao gozo. Também não vemos os rostos dos participantes.</p>
4 minutos e 47 segundos.	<p>A oitava cena também tem a presença de dois homens brancos, que estão num quarto, com um espelho lateral, de maneira que o expectador consegue ver os dois corpos sobre a cama refletidos no espelho. A câmera está posicionada no final do quarto pegando os dois a partir das pernas e pela lateral direita, tendo no canto esquerdo da filmagem o espelho com o reflexo dos dois corpos. Num primeiro plano temos os corpos focados na penetração e num segundo plano temos os corpos completos refletidos no espelho. A cena também já inicia com a penetração, tendo o passivo deitado de costas na cama, numa posição conhecida, popularmente, como “frango assado”, tendo o ativo, por cima, penetrando e posicionando sua barriga sobre a barriga do passivo. Como a câmera está posicionada no fundo do quarto, é possível ver a penetração a partir do movimento da bunda do ativo, que se mantém num ritmo intenso até chegar ao gozo. Nesta cena também não temos a presença visual do gozo em forma de esperma, nem do ativo e nem do passivo. O gozo parece presente pela diminuição do ritmo dos movimentos e do abraço que o passivo dá no ativo, enlaçando as costas num movimento de carinho.</p>
5 minutos e 24 segundos.	<p>A nona cena também é protagonizada por dois homens brancos. O foco está na penetração, sendo que os dois parecem estar de pé, com a câmera posicionada de cima, fornecendo a impressão de que o ativo é também quem está filmando a cena. O foco é bem fechado, de maneira que vemos apenas o movimento da penetração, parecendo que os movimentos são dos dois. Os sussurros, gemidos e expressões (como <i>yeah, fuck</i>, “ah!”) são intensos. Os movimentos vão diminuindo e os sussurros também, até o momento em que o ativo retira lentamente o pau do cu do passivo, deslocando a câmera para o foco no pau que sai lambuzado pelo gozo. Mantendo o deslocamento, a câmera vai do cu para o pau do passivo até mostrar o gozo deste num tecido preto, revelando que os dois gozaram.</p>
6 minutos e 17 segundos.	<p>A décima cena é protagonizada por um homem ativo branco e um homem passivo negro. A cena é filmada por uma terceira pessoa que, provavelmente, é outro homem, visto que ao longo da cena temos as vozes desse, revelando um timbre masculino. A cena já inicia com o passivo deitado de barriga para baixo numa cama, tendo o ativo branco por cima, já penetrando. A câmera está posicionada por trás, com o foco na penetração, de maneira que vemos as costas e a bunda do homem branco que está por cima, num movimento de entrada e saída do pau. Os gemidos são intensos, em alguns momentos, próximos a gemidos de dor. Os movimentos do ativo são contínuos até irem diminuindo. Em determinado momento o ativo para, ainda com o pau dentro do passivo e os dois corpos ficam imóveis por 40 segundos, sendo que a cena continua com o aumento das risadas, das falas e dos gemidos, dando a impressão de que o ativo tenha chegado ao gozo e não queria retirar o pau. Os risos aumentam, parecendo que há mais de 3 pessoas na cena, muito embora o expectador só veja partes dos dois corpos. A câmera se desloca para lateral e para o alto, mostrando mais o corpo do homem branco ativo, que continua dentro do passivo e volta a realizar os movimentos de penetração. A câmera volta a abaixar e focar na penetração, revelando a mão negra do homem passivo numa tentativa de masturbação de si enquanto é penetrado. Com esse deslocamento e volta do foco na penetração, o expectador visualiza o gozo escorrendo pelo cu do passivo ainda com a penetração em curso. Os gemidos aumentam e o movimento vai diminuindo.</p>
7 minutos e 54 segundos.	<p>A décima primeira cena apresenta dois homens brancos com tamanhos visivelmente diferentes, sendo o homem passivo com uma consistência corporal semelhante a uma pessoa muito jovem, enquanto o ativo, com um corpo bem mais forte, com coxas grossas. A cena segue o mesmo fluxo do início ao fim, sendo gravada com a câmera parada e posicionada atrás dos dois homens, focando na penetração, como a lógica das demais. O homem passivo está deitado de bruços, em uma espécie de cama, tendo o ativo por cima, já no movimento da penetração. O passivo permanece imóvel sendo que somente o ativo faz a movimentação seguida de gemidos, frases curtas (que não é possível compreender,</p>

	<p>quase como sussurros) e expressões de êxtase (interjeições como oh!, ah!), que vão aumentando na mesma proporção dos movimentos. Como a câmera está posta de trás, e a cena mantém sempre a penetração, o gozo é percebido pelo líquido escorrendo do encontro entre o pau e o cu, demonstrando a ausência de camisinha e a intenção de gozar dentro. Também não vemos os rostos dos parceiros e tampouco sabemos se o passivo chegou ao gozo.</p>
8 minutos e 29 segundos.	<p>A décima segunda tem dois homens brancos de composição corporal também distinta, sendo o passivo bem mais magro que o ativo, que é mais musculoso. A cena é filmada por uma terceira pessoa, posicionada atrás dos dois. O passivo está ajoelhado sob o solo tendo o ativo por cima, em uma posição mais agachada. A cena também inicia já com a penetração em que o ativo mantém o movimento de entrada e saída do pau, numa situação de menor movimentação do passivo. Além dos gemidos e sussurros, há uma música ao fundo. Em duas ocasiões o ativo retira o pau e introduz novamente, evidenciando a falta de camisinha e demonstrando que já havia chegado ao gozo. Tanto na primeira vez quanto na segunda em que esse movimento acontece, o pau é introduzido novamente, independente de já ter chegado ao gozo, causando um escorrimento do líquido pelo corpo do homem passivo. A câmera faz movimentos de foco, de maneira que evidencia o gozo. Também não é mostrada nenhuma outra parte do corpo a não ser essas destinadas a penetração e, tampouco, o gozo do homem passivo é mostrado.</p>
9 minutos e 17 segundos.	<p>A décima terceira cena é representada por um passivo negro e um ativo branco. Dois corpos muito franzinos, parecendo adolescentes, com pernas finas e magras. A cena é gravada num quarto, pois há apenas uma cama no ambiente, com a câmera posicionada ao fundo, parada, mas mal posicionada, de maneira que a cena tem um enquadramento em que os dois corpos ocupam apenas a parte direito do vídeo, sendo a toda parte esquerda tomada pela porta e um outro cômodo. A cena mostra uma relação afobada, com uma respiração ofegante, em que o homem negro passivo está deitado numa cama, de costas, na posição conhecida como “frango assado” tendo o homem branco ativo sobre ele, com os joelhos sobre a cama e num movimento acelerado de penetração. No início da cena não é possível visualizar, nitidamente, partes do corpo do homem passivo, sendo quase que uma imagem exclusiva do corpo do homem branco ativo, que intercala movimentos acelerados com paradas seguidas de sons de êxtase (como <i>yeah</i>, <i>ooh!</i>, <i>aaah!</i>), demonstrando que está chegando ao gozo. A cama balança muito em função dos movimentos do homem ativo. Os sons emitidos dão a impressão que são somente do homem ativo, no entanto, quando o ativo parece ter chegado ao gozo, vemos as mãos do homem negro buscarem as laterais da bunda, puxando-a para ele, como se buscasse mais penetração e reforçando o contraste de raça. Nesta cena, não aparece os rostos dos participantes e tampouco os gozos de nenhum dos dois, de maneira que não é possível afirmar que o homem passivo tenha alcançado o gozo, como fica mais evidente no ativo, pelos sons e movimentos.</p>
10 minutos e 1 segundos.	<p>A décima quarta cena é realizada por dois homens brancos e muito musculosos. Corpos bem definidos e lisos, sem pelos. A câmera está posicionada no chão, tendo os dois homens em pé acima dela, de maneira que o espectador tem a visão de baixo para cima e, sobretudo o corpo do homem passivo, visto que o ativo fica escondido pelo primeiro plano do corpo do passivo. A cena segue a mesma lógica de apresentar a penetração desde o seu início terminando quando o ativo chega ao gozo. Nesta cena, é possível perceber a movimentação dos dois corpos, sendo a voz do passivo mais presente, incentivando a penetração com expressões como “<i>fuck</i>, <i>yeah</i>” e interjeições como “oh!”, “ah!” e sons de gemidos que demonstram prazer. Já no final da penetração, quando o ativo alcança o gozo e vai retirando lentamente o pau do cu do passivo, este último leva a mão ao seu pau rapidamente, demonstrando que não chegou ao gozo, sendo que o ativo já deu por encerrada a ação. Nesse momento caem algumas gotas do cu do passivo que parece ser esperma do ativo. Embora o corpo todo do passivo apareça na cena, o primeiro plano é parte central dos corpos, não mostrando claramente o rosto dele.</p>

10 minutos e 57 segundos	A décima quinta cena tem dois homens brancos como protagonistas. Eles estão numa cama, sendo que o ativo está deitado de barriga para cima, e o passivo está sentado no pau do primeiro. A câmera está parada e posicionada na vertical, de maneira que temos visão somente das partes da bunda, pequena apresentação da coxa do ativo, já que ele está deitado, e a bunda do passivo, que está usando uma cueca jockstrap ¹³⁸ e como se encontra de cócoras, não aparecem sequer partes da sua coxa. São corpos jovens, percebidos pela textura da pele, e lisos. A cena também apresenta muito gemidos e sons de prazer (interjeições prolongadas e intensas como “aaaah!”, “yeah!”). Como o ativo está deitado, a ação inicial é toda do homem passivo, sendo ele que faz o movimento de subir e descer, conduzindo a penetração. Na metade da cena, o passivo mantém-se parado e é o ativo que toma a vez no movimento de subir e descer, mantendo a penetração até chegar ao gozo. Quando isso ocorre, o ativo fica parado mantendo as costas na cama enquanto é o passivo que vai subindo lentamente o corpo e assim, tirando de dentro de ele o pau do ativo que final da saída revela o gozo. Nesta cena, não parecem nem o rosto de nenhum dos dois parceiros, mas também não aparece o gozo do passivo e, tampouco o pau, que se mantém escondido pela cueca.
11 minutos e 35 segundos.	A décima sexta cena (11 minutos e 35 segundos) parece uma filmagem amadora, demonstrando uma certa espontaneidade, como por exemplo, o fato de iniciar com o homem ativo ligando a câmera e a posicionando no chão, para só então iniciar a preparação para a penetração em que os dois se despem de suas roupas. São dois homens brancos, que estão em pé, com a câmera ao solo filmando de baixo para cima, revelando todo ato da penetração. Os dois corpos são visualizados e, apesar do ativo permanecer com a blusa, estando nu somente da cintura para baixo, é evidente que se trata de corpos com os músculos definidos e magros. A cena tem um primeiro ato em que a penetração ainda não ocorre, focando na preparação em que o ativo inicia uma masturbação para manter o pau ereto enquanto o passivo está de costas para ele, aguardando a iniciativa. O movimento é só do ativo, que, nesta preparação, molha uma das mãos com saliva e passa no pau, como uma forma de lubrificação para, só depois deste ato, se aproximar para iniciar a penetração. Depois de introduzir o pau, há um corte e a cena seguinte já é o movimento intenso da penetração com pouquíssimos sons. É uma cena silenciosa, em que os sons se limitam aos movimentos do corpo do ativo sobre o passivo, que mantém uma das mãos apoiada na parede como resistência para o corpo não ir para frente como resultado do movimento do ativo e a outra mão no seu pau, sem se masturbar em nenhum momento. Na medida em que o ativo vai alcançando o gozo ele vai parando o movimento (é exatamente esse movimento que é possível perceber que ele vai gozar), como se cansando e dando oportunidade para o gozo chegar. Quando ele acaba, é possível perceber que o ativo entrelaça, rapidamente, os braços sobre o peito ao passivo, como um abraço, que não demora muito sendo o tempo em que o pau é retirado de dentro do passivo, lentamente. Quando esse sai totalmente, uma gota do gozo cai exatamente em cima da câmera, embaçando a imagem. Nesta cena os dois corpos são visualizados totalmente, inclusive os rostos dos sujeitos. O gozo do passivo não aparece.
12 minutos e 17 segundos.	A décima sétima cena também é apresentada por dois homens brancos bem musculosos, sobretudo o ativo. É uma cena gravada em um quarto, em que os dois estão em cima de uma cama, sendo que o passivo está ajoelhado na cama, mantendo um espaço entre o seu corpo e a cama, tendo o ativo por cima, também ajoelhado e já em ato de penetração. O corpo do ativo apresenta pêlos evidentes, diferente do passivo, que tem um corpo liso. A ação é toda do ativo, que mantém os movimentos e assim vai movimentando o corpo do homem passivo. A câmera está posicionada atrás deles, de maneira que o corpo do ativo aparece mais, como costas, bunda e pernas, mantendo o corpo do passivo escondido sobre esse corpo maior do ativo. Há alguns poucos gemidos e sussurros, há apenas os sons do movimento dos corpos. Os movimentos ora são intensos, ora se apresentam mais lentamente. A cena termina sem demonstrar que os dois ou pelo menos um deles chegou ao gozo. O corte da cena é abrupto sem o seu término no gozo, como era a lógica até aqui.

¹³⁸ É uma cueca, geralmente elemento de fetiche, que não tem o pano que cobra as nádegas, deixando a bunda e o cu descobertos, há uma faixa na cintura geralmente larga, da qual em duas fitas que sustentam as duas nádegas por baixo, unindo-se na região entre o cu e os testículos à parte da frente da cueca, que segura os testículos e o pau.

12 minutos e 56 segundos.	A décima oitava cena (12 minutos e 56 segundos) é encenada por dois homens negros, com corpos bem definidos, lisos e musculosos. É uma cena que já inicia com movimentos muito intensos, sendo filmada por uma terceira pessoa, provavelmente um homem, em função do tom de voz masculino. No tempo todo da cena temos sussurros e uma voz que parece ser de quem está filmando, falando o tempo todo, sendo que em alguns momentos parecia dirigir a cena e em outros só emitindo sussurros, se inserindo na cena. Desde o início, o movimento de entrada e saída do pau do cu é total, sendo movimento em que o pau sai totalmente para entrar totalmente num segundo momento, tornando o movimento mais longo e plástico. Desde o início há um líquido branco escorrendo do cu do passivo, demonstrando que cena ocorre o tempo todo sem camisinha e com a presença do gozo. Os sussurros também são intensos, há também expressões de prazer como “oh!”, “ah!” bem curtos, sem que fique evidente de quem se trata, ou seja, se do ativo ou do passivo, ou mesmo se são sussurros misturados dos dois participantes. No final da cena, o líquido branco escorre com mais intensidade e com mais volume do corpo do passivo, mesmo com a diminuição dos movimentos de entrada e saída do ativo. A cena se encerra com a retirada total do pau do ativo, que dá um tapa na bunda do passivo. Nesta cena também não é possível ver os rostos dos participantes, assim como não sabemos se o passivo chegou ao gozo.
14 minutos e 9 segundos.	A décima nona cena tem um ativo negro e um passivo branco. A cena é gravada com a câmera no solo, filmando de baixo para cima novamente, sendo que o corpo do passivo branco fica em maior evidência, pois mostra a região do peitoral e as pernas dele, enquanto do passivo mostra a região das coxas e o pau. Desde o início da cena, é o passivo que sussurra mais alto e mais intensamente, além de ser ele que faz os movimentos com a sua bunda, para frente e para trás. O tempo todo o homem branco passivo se mantém masturbando e aumentando os sons, como por exemplo “ah!” curtos e repetidos, junto com a intensidade do movimento, demonstrando que ele está buscando o prazer e o gozo. O homem negro ativo permanece quase imóvel. Ao final é o homem branco passivo que vai diminuindo os movimentos do seu corpo e chega ao gozo antes do que o ativo. Quando termina de gozar, permanece com a mão em seu pau buscando retirar dele a última gota do gozo, enquanto os dois corpos permanecem imóveis. Somente depois que o homem negro ativo vai saindo, lentamente, de dentro do passivo, é que dá uma risada de satisfação. Ao sair totalmente de dentro do cu do passivo, este deixa escorrer uma gota do gozo que estava dentro do seu corpo. Mesmo sendo filmado de baixo para cima, não é possível ver os rostos dos dois, apenas mostra-se, rapidamente, uma pequena parte da face do ativo, mantendo o enquadramento, do pescoço para baixo.
14 minutos e 57 segundos.	A vigésima cena (14 minutos e 57 segundos) é realizada por um homem ativo branco e um homem passivo negro. No início da cena a câmera está na vertical, sendo que o passivo está de pé inclinado da cintura para baixo, tendo o ativo totalmente de pé, de maneira que o espectador consegue ver o corpo todo o ativo e somente as pernas e a cintura do passivo. O homem ativo está de camisa e com as calças arriadas da coxa para baixo, sendo que o homem passivo está totalmente nu. A cena é agitada, com movimentos bruscos do ativo e do passivo, sendo que os dois também emitem sussurros, gemidos como “aaaah!”, expressões como “ah fuck!”, ruídos altos e ofegantes, demonstrando que o prazer é igual para os dois. A câmera está parada pegando os corpos em perfil. Na medida em que os movimentos vão aumentando demonstrando que estão alcançando o gozo, o homem negro passivo levanta o ser dorso e todo corpo, se colocando totalmente de pé e revelando um corpo liso e musculoso. Os dois parecem chegar ao gozo juntos, com os corpos quase colados, num movimento único e sintonizado e com muito sussurros. Ao terminar de gozar, o homem branco ativo retira, rapidamente, o pau de dentro do passivo e com ele ainda ereto, levanta as calças em um movimento curto e rápido se preparando para sair. Quando está já vestido, ele dá um tapa na bunda do passivo, que ainda se encontra recuperando do gozo e sai porta a fora, construindo uma cena com ideia de uma penetração curta e rápida. Após sua saída, a câmera que até então estava parada, se movimenta, revelando uma terceira pessoa como responsável pela filmagem, que segue buscando o foco no cu do passivo, que ainda ofegante, com uma das mãos abre o cu e deixa escorrer o gozo. Nesta cena, os dois corpos aparecem totalmente, inclusive com os rostos, mas o gozo do passivo é presumido.

15 minutos e 27 segundos.	Na vigésima primeira cena temos dois homens brancos. É uma cena que é gravada em cima de uma cama, com o passivo de costas na cama, na posição de “frango assado” com o ativo ajoelhado na cama tendo o corpo projetado por cima do passivo, barriga com barriga. O passivo tem o corpo todo peludo, contrastando com o ativo que tem um corpo mais magro e liso. É uma cena em que a câmera está posicionada atrás deles, mantendo o foco nestas partes da penetração, sendo que em nenhum momento os rostos aparecem. Os sussurros são bem frequentes, assim como o movimento de penetração, que aumentam na medida em que o gozo do ativo se aproxima. O som, então, fica mais alto com gritos intensos. Desde o início há um líquido escorrendo da relação, que ao final aumenta em volume. Também não vemos o gozo do homem passivo.
16 minutos.	A vigésima segunda cena é uma cena de sexo oral, sem a presença do gozo. É uma cena em que entra um homem branco mais velho e um jovem de origens asiáticas. É uma cena em que os dois participantes aparecem de corpo todo, revelando os rostos, tendo o jovem passivo o tempo todo sentado sobre as pernas e o ativo mantido de pé. Enquanto o ativo está totalmente nu, o passivo mantém o short arriado nas coxas. A câmera se movimenta o tempo todo, ora se aproximando para focar a boca do passivo que engole todo pau, em movimentos constantes de entrada e saída, combinada com a estimulação manual, masturbando rapidamente o pau do ativo, sendo ele, o passivo, que movimenta o corpo; ora a câmera foca nas costas do passivo mostrando sua bunda. Mostram-se também algumas sugadas e lambidas na bolsa escrotal. A cena se encerra sem a presença do gozo.
17 minutos.	A vigésima terceira cena também são dois corpos de homens diferentes entre si. Um ativo, aparentemente mais velho que o passivo, que está o tempo todo da cena deitado numa cama, barriga para baixo, sendo filmado do pescoço para baixo, não sendo possível ver o seu rosto. No entanto, é um corpo jovem, mais franzino que o ativo, mais magro e com uma tonalidade de pele mais morena. O ativo permanece com o dorso levantado, mantendo-se afastado do corpo do passivo. No início da cena eles se comunicam, não se trata somente de sussurros, mas de uma comunicação por frases (não é possível ouvir com nitidez as frases, o som parece um pouco abafado), com perguntas e respostas, sem parar a penetração. O passivo emite sons – como “um!” curto repetidamente - que assemelham a quem está sentindo uma certa dor, mas também prazer. O ativo mantém uma mão apoiada nas costas do passivo e a outra na cama, mantendo o equilíbrio do corpo. Em determinado momento essas posições da mão se alteram. No meio da cena, o ativo parece ter alcançado o gozo, evidenciado pelo aumento do sussurro como “ah!” em tom mais grave e forte, ele sai de dentro do passivo, dá um tapa nas nádegas do passivo, abre as duas nádegas buscando visualizar melhor o cu e sai da cama, encerrando a penetração com outro tapa e abandonando o passivo na cama. Em nenhum momento é possível ver os rostos dos dois e tampouco o gozo, sendo que há a presunção do gozo do ativo.
17 minutos e 56 segundos.	A vigésima quarta cena (17 minutos e 56 segundos) também apresenta dois homens brancos, com corpos lisos, sendo o passivo magro e o ativo mais musculoso. A câmera está parada no fundo de uma sala, aparentemente, um escritório, filmando os dois corpos de perfil. O passivo está com uma blusa mantendo o dorso e toda cabeça coberta, de maneira que não é possível ver seu rosto, e o ativo, totalmente nu, encarando a câmera e mesmo fazendo poses para ela. Os dois estão de pé, tendo uma mesa a sua frente, que serve de apoio para o dorso do passivo, matendo-se de quatro. O ativo é que em que está no movimento da penetração. A cena já inicia com a penetração e com o ativo olhando para a câmera fazendo expressões de prazer, aqui ele contrai bastante o rosto, torce rapidamente e pescoço inclinando a cabeça e encostando o queixo no peito, como perdesse rapidamente as forças, tanto que diminui a intensidade da penetração. Após esse período chega até mesmo a erguer o braço esquerdo mostrando os músculos. Ao alcançar o gozo, o ativo retira, lentamente, o pau sem evidenciar o gozo, mesmo porque a câmera se mantém imóvel e distante dos corpos.
18 minutos e 45 segundos.	A vigésima quinta cena é filmada em um espaço público, tipo um cinema ou videoclubes, em que temos a presença de “buracos do prazer” (como são conhecidos) em cabines de locadoras de vídeos pornôs. Quem está filmando é o ativo, de maneira que o outro parceiro

	<p>só aparece com a parte do corpo exposta pelo buraco. Não temos nenhuma outra informação dos corpos a não ser pau e bunda. O ativo está totalmente vestido, tendo somente o pau para fora. Os gemidos do ativo, como “oooh!”, “aaah!”, se misturam com uma música ao fundo, num movimento de entre e sai, que caracteriza a penetração. Ao final o movimento vai diminuindo e o ativo retira, lentamente, o pau de dentro do passivo e o foco da câmera nesse movimento mostra a ausência de preservativo e a presença do gozo. Não se vê os rostos de nenhum dos dois, assim como não é possível perceber o gozo do homem passivo.</p>
19 minutos e 28 segundos.	<p>A vigésima sexta cena (19 minutos e 28 segundos) é protagonizada por dois homens brancos e magros. A câmera está posta no chão, filmando a cena de baixo para cima. Os dois estão de pé num movimento constante de penetração, sendo que temos ação do movimento do ativo de entrar e sair, mas também a ação do homem passivo que mantém uma masturbação intensa. Aqui há muito barulho do movimento do choque entre os corpos. Em determinado momento o ativo vai diminuindo o movimento demonstrando que alcançou o gozo até parar o movimento. Fica evidente que o passivo não alcançou o gozo e mesmo com o ativo parado, o passivo mantém a masturbação conduzindo sua mão para onde está o encontro do pau com o cu. Pouco a pouco o ativo vai retirando o pau, mesmo sem o passivo ter alcançado o gozo. Quando o pau sai, deixa-se cair de dentro do passivo, um jato de gozo. Em nenhum momento vemos os rostos dos dois participantes e tampouco o gozo do passivo.</p>
20 minutos e 13 segundos.	<p>A trigésima cena (20 minutos e 13 segundos) também é de dois homens brancos jovens, sobretudo, o homem passivo, que mantém um boné vermelho na cabeça escrito “Coke” durante toda cena, dando-lhe um ar jovial. Os corpos são magros. A cena acontece em cima de uma cama, com a câmera ao fundo pegando os dois corpos em perfil. Os dois estão ajoelhados na cama, sendo que o passivo está ligeiramente inclinado para frente tendo os braços estendidos sobre a cama, numa posição de quatro, tendo o ativo pelas suas costas, mas com o corpo em pé e em alguns momentos segundo o corpo do passivo pelos ombros. Os corpos têm um mesmo movimento, harmônico e combinado, acompanhando o ritmo da penetração. Acompanhando o movimento, os sussurros e gemidos (como “oh!” “ah!” “yeah!”) fazem parte da cena revelando o momento do gozo. Em determinado momento o passivo leva a mão direita em busca de seu pau para se masturbar. A cena termina com a diminuição do movimento do ativo, revelando o gozo. O passivo levanta-se e leva o seu corpo para junto do corpo do ativo, que o abraça e terminam num beijo. Não é possível visualizar a presença do gozo, nem do ativo e tampouco do passivo.</p>
21 minutos e 27 segundos.	<p>A trigésima primeira cena é aparentemente amadora. São dois homens brancos e com corpos definidos, num quarto, utilizando a lateral de uma cama de casal. A câmera está posicionada sem se mexer filmando a lateral desta cama. Nela temos um homem passivo deitado de costas com a bunda bem na lateral da cama e com as pernas abertas e para o alto, estando o ativo com os pés no chão e inclinado sobre a barriga do passivo, que se mantém o tempo todo na posição de “frango assado”. Os movimentos são intensos e vão diminuindo, deixando aparecer um líquido que escorre do encontro entre o pau e o cu. A cena termina sem que o ativo retire o pau, de maneira que não é possível ver o rosto de nenhum dos dois e tampouco verificar se o passivo alcançou o gozo.</p>
22 minutos e 6 segundos.	<p>A trigésima segunda cena são de dois homens brancos jovens, sendo que o passivo demonstra ter menos idade que o ativo. Os dois corpos aparecem totalmente, inclusive os rostos. O passivo está totalmente nu e o ativo se mantém com a blusa, mas mesmo assim é possível perceber que são corpos magros, definidos. A cena pode ser descrita em dois movimentos. Um primeiro em que o ativo assume o movimento da penetração, ditando o que entra e sai, sendo que o passivo se mantém participando da ação. Num segundo momento, o ativo se coloca imóvel e é o passivo que direciona a ação, num movimento do seu corpo, indo para frente e para trás organizando o movimento de entrada e saída do pau. Os dois estão numa sala, agachados no chão, sendo que o passivo utiliza uma poltrona para se apoiar. A cena termina sem a presença do gozo de nenhum dos dois.</p>

22 minutos e 39 segundos.	A trigésima terceira cena ocorre entre um homem negro ativo e um branco passivo, aparentemente mais jovem que o ativo. O corpo do homem branco é mais magro e menor que o homem ativo negro. A câmera está na mão do homem ativo, que filma de cima para baixo, enquadrando a cena entre o seu dorso e as costas e bunda do passivo, que está à sua frente, ajoelhado na cama. O movimento é ritmado, sendo o que os dois participam dos movimentos, revelando uma atuação de prazer do passivo, seguidos de sussurros e gemidos (como “ah!”alguns mais curtos e outros mais longos), algumas inspirações e expirações bem curtas e sequenciadas, e mesmo trocas de perguntas e respostas, bem rápidas, aparentemente sobre a penetração. O passivo está usando uma cueca <i>jockstrap</i> e se mantém de costas o tempo todo. Quando o movimento vai cessando, o ativo retira, lentamente, o pau revelando o gozo. Em nenhum momento aparecem os rostos dos participantes assim como o gozo do passivo.
23 minutos e 17 segundos.	A trigésima quarta cena é protagonizada por três homens brancos, sendo um passivo e dois ativos. A cena se passa em cima de uma cama, tendo a câmera ao fundo filmando a penetração por trás. A cena inicia com o homem passivo deitado de barriga para baixo tendo o ativo por cima, já com a penetração em andamento e num ritmo de intenso demonstrando a proximidade do gozo. Os gemidos e sussurros fazem parte da cena, unindo ativo e passivo no prazer. Quando o ritmo vai diminuindo, o ativo retira o pau demonstrando o gozo saindo o corpo do passivo e, imediatamente, se desloca para o lado, sendo que o passivo se mantém na mesma posição. Um outro ativo entra em cena e aproveitando o relaxamento do cu do passivo, introduz seu pau de uma vez só, mantendo o movimento anterior, como se fosse o mesmo corpo. A câmera faz um deslocamento, demonstrando a presença de uma terceira pessoa, ora deslocando-se para a lateral buscando enquadrar os corpos em perfil, ora focando na penetração deixando evidente a expulsão do gozo do primeiro ativo enquanto o segundo se mantém no movimento. A cena termina com a retirada do pau do segundo ativo sem demonstração de ter alcançado o gozo. Não é possível verificar o rosto dos participantes e nem a presença do gozo do passivo.
24 minutos e 42 segundos.	A trigésima quinta cena traz um homem passivo negro sendo penetrado por um homem branco. Dois corpos fortes, bem musculosos. O movimento da câmera revela que existe uma terceira pessoa operando com ela e que faz a escolha de filmar de baixo para cima, focando no movimento de entrada e saída do pau. Os dois homens estão em pé e o movimento mesmo sem cessar vai revelando um líquido branco escorrendo de dentro do passivo demonstrando que o ativo já tinha alcançado o gozo e mesmo assim não parava a penetração. Não é mostrado o rosto dos dois participantes e nem tampouco o gozo do passivo.
25 minutos e 54 segundos.	A trigésima sexta cena parece ser o mesmo casal anterior, agora o negro é ativo. Já começa a cena no enquadramento da penetração. Escorre muito esperma do cu do passivo. O ativo tira e coloca várias vezes o pau. Há algumas vozes ao redor misturadas aos gemidos dos protagonistas da cena. Ao final há alguns risos.
27 minutos e 6 segundos .	A trigésima sétima cena são dois corpos brancos. O enquadramento da câmera é bem idêntico ao anterior. Também escorre muito esperma do cu do passivo. Há alguns gemidos também. A câmera amplia um pouco mostrando a bunda do ativo. Encerra essa cena.
27 minutos e 53 segundos.	A trigésima oitava cena (27 minutos e 53 segundos) também no mesmo enquadramento anterior, segue mostrando a penetração com muitos gemidos e pedidos de “ <i>fuck me</i> ”. O passivo usa um anel peniano. Também há muito esperma escorrendo do cu do passivo.
28 minutos e 49 segundos.	Na trigésima nona cena (28 minutos e 49 segundos) a câmera filma de cima da bunda do passivo priorizando a imagem do pau entrando e saindo já um pouco lubrificado com esperma. O ativo pergunta em inglês se o passivo gosta de esperma, o qual responde que sim. Há alguns gemidos mais intensos do passivo. O esperma fica mais grosso e o pau continua entrando e saindo, até o ativo tirar completamente gozar ainda mais nas extremidades anais. Ele continua penetrando ainda mais forte. A cena encerra mostrando

	o cu do passivo bastante melado de esperma e a frase “ <i>breed like a man</i> ” aos 31 minutos e 3 segundos.
--	---

GRUPO 2	
Post: Vamos leitar os putos? Só na pele em fodas gangbang! Muito leite dentro!	
Link: http://somostodosumbecker.blogspot.com/2019/02/vamos-leitar-os-putos-so-na-pele-em.html	
Referência: Descrição do grupo 2. Conjunto com 4 vídeos pornôs. Todos do site xvídeo.	
Data da Postagem: 13 de fevereiro de 2019	
Título do Vídeo 1: Não é possível ver o título no blog.	
Tempo Total do Vídeo 1: 5min06seg	
Identificação do Vídeo 1: A1	
Tempo	Descrição:
00 a 5 min e 6 seg.	A câmera inicia a filmagem acompanhando um rapaz de corpo branco magro e tatuado de costas que segue por um corredor até chegar no quarto onde dois outros rapazes estão numa cena de penetração. Estes também são magros e brancos, um desses um pouco mais sarado. O que chegou também fica de quatro na cama. Outro cara bem sarado, com tatuagens no braço e de bermuda preta chega, abaixa um pouco a bermuda e começa a penetrar o rapaz que está de quatro na cama. Aparece um outro rapaz branco, bem sarado olhando o celular e se masturbando. As cenas agora são dos dois casais em cena de penetração. Ouvem-se muitos gemidos, como “ah!” prolongados e com voz masculina bem grave. Um dos casais goza, falando “ah! <i>Fuck, yeah!</i> ” e mostra o esperma dele na bunda do passivo. Em seguida, três homens estão segurando o passivo, são os mesmos rapazes da cena inicial, apenas um penetra o rapaz que está sendo segurado. Continuamos ouvindo gemidos, a câmera filma em diversos ângulos e filma também um outro casal que segue transando na cama sozinho. Agora os demais rapazes se revezam penetrando o passivo que está sendo segurado e gozando dentro dele, deixando o esperma sair um pouco. Há uma outra cena com beijos bem rápida e sexo oral. Mais uma cena de gozada no cu com muito esperma, foco na penetração com revezamento entre todos os rapazes para meter o pau em um único passivo. O passivo aqui fala “ <i>fuck yeah</i> ” “ <i>breed me!</i> ”. Por último, aparece um rapaz branco e magro andando de quatro pela casa com esperma correndo pela boca.
Título do Vídeo 2: Não é possível ver o título no blog.	
Tempo Total do Vídeo 2: 22min28seg	
Identificação do Vídeo 2: B1	
0 seg. a 13 minutos e 5 segundos.	O vídeo começa mostrando quatro homens bem sarados e brancos numa academia sendo apalpadados por um homem que parece mais velho, branco e careca. Esse último está sentado em um aparelho chamado de voador para malhar peitoral. Alguns estão com uma toalha pequena no ombro. Eles começam um a um a tirar os shorts e em seguida o mais velho começa a fazer sexo oral sem preservativo em cada um deles. O mais velho tira a camisa e continua a fazer sexo oral em cada um dos rapazes e chupar os mamilos deles também. Parece haver alguém dirigindo o filme, conversando com os demais. Ele pede para que ele escolha um dos rapazes para começar a penetrar o mais velho, então esse rapaz passa lubrificante e passa a penetrar. Os demais assistem masturbando. O suposto diretor pede para um dos rapazes sentar na cadeira, enquanto mais velho passivo se inclina para chupar este sentado e ser penetrado ao mesmo tempo por outro. A câmera que estava pegando de longe todo o corpo dos envolvidos na cena, foca em alguns momentos na penetração. Os demais rapazes se revezam para penetrar o mais velho passivo. O passivo muda de posição e fica deitado de peito para cima em uma cadeira de plástico. Os demais continuam se alternando para penetrá-lo, agora agachando um pouco para alcançar o cu dele. Ele masturba um dos rapazes enquanto é penetrado.
13 minutos e 6 segundos.	O pau do passivo não está ereto, então ele começa a estimular o pau, mas não chega a mostrar ele ereto. Agora a câmera foca no sexo oral, o mais velho fica de boca aberta deitado na cadeira enquanto os demais se revezam socando o pau na boca dele. No minuto 16 do filme o mais velho passivo passa a ser ativo e penetrar um dos rapazes. Então um

	outro rapaz sobe na cadeira e o rapaz que está sendo passivo passa a fazer sexo oral nele. Em um novo corte, o mais velho passivo está sentando no chão. Agora há apenas mais dois rapazes com ele, que estão em pé, recebendo sexo oral. As cenas seguintes mostram todos os outros gozando na língua dele. Não há nenhuma cena de beijo aqui.
Título do Vídeo 3: Não é possível ver o título no blog.	
Tempo Total do Vídeo 3: 24min01seg	
Identificação do Vídeo 3: C1	
0 segundos a 24 minutos e 04 segundo.	Começa com uma entrevista. Em seguida o homem que estava sendo entrevistado aparece em uma sala com vários homens que retiram suas roupas e se alternam para receber sexo oral. São muitos homens quase todos brancos, magros ou sarados, há apenas dois negros. Fica algum tempo nessa cena de sexo oral. Os demais ficam apenas conversando, se masturbando ou mexendo no pau. Em um momento ele chupa simultaneamente dois paus. Eles exibem seus paus uns aos outros e começam a se chupar. Corta para uma cena, onde vários homens ficam se masturbando e gozando na cara do entrevistado. Ele fica de olhos fechados e os demais apenas falando 'yeah' e gemendo. Mostra apenas o rosto dele ou do peitoral para cima, pegando apenas do joelho a cintura dos rapazes que estão se masturbando. Um dos rapazes pega uma toalha e limpa o rosto dele. Joga ele na cama, colocando-o de pernas para cima e começa a chupar o cu dele. Em seguida começa a penetrá-lo enquanto outro continua socando o pau na boca dele. Os demais ficam ao redor, se masturbando. Aqui enquanto um ativo come o passivo e outro soca na boca do passivo, esses outros dois se beijam rapidamente. Um outro começa a penetrar o passivo. Em uma nova cena, um dos rapazes negros começa a se masturbar e gozar na cara dele novamente. Os demais fazem o mesmo novamente.
Título do Vídeo 3: Não é possível ver o título no blog.	
Tempo Total do Vídeo 3: 25min45seg	
Identificação do Vídeo 3: D1	
0 segundos a 25 minutos e 45 segundo.	O vídeo começa com perguntas gerais direcionadas a um rapaz branco, mostrando apenas o rosto dele que responde todas as perguntas de forma curta. A cena corta, então o rapaz está em um quarto conversando com outro, agora o rosto e corpo dos dois são mostrados. Esse outro rapaz é negro. Entram mais seis homens, dois negros e os demais brancos. Todos eles são magros ou sarados, musculosos. Eles já tiram a roupa e o rapaz da conversa inicial do vídeo começa a fazer sexo oral em todos eles. A câmera foca no jovem fazendo sexo oral, mas às vezes amplia mostrando os demais rapazes conversando entre si (mas não é possível entender, eles conversam paralelamente), enquanto se masturbam. No minuto 11 desse filme o rapaz da conversa inicial tira a calça. Há um tom de brincadeira nesse filme, eles riem muito enquanto estão na cena de sexo oral. É apenas um que faz sexo oral em todos os outros. O rapaz fica no meio enquanto os outros começam a se masturbar e gozar na cara dele. O rosto dele fica completamente molhado de esperma. Após essa cena, o rapaz fica de quatro na cama, um dos outros rapazes negros começa a penetrá-lo. Um outro casal fica fazendo sexo oral, e os demais se masturbando e vendo tudo. Há alguns focos da câmera na penetração sem preservativo. Um dos rapazes abraça o parceiro por traz massageando o mamilo dele. O pau do passivo aqui não está ereto. O outro parceiro começa a se masturbar na cara do passivo até gozar. Há fortes gemidos masculinos, outros em seguida fazem o mesmo. O filme encerra com uma conversa sobre como foi a transa.

GRUPO 3
Post: Cafucus fodem com força
Link: http://somostodosumbecker.blogspot.com/2019/02/cafucus-fodem-com-forca.html
Referência: Descrição do grupo 3. Conjunto com 4 vídeos pornôs. Todos do site xvídeo.
Data da Postagem: 12 de fevereiro de 2019
Título do Vídeo 1: Não é possível ver o título no blog.
Tempo Total do Vídeo 1: 8min05seg

Identificação do Vídeo 1: A2	
Tempo	Descrição:
0 segundos a 3 minutos	O vídeo já começa com passivo pelado de quatro no sofá, então chega outro rapaz já dando um tapa na bunda dele e indo penetrar sem preservativo, também totalmente despido usando apenas um relógio. Os dois são sarados, o passivo branco e totalmente depilado e o ativo negro, este tem pelos no peitoral e na barriga e algumas tatuagens no braço. O passivo não está de pau duro. Apenas o ativo. Não há troca de carinho aqui. Ele apenas segura na bunda do passivo para meter. Eles trocam de posição e o ativo segura várias vezes a cabeça do passivo com força, fazendo-o engolir todo o pau e tirar a boca, repetindo esse movimento várias vezes. Ele volta para a posição de quatro e enquanto é penetrado, dá um murro no sofá, parece que para demonstrar a força que está fazendo para aguentar a penetração.
3min29seg	Eles mudam de posição, o ativo segura a cabeça do passivo com força, forçando com o sofá e fazendo-o chupar seu pau. Há um corte e então eles são mostrados no chão. O passivo de quatro e o ativo socando um pouco agachado. O foco da câmera agora está apenas na penetração, evidenciando que o sexo é sem preservativo. O ativo dá vários tapas fortes na bunda do passivo. Em um novo corte mostram-se várias cenas de sexo oral. O ativo fala algo que não consigo compreender, dá alguns tapas no rosto do passivo. Pede que ele abra a boca para que ele soque várias vezes o pau na boca do passivo. Há um novo corte e o passivo está deitado de peito para cima com as pernas abertas e um adesivo na boca, o ativo se masturba e em seguida começa a penetrar o passivo novamente. O ativo se masturba novamente, geme e mete novamente. Próximo de gozar, ele mete com força, repetidas vezes rapidamente. O passivo ainda está de pau mole. O vídeo não mostra se o ativo gozou. Em seguida há um corte no vídeo, encerrando com uma propaganda de um site.
Título do Vídeo 2: Não é possível ver o título no blog.	
Tempo Total do Vídeo 2: 8min	
Identificação do Vídeo 2: B2	
0 segundo a 8 minutos.	O segundo vídeo começa com uma cena de beijos e abraços. Durante os beijos, dois homens dão alguns tapas no rosto e no ombro um do outro. Os dois são magros e sarados. Um negro e um branco. O negro levanta a camisa do branco, chupa o peito dele e levanta um pouco a camisa, vira ele de costas e começa a chupar a bunda dele e em seguida a meter e beijar as costas dele. Há um corte na cena e eles aparecem em uma sala com dois sofás brancos e uma janela. O passivo não está de pau duro. Eles dão alguns beijos e segue a penetração. Há um corte e uma outra cena onde o passivo fica deitado no sofá com os pés no chão e recebendo sexo oral do passivo que está em pé e inclinado para fazer a ação. Em seguida ele se ajoelha. Eles permanecem de camisa, apenas levantada até a altura do peitoral. Em um novo corte, eles aparecem na cama. A câmera os filma primeiro de costas, mostrando as costas e aproximando mais da penetração, mostrando que o pau está totalmente penetrado e sem preservativo no cu do passivo. Há um novo zoom na penetração. Agora eles estão deitados na cama. O passivo com perna para cima aproximando da parte superior do seu corpo, enquanto o ativo apenas está de lado penetrando-o. Em um novo corte mostra-se o ativo gozando no cu do passivo, que nessa cena final está sentado no ativo que está deitado de peito para cima na cama. Eles dão mais alguns beijos até o final desse vídeo.
Título do Vídeo 3: Não é possível ver o título no blog.	
Tempo Total do Vídeo 3: 1min51seg	
Identificação do Vídeo 3: C2	
0 segundos a 1 minuto e 51 segundos.	Em um lugar que parece ser um quarto, um pouco escuro, no ângulo de cima para baixo, a filmagem, que parece ser feita por um homem negro e aparentemente forte, que é o ativo nesse filme pornô, inicia-se a cena mostrando um rapaz negro e magro já despido. Com foco no corpo desse rapaz, ele é mostrado de peito para cima deitado na cama, com os braços segurando a cabeça, as pernas para o alto, e usando um boné que tapa o rosto. O que está sendo ativo diz com voz grossa e firme: “abre bem as pernas negão, bem as pernas. Gosta assim?”. Uma terceira voz pergunta: “assim está maneiro?”. Então o ativo também questiona “gosta assim no cuzão?”, o passivo diz “caralho!”, o ativo responde

	<p>“e é cheio de marra o filho da puta”. Na sequência o ângulo fica exatamente na bunda do passivo e o ativo penetrando-o, acompanhado do seguinte diálogo:</p> <p>(Ativo) - Eu quero mandar um beijinho para a namoradinha, que liberou na sexta-feira. Vai ver mais tarde?</p> <p>(Passivo) - Só mais tarde.</p> <p>(Ativo) - Só mais tarde? Fala: “um beijo, amor”.</p> <p>(Passivo) - Um beijo amor.</p> <p>(Ativo) - Cruza os bracinhos pra mim, bem marrentinho. Não, embaixo aí. (aqui o passivo obedece o ativo, fazendo exatamente como ele pediu). Posso brincar na sua bunda?</p> <p>(Passivo) - Pode.</p> <p>(Ativo) – Posso brincar no cu?</p> <p>(Passivo) - Vai devagar irmão.</p> <p>(Ativo) – É devagar? Show. Chamei o <i>brother</i> para fazer aquela parceria maneira, eu vou pincelando porque o negão não aguenta muito. Um homem desse tamanho (...) fica com os bracinhos cruzados assim ô. É bem gostoso.</p> <p>(Passivo) - Ah porra, caralho. Ai, ‘pera’ aí.</p> <p>(Ativo) - Não, não fecha as pernas não, porra. Não gosta de pica, porra? Deixa as pernas arreganhadas, tá gostoso?</p> <p>(Passivo) - É grossa, mano?</p> <p>(Ativo) - É grossa?</p> <p>(Passivo) – Porra!</p> <p>(Ativo) - Estou só no cabeção, negão. Qual foi maluco? Só no cabeção. Quem vê esse filho da puta na rua pensa que é um machão.</p> <p>(Passivo) – Pera!</p> <p>(Ativo) - Não vou perar porra nenhuma.</p> <p>(Passivo) – Tira só um pouquinho.</p> <p>(Ativo) - É assim, bem gostoso.</p> <p>(Passivo) - Ai porra.</p> <p>(Ativo) - Isso, isso...Pode ir falando comigo que eu quero depois ouvir você e tocar punheta gostoso. Seu viadinho do caralho, sua putinha. Toma...</p> <p>(Passivo) - Que pica é essa, meu irmão? Porra!</p> <p>(Ativo) - Abra as pernas que eu vou te dar um porradão. Fala pra mim que você gosta de rola...</p> <p>(Passivo) - Porra, eu gosto de rola... Caralho, é grossa, meu irmão.</p> <p>(Ativo) - Meu nome é Gustavo. Fala: “vai Gustavo”...</p> <p>(Passivo) – Vai Gustavo...devagar, devagar....</p> <p>(Ativo) - Devagar não, fala: “brinca com meu cu, Gustavo”... Fala: “brinca com meu cu, Gustavo”.</p> <p>(Passivo) - Caralho.</p> <p>O vídeo encerra.</p>
	<p>Título do Vídeo 4: Não é possível ver o título no blog.</p>
	<p>Tempo Total do Vídeo 4: 23min38seg</p>
	<p>Identificação do Vídeo 4: D2</p>
<p>0 segundo a 6 minutos e 5 segundos.</p>	<p>Esse vídeo começa com uma música dançante, um fundo preto e o título “XXL RAW PIPES”, em seguida aparece o que pode ser o tema do filme “Red& Rio Tag Team The White Boy”. Ao fundo das letras aparece já uma imagem estática de penetração, são dois rapazes brancos e um negro. Um rapaz está deitado na cama de peito para cima, um outro está sentado no pau dele, um pouco inclinado, enquanto o negro está em pé encaixando por traz desses dois. Há um <i>fade</i> e então aparece uma cena com os mesmos rapazes da imagem anterior. Quanto aos rapazes brancos, um é bem sarado e o outro magro, enquanto o negro é bem musculoso. O rapaz branco tem uma tatuagem e penetra o outro branco enquanto ele engole várias vezes o pau do rapaz negro. O negro segura</p>

	a cabeça dele firme para forçá-lo a engolir todo. O rapaz que está sendo passivo vira de peito para cima, percebe-se que ele não está com pau ereto. Agora ele é penetrado pelo rapaz branco que tira e coloca o pau variadas vezes, geme bastante. O negro passa a penetrá-lo, segurando junto com o outro parceiro ativo as pernas do passivo, mobilizando-o.
6 minutos e 6 segundos	Em um novo fade aparece uma cena de dupla penetração. Aqui é a mesma descrição da imagem de abertura desse vídeo. A câmera foca na penetração, mostrando apenas os dois paus entrando no cu do passivo. Há alguns burburinhos ao fundo, mas não é possível identificar o que é falado. Por um momento o negro retira o pau, enquanto apenas um ativo continua penetrando. Em um novo corte mostra apenas pegando de costas o passivo sentando e levantando várias vezes, meio cavalgando no pau do ativo branco. O negro fica em pé recebendo sexo oral. A filmagem fica algum tempo nessa cena. Até agora não é mostrado o rosto do rapaz ativo negro. Agora a câmera pega de frente, o passivo está sentado no ativo negro, segurando seu pau que agora está um pouco ereto. Enquanto faz isso o passivo também faz oral no ativo branco.
13min19seg	Há um novo fade, agora o passivo está de quatro, mostra apenas suas costas e região das nádegas, e ele sendo penetrado pelo ativo branco que coloca e tira variadas vezes o pau no cu dele lentamente e depois passa a acelerar. O ativo negro segura as costas dele, forçando contra a cama, deixando a bunda do passivo empinada e apertando a cabeça do passivo nas suas pernas. Então eles descem da cama e vão para o chão em uma posição muito similar a anterior. O negro penetra o passivo várias vezes, primeiro o outro ativo se masturba enquanto vê a cena, depois a câmera não o pega mais, mas logo em seguida ele volta a aparecer. O foco na câmera nesse momento fica entre as penetrações focando na região das nádegas e do cu sendo penetrado. Os ativos colocam e tiram o pau variadas vezes com muita força. A cena final é o passivo deitado de bunda para cima enquanto os dois ativos se masturbam em cima dele, um na bunda nas extremidades do cu até gozar e voltar a penetrar. Em seguida o negro faz a mesma ação. A música dançante volta a surgir como fundo na cena. Percebemos que o passivo não goza e o filme se encerra. Todas as penetrações são claramente sem preservativo, inclusive o sexo oral. Não há nenhum beijo ou troca de carinho nesse filme.

GRUPO 4	
Post:Surubas <i>Bareback</i>	
Link: http://somostodosumbecker.blogspot.com/2018/12/surubas-bareback.html	
Referência: Descrição do grupo 4. Conjunto com 5 vídeos pornôs. Todos do site Pornhub.	
Data da Postagem: 7 de dezembro de 2018	
Título do Vídeo 1: THE BEST FUCKING FANTASY: GROUP, BIG DICKS, SPUNK, BARE, GANG...NAME IT	
Tempo Total do Vídeo 1: 16min05seg	
Identificação do Vídeo 1: A3	
Tempo	Descrição:
00 a 29 segundos	A câmera já inicia exibindo uma cena de sexo oral. Com a câmera posicionada como estivesse no chão, o enquadramento da imagem mostra o homem que está recebendo o sexo oral do joelho para cima e o que está fazendo o sexo oral da cintura para cima. Esse último parece estar de joelhos e o outro está de pé. Os dois homens são brancos, magros, com um corpo atlético, sarado. O que está de pé pede (em inglês "suck that, come on, suck it!") para que o outro faça sexo oral nele, o qual recebe as ordens gemendo de modo grave, demonstrando prazer através dos gemidos (algo como "hummm!! Longos e bem sonoros) e do modo como chupa insaciavelmente o pau do parceiro. Ele inicia chupando até o meio do pau sem engolir por completo, mas o ativo acelera um pouco movimento fazendo ele engolir todo. O homem que está de pé usa cabelo curto bem raspado, tem várias tatuagens

	<p>no corpo, um relógio no braço esquerdo e veste uma camiseta regata preta segurando-a até o peito. O que está de joelhos também usa uma camiseta preta, com boné para traz. Parece haver um corte na filmagem, e o enquadramento da câmera amplia mostrando mais o ambiente em que eles estão. Exibe-se um quarto com poucos objetos, um quadro na parede, uma cadeira e uma mesa. Mostra também mais dois rapazes. Esses ainda vestidos. Um branco e um negro. O branco usa camisa estilo polo listrada e calça jeans. O negro está de boné, usa uma regata estilo machão, branca, com uma mochila preta nas costas. Este último começa a tirar a calça do homem branco, enquanto o outro casal continua na cena de sexo oral. A câmera dá um zoom na boca do primeiro rapaz que faz sexo oral, quase engolindo o pau, então o rapaz que está em pé nessa cena começa a socar na boca dele com mais rapidez e força. Então é possível ver que ele também usa um boné para traz.</p>
40 segundos.	<p>Agora a câmera amplia e o outro casal também começa a transar. Um rapaz branco está debruçado na mesa com a bunda empinada, ainda com camisa. O outro permanece também com a camisa, boné e a mochila nas costas, apenas baixou as calças até os pés e parece roçar o pau na bunda do outro. A câmera volta a mostrar mais uma vez a cena de sexo oral do primeiro casal e volta rapidamente ao segundo casal mostrando o ativo já penetrando o parceiro sem preservativo. O passivo recebe o pau apenas debruçado na mesa sem demonstrar qualquer emoção, apenas mexendo no celular. Todo o som dessa cena é apenas o gemido e as respirações ofegantes dos participantes (os gemidos continuam sendo os mesmos descritos na cena anterior) A câmera agora volta ao que parece ser o canto da sala pegando agora simultaneamente os dois casais: o primeiro casal está envolvido no sexo oral e o outro na penetração. Não há aqui nenhum traço de feminilidade entre os envolvidos na cena, todos parecem bem masculinos. O zoom da câmera agora está no primeiro casal, o rapaz que está de joelhos parece chupar o pau do parceiro cada vez mais intensamente e o que recebe o sexo oral começa a gemer também, a respiração forte e as expressões faciais dele demonstram que ele está prestes a gozar. Do enquadramento pegando toda essa cena, a câmera dá mais um zoom no pau dele sendo chupado. Nesse momento, ele parece sentir muito prazer, pois coloca o rosto para cima deixando a boca entreaberta, fechando os olhos e gemendo um pouco (uhumm!) até gozar na boca do outro, o qual começa a tomar todo o esperma que abundantemente sai do pau do parceiro.</p>
2 minutos e 35 segundos.	<p>A câmera volta para o segundo casal. Mostra o ativo ainda socando forte, este também começa a gemer (ah! Repetidamente) e vai se intensificando indicando que vai gozar. A câmera de baixo para cima mostra que ele tira o pau para gozar, é possível ver uma boa quantidade de esperma sendo expelidos na bunda e nas extremidades do cu do passivo. O ativo continua socando, utilizando o esperma como lubrificante.</p>
3 minutos e 31 segundos.	<p>A câmera então volta o primeiro casal que continua envolvido no sexo oral. No entanto, chega um outro rapaz, este vestindo uma camiseta cinza, de bermuda preta até abaixo do joelho e tênis. Também branco e malhado. Ele começa a mexer e dá tapas na bunda do que ainda está de joelhos fazendo sexo oral. O que está em pé afasta um pouco, o que está de joelhos inclina mais a bunda e os outros dois começam a mexer e dar cuspidas fortes e bem sonoras (grave) na bunda dele. Começam então a socar os dedos no cu também. Fica alguns segundos entre cuspidas, tapas fortes e penetração dos dedos no cu com zoom apenas nessa região das nádegas. Os dois homens que estão em pé começam a colocar os dedos juntos e cuspir a bunda no rapaz que está de joelhos.</p>
6 minutos e 12 segundos	<p>A câmera fica uns segundos mostrando apenas a bunda do rapaz que está de joelhos da cena anterior e no ângulo de baixo para cima, mostra quatro rapazes (os dois da cena paralela de penetração, o que ele está chupando e o que chegou por último) em pé, se masturbando e cuspidando no que está deitado no chão. Todos começam a passar o dedo no cu do que está com a bunda empinada para cima. Esse recebe as dedadas gemendo. Os que estão de pé começam a cuspir e se masturbar simultaneamente em cima da bunda dele. Em seguida todos se afastam e apenas um começa a penetrar apenas flexionando os joelhos para alcançar a bunda do que está deitado. Então este coloca um dos joelhos no chão para dar mais apoio e meter sem preservativo com força. O que está deitado, com a bunda empinada, pede para ele “meter o pau”. Ele dá alguns tapas e segura a cabeça do que está</p>

	<p>sendo passivo empurrando em direção ao chão. Os demais ficam se masturbando vendo a cena e começam a se alternar para ser ativo com o mesmo passivo.</p> <p>A câmera agora pega de cima e mostra mais cuspidas, os corpos sarados, os acessórios que remetem a masculinidade (relógio grande no braço, boné para traz, camiseta evidenciando os músculos). São vários gemidos agora (“ah!” combinado com “yeah!”, repetidamente).</p> <p>Um dos componentes anuncia que vai gozar dentro do parceiro sem preservativo e começa a gemer de forma forte, grave. Em seguida os demais também começam a gozar na bunda do passivo que está deitado no chão com a bunda empinada (Não há nenhuma troca de carinho ou afeto nessas cenas, é apenas o sexo pelo sexo. Na hora de penetrar eles apenas seguram na cintura ou puxam a cabeça do parceiro para se apoiar. Em outros momentos sequer se tocam. Nessa primeira cena de sexo oral, por exemplo, o rapaz que está recebendo sexo oral fica apenas encostado na parede vendo todo o ato).</p>
10 minutos e 45 segundos.	Então, parece haver um corte e a câmera começa a mostrar de um ângulo de baixo para cima os testículos do que está sendo passivo com o esperma escorrendo. Agora um outro se ajoelha passando o pau na bunda dele e melando também com o esperma do outro. Ele começa a socar e gemer também.
11 minutos e 17 segundos.	A câmera amplia um pouco. Agora mostra a sala com objetos espalhados pelo chão, como garrafas, papéis e roupas. A cena do grupo se desfaz e ficam os dois casais iniciais do filme cada um em um canto da sala em cena de penetração. O rapaz negro não tira o boné e a mochila em nenhum momento, aqueles que usam boné também não. Há um novo corte e de uma perspectiva mais ampliada da sala. O primeiro casal muda de local para o sexo oral, agora estão em um sofá. O que recebe aparece em pé e vestindo camiseta segurando-a até um pouco abaixo do peito, o outro também de camiseta e boné. Outro aparece de camisa branca simples passando a língua no cu dele, a câmera dá um zoom nessa ação. Aqui o cu do que foi passivo em todo o filme começa a expelir fluidos de esperma e este de camisa branca começa a lamber esses fluidos.
12 minutos e 46 segundos.	Há um novo corte e mostra-se uma cena de uma nova gozada, seguido de penetração. Ainda não é possível ver quem está envolvido nessa cena. Mas quando a câmera amplia parece ser o rapaz de camisa branca que chega por último na cena. Então ele troca de lugar com o que estava recebendo sexo oral, passando também a receber sexo oral. Enquanto recebe sexo oral ele segura com força o maxilar do que está chupando. O outro que estava recebendo sexo oral passa a ser ativo e meter com muita força e repetidas vezes no passivo que recebe toda a ação gemendo e demonstrando prazer enquanto faz sexo oral no outro. Mais ao fundo da sala há um outro casal também em cena de penetração olhando esse casal mais à frente da filmagem e um terceiro homem sozinho se masturbando e vendo tudo. A câmera aos poucos vai direcionando a filmagem para baixo das pernas do ativo do primeiro casal, mostrando apenas a penetração em zoom pegando apenas os testículos deles. Ele goza mais uma vez, dizendo repetidas vezes em inglês “eu vou gozar”, deixando cair um pouco de esperma do lado de fora da bunda, mas mete mais algumas vezes. Volta então a filmagem para o segundo casal mais ao fundo também penetrando.
15 minutos e 05 segundos.	O último rapaz que gozou veste a roupa, uma calça jeans, camiseta e boné e vai embora. Quando ele abre a porta, entra um outro também de boné para trás, camiseta preta e bermuda com tecido folgado de modo que é possível ver que ele está excitado. Ele baixa o short, vai em direção ao primeiro ao rapaz passivo nesse filme, dá algumas cuspidas e começa a meter também sem preservativo. Ele dá algumas socadas. Segue-se um corte, aparece uma tela preta escrito: “ <i>Sketchy Sex</i> ”. Há uma mensagem sobre a produção do filme em inglês, informando que todos os direitos são reservados e que os envolvidos tinham mais de 18 anos no ano de filmagem. Informa ainda que o vídeo foi gravado em 4 de outubro de 2016, nos Estados Unidos.
Título do Vídeo 2: FraternityXGangbang	
Tempo Total do Vídeo 2: 15min30seg	
Identificação do Vídeo 2: B3	
0 seg a 55 segundos.	Esse segundo vídeo começa mostrando o corredor do que parece ser um apartamento com um homem branco que tem o corpo nem muito musculoso, nem gordo, vindo de boné, sem camisa, de calça jeans e tênis. Então a câmera muda de ângulo e mostra mais quatro rapazes. Dois deles estão transando, um está em posição de quatro no sofá e outro em pé

	<p>penetrando-o. O que está sendo passivo está totalmente despido, é branco, musculoso, o outro também é branco e musculoso, apenas veste uma bermuda com tecido leve, estilo short de jogador. Os outros dois estão conversando em inglês, por causa dos gemidos daqueles que estão transando é difícil identificar o que eles falam. Desses, há um sentado, vestindo uma calça jeans clara, uma camiseta tipo jogador de basquete e segurando uma lata de cerveja. O outro, como a câmera o filma de costa, vi apenas que ele está sem camisa, com um short de tecido leve um pouco caído de modo que é possível ver sua cueca preta. Então a câmera mostra um pouco mais o ambiente, há vários cartazes na sala, destaca-se um com a foto de Bob Marley e outro com a folha da maconha como tapa-sexo do peito de mulher despida em forma de desenho, os demais cartazes são também de corpo de mulheres despidos ou de biquíni ou em forma de desenho. Mostra então um outro rapaz branco, magro, vestindo apenas bermuda, com um fone de ouvido apenas em um lado da orelha e um cigarro atravessando uma delas um pouco acima, este tem duas tatuagens grandes em cada um dos ombros, a câmera dá um zoom bem no rosto dele nesse momento. Após esse enquadramento aproximado a câmera vai mais para o canto e mostra novamente os dois rapazes conversando algo, um deles começa a fumar algo. Os gemidos do casal que está transando impedem que seja possível ouvir o que eles estão conversando. Então, chega mais um outro rapaz, este também é branco, está usando um boné para trás, camisa verde lisa, calça e tênis.</p>
56 segundos	<p>O que está sendo ativo na transa olha para trás e dá uma risada, parece que correspondendo a algo dito por um dos colegas. Ele dá uns tapas com bastante força no passivo que continua gemendo muito. Um dos caras que estava conversando sentado oferece cigarro para o que está sendo ativo, então aparece um outro fumando também. Chega um outro também usando boné, camisa preta e um short estilo de surfista e uma lata de cerveja na mão, cumprimenta o que está sendo ativo. A câmera muda de lado então mostra os demais homens na cena de um lado para o outro, conversando entre eles. Em seguida, outro rapaz pega uma câmera e começa a filmar os colegas transando. O que está sendo ativo faz um gesto de “rock in roll” para a câmera. Após colocar e retirar o pau sucessivas vezes, o que estava penetrando sai e aquele com duas tatuagens em cada braço chega e começa a meter no passivo. Nesse momento percebemos que o que sai estava sem preservativo e o que chega também não está usando.</p>
2 minutos e 53 segundos.	<p>Em um novo ângulo percebe-se que há uma televisão ligada passando uma cena de boxe, os demais rapazes estão de frente para a televisão em pé assistindo. O último casal descrito segue no ato da penetração. A câmera fica ampliando e fechando os ângulos da gravação, ora mostrando a sala, ora mostrando o casal e alguns momentos focando no cu recebendo o pau. O som aqui se mistura entre as conversas de todos os presentes na cena e os gemidos do único passivo nessa cena (“ah!” curto e repetidamente). Há um outro rapaz no chão, sem camisa, de calça deitado de bruços desde o início da gravação, somente agora aos 3min35seg, após um zoom da câmera na penetração do casal, mostra seu rosto e que ele está dormindo. Em outra cena, como se um dos rapazes estivesse segurando a câmera, ele começa a mostrar seus colegas e falando (em inglês) “esse filho da puta” para o cara que está aparentemente dormindo no chão, “esse cara” para um que está sem camisa com uma lata de cerveja na mão, outro que está usando uma camisa lisa marrom, e vira a câmera para outro e diz e “esse filho da puta” e na sequência, virando a câmera para ele também dizendo a mesma coisa.</p>
4 minutos	<p>Então há um corte na filmagem, aparece uma imagem bem rápido como se fosse um canal fora do ar com várias listras preto e branco. A cena a seguir é penetração, a câmera pega o casal de baixo para cima, um deles veste apenas uma bermuda preta e outro está totalmente despido. Outro aparece no fundo incitando que os outros continuam. A câmera mostra ainda de modo nítido que se trata de uma penetração sem preservativo. Os três rapazes dessa cena são brancos, musculosos e masculinizados. O que está sendo ativo dá vários tapas fortes na bunda do passivo que geme em tom grave. Há outros gritos em tom de voz de homem mais ao fundo incitando-os. O que estava penetrando sai cedendo lugar a outro branco, musculoso, com tatuagens tomando todo o braço, que também usa apenas uma bermuda vestindo até um pouco acima do joelho. Ao penetrar ele dá vários tapas no passivo, fala “yeah” diversas vezes e faz alguns movimentos, com o ombro um pouco suspenso, flexionando um pouco um dos braços que está levemente aberto.</p>

4 minutos e 59 segundos	Há mais um efeito de corte acompanhado de um efeito de tv fora do ar e aparece um outro rapaz para penetrar também o passivo. Este é branco, magro, veste uma calça jeans preta e uma camisa preta levantada até um pouco abaixo do peito, a calça também não está totalmente vestida, de maneira que o pau fica para fora para meter no passivo. Ele dá duas cuspidas forte na bunda do passivo e começa a meter. A câmera muda de ângulo, então é possível ver o homem que está sendo passivo, segurando com força na parede, mostrando seus músculos e demonstrando toda uma força em ser passivo, ele geme com voz grossa, enquanto outros dois colegas os assistem aparentemente comemorando a performance. Do lado da parede onde ocorre essa cena, há um pôster com uma mulher loira, vestindo apenas uma calcinha preta, virada para a parede e sorrindo. Então, o que estava sendo ativo sai e outro entra, é como se fosse um fila. Ao sair ele cumprimenta o colega, batendo uma mão na outra. Esse terceiro cospe na bunda do passivo e começa a penetrar sem preservativo apenas com a lubrificação do cuspe. Não há nenhum contato com troca de carinho quando um sai e outro entra, eles chegam apenas para penetrar o parceiro socando com força, segurando na cintura para ter apoio para realizar esta ação. Nesse momento a câmera volta para a sala mostrando os demais caras se masturbando, com um espaço entre eles, aqui também eles não se tocam. Um quarto também vai penetrar, apenas dá uma cuspada e começa a socar. Os gritos fortes e graves continuam a ecoar no vídeo e os tapas que demonstram força de quem bate e resistência do passivo que apanha. Eles começam a se revezar novamente para penetrar novamente o passivo. A câmera mostra a bunda do passivo em lado bem vermelha dos tapas que recebeu. Há muita comemoração e frases que parecem incitar que a ação continue, mas se mistura muito aos gemidos do passivo, de modo a dificultar a compreensão.
7 minutos e 11 segundos	Há um novo corte com efeito de tv sem sinal e agora a câmera segurando de baixo para cima mostra uma cena de sexo oral, o que está recebendo o sexo oral fala (em inglês) “chupe isso”. Há um outro revezamento nessa cena, eles estão em círculo para receber o sexo oral, a luta de boxer continua passando ao fundo na televisão. Aqui também não há nenhuma demonstração de carinho, enquanto um sai e outro volta para a posição de receber o sexo oral, apenas se segura com força a cabeça do que está fazendo o sexo oral. Os demais gritam “yeah” ao redor e comemoram rindo.
9 minutos e 14 segundos	Novo corte. Pegando de baixo para cima do teto, mostra-se apenas as nádegas do passivo e o rapaz branco, sarado, com uma tatuagem em cada braço, segurando uma lata de cerveja dá algumas cuspidas no cu dele e volta a penetrar sem preservativo. Agora, quando a câmera amplia mais a cena percebemos que o passivo está no braço do sofá, de peito para cima. O que estava sendo ativo, sai, cumprimenta com a mão um outro colega, cedendo o lugar a ele que também segura uma cerveja. Ele começa a socar com muita força. Há então um outro revezamento similar aos anteriores, apenas cuspendo e metendo sem preservativo. Vários gemidos fortes, masculinos ao fundo, compõem o som da cena. A câmera alterna aqui entre a filmagem da cena de penetração, ora focando apenas a região das nádegas recebendo o pau, ora mostrando o casal e todo o corpo. Mas mostra também os demais na sala, rindo, conversando entre eles, fumando e bebendo.
12 minutos e 13 segundos.	Em um novo corte, pegando a sala de modo mais amplo, a câmera mostra novamente todos pelados, vendo a luta de boxer na televisão, aparentemente comentando a luta, mas também excitados e de pau duro. Alternando com essa cena, agora a câmera dá um zoom no ativo que goza na bunda do passivo e começa a meter. Ele sai e outro começa a meter. Os demais fazem um novo círculo ao redor deles e começam a gritar como se todos estivessem gozando (algo próximo a “ah!”alguns mais curtos e repetidos outros mais longos). Esse outro também goza e começa a meter. Um terceiro começa a fazer a mesma coisa. Toda vez que um goza na bunda e começa a meter o pau usando o esperma para lubrificar a penetração, há muita comemoração. O foco parece estar apenas no ativo, no final desse o passivo parece que vai gozar, mas a câmera não chega a focar se ele gozou ou não. Então, após mostrar todos eles comemorando a foda, um vídeo com mensagens similares a do vídeo anterior aparece. Esse foi produzido em 8 de março de 2017, em Cambridge.
Título do Vídeo 3: Sketchy Sex HouseFuckersOrgy	

Tempo Total do Vídeo 3: 23min25seg	
Identificação do Vídeo 3: C3	
0 segundo a 3 minutos e 31 segundos	Este vídeo começa em um corredor que parece dar em direção de uma porta. Um rapaz vestindo calça jeans escura e uma camisa marrom parece acabar de chegar e é recebido por outro que está apenas de camisa preta. O que chegou tira o pau para fora, abaixa a calça e o outro se ajoelha e começa a chupar. Há sons de gemidos masculinos ao fundo que parecem ser de um outro casal. O rapaz que recebe o sexo oral encosta na parede com mãos cruzadas para trás, se apoiando. A câmera então dá um giro e mostra um outro casal também em sexo oral, os outros dois também são brancos e musculosos. O que está fazendo sexo oral, parece mais animado, sugando com força e fazendo movimentos de sobe e desce bem rápidos. A cena volta para o primeiro casal, com zoom apenas na boca do que está fazendo sexo oral chupando todo o pau do parceiro. A câmera fica alternando para mostrar um casal e outro. A sirene da casa toca e chega um outro cara moreno, de camiseta regata e boné para trás. Ele já tira o pau para fora, se junta ao primeiro casal e passa a receber sexo oral também do cara que se alterna chupando um pau e o outro. O primeiro rapaz que já recebia sexo oral continua se apoiando na parede, sem nem tocar o parceiro e tampouco o terceiro que chega que apenas se masturba enquanto o vê recebendo o sexo oral. Eles ficam um do lado do outro sem se tocarem.
3 minutos e 31 segundos.	A câmera agora mostra o outro casal que foi para o quarto. Um senta na cama para chupar ainda mais o pau do parceiro. A câmera volta a filmar o corredor e o primeiro rapaz que já estava recebendo sexo oral goza na boca do parceiro que parece engolir todo o esperma. Então ele sai e vai para o quarto onde está o outro casal. O filme continua a mostrar o rapaz que chegou por último recebendo o sexo oral. Ele apenas segura a cabeça do que está de joelhos fazendo sexo oral, forçando o parceiro a chupar ainda mais. Esse outro também goza na boca do que faz sexo oral que também engole tudo. Então os quatro outros vão para o quarto. Aqueles que já haviam gozado apenas se masturbam enquanto vêem o outro casal tendo sexo oral.
7 minutos e 52 segundos.	Há um corte aqui (no modo tv sem sinal). Agora quatro estão na cama. Um sendo passivo, sendo penetrado por um cara forte, usando uma bermuda quadriculada, sem camisa, com boné para traz e metendo sem preservativo. O que está sendo passivo faz oral em mais dois rapazes. Fica alguns segundos apenas nessa cena, a câmera pegando de cima, em seguida mostra de frente pegando os corpos de todos eles, que são todos brancos, magros e sarados. Foca então no passivo engolindo todo o pau dos parceiros na transa. Há um corte e mais uma cena de uma gozada na parte externa do cu seguida de penetração utilizando o esperma como lubrificante. Ouve-se uma música eletrônica ao fundo. O que está sendo passivo começa a fazer sexo oral sentado na cama nos demais que ficam em pé. O zoom da câmera agora está nesse sexo oral, mostrando apenas a boca de um dos rapazes alternando entre um pau e outro. Continua aqui apenas o sexo oral por algum tempo, apenas alternando entre os ângulos da câmera. O rapaz que gozou volta a penetrar o passivo que fica de quatro na cama. Os outros dois ficam na frente dele recebendo sexo oral. Um deles goza e sai. O outro começa a receber sexo oral também até gozar. Há um corte, então mostra uma fila dos homens envolvidos nesse filme para receber sexo oral do primeiro rapaz que aparece logo no início dessa descrição. Todos gozam no rosto dele e boca, ele também engole o esperma de todos. Nessas cenas, os diálogos giram em torno apenas das falas “em vou gozar” e algo como “me dê sua gala”. O filme encerra focando na cara do rapaz que faz sexo oral em todos, mostrando seu rosto lacrimejado, sua boca ainda cheia de esperma. Também com mensagens técnicas, esse filme é de 2014, produzido em Cambridge.
Título do Vídeo 4: Cum Pig	
Tempo Total do Vídeo 4: 14min32seg	
Identificação do Vídeo 4: D3	
0 segundo a 4 minutos e 7 segundos.	A câmera inicia mostrando um rapaz branco usando camiseta regata cinza, um boné e shorts curtos chegando. Ele baixa os shorts se apoia de joelhos no sofá. Há um outro rapaz do lado dele sentado, branco e magro, usando óculos escuros, que observa a cena sem fazer nada. Ao girar um pouco mostrando o ambiente, a câmera mostra um trio formado de três rapazes em uma cena de sexo. Um está deitado na cama, recebendo sexo oral de um outro que ao mesmo tempo está sendo passivo, o terceiro que é o ativo, branco e musculoso, está de camiseta branca e bermuda apenas um pouco abaixada para deixar o pau para fora. Os demais nessa cena também têm o mesmo tipo de corpo que ele. Então chega outro rapaz,

	branco, magro, vestindo uma camisa azul e bermuda. Este retira a bermuda e começa a penetrar no primeiro rapaz mostrado nessa filmagem. Chega um outro rapaz branco e magro que sai caminhando em direção à cozinha. Mostra-se também um outro rapaz, branco e magro, também sentando mais próximo ao trio apenas olhando o celular. Os sons dessa cena são de apenas de gemidos (“ah!” “oh!”, curtos, em voz masculina, graves e repetidos). A câmera foca bem nas nádegas do primeiro rapaz recebendo o pau do parceiro que entra e sai várias vezes do cu dele.
4 minutos e 8 segundos.	Após um pequeno giro pela sala, mostram-se roupas espalhadas pelo chão, uma prancha e um skate próximo a televisão. A câmera fica alternando entre os dois casais que estão envolvidos em uma penetração sem preservativo. Continua-se a ouvir gemidos, ver os rostos demonstrando tesão, como boca entreaberta, contração dos rostos. No minuto 5 e 22 segundos dessa cena, a câmera foca bem no pau do ativo do primeiro casal que está no sofá, gozando bastante. Para isso, após penetrar diversas vezes ele retira rapidamente o pau quando percebe que vai gozar, para que a câmera capture o momento. Enchendo as extremidades do cu do passivo de esperma e continuando a gozar, utilizando seu próprio esperma como lubrificação, assim o pau entra e sai com mais facilidade. O passivo geme bastante. A câmera que estava filmando de cima começa a filmar de baixo da perna do ativo. Volta a filmagem para o segundo casal. O primeiro rapaz que gozou sai e entra outro. Branco, vestindo camisa e short. O short é de um tecido bem leve, de modo que a gente já percebe que ele está excitado. Ele vai em direção ao rapaz que está no sofá, cospe e já começa a meter o pau na cu dele. Há vários gemidos (como “ah!” “hum!”, combinados com a expressão “fuck!”). Após penetrar bastante o passivo, esse segundo rapaz também goza do mesmo modo que o primeiro. Aos 10min56seg, o ativo que estava no trio vem para penetrar esse rapaz do sofá, mas rapidamente já goza e continua metendo um pouco mais, dando lugar a outro colega que também começa a penetrar o mesmo passivo. O passivo pede (em inglês) ao ativo: “me dê seu esperma”, o qual rapidamente o obedece. O passivo diz “oh God!”. A cena finaliza com o passivo abrindo a bunda para a câmera. Não mostra se o passivo gozou ou não. Vídeo gravado em maio de 2015, Cambridge.
Título do Vídeo 4: TwinksParty	
Tempo Total do Vídeo 4: 20min37seg	
Identificação do Vídeo 4: E1	
0 segundo a 5 min e 31 segundos	Esse vídeo começa em uma festa eletrônica, mostra um cara de costas dançando e corta para um ambiente onde alguns jovens rapazes jogam sinuca. A câmera mostra, primeiramente, dois rapazes, brancos, um mais musculoso e outro magro. Um veste camisa preta e calça jeans, o outro apenas uma bermuda. Eles se abraçam e corta para um outro casal. Agora, são dois rapazes que parecem mais novos que os dois primeiros. Estes estão no sofá, vestem camisa de manga comprida e calça, um retira o pau para o outro começar a masturbá-lo. O casal do sofá começa a beijar e outro também. A câmera foca nesses beijos. O do sofá começa a fazer oral no colega. Corta para o casal que está na sinuca. O de camisa preta fica apoiado na mesa de sinuca e o outro abaixa a calça dele e também a sua bermuda e começa a meter. Volta para a cena do casal do sofá que está fazendo sexo oral, alternando entre os dois casais. Agora na sinuca o ativo tira a camisa do passivo enquanto o beija. Ele soca bastante o pau no cu do parceiro enquanto se beijam. O ativo levanta o passivo da posição que estava apoiando na mesa de sinuca para empinar a bunda. O ativo faz o passivo abraçá-lo de costas para ele, apenas levantando a mão para alcançar o pescoço fazendo o ativo ficar mais próximo dele, o ativo abraça o passivo também. O ativo abraça o passivo que está de costas para ele, unindo os braços do passivo ao seu e se beijando.
5 minutos e 32 segundos.	Enquanto isso o outro casal permanece apenas no sexo oral e é convidado a se juntar ao casal que está na sinuca pelo rapaz que está ativo. Então há uma troca de casal, com mais beijos. Os passivos que estão se apoiando na mesa de sinuca se beijam enquanto estão sendo penetrados pelos parceiros. Há alguns focos da câmera na penetração, alternando com as expressões de prazer no rosto de ambos os participantes. Eles fecham os olhos e deixam a boca entreaberta enquanto gemem. Um dos casais fala que o cu está muito apertado. As cenas de penetração continuam por um tempo. Eles se beijam muito também nessas cenas. Há novamente uma troca de casal, mas os rapazes que estão sendo passivos

	<p>continuam sendo passivos. Exceto no minuto 11 do vídeo em que há um “trenzinho” de penetração. Um está deitado na sinuca e os demais um atrás do outro vão encaixando o pau no cu um do outro. Eles se beijam também nessa cena. A câmera foca de cima para baixo mostrando a penetração sem preservativo. Alterna-se para mostrar o corpo deles, a maioria das vezes do joelho para cima, foca também nas expressões no rosto.</p>
14 minutos e 27 segundos.	<p>Os casais se separam novamente. Um vai para o sofá e fica deitado apenas com uma perna para fora do sofá, e o outro senta no pau, virado de costas para ele. Mostra, bem devagar, o passivo sentando no pau do ativo. O pau do passivo não está totalmente duro. O outro casal vem para o sofá e começam a cena de penetração também. O passivo aqui está deitado de bunda para cima, com as pernas próximas da cabeça e o ativo sobe em cima dele para penetrá-lo. Há uma nova troca de casal. No minuto 17 só um dos rapazes está ativo, enquanto um mete o pau os demais esfregam o pau na cara dele e se beijam. Agora o ativo deixa de penetrar e começa a se masturbar junto com os outros dois rapazes. O que está deitado começa a chupar os três e os três gozam na boca dele. No minuto 12 do filme mostra o passivo gozando. Então corta-se o filme, não nenhuma mensagem técnica ao final dele.</p>